Luís de Camões

Os Lusíadas

Luís
DE
Camões

Os Lusíadas

LEITURA, PREFÁCIO, E NOTAS DE
ÁLVARO JÚLIO DA COSTA PIMPÃO

APRESENTAÇÃO DE
ANÍBAL PINTO DE CASTRO

Ministério dos Negocios Estrangeiros
INSTITUTO CAMÕES

Os Lusíadas de Luís de Camões /prefácio de Álvaro Júlio da Costa Pimpão; apresentação de Aníbal Pinto de Castro - 4.ª ed. - Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros. Instituto Camões, 2000 - LIX, 560 p.; 16 x 23 cm.

ENSINO DE LÍNGUAS - LÍNGUA PORTUGUESA – LITERATURA

Título
OS LUSÍADAS DE LUÍS DE CAMÕES
1.a Edição, 1972
2.ª Edição, 1989
3.a Edição, 1992
4.a Edição, 2000

INSTITUTO CAMÕES
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS
© *Instituto Camões*
Divisão de Edição, Documentação e Equipamentos
Rua Rodrigues Sampaio, n.° 113 – 1159-279 LISBOA
Direitos de tradução, reprodução e adaptação reservados para todos os países

Tiragem
3000 exemplares

Capa
José Brandão

Composição, Impressão e Acabamento

Estrada de Mem Martins, 4 – S. Carlos, Apartado 113
2726-901 Mem Martins – PORTUGAL
Tel. 219 266 600
Fax. 219 202 765
Internet: www.eme.pt E-mail: geral@eme.pt

ISBN 972-566-187-7
Depósito Legal N.° 156 600100

À GUISA DE APRESENTAÇÃO

Não querendo ficar alheio às comemorações do IV Centenário da publicação d'*Os Lusíadas,* decidira o Instituto de Alta Cultura promover em 1972 uma edição do Poema e organizar um colóquio de Estudos Camonianos. Para assumir a responsabilidade de ambas as tarefas, convidava o saudoso Professor Álvaro J. da Costa Pimpão, por carta de 10 de Setembro de 1970, subscrita pelo Prof. Eng.º Manuel José de Castro Petrony de Abreu Faro, ao tempo esclarecido e dinâmico Presidente daquela prestigiosa instituição, cuja acção na formação dos quadros da Universidade portuguesa, ao longo de várias décadas, nunca será demais lembrar e agradecer.

Tinha já o Prof. Costa Pimpão concordado em encarregar-se da edição, mas não aceitou a organização do colóquio, consciente como estava da magnitude do trabalho a desenvolver para a preparação crítica do texto d'*Os Lusíadas,* cuja dificuldade e delicadeza bem conhecia. Nesse sentido e invocando essas razões, respondia ao Prof. Abreu Faro, em carta de 18 daquele mesmo mês de Setembro.

A ideia da edição mereceu-lhe, porém, imediato e entusiástico aplauso e não tardou em consagrar-lhe toda a atenção que ela exigia, mesmo a quem, como ele, viera acumulando um precioso cabedal de saber e de experiência no domínio dos Estudos Camonianos em geral e da crítica textual em particular, desde que, por 1942, começara a trabalhar no estabelecimento do texto da Lírica [1].

Quando, no entanto, no auge desse entusiasmo, se preparava para a etapa final da tarefa, viu-se obrigado a interrompê-la durante vários meses, em consequência de graves perturbações da visão, que o levariam à Clínica Barraquer, de Barcelona, para, nos primeiros dias de Junho de 1972, ser operado a um descolamento de retina. Com um misto de amargura e de ironia, escrevia-me o velho Mestre, a 5 de Maio desse ano, seis escassos meses antes da sua jubilação universitária:

> "Vou acabar a minha vida académica com Camões; e, para melhor me assemelhar ao Épico, resolvi *manquejar* do olho direito. Só que não fui atingido pela 'fúria rara de Marte', mas pelo terrível poder dos Fados, que resolveram

prejudicar-me quando eu me preparava para me entregar em cheio às minhas tarefas urgentes!"

Vencida a crise, o trabalho iria prosseguir, sem desânimo nem interrupção, mas sob a enervante premência do tempo. O ano jubilar de 1972 passaria sem que o volume pudesse sair dos prelos da Imprensa Nacional; e só nas vésperas do Natal de 1973, Costa Pimpão podia acompanhar as Boas Festas dirigidas a colegas e amigos com os primeiros exemplares da nova e almejada edição.

Ao partir para a realização do encargo que recebera do Instituto de Alta Cultura, não ignorava Costa Pimpão as dificuldades que o esperavam, independentemente dos problemas de saúde que viriam depois apoquentá-lo.

Apresentar uma nova edição d'*Os Lusíadas* assinalando-a com a marca visível da forte personalidade crítica e científica do novo editor, depois de tão longa série de comentários ao Poema, desde Faria e Sousa a Augusto Epifânio da Silva Dias, requeria na verdade uma garra e um saber difíceis de reunir. O Doutor Costa Pimpão, todavia, conseguiu dar não *mais uma* edição, mas *a sua* edição da Epopeia camoniana, orientando todo o seu labor, segundo dois objectivos primaciais - o estabelecimento de um texto capaz de oferecer uma sólida segurança crítica e o desenvolvimento de uma hermenêutica sobre esse mesmo texto, mercê da qual pudesse clarificar a sua interpretação, sem repetir coisas ditas ou sabidas, antes corrigindo, sempre que necessário e justo, leituras deficientes ou erradas dos comentadores que o haviam antecedido, e aproveitando ao mesmo tempo o ensejo para trazer a público as conclusões a que, fundamentado na análise intrínseca da obra camoniana (e de outros elementos não dispomos!) chegara quanto à época em que o Poema fora escrito [2].

Para o estabelecimento do texto baseou-se na edição *A* ou *Ee*, de 1572 (aquela em cuja portada o pelicano da gravura apresenta o colo virado para a esquerda do leitor), considerando a *B* ou *E* (que tem o pelicano com o pescoço voltado para a direita) como imperfeita contrafacção daquela.

Não fez tal opção de ânimo leve; bem pelo contrário, baseou-se para ela num aturado cotejo das lições de ambas, e de ambas com a de Manuel Correia, de 1613, sem esquecer ainda a de Faria e Sousa, de 1639.

Cabe sublinhar e louvar tão flagrante preocupação de exacção, bem patente no capítulo II do Prefácio, sobretudo se considerarmos a extrema raridade da edição *E*, que só viria ao fácil alcance dos investigadores em 1982, quando a Comissão Camoniana da Academia de Ciências de Lisboa publicou na Imprensa Nacional-Casa da Moeda a reprodução paralela das duas versões de 1572, com uma nota preambular de Bernardo Xavier Coutinho. E convém não esquecer ainda que a exaustiva investigação posteriormente desenvolvida por este Professor, assinalando a existência de várias outras contrafacções ou, pelo menos, de diferentes tiragens, não pôs em causa o essencial da posição assumida em 1972 por Costa Pimpão [3].

O estabelecimento do texto obedeceu à finalidade primacial do colocar *Os Lusíadas* à imediata disposição do grande público, sem com isso o privar dos traços mais característicos do idiolecto poético camoniano, considerado num determinado momento da história da língua e da linguagem poética portuguesas. Tal preocupação, que não pode deixar de merecer incondicional aplauso, assumiu, porém, no espírito do Editor tão grandes proporções, que o levou a contrariar algumas vezes os critérios de fidelidade ao texto *princeps,* por ele próprio estabelecidos e defendidos. Rejeitou assim, sem justificação convincente, formas como *artefício, infiado, insinar, fruito* (a rimar com *muito*!), *menhã, mintiroso,* etc., [4] apesar de perfeitamente intelegíveis para o leitor actual; e uniformizou indevidamente grafias como *dezia,* em alternância com *dizia,* no texto camoniano, baseado apenas nos índices de ocorrência, quando tal oscilação pode significar – e creio que significa – uma simples hesitação na realização fonética, própria dos períodos de transição, na variação diacrónica da língua.

Não obstante este senão, encontramos nesta edição um texto inteligentemente modernizado, em função de uma rara sensibilidade estilística e de um sólido saber linguístico. O intuito de o tornar acessível não fez perder ao responsável por essa modernização o respeito pela história da língua, pela peculiaridade da linguagem camoniana e pelos efeitos estilísticos obtidos pelo Poeta mediante certos traços da fonética ou da sintaxe do português quinhentista.

De fundamental importância para a qualidade e acessibilidade desta lição d'*Os Lusíadas* é a pontuação. Sendo impossível e contraproducente manter a pontuação original, cuja

responsabilidade não pertenceu decerto, pelo menos em exclusivo, a Camões, Costa Pimpão conjugou de maneira exemplar o rigor, a sobriedade e a clareza, de modo a evidenciar os valores semânticos em jogo, simultaneamente com as formas de expressão que lhes correspondem.

Por muito perfeito que o texto se apresentasse, uma edição d'*Os Lusíadas* destinada ao leitor comum estaria muito longe de satisfazer a sua curiosidade, os seus interesses, ou as suas necessidades, se aparecesse desprovida de notas e comentários que o ajudassem no seu trabalho de interpretação. Considerando, no entanto, o número, a qualidade e a variedade dos comentários já existentes, não se torna fácil ao exegeta hodierno trazer dados originais e seguros nesse campo, sentindo embora que muitos passos do Poema continuam obscuros e que cada época reclama explicações novas ou diferentes, de acordo com a sua cultura, com as suas perspectivas de leitura ou com a sua sensibilidade estética.

A forte e original personalidade do Mestre venceu, porém, esse escolho e pôde, graças a um trabalho aturado e profundo, que eu então acompanhei com viva admiração, até pelas precárias condições de saúde em que o desenvolveu, carrear novos e numerosos contributos para uma intelecção mais perfeita do texto e, por conseguinte, para a sua mais completa valorização estética.

A riqueza e novidade de muitos dos seus comentários são, com efeito, notáveis. Bastará, para disso nos darmos conta exacta, atentar em notas como as que consagrou ao verso inicial do Poema – ***As armas e os barões assinalados*** – àquele (I.26.8) em que o Poeta, referindo-se a Sertório, afirma que *Fingiu na cerva espírito divino,* ou à estrofe 2 do Canto IX, onde menciona as cidades de Suez e de Meca, e comparar depois os dados aí reunidos com os que, para os mesmos passos, aduzira Epifânio da Silva Dias. Pena foi que a preocupação de originalidade o não tivesse deixado ir mais longe.

Atenção muito especial lhe mereceram os intertextos históricos de muitas sequências do Poema, a explicação de inúmeras alusões mitológicas que não estavam ainda completamente clarificadas e a determinação das variantes estilísticas, através das quais Camões exprimiu alguns dos seus temas dominantes.

O volume encerra com um índice de nomes próprios que, além de muito completo, oferece a grande vantagem de não se limitar a um simples registo, para agrupar, a propósito de cada um deles, os

adjectivos que por vezes os qualificam e as metáforas ou as perífrases que não raro os substituem.

Se, pela novidade e exaustividade de grande parte das suas notas esta edição emparceira, completando-as, com outras que a precederam, em especial com a de Epifânio da Silva Dias, pela mesma altura reimpressa no Brasil, graças ao empenho e devoção do Prof. Maximiano de Carvalho e Silva, [5] esta edição de Costa Pimpão leva-lhes grande vantagem pela segurança crítica do texto, visto que, com fidelidade e rigor, soube modernizar Camões sem o desfigurar.

Apresentando-a agora de novo ao público [6] – em sintonia de propósitos e intenções com o Instituto de Alta Cultura que há quase 16 anos a patrocinou e promoveu – o Instituto de Cultura e Língua Portuguesa averba mais um alto serviço à causa, que é sua, de defender e difundir os valores que melhor definem o espaço espiritual lusíada, lembrando ao mesmo tempo o exemplo de saber e probidade intelectual do grande camonista que foi o Doutor Álvaro J. da Costa Pimpão, para quem estudar Camões foi sempre uma tarefa tão aliciante que com ela quis verdadeiramente acabar a sua operosa carreira de Mestre da Universidade portuguesa.

Aníbal Pinto de Castro

Coimbra, Páscoa de 1989

Notas

1
Mercê desse trabalho, pudera publicar em 1944 a monumental edição das *Rimas, Autos e Cartas,* na Portucalense Editora, depois aperfeiçoada na edição das *Rimas* (Coimbra, "Acta Universitatis Conimbrigensis", 1953; 2.ª ed., revista, ib., Atlântida Editora, 1973).

2
A esta questão voltou na sua lição jubilar (Cf. *A Elegia segunda "Aquela que de amor descomedido" e a chamada Égloga primeira "Que grande*

variedade vão fazendo" de Luís de Camões. Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1973).

3
Cf. *Nova hipótese de solução para o problema da edição "princeps" de "Os Lusíadas" – não houve* duas *mas* quatro *edições datadas de 1572,* in "Revista da Universidade de Coimbra", vol. XXXIII, 1985. pp. 221-240. Sobre a questão das edições de 1572, veja-se ainda Roger Bismut, *Encore le problème de l'édition "princeps" de "Os Lusíadas",* in "Arquivos do Centro Cultural Português", vol. XIII, 1978, pp. 435-521; e Bernardo Xavier Coutinho, *A edição "princeps" de "Os Lusíadas". Um problema complexo e difícil (ou insolúvel?). Muito provavelmente houve 3 edições "princeps", e não apenas 2, com a data (simulada) de 1572,* in ib., vol. XVI, 1981, pp. 571-720.

4
Cf. *infra*, p. LIII.

5
Os Lusíadas de Luís de Camões comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias. 3.ª ed. Reprodução fac-similada da 2.ª ed. ... Prefácio de Arthur Cezar Ferreira Reis. Estudos prévios de Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1972.

6
O texto agora apresentado reproduz exactamente o de 1973. Apenas se corrigiram manifestos lapsos de composição tipográfica.

PREFÁCIO

I

A Elaboração do Poema

Manuel de Faria e Sousa, cuja «reabilitação» na Europa cis e transpirenaica parece iminente, escreveu, como é sabido, *duas* vidas de Camões: uma impressa à frente de *Os Lusíadas* e outra à frente das *Rimas Várias,* muito modificada. (Deve dizer-se que nem em todos os exemplares das *Rimas* aparece esta *Vida*.) A primeira das *Vidas* é notável por diversos títulos, e ainda pelos dislates que aquele comentador acumulou sobre o início da redacção do Poema, pois diz (col. 35) «que el creerse que la mayor parte deste Poema ('la mayor parte', note-se) iva escrito de Portugal quãdo passó a la India, no es difficil; i menos el ver que desde sus primeros años le comẽçó». E mesmo que tivesse começado o seu Poema aos 20 (concede Faria e Sousa), trouxe-o entre mãos trinta anos, pois tendo nascido em 1517 (Faria e Sousa mudou depois de opinião) e imprimido o Poema em 1572 ficam 55, e deduzindo os tais 20 ficam 30 «e quando menos 20». E se alguém argumentar que o Poema só poderia ter sido começado (ou, pelo menos, concebido) depois da leitura das duas primeiras *Décadas* de Barros e do primeiro livro da *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses,* por Castanheda, poderá objectar-se com Faria e Sousa que Camões poderia ter conhecido aquelas obras em manuscrito. Mas ainda que não fosse assim, havendo a primeira *Década* de Barros sido impressa em 1552 e tendo o Poeta partido para a Índia em 1553 «aun queda en pie lo que diximos de q̃ el primero bosquejo se hizo en Portugal en este tiempo que corriò desde la impression de las *Decadas* a sua partida; o tres años primero que le imprimiese el de 1572; e assi quando menos, son veinte los que truxo consigo este Poema». Uma tão penetrante conjectura devia por força ter o auxílio da Providência. E teve! «O buen Dios, como favoreces las honestas ocupaciones!» E vieram ter-lhe às mãos, ao começar a impressão dos seus Comentários, *dois* manuscritos, um deles de primacial importância para o seu ponto de vista: «es una copia de los primeros seis cantos, escrita antes que el Poeta passasse a la India: 'con que

me hallo mas contento que un ignorante; mas loco que un enamorado, i mas sobervio que un rico'» (na corte de Madrid, acrescente-se). Eis como termina a cópia manuscrita: *«Estes seys cantos se furtaraõ a Luis de Camões da obra que tem começado sobre o descubrimento, e conquista da India por os Portugueses: Vam todos acabados, excepto o sexto, que posto que vay aqui o fim delle, faltalhe hũa historia de amores que Leonardo contou estando vigiando, que ha de prosiguir sobre a Rima 46 onde logo se sente bem a falta della; porque fica fria, e curta a conversaçam dos vigiantes, e o propio canto mais breve que os outros»* (col. 37). E assim se fundamentava uma redacção incompleta do Poema, antes de o Poeta ter partido para a Índia!

À história de cavalaria de Fernão Veloso faltava a história de amores de Leonardo, esquecendo que no fim dos *Doze de Inglaterra* a «companha» pedia a Veloso mais histórias de cavalaria! (VI.69.5-8).

Na segunda *Vida,* à frente das *Rimas,* dirá Faria e Sousa no n.º 28: «En la vida del P. que escrivimos en los Comentarios a la Lusiada, desde el numero 16. hasta el 21. hemos procurado mostrar en que tiempos, y en que partes del mundo avia el P. escrito los más de sus Poemas; y despues hallamos que en mucho nos aviamos equivocado, porque tuvimos mejores noticias.» E mais não disse! Ora o n.º 16 referido é justamente aquele em que se ocupa das circunstâncias de tempo e de lugar em que redigiu *Os Lusíadas!* (1)

Não há qualquer notícia de que o Poeta tenha tido a ideia de escrever um Poema sobre o descobrimento de Vasco da Gama antes de partir para a Índia. Pode supor-se, interpretando alguns versos líricos, que várias ideias *heróicas* lhe passaram pela mente quando estava ainda em Lisboa, mas não concretizou nenhuma. É certo que o primeiro livro de Castanheda estava à sua disposição desde 1551 e a primeira das *Décadas da Ásia* desde o ano seguinte. Mas a elaboração de um plano épico não dependia apenas de duas ou três leituras. Camões não ia escrever uma narrativa histórica; ia escrever uma obra de arte, servindo-se de um grande acontecimento histórico. Decidir-se a optar pela fábula pagã também não lhe teria sido fácil, mas, além do exemplo do Mantuano, havia em Camões uma verdadeira idolatria pela beleza do paganismo. Sobre esta matéria estava Camões bem informado ainda antes de partir para a Índia, mas faltava inseri-la num grande campo de acção, que só a experiência marítima lhe daria. E quando falo de experiência marítima não quero referir-me apenas à dura vida de bordo, nem aos grandes fenómenos presenciados, mas às imagens visuais e auditivas

que a própria vida do mar pôs ao alcance da sua retina e do seu ouvido e que vieram a transformar-se em versos imortais, como o famoso

Cortando o longo mar com larga vela

(I.45.4)

analisado por Tasso da Silveira (2). A est. 19 do Canto I, que marca o início da narração, só poderia ter sido escrita por um nauta que vê de bordo as outras naus recortando-se num poente solar:

Já no largo oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando;
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As marítimas águas consagradas,
Que do gado de Próteu são cortadas,

(I.19)

Nem a alusão mitológica vem empanar a beleza do quadro. À sua experiência marítima pertence a tormenta do cabo da Boa Esperança, que lhe daria a inspiração para a tormenta (irreal) sofrida por Vasco da Gama.

Inseriram-se na sua experiência marítima os ecos surdos do mar, que depois foram transformados em arte:

Bramindo o negro mar de longe brada
Como se desse em vão (= no vão) nalgum rochedo ...

(V.38-3-4)

... e cum sonoro
Bramido muito longe o mar soou.

(V.60.3-4)

Em minha opinião – e fossem quais fossem as meditações do Poeta sobre o assunto –, o Poema, tal como o temos, começou a tomar forma em 1554 ou pouco depois. A Dedicatória a D. Sebastião foi redigida na hora de iniciar o seu Poema, portanto, por fins de 1554, quando chegou à Índia a notícia do prodigioso nascimento do neto de D. João III, em 20 de Janeiro de 1554. Não só o Poeta se dirige em toda a Dedicatória ao tenro infante [«Vos tenrro & novo ramo florecente» (I.7); «Que nesse tenrro gesto vos contemplo» (I.9); «Que afeiçoada ao gesto bello & tenro» (I.16)], mas – circunstância para mim muito importante – não procurou alinhá-la na esfera temporal com o ano em que acabou o Poema. A

Dedicatória ficou como foi escrita, a marcar um acontecimento que teve foros de miraculoso para os Portugueses («maravilha fatal») - e só o poderia ter sido não longe de 1554. Os versos

E vós, ó bem nascida segurança
Da lusitana antiga liberdade,

(I.6.1-2)

marcam uma «segurança» presente, que acaba de surgir. Muito mais tarde, em 1575, dirá a D. Sebastião

Assi vós, Rei, que fostes segurança
da nossa liberdade ...

Eram já outros os termos dessa segurança, que o próprio rei, aliás, se encarregaria de destruir.

Não me resta dúvida de que foi por 1554 que o Poeta tratou de elaborar o plano da epopeia (poderia escrever-se um poema sem plano?) e de delinear os principais episódios que, entressachados no Poema, mas fazendo corpo com ele, o encheriam de atractivos estéticos.

Dizer quando o Poeta pousou pela primeira vez a pena sobre o papel não parece muito difícil; mas a quando remonta o pensamento da epopeia? Para Storck o propósito de cantar os feitos heróicos do seu povo e da Pátria tomou, contudo, forma decisiva e *amadureceu* durante os seis meses de vida no oceano (3). É uma tese que podemos aceitar. E acrescenta o historiador alemão: «Se o gérmen da epopeia ainda não estendera até então raízes vivazes e tenazes, se na mente do Poeta ainda não se definira claramente o descobridor do caminho da Índia como figura principal, se a primeira e feliz navegação ao Oriente, a empresa do forte capitão, ainda não se revelara no seu esboço e na primeira traça como ponto culminante e foco de irradiação, no qual convergem as acções heróicas dos Portugueses, foi, sem dúvida alguma, durante a travessia que o génio criador do Poeta tomou o seu voo de águia.» (4)

Infelizmente, Storck terçou armas pela criação de dois poemas: um, histórico, elaborado ainda em Portugal e em Lisboa e de que o Poeta teve quase prontos os Cantos III e IV, e, depois, a epopeia marítima, em que vem entretecer-se a história do Reino. Mas isto, a meu ver, é destruir a unidade dos Cantos III, IV e V, que constituem a narrativa dos feitos do Reino ao rei de Melinde e inserem-se na epopeia marítima. Tal narrativa tem muito pouco de histórica: foi sobretudo ideada pelo Poeta. Camões aproveitou muito bem o momento em que aparece pela primeira vez um rei *amigo,* o de

Melinde, para iniciar a narrativa épica desde as origens até aquele momento em que chegou a Melinde. Não se vê como se podem separar estes três cantos e inserir os dois primeiros numa epopeia do Reino.

Prefiro ver a elaboração da epopeia segundo um plano preestabelecido, apenas modificado nesta ou naquela estância por acontecimento posterior à navegação e portanto tendo o seu lugar em qualquer profecia.

Não creio que o Poeta tenha levado longos anos a elaborar a sua epopeia intensamente – e há uma efeméride que mostra bem que em quatro ou cinco anos o Poeta avançara bastante. O trecho insere-se na descrição do orbe terrestre:

Este receberá, plácido e brando,
No seu regaço os cantos que, molhados,
Vêm do naufrágio triste e miserando,
Dos procelosos baxos escapados ...
(X.128.1-4)

Refere-se ao rio Mecom, que recolheu os náufragos do navio de Leonel de Sousa, que se afundou nos mares da China nos fins de 1558 (ou princípios de 1559). Entre eles contava-se Camões (5). O Poeta fala dos «seus cantos molhados» – o que significa que se tratava já de um volume apreciável, cuja perda seria irreparável. O principal da obra estava feito. Mas o Poeta ainda a limou e é testemunha do facto o historiador Diogo do Couto, seu amigo, que em Moçambique o viu dedicado a essa tarefa (1568-1569).

De novo em Lisboa, em 1570, o Poeta deu-se pressa em arranjar forma de publicar o seu Poema e deve ter encontrado um interessado intercessor em D. Manuel de Portugal (6).

Em 23 de Setembro de 1571 a obra estava na impressão, conforme consta do alvará respectivo. No alvará que concede a Luís de Camões uma tença de 15$000 réis pela publicação de *Os Lusíadas* (datado de 28 de Julho de 1572) diz-se que a mercê será dada por três anos, *a começar em doze de março deste ano presente de mil quinhentos setenta e dous em diante.* Esta tença foi dada pelo conhecimento que o rei tem do «engenho e habilidade» do Poeta e pela «suficiência que mostrou no livro que fez das cousas da Índia» (7). A data de 12 de Março de 1572 é uma data assinalável porque deve corresponder à do lançamento da obra.

Como é que Camões, errante por tantas partes do Mundo, dependente, como soldado, das ordens de marcha que lhe impunham e de que naturalmente descansava a bordo dos navios em que embarcava, como pôde ele arrumar no seu cérebro tantos conhecimentos e servir-se deles por onde quer que andou?

Estamos mais bem informados acerca da sua despedida de amor, em Coimbra *(vão as serenas águas / do Mondego descendo ...)* do que dos seus estudos naquela cidade. Nem mesmo sabemos quando o Poeta saiu definitivamente de Coimbra. Mas se na 1.ª carta da Índia se queixa de, sem pecado que o obrigasse a três dias de Purgatório, ter passado (em Lisboa) três mil dias de más línguas, piores tenções, danadas vontades, nascidas de pura inveja de verem *«su amada yedra de si arrancada, y en otro muro asida»,* podemos admitir que chegou a Lisboa por 1546. Camões deve ter assistido a certos conflitos de jurisdição entre os cónegos regrantes de Santa Cruz e a Universidade, transferida de Lisboa para Coimbra. Impossível me é afirmar (porque a presença de Camões em Coimbra coincidiu com uma fase de transição) se Camões já foi ouvir o ensino «artístico» à Universidade ou se se manteve nos colégios de Santa Cruz, protegido por algum parente daquela congregação (8). É curioso que na narrativa ao rei de Melinde (III.97), falando das obras do rei D. Dinis, o Poeta escreveu:

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso ofício de Minerva
E de Helicona as Musas fez passar-se
A pisar do Mondego a fértil erva.
Quanto pode de Atenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apolo aqui reserva,
Aqui as capelas dá tecidas de ouro,
Do bácaro e do sempre verde louro.

É Vasco da Gama quem informa, mas a verdade é que nesse momento (em 1497-1498) a Universidade estava em Lisboa. Vasco da Gama transmite ao rei de Melinde uma impressão de Camões, que aproveitara com o estudo de Coimbra e com a reforma do ensino ali operada.

Os poetas lidos por Camões foram numerosos. Nem só Virgílio, nem só Homero, ainda que do primeiro teve um conhecimento profundo, que se revela no número de passos imitados, às vezes por forma bastante literal. Por exemplo:

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia à Terra, por que tenha
Um pacífico porto e sossegado,
(II.56.1-3)

Haec ait et Maia genitum demittit ab alto,
Ut terrae utque novae pateant Karthaginis arces
hospitio Teucris...
(*En.,* I.297-299)

Quando a mãe de Eneias interroga ansiosamente o Pai dos deuses sobre o futuro do filho, Júpiter «oscula libavit natae» e diz-lhe: «Parce metu, Cytherea, manent immota tuorum / fata tibi ... » (I.256-258). Em *Os Lusíadas* também Júpiter, ainda mais aceso de amor

As lágrimas lhe alimpa, e acendido
Na face a beija e abraça o colo puro
(II.42.5-6)

para lhe dizer

... não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos
(II.44.1-2)

No entanto, se Camões reconhece a suserania destes dois (V.94.7 e V.98.2), não desconheceu nem deixou de aproveitar outros: Ovídio, Horácio, Valério Flacco, Lucano, Claudiano e quantos mais ... Conhece-os *por dentro* e invoca-os com toda a precisão. A primeira vez que Eneias é invocado é o «Troiano». Em I.12.8 compara-o ao Gama; em II.45.5 lembra que o «piadoso» Eneias «navegou / de Cila e de Caríbdis o mar bravo»; em III.106.1-8 compara a tímida Maria implorando o favor do rei de Portugal a Vénus quando implora a Júpiter o favor para seu filho Eneias, navegando. Camões recorda mesmo a pele bovina (IX.23) que, cortada em tiras finíssimas, fez o perímetro de Cartago, por indústria de Vénus. E de Ovídio não tem apenas o conhecimento das *Metamorfoses.* No início da Elegia III dá-nos um belo retrato moral de Ovídio desterrado, em confronto com o seu caso pessoal:

O Sulmonense Ovídio, desterrado
na aspereza do Ponto, imaginando
ver-se de seus parentes apartado;
sua cara mulher desamparando,
seus doces filhos, seu contentamento,
de sua pátria os olhos apartando;
não podendo encobrir o sentimento,
aos montes e às águas se queixava

de seu escuro e triste nacimento.
O curso das estrelas contemplava,
como por sua ordem discorria
o céu, o ar e a terra adonde estava.
Os pexes pelo mar nadando via,
as feras pelo monte, procedendo
com o seu natural lhes permitia.
De sua fonte via estar nacendo
os saüdosos rios de cristal,
a sua natureza obedecendo.
Assi só, de seu próprio natural
apartado, se via em terra estranha,
a cuja triste dor não acha igual.
Só sua doce Musa o acompanha,
nos versos saüdosos que escrevia
e lágrimas com que ali o campo banha.
.....

E que leu dos prosadores? Plutarco, com certeza. Em grego? Conheceu a Bíblia. Dos geógrafos e naturalistas algum conhecimento teria. Pelo menos, cita-os em fiada:

Eu sou aquele oculto e grande cabo
Que nunca a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo,
Plínio, e quantos passaram, fui notório.

Acerca de Plínio parece não haver dúvidas.

Da história geral também não estamos bem informados. Utilizou a *Enneades* ou *Rhapsodiae historiarum,* de Sabélico, volumoso tratado que foi parcialmente traduzido em português por D. Leonor de Noronha, «prima co-irmã do amigo e protector do poeta D. Francisco de Noronha, 2.º conde de Linhares» (9). Da tradução só são conhecidos os dois primeiros volumes, impressos em Coimbra (1.º, 1550; 2.º, 1553). A obra geral de Sabélico foi continuada por Paulo Jove e outros.

É notável a prontidão e a frequência com que o Poeta invoca *paralelos* para pôr em evidência os feitos dos Lusitanos ou os seus defeitos em relação a outros:

Codro, por que o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida;
Régulo, por que a pátria não perdesse,
Quis mais a liberdade ver perdida.
Este, por que a Espanha não temesse,
A cativeiro eterno se convida!

Codro, nem Cúrcio, ouvido por espanto,
Nem os Décios leais fizeram tanto.
(IV.53.1-8)

Não matou a quarta parte o forte Mário
Dos que morreram neste vencimento,
Quando as águas co sangue do adversário
Fez beber ao exército sedento;
Nem o Peno, asperíssimo contrário
Do romano poder, de nascimento,
Que tantos matou da ilustre Roma,
Que alqueires três de anéis dos mortos toma;
E se tu tantas almas só pudeste
Mandar ao Reino escuro do Cocito,
Quando a santa cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antigo rito,
Permissão e vingança foi celeste
E não força de braço, ó nobre Tito,
Que assi dos vales foi profetizado,
E despois por JESU certificado.
(III.116 e 117)

Do pecado tiveram sempre a pena
Muitos que Deus o quis e permitiu:
Os que foram roubar a bela Helena,
E com Ápio também Tarquino o viu;
Pois por quem David santo se condena?
Ou quem o tribo ilustre destruiu
De Benjamim? Bem claro no-lo ensina
Por Sarra Faraó, Siquém por Dina.

E, pois, se os peitos enfraquece
Um inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Almena se parece
Quando em Ónfale andava transformado.
De Marco António a fama se escurece
Com ser tanto a Cleópatra afeiçoado.
Tu, também, Peno próspero, o sentiste,
Despois que ũa moça vil na Apúlia viste.
(III.140 e 141)

Teve muita influência no Poeta o poema *Argonautica* de Valério Flacco e talvez o de Apolónio Ródio. A partida dos mercantes de Belém é associada à dos Mínias:

"Foram de Emanuel remunerados,
Por que com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados
Pera quantos trabalhos sucedessem.
Assi foram os Mínias ajuntados,
Pera que o Véu dourado combatessem,
Na fatídica nau, que ousou primeira
Tentar o mar Euxínio, aventureira.
(IV.83)

Os Portugueses são os «segundos Argonautas» (IX.64). Não faltam as referências ao *Veo* (=Velo) *dourado* (III.72 e IV.83), nem à «rica pele de Colcos» (V.28) (10).

A partida das naus de Belém suscita ao Poeta este símile:

Elas prometem, vendo os mares largos,
De ser no Olimpo estrelas, como a de Argos
(IV.85)

E efectivamente a constelação *Argo* figura, entre outras, nestes versos:

Este, por sua indústria e engenho raro,
Num madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir póde a parte que faz clara
De Argos, da Hidra a luz, da Lebre e da Ara.
(VIII.71)

Dos poetas estrangeiros não pode negar-se-lhe o conhecimento de Petrarca, Ariosto, Tasso, Sannazaro, Garcilaso, Boscán. Teve de munir-se de livros auxiliares de estudo, como as *Genealogiae deorum,* de Boccacio, o *Dictionarium poeticum,* de Tormentino, a *Officina,* de Ravisio Textor, os *Lectionum antiquarum libri triginta,* de Célio Rhodigino.

Conhecia bem as lendas mitológicas e a história geral da Antiguidade, mas não é fácil determinar as suas fontes. Para além de Sabélico, que conheceu da história romana? Para a história geral dos tempos posteriores à queda do império romano ocidental – lembra Epifânio (11) –, valeu-se Camões dos trabalhos de vulgarização que já no seu tempo existiam, tais como: a *Historia rerum ubique gestarum,* de Eneas Silvio, o *Catalogus annorum et principum, de* Valerio Ryd, que chega até 1540, o *De vitis ac gestis summorum pontificum,* de Plátina, os *Commentariorum libri,* de Raffael Maffei de Volaterra, as *Historie del mondo,* de Tarchagnota. Os conhecimentos cosmográficos podem ter sido hauridos na enciclopédia que tem por título *Margarita*

philosophica. A descrição do sistema do mundo ptolemaico foi extraída do *Tratado da Esfera,* de Pedro Nunes (1537). Storck, referindo-se aos conhecimentos de Camões, escreve: «Os seus conhecimentos filosóficos derivam, quanto a pormenores, na aparência, da leitura de Diógenes Laércio, Plutarco, Cícero, Valério Máximo, Aulo Gélio, Plínio Sénior e das Antologias. Encontram-se a miúdo reminiscências destes escritores em passagens camonianas ... Mas os autores clássicos que enumerei não são os únicos gregos e romanos que Camões manuseava frequentemente. As suas poesias são testemunho claro de como conhecia ditos e feitos de uma longa série de escritores ilustres: Homero, Aeliano, Xenofonte, Virgílio, Lucano, Ovídio, Horácio, Plauto, Lívio, Eutrópio, Justino, Ptolemeu e outros, ficando indecisa a questão se lia obras gregas no original.» (12)

Mas, antes de tudo, Camões teve de possuir portentosa memória, porque lhe seria difícil ter à mão ao mesmo tempo tantas obras. No naufrágio salva o Poema; mas, o material bibliográfico de que se servia? E não se esqueça o costume dos escolares de então de reunir alfabèticamente *sentenças e exemplos* em cadernos escolares que lhes serviam pela vida fora. Muitos livros práticos desta feição foram publicados na Europa.

Escusado seria dizer-se que Camões conheceu todas as crónicas do Reino, além das ultramarinas de Castanheda, Barros e Gaspar Correia (esta em manuscrito). Conversou com Diogo do Couto. Conheceu opúsculos de André de Resende, mormente o seu poema *Vincentius*. As crónicas ultramarinas deram-lhe o fio da história: a viagem do Gama; as crónicas do Reino deram-lhe a história poetizada do Reino e sobretudo os episódios com que realça a narrativa.

Muito se discutiu a legitimidade da intervenção dos deuses do Olimpo, mas nunca se explicou como é que o Poeta havia de deificar os Lusitanos sem que os próprios deuses interviessem na acção. Os Portugueses – ainda antes de Camões – sentiam-se verdadeiramente ufanos da descoberta de tudo o que não era Europa (um mundo imenso de que a Europa não tinha notícia) e colocavam as façanhas dos descobridores e conquistadores acima de tudo o que fora feito pelo mundo greco-romano. Alexandre, César e Trajano aparecem em *Os Lusíadas* como grandes monarcas ofuscados pelos Portugueses. Este dado é fundamental para se

entender o que o Poeta quis fazer. Não basta afirmar-se que quis *exaltar* os Portugueses. É pouco. Quis deificá-los; quis fazer deles uma nova raça de deuses. Baco – magnífica aceitação por Camões dos direitos de Baco sobre a Índia – será o grande vencido – e após porfiada luta. Os direitos de Baco sobre a Índia vinham de longe. Arriano conta, a propósito da intenção de Alexandre de dominar os Árabes, que estes só adoravam dois deuses: o Céu e Baco. O Céu, porque, contendo os astros e o Sol, era causa dos maiores, mais visíveis e numerosos benefícios dos homens; Baco, por ter conquistado os Índios. (Baco submetera a Índia pela força das armas.) «Pois eu», afirmou Alexandre, «posso ser a sua terceira divindade, pois as minhas façanhas de modo algum são inferiores às do semideus (13).» Camões escolheu como inimigo dos Portugueses aquele mesmo que os Árabes tinham adorado. E o ódio de Baco aos Portugueses vem de saber que há-de ser destronado por eles. Todos os ardis postos em execução por Baco não atingem o seu objectivo. O último – ter aparecido em sonhos a um sacerdote maometano para indispô-lo contra os Portugueses (VIII.47-50) – precede a apoteose dos heróis. Baco desaparece obscuramente antes, sem deixar qualquer rasto da sua insatisfeita vingança.

Pensamos hoje que Baco não merecia tais honras, mas no tempo de Camões Baco era uma entidade muito importante. Barros, no princípio da *Ásia,* ao falar dos feitos dos Portugueses, diz que estes, além do mais, foram «despregar aquella divina & real bãdeira da milicia de Christo (que elles fundaram para esta guerra aos infieis) nas partes Orientaes da Asia, em meyo das infernaes mesquitas da Arabea, & Persia, & de todolos pagòdes da gentilidade da India daquem, & dalem do Gange: partes onde (segundo escriptores Gregos & latinos) excepto a illustre Semirames, Bacho, & o grande Alexandre, ninguem ousou cometeras» (I, fol. 3).

Se Baco é o grande inimigo, Vénus é a grande e solícita companheira dos Lusitanos, seguida das suas Nereidas, não menos solícitas e prestantes. O oceano de Camões está coalhado de ninfas. São no Poema a encarnação da beleza pagã. Obedecem a Vénus e substituem-se no Poema às forças naturais, e com tão invisível traça que os Nautas só se darão conta da sua existência muito mais tarde, na Ilha dos Amores.

A presença de Vénus no sexto céu, queixando-se a Júpiter das insídias de Baco, a intervenção de Vénus e das suas Nereidas para

impedir a entrada das naus em Mombaça, onde seriam destruídas, a sedução dos Ventos para os impedir de prosseguirem a tempestade são trechos de uma beleza formal insuperável, em que a pena do Poeta atinge a visualização de um verdadeiro pintor. Com que simplicidade o Poeta une a realidade e o mito nestes versos:

Destarte despedida a forte armada
As ondas de Anfitrite dividia,
Das filhas de Nereu acompanhadas,
Fiel, alegre e doce companhia ...
(I.96.1-4)

Um mundo familiar, a facilitar a empresa dos nautas!

Com a Ilha dos Amores Camões atinge o clímax da voluptuosidade pagã. Creio não ser preciso subtilizar a exegese para converter o deleite carnal em gozo filosófico. Vénus não é Platão! A Ilha é levada por Vénus ao encontro dos mareantes, os «segundos Argonautas», para que estes possam «refocilar a lassa humanidade» (IX.20) porque a deusa quer

... que haja no reino neptunino
(onde nasceu) *progénie forte e bela*
(IX.42.1-2)

Só é possível dar origem a novos seres pela geração. Uma raça valorosa vai nascer deste conúbio entre os fortes barões e as nereidas. Sou dos que pensam que o Poeta, no seu regresso à Pátria, foi convidado pela censura a dar um sentido espiritual (as «deleitosas honras») às delícias carnais da Ilha de Vénus. A verdade, porém, é que no Poema tudo toma um ar esponsalício:

As mãos alvas lhe davam como esposas;
Com palavras formais e estipulantes
Se prometem eterna companhia
Em vida e morte, de honra e alegria.
(IX-84.5-8)

Ainda não aparecera a alegoria.

O mito não se corrompe pelo facto de o Poeta ter sublimado a carnalidade do episódio, como não se corrompe o sentido da palavra «amante» pelo facto de se tratar de uma união sensível:

Quando as fermosas ninfas cos amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
Subiam pera os paços radiantes ...
(X.2.1-3)
Ali em cadeiras ricas, cristalinas,
Se assentam dous e dous, amante e dama;

(X.3.1-2)

O mundo antigo continuava-se na gente lusitana!

E não esqueçamos que ao despedirem-se da Ilha de Vénus os nautas, entre eles os já nossos conhecidos Veloso e Leonardo

Levam a companhia desejada
Das ninfas, que hão de ter eternamente,
Por mais tempo que o sol o mundo aquente.

(X.143.64)

O eixo do Poema é evidentemente a viagem do Gama, mas *Os Lusíadas* não são a viagem do Gama. *Os Lusíadas* são todos os seus reis, todos os seus heróis, todos os seus gloriosos barões. Ora o Gama, na sua notícia ao rei de Melinde, só poderia dar conta dos que enobreceram a Nação até aquele momento em que fazia a sua exposição ao rei de Melinde, começando naturalmente pelos reis e pelos que estiveram mais próximos dos reis. Foi uma narrativa poetizada da história antiga de Portugal, a começar em Luso e a acabar em 1497, com D. Manuel! Ficariam esquecidos muitos «barões». Tal como Virgílio, Camões aproveitará os rogos de Vénus a Júpiter, a favor do *seu* Eneias, para que o pai dos deuses possa predizer alguns feitos heróicos (II.44-54); virá depois o Adamastor, também dotado de terrífico dom profético e que anunciará ao Gama e seus companheiros a morte de Bartolomeu Dias (1500), de D. Francisco de Almeida (1510) e o naufrágio de Manuel de Sousa Sepúlveda (1552). Em Calecute, o Catual ouvirá de Paulo da Gama as explicações acerca das figuras que estão pintadas nas bandeiras das naus. Aqui não se trata de predições; e é curioso acentuar que, começando nos fabulosos Luso e Ulisses, como antepassados dos Portugueses, se estenderá até os condes D. Pedro e D. Duarte de Meneses, fronteiros de Ceuta, ficando incluídas na descrição uma série de figuras medievais. Mais tarde, uma ninfa vai vaticinar os feitos futuros dos Portugueses, particularmente dos heróis e governadores da Índia (até D. João de Castro e seus filhos). Com a descrição do orbe terrestre, especialmente as terras de África e da Ásia que os Portugueses virão a possuir, ficam nomeados todos os grandes ilustres e os lugares que foram teatro de seus feitos. São estes *Os Lusíadas.*

Georg Weise, professor emérito de Tubinga, publicou em 1965, em Itália, *L'ideale eroico del Rinascimento – Diffusione europea e tramonto,* em dois volumes. Neste excelente livro não se pronuncia o nome de Camões. Mas não nos devemos considerar afligidos por isso, porque

os Espanhóis também lá não estão. O mesmo acontece no livro de Robert M. Durling, professor da Cornell University, intitulado *The Figure of the Poet in Renaissance Epic,* 1965 (14). Camões é tardio em relação ao que costuma considerar-se como «Renascimento» e que Weise adopta: «Ne consegue che di Rinascimento si suole parlare soltanto a partire dal passaggio al secolo XV» (II.1). O poema de Camões veio à luz em 1572! No entanto, parece-nos que «a raça forte e bela» que Vénus deseja procriar (mìticamente, embora) se ajusta a esse ideal «heróico» que Weise formula: «... mi sembra sia da considerarsi, già nel Petrarca, l'aspirazione ad innalzare a un livello semidivino gli uomini e le gesta dell'antichità, a prenderli come modello di una idealizzazione croicheggiante, conferira persino alle persone del proprio tempo» (II.5-6). Camões quer que os Portugueses se tornem divinos não só pela fortaleza de ânimo, mas pelo exercício das mais altas virtudes. Não só pela coragem física, diante do inimigo

... com forçar o rosto que se enfia,
A parecer seguro, ledo, inteiro
Pera o pelouro ardente, que assovia
E leva a perna ou braço ao companheiro
(VI.98.1-4)

mas pela «lealdade firme e obediência» (V.72) para com o rei:

Olhai que ledos vão por várias vias,
Quais rompantes liões e bravos touros,
Dando os corpos a fome e vigias,
A ferro, a fogo, a setas e pelouros,
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolatras e de Mouros,
A perigos incógnitos do mundo,
A naufrágios, a pexes, ao profundo,

Por vos servir a tudo aparelhados,
De vós tão longe sempre obedientes
A quaisquer vossos ásperos mandados,
Sem dar reposta, prontos e contentes.
(X.147-148)

E já o Gama dissera ao rei de Melinde:

Grandemente por certo estão provados,
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquela portuguesa alta excelência
De lealdade firme e obediência.
(V.72.5-8)

Por esta via tomarão lugar no Olimpo estelante, empalidecendo o fulgor de

Júpiter, Mercúrio, Febo, e Marte,
Eneias e Quirino e os dous Tebanos,
Ceres, Palas e Juno com Diana.

Os Lusíadas estão destinados a substituir a fama dos Antigos, porque as suas proezas os excedem. O culto da Antiguidade não cega o Poeta ao ponto de lhes sotopor os feitos dos Portugueses como pedestal dos heróis mediterrâneos:

Que se o facundo Ulisses escapou
De ser na Ogígia ilha eterno escravo,
E se Antenor os seios penetrou
Ilíricos e a fonte de Timavo;
E se o piadoso Eneas navegou
De Cila e Caribdis o mar bravo,
Os vossos, mores cousas atentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

«E tudo sem mentir, puras verdades.»

II

A Edição «Princeps»

Para compreensão do que se segue fixe-se desde já que designamos por *A* a edição que apresenta o pelicano com o colo para a nossa esquerda, e por *B* a que apresenta o pelicano com o colo para a nossa direita. A edição *A* também pode ser designada por *Ee* (em lembrança do penúltimo verso da 1.ª estância do poema que em *A* é *E entre gente remota edificarão)* e a edição *B* por *E* (em virtude de o mesmo verso ser só *Entre gente remota edificaram)*. Portanto, *A*=*Ee* e *B*=*E*.

Há séculos que se discute o problema das duas edições de 1572. Faria e Sousa, na segunda vida que escreveu de Camões e que

paradoxalmente se encontra à frente de *alguns* exemplares das *Rimas Várias* (não de todos), diz no n.º 27 o seguinte: «Aviendo, pues, llegado el P. a Lisboa el año de 1569 el de 1572 publicó por medio de la Estampa su Lusiada, aviendosele concedido privilegio Real en 4 de Setiembre de 1571. Dió con el un gran estallido en todos los oidos, y un resplendor grande a todos los ojos màs capazes de Europa. El gasto desta impression fue de manera, que el mismo año se hizo otra, Cosa que aconteció rara vez en el Mundo; en Portugal e ninguna más de esta. Y porque esto ha de parecer nuevo, y no facil de creer, yo asseguro que lo he examinado bien las mismas dòs ediciones que yo tengo; por diferencias de caracteres; de ortografia; de erratas que ay en la primera, y se ven emẽdadas en la segunda; y de algunas palabras con que mejoró lo dicho.»

Portanto, em 1685 havia *duas* edições diferentes de 1572: a difusão da obra tinha sido tão grande que o editor se lançara ao empreendimento de uma nova tiragem, *melhorada.*

Mas nas suas *Lusíadas comentadas* (1639), em comentário à est. 21 do Canto IX (col. 31), Faria e Sousa diz isto: «Es verdad que en la primera impression deste Poema, a la qual yo llamo original (como dize Correa) falta el *madre* [trata-se do célebre verso *Da mãy primeyra co'o terreno seyo*]. Dirán agora los escrupolosos; con que autoridad se le añadió despues? Yo no sè quin lo hizo, pero sè que está bien hecho: i assi presumo que la segunda impression se bolviò a hazer por el manuscrito del Poeta, o por alguno de los impressos enmendados por ele, no solamente en este lugar, sino en otros muchos en que avia sobra, i falta de palabras evidẽte. Lo mismo sucedió a la impression de las Rimas, que la primera vez truxeron muchas cosas diferentes del manuscrito del Poeta, i en la segunda salieron muy mejoradas. Però viniendo a los yerros deste Poema, cometidos en la estampa por falta, o sobra de palavras, harè alguna observacion para que se vea claro, que pudo salir esta enmienda de donde salieron las otras no menos acertadas que ella. Empecemos por las sobras. En la est. 54 del c. 2 dezia; *Idololatra* por *Idolatra* en la 56, *de Maria,* por *de Maia.* En la 53 del c. 5 dezia un verso, *Como fosse cousa impossibil alcançala*, por *Como possibil alcãçala*; en la 38 del c. 6, *Eolo*, por *Eoo.* En la 30 del 8, *Que lhe dizem que lhe falta*: por *que lhe dizem que falta* i en la 32 (de 8), *Capitam*, por *Cipiam.* Las faltas, que es exemplo que hazo mâs a mi proposito. En la 75 del c. 1, *E Romano*, por *e co'o Romano;* en la 89, *Nos bateis fogo*, por *nos bateis o fogo*. En la 17 del cãt. 2, *e nesta*, por

e com esta. En la 103, *Que de Luso*, por *que os de Luso*; en la 95 del 3, *Liberdade,* por *liberalidade*; en la 70 del 7, *Rio Tejo*, por *rico Tejo*. En la 11 del 8, *No Estigio jura a fama*, por *no Estigio lago jura,* etc., faltando *el lago,* que devió añadirse por el original(1) i yo le añado, conformandome con el verso 1 de la estanc. 40 del căt. 4 y es falta pontualmente, como esta del *madre* aqui. i no ay duda que este *madre* se añadió por el mismo original que se añadieron, o quitaron essas palabras, i otras que omito(2): dexando a parte las introduzidos por otras, como en la est. 34 del c. 3, *trabalha*, por *batalha;* i en la 65, *serras della*, por *senhor della;* i en la 41 del 6, *nam fosse*, por *nam sofre;* en la 30 deste [IX], *ondas*, por *obras*: & otras ... »

Esta enorme e enredada transcrição não pode deixar de apresentar-se ao leitor como um indecifrável quebra-cabeças. Refere-se a falta e sobra de palavras nos versos, mas onde? Tivemos algum trabalho, mas encontrámos tudo o que pretendíamos: trata-se de *emendas,* ou de Manuel Correia (1613) ou da edição *B (=E)*.

De Manuel Correia, Faria e Sousa registou as seguintes emendas:

Que eu co grão Macedonio, & co Romano,
(I.75)

em vez de:

Queu co gram Macedonio, & Romano,
(Ed. *A*)

Levando o Idolatra & o Mouro preso
(II.54)

em vez de:

Levando o Idololatra, & o Mouro preso
(Ed. *A*)

Sentio o a villa, & vio o senhor della
(III.65)

em vez de:

Sentio o a Villa, & vio a serra della
(Ed. *A*)

E com esta treição determinavão,
(II.17)

em vez de:

E nesta treição determinavam
(Ed. *A*)

Da edição *B*, Faria e Sousa regista:

...manda o consagrado
Filho de Maria aa terra, porque tenha

(II.56)

em vez de:

Filho de Maia aa terra porque tenha

(Ed. A)

Como fosse cousa impossibil alcançalla

(V.53)

em vez de:

Como fosse impossibil alcançalla

(Ed. A)

Do Eolo Emisperio está remota

(VI.38)

em vez de:

Do Eoo Emisperio está remota

(Ed. *A*)

Que lhe dizem que lhe falta resistencia

(VIII.30)

em vez de:

Que lhe dizem que falta resistência

(Ed. *A*)

Portugues Capitam chamar se deve.

(VIII-32)

em vez de:

Português Cipião chamar se deve

(Ed. *A*)

Eis nos bateis fogo se levanta

(I.89)

em vez de:

Eis nos bateis o fogo se levanta

(Ed. *A*)

O menos que de Luso mereceram

(II-103)

em vez de:

O menos que os de Luso merecerão

(Ed. *A*)

Da liberdade alexandrina

(III.96)

em vez de:

Da liberalidade alexandrina

(Ed. *A*)

Do rio Tejo, & fresca Goadiana,

(VII.70)

em vez de:

Do rico Tejo, & fresca Goadiana,

(Ed. *A*)

Por quem no Estigio jura a fama

(VIII.11)

em vez de:

Por quem no Estigio lago jura a fama

(Ed. *A*)

Em trabalho cruel, o peito humano,

(III.34)

em vez de:

Em batalha cruel, o peito humano,

(Ed. *A*)

Nam fosse amores, nem delicadeza

(VI.41)

em vez de:

Não soffre amores, nem delicadeza

(Ed. *A*)

Estão em varias ondas trabalhando

(I.30)

em vez de:

Estão em varias obras trabalhando

(Ed. A)

Todas estas emendas são da edição *B* (colo do pelicano para a direita). Apesar de ser esta, para o Morgado de Mateus, a edição *princeps,* nenhuma das emendas citadas passou para o seu texto! As lições adaptadas foram as lições de *A* – o nosso verdadeiro texto *princeps*.

O Sr. Dr. Francisco Dias Agudo, que ùltimamente se tem ocupado deste assunto e ainda agora publicou uma brochura com o título expressivo de *A Edição d'Os Lusíadas de 1572,* diz o seguinte: «A palavra *QUE,* mudada em *QUT,* figura tanto em 1P (colo do pelicano para a direita) como em 3P (p. 178 v.º, est. 108, verso 8) e é inicial de um verso. Nós consideramos francamente improvável repetir por cópia aquele *t*, autêntica espada de guerra ofensiva da nossa inteligência. Esta não admite que, finda uma edição e destruído este tropeço, ele seja restaurado na edição seguinte. A palavra *profundo,* mudada em *profnndo* do mesmo modo figura em 1P e 3P (p. 185, est. 147, verso 8) e é final de um verso.»

Devo dizer que o Sr. Dr. Dias Agudo foi muito moderado na escolha dos seus exemplos. Poderia oferecer aos seus leitores um

pradrupedante, X.72 (assim em *A* e *B*); um *Vam,* IX.62 por *Tam* (em *A* e *B*); poderia oferecer-lhe o caso de palavra começada em princípio de verso por minúscula em *A* e *B* (*nuas,* IX.66). Poderia oferecer uma estância mal revista em *A* e fielmente copiada em *B*:

Pois a tapeçaria bella & fina,
Com que se cobre a *rustico terreno,*
Faz ser a de Achemenia menos dina:
Mas o sombrio valle mais ameno:
Ali a cabeça o *flor Cyfisia inclina,*
Sobollo tanque lucido & sereno,
Florece o filho & neto de Cyniras,
Por quem tu Deosa Paphia inda suspiras.

(IX.60)

Infelizmente o tipógrafo nem sempre se lembrou de que a sua obrigação era copiar o que lia; se o tivesse feito, a edição *B* teria saído igual a *A* e nós poderíamos servir-nos dela com confiança. Em X.6 o compositor de *B* dá-nos uma *Minfa* por *Nimpha* (na edição *A Ninfa*). Sendo *pexe* forma sistemática em Camões, o compositor de *B* traiu-se com a forma *peixe* em I.42 e IV.90. Para diante reabilitou-se: ou ele ou outro mais atilado! Camões escreveu sempre *apousentar* (3)*;* mas em *B*, IV.60, figura *aposentou!* E que fazermos a *cilado* (I.80) por *cilada* (em *A*), a *Neptonino* (IX.42) por *Neptunino* (em *A*), a *Maurilano* (VIII.20) por *Mauritano,* a *perjuro* (VIII.34) por *perjurio* (em *A*), a *tom* (IX.17) por *tam* (em *A)*, a *horendo* (X.43) por *horrendo?* O compositor de *B* foi um operário desatento. Não têm limite as diferenças que estabeleceu com o texto de *A*. Vejamos mais alguns exemplos:

1) Começáram *a seguir sua longa rota*

(I.29)

em vez de:

Tornarão *a seguir sua longa rota*

(Ed. *A*)

2) *Quando as* fingidas *gentes se chegarão*

(II.1)

em vez de:

Quando as infidas *gentes se chegárão*

(Ed. *A*)

3) Como já o forte *Huno o foy primeiro*

(IV.24)

em vez de:

Como já o fero *Huno o foy primeiro*

(Ed. *A*)

4) *Se quem com tanto esforço em* Deas *se atreve*

(VIII.32)

em vez de:

Se quem com tanto esforço em Deos *se atreve*

(Ed. *A*)

5) *Que as* almádias *todas lhe tolhia*

(VIII.84)

em vez de:

Que as almâdias *todas lhe tolhia*

(Ed. *A*)

6) Os mouros *de Marrocos & Trudante*

(X.156)

em vez de:

Os muros *de Marrocos & Trudante*

(Ed. *A*)

7) Lhe andar armada, *que por em ventura*

(VIII.90)

em vez de:

Lhe andar armando, *que por em ventura*

(Ed. *A*)

8) *Pera lhe descobrir da* vinda *esphera*

(IX.86)

em vez de:

Pera lhe descobrir da unida *esphera*

(Ed. *A*)

9) Cantando *a bella Deosa, que viriam*

(X.10)

em vez de:

Cantava *a bella Deosa, que virião*

(Ed. *A*)

10) *Todos farás ao Luso* obedentes

(X.44)

em vez de:

Todos farás ao Luso obedientes

(Ed. *A*)

11) *De seres de Candace &* Sobá *ninho*

(X.52)

em vez de:

De seres de Candace & Sabâ *ninho*

(Ed. *A*)

12) *Mas* alembrote *hũa yra que o condena*

(X.45)

em vez de:

Mas alembroulhe *hũa yra que o condena*

(Ed. *A*)

13) *Baticalá, que virà ja* de *Beadala*

(X.66)

em vez de:

Baticalá, que virâ ja Beadala

(Ed. *A*)

14) Este erro grave:
Responde lhe do ramo Philomena (*a rimar com* bella *e* gazella)

(IX.63)

em vez de:

Responde lhe do ramo Philomela

(Ed. *A*)

15) *Qual ferida lha tinha ja* Eiricina

(IX.66)

em vez de:

Qual ferida lha tinha ja Ericina

(Ed. *A*)

16) *Que o mundo encobre aos homes* imprudẽt s

(IX.69)

em vez de:

Que o mundo encobre aos homẽs imprudẽtes

(Ed. *A*)

17) *Por feitos* mortais *& soberanos*

(IX.91)

em vez de:

Por feitos imortais *& soberanos*

(Ed. *A*)

18) Divídos *os fizeram, sendo humanos*

(IX.91)

em vez de:

Divinos *os fizeram, sendo humanos*

(Ed. *A*)

19) *De sangue o tingirá no* andar *sublime*

(X.17)

em vez de:

De sangue o tingirá no andor *sublime*

(Ed. *A*)

20) *Sabia bem que se com fe* formoda

(X.112)

em vez de:

Sabia bem que se com fe formada

(Ed. *A*)

Até nas cabeças de página se revelou o dedo do contrafactor: na edição *A* a cabeça CANTO QUINTO transitou para o canto sexto nos fólios 97 r. e 103 r.; na ed. *B* encontra-se CANTO QUINTO nos fó1ios 97 r., 99 r., 100 r. e 103 r! Não se pode conceber mistificação mais grosseira . . .(4)

Infelizmente o Morgado de Mateus, que há pouco vimos tão prudente, colheu para a sua edição *princeps* (lição *B*) os exemplos de 1, 2, 3, 6, 7 e 9 dessa mesma lição, acabados de citar. Sem dúvida, os piores!

Depois desta análise, que ainda poderia ser mais minuciosa (basta considerar na lição *B* o verso de III.113 «Os feridos com grita *ao* Ceo feriam» que na lição *A* é «Os feridos com grita *o* Ceo ferião»), não podemos admitir a tese de que em 1572 saiu da oficina de António Gonçalves uma, e só uma, edição do famoso Poema *Os Lusíadas,* se por tal se entender os exemplares da edição *A* e da edição *B*. Isto significa que não vemos razão para rejeitarmos as conclusões de Tito de Noronha, que, já em 1880, estabeleceu a existência de uma contrafacção, elaborada na oficina de Andrés Lobato, a seguir à impressão da vergonhosa edição *dos piscos* (1584) (5). E não falamos do alvará e das características da data, nem do tipo usado na composição do parecer do censor. Não falamos da ortografia, nem das desinências verbais, nem da pontuação. Isso poderá ser objecto de um estudo especial.

A convicção, em que por muito tempo se esteve, de que a edição *B* é que era a *princeps* teve desastrosas consequências. A edição do Morgado de Mateus é o caso mais retumbante de erro na opção; e se mais grave se não tornou esse erro é que o, aliás benemérito, autor da edição se serviu largamente da edição *A*, a verdadeira *princeps,* então conhecida como 2.ª edição. José do Canto, na sua colecção camoniana, fala do assunto perfeitamente às avessas, admitindo a edição *B* como *princeps*. Teófilo Braga, na sua edição fotolitografada de *Os Lusíadas,* feita por ocasião do jubileu nacional do quarto centenário do descobrimento marítimo para a Índia(6), leva o caso

ao ponto mais alto da confusão. Diz ele: «Prova-se que a segunda, de 1572, que tem na portada a cabeça do pelicano voltada para a esquerda é que é a autêntica, impressa sob as vistas do Poeta; e que a outra foi uma reprodução intencional para escapar às delongas da censura, e restaurar o texto deturpado na edição de 1584, designada pelo nome de Piscos.» Pois, apesar desta advertência tão clara, Teófilo Braga reproduziu a lição *B* (colo do pelicano para a direita)!

Creio que fica suficientemente estabelecido que só a edição *A* saiu em 1572; e que a edição *B* é uma contrafacção intencional, justificado pela inexistência de exemplares da edição *A* e que deve ter vindo à luz, discretamente, em 1584 ou 1585, uma vez terminada a impressão da desastrosa edição *dos piscos* (1584). Que tenha sido feita por Lobato, como pretendeu Tito de Noronha, ou que tenha sido Manuel de Lira o patriótico impressor da edição apócrifa, conforme mais tarde concluiu Eleutério Cerdeira(7), o certo é que *A* e *B* são inconfundíveis: *A*, a edição que Camões viu, e *B*, a que ele já não pôde ver.

III

O Nosso Texto

Teria sido impossível, por escrúpulo de exactidão, elaborar uma edição de *Os Lusíadas* com a pontuação e a ortografia que Camões adoptou ou deixou adoptar no seu Poema. Para se ter uma ideia da forma como o Poeta escreveu e pontuou existem as edições fac-similadas. Para o público não podemos pensar numa edição desta natureza. Quisemos, no entanto, dar-lhe uma edição fiel, em que se respire um ar camoniano e isso só se consegue evitando dar ao Poeta uma linguagem que não era a sua nem a do seu tempo: se ele só conheceu a forma *despois,* não há que impor-lhe a forma *depois*. Em segundo lugar, evitando a incongruência, registando num lado o que se rejeita noutro, por causa da rima; em terceiro lugar, evitando pôr na mente do Poeta uma preocupação etimologizante, que ele

não teve. A edição nacional elaborada por José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira (EN) não se preocupou em modernizar para além de Camões e escreveu, por exemplo:

Naquele por quem morro ...

(III.129)

forma que Camões não conheceu nem na épica, nem na lírica. É curioso, porém, que aqueles autores não modernizaram a forma correspondente do conjuntivo:

mas moura*, enfim, nas mãos das brutas gentes*

(II.41)

Eis um caso de incoerência nítida.

Camões escreveu sempre (com uma só excepção) *inico* e *inica*. E quando uma vez escreveu *iniqua* fê-lo dando a *qu* o valor de *c* e pronunciando, portanto, *inica*. Não é este o caso de EN. Onde o Poeta escreveu

O Regedor daquela inica *terra*

(I.94)

ou

Do padastro e da inica *mãy levava*

(III-33)

escreveram os editores de EN:

O Regedor daquela iníqua *terra*

ou

Do padrasto e da iníqua *mãe levava*

Mas em posição de rima não se esqueceram, evidentemente, da forma camoniana:

Assim Vénus propôs; e o filho inico

(IX.43)

a rimar com *rico* e *impudico*.

O caso do grupo *-sc-* (verbos latinos em *-scere*) é mais delicado. O Poeta escreveu algumas vezes *nascer* e *crescer* (só uma vez em *crescendo,* VIII.72). Em caso algum escreveu *descer* e *pascer* (mas *decer* e *pacer*). Mas a prova de que mesmo escrevendo *nascer* o Poeta pronunciava *nacer* está em que rimava *nascer* com *decer* (II.19). Ora em EN fez-se rimar *nasceu* com *desceu* e ilògicamente *nace* com *pace!*

Antes de *c* (*ce* ou *ci*) o som surdo *x* do *s* tinha desaparecido por completo, ainda que o representassem por vezes na escrita.

Temos, por exemplo, o *lascivo* de Camões que está representado com *s* em

No ar lascivos *beijos dando*

(IX.24)

ou

Mas cũa escrava vil, lasciva *e escura*

(X.47)

mas sem *s* em

Sendo das mãos lacivas *mal tratada*

(III.134)

Em EN encontra-se, já se sabe, *lascivas*. O mesmo com *ressuscitar,* que em EN está por *resucitar* (*resucitassem, resucite*).

Em Camões a forma *dino, dina* é muito mais frequente do que a forma *digno, digna*. Nenhuma influência esta escrita tinha na pronúncia, porque *digno* aparece a rimar com *cristalino* e *divino;* mas, embora a forma *dino* apareça mesmo no princípio ou meio do verso, em EN foi substituída por *digno:*

O caso triste, e digno *da memoria*

(III.118)

Outro caso de modernização grave é o tratamento do prefixo *sub,* que não existe em *submeter* nem em *subjugar* (*subjugada* em IV.61).

Camões não escreveu

Tanto poder que tudo submetesse

(I.75)

como está em EN, mas

Tanto poder que tudo sometesse

A EN chega a juntar as duas modernizações na mesma estância

A estas nobres vilas submetidas

(III.56)

e

Subjuga *a fria Sintra o duro braço*

(III.56)

quando Camões escreveu

A estas nobres vilas sometidas

e

Sojuga *a fria Sintra o duro braço*

O Brasil acaba de prestar uma justa homenagem ao douto comentador de *Os Lusíadas* Augusto Epifânio da Silva Dias, publicando em edição fac-similada a segunda edição, de 1916-1918.

Epifânio não seguiu a ortografia oficial, mas a que se usava antes da reforma da ortografia de 1911. As suas divergências com a edição *princeps* são muito maiores do que pode imaginar-se. Camões nunca escreveu *damno, phantasia, accender, acceso, prophetizado, crystal, crystallino, blasphemo, deshonesto, deshonrado, columnas.* Se alguma vez escreveu *triumphar, triumpho, tropheo, socceder, occeano,* também escreveu *triumfar* (sic), *trofeo, soceder* ou *suceder, oceano.* Umas vezes a ortografia de Epifânio coincide com a do Poeta, como em *cabello, capella, prompto* (em VIII.55 o Poeta escreveu *pronta*), *offender, offerecer, officio, bellico, belleza, bello,* mas outras não: o Poeta escreve em geral *belicoso, belacíssimo, belígero, calada, Caliope, Calipso, Calisto, calo, Apolo, Baco, cítara, Prometeo.*

O nosso texto mantém as seguintes formas de Camões:

Abaxar, abaxo (e *abaixo*), *acrecentar, acudir* (*acude,* imperativo), *afeito, afeitar-se, agardecer* (e *agradecer*), *álemo, algũa, Alanquer, Alexandro, alférezes, amoesta, antão* (e *então*), *antre* (e *entre*), *Antártico, apacentar, apousentar, apousento, artelharia, assi, assoviar, aspeito, aventajar, avorrecido;*

Bautizado (e baptizado), baxo/a e baixo, benino (e benigno), bívoras, bocijando;

Cási, ceptro, cereija, contino, contrairo, Costantino, cousa, crecer, crecimento, colũna;

Dantre, debaxo (e *debaixo), decer, desemparo, desemparar, despois, dino/a, dões* (pl. *de dom), dous, doudo;*

Embaxador (e *embaixador), embaxada* (e *embaixada), emparo, ennobrecer, enveja, escuitar, estâmago, experimentar* (II.104) (1), *exprimentar* (III.85), *extremo, estê, esteis* (formas do v. *estar*), *estrui* (v. *estruir);*

Federico, fermoso/a, fermosura, fermosíssima, florecente, florecer, Frandes, fruito e fruto, fuge (imperativo de fugir);

Giolhos (geolhos), *grandiloco/a;*

Horrisono/a;

Imigo (e *inimigo), impidas, indino, indinado, ingrês* (e *inglês), inico;*

Jocundo/a;

Lianor, lião, lionês, longinco (e *longico), Lãa;*

Mártire, masto, mi, milhor, mortindade, mouro (morro), moura (morra);

Nacer, nenhũa, noda, noute;

Orfindade, oucioso (e *occioso), ouliveira;*

Pacer, pêntem, Perineu, perclaro, perguntar, perla, pexe, piadoso/a (e *piedoso/a), pranta, prantar, pruma, produze, pubricar, púbrico* (e *público)* (2), *preminente, preminência;*

Quási;

Razão (só num caso empregou *rezão), recrecer, relâmpado, reluze, reposta, reprender, represária, ressucitar, revelde;*

Saluço, samear (e *semear), sanguino, sembrante, sigue-me, simpres, sinos* (por *signos), somnolento, someter, sojugar, subjeito, superficia, sutil, sutileza, sutilmente;*

Tarquino, tarçado, Tavila, trasunto, terrestre, tornéu, tredores, treição, trédoros;

Ũa;

Valeroso/a, val (por *vale), voudas.*

Devíamos ter conservado a forma *exos* (*eixos*), representada uma só vez n'*Os Lusíadas* (VI.84.7).

Rejeitamos formas como as seguintes:

Accidentes, adquerir, arteficio, artilheria, Balduuino, ceremonia, dereito, desposto, deligencia, dezia (a forma *dizia* também é camoniana), *dirivar, eccessivo, eccelencia, embarçado, encenso, esperiencia, esprimentar, estremo* (adj.), *humicidas, hypocresia, iazmim, insinar, mesturar, mezquinha, menhã, mintiroso, misilhões, occeano, opremido, otono, pílouro, porpurea, prompto/s, rezão, sancto/a, septima, soccedeo, soccedessem, Suamquém, succedido* (ao lado das formas modernas), *temido* (por *tímido), tremolar, vertude, vezinhança, victorioso.* Outras se encontrarão do mesmo género.

Na normalização da ortografia tivemos de eliminar formas como *sciencia, sciente,* mas n'*Os Lusíadas* existem as formas modernas *ciencia* e *ciente*. O mesmo sucedeu a *Scipião, Scítia,* etc.

Não adoptámos as formas *geanalosia* (que tem, aliás, exemplo literário) e *sururgião.* Admitimos as formas correctas *genealogia* e *cirurgião.* Entendemos que foi desastre do compositor a forma *pradrupedante* (X.72.4) e que *horrissimo* (II.96.6) é erro por *horrísono,* que aparece logo em II.100. Conservámos um erro irreformável porque deve tratar-se de um deslize do Poeta: *venerando* em VII.77.4, a rimar com *Mauritano* e *humano.* Alguns têm posto *soberano* em lugar de *venerando.* Também em II.100.5, a edição *princeps* tem *bramando,* que está evidentemente por *bramavam:*

As bombardas horrísonas bramavam

Em X.88 *turbulento* é apenas rima assonante.

Em X.128, *molhados* e *escapados* rimam com *executado.* É um caso de rima imperfeita que, naquele caso, não deve ser alterada.

Em VI.5, houve lapso do Poeta, que escreveu duas vezes *camarões* numa enumeração. Uns substituem por *briguigões* (FS) outros por *birbigões* (MC).

Conservámos todas as formas em *-bil: abominábil, afábil, inexpugnábil, impossíbil, insensíbil, insofríbil (insufríbil), invisíbil, terríbil, imóbil, implacábil, incansábil, instábil, invencíbil, possíbil, vendíbil, visíbil, volúbil.* Deste grupo só *abominábil* apresenta uma vez a forma moderna (VII.47.5).

Mantiveram-se, principalmente no plural, os representantes latinos de *-ax, -ix* e *-ox: audace, atroce, felice, feroce, fugace, sequace, veloce, pertinace, rapace, tenace.*

Na EN escreveu-se

Mui velozes, estreitas e compridas

(I.46)

e

Sabendo ser sequazes *da verdade*

(I.71)

Em outros lugares manteve-se a forma directamente derivada do latim.

Camões escreve frequentemente *desta arte* e *destarte*. Se lermos com hiato erramos a medida do verso. Julgámos por isso preferível uniformizar. Camões chega a escrever

Desta arte o *Malabar*, destarte *o Luso*

(VII.45)

quando a verdade é o que o verso tem de ser lido

Destarte o *Malabar,* destarte *o Luso.*

Em alguns casos fez-se uma opção: *dino/a* não só está mais representado do que *digno/a,* mas a única vez que *digno/a* está em posição de rima esta faz-se com *imagina, ensina (insina)* – o que mostra que a ortografia erudita não correspondia à pronúncia. Das cinco vezes que o Poeta escreveu *Lua* só uma não nasalou o *u* (*Lua* em III.56.3). Por lapso tipográfico, sem dúvida.

E o caso de *Lũa* serve-nos para apontar os perigos da modernização. Em IX.48.1 *Lũa* está em posição de rima e as rimas escolhidas foram *nenhũa* e *algũa*. Os editores da EN foram obrigados a respeitar estas formas – o que não fizeram em outros casos:

Alguns traidores (3) *houve* algumas *vezes*

(IV.33.8)

Desta arte a Deusa a quem nenhuma *iguala*

(II.38.7)

O que se diz para *Lũa* diz-se para o plural antigo de *dom-dões*. Em V.95 o Poeta colocando *dões* em posição de rima serviu-se das palavras *Cipiões* e *opressões*. É portanto desaconselhável utilizar a forma moderna *dons*.

Levassem prémio digno e dons *iguais*

que Camões não conhecia.

É evidente que há casos em que a modernização não prejudica a rima. Por exemplo, *sembrante*. Mesmo que se mude em *semblante* não há perigo rimático. Resta saber se é moralmente legítimo fazê-lo. Quando Camões rima *nace* (de *nascer*) com *pace* (de *pascer*) e com *face* está dentro dos seus hábitos linguísticos. Se em vez de *nace* escrevesse *nasce e pasce* e mantivesse *face,* isso significaria que o grupo *-sc-* nenhuma influência teria na pronúncia daquele tempo. E é o caso ... Não é crível que escrevendo aqui *nascido* (II.10.2) e ali *nacido*

(V.47.2) o Poeta hesitasse na pronúncia e se preocupasse com a etimologia. Poderíamos multiplicar os exemplos. Mas o nosso objectivo é apenas o de defender um critério adoptado, que poderia ter sido levado com mais rigor ainda. Para finalizar, apresento apenas um exemplo significativo: o Poeta empregou *benino* e *benigno*. A forma *benigno* foi utilizada duas vezes em rima: *benigno – Alcino – divino; benigno – destino – fino*. É evidente que para o Poeta *benigno* era o mesmo que *benino*. A restauração humanística não influiu durante muito tempo nos hábitos linguísticas.

«*A' Luso, unde Lusitania dicta est, Lusiadas adpellavimus Lusitanos, & a Lysa Lysiadas, sicut ab Ænea Æneadas dixit Virgilius. Nec male subcessit. Nam video id multis adlibuisse, præsertim autem* Georgio Cœlio, *Lusitaniæ nostræ ornamento, sive poeticam facultatem, sive Ciceronianæ orationis æmulationem spectes.*»

In L. Andr. Resendii *Vincentium*
«Adnotationes» (48).

PREFÁCIO

Ev el Rey faço faber aos que efte Aluara virem que eu ey por bem & me praz dar licença a Luis de Camoẽs pera que poffa fazer imprimir nefta cidade de Lisboa, hũa obra em Octaua rima chamada Os Lufiadas, que contem dez cantos perfeitos, na qual por ordem poetica em verfos fe declarão os principaes feitos dos Portuguefes nas partes da India depois que fe defcobrio a nauegação pera ellas por mãdado del Rey dom Manoel meu vifauo que fancta gloria aja, & ifto com priuilegio pera que em tempo de dez anos que fe começarão do dia que fe a dita obra acabar de empremir em diãte, fe não poffa imprimir nẽ vender em meus reinos & fenhorios nem trazer a elles de fora, nem leuar aas ditas partes da India pera fe vender fem licẽça do dito Luis de Camoẽs ou da peffoa que pera iffo feu poder tiuer, fob pena dẽ que o contrario fizer pagar cinquoenta cruzados & perder os volumes que imprimir, ou vender, a metade pera o dito Luis de Camões, & a outra metade pera quem os acufar. E antes de fe a dita obra vender lhe fera pofto o preço na mefa do defpacho dos meus Defembargadores do paço, o qual fe declarará & porá impreffo na primeira folha da dita obra pera fer a todos notorio, & antes de fe imprimir fera vifta & examinada na mefa do confelho geral do fanto officio da Inquifição pera cõ fua licença fe auer de imprimir, & fe o dito Luis de Camões tiuer acrecentados mais algus Cantos, tambem fe imprimirão auendo pera iffo licença do fanto officio, como acima he dito. E efte meu Aluara fe imprimirà outrofi no principio da dita obra, o qual ey por bem que valha & tenha força & vigor, como fe foffe carta feita em meu nome por mim afsinada & paffada por minha Chancellaria sem embargo da Ordenação do fegundo liuro, tit. xx. que diz que as coufas cujo effeito ouuer de durar mais que hum ano paffem per cartas, & paffando por aluaras não valhão. Gafpar de Seixas o fiz em Lisboa, a . xxiiij : de Setembro, de M. D. LXXI. Iorge da Cofta o fiz efcreuer.

PREFÁCIO

VI por mandado da santa & geral inquisição estes dez cantos dos Lusiadas de Luis de Camões, dos valerosos feitos em armas que os Portugueses fizerão em Asia & Europa, & não achey nelles cousa algũa escandalosa, nem contraria â fe & bõs custumes, somente me pareceo que era necessário aduertir os Lectores que o Autor pera encarecer a difficuldade da nauegação & entrada dos Portugueses na India, vsa de hũa fição dos Deoses dos Gentios. E ainda que sancto Augustinho nas suas Retractações se retracte de ter chamado nos liuros que compos de Ordine, aas Musas Deosas. Toda via como isto he Poesia & fingimento, & o Autor como poeta, não pretenda mais que ornar o estilo Poetico não tiuemos por inconueniente yr esta fabula dos Deoses na obra, conhecendoa por tal. & ficando sempre salua a verdade de nossa sancta fe, que todos os Deoses dos Gẽtios sam Demonios. E por isso me pareceo o liuro digno de se imprimir, & o Autor mostra nelle muito engenho & muita erudição nas sciencias humanas. Em fe do qual assiney aqui.

Frey Bertholameu
Ferreira

Notas (parte I)

(1)
As estâncias *desprezadas* ou *omitidas* podem ler-se no tomo I, parte 2.ª, pp. 267 e segs., da edição de *Os Lusíadas* de MDCCLXXXII (na offic. de Simão Thadeo Ferreira) e na ed. de Leipzig (1873), pp. 205 e segs. Nesta edição incluíram-se as emendas de um terceiro manuscrito (ms. de Luís Franco). Podem ler-se também na edição de *Os Lusíadas* do Porto (MDCCCLXXX), pp. 397 e segs. Incluem-se também nesta edição as emendas do ms. de Luís Franco. V. a crítica feita a Manuel de Faria e Sousa pelo Morgado de Mateus na sua *Advertência,* pp. XVIII a XXIII.

(2)
V. *Miscelânea Filológica em Honra à Memória do Prof. Clovis Monteiro* (Rio de Janeiro, 1965), pp. 171-174.

(3)
Wilhelm Storck, *Vida e Obras de Luís de Camões*. Primeira parte. Versão do original alemão, anotado por Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Lisboa, MDCCCXCVII, p. 460.

(4)
Id., *ibid.*, pp. 460-461.

(5)
V. Jordão de Freitas, *O Naufrágio de Camões e dos Lusíadas,* Lisboa, 1915.

(6)

.....
Por Mecenas a vós celebro e tenho;

e sacro o nome vosso
farei, se algũa cousa em verso posso.

O rudo canto meu, que ressuscita
as honras sepultadas,
as palmas já passadas
dos belicosos nossos Lusitanos,
para tesouro dos futuros anos,
Convosco se defende
da lei Leteia, à qual tudo se rende.

(Ode a D. Manuel de Portugal)

(7)
Juromenha, *Obras* ..., vol. I, Doc. F, p. 169.

(8)
Pelo menos um *primo* dos Camões de Coimbra. A tese do «tio D. Bento» renasceu com o aparecimento da *Cronica de Santa Cruz,* de D. Fr. Timóteo dos Mártires, Coimbra, edição da Biblioteca Municipal, 1955-1960.

(9)
V. José Maria Rodrigues, *Fontes dos Lusíadas,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1905, pp. 247 e 248.

(10)
Sobre *«Os Lusíadas* e o tema das *Argonáuticas»,* ver António Salgado Júnior, *Ocidente,* n.º 38, 1950, pp. 277 e segs., e n.º 40, 1951, pp. 261 e segs. Do mesmo autor, «Camões e a visão humanística da geografia da Europa de Quinhentos», *Ocidente,* n.º 36, 1949, pp. 281 e segs. Sobre o papel da *Argonautica,* de Valério Flacco, ver, de H. Howens Post, «A cronologia da composição de várias passagens de *Os Lusíadas*», *Ocidente,* Novembro de 1972 e separata.

(11)
Introd. à sua edição de *Os Lusíadas,* p. XIX (1916-1918).

(12)
Storck, *ob. cit.,* pp. 224 e 225.

(13)
V. Arriano, *Historia de las expediciones de Alejandro,* cap. XX, p. 319. Madrid, 1897. (Trad. directa do grego por D. Federico Baraibar y Zumárraga.)

(14)
Em contraste com C. M. Bowra, autor de *Virgílio, Tasso, Camões* e *Milton.* Trad. port. por António Álvaro Dória em 1950.

Notas (parte II)

(1)
É o caso inverso de *madre:* Esta falta na edição *A*; e *lago* foi suprimido na edição *B*, mas existe em *A*.

(2)
É erro. *Mãy* falta em *A* e em *B*. Manuel Correia protestou contra a emenda, escrevendo *Da primeyra co terreno seyo* e acrescenta: «Assi fez Luis de Camões este verso, & não como anda impresso: da mãy primeyra co terreno seyo.» A ed. de Correia é de 1613.

(3)
E uma só vez *aposento* (X.87).

(4)
As modificações ortográficas não têm conto na ed. *B*: *abaixão,* por *abaxão* (VI.63); *agradeceo,* por *agardeceo* (VI.93); *baixo,* por *baxo* (VI.99); *embaixada,* por *embaxada* (VII.64); *embaixador,* por *embaxador* (VII.64); *abaixa,* por *abaxa* (VIII.11); *este,* por *estê* (VIII.54), etc.

(5)
Tito de Noronha, *A primeira edição dos Lusíadas.* Com quatro phototypias. Livraria Internacional de Ernesto Chardron – Editor. Porto e Braga, 1880.

(6)
O exemplar de que me servi pertenceu a Carolina Michaëlis de

Vasconcelos (exemplar n.º 63), está encadernado e não tem a capa da própria edição.

(7)
Eleutério Cerdeira, *Duas Grandes Fraudes Camonianas,* documentadas com ilustrações. Edição da Companhia Editora do Minho. Barcelos, 1946.

Notas (parte III)

(1)
No nosso texto, *exprimenta,* por causa da medida do verso

(2)
Em IV.52.8 devia estar *púbrico.*

(3)
Aliás, *tredores.*

OS LUSÍADAS

I

1 **A**S armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

2 E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

3 Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

4 E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mi um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandíloco e corrente,
Por que de vossas águas Febo ordene
Que não tenham enveja às de Hipocrene.

5 Dai-me ũa fúria grande e sonorosa,
E não de agreste avena ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.

6 E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade;
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,
Pera do mundo a Deus dar parte grande;

7 Vós, tenro e novo ramo florecente
De ũa árvore, de Cristo mais amada
Que nenhua nascida no Ocidente,
Cesárea ou Cristianíssima chamada
(Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a vitória já passada,
Na qual vos deu por armas e deixou
As que Ele pera si na Cruz tomou);

8 Vós, poderoso Rei, cujo alto Império
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro,
Vê-o também no meio do Hemisfério,
E quando dece o deixa derradeiro;
Vós, que esperamos jugo e vitupério
Do torpe Ismaelita cavaleiro,
Do Turco Oriental e do Gentio
Que inda bebe o licor do santo Rio:

9 Inclinai por um pouco a majestade
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que já se mostra qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno templo;
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis um novo exemplo
De amor dos pátrios feitos valerosos,
Em versos divulgado numerosos.

10 Vereis amor da pátria, não movido
De prémio vil, mas alto e quási eterno;
Que não é prémio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi: vereis o nome engrandecido
Daqueles de quem sois senhor superno,
E julgareis qual é mais excelente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

11 Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas
Que excedem as sonhadas, fabulosas,
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

12 Por estes vos darei um Nuno fero,
Que fez ao Rei e ao Reino tal serviço,
Um Egas e um Dom Fuas, que de Homero
A cítara par' eles só cobiço;
Pois polos Doze Pares dar-vos quero
Os Doze de Inglaterra e o seu Magriço;
Dou-vos também aquele ilustre Gama,
Que para si de Eneias toma a fama.

13 Pois se a troco de Carlos, Rei de França,
Ou de César, quereis igual memória,
Vede o primeiro Afonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha glória;
E aquele que a seu Reino a segurança
Deixou, com a grande e próspera vitória;
Outro Joane, invicto cavaleiro;
O quarto e quinto Afonsos e o terceiro.

14 Nem deixarão meus versos esquecidos
Aqueles que nos Reinos lá da Aurora
Se fizeram por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Um Pacheco fortíssimo e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora,
Albuquerque terríbil, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.

15 E, enquanto eu estes canto – e a vós não posso,
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto –,
Tomai as rédeas vós do Reino vosso:
Dareis matéria a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o peso grosso
(Que polo mundo todo faça espanto)
De exércitos e feitos singulares,
De África as terras e do Oriente os mares.

16 Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exício afigurado;
Só com vos ver, o bárbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado;
Tétis todo o cerúleo senhorio
Tem pera vós por dote aparelhado,
Que, afeiçoada ao gesto belo e tenro,
Deseja de comprar-vos pera genro.

17 Em vós se vêm, da Olímpica morada,
Dos dous avós as almas cá famosas;
Ũa, na paz angélica dourada,
Outra, pelas batalhas sanguinosas.
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memória e obras valerosas;
E lá vos têm lugar, no fim da idade,
No templo da suprema Eternidade.

18 Mas, enquanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Pera que estes meus versos vossos sejam,
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas, por que vejam
Que são vistos de vós no mar irado,
E costumai-vos já a ser invocado.

19 Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando;
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As marítimas águas consagradas,
Que do gado de Próteu são cortadas,

20 Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em consílio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente.
Pisando o cristalino Céu fermoso,
Vêm pela Via Láctea juntamente,
Convocados, da parte de Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

21 Deixam dos sete Céus o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado,
Alto poder, que só co pensamento
Governa o Céu, a Terra e o Mar irado.
Ali se acharam juntos num momento
Os que habitam o Arcturo congelado
E os que o Austro têm e as partes onde
A Aurora nasce e o claro Sol se esconde.

22 Estava o Padre ali, sublime e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
Num assento de estrelas cristalino,
Com gesto alto, severo e soberano;
Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornara um corpo humano;
Com ũa coroa e ceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

23 Em luzentes assentos, marchetados
De ouro e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros Deuses, todos assentados
Como a Razão e a Ordem concertavam
(Precedem os antigos, mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentavam);
Quando Júpiter alto, assi dizendo,
Cum tom de voz começa grave e horrendo:

24 **–** «Eternos moradores do luzente,
Estelífero Pólo e claro Assento:
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente
Como é dos Fados grandes certo intento
Que por ela se esqueçam os humanos
De Assírios, Persas, Gregos e Romanos.

25 «Já lhe foi (bem o vistes) concedido,
Cum poder tão singelo e tão pequeno,
Tomar ao Mouro forte e guarnecido
Toda a terra que rega o Tejo ameno.
Pois contra o Castelhano tão temido
Sempre alcançou favor do Céu sereno:
Assi que sempre, enfim, com fama e glória,
Teve os troféus pendentes da vitória.

26 «Deixo, Deuses, atrás a fama antiga,
Que co a gente de Rómulo alcançaram,
Quando com Viriato, na inimiga
Guerra Romana, tanto se afamaram;
Também deixo a memória que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Um por seu capitão, que, peregrino,
Fingiu na cerva espírito divino.

27 «Agora vedes bem que, cometendo
O duvidoso mar num lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
de Áfrico e Noto a força, a mais s' atreve:
Que, havendo tanto já que as partes vendo
Onde o dia é comprido e onde breve,
Inclinam seu propósito e perfia
A ver os berços onde nasce o dia.

28 «Prometido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei não pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar que vê do Sol a roxa entrada.
Nas águas têm passado o duro Inverno;
A gente vem perdida e trabalhada;
Já parece bem feito que lhe seja
Mostrada a nova terra que deseja.

29 «E porque, como vistes, têm passados
Na viagem tão ásperos perigos,
Tantos climas e céus exprimentados,
Tanto furor de ventos inimigos,
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa Africana como amigos;
E, tendo guarnecido a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota.»

30 Estas palavras Júpiter dizia,
Quando os Deuses, por ordem respondendo,
Na sentença um do outro diferia,
Razões diversas dando e recebendo.
O padre Baco ali não consentia
No que Júpiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente
Se lá passar a Lusitana gente.

31 Ouvido tinha aos Fados que viria
Ũa gente fortíssima de Espanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da Índia tudo quanto Dóris banha,
E com novas vitórias venceria
A fama antiga, ou sua ou fosse estranha.
Altamente lhe dói perder a glória
De que Nisa celebra inda a memória.

32 Vê que já teve o Indo sojugado
E nunca lhe tirou Fortuna ou caso
Por vencedor da Índia ser cantado
De quantos bebem a água de Parnaso.
Teme agora que seja sepultado
Seu tão célebre nome em negro vaso
D' água do esquecimento, se lá chegam
Os fortes Portugueses que navegam.

33 Sustentava contra ele Vénus bela,
Afeiçoada à gente Lusitana
Por quantas qualidades via nela
Da antiga, tão amada, sua Romana;
Nos fortes corações, na grande estrela
Que mostraram na terra Tingitana,
E na língua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a Latina.

34 Estas causas moviam Citereia,
E mais, porque das Parcas claro entende
Que há-de ser celebrada a clara Deia
Onde a gente belígera se estende.
Assi que, um, pela infâmia que arreceia,
E o outro, pelas honras que pretende,
Debatem, e na perfia permanecem;
A qualquer seus amigos favorecem.

35 Qual Austro fero ou Bóreas na espessura
De silvestre arvoredo abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura
Com impeto e braveza desmedida,
Brama toda montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto, levantado
Entre os Deuses, no Olimpo consagrado.

36 Mas Marte, que da Deusa sustentava
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia,
De antre os Deuses em pé se levantava:
Merencório no gesto parecia;
O forte escudo, ao colo pendurado,
Deitando pera trás, medonho e irado;

37 A viseira do elmo de diamante
Alevantando um pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer se pôs diante
De Júpiter, armado, forte e duro;
E dando ũa pancada penetrante
Co conto do bastão no sólio puro,
O Céu tremeu, e Apolo, de torvado,
Um pouco a luz perdeu, como enfiado;

38 E disse assi: – «Ó Padre, a cujo império
Tudo aquilo obedece que criaste:
Se esta gente que busca outro Hemisfério,
Cuja valia e obras tanto amaste,
Não queres que padeçam vitupério,
Como há já tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois és juiz direito,
Razões de quem parece que é suspeito.

39 «Que, se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fora que aqui Baco os sustentasse,
Pois que de Luso vêm, seu tão privado;
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque enfim vem de estâmago danado;
Que nunca tirará alheia enveja
O bem que outrem merece e o Céu deseja.

40 «E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada
Não tornes por detrás, pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercúrio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve e à seta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra onde se informe
Da Índia, e onde a gente se reforme.»

41 Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentiu
No que disse Mavorte valeroso
E néctar sobre todos esparziu.
Pelo caminho Lácteo glorioso
Logo cada um dos Deuses se partiu,
Fazendo seus reais acatamentos,
Pera os determinados apousentos.

42 Enquanto isto se passa na fermosa
Casa etérea do Olimpo omnipotente,
Cortava o mar a gente belicosa
Já lá da banda do Austro e do Oriente,
Entre a costa Etiópica e a famosa
Ilha de São Lourenço; e o Sol ardente
Queimava então os Deuses que Tifeu
Co temor grande em pexes converteu.

43 Tão brandamente os ventos os levavam
Como quem o Céu tinha por amigo;
Sereno o ar e os tempos se mostravam,
Sem nuvens, sem receio de perigo.
O promontório Prasso já passavam
Na costa de Etiópia, nome antigo,
Quando o mar, descobrindo, lhe mostrava
Novas ilhas, que em torno cerca e lava.

44 Vasco da Gama, o forte Capitão,
Que a tamanhas empresas se oferece,
De soberbo e de altivo coração,
A quem Fortuna sempre favorece,
Pêra se aqui deter não vê razão,
Que inabitada a terra lhe parece.
Por diante passar determinava,
Mas não lhe sucedeu como cuidava.

45 Eis aparecem logo em companhia
Uns pequenos batéis, que vêm daquela
Que mais chegada à terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela.
A gente se alvoroça e, de alegria,
Não sabe mais que olhar a causa dela.
– «Que gente será esta? » (em si diziam)
«Que costumes, que Lei, que Rei teriam?»

46 As embarcações eram na maneira
Mui veloces, estreitas e compridas;
As velas com que vêm eram de esteira,
Dũas folhas de palma, bem tecidas;
A gente da cor era verdadeira
Que Fáëton, nas terras acendidas,
Ao mundo deu, de ousado e não prudente
(O Pado o sabe e Lampetusa o sente).

47 De panos de algodão vinham vestidos,
De várias cores, brancos e listrados;
Uns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados;
Das cintas pêra cima vêm despidos;
Por armas têm adagas e tarçados;
Com toucas na cabeça; e, navegando,
Anafis sonorosos vão tocando.

48 Cos panos e cos braços acenavam
Às gentes Lusitanas, que esperassem;
Mas já as proas ligeiras se inclinavam,
Pera que junto às Ilhas amainassem.
A gente e marinheiros trabalhavam
Como se aqui os trabalhos s' acabassem:
Tomam velas, amaina-se a verga alta,
Da âncora o mar ferido em cima salta.

49 Não eram ancorados, quando a gente
Estranha polas cordas já subia.
No gesto ledos vêm, e humanamente
O Capitão sublime os recebia.
As mesas manda pôr em continente;
Do licor que Lieu prantado havia
Enchem vasos de vidro; e do que deitam
Os de Fáeton queimados nada enjeitam.

50 Comendo alegremente, perguntavam,
Pela Arábica língua, donde vinham,
Quem eram, de que terra, que buscavam,
Ou que partes do mar corrido tinham?
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas repostas que convinham:
– «Os Portugueses somos do Ocidente,
Imos buscando as terras do Oriente.

51 «Do mar temos corrido e navegado
Toda a parte do Antártico e Calisto,
Toda a costa Africana rodeado;
Diversos céus e terras temos visto;
Dum Rei potente somos, tão amado,
Tão querido de todos e benquisto,
Que não no largo mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Aqueronte.

52 «E, por mandado seu, buscando andamos
A terra Oriental que o Indo rega;
Por ele o mar remoto navegamos,
Que só dos feios focas se navega.
Mas já razão parece que saibamos
(Se entre vós a verdade não se nega),
Quem sois, que terra é esta que habitais,
Ou se tendes da Índia alguns sinais?»

53 – «Somos (um dos das Ilhas lhe tornou)
Estrangeiros na terra, Lei e nação;
Que os próprios são aqueles que criou
A Natura, sem Lei e sem Razão.
Nós temos a Lei certa que ensinou
O claro descendente de Abraão,
Que agora tem do mundo o senhorio;
A mãe Hebreia teve e o pai, Gentio.

54 «Esta Ilha pequena, que habitamos,
É em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos,
De Quíloa, de Mombaça e de Sofala;
E, por ser necessária, procuramos,
Como próprios da terra, de habitá-la;
E por que tudo enfim vos notifique,
Chama-se a pequena Ilha – Moçambique.

55 «E já que de tão longe navegais,
Buscando o Indo Idaspe e terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sàbiamente.
Também será bem feito que tenhais
Da terra algum refresco, e que o Regente
Que esta terra governa, que vos veja
E do mais necessário vos proveja.»

56 Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus batéis com toda a companhia;
Do Capitão e gente se apartou
Com mostras de devida cortesia.
Nisto Febo nas águas encerrou
Co carro de cristal, o claro dia,
Dando cargo à Irmã que alumiasse
O largo mundo, enquanto repousasse.

57 A noite se passou na lassa frota
Com estranha alegria e não cuidada,
Por acharem da terra tão remota
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer então consigo cuida e nota
Na gente e na maneira desusada,
E como os que na errada Seita creram,
Tanto por todo o mundo se estenderam.

58 Da Lũa os claros raios rutilavam
Polas argênteas ondas Neptuninas;
As Estrelas os Céus acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas;
Os furiosos ventos repousavam
Polas covas escuras peregrinas;
Porém da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

59 Mas, assi como a Aurora marchetada
Os fermosos cabelos espalhou
No Céu sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hiperiónio, que acordou,
Começa a embandeirar-se toda a armada
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas e alegria
O Regedor das Ilhas, que partia.

60 Partia, alegremente navegando,
A ver as naus ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando
Que são aquelas gentes inumanas
Que, os apousentos Cáspios habitando,
A conquistar as terras Asianas
Vieram e, por ordem do Destino,
O Império tomaram a Costantino.

61 Recebe o Capitão alegremente
O Mouro e toda sua companhia;
Dá-lhe de ricas peças um presente,
Que só pera este efeito já trazia;
Dá-lhe conserva doce e dá-lhe o ardente,
Não usado licor, que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come e bebe.

62 Está a gente marítima de Luso
Subida pela enxárcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo e uso
E a linguagem tão bárbara e enteada.
Também o Mouro astuto está confuso,
Olhando a cor, o trajo e a forte armada;
E, perguntando tudo, lhe dizia
Se porventura vinham de Turquia.

63 E mais lhe diz também que ver deseja
Os livros de sua Lei, preceito ou fé,
Pera ver se conforme à sua seja,
Ou se são dos de Cristo, como crê;
E por que tudo note e tudo veja,
Ao Capitão pedia que lhe dê
Mostra das fortes armas de que usavam
Quando cos inimigos pelejavam.

64 Responde o valeroso Capitão,
Por um que a língua escura bem sabia:
– «Dar-te-ei, Senhor ilustre, relação
De mi, da Lei, das armas que trazia.
Nem sou da terra, nem da geração
Das gentes enojosas de Turquia,
Mas sou da forte Europa belicosa;
Busco as terras da Índia tão famosa.

65 «A Lei tenho d' Aquele a cujo império
Obedece o visíbil e invisíbil,
Aquele que criou todo o Hemisfério,
Tudo o que sente e todo o insensíbil;
Que padeceu desonra e vitupério,
Sofrendo morte injusta e insofríbil,
E que do Céu à Terra enfim deceu,
Por subir os mortais da Terra ao Céu.

66 «Deste Deus-Homem, alto e infinito,
Os livros que tu pedes não trazia,
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tens dito,
Cumprido esse desejo te seria;
Como amigo as verás, porque eu me obrigo
Que nunca as queiras ver como inimigo.»

67 Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras:
Vêm arneses e peitos reluzentes,
Malhas finas e lâminas seguras,
Escudos de pinturas diferentes,
Pelouros, espingardas de aço puras,
Arcos e sagitíferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas.

68 As bombas vêm de fogo, e juntamente
As panelas sulfúreas, tão danosas;
Porém aos de Vulcano não consente
Que dêm fogo às bombardas temerosas;
Porque o generoso ânimo e valente,
Entre gentes tão poucas e medrosas,
Não mostra quanto pode; e com razão,
Que é fraqueza entre ovelhas ser lião.

69 Porém disto que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que viu com olho atento,
Um ódio certo na alma lhe ficou,
Ũa vontade má de pensamento;
Nas mostras e no gesto o não mostrou,
Mas, com risonho e ledo fingimento,
Tratá-los brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.

70 Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem pudesse à Índia ser levado;
Diz-lhe que o largo prémio levarão
Do trabalho que nisso for tomado.
Promete-lhos o Mouro, com tenção
De peito venenoso e tão danado
Que a morte, se pudesse, neste dia,
Em lugar de pilotos lhe daria.

71 Tamanho o ódio foi e a má vontade
Que aos estrangeiros súpito tomou,
Sabendo ser sequaces da Verdade
Que o filho de David nos ensinou!
Ó segredos daquela Eternidade
A quem juízo algum não alcançou:
Que nunca falte um pérfido inimigo
Àqueles de quem foste tanto amigo!

72 Partiu-se nisto, enfim, co a companhia,
Das naus o falso Mouro despedido,
Com enganosa e grande cortesia,
Com gesto ledo a todos e fingido.
Cortaram os batéis a curta via
Das águas de Neptuno; e, recebido
Na terra do obseqüente ajuntamento,
Se foi o Mouro ao cógnito apousento.

73 Do claro Assento etéreo, o grão Tebano,
Que da paternal coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento Lusitano
Ao Mouro ser molesto e avorrecido,
No pensamento cuida um falso engano,
Com que seja de todo destruído;
E, enquanto isto só na alma imaginava,
Consigo estas palavras praticava:

74 **–** «Está do Fado já determinado
Que tamanhas vitórias, tão famosas,
Hajam os Portugueses alcançado
Das Indianas gentes belicosas;
E eu só, filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hei-de sofrer que o Fado favoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça?

75 «Já quiseram os Deuses que tivesse
O filho de Filipo nesta parte
Tanto poder que tudo sometesse
Debaixo do seu jugo o fero Marte;
Mas há-se de sofrer que o Fado desse
A tão poucos tamanho esforço e arte,
Qu' eu, co grão Macedónio e Romano,
Dêmos lugar ao nome Lusitano?

76 «Não será assi, porque, antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado
Que nunca veja as partes do Oriente.
Eu decerei à Terra e o indignado
Peito revolverei da Maura gente;
Porque sempre por via irá direita
Quem do oportuno tempo se aproveita.»

77 Isto dizendo, irado e quási insano,
Sobre a terra Africana descendeu,
Onde, vestindo a forma e gesto humano,
Pera o Prasso sabido se moveu.
E, por milhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteu
Dum Mouro, em Moçambique conhecido,
Velho, sábio, e co Xeque mui valido.

78 E, entrando assi a falar-lhe, a tempo e horas,
A sua falsidade acomodadas,
Lhe diz como eram gentes roubadoras
Estas que ora de novo são chegadas;
Que das nações na costa moradoras,
Correndo a fama veio que roubadas
Foram por estes homens que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam.

79 – «E sabe mais (lhe diz), como entendido
Tenho destes Cristãos sanguinolentos,
Que quási todo o mar têm destruído
Com roubos, com incêndios violentos;
E trazem já de longe engano urdido
Contra nós; e que todos seus intentos
São pera nos matarem e roubarem,
E mulheres e filhos cativarem.

80 «E também sei que tem determinado
De vir por água a terra, muito cedo,
O Capitão, dos seus acompanhado,
Que da tenção danada nasce o medo.
Tu deves de ir também cos teus armado
Esperá-lo em cilada, oculto e quedo;
Porque, saindo a gente descuidada,
Caïrão facilmente na cilada.

81 «E se inda não ficarem deste jeito
Destruídos ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito
Outra manha e ardil que te contente:
Manda-lhe dar piloto que de jeito
Seja astuto no engano, e tão prudente
Que os leve aonde sejam destruídos,
Desbaratados, mortos ou perdidos.»

82 Tanto que estas palavras acabou
O Mouro, nos tais casos sábio e velho,
Os braços pelo colo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho;
E logo nesse instante concertou
Pera a guerra o belígero aparelho,
Pera que ao Português se lhe tornasse
Em roxo sangue a água que buscasse.

83 E busca mais, pera o cuidado engano,
Mouro que por piloto à nau lhe mande,
Sagaz, astuto e sábio em todo o dano,
De quem fiar se possa um feito grande.
Diz-lhe que, acompanhando o Lusitano,
Por tais costas e mares co ele ande,
Que, se daqui escapar, que lá diante
Vá cair onde nunca se alevante.

84 Já o raio Apolíneo visitava
Os Montes Nabateios acendido,
Quando Gama cos seus determinava
De vir por água a terra apercebido.
A gente nos batéis se concertava
Como se fosse o engano já sabido;
Mas pôde suspeitar-se fàcilmente,
Que o coração pres[s]ago nunca mente.

85 E mais também mandado tinha a terra,
De antes, pelo piloto necessário,
E foi-lhe respondido em som de guerra,
Caso do que cuidava mui contrário.
Por isto, e porque sabe quanto erra
Quem se crê de seu pérfido adversário,
Apercebido vai como podia
Em três batéis sòmente que trazia.

86 Mas os Mouros, que andavam pela praia
Por lhe defender a água desejada,
Um de escudo embraçado e de azagaia,
Outro de arco encurvado e seta ervada,
Esperam que a guerreira gente saia,
Outros muitos já postos em cilada;
E, por que o caso leve se lhe faça,
Põem uns poucos diante por negaça.

87 Andam pela ribeira alva, arenosa,
Os belicosos Mouros acenando
Com a adarga e co a hástea perigosa,
Os fortes Portugueses incitando.
Não sofre muito a gente generosa
Andar-lhe os Cães os dentes amostrando;
Qualquer em terra salta, tão ligeiro,
Que nenhum dizer pode que é primeiro:

88 Qual no corro sanguino o ledo amante,
Vendo a fermosa dama desejada,
O touro busca e, pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena e brada,
Mas o animal atroce, nesse instante,
Com a fronte cornígera inclinada,
Bramando, duro corre e os olhos cerra,
Derriba, fere e mata e põe por terra.

89 Eis nos batéis o fogo se levanta
Na furiosa e dura artelharia;
A plúmbea péla mata, o brado espanta;
Ferido, o ar retumba e assovia.
O coração dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhe resfria.
Já foge o escondido, de medroso,
E morre o descoberto aventuroso.

90 Não se contenta a gente Portuguesa,
Mas, seguindo a vitória, estrui e mata;
A povoação sem muro e sem defesa
Esbombardeia, acende e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe pesa,
Que bem cuidou comprá-la mais barata;
Já blasfema da guerra, e maldizia,
O velho inerte e a mãe que o filho cria.

91 Fugindo, a seta o Mouro vai tirando
Sem força, de covarde e de apressado,
A pedra, o pau e o canto arremessando;
Dá-lhe armas o furor desatinado.
Já a Ilha, e todo o mais, desamparando,
À terra firme foge amedrontado;
Passa e corta do mar o estreito braço
Que a Ilha em torno cerca em pouco espaço.

92 Uns vão nas almadias carregadas,
Um corta o mar a nado, diligente;
Quem se afoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar e o deita juntamente.
Arrombam as miúdas bombardadas
Os pangaios sutis da bruta gente.
Destarte o Português, enfim, castiga
A vil malícia, pérfida, inimiga.

93 Tornam vitoriosos pera a armada,
Co despojo da guerra e rica presa,
E vão a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistência nem defesa.
Ficava a Maura gente magoada,
No ódio antigo mais que nunca acesa;
E, vendo sem vingança tanto dano,
Sòmente estriba no segundo engano.

94 Pazes cometer manda, arrependido,
O Regedor daquela inica terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido
Que em figura de paz lhe manda guerra;
Porque o piloto falso prometido,
Que toda a má tenção no peito encerra,
Pera os guiar à morte lhe mandava,
Como em sinal das pazes que tratava.

95 O Capitão, que já lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado e ventos tinha
Pera ir buscar o Indo desejado,
Recebendo o piloto que lhe vinha,
Foi dele alegremente agasalhado,
E respondendo ao mensageiro, a tento,
As velas manda dar ao largo vento.

96 Destarte despedida, a forte armada
As ondas de Anfitrite dividia,
Das filhas de Nereu acompanhada,
Fiel, alegre e doce companhia.
O Capitão, que não cala em nada
Do enganoso ardil que o Mouro urdia,
Dele mui largamente se informava
Da Índia toda e costas que passava.

97 Mas o Mouro, instruído nos enganos
Que o malévolo Baco lhe ensinara,
De morte ou cativeiro novos danos,
Antes que à Índia chegue, lhe prepara.
Dando razão dos portos Indianos,
Também tudo o que pede lhe declara,
Que, havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

98 E diz-lhe mais, co falso pensamento
Com que Sínon os Frígios enganou,
Que perto está ũa Ilha, cujo assento
Povo antigo Cristão sempre habitou.
O Capitão, que a tudo estava atento,
Tanto co estas novas se alegrou
Que com dádivas grandes lhe rogava
Que o leve à terra onde esta gente estava.

99 O mesmo o falso Mouro determina
Que o seguro Cristão lhe manda e pede;
Que a Ilha é possuída da malina
Gente que segue o torpe Mahamede.
Aqui o engano e morte lhe imagina,
Porque em poder e forças muito excede
À Moçambique esta Ilha, que se chama
Quíloa, mui conhecida pola fama.

100 Pera lá se inclinava a leda frota;
Mas a Deusa em Citere celebrada,
Vendo como deixava a certa rota
Por ir buscar a morte não cuidada,
Não consente que em terra tão remota
Se perca a gente dela tanto amada,
E com ventos contrairos a desvia
Donde o piloto falso a leva e guia.

101 Mas o malvado Mouro, não podendo
Tal determinação levar avante,
Outra maldade inica cometendo,
Ainda em seu propósito constante,
Lhe diz que, pois as águas, discorrendo,
Os levaram por força por diante,
Que outra Ilha tem perto, cuja gente
Eram Cristãos com Mouros juntamente.

102 Também nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento, enfim, levava;
Que aqui gente de Cristo não havia,
Mas a que a Mahamede celebrava.
O Capitão, que em tudo o Mouro cria,
Virando as velas, a Ilha demandava;
Mas, não querendo a Deusa guardadora,
Não entra pela barra, e surge fora.

103 Estava a Ilha à terra tão chegada
Que um estreito pequeno a dividia;
Ũa cidade nela situada,
Que na fronte do mar aparecia,
De nobres edifícios fabricada,
Como por fora, ao longe, descobria,
Regida por um Rei de antiga idade:
Mombaça é o nome da Ilha e da cidade.

104 E sendo a ela o Capitão chegado,
Estranhamente ledo, porque espera
De poder ver o povo baptizado,
Como o falso piloto lhe dissera,
Eis vêm batéis da terra com recado
Do Rei, que já sabia a gente que era;
Que Baco muito de antes o avisara,
Na forma doutro Mouro, que tomara.

105 O recado que trazem é de amigos,
Mas debaxo o veneno vem coberto,
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Ó grandes e gravíssimos perigos,
Ó caminho de vida nunca certo,
Que aonde a gente põe sua esperança
Tenha a vida tão pouca segurança!

106 No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade avorrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?

NOTAS

1.1
"As armas e os barões assinalados": desde o primeiro verso o Poeta revela o seu grande inspirador, Virgílio: "arma virumque cano..." (hendíadis).
Camões rejeitou o emprego pouco expressivo da forma correspondente a *vir* e adoptou 'barão' (já usado na Idade Média – *barom* e *varom* – no sentido de vir). 'Barões' não foi escolhido apenas para designar o indivíduo do sexo masculino, mas homem ilustre e esforçado (título nobiliárquico, provavelmente do germ. *Baro*: 'homem livre, apto para a luta', aparentado com o escand. ant. *beriask*: 'pelejar' segundo Corominas, s. v. 'Barón'). Camões aplicou o termo mesmo a S. Tomé, 'barão sagrado' (X.108.7). No poema a forma 'barão' alterna com 'varão', embora esta seja usada com menos frequência (v. VI.37.4, IX.91.3 e X.7.2). ED escreveu sempre 'barão' na sua ed. de *Os Lusíadas*. Gaspar Barreiros, na sua *Chorographia*, fl. 197 v.º, escreve: "Nicolao Leoniceno, doctissimo *baram*" e "Nunca fama de *baram* illustre, por mais celebrado que fosse, teve tal fortuna (Hércules)".

1.2
"Que da ocidental *praia lusitana*": isto é, de Portugal. O emprego 'ocidental' reforça a situação geográfica de 'praia lusitana'. Camões chama aos Portugueses 'Lusitanos' (e, frequentemente, 'os de Luso'). A que época remonta o uso deste etnónimo? TB, na obra *Camões, a Obra Lírica e Épica,* p. 401, citando Herculano, Hist. de Portugal, t. I, 10, lembra o discurso latino recitado pelo bispo D. Garcia de Meneses em 1481 diante de Sisto IV (e do célebre humanista Pompónio Leto). Luís Anriques, poeta do *Cancioneiro Geral,* na sua "Lamentação à morte del rei D. João" (II) (*GG,* III, 65-68), emprega *Lusitânia* e *lusitanos*. Mas muito antes, no chamada *Crónica de Cinco Reis* (de 1419), escreveu-se no cap. xv: "... e quando o prior de S.ta Cruz a que chamavao D. Theotonio ... vio que lhe tomaraõ aquelle lugar que lhe elrei D. A.º avia dado ouve em grande pesar & se partio do m ro [mosteiro] e foisse as terras de Lusitania que os

mouros possuiaõ e andou tanto ateesque filhou arrõches." [Duarte Galvão, que copiou este (e outros capítulos), substituiu 'Lusitânia' por 'Alentejo'.] Sobre a origem de 'Lusitânia' v. VIII.2.7-8.
Ort.: valeroso (por valoroso).

1.3

"Por mares nunca de antes navegados": cf. I.27.3: 'Por vias nunca usadas'; II.45.8: 'Novos mundos ao mundo irão mostrando'; V.4.1-2: 'Assi fomos abrindo aqueles mares / que geração algũa não abriu'; V.37.3: 'cortando / os mares nunca d'outrem navegados'; V.41.8: 'Nunca arados d'estranho ou próprio lenho'; V.66.3: 'No largo mar fazendo novas vias'; VII.25.5-6: 'Abrindo, lhe responde, o mar profundo, / Por onde nunca veio gente humana'; VII.30.7: 'Por mares nunca d'outro lenho arados'; VIII.4.6: 'Despois de ter tão largo mar arado'; IX.86.5-7. 'Para lhe descobrir da unida Esfera / Da terra imensa e mar não navegado / Os segredos ...'; X.138.3: 'Abrindo a porta ao vasto mar patente'. A grandeza do feito está evidenciada nesta ideia mestra, tão insistentemente repetida.

1.4-7

"Passaram ainda além da *Taprobana*" (por *Tapróbana*): identificada com a ilha de Ceilão (v. X.107.4 e X.51.1). Barros, na *3.ª Década,* liv. II, enuncia assim o seu cap. I: *Em que se descreve o sitio & cousas da ilha Ceilão a que os antigos chamão Taprobana*; "E entre gente remota edificaram": sobre a conservação da copulativa inicial no v. 7 ('E entre gente'), e não no v. 5 ('Em perigos'), v. JMR, em BCL, vol. XIII, pp. 724 a 728.

2.3-7

"... e as terras viciosas": terras corrompidas (na fé). O sentido esclarece-se pelos vv. de VII.17.6-7: "... alguns o vicioso / Mahoma..."; "De África e de Ásia andaram *devastando*": assolando, destruindo, arruinando; "Se vão da *lei da morte* libertando": da lei do esquecimento; "... espalharei *por toda parte*": Camões emprega indiferentemente 'por toda parte' e 'por toda a parte'. Usa 'toda parte' em I.2.7, em IV.15.4, em IV.25.7, em IV.84.8, em VIII.89.3 e em X.67.3; e 'toda a parte' em I.51.2, em II.37.7, em III.51.6, em III.79.8, em IX.77.6 e em X.67.3. Em X.78.7 diz por duas vezes: "Por toda a parte tem, e em toda a parte [Começa e acaba ...]".

3.1

"Cessem do *sábio* grego e do *Troiano*": o *sábio grego* é Ulisses, cujo longo e aventuroso regresso a Ítaca faz o assunto da Odisseia. Na *Ilíada* e na *Odisseia*, além de 'divino' e 'dilecto de Zeus', Ulisses é, sobretudo, o 'prudentíssimo' e o 'ardiloso'. Para Camões será, sobretudo (como em Ovídio, *M,* XIII.92), o 'facundo' (II.45.1, V.86.3-4 e VIII.5.1-2), em virtude da actividade diplomática do rei de Ítaca, de que dá conta a *Ilíada*. Em X.24, porém, Camões toma o partido de Aiace (Ajax) e fala na 'língua vã' e 'fraudulenta' de Ulisses (v. comentário a esta estância, vv. 3-4). O *Troiano* é Eneias, cujas navegações foram cantadas por Virgílio na *Eneida*. Apesar de se tratar de 'fábulas vãs, tão bem sonhadas' (V.89.6), Camões pergunta ao rei de Melinde: "Crês tu que tanto Eneias e o facundo Ulisses pelo mundo se estendessem?" (V.86.3-4), tornando reais estas fabulosas viagens.

3.3

"Cale-se de *Alexandro* e de *Trajano*": Alexandre Magno, rei da Macedónia (356-323 a. C.), falecido em Babilónia. Grande figura de cabo de guerra, de político e de chefe civilizador. Derrotou Dario e chegou ao oceano Índico. Já antes de 1470 o cronista Zurara estabelecia o confronto das conquistas e navegações portuguesas com as de Alexandre e as de César: "Por certo eu dovido", diz o autor, "se despois do grande poderyo de Alexandre e de César foe algum principe no mundo que tan longe de sua terra mandasse poer os malhões de sua conquista!" (cap. 63.º); "e nom sey se Alexandre, que foe hum dos monarcas do mundo, bebeo em seus dyas augua que de tam longe lhe fosse trazida" (cap. 65.º). Neste poema, em VIII.12.1, Alexandre é associado a César.

Trajano (Marcus Ulpius Trajanus Crinitus), imperador romano (52-117). Comandou as legiões da Baixa Germânia, combateu os Dácios (no Baixo Danúbio), criou uma província de Arábia e empreendeu uma expedição contra os Partas, povo cita. Perseguiu os Cristãos. Luís Anriques, a propósito da morte de D. João II, escreveu no *CG:*

> *Em sua bondade trespassa Trajano,*
> *& outro Alexandre ẽ grande frãqueza*

(Ed. *GG,* III, p. 68)

Ort.: Camões emprega a forma 'Alexandro' em I.3.3, V.93.2, V.95.2, V.96.7 e X.156.7 e 'Alexandre' em VIII.12.1 e X.48.1.

3.5-7

"... o *peito* ilustre Lusitano": a palavra *peito* é empregada pelo Poeta noventa e sete vezes (v. IAVL, s. v.) e em sete sentidos diferentes. (*Dicionário dos Lusíadas,* por Afrânio Peixoto & Pedro A. Pinto, 1924). Neste lugar está por *valor, coragem*: o valor, a coragem dos Portugueses; "A quem *Neptuno* e *Marte* obedeceram": *Neptuno* (*Posídon*, na mitologia grega), filho de *Cronos* (*Saturno*) e de *Réia* (ou *Cíbele*), deus do elemento húmido e, mais restritamente, do mar. Irmão de *Zeus*; *Marte*, deus romano (identificado com o deus *Ares* helénico, que tem como principal atributo a guerra). Era filho de *Zeus* e de *Hera*. V. I.36.1; "*Cesse* tudo o que a *Musa* antiga canta": *Cesse*, com o sentido do v. 1: cessem. MC e FS em seus comentários evocam estes dois versos de Propércio (lib. 2, eleg. 33) como possível fonte do Poeta: "Cedite Romani Scriptores, cedite Grai! / Nescio quid maius nascitur *Iliade*", que MC traduz desta forma: «Estem (=estejam) de parte os escriptores Latinos & Gregos, que agora novamẽte sae a luz, hum não sei quê, maior que a *Iliada* de Homero"; *Musa antiga,* a poesia dos Gregos e Romanos.
Ort.: *Antigua* (*gu=g*).

4.1

"E vós, *Tágides* minhas ...": *Tágides* são as 'ninfas' ou 'filhas' do Tejo, a quem o Poeta solicitará a 'fúria', isto é, a inspiração poética e às quais associará em VII.78.3 as 'filhas do Mondego'. Não deve estranhar-se esta associação, visto que D. Dinis

> *... de Helicona (Hélicon) as Musas fez passar-se*
> *A pisar do Mondego a fértil erva*
>
> (III.917.3-4)

No entanto, a partir de III.1.1 o Poeta invoca também *Calíope*, (no início da grande narrativa ao rei de Melinde) e será a 'minha Calíope' (X.8.5), mais ainda a 'gram Rainha / das Musas' (X.9.7-8), como poderia ter dito Hesíodo ou Virgílio. Esta será associada às 'filhas do Tejo' (V.99.6-7) e sem esquecer o suserano das *nove Musas* clássicas, *Febo* ou *Apolo*. Em VII.87.5 pede a *Apolo* e às *Musas* que o

acompanharam (a ele, Poeta) que lhe dobrem a 'fúria' concedida. A criação da palavra 'Tágides' foi vindimada por André de Resende numa anotação (liv. II, v. 195, nota 48, p. 79) ao seu poema *Vincentius* (1545). O carme sobre a morte de D. Beatriz de Sabóia, em que o Poeta pela primeira vez teria usado aquele vocábulo, ou se perdeu ou é desconhecido. (CMV, *O Instituto,* vol. 52.º, 1905, pp. 241-250.)

4.5-7

"Dai-me agora um *som* alto e sublimado": dai-me ... uma voz que atinja o sublime; "Um estilo *grandíloco* e *corrente*": um estilo elevado, mas fluente; "Por que de vossas águas *Febo* ordene": para que *Febo* (epíteto de *Apolo*) ordene a respeito de vossas águas (sintaxe latina, mas vigorosa em nossos clássicos).
Ort.: *grandíloco*, única grafia utilizada pelo Poeta.

4.8

"Que não tenham enveja às de *Hipocrene*": *Hipocrene* é etimològicamente a *Fonte Cabalina* ou a *Fonte do Cavalo.* Camões chamou-lhe *Fonte Cabalina* na égloga IV e *águas cabalinas* no soneto 153. *Hipocrene* é uma das nascentes (a mais celebrada pelos poetas) que brotam na "grande e divina montanha", o *Hélicon* (Hesíodo) (v. "Prelúdio" da *Teogonia*), nos confins da Fócida e da Beócia, entre o lago Cópais e o golfo de Corinto. O cavalo 'Pégaso' feriu a rocha com o casco e assim brotou a fonte. Outra nascente do *Hélicon* é *Aganipe*, citada por Camões (III.2.4). A escolha das 'musas heliconianas' por Hesíodo justifica-se porque este, nascido em Ascra, vivia perto do *Hélicon* e do *vale das Musas.* Camões refere ainda outras moradas de *Apolo* e das *Musas*: o *Pindo* (cadeia de montanhas que separa o Epiro da Tessália) (III.2.5) e o *Parnaso*, monte da Fócida, perto de Delfos, sede de um importante santuário consagrado a *Apolo*, onde brotava a água da fonte *Castália* (I.32.4).
Ort.: *enveja* (por *inveja*).

5.1

"Dai-me ũa *fúria* grande e *sonorosa*": dai-me um entusiasmo criador; *sonoroso* (de *sonoro+oso*), ressonante, fragorosa (mais usada por Camões do que *sonoro*). Os comentadores, desde MC, comparam a *fúria* ao *furor* latino e citam vários exemplos, como este, de Cícero: "Poetam bonum neminem ... existere posse sine quodam afflatu quasi furoris", *De Or.* 2.194. No entanto, a palavra foi estranhada, no

tempo de Camões. Entre os epigramas de Pero de Andrade Caminha encontra-se este:

Dizes que o bom Poeta á de ter furia;
Se nom á de ter mais, és bom Poeta.
Mas se o Poeta á de ter mais que fúria,
Tu nom tens mais que furia de Poeta.

(CXLV)
(*Poezias* ..., Lisboa, MDCCXCI)

5.2

"E não de *agreste avena* ou *frauta ruda*" (a mesma ideia expressa por palavras diferentes: *avena* e *frauta*). Estilo humilde e simples (o das églogas). Esta ideia já foi expressa em o "verso humilde" do v. 3 da estância anterior. A palavra *avena* foi provàvelmente tirada de Virgílio; cf. o suposto início da *Eneida*: "Ille ego qui quondam gracili modulatus avena / carmen ..."; *Frauta ruda,* flauta rústica.
Ort.: Camões só conheceu a forma *frauta.*

5.3-5

"Mas de *tuba canora e belicosa*": *tuba*, trombeta; *canora* (de *canora* < *canor*) harmoniosa, melodiosa; *belicosa* (de *bellicosus* < *bellicus*) guerreira; "Que o *peito* acende e a cor ao *gesto* muda": *peito*, como em I.3.5: valor, coragem; *gesto*, muito frequente em Camões no sentido geral de fisionomia, feições e, às vezes, modo; "Dai-me *igual canto* aos feitos da famosa": *igual canto,* "à altura de" (1. *par*).

5.6-7

"Gente vossa, *que a Marte tanto ajuda*": esta é a sintaxe da edição *princeps*. No entanto, o primeiro comentador, MC, alterou o sentido do verso só com alterar o lugar da preposição *a*: "... a que Marte tanto ajuda", mas não comentou nem lhe fez qualquer referência. FS voltou à forma da edição *princeps*. Os modernos comentadores têm mantido a forma da edição *princeps*, com excepção de MR, que seguiu MC. Não nos parece que ED tenha razão quando diz que *ajudar* na edição *princeps* tem o sentido de 'glorificar'. Pode entender-se que a

gente portuguesa, *belicosa*, favorece Marte com as suas empresas; "Que se espalhe e se cante no universo": sujeito, *a fama da gente vossa*.

6.1-2

"E vós, ó bem nascida segurança / Da Lusitana antiga liberdade": começa a dedicatória a D. Sebastião, nascido em Lisboa a 20 de Janeiro de 1554, pouco depois de Camões ter chegado à Índia. Toda a dedicatória foi redigida na menoridade do rei, como se verifica em I.7: *Vós, tenro e novo ramo florescente*; em I.9: *Que nesse tenro gesto vos contemplo*; em I.16: *Que, afeiçoada ao gesto belo e tenro*.

6.6-7

"*Maravilha fatal* ...": prodígio fixado pelo destino (*fatum*); "Dada ao mundo por Deus, *que todo o mande*": a oração 'que todo o mande' não tem explicação segura, apesar dos esforços dos intérpretes. Se lermos *dada* (a maravilha fatal) *ao mundo por Deus / Pera do mundo a Deus dar parte grande* não há dificuldade nenhuma. Parece-nos, pois, 'que todo o mande' depende de *Deus*, e não de *maravilha*, como um anseio de que *Deus* (o Deus católico, a Igreja) mande *todo* (o mundo).

7.1

"Vós, *tenro* e novo ramo florecente": *tenro* – juvenil.
Ort.: *florecente* (por *florescente*). Camões nunca escreveu de outra maneira.

7.4

"*Cesárea* ou *Cristianíssima* chamada": árvore (ou família) *cesárea*, a que fundou o Segundo Império do Ocidente (Carlos Magno), tornado Santo Império Romano-Germânico, de que foi fundador Oto I, *o Grande* († em 973), e durou até 1806 (com Francisco II, imperador germânico, depois Francisco I, imperador da Áustria); *cristianíssima*: *Le roi Très Chrétien* ou *Sa Majesté Très Chrétienne,* título usado pelos reis de França em alguns actos pontifícios do século XIV e atribuído a estes príncipes exclusivamente a partir de meados do século XV.

7.5-8

"Vede-o no vosso escudo ...": v. título do capítulo XV da *Crónica de D. Afonso Henriques,* de Duarte Galvão: "Como Nosso Senhor apareceu aquela noite [véspera da batalha] ao príncipe D. Afonso

Henriques posto na cruz como padeceu por nós". Sobre este assunto v. III.53-54.

8.5-8

"Vós, que *esperamos jugo e vitupério*": v. ED, *SHP* (ed. de 1933, p. 45): "Alguns verbos podem construir-se com um nome predicativo do complemento directo, em vez de terem ligada a si uma oração substantiva de *ser* ou *estar*": "Vós, que esperamos (que sejais) jugo e vitupério"; "Do torpe *Ismaelita* ...": dos Árabes, descendentes de Ismael; "Que ainda bebe o licor do santo rio": aqui *licor* (do 1. *liquor, oris*) significa *água* – a água do rio Ganges, grande rio da Índia, que desce do Himalaia e desagua no golfo de Bengala. É um rio sagrado, onde se banham os peregrinos.
Ort.: *dece* (por *desce*).

9.3-8

"Que já se mostra qual na *inteira idade*": inteira idade (1. *integra aetate*) significa na força da vida; "Em versos divulgado *numerosos*": ritmados, cadenciados.

10.6

"... senhor *superno*": superior, colocado no alto (latinismo).

11.7-8

"Que excedem *Rodamonte* e o vão *Rugeiro* / E *Orlando*, ainda que fora verdadeiro": personagens do *Orlando Furioso,* de Ariosto.

12.1-7

"Por estes ...": "*um Nuno fero*", D. Nuno Álvares Pereira; "*um Egas,* Egas Moniz, aio de D. Afonso Henriques; "*um Dom Fuas*", D. Fuas Roupinho, figura meio lendária do nosso século XII. Desbaratou os Mouros na terra e no mar, até que foi deles vencido nas águas de Ceuta. Venceu os Mouros em Porto de Mós, de que tinha o castelo D. Fuas, aos 22 de Maio de 1180; derrotou os Mouros numa batalha naval no cabo Espichel em 15 de Julho do ano citado. A derrota de D. Fuas em Ceuta, depois de ter aí alcançado alguns êxitos, foi em 17 de Outubro do mesmo ano (mas Frei A. Brandão diz 1182). A fonte destas notícias é a *Crónica de D. Afonso Henriques,* de Duarte Galvão. Camões volta a falar de D. Fuas em VIII.16-17; "*Doze Pares*" segundo a *Chanson de Roland,* os *Doze Pares* foram: Roland,

Olivier, Samson, Anséis, Gérin, Gérier, Bérenger, Othon, Girard de Roussillon, Ivon, Ivoire, Engelier; "*os doze de Inglaterra* e *o seu Magriço*": doze, incluindo o Magriço; "*o ilustre Gama*" – o descobridor da Índia.

13.1-7

"Pois se a troco de *Carlos*, Rei de França": *Carlos*, Carlos Magno, imperador do Ocidente (800-814); "*César*", Júlio César (101-44), conquistador das Gálias (59-51), assassinado no meio do Senado, aos idos de Março. Recorda-se a sua frase para um dos mais activos dos conjurados, seu filho adoptivo, Bruto: "*Tu quoque, fili!*"; "*aquele que a seu Reino a segurança / Deixou* ...": D. João I, vencedor de Aljubarrota; "Outro *Joane* ...": D. João II.

14.4-7

"*Vossa bandeira* sempre vencedora": (e fizeram) vencedora vossa bandeira; 'vencedora', nome predicativo de 'bandeira'; "*um Pacheco fortíssimo*", Duarte Pacheco Pereira (v. X.12-25); "*os Almeidas*", D. Francisco de Almeida e seu filho D. Lourenço de Almeida (v. X.26-38); "*Albuquerque terríbil*", Afonso de Albuquerque (v. X.40-49); "*Castro forte*", D. João de Castro (v. X.67-72). *Terríbil* é latinismo.

16.1-2

"Em vós os olhos tem o Mouro *frio*": *frio* (de medo) por ver afigurado em D. Sebastião seu *exício*, isto é, a sua ruína (latinismo).

16.5-8

"Tétis todo o *cerúleo senhorio*": *Tétis*, filha do *Céu* e da *Terra*, esposa do *Oceano*, reserva em dote a D. Sebastião "todo o *cerúleo* (=da cor do céu) senhorio" porque "deseja comprá-lo para genro". Imitação do verso de Virgílio: "teque sibi generum Tethys emat omnibus undis» (porventura Tétis, pelo preço das suas ondas, pagará a honra de te ter por genro) (*G*, I.31).
MC foi o primeiro a indicar a fonte virgiliana.

17.1-2

"*Olímpica morada* ...": *olímpica*, de Olimpo, montanha entre a Macedónia e a Tessália, residência dos deuses; "Dos dous avós ...": D. João III, pai do príncipe D. João, e Carlos V, pai da princesa D. Joana.

18.5-6
"... o salso *argento*": argento, latinismo que significa prata; "Os vossos *Argonautas* ...": o Poeta evoca os conquistadores do *Velo de Oiro,* na Cólquida, a bordo do navio *Argo*. Apolónio Ródio e Valério Flacco escreveram poemas sobre este assunto: *Argonáutica*.

19.1-8
"Já no largo Oceano navegavam": princípio da narração; "Que do gado de *Próteu são cortadas*": *Proteu* é, na *Odisseia*, um deus do mar, que tem o especial encargo de fazer pastar os rebanhos de focas e outros animais marinhos pertencentes a *Posídon* (v. VI.20.5-6). Proteu possuía o dom profético (v. VI.36.1-4). Tinha o poder de se metamorfosear em todas as formas que desejasse (v. VII.85.4).
Acent.: o acento em *Próteu* é exigência métrica.

20.7-8
"Convocados, da parte de *Tonante*": *Tonante*, epíteto dado a *Júpiter* como deus das trovoadas; "Pelo neto gentil do velho *Atlante*": neto do velho *Atlante*, ou *Atlas*, era *Mercúrio*, filho de *Júpiter* e de *Maia*, a mais nova das *Plêiades*. Estas eram filhas de *Atlas*, o Gigante, e de *Plêione*; esta, por seu turno, filha do *Oceano* e de *Tétis*. *Mercúrio* era um mensageiro de *Júpiter*.

21.1-8
"Deixam dos *sete Céus* o regimento": os *sete Céus* são as sete esferas planetárias do sistema de Ptolemeu; "Os que habitam o *Arcturo* congelado": o *Arcturo* é a estrela mais brilhante da constelação do *Boieiro* ou *Bootes*. Foi considerada por vezes como fazendo parte da Ursa Maior e *Arcturo* significa literalmente *guarda da ursa*; "E os que o *Austro* têm ...": os que moram no Sul; "... e as partes onde / A Aurora nasce e o claro Sol se esconde": vieram, portanto, os deuses do Norte, do Sul, do Leste e do Oeste ao concílio.

22.1-2
"Estava o *Padre* ...": Júpiter; "Que vibra os feros raios de Vulcano": Vulcano, filho de *Júpiter* e de *Juno*, era o deus do fogo e fabricava os raios para seu pai.
Ort.: *dino* (por *digno*).

23.2
Ort.: *perlas* (por *pérolas*).

24.2
"Estelífero *Pólo* e *claro Assento*": *Pólo*, céu (l. *polus*); *claro Assento*: brilhante morada; "De *Luso* ...": *Júpiter* afirma a descendência dos Portugueses. *Estelífero*, estrelado (latinismo).

24.6
"Como é dos Fados *grandes* ...": *grandes* em poder.

25.8
"Teve os *troféus* pendentes da vitória": teve pendentes os troféus da vitória; *troféu* era propriamente o tronco de árvore do qual se dependuravam as armas dos vencidos.

26.2-4
"Que co a gente de Rómulo alcançaram": *gente de Rómulo,* os Romanos; o sujeito de *alcançaram* é a forte gente de Luso (os Lusitanos); "Quando com *Viriato*, ...": *Viriato* (v. VIII.5.6-7 e VIII.6.2-6), pastor lusitano, que acaudilhou os guerrilheiros lusitanos, infligindo grandes perdas aos Romanos. Quinto Servílio Cipião, em vez de aliança e amizade, preferiu comprar três amigos de Viriato, que o assassinaram à traição (139).

26.6-8
"... quando alevantaram / Um por seu capitão, que, peregrino, / *Fingiu na cerva espírito divino*": Sertório, tendo recebido como presente uma corça branca, que ele dizia ter sido um presente de *Diana*, afirmava que ela lhe revelava todas as coisas ocultas (ver em Plutarco, *Sertorius*, 11). *Peregrino* (latinismo), *estrangeiro.*

27.1-4
"Agora... *a mais s'atreve*": por *a mais se atrevem; Áfrico*, vento de sudoeste; *Noto*, vento do sul; "Que havendo tanto já que as partes vendo / *Onde o dia é comprido e onde breve*"; o Poeta indica as navegações de norte a sul pelo Oeste de África.

27.7-8
"*Inclinam* seu propósito ...": o Poeta volta à concordância lógica:

sujeito os *Lusitanos*; "A ver os berços onde nasce o dia": a ver o Oriente.
Ort.: *perfia* (por *porfia*).

28.1-4
"Prometido *lhe* está . . .": *lhe* por *lhes* era corrente; "Do mar que vê do Sol a *roxa entrada*": perífrase para designar os mares orientais. No tempo de Camões preferia-se dizer *roxo* a *vermelho*: "*roxa* entrada", em I.28.4 e I.59.3; "a *roxa* fronte", II-13.8; o "Mar *Roxo*", II.49.1; "*roxa* Aurora", IV.60.7, etc.

29.1-3
"... têm *passados* ... [têm] *experimentados*": note-se a concordância do particípio passivo em género e número com o complemento directo.

30.3-5
"Na sentença *um* do outro *diferia*": *diferia* não concorda com *Deuses* (v. 2), mas com o aposto *um*; "O *padre* Baco ali não consentia": aparece pela primeira vez o grande inimigo dos Portugueses a dar as razões do seu desacordo. *Baco* (*Dionysos*) é filho de *Júpiter* (*Zeus*) e *Sémele*. Descobriu a vide e o seu uso. Conquistou a Índia no decorrer de uma expedição semiguerreira, semidivina.

31.4-8
"Da Índia tudo quanto *Dóris* banha": *Dóris*, filha do *Oceano* e esposa de *Nereu*. É a mãe das *Nereidas*; "De que *Nisa* celebra inda a memória": para furtar *Baco* aos ciúmes de *Hera*, *Júpiter* transportou *Baco* para longe da Grécia, para um país chamado *Nisa*, que uns situam na Ásia, outros na Etiópia ou na África, e deu-o a criar às Ninfas desse país. V. comentário a VII.52.5.

32.1-7
"Vê que já teve o *Indo* sojugado": Indo (ou Sindh), grande rio da Índia e do Paquistão, que se lança ao mar de Omã, formando um vasto delta; "De quantos bebem a água de *Parnaso*": o *Parnaso*, monte da Grécia, na Fócida, consagrado a *Apolo* e às *Musas*. Aí nasce e corre a fonte *Castália*; "D'água do esquecimento ...": água do *Lete*, um dos rios dos Infernos, que significa em grego *esquecimento*.
Ort.: *sojugado* (por *subjugado*).

33.1-6
"Sustentava contra ele *Vénus* bela": aparece agora a protectora dos Portugueses, afeiçoada à gente lusitana pelas razões que se invocam nesta estância e se repetem na est. IX.38. *Vénus* foi assimilada à *Afrodite* dos Gregos no segundo século a. C. *Afrodite* é a deusa do amor e da beleza. *Vénus* foi mãe de *Cupido* e de *Eneias* e esposa de *Vulcano*. Tem n'*Os Lusíadas* um papel intercessor fundamental; "Nos *fortes corações,* na *grande estrela*": na coragem e na fortuna; "Que mostraram na *terra Tingitana*": Mauritânia Tingitana ou Marrocos. É a parte da Mauritânia onde se situa *Tinge* ou *Tingi* (Tânger).

34.1-3
"Estas causas moviam *Citereia*": *Citereia* é uma das designações de *Vénus* por ter um santuário em Citera, ilha do mar Egeu. O Poeta só volta a invocar *Citereia* em IX-53; "E mais, porque das *Parcas* claro entende": As *Parcas* são as divindades do *Destino*, equiparadas às Moïrai dos Gregos: *Cloto, Láquesis* e *Átropos*; a clara *Deia*": a distinta Deusa.
Ort.: *perfia* (por *porfia*). *Porfia* em 36.2.

35.1
Qual *Austro* fero ou *Bóreas* na espessura": tal como o vento do sul ou do norte.

36.1
"Mas *Marte* ...": deus da guerra, também conhecido por *Mavorte*. Sobre os amores de *Vénus* e de *Marte* veja-se Lucrécio, *De rerum natura,* I.33-40. Recorde-se que *Vénus* era esposa de *Vulcano* e atente-se nestes versos de Ovídio: "Solis referemus amores / Primus adulterium Veneris cum Marte putatur / Hic vidisse deus; videt hic deus omnia prima." (*M,* IV.170-172.); e em V, G, IV. vv. 345-346: "Inter quas curam Clymene narrabat inanem Vulcani, Martisque dolos et dulcia furta."

37.7
"O Céu tremeu, e *Apolo*, de torvado": *Apolo*, filho de *Zeus* e de *Leto*. Esta, perseguida por *Hera*, foi ter a uma ilha chamada Ortígia, flutuante e estéril. Aí nasceu *Apolo*. Este, em reconhecimento, fixou a ilha no centro do mundo grego e deu-lhe o nome de Delos, 'a brilhante'. Entre os seus múltiplos atributos conta-se o de ser o deus da luz e de conduzir o carro do Sol.

38.3-5
"Se esta *gente* ... / Não queres que *padeçam* ...": concordância do colectivo do singular com o verbo no plural.

39.3-4
"Bem fora que aqui *Baco* os sustentasse, / Pois que de *Luso* vêm, seu tão privado": neste lugar *Luso* foi privado de *Baco*; em III.21.5-7 diz o Poeta: "Esta foi Lusitânia, derivada / De Luso ou Lisa, que de Baco antigo / Filhos foram, ... ou companheiros"; em VIII.2.7-8 diz de "... Luso, donde a Fama / O nosso Reino «Lusitânia» chama [Filho e companheiro do Tebano]". E insiste em VIII.4.4: "... companheiro e filho amado". Portanto: 1.º, privado; 2.º, filho ou companheiro; 3.º, filho e companheiro.
Ort.: *estâmago* (por *estômago*, índole).

41.4-7
E néctar sobre todos esparziu": o néctar era a bebida e o perfume dos deuses; "Pelo *caminho lácteo* glorioso": a Via Láctea; "Fazendo seus reais *acatamentos*": fazendo suas profundas reverências.
Ort.: *valeroso* (por *valoroso*); *apousentos* (por *aposentos*).

42.1-6
"Enquanto isto se passa ... ": o Poeta retoma a narração; "*Ilha de São Lourenço* ...": Madagáscar.

42.7-8
"[e o Sol ardente] Queimava então os Deuses que *Tifeu* / Co temor grande em pexes converteu": *Tifeu*, gigante, filho de *Titã* e da *Terra*, inimigo de *Júpiter*, chefe daqueles que pretenderam escalar o Céu. Os deuses quando viram este monstro escalar o Céu fugiram para o Egipto e metamorfosearam-se. *Vénus* mudou-se em peixe, como diz Ovídio, M, V.331: "*Pisce Venus latuit*". Diz LPS, em *AL*: "O Sol entrava no signo dos Peixes a 10 de Fevereiro e levava a percorrê-lo até 11 de Março, em que passava para o de Áries. A gente belicosa cortava o mar desde 24 de Fevereiro e ia chegar à ilha de Moçambique, que avistaram em 1 de Março. Esteve durante este trajecto sempre o Sol no signo dos Peixes".
Ort.: *pexes* (por *peixes*).

43.5
"O *promontório Prasso* já passavam": "O principio da qual começando na oriẽtal parte della he o Prasso promontorio, q̃ elle Ptholomeu sitou em quinze graos contra o Sul & em tantos stâ per nós verificado: ao qual os naturaes da terra chamam Moçambique, onde ora temos hũa fortaleza que serve de escala das nossas naos nesta navegação da India" (Barros, I.VIII.IV).

45.7
"A *gente* se alvoroça ... /... / (em si *diziam*)": sujeito colectivo a concordar com o verbo no plural.

46.6-8
"Que *Fáëton*, nas terras acendidas": a lenda de Fáeton é admiràvelmente contada por Ovídio, em *M*, II.1-366; "(O *Pado* o sabe e *Lampetusa* o sente)": o corpo de *Fáeton* foi precipitado no Erídano, identificado com o rio Pó (Pado). Foi sepultado por suas irmãs, as *Helíades*, uma das quais se chamava *Lampécia*. Na *Odisseia* (XII.132) aparece uma outra filha do Sol, ao lado de *Lampécia*: *Faetusa*. Em V.91.6 aparece o nome de *Lampécia*. *Lampetusa* parece ser a junção de *Lampécia* e *Faetusa*: *Lampe+tusa.*
Ort.: *veloces* (por *velozes*).

47.1-8
"De panos de algodão vinham vestidos": Castanheda, I.V: "A gente q̃ vinha dentro erã homẽs baços & de bõs corpos, vestidos de panos dalgodão listrados & de muytas cores, hus cingidos até o giolho, & outros sobraçados como capas: & nas cabeças fotas cõ vivos de seda lavrados de fio douro, & trazião terçados mouriscos & adagas"; "*anafis* sonorosos": *anafil* (pl. *anafis* ou *anafiles*), trombeta dos Mouros.

48.5-8
"A gente e marinheiros trabalhavam": trabalhavam todos; "Da âncora o mar *ferido* em cima salta"; bela imagem do Poeta para pôr em relevo o efeito da âncora a cair no mar e a "espirrar" a água para cima.

49.6-8
"Do licor que *Lieu* prantado havia": *Lyaeus*, um dos nomes de Baco,

o deus que liberta dos cuidados; "Os de *Fáeton queimados* nada enjeitam"; os queimados por Fáeton, os negros.
Ort.: *prantado* (por *plantado*).

50.7
" – Os Portugueses somos do Ocidente": aposição explicativa de *Portugueses*.

51.2-8
"Toda a parte do *Antártico* e *Calisto*": *Antártico* é o Pólo; *Calisto* a Ursa Maior. *Calisto*, filha de *Licáon*, rei da Arcádia. Amada de *Zeus*, foi mudada em ursa por *Hera* e morta na caça por *Ártemis*. *Zeus* colocou-a no céu, onde se tornou a constelação da *Ursa Maior*. O sentido do verso é, pois, o de que os Portugueses têm navegado toda a parte setentrional e meridional do Oceano; "Mas no lago entraremos de Aqueronte": os Portugueses são tão fiéis e obedientes a seu Rei que, a seu mandado, serão capazes de entrar no Aqueronte, que é um rio dos Infernos.

52.4
"Que só dos feios *focas se navega*": *feios focas* (m.) *se navega, por é navegado*.

53.6-8
"O claro descendente de Abraão": o célebre Mafoma ou Mafamede; "A mãe Hebreia teve e o pai, Gentio": Camões conhecia o passo de Barros, II.X.VI: "Nasceo em Itrarip lugar pequeno de Arábia, seu pae (segundo dizem os Mouros) era de hũa linhagem, a que elles chamão Corax, & vem de Ismael, & avia nome Abedelá Gẽtio, sua mãe Enima, a qual era Hebrea, ambos pessoas do povo ..."

54.1-4
"... certa escala": escala certa; "De Quíloa, de Mombaça e de Sofala": Vasco da Gama, na sua segunda viagem à Índia, sujeitou o rei de Quíloa à obediência do rei de Portugal (1502); Mombaça foi assaltada por D. Francisco de Almeida em 1505; neste ano Pero da Nhaia, de origem castelhana, conseguiu do xeque o início de uma improvisada fortificação em Sofala (v. X.94.8).

55.2
"Buscando o Indo Idaspe ...": O Hidaspe, grande rio da Índia, afluente do Indo, actualmente o Jelam ou Djelem. Aí tiveram termo as conquistas de Alexandre Magno no Oriente.

56.5-7
"Nisto *Febo* nas águas encerrou": em grego, literalmente "o brilhante". Epíteto e nome de *Apolo*; "Dando cargo à Irmã ...": *Diana*. Os Antigos interpretaram *Ártemis* (identificada a *Diana*) como uma personificação da Lua, que vagueia pelas montanhas.

58.2-3
"Pelas argênteas *ondas Neptuninas*": pelas ondas do mar (de Neptuno); "As Estrelas os Céus acompanhavam": as estrelas fixas acompanhavam o firmamento; os planetas são levados nos céus respectivos. V. LPS, *AL*, p. 35.

59.4
"Ao claro *Hiperiónio*, que acordou": *Hiperíon* ou *Hiperiónio*, um dos *Titãs*, filho de *Úrano* e de *Gaia*. Casado com sua irmã, a titânida *Teia*, gerou o Sol, a Lua e a Aurora. Toma-se por vezes, como neste verso, pelo próprio Sol.
Ort.: *fermosos* (por *formosos*).

60.4-5
"Que são aquelas gentes *inumanas*": isto é, gentes bárbaras; "Que, os apousentos Cáspios habitando": os Turcos começaram por habitar as regiões banhadas pelo mar Cáspio, depois vieram descendo e apossaram-se da maior parte do Império Romano do Oriente e acabaram, com Maomet II, por tomar a própria capital, Constantinopla, em 29 de Maio de 1453. No terrível assalto final morreu o imperador Constantino, *Paleólogo*.
Ort.: *apousentos* (por *aposentos*).

61.6
"Não usado licor, ...": dos Maometanos. Castanheda, I.VI: "& apos isto lhe mandou dar muy bẽ de comer dessas conservas q̃ levava: & do vinho: & ele [o Regedorl comeo & bebeo de boa võtade: & assi os q̃ hião coele ..."

62.8
"Se porventura vinham da Turquia": Castanheda, I.VI: "Ho çoltão preguntou a Vasco da Gama se vinha de Turquia, porq̃ ouvira dizer q̃ erão brãcos assi como os nossos, & dizialhe que lhe mostrasse os arcos de sua terra, & os livros de sua ley. Ele lhe disse que não era de Turquia se não du grande reyno q̃ confinava coela; & que os seus arcos & armas lhe mostraria & os livros da sua ley não os trazia, porq̃ no mar não tinhão necessidade deles ..."
Ort.: na edição *princeps*, nesta est. *exárcia*. Em VI.84.4 *enxárcia*.

64.2-4
"Por hum que a língua escura bem sabia": Castanheda, loc. cit.: "E isto lhe dezia pelo lingoa Fernão martinz». O Poeta fala dele em V.77.2. *Língua escura* é a língua arábica; "De mi, da Lei, das armas que *trazia*": *trazia*, por *trago*. O mesmo em 66.2-6.
Ort.: *valeroso* (por *valoroso*).

65.1
"Aquele que criou todo o Hemisfério": "O Poeta em geral designa por Hemisfério a meia esfera que se apoia sobre o horizonte". LPS, *AL*, p. 153.

65.2,4,6,7
"Visíbil", "invisíbil", "insensíbil" e "insofríbil" são latinismos.
Ort.: *deceu* (por *desceu*).

66.2-6
"Os livros que tu pedes *não trazia*": por *não trago*; "Em papel o que na alma *andar devia*": por *andar deve*; "Cumprido esse desejo *te seria*"; por *te será*.

67.2
"Ministros ...": servidores (latinismo). Outros exemplos do mesmo sentido em II.96.3, III.125.4 e IX.29.5.

67.3-8
"Vêm *arneses* e peitos *reluzentes*": *arnês*, armadura completa, mas em especial do tronco; *malhas finas*, armaduras de malha; *escudos de pinturas diferentes*, arma defensiva, geralmente circular, com as empresas e divisas que cada um adoptava; *pelouros*, balas, em geral de

metal, empregadas em bombardas e peças de artilharia; *espingardas de aço puras* (caso de *trajectio epithetorum*): não espingardas puras, mas de aço puro; *arcos*, bestas; *sagitíferas aljavas*, coldres ou carcases portadores de setas. *Sagitífero* é latinismo; *partazanas* (fr. *pertuisane*), arma de hástea, com ferro de gládio, cortante, mais largo na base e terminando em ponta; *chuços*, pau armado de aguilhão ou choupa.

68.2-4
"As panelas sulfúreas ...": arma muito danosa, por ser preparada com pólvora e enxofre candentes; "... aos de Vulcano ...": os bombardeiros ou artilheiros, que manejavam as bombardas e peças de artilharia.

69.3-5
"Um ódio certo . . .": um ódio firme; "Nas mostras e no gesto o não mostrou": no tratamento, não no rosto.

71.4-6
"Que o *filho de David* nos ensinou": "... Jesus Cristo, filho de David, filho de Abraão" ("Ev. de S. Mateus", I.I.1); "A quem juízo algum não alcançou": negativa reforçada.
Ort.: *sequaces* (por *sequazes*).

72.6-8
"Das águas de *Neptuno*...": v. I.3.5-7; "... recebido / Na terra do *obseqüente* ajuntamento": recebido em terra pela serviçal multidão de mouros. *Obseqüente* é latinismo; "Se foi o Mouro ao *cógnito* apousento": ao conhecido aposento.

73.1-2
"Do claro Assento ..., o grão *Tebano*": outro nome de *Baco*, por sua mãe, *Sémele*, ser de Tebas; "Que da paternal coxa foi nascido": *Baco*, "Ignigenamque satumque iterum solumque bimatrem», como diz Ovídio, *M*, IV.12, porque sua mãe, *Sémele*, quis que *Zeus* se lhe mostrasse em toda a sua potência; mas, não podendo suportar a vista dos raios que o cercavam, caiu fulminada. *Zeus* apressou-se a arrancar o filho que ela trazia no seio, apenas com seis meses, e coseu-o imediatamente na sua coxa. Quando chegou o termo, saiu de lá perfeitamente formado e vivo. É por isso o "duas vezes

gerado", "o único que teve duas mães".
Ort.: *avorrecido* (por *aborrecido*).

74.6
"... qualidades *generosas*": no sentido latino de *generosus*: de boa raça, nobre.

75.2-7
"O filho de Filipo nesta parte": Alexandre Magno, "o grão Macedónio" (I.75.7), que submeteu uma parte da Índia (356-323 a. C.); "Romano" é Trajano (v. I.3.3).
Ort.: *sometesse* (por *submetesse*).

76.4
"Que nunca *veja* as partes do Oriente": que nunca verá ...
Ort.: *decerei* (por *descerei*).

77.4-8
"Pera o *Prasso sabido* se moveu": para o conhecido promontório Prasso (v. I.43.5); "... e co *Xeque* mui valido": *Xeque* é o governador, chefe de tribo arábica.

78.4
"... de novo": ùltimamente.

80.1-8
"E também sei que tem determinado": v. Castanheda, I.VII; "Porque, saindo a *gente* ... / *Caïrão* ...": concordância com o sujeito colectivo no singular.

81.3-5
"Eu tenho *imaginada* no conceito": concordância com o compl. directo; "Outra manha e ardil ...": pleonasmo; "Manda-lhe dar piloto, que de *jeito*": *jeito* rima com *jeito* do primeiro verso da mesma estância.

82.1-7
"Tanto que estas palavras ...": o sujeito é *Baco*; "... nos tais casos sábio e velho": sábio e experimentado; "Pera que ao Português se *lhe* tomasse": *lhe* é pleonasmo. *Belígero* é latinismo.

83.7
"Que, se daqui escapar, *que* lá adiante": repetição anacolútica do segundo *que*.

84-1-3
"Já o raio Apolíneo ...": o singular pelo plural; "Os *Montes Nabateios* acendido [o raio]": habitados pelos Nabateus, descendentes de Nabath, primogénito de Ismael, tribo do Noroeste da Arábia, entre o mar Vermelho e o Eufrates. Aqui os *Montes* são tomados pelas partes do Oriente; "Quando Gama ...": caso de fonética sintáctica.

85.2
"*De antes*, pelo piloto necessário": por *antes*.

86.3-5
"Um ... / Outro ...": uns ... outros; "... de *azagaia*": *azagaia*, lança curta; "... *seta ervada*": seta envenenada com sucos de ervas; "Outros muitos já postos em cilada": estando outros muitos postos em cilada.

87.3-5
"Com a *adarga* e co a hástea perigosa": *adarga*, escudo oval, de coiro (*adarga* nada tem que ver com adaga); a gente *generosa*": como em I.74.6.

88.1
"Qual no corro sanguino ...": esta estância pertence para a anterior (87), e não para a seguinte (89). É necessário que a pontuação o torne evidente. *Cornígera*: latinismo.
Ort.: *atroce* (lat.) (por *atroz*).

89.3-7
"A *plúmbea péla* mata, o *brado* espanta": *plúmbea péla*, bala de chumbo; *brado*, estrondo; "Já foge o escondido ...": os Mouros escondidos em cilada.
Ort.: *assovia* (por *assobia*).

91.3
"A pedra, o pau e o *canto* arremessando": *canto* como sinónimo de *pedra talhada* era usual no tempo. Camões usa-o também na *Lírica*.

91.4-8
"Dá-lhe armas o furor desatinado": em Virgílio, E, I.150: "jamque faces et saxa volant, furor arma ministrat"; "... e *todo* o mais,": ... e *tudo* o mais; "Passa e corta do mar o estreito braço / Que a Ilha em torno cerca *em pouco espaço*": em *pouco espaço* pertence para *Passa* e *corta*.
Camões condensa e transforma nestas estâncias a narrativa de Castanheda (I.VII) e de Barros (I.IV.IV).

92.1-6
"Uns vão nas almadias carregadas": embarcação ligeira, de duas proas, feita, de um tronco de árvore escavado. Movida a remo e por vezes com uma vela em duas hastes, dispostas em forma de V; "Um corta o mar ...": uns ...; "Quem se afoga ...": uns ...; "Quem bebe o mar ...": outros ...; "Os pangaios *sutis* ...": pequena embarcação de tábuas unidas por cordas. *Sutis*, pequenos e leves.

94.2
"O Regedor daquela *inica* terra".
Ort.: *inica* (por *iníqua*).

95.1-8
"... que já lhe ...": a quem já; "... a tento": acauteladamente; "As velas manda dar ao largo vento": a edição *princeps* tem "Aas velas manda dar ..." Não é impossível esta construção no tempo.

96.2-3
"As ondas de *Anfitrite* dividia": *Anfitrite* era a rainha do mar. Pertence ao grupo das *Nereidas*. Casou com *Neptuno* (*Posídon*); "Das *filhas de Nereu* acompanhada": as *Nereidas*.

97.5
"Dando razão dos portos ...": dando notícia ...

98.2
"Com que *Sínon* os *Frígios* enganou": *Sínon*, o célebre grego de que fala Virgílio, que conseguiu introduzir o cavalo de pau dentro dos muros de Tróia (*E,* 57-267). Os *Frígios* eram os *Troianos*, pois que Tróia era na Frígia.

99.1-6
"O mesmo o falso Mouro determina / Que o seguro Cristão lhe manda e pede": o mesmo (que o confiado Capitão lhe manda e pede) o falso Mouro determina; "Porque em poder e forças ...": é pleonasmo; "*Aa Moçambique*, esta ilha ...": na edição *princeps*.
Ort.: *malina* (por *maligna*).

100.2
"Mas a Deusa em Citere celebrada": *Vénus* ou *Citereia*. Esta salva a armada dos perigos naturais da entrada de Quíloa (cf. Castanheda, I.VIII).
Ort.: *contrairos* (por *contrários*).

101.7-7
"... cuja gente / Eram Cristãos ...": concordância do colectivo singular com o verbo no plural.
Ort.: *inica* (por *iníqua*).

102.7-8
"Mas, não querendo a deusa guardadora, / Não entra pela barra, e surge fora": *Vénus* defendeu os Portugueses em Quíloa e volta a defendê-los em Mombaça (v. Castanheda, I.IX).

105.2
Ort.: *debaxo* (por *debaixo*).

106.2-8
"... a morte apercebida": aparelhada; "Contra um bicho da terra tão pequeno?": Camões repete o verso que usou na canção *Junto de um seco, fero e estéril monte* ...
Ort.: *avorrecida* (por *aborrecida*).

II

1 **J**Á neste tempo o lúcido Planeta
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava à desejada e lenta meta,
A luz celeste às gentes encobrindo;
E da casa marítima secreta
Lhe estava o Deus Nocturno a porta abrindo,
Quando as infidas gentes se chegaram
Às naus, que pouco havia que ancoraram.

2 Dantre eles um, que traz encomendado
O mortífero engano, assi dizia:
– «Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reino e salsa via,
O Rei que manda esta Ilha, alvoraçado
Da vinda tua, tem tanta alegria
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te e do necessário reformar-te.

3 «E porque está em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que, de nada receoso,
Entres a barra, tu com toda armada;
E porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente débil e cansada,
Diz que na terra podes reformá-la,
Que a natureza obriga a desejá-la.

4 «E se buscando vás mercadoria
Que produze o aurífero Levante,
Canela, cravo, ardente especiaria
Ou droga salutífera e prestante;
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rígido diamante,
Daqui levarás tudo tão sobejo
Com que faças o fim a teu desejo.»

5 Ao mensageiro o Capitão responde,
As palavras do Rei agradecendo,
E diz que, porque o Sol no mar se esconde,
Não entra pera dentro, obedecendo;
Porém que, como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo a frota, não temendo,
Cumprirá sem receio seu mandado,
Que a mais por tal senhor está obrigado.

6 Pergunta-lhe despois se estão na terra
Cristãos, como o piloto lhe dizia;
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz que a mais da gente em Cristo cria.
Desta sorte do peito lhe desterra
Toda a suspeita e cauta fantasia;
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel e falsa gente.

7 E de alguns que trazia, condenados
Por culpas e por feitos vergonhosos,
Por que pudessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos,
Manda dous mais sagazes, ensaiados,
Por que notem dos Mouros enganosos
A cidade e poder, e por que vejam
Os Cristãos, que só tanto ver desejam.

8 E por estes ao Rei presentes manda,
Por que a boa vontade que mostrava
Tenha firme, segura, limpa e branda,
A qual bem ao contrário em tudo estava.
Já a companhia pérfida e nefanda
Das naus se despedia e o mar cortava:
Foram com gestos ledos e fingidos
Os dous da frota em terra recebidos.

9 E despois que ao Rei apresentaram
Co recado os presentes que traziam,
A cidade correram, e notaram
Muito menos daquilo que queriam;
Que os Mouros cautelosos se guardaram
De lhe mostrarem tudo o que pediam;
Que onde reina a malícia, está o receio
Que a faz imaginar no peito alheio.

10 Mas aquele que sempre a mocidade
Tem no rosto perpétua, e foi nascido
De duas mães, que urdia a falsidade
Por ver o navegante destruído,
Estava nũa casa da cidade,
Com rosto humano e hábito fingido,
Mostrando-se Cristão, e fabricava
Um altar sumptuoso que adorava.

11 Ali tinha em retrato afigurada
Do alto e Santo Espírito a pintura,
A cândida Pombinha, debuxada
Sobre a única Fénix, virgem pura;
A companhia santa está pintada,
Dos doze, tão torvados na figura
Como os que, só das línguas que caíram
De fogo, várias línguas referiram.

12 Aqui os dous companheiros, conduzidos
Onde com este engano Baco estava,
Põem em terra os giolhos, e os sentidos
Naquele Deus que o Mundo governava.
Os cheiros excelentes, produzidos
Na Pancaia odorífera, queimava
O Tioneu, e assi por derradeiro
O falso Deus adora o verdadeiro.

13 Aqui foram de noite agasalhados,
Com todo o bom e honesto tratamento
Os dous Cristãos, não vendo que enganados
Os tinha o falso e santo fingimento.
Mas, assi como os raios espalhados
Do Sol foram no mundo, e num momento
Apareceu no rúbido Horizonte
Na moça de Titão a roxa fronte,

14 Tornam da terra os Mouros co recado
Do Rei pera que entrassem, e consigo
Os dous que o Capitão tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo;
E sendo o Português certificado
De não haver receio de perigo
E que gente de Cristo em terra havia,
Dentro no salso rio entrar queria.

15 Dizem-lhe os que mandou que em terra viram
Sacras aras e sacerdote santo;
Que ali se agasalharam e dormiram
Enquanto a luz cobriu o escuro manto;
E que no Rei e gentes não sentiram
Senão contentamento e gosto tanto
Que não podia certo haver suspeita
Nũa mostra tão clara e tão perfeita.

16 Co isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subiam,
Que levemente um ânimo se fia
De mostras que tão certas pareciam.
A nau da gente pérfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que traziam.
Alegres vinham todos porque crêm
Que a presa desejada certa têm.

17 Na terra cautamente aparelhavam
Armas e munições, que, como vissem
Que no rio os navios ancoravam,
Neles ousadamente se subissem;
E nesta treïção determinavam
Que os de Luso de todo destruíssem,
E que, incautos, pagassem deste jeito
O mal que em Moçambique tinham feito.

18 As âncoras tenaces vão levando,
Com a náutica grita costumada;
Da proa as velas sós ao vento dando,
Inclinam pera a barra abalizada.
Mas a linda Ericina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande e tão secreta,
Voa do Céu ao mar como ũa seta.

19 Convoca as alvas filhas de Nereu,
Com toda a mais cerúlea companhia,
Que, porque no salgado mar nasceu,
Das águas o poder lhe obedecia;
E, propondo-lhe a causa a que deceu,
Com todos juntamente se partia
Pera estorvar que a armada não chegasse
Aonde pera sempre se acabasse.

20 Já na água erguendo vão, com grande pressa,
Com as argênteas caudas branca escuma;
Cloto co peito corta e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma;
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da água crespa em força suma;
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.

21 Nos ombros de um Tritão, com gesto aceso,
Vai a linda Dione furiosa;
Não sente quem a leva o doce peso,
De soberbo com carga tão fermosa.
Já chegam perto donde o vento teso
Enche as velas da frota belicosa;
Repartem-se e rodeiam nesse instante
As naus ligeiras, que iam por diante.

22 Põe-se a Deusa com outras em direito
Da proa capitaina, e ali fechando
O caminho da barra, estão de jeito
Que em vão assopra o vento, a vela inchando;
Põem no madeiro duro o brando peito,
Pera detrás a forte nau forçando;
Outras em derredor levando-a estavam
E da barra inimiga a desviavam.

23 Quais pera a cova as próvidas formigas,
Levando o peso grande acomodado
As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo Inverno congelado;
Ali são seus trabalhos e fadigas,
Ali mostram vigor nunca esperado:
Tais andavam as Ninfas estorvando
À gente Portuguesa o fim nefando.

24 Torna pera detrás a nau, forçada,
Apesar dos que leva, que, gritando,
Mareiam velas; ferve a gente irada,
O leme a um bordo e a outro atravessando;
O mestre astuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava um marítimo penedo,
Que de quebrar-lhe a nau lhe mete medo.

25 A celeuma medonha se alevanta
No rudo marinheiro que trabalha;
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem hórrida batalha;
Não sabem a razão de fúria tanta,
Não sabem nesta pressa quem lhe valha:
Cuidam que seus enganos são sabidos
E que hão-de ser por isso aqui punidos.

26 Ei-los sùbitamente se lançavam
A seus batéis veloces que traziam;
Outros em cima o mar alevantavam
Saltando n' água, a nado se acolhiam;
De um bordo e doutro súbito saltavam,
Que o medo os compelia do que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-se
Que nas mãos inimigas entregar-se.

27 Assi como em selvática alagoa
As rãs, no tempo antigo Lícia gente,
Se sentem porventura vir pessoa,
Estando fora da água incautamente,
Daqui e dali saltando (o charco soa),
Por fugir do perigo que se sente,
E, acolhendo-se ao couto que conhecem,
Sós as cabeças na água lhe aparecem:

28 Assi fogem os Mouros; e o piloto,
Que ao perigo grande as naus guiara,
Crendo que seu engano estava noto,
Também foge, saltando na água amara.
Mas, por não darem no penedo imoto,
Onde percam a vida doce e cara,
A âncora solta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto dela amaina.

29 Vendo o Gama, atentado, a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
O piloto fugir-lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente;
E vendo, sem contraste e sem braveza
Dos ventos ou das águas sem corrente,
Que a nau passar avante não podia,
Havendo-o por milagre, assi dizia:

30 – «Ó caso grande, estranho e não cuidado!
Ó milagre claríssimo e evidente,
Ó descoberto engano inopinado,
Ó pérfida, inimiga e falsa gente!
Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo, sàbiamente,
Se lá de cima a Guarda Soberana
Não acudir à fraca força humana?

31 «Bem nos mostra a Divina Providência
Destes portos a pouca segurança,
Bem claro temos visto na aparência
Que era enganada a nossa confiança;
Mas pois saber humano nem prudência
Enganos tão fingidos não alcança,
Ó tu, Guarda Divina, tem cuidado
De quem sem ti não pode ser guardado!

32 «E, se te move tanto a piedade
Desta mísera gente peregrina,
Que, só por tua altíssima bondade,
Da gente a salvas pérfida e malina,
Nalgum porto seguro de verdade
Conduzir-nos já agora determina,
Ou nos amostra a terra que buscamos,
Pois só por teu serviço navegamos.»

33 Ouviu-lhe estas palavras piadosas
A fermosa Dione e, comovida,
Dantre as Ninfas se vai, que saüdosas
Ficaram desta súbita partida.
Já penetra as Estrelas luminosas,
Já na terceira Esfera recebida
Avante passa, e lá no sexto Céu,
Pera onde estava o Padre, se moveu.

34 E, como ia afrontada do caminho,
Tão fermosa no gesto se mostrava
Que as Estrelas e o Céu e o Ar vizinho
E tudo quanto a via, namorava.
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Uns espíritos vivos inspirava,
Com que os Pólos gelados acendia,
E tornava do Fogo a Esfera, fria.

35 E, por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada e cara,
Se lh' apresenta assi como ao Troiano,
Na selva Ideia, já se apresentara.
Se a vira o caçador que o vulto humano
Perdeu, vendo Diana na água clara,
Nunca os famintos galgos o mataram,
Que primeiro desejos o acabaram.

36 Os crespos fios d' ouro se esparziam
Pelo colo que a neve escurecia;
Andando, as lácteas tetas lhe tremiam,
Com quem Amor brincava e não se via;
Da alva petrina flamas lhe saíam,
Onde o Minino as almas acendia.
Polas lisas colũnas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.

37 Cum delgado cendal as partes cobre
De quem vergonha é natural reparo;
Porém nem tudo esconde nem descobre
O véu, dos roxos lírios pouco avaro;
Mas, pera que o desejo acenda e dobre,
Lhe põe diante aquele objecto raro.
Já se sentem no Céu, por toda a parte,
Ciúmes em Vulcano, amor em Marte.

38 E mostrando no angélico sembrante
Co riso ũa tristeza misturada,
Como dama que foi do incauto amante
Em brincos amorosos mal tratada,
Que se aqueixa e se ri num mesmo instante
E se torna entre alegre, magoada,
Destarte a Deusa a quem nenhũa iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre fala:

39 – «Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
Que, pera as cousas que eu do peito amasse,
Te achasse brando, afábil e amoroso,
Posto que a algum contrairo lhe pesasse;
Mas, pois que contra mi te vejo iroso,
Sem que to merecesse nem te errasse,
Faça-se como Baco determina;
Assentarei, enfim, que fui mofina.

40 «Este povo, que é meu, por quem derramo
As lágrimas que em vão caídas vejo,
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo;
Por ele a ti rogando, choro e bramo,
E contra minha dita enfim pelejo.
Ora pois, porque o amo é mal tratado;
Quero-lhe querer mal, será guardado.

41 «Mas moura enfim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui ...» E nisto, de mimosa,
O rosto banha em lágrimas ardentes,
Como co orvalho fica a fresca rosa.
Calada um pouco, como se entre os dentes
Lhe impedira a fala piedosa,
Torna a segui-la; e indo por diante,
Lhe atalha o poderoso e grão Tonante.

42 E destas brandas mostras comovido,
Que moveram de um tigre o peito duro,
Co vulto alegre, qual, do Céu subido,
Torna sereno e claro o ar escuro,
As lágrimas lhe alimpa e, acendido,
Na face a beija e abraça o colo puro;
De modo que dali, se só se achara,
Outro novo Cupido se gerara.

43 E, co seu apertando o rosto amado,
Que os saluços e lágrimas aumenta,
Como minino da ama castigado,
Que quem no afaga o choro lhe acrecenta,
Por lhe pôr em sossego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta.
Dos Fados as entranhas revolvendo,
Desta maneira enfim lhe está dizendo:

44 – «Fermosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos,
Nem que ninguém comigo possa mais
Que esses chorosos olhos soberanos;
Que eu vos prometo, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos,
Pelos ilustres feitos que esta gente
Há-de fazer nas partes do Oriente,

45 «Que, se o facundo Ulisses escapou
De ser na Ogígia Ilha eterno escravo,
E se Antenor os seios penetrou
Ilíricos e a fonte de Timavo,
E se o piadoso Eneias navegou
De Cila e de Caríbdis o mar bravo,
Os vossos, mores cousas atentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

46 «Fortalezas, cidades e altos muros
Por eles vereis, filha, edificados;
Os Turcos belacíssimos e duros
Deles sempre vereis desbaratados;
Os Reis da Índia, livres e seguros,
Vereis ao Rei potente sojugados,
E por eles, de tudo enfim senhores,
Serão dadas na terra leis milhores.

47 «Vereis este que agora, pres[s]uroso,
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremer dele Neptuno de medroso,
Sem vento suas águas encrespando.
Ó caso nunca visto e milagroso,
Que trema e ferva o mar, em calma estando!
Ó gente forte e de altos pensamentos,
Que também dela hão medo os Elementos!

48 «Vereis a terra que a água lhe tolhia,
Que inda há-de ser um porto mui decente,
Em que vão descansar da longa via
As naus que navegarem do Ocidente.
Toda esta costa, enfim, que agora urdia
O mortífero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

49 «E vereis o Mar Roxo, tão famoso,
Tornar-se-lhe amarelo, de enfiado;
Vereis de Ormuz o Reino poderoso
Duas vezes tomado e sojugado.
Ali vereis o Mouro furioso
De suas mesmas setas traspassado;
Que quem vai contra os vossos, claro veja
Que, se resiste, contra si peleja.

50 «Vereis a inexpugnábil Dio forte
Que dous cercos terá, dos vossos sendo;
Ali se mostrará seu preço e sorte,
Feitos de armas grandíssimos fazendo.
Envejoso vereis o grão Mavorte
Do peito Lusitano, fero e horrendo;
Do Mouro ali verão que a voz extrema
Do falso Mahamede ao Céu blasfema.

51 «Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá despois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Cos triunfos da gente vencedora.
Ali, soberba, altiva e exalçada,
Ao Gentio que os Ídolos adora
Duro freio porá, e a toda a terra
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

52 «Vereis a fortaleza sustentar-se
De Cananor, com pouca força e gente;
E vereis Calecu desbaratar-se,
Cidade populosa e tão potente;
E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto um peito soberbo e insolente
Que cítara jamais cantou vitória
Que assi mereça eterno nome e glória.

53 «Nunca com Marte instruto e furioso
Se viu ferver Leucate, quando Augusto
Nas civis Áctias guerras, animoso,
O Capitão venceu Romano injusto,
Que dos povos de Aurora e do famoso
Nilo e do Bactra Cítico e robusto
A vitória trazia e presa rica,
Preso da Egípcia linda e não pudica,

54 «Como vereis o mar fervendo aceso
Cos incêndios dos vossos, pelejando,
Levando o Idololatra e o Mouro preso,
De nações diferentes triunfando;
E, sujeita a rica Áurea Quersoneso,
Até o longico China navegando
E as Ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe-á todo o Oceano obediente.

55 «De modo, filha minha, que de jeito
Amostrarão esforço mais que humano,
Que nunca se verá tão forte peito,
Do Gangético mar ao Gaditano,
Nem das Boreais ondas ao Estreito
Que mostrou o agravado Lusitano,
Posto que em todo o mundo, de afrontados,
Re[s]sucitassem todos os passados.»

56 Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia à Terra, por que tenha
Um pacífico porto e sossegado,
Pera onde sem receio a frota venha;
E, pera que em Mombaça, aventurado,
O forte Capitão se não detenha,
Lhe manda mais que em sonhos lhe mostrasse
A terra onde quieto repousasse.

57 Já pelo ar o Cileneu voava;
Com as asas nos pés à Terra dece;
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cansados adormece;
Com esta, as tristes almas revocava
Do Inferno, e o vento lhe obedece;
Na cabeça o galero costumado;
E destarte a Melinde foi chegado.

58 Consigo a Fama leva, por que diga
Do Lusitano o preço grande e raro,
Que o nome ilustre a um certo amor obriga,
E faz, a quem o tem, amado e caro.
Destarte vai fazendo a gente, amiga,
Co rumor famosíssimo e perclaro.
Já Melinde em desejos arde todo
De ver da gente forte o gesto e modo.

59 Dali pera Mombaça logo parte,
Aonde as naus estavam temerosas,
Pera que à gente mande que se aparte
Da barra imiga e terras suspeitosas;
Porque mui pouco val esforço e arte
Contra infernais vontades enganosas;
Pouco val coração, astúcia e siso,
Se lá dos Céus não vem celeste aviso.

60 Meio caminho a noite tinha andado,
E as Estrelas no Céu co a luz alheia,
Tinham o largo Mundo alumiado,
E só co sono a gente se recreia.
O Capitão ilustre, já cansado
De vigiar a noite que arreceia,
Breve repouso antão aos olhos dava,
A outra gente a quartos vigiava;

61 Quando Mercúrio em sonhos lhe aparece,
Dizendo: – «fuge, fuge, Lusitano,
Da cilada que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim e extremo dano!
Fuge, que o vento e o Céu te favorece;
Sereno o tempo tens e o Oceano
E outro Rei mais amigo, noutra parte,
Onde podes seguro agasalhar-te!

62 «Não tens aqui senão aparelhado
O hospício que o cru Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavalos a gente que hospedava;
As aras de Busíris infamado,
Onde os hóspedes tristes imolava,
Terás certas aqui, se muito esperas:
Fuge das gentes pérfidas e feras!

63 «Vai-te ao longo da costa discorrendo
E outra terra acharás de mais verdade,
Lá quási junto donde o Sol, ardendo,
Iguala o dia e noite em quantidade;
Ali tua frota alegre recebendo,
Um Rei, com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria
E, pera a Índia, certa e sábia guia.»

64 Isto Mercúrio disse, e o sono leva
Ao Capitão, que, com mui grande espanto,
Acorda e vê ferida a escura treva
De ũa súbita luz e raio santo;
E vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra inica tanto,
Com novo esprito ao mestre seu mandava
Que as velas desse ao vento que assoprava.

65 – «Dai velas (disse) dai ao largo vento,
Que o Céu nos favorece e Deus o manda;
Que um mensageiro vi do claro Assento,
Que só em favor de nossos passos anda.»
Alevanta-se nisto o movimento
Dos marinheiros, de ũa e de outra banda;
Levam gritando as âncoras acima,
Mostrando a ruda força que se estima.

66 Neste tempo que as âncoras levavam,
Na sombra escura os Mouros escondidos
Mansamente as amarras lhe cortavam,
Por serem, dando à costa, destruídos;
Mas com vista de linces vigiavam
Os Portugueses, sempre apercebidos;
Eles, como acordados os sentiram,
Voando, e não remando, lhe fugiram.

67 Mas já as agudas proas apartando
Iam as vias húmidas de argento;
Assopra-lhe galerno o vento e brando,
Com suave e seguro movimento.
Nos perigos passados vão falando,
Que mal se perderão do pensamento
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em salvo escapa por acerto.

68 Tinha ũa volta dado o Sol ardente
E noutra começava, quando viram
Ao longe dous navios, brandamente
Cos ventos navegando, que respiram.
Porque haviam de ser da Maura gente,
Pera eles arribando, as velas viram.
Um, de temor do mal que arreceava,
Por se salvar a gente à costa dava.

69 Não é o outro que fica tão manhoso,
Mas nas mãos vai cair do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso
E sem a fúria horrenda de Vulcano;
Que, como fosse débil e medroso
Da pouca gente o fraco peito humano,
Não teve resistência; e, se a tivera,
Mais dano, resistindo, recebera.

70 E como o Gama muito desejasse
Piloto pera a Índia, que buscava,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse,
Mas não lhe sucedeu como cuidava;
Que nenhum deles há que lhe ensinasse
A que parte dos céus a Índia estava;
Porém dizem-lhe todos que tem perto
Melinde, onde acharão piloto certo.

71 Louvam do Rei os Mouros a bondade,
Condição liberal, sincero peito,
Magnificência grande e humanidade,
Com partes de grandíssimo respeito.
O Capitão o assela por verdade,
Porque já lho dissera deste jeito
O Cileneu em sonhos; e partia
Pera onde o sonho e o Mouro lhe dizia.

72 Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz Febeia,
Quando um e o outro corno lhe aquentava,
E Flora derramava o de Amalteia;
A memória do dia renovava
O pres[s]uroso Sol, que o Céu rodeia,
Em que Aquele a quem tudo está sujeito
O selo pôs a quanto tinha feito;

73 Quando chegava a frota àquela parte
Onde o Reino Melinde já se via,
De toldos adornada e leda de arte
Que bem mostra estimar o Santo dia.
Treme a bandeira, voa o estandarte,
A cor purpúrea ao longe aparecia;
Soam os atambores e pandeiros;
E assi entravam ledos e guerreiros.

74 Enche-se toda a praia Melindana
Da gente que vem ver a leda armada,
Gente mais verdadeira e mais humana
Que toda a doutra terra atrás deixada.
Surge diante a frota Lusitana,
Pega no fundo a âncora pesada;
Mandam fora um dos Mouros que tomaram,
Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.

75 O Rei, que já sabia da nobreza
Que tanto os Portugueses engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza
Quanto a gente fortíssima merece;
E com verdadeiro ânimo e pureza,
Que os peitos generosos ennobrece,
Lhe manda rogar muito que saíssem
Pera que de seus reinos se servissem.

76 São oferecimentos verdadeiros
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o Rei manda aos nobres cavaleiros
Que tanto mar e terras têm passadas.
Manda-lhe mais lanígeros carneiros
E galinhas domésticas cevadas,
Com as frutas que antão na terra havia;
E a vontade à dádiva excedia.

77 Recebe o Capitão alegremente
O mensageiro ledo e seu recado;
E logo manda ao Rei outro presente,
Que de longe trazia aparelhado:
Escarlata purpúrea, cor ardente,
O ramoso coral, fino e prezado,
Que debaxo das águas mole crece,
E, como é fora delas, se endurece.

78 Manda mais um, na prática elegante,
Que co Rei nobre as pazes concertasse
E que de não sair, naquele instante,
De suas naus em terra, o desculpasse.
Partido assi o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse,
Com estilo que Palas lhe ensinava,
Estas palavras tais falando orava:

79 – «Sublime Rei, a quem do Olimpo puro
Foi da suma Justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos dele amado, que temido:
Como porto mui forte e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, pera que achemos
Em ti o remédio certo que queremos.

80 «Não somos roubadores que, passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro e a fogo as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas;
Mas, da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da Índia, grande e rica, por mandado
De um Rei que temos, alto e sublimado.

81 «Que geração tão dura há i de gente,
Que bárbaro costume e usança feia,
Que não vedem os portos tão sòmente,
Mas inda o hospício da deserta areia?
Que má tenção, que peito em nós se sente,
Que de tão pouca gente se arreceia?
Que, com laços armados, tão fingidos,
Nos ordenassem ver-nos destruídos?

82 «Mas tu, em quem mui certo confiamos
Achar-se mais verdade, o Rei benino,
E aquela certa ajuda em ti esperamos
Que teve o perdido Ítaco em Alcino,
A teu porto seguros navegamos,
Conduzidos do intérprete divino;
Que, pois a ti nos manda, está mui claro
Que és de peito sincero, humano e raro.

83 «E não cuides, o Rei, que não saísse
O nosso Capitão esclarecido
A ver-te ou a servir-te, porque visse
Ou suspeitasse em ti peito fingido;
Mas saberás que o fez, por que cumprisse
O regimento, em tudo obedecido,
De seu Rei, que lhe manda que não saia,
Deixando a frota, em nenhum porto ou praia.

84 «E porque é de vassalos o exercício
Que os membros têm, regidos da cabeça,
Não quererás, pois tens de Rei o ofício,
Que ninguém a seu Rei desobedeça;
Mas as mercês e o grande benefício
Que ora acha em ti, promete que conheça
Em tudo aquilo que ele e os seus puderem,
Enquanto os rios pera o mar correrem.»

85 Assi dizia; e todos juntamente,
Uns com outros em prática falando,
Louvavam muito o estâmago da gente
Que tantos céus e mares vai passando;
E o Rei ilustre, o peito obediente
Dos Portugueses na alma imaginando,
Tinha por valor grande e mui subido
O do Rei que é tão longe obedecido;

86 E com risonha vista e ledo aspeito,
Responde ao embaixador, que tanto estima:
– «Toda a suspeita má tirai do peito,
Nenhum frio temor em vós se imprima,
Que vosso preço e obras são de jeito
Pera vos ter o mundo em muita estima;
E quem vos fez molesto tratamento
Não pode ter subido pensamento.

87 «De não sair em terra toda a gente,
Por observar a usada preminência,
Ainda que me pese estranhamente,
Em muito tenho a muita obediência;
Mas, se lho o regimento não consente,
Nem eu consentirei que a excelência
De peitos tão leais em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.

88 «Porém, como a luz crástina chegada
Ao mundo for, em minhas almadias
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo há tantos dias.
E, se vier do mar desbaratada
Do furioso vento e longas vias,
Aqui terá de limpos pensamentos
Piloto, munições e mantimentos.»

89 Isto disse; e nas águas se escondia
O filho de Latona; e o mensageiro,
Co a embaixada, alegre se partia
Pera a frota no seu batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria,
Por terem o remédio verdadeiro
Pera acharem a terra que buscavam;
E assi ledos a noite festejavam.

90 Não faltam ali os raios de artifício,
Os trémulos cometas imitando;
Fazem os bombardeiros seu ofício,
O céu, a terra e as ondas atroando;
Mostra-se dos Ciclopas o exercício,
Nas bombas que de fogo estão queimando;
Outros com vozes com que o céu feriam,
Instrumentos altíssonos tangiam.

91 Respondem-lhe da terra juntamente,
Co raio volteando com zunido;
Anda em giros no ar a roda ardente,
Estoira o pó sulfúreo escondido;
A grita se alevanta ao céu, da gente;
O mar se via em fogos acendido
E não menos a terra; e assi festeja
Um ao outro, à maneira de peleja.

92 Mas já o Céu inquieto, revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho;
E já a mãe de Menon, a luz trazendo,
Ao sono longo punha certo atalho;
Iam-se as sombras lentas desfazendo,
Sobre as flores da terra em frio orvalho,
Quando o Rei Melindano se embarcava,
A ver a frota que no mar estava.

93 Viam-se em derredor ferver as praias,
Da gente que a ver só concorre leda;
Luzem da fina púrpura as cabaias,
Lustram os panos da tecida seda.
Em lugar de guerreiras azagaias
E do arco que os cornos arremeda
Da Lũa, trazem ramos de palmeira,
Dos que vencem, coroa verdadeira.

94 Um batel grande e largo, que toldado
Vinha de sedas de diversas cores,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de seu Reino e de senhores.
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes e primores;
Na cabeça, ũa fota guarnecido
De ouro, e de seda e de algodão tecida;

95 Cabaia de Damasco rico e dino,
Da Tíria cor, entre eles estimada;
Um colar ao pescoço, de ouro fino,
Onde a matéria da obra é superada,
Cum resplendor reluze adamantino;
Na cinta a rica adaga, bem lavrada;
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem ouro e aljôfar ao veludo.

96 Com um redondo emparo alto de seda,
Nũa alta e dourada hástea enxerido,
Um ministro à solar quentura veda
Que não ofenda e queime o Rei subido.
Música traz na proa, estranha e leda,
De áspero som, horríssono ao ouvido,
De trombetas arcadas em redondo,
Que, sem concerto, fazem rudo estrondo.

97 Não menos guarnecido, o Lusitano,
Nos seus batéis, da frota se partia,
A receber no mar o Melindano,
Com lustrosa e honrada companhia.
Vestido o Gama vem ao modo Hispano,
Mas Francesa era a roupa que vestia,
De cetim da Adriática Veneza,
Carmesi, cor que a gente tanto preza;

98 De botões d' ouro as mangas vêm tomadas
Onde o Sol, reluzindo, a vista cega;
As calças soldadescas, recamadas
Do metal que Fortuna a tantos nega;
E com pontas do mesmo, delicadas,
Os golpes do gibão ajunta e achega;
Ao Itálico modo a áurea espada;
Pruma na gorra, um pouco declinada.

99 Nos de sua companhia se mostrava
Da tinta que dá o múrice excelente
A vária cor, que os olhos alegrava,
E a maneira do trajo diferente.
Tal o fermoso esmalte se notava
Dos vestidos, olhados juntamente,
Qual aparece o arco rutilante
Da bela Ninfa, filha de Taumante.

100 Sonorosas trombetas incitavam
Os ânimos alegres, ressoando;
Dos Mouros os batéis o mar coalhavam,
Os toldos pelas águas arrojando;
As bombardas horríssonas bramavam,
Com as nuvens de fumo o Sol tomando;
Amiúdam-se os brados acendidos,
Tapam com as mãos os Mouros os ouvidos.

101 Já no batel entrou do Capitão
O Rei, que nos seus braços o levava;
Ele, co a cortesia que a razão
(Por ser Rei) requeria, lhe falava.
Cũas mostras de espanto e admiração,
O Mouro o gesto e o modo lhe notava,
Como quem em mui grande estima tinha
Gente que de tão longe à Índia vinha.

102 E com grandes palavras lhe oferece
Tudo o que de seus reinos lhe cumprisse,
E que, se mantimento lhe falece,
Como se próprio fosse, lho pedisse.
Diz-lhe mais que por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse;
Que já ouviu dizer que noutra terra
Com gente de sua Lei tivesse guerra;

103 E como por toda África se soa,
Lhe diz, os grandes feitos que fizeram
Quando nela ganharam a coroa
Do Reino onde as Hespéridas viveram;
E com muitas palavras apregoa
O menos que os de Luso mereceram
E o mais que pela fama o Rei sabia;
Mas desta sorte o Gama respondia:

104 – «Ó tu que, só, tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miséria e adversidade
Dos mares exprimenta a fúria insana:
Aquela alta e divina Eternidade
Que o Céu revolve e rege a gente humana,
Pois que de ti tais obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

105 «Tu só, de todos quantos queima Apolo,
Nos recebes em paz, do mar profundo;
Em ti, dos ventos hórridos de Eolo
Refúgio achamos, bom, fido e jocundo.
Enquanto apacentar o largo Pólo
As Estrelas, e o Sol der lume ao Mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e glória
Viverão teus louvores em memória.»

106 Isto dizendo, os barcos vão remando
Pera a frota, que o Mouro ver deseja;
Vão as naus ũa e ũa rodeando,
Por que de todas tudo note e veja.
Mas pera o Céu Vulcano fuzilando,
A frota co as bombardas o festeja
E as trombetas canoras lhe tangiam;
Cos anafis os Mouros respondiam.

107 Mas, despois de ser tudo já notado
Do generoso Mouro, que pasmava
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava,
Mandava estar quieto e ancorado
N' água o batel ligeiro que os levava,
Por falar de vagar co forte Gama
Nas cousas de que tem notícia e fama.

108 Em práticas o Mouro diferentes
Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famosas e excelentes
Co povo havidas que a Mafoma adora;
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hespéria última, onde mora;
Agora, pelos povos seus vizinhos,
Agora, pelos húmidos caminhos.

109 – «Mas antes, valeroso Capitão,
Nos conta (lhe dizia), diligente,
Da terra tua o clima e região
Do mundo onde morais, distintamente;
E assi de vossa antiga geração,
E o princípio do Reino tão potente,
Cos sucessos das guerras do começo,
Que, sem sabê-las, sei que são de preço;

110 «E assi também nos conta dos rodeios
Longos em que te traz o Mar irado,
Vendo os costumes bárbaros, alheios,
Que a nossa África ruda tem criado;
Conta, que agora vêm cos áureos freios
Os cavalos que o carro marchetado
Do novo Sol, da fria Aurora trazem;
O vento dorme, o mar e as ondas jazem.

111 «E não menos co tempo se parece
O desejo de ouvir-te o que contares;
Que quem há que por fama não conhece
As obras Portuguesas singulares?
Não tanto desviado resplandece
De nós o claro Sol, pera julgares
Que os Melindanos têm tão rudo peito
Que não estimem muito um grande feito.

112 «Cometeram soberbos os Gigantes,
Com guerra vã, o Olimpo claro e puro;
Tentou Perito e Teseu, de ignorantes,
O Reino de Plutão, horrendo e escuro.
Se houve feitos no mundo tão possantes,
Não menos é trabalho ilustre e duro,
Quanto foi cometer Inferno e Céu,
Que outrem cometa a fúria de Nereu.

113 «Queimou o sagrado templo de Diana,
Do sutil Tesifónio fabricado,
Heróstrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo e nomeado.
Se também com tais obras nos engana
O desejo de um nome avantajado,
Mais razão há que queira eterna glória
Quem faz obras tão dinas de memória.»

NOTAS

1.1-7
"Já neste tempo o *lúcido Planeta*": o Sol. *Lúcido,* brilhante; *planeta,* por

ser considerado uma estrela errática; "... e *lenta meta"*: vagarosa, que tarda em chegar (ao horizonte); "Lhe estava o *Deus Nocturno* a porta abrindo": Camões teve uma ideia concreta deste *Deus Nocturno? Érebo* não pode ser, porque é um deus das trevas infernais. *Nix,* sua irmã, é uma deusa da noite, mas trata-se de um deus. Trata-se talvez de *Héspero.* Em Plauto *(Amphitruo), Nocturnus* é o deus da noite; mas nos *Enfatriões* de Camões é *Mercúrio* quem manda sobre a extensão da noite; "Quando as *infidas* gentes ...": quando as gentes infiéis. *Lúcido* e *infidas* são latinismos.

2.2-4
"O *mortífero* engano, ...": *mortífero* é latinismo; "... *salsa via*": *salsa* é latinismo (salgada).

4.1-4
"E se buscando *vás* mercadoria": *vás,* forma antiga; o *aurífero Levante*" e "... droga *salutífera* ..."; *aurífero* e *salutífero* são latinismos.

6.3-6
"O mensageiro *astuto* ...": manhoso: "O Mouro como era astuto, & sabia que o Governador não se podia deter ali muito, foi-lhe dilatando o tempo de recado em recado ..." (Couto, V.VII-VI); "... cauta fantasia": *cauta* é um latinismo.

7.3-6
"*Por que* pudessem ser aventurados" e "*por que* notem dos Mouros enganosos": *por que*, para que.

8.3
"Tenha firme, *segura,* ..." *segura* é um latinismo: isenta de cuidados.

10.1-3
"Mas aquele que *sempre a mocidade / Tem no rosto perpétua, e foi nascido / De duas mães,* ...": *Baco* foi sempre representado pelos artistas em figura de jovem. Quanto a 10.3, v. o nosso comentário a I.73.1-2.

11.1-8
"Ali tinha em retrato afigurada": Castanheda, I.IX: "Tabẽ estes nossos forão levados a casa de dous mercadores Indios, parece q̃ Christãos de Sam Thome: q̃ sabendo q̃ os nossos erão Christãos

mostrarão coeles muyto prazer, & os abraçavão, & convidarão: & mostrarâlhe pintada em hũa carta a figura do Spirito Sancto a q̃ adoravão. E perãteles fizerã sua adoração em giolhos cõ geito domẽs muyto devotos"; "só das línguas ... / De fogo ...": os doze Apóstolos receberam delas o dom das línguas.

12.6

"*Na Pancaia* odorífera ...": *Pancaia,* ilha fabulosa ou, segundo outros, parte da Arábia Feliz. Diz Virgílio, *G*, II.139: "Totaque thuriferis Panchaia pinguis arenis". Isaque Vossius, nas suas *Observações* a Pompónio Mela (ed. de 1748), diz, porém, o seguinte: "Erat quidem Panchaia Arabiae Troglodyticae pars, verum non in ea Troglodyticae parte, qua est Heliopolis, verum ista, quae ostio sinus Arabaci adjacet. Errare enim eos qui Panchaiam Arabiae Felicis portionem faciunt ..." (p. 855.) Para Estrabão a "terra de Pancaia" era uma invenção de Euhemerus.

12.7

"O *Tioneu* ...": *Baco,* filho de *Tione* (ou *Sémele*), mãe de *Dioniso.*

13.3-5

" ... não vendo que enganados" (a rimar com *agasalhados* e *espalhados*): a edição *princeps* tem *enganado.* JMR, para quem o texto do poema estava sempre certo, explica que, exigindo a rima a leitura de "enganados", o que para isso falta vai-se buscar ao começo do verso seguinte (v. *LP,* vol. II, 1930-31, p. 178); "Mas, assi como os raios espalhados / Do Sol foram no mundo ...": construção *posterius prius:* primeiro nasce o Sol, depois a Aurora (v. JMR, *LP,* vol. II, 1930-31, p. 127, nota).

13.7-8

"Apareceu no *rúbido* Horizonte": *rúbido* (vermelho) é latinismo; "*Na* moça de *Titão* a *roxa* fronte": *Titão (Tithonus),* filho de *Laomedonte* e marido da *Aurora.* Virgílio, *E,* IV.584-585:

> *Et iam prima nouo spargebat lumine terras*
> *Tithoni croceum linquens Aurora cubile.*

(Já a Aurora deixando o leito dourado de
Titão começava a banhar a Terra com a sua
luz nova.)

Já FS notou que Camões disse com as palavras de Petrarca em *Triunfos,* cap. I: "*E la fanciulla de Titone,* &c"; "*Na* moça ...", por "*Da* moça ...."; "*roxa* fronte": rubra fonte.

14.8
"*Dentro no* salso rio entrar queria.": *Dentro no,* por *dentro do,* era frequente no século XVI (v. AFGV, *NC,* 3.º fasc., p. 14); "no *salso* rio" é latinismo.

17.7
"E que *incautos* ...": *incautos* é latinismo.

18.1
"As âncoras *tenaces vão levando*": *tenaces* (que resistem) é latinismo. Castanheda, I.IX.: "E não querẽdo nosso senhor q̃ os nossos ali acabassem como os mouros tinhão ordenado desviuou ho per esta maneira, q̃ levada a capitaina nũca quis fazer cabeça pera entrar dẽtro & ya sobre hũ baixo q̃ tinha por popa. O que visto per Vasco da Gama por não se perder, mandou surgir muy depressa." *Vão levando* é, aqui, o acto de ir arrancando as âncoras do fundo.

18.3-4
"Da proa *as velas* sós ao vento *dando*": *dar velas* é expressão latina: *velas dare;* "... barra abalizada": com balizas.

18.5
"Mas a linda *Ericina,* que guardando": no poema é *Ericina* quem vai salvar as naus. *Ericina,* outro nome de *Afrodite* (*Vénus*). *Érix* é o herói que deu o seu nome à montanha siciliana célebre pelo santuário de *Afrodite,* que o coroava. Horácio, *O,* I.II.33: "Erycina ridens."

19.1-2
"Convoca as alvas filhas de *Nereu*": *Nereu,* o Velho do Mar, filho de *Pontos* e de *Gaia.* Teve por mulher *Dóris,* outra filha do *Oceano,* e com ela gerou as *Nereidas;* "... *cerúlea* companhia": é latinismo: cérulo, azul.

19.3-4
"... porque no salgado mar nasceu, / Das águas o poder lhe obedecia": ora fazem de *Afrodite* (*Vénus*) a filha de *Zeus* e de *Dione* e ora de *Úrano,* cujos órgãos genitais, cortados por *Cronos,* caíram no mar e geraram a deusa, a "Mulher-nascida-das-Ondas". Assim se explica o poder de *Vénus* sobre as *Nereidas*. Outra tradição fá-la nascer da espuma do mar.

19.7
"Para estorvar que a armada *não* chegasse": sintaxe hoje desusada.

20.2
"... as *argênteas* caudas ...": *argênteas* (prateadas) é latinismo.

20.3
"Cloto co peito corta e atravessa": lapso de Camões. *Cloto* não é nenhuma *Nereida,* mas sim uma das *Parcas. Cloto* estará por *Doto.* Virgílio, *E,* IX.102-103: "Qualis Nereia Doto / et Galatea secant spumantem pectore pontum."

20.5
"Salta *Nise, Nerine* se arremessa". Numa lista de setenta e sete nomes não aparecem *Nise* e *Nerine*. Teriam sido inventados pelo Poeta.

20.8
"De temor das *Nereidas* apressadas": "As *Nereidas,* dizia-se, viviam no fundo do mar, no palácio de seu pai *(Nereu),* sentadas em tronos de oiro. Eram todas de uma grande beleza. Ocupavam o seu tempo a fiar, a tecer e a cantar. Os poetas imaginam-nas também divertindo-se nas vagas, deixando flutuar a cabeleira, nadando por aqui e por ali entre os tritões e os delfins" (Grimal).

21.1-2
"Nos ombros de *um Tritão,* com gesto aceso": o nome de *Tritão* aplica-se muitas vezes a um conjunto de seres que fazem parte do cortejo de *Posídon.* A parte superior do corpo como a de um homem, mas a inferior em forma de peixe. As *Nereidas* também possuem "argênteas caudas" (II.20.2); *com gesto aceso* pertence para *Dione;* "Vai a linda Dione furiosa": como diz Textor, *Epithetorum opus:* "Hanc poetae faciunt Oceani & Thetios filiam matremque Veneris, & pro

ipsa Venere accipiunt." Na *Officina,* CCXXXIII, 1, diz: "Dione Oceani & Tethyos filia, Veneris mater." Camões toma *Dione* por *Vénus*.

23.1

"Quais para a cova as *próvidas* formigas": *próvidas* (providentes) é latinismo.

24.3-5

"Mareiam velas; ...": manobram as velas; "... *ferve* a gente irada": no sentido de trabalhar com afã é latinismo: "Omnia ... vento nimbisque videbis / fervere" (Virgílio, *G,* I.454); "fervet immensusque ruit profundo / Pindarus ore" (Horácio, *O,* IV.II.7); "O mestre *astuto* ...": o mestre hábil.

25-1-4

"A *celeuma* medonha se alevanta": *celeuma,* do grego κέλευσμα, todos ao mesmo tempo, gritaria simultânea; "No rudo marinheiro ...": *No,* por *Do;* "... *hórrida* batalha": *hórrido* é latinismo.

26.2

"... *batéis veloces* ...": *veloces* é latinismo.

27.1-2

"Assi como em selvática alagoa / As rãs ...": a metamorfose da "Lícia gente" (27.2) em rãs é belamente contada por Ovídio em *M,* VI.339-381. Assim como as rãs *saltam* de todos os lados para o charco, que soa, assim fogem os Mouros.

28.3-5

"... engano ... *noto,* / ... água *amara.* / ... penedo *imoto*": são latinismos. Respectivamente: *conhecido – amarga – imóvel.*

29.1

"Vendo o Gama, atentado, a estranheza": Barros, I.IV.V: "Tanto q̃ os Mouros q̃ estavão per os outros navios virão esta revolta, parecẽdolhe que a traição q̃ elles levavão no peito era descoberta, todos hũs por cima dos outros lançaranse aos barcos. Os que estavão em o navio de Vasco da Gama, vendo o q̃ estes fazião fizerão outro tanto: até o piloto de Moçambique que se lançou dos

castellos de popa ao mar, tamanho foi o temor em todos"; *atentado:* atento.

30-5-6

"... do mal *aparelhado* / Livrar-se sem perigo, *sàbiamente*": *sàbiamente* pertence para *aparelhado.*

31.5-6

"Mas pois saber humano nem prudência": dir-se-ia hoje: pois *nem* saber humano ... ; "Enganos tão fingidos ..."; traições tão encobertas.

32.2

"Desta mísera gente *peregrina*": é latinismo: gente estrangeira que anda por mares longínquos.

32.5

"Já penetra as *Estrelas* luminosas": *Estrelas* está por *Planetas.*

33.5-7

"Já na terceira Esfera recebida / Avante passa ...": a terceira Esfera é a da própria Vénus; "... e lá no sexto céu": céu está por *esfera*: é a esfera de Júpiter, o pai dos deuses.

34.1-8

" ... *afrontada* do caminho": ofegante; "E tudo quanto a via, *namorava*": a namorava; "E tornava do fogo a Esfera, fria": e tornava fria a Esfera do fogo. Segundo o sistema de Ptolemeu, o ar era envolvido pelo fogo, pela "Esfera do fogo".

35.3-4

"Se lh' apresenta assi como ao Troiano / Na *selva Ideia,* já se apresentara": trata-se do juízo de *Páris* (Troiano), pronunciado no monte Ida, não longe de Tróia, sobre qual das três deusas, *Afrodite, Hera* ou *Palas Ateneia* (que se lhe apresentaram despidas), era a mais bela. Mas o juízo não consistia propriamente em decidir qual delas era a mais bela, mas qual dos presentes que as deusas lhe ofereceram era o mais vantajoso. Ganhou *Afrodite* (Vénus), por ter dito a *Páris* que a mais bela mulher do Mundo lhe pertenceria. A mais bela

mulher do Mundo era *Helena,* filha de *Zeus* e de *Leda.* Este julgamento foi a causa da guerra de Tróia.

35.5-8

"Se a vira o caçador ...": por ter visto *Ártemis* contra vontade dela quando se banhava, nua, numa fonte, *Actéon,* caçador, foi pela deusa transformado em veado. Em seguida excitou contra ele a sua matilha de cinquenta cães, que o devorou.

36.3-5

"... *lácteas* tetas ...": é latinismo; "Da alva *petrina* flamas lhe saíam": *petrina* é pròpriamente a cintura, ou cinto com fivelas, de coiro, que se cingia por cima da roupa (Morais). Mas como *Vénus* ia como aparecera diante de *Páris* no monte Ida, a *petrina* é a cintura da mulher, ou o lugar onde se aperta a *petrina.* (v. AP, *EC,* p. 259 e nota).

37.4

"O véu, dos *roxos lírios* pouco avaro": "as partes que a cobrir Natura ensina" (VII.37.4). V. AP, *EC,* pp. 254 e segs.

37.8

"Ciúmes em *Vulcano,* amor em *Marte*": *Vulcano* era o marido: quanto a *Marte,* v. o nosso comentário em I.36.1.

38.8

"*Vénus* vai interceder pelos Portugueses como intercedeu por *Eneias*" (v. *E,* I.229-296); "Mais *mimosa* que triste ...": com a mágoa de pessoa amimada.
Ort.: *sembrante* (por *semblante*).

39.3-8

"... *afábil* e amoroso": *afábil* é latinismo; "Posto que a algum contrairo *lhe* pesasse": o *lhe* é pleonástico; "Sem que to merecesse *nem te errasse*": nem te ofendesse; "Assentarei, enfim, que fui *mofina*": *mofina,* infeliz.
Ort.: *contrairo* (por *contrário*).

40.1-5

"Este povo ... / Por ele a ti rogando ...": anacoluto.

41.1-2
"Mas *moura* enfim ...": forma do conjuntivo do v. *morrer;* "Que pois eu fui ...": aposiopese ou reticência: deve subentender-se *infeliz* (ou *mofina*).

41.5-8
"... como se entre os dentes / Lhe impedira a fala piedosa": o verso '*Lhe impedira* ...' só não fica defeituoso se se puder evitar a elisão do *lhe* e ler *lhe-impedira,* o que é difícil. Por isso desde MC se vem corrigindo o verso e lendo: '*Se lhe impedira*'. JMR, confessando que o segundo verso é defeituoso gramatical e metricamente, afirma que os dois inconvenientes desaparecem "se aproveitarmos o *s* final da palavra *dentes* do verso anterior para dele fazermos a conjunção *Se*" (*BCL,* 13, p. 699); *Lhe impedira* (=impedisse) está por *a impedira:* como se detida entre os dentes a fala piedosa a emudecesse; "Torna a segui-la ...": volta a falar; "o grão Tonante": v. I.20.7-8.

42.2
"Que moveram de um tigre ...": latinismo em *mover,* por *comover, abalar:* que *moveriam.*

42.5-6
"As lágrimas lhe alimpa ...": situação semelhante na *Eneida*:

> *Olli subridens hominum sator atque deorum*
> *voltu, quo caelum tempestatesque serenat,*
> *oscula libavit natae, debinc talia futur.*
> "*Parce metu, Cytherea, ...*"

(I.254-257)

45.1-2
"Que, se o *facundo* Ulisses escapou": sobre o *facundo* Ulisses, v. nosso comentário a I.3.1; "De ser na *Ogígia* Ilha eterno escravo": na *Odisseia,* VII.241-264, em diálogo de *Ulisses* com *Arete,* aquele conta o que passou durante sete anos, no antro de *Calipso* (na ilha *Ogígia*) e de que pôde libertar-se por ordem de *Zeus.* Na *Odisseia* o diálogo entre *Calipso* e *Ulisses* termina por este verso: "E eles voltaram para dentro para ficar nos braços um do outro a amar-se. "Que diria *Penélope* a este *desespero* de *Ulisses?*

45.3
"E se Antenor os seios penetrou / Ilíricos ...": imitação de Virgílio, *E,* I.242-246:

> *Antenor potuit mediis elapsus Achivis*
> *Illyricos penetrare sinus atque intima tutus*
> *regna Liburnorum et fontem superare Timavi,*
> *unde per ora novem vasto cum murmure montis*
> *it mare proruptum et pelago premit arva sonanti.*

A seguir a estes versos vem este (v. 247):

> *Hic tamen ille urbem Patavi sedesque locavit.*

Pádua teria sido a primeira fundação troiana em Itália.

45.6
"De Cila e de Caríbdis o mar bravo": por conselho de *Heleno, Eneias* arranjou modo de evitar os perigos de Cila e de Caríbdis (v. *En.*, III.419-432 e III.685-686).

46.3-6
"Os Turcos *belacíssimos* ... /... / Os Reis da Índia, livres e *seguros,* / Vereis ao Rei *potente* sojugados": são latinismos.

47.1-6
"Vereis este que ... / Por tantos *medos* ... / Tremer dele Neptuno, ...": anacoluto. *Medos,* perigos; "Que trema e ferva o mar, ...": v. Castanheda, VI.LXXI, e Barros, III.IX.I: na segunda viagem do Gama à Índia, já perto da costa desta, os mareantes sentiram o mar tremer "muyto rijo & por bõ espaço" e alvoroçaram-se por desconhecerem que se tratava de um maremoto. Vasco da Gama acudiu: " – *Amigos, prazer & alegria, o mar treme de nós, não ajáes medo, que isto he tremor de terra."* O caso saldou-se com a perda de um homem que se atirou ao mar e com a restauração da saúde dos doentes com febre (Barros). Para Castanheda este tremor do mar deu-se aos seis dias de Setembro de 1524, "ao quarto da alva", e para Barros, "hũa quarta feira véspora de nossa Senhora de Setembro ás oito horas da noite", do mesmo ano.

48.1-6
"Vereis a terra que a água lhe tolhia": Moçambique; "O *mortífero* engano, ...": é latinismo.

49.3
"Vereis de Ormuz o Reino poderoso": Ormuz foi assaltada a primeira vez por Afonso de Albuquerque em 1507; este aí voltou em 1515, estabelecendo-se então o domínio português.

49.5-8
"Ali vereis o Mouro furioso": Castanheda, II.LXII: "E andãdo nestes cõtratos ao terceyro dia despois da batalha quis nosso señor manifestar ho milagre que fizera nele por parte dos nossos. E foy que começarão daparecer sobre a agoa do mar muytos corpos mortos de mouros, pregados de muytas frechas, ho que foy dito ao capitão môr, q̃ espãtado daquilo, mãdou tomar algũs dãqeles corpos: & vio q̃ verdadeyramẽte erão de mouros, & as frechas taes como aquelas com que os mouros tiravão na batalha. E chorãdo de prazer disse a todos q̃ ali conhecerião o milagre q̃ nosso señor fizera por eles, que as mesmas frechas que os mouros lhes tiravão tornavão sobreles & os matavão..."

50.1
"Vereis a *inexpugnábil* Dio forte": o primeiro cerco de Dio teve lugar em 1538 e terminou pela resistência heróica de António da Silveira; o segundo foi em 1546 e terminou pela vitória de D. João de Castro. A praça era comandada por D. João de Mascarenhas. *Inexpugnábil* é latinismo.

51.1
"Goa vereis aos Mouros ser tomada": Goa foi tomada por Afonso de Albuquerque em Fevereiro de 1510 e pouco depois abandonada, sendo retomada definitivamente em 25 de Novembro de 1510.

52.1-5
"Vereis a fortaleza sustentar-se / De Cananor ...": Em 1507 o rei de Cananor pôs cerco à fortaleza que os Portugueses tinham naquela cidade. A fortaleza só foi libertada com a chegada em 27 de Agosto de 1507 de uma armada de Tristão da Cunha. Comandava a fortaleza ao tempo Lourenço de Brito; "E vereis Calecu desbaratar-

se": Calecute foi destruída em 1509 pelo marechal Fernando Coutinho e por Afonso de Albuquerque; "E vereis em Cochim assinalar-se": refere-se à heróica defesa de Cochim por Duarte Pacheco Pereira contra os exércitos do Samorim de Calecute. O Poeta consagra a esta série de batalhas as est. 13-19 do Canto X; "... peito soberbo e *insolente*": *insolente,* orgulhoso.

53.1

"Nunca com Marte instruto e furioso": o Poeta teve sob os olhos o texto latino de *En.,* VIII.675-688. Há expressões idênticas: "Actia bella", "instructo Marte", "fervere Leucaten". Fala-se nestes versos do promontório de Leucate, junto da costa da Acarnânia, não longe do promontório de Actium, à entrada do golfo de Ambrácia, onde António, acompanhado de Cleópatra, foi derrotado por Octávio (César Augusto), em 31 a. C.

53.6-8

"... do famoso / Nilo e do *Bactra Cítico* e robusto": também iam povos do *Bactra Cítico.* Os Báctrios são os povos da Bactriana, país da Ásia Central. O país báctrio-grego foi destruído por uma invasão cita no princípio do primeiro século antes da nossa era; "... e *presa* rica, / *Preso* da Egípcia linda e não pudica": jogo de palavras. António trazia *presa* rica, mas vinha *preso* da célebre Cleópatra VIII, que morreu após António.

54.3-5

"Levando o Idololatra e o Mouro preso": aqui o Poeta conserva a forma latina e a grega". Na maioria dos casos há haplologia: *idólatra,* em vez de *idolólatra;* "E, sujeita a rica *Áurea Quersoneso*": península de Malaca.
Ort.: *longico* (por *longínquo*).

55.1-6

"De modo, filha minha, que *de jeito*": deste modo, assim; "Do Gangético mar ao Gaditano": do Índico (Ganges) ao Atlântico (Cádis); "Que mostrou o agravado Lusitano"; Fernão de Magalhães e o estreito que tem o seu nome. "Agravado" também em X.138.7.

56.1-2
"Como isto disse, manda o consagrado / Filho de Maia à Terra ...": como em Virgílio, *E,* I.297-299:

> *Haec ait et Maia genitum demittit ab alto,*
> *ut terrae utque novae pateant Karthaginis arces*

56.3
"... *pacífico* porto ...": *pacífico* é latinismo.

57.1
"Já pelo ar o *Cileneu* voava": *Cileneu* é *Mercúrio* ou *Hermes*. O nome de *Cileneu* vem-lhe de ter nascido numa caverna, no monte Cilene, ao sul da Arcádia. Os atributos de *Mercúrio* (ou *Hermes)* são o caduceu, o chapéu de abas largas, as sandálias aladas e uma bolsa, símbolo dos lucros que o comércio confere; "Com esta, as tristes almas *revocava*": *revocar* (chamar) é latinismo; *galero* (do l. *galerus*), o chapéu de *Mercúrio.*

58.6
"Co rumor famosíssimo e *perclaro*": *perclaro* (preclaro) é latinismo.

59.8
"Se lá dos *Céus* não vem *celeste* aviso": pleonasmo.

60.1-2
"Meio caminho a noite tinha andado. / E as Estrelas no Céu co a luz alheia". Era corrente no tempo de Camões supor-se que as estrelas brilhavam *com luz alheia,* a do Sol.

60.8
"A outra gente *a quartos* vigiava": cada quarto de vigia durava oito relógios ou ampulhetas de meia hora. O primeiro quarto de vigia da noite era o *quarto de prima;* o segundo, o *de modorra,* e o terceiro, o *de alva* (LPS, *AL,* p. 87).

61.2-5
"... *fuge, fuge,* Lusitano": forma antiga e ainda hoje empregada pelo povo; "Fuge, que o vento e o Céu te favorece": sujeito do plural a concordar com o verbo no singular.

62.2-5
"O hospício que o cru Diomedes dava"; trata-se de uma das façanhas de *Hércules. Diomedes,* rei da Trácia, tinha por costume fazer devorar pelos seus cavalos os hóspedes que recebia. Uma das tradições quer que *Héracles* tenha entregue *Diomedes* aos seus próprios cavalos, que o devoraram; "As aras de *Busíris* infamado": *Busíris,* rei do Egipto, sacrificava os estrangeiros no altar de seu pai e acabou por ser morto pelo próprio *Héracles (Hércules).*

63.1-4
"Vai-te ao longo da costa discorrendo": refere-se a Melinde, que fica junto do Equador, apenas a três graus de latitude sul, e, portanto, durante todo o ano são os dias iguais às noites.

64.6
"... na terra *inica* tanto": é um latinismo. Na edição *princeps* o único exemplo de *iníqua,* em dez exemplos, pelo menos. É natural que a pronúncia não correspondesse à ortografia erudita, mas que se dissesse *inico,* como em outros muito lugares (v. "Prefácio", III).

65.7
"levam gritando as âncoras ...": *levar,* erguer, suster (cf. 18.1).

66.3
"Mansamente as amarras lhe cortavam": Castanheda, I.IX: "E nesta mesma noyte à mea noyte sentirão os que vigiavão no navio Birrio [Bérrio] bolir ho cabre de hũa ancora que estava surta, & logo cuydarão que erão toninhas, se não quãdo atentando bem virão que erão os ĩmigos, que a nado estavão picando ho cabre cõ terçados, para que cortado desse o navio à costa & se perdesse, ja q̃ doutra maneyra ho não podião tomar."

67.2
"Iam as vias *húmidas* de *argento*": são latinismos; "Assopra-lhe *galerno* o vento e *brando*": pleonasmo.

68.1-4
"Tinha ũa volta dado o Sol ardente / E noutra começava ...": o Poeta descreve desta maneira o dia solar; "Ao longe dous navios, brandamente / Cos ventos navegando, que respiram": "& em

amanhecẽdo aparecerão dous zambucos / ... / ajulavento da frota tres legoas ao mar" (Castanheda, I.X).

70.4
"Mas não lhe sucedeu como cuidava": verso igual a I.44.8.

71.1-8
"Louvam do Rei os Mouros a bondade": "Todos cõcorrião na bondade delrey de Melinde ..." (Barros, I.IV.V); "Magnificência grande e humanidade": "soube como adiante estava hũa villa chamada Melinde, cujo Rey era homem humano ..." (id., ibid.); "Pera onde o sonho e o Mouro lhe dizia": concordância do sujeito do plural com o verbo no singular.

72.1-4
"Era no tempo alegre, quando entrava / No roubador de Europa a luz Febeia": o dia da chegada a Melinde foi em 15 de Abril de 1498, domingo de Páscoa. O Sol começava a percorrer o signo do Touro (roubador de Europa) em 11 de Abril. Era no tempo alegre em que *Flora,* deusa das flores, derramava a sua cornucópia; *Amalteia,* a cabra que alimentou Zeus quando criança e um dos cornos da qual se tornou o *corno da abundância.*

72.5-8
"A memória do dia renovava /... / Em que Aquele ... / O selo pôs a quanto tinha feito": *pôr o selo,* pôr a marca.

73.6
"A cor *purpúrea* ao longe aparecia": é latinismo.

74.3
"Gente mais verdadeira e *mais humana*": mais civilizada, mais polida (latinismo).

75.6
"Que os *peitos generosos* ennobrece": nobre de sentimentos.

76.2-5
"... não dobradas": não fingidas; "... *lanígeros* carneiros": é latinismo.

78.1-7
"... na prática elegante": eloquente; "Como na terra ...": logo que na terra ... ; "Com estilo que *Palas* ...": *Palas,* epíteto da deusa *Atenas,* conhecida, frequentemente, com o nome de *Palas Ateneia.*

80.6
"Imos buscando ...": forma antiga e popular, por *vamos.*

81.1
"... há *i* de gente": forma arcaica, por *aí* (no tempo de Camões junto do verbo *haver*); "Mas inda o hospício da deserta areia": v. Virgílio, *E,* I.540: "Hospitio prohibemur harenae."

82.1-5
"Mas tu ... A teu porto seguros navegamos": anacoluto; "Que teve o perdido Ítaco em Alcino": *o perdido Ítaco – Ulisses* – acolhido por *Alcino,* rei dos Feácios, que habitavam uma ilha que se pretendeu identificar com Corcira (hoje Corfu) (v. *Odisseia,* VII). A filha do rei que acolheu *Ulisses* após o naufrágio era *Nausica* (v. *Odisseia,* VI).

82.6
"Conduzidos do intérprete divino": o "intérprete divino", ou mensageiro, que apareceu em sonhos ao Gama. Na *En.,* IV.356, *Mercúrio* é o *interpres divum* (ED).

85.2
"Louvavam muito o *estâmago* da gente": o ânimo, o valor.

87.1-2
"De não sair em terra toda a gente / Por observar a usada preminência": tem sido muito discutido o significado do segundo verso, a meu ver sem razão. Na est. 75, VV. 7 e 8, o Rei de Melinde mandara rogar "que saíssem / Pera que de seus reinos se servissem". O Capitão, porém, para guardar o regimento, não quis sair; portanto, não saiu ninguém "para se respeitar a preeminência".

88.1
Porém, como a luz *crástina* chegada": *crástino* é latinismo e significa o dia seguinte; *como,* assim que; *almadia,* v. I.92.1.

89.2
"O filho de Latona ...": *Apolo,* filho de *Júpiter* e de *Latona* (ou *Leto*).

90.5-8
"Mostra-se dos *Ciclopas* o exercício": os *Ciclopes* eram ferreiros de *Vulcano;* "Nas bombas que de fogo estão queimando": por "Nas bombas de fogo que ..."; "Instrumentos *altíssonos* é latinismo (que têm som alto, ressoantes).

92.1-4
"Mas já o Céu *inquieto,* revolvendo,": "o céu vai volvendo sem descanso; desfazem-se por fim as trevas da noite, rompendo de novo a luz da madrugada" (LPS, *AL);* "E já a mãe de *Menon,* a luz trazendo": *Mémnon,* o filho de *Éos* (a *Aurora)* e de *Titono.* Foi criado pelas *Hespérides* e reinava sobre os Etiópios; "... punha certo atalho": punha atalho certo, que se repete todos os dias.

93.1-3
"... ferver as praias": estar em grande animação; "Luzem de fina púrpura as *cabaias*": vestidura de mangas compridas e aberta ao lado.

94.1-8
"Um batel grande e largo, que toldado": Castanheda, I.XII: "A derradeira oytava de Pascoa, despois de comer foy el rey de Melinde em hũa almadia grãde jũto da nossa frota, & levava vestida hũa cabaya de damasco carmesim, forrada de cetĩ verde: & na cabeça hũa touca muyto rica. Vinha assẽtado ẽ hũa cadeira despaldas ao modo ãtigo, & era darame muyto bem lavrada & fermosa, & nela hũa almofada de seda: & outra tal como essa jũto coele: cobriase cõ hũ sombreiro de pé de cetĩ carmesim, & ya junto coele como pajẽ hũ homẽ velho que lhe levava hũ terçado rico cõ a bainha de prata. Trazia muytos anafis, & duas bozinas de marfim de cõprimẽto doyto palmos cada hũa, & erão muyto lavradas: & tãgiãse per hũ buraco q̃ tinhão no meyo: & cõcertavão cõ os anafis. Vinhão cõ elrey obra de vĩte mouros fidalgos ataviados todos ricamẽte."

95.1-8
"... rico e *dino*": de grande valor; "Da Tíria cor..."; Tiro, antiga cidade da Fenícia, célebre pela sua indústria da púrpura; "Onde a matéria da

obra é superada": semelhança com este verso de Ovídio: "materiam superabat opus" (*M,* 11.5).

96.6
"De áspero som, horríssono ao ouvido": a edição *princeps* tem *horrisomo,* que, segundo JMR, seria haplologia de *horridissimo.* Nós adoptámos a correcção *horríssono,* por ser frequente em Camões esta forma.

98.4
"Do metal que Fortuna ...": de ouro; "Os golpes do gibão ...": vestidura que cobria o corpo até à cintura, por baixo da *roupa,* ou vestidura externa; "Ao Itálico modo a áurea espada": parece significar segura a talabarte.
Ort.: *pruma* (por *pluma*).

99.2-3
"Da tinta que dá o *múrice* excelente / A vária cor ...": molusco gasterópode que dá a púrpura; *da tinta* pertence para a *vária cor.*

99.7-8
"Qual aparece o arco rutilante / Da bela ninfa filha de Taumante": a filha de Taumante (ou Taumas) é *Íris.* O Poeta designa o arco-íris.

100.1-7
"*Sonorosas* trombetas incitavam": v. comentário a I.5.1; "Os ânimos alegres *ressoando*": *ressoando* pertence para *sonorosas trombetas* (várias edições transformam o *resoando* da edição *princeps* em *resonando*); "Os toldos pelas águas *arrojando*": *arrojando* é um dos muitos casos de acrescentamento protético que se verificam em Camões; *arrojando* está por *rojando*; "As bombardas *horríssonas* ...": v. nosso comentário a II.96.6; "Amiúdam-se os brados acendidos": os estrondos das bombardas.

101.1
"Já no batel entrou do Capitão": Castanheda, I.XII: "E ẽ chegãdo el rey perto dele, disselhe q̃ lhe queria falar no seu batel pera o ver de mais perto: & logo se meteo no batel, & fezlhe tamanha cortesia como se fora rey como ele, & oulhava parele & pera os outros como pera cousa estranha."

102.8
"... *tivesse* guerra": por *tivera.*

103.1-4
"E como por toda África *se soa*": são soados; "Do Reino onde as *Hespéridas* viveram": *Hespéridas,* "filhas da noite" em Hesíodo, que "para lá do ilustre oceano cuidam das belas maçãs de oiro e das árvores que têm tal fruto" (*Th.,* vv. 215 a 218). Nesta est. é evidente que o Poeta coloca as Hespéridas em Marrocos. Na Elegia II o Poeta escreveu: "Dali [do monte Ábila, em Ceuta] estou tenteando aonde viu [Hércules Tebano] / o pomar das Hespéridas, matando / a serpe que a seu passo resistiu." Para Estrabão (*Geografia,* 7.3.6), *Hespéridas* e *Górgonas* eram invenções.

105.1-4
"Tu só, de todos quantos queima Apolo": todos os africanos do costa oriental; "... dos ventos *hórridos* de *Eolo*": *hórridos* é latinismo; *Éolo*, rei dos ventos e das tempestades; "Refúgio ... *fido* e *jocundo*": *fido* (fiel) e *jocundo* (alegre) são latinismos.

106.3-7
"Vão as naus hũa e hũa rodeando": Castanheda, I.XII: "E despois de acabarẽ de falar & cõfirmar amizade antreles, ãdou el rey folgãdo por antre a nossa frota, dõde tíravão muytas bõbardadas, q̃ ele folgava muyto douvir tirar"; "... pera o Céu *Vulcano* fuzilando": a artilharia; "... trombetas *canoras* ...": *canoras* (melodiosas) é latinismo.

107.2-3
"Do *generoso* Mouro ...": magnânimo; "Ouvindo o instrumento *inusitado*": ouvindo os tiros das bombardas. *Inusitado* (desusado) é latinismo.

108.6
"De toda a Hespéria última, onde mora": Gaspar Barreiros, *Chor.,* p. 197: "E porque também Hespanha foi chamada dos Graegos Hesperia da mesma strella, lhe chamou Horatio Hesperia ultima, por diferença de Italia, que à respecto dos Graegos ê à primeira."

109.1-8
Prepara-se a conversa do Capitão e do rei de Melinde, que tem

pequena base histórica; "Da terra tua o clima e região": a palavra *clima* tinha sentido diferente no século XVI. Assim "Portugal estendia-se na Europa sobre o clima de Roma ao norte de Lisboa, e ao sul sobre o clima de Rodes" (v. LPS, *AL,* p. 100).

110.5

"Conta, que agora vêm cos áureos freios": vem rompendo a manhã.

111.1

"E não menos co tempo se parece": "o desejo de ouvir o que contares não é menor que o tempo de que dispomos, pois vem rompendo a aurora" (v. MR, comentário à est. 111).

112.1-8

"Cometeram soberbos os *Gigantes*": os *Gigantes,* filhos da *Terra* (*Gaia*), quiseram combater os deuses olímpicos, escalando o céu, e foram derrotados; "Tentou *Perito* e *Teseu,* de ignorantes": *Teseu* e *Pirítoo* tinham jurado darem-se mùtuamente como esposa uma filha de *Zeus*. Nessa intenção *Teseu* acompanhou *Pirítoo* aos *Infernos* para raptarem *Perséfone* (*Prosérpina*). Chegaram aos *Infernos,* mas não puderam sair de lá. Foram guardados como prisioneiros até à vinda de *Héracles*. Este conseguiu trazer *Teseu* à luz do dia, mas quando tentou libertar *Pirítoo* a terra tremeu e *Héracles,* tendo compreendido que os deuses não queriam libertar o culpado, abandonou o intento e *Pirítoo* ficou nos *Infernos;* "O Reino de *Plutão,* horrendo e escuro": *Plutão* é o deus dos *Infernos;* "Tentou Pirito e Teseu ..."; o verbo, no singular, concorda com um dos elementos do sujeito; "... a fúria de Nereu": a fúria do Oceano.

113.1-4

"Queimou o sagrado templo de Diana": o templo de Ártemis (Diana), em Éfeso, foi incendiado por um louco de origem cretense, que supunha assim imortalizar o seu nome. Diz-se que o incêndio teve lugar na própria noite em que nasceu Alexandre Magno (356 a. C.). O primeiro arquitecto foi Chersiphron (o "Ctesifónio" de Camões). O templo foi reconstruído com maior grandeza (Estrabão, *Geografia,* 14, I, 22). Plínio, escrevendo muito mais tarde, descreve o templo e diz: "opere praefuit Chersiphron architectus" (XXXVI.XXI.95). Plínio diz ainda: "Graecae magnificentiae vera admiratio exstat templum Ephesiae Dianae CXX annis factum a tota Asia" (XXXVI.XXI.95).

III

1 **A**GORA tu, Calíope, me ensina
O que contou ao Rei o ilustre Gama;
Inspira imortal canto e voz divina
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Assi o claro inventor da Medicina,
De quem Orfeu pariste, o linda Dama,
Nunca por Dafne, Clície ou Leucotoe,
Te negue o amor devido, como soe.

2 Põe tu, Ninfa, em efeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana;
Que veja e saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganipe corre e mana.
Deixa as flores de Pindo, que já vejo
Banhar-me Apolo na água soberana;
Senão direi que tens algum receio
Que se escureça o teu querido Orfeio.

3 Prontos estavam todos escuitando
O que o sublime Gama contaria,
Quando, despois de um pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assi dizia:
– «Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
De minha gente a grão genealogia;
Não me mandas contar estranha história,
Mas mandas-me louvar dos meus a glória.

4 «Que outrem possa louvar esforço alheio,
Cousa é que se costuma e se deseja;
Mas louvar os meus próprios, arreceio
Que louvor tão suspeito mal me esteja;
E, pera dizer tudo, temo e creio
Que qualquer longo tempo curto seja;
Mas, pois o mandas, tudo se te deve;
Irei contra o que devo, e serei breve.

5 «Além disso, o que a tudo enfim me obriga
É não poder mentir no que disser,
Porque de feitos tais, por mais que diga,
Mais me há-de ficar inda por dizer.
Mas, porque nisto a ordem leve e siga,
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Despois direi da sanguinosa guerra.

6 «Entre a Zona que o Cancro senhoreia,
Meta Setentrional do Sol luzente,
E aquela que por fria se arreceia
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodeia,
Pela parte do Arcturo e do Ocidente,
Com suas salsas ondas o Oceano,
E, pela Austral, o Mar Mediterrano.

7 «Da parte donde o dia vem nascendo,
Com Ásia se avizinha; mas o rio
Que dos Montes Rifeios vai correndo
Na alagoa Meótis, curvo e frio,
As divide, e o mar que, fero e horrendo,
Viu dos Gregos o irado senhorio,
Onde agora de Tróia triunfante
Não vê mais que a memória o navegante.

8 «Lá onde mais debaxo está do Pólo,
Os Montes Hiperbóreos aparecem
E aqueles onde sempre sopra Eolo,
E co nome dos sopros se ennobrecem.
Aqui tão pouca força têm de Apolo
Os raios que no mundo resplandecem,
Que a neve está contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

9 «Aqui dos Citas grande quantidade
Vivem, que antigamente grande guerra
Tiveram, sobre a humana antiguidade,
Cos que tinham antão a Egípcia terra;
Mas quem tão fora estava da verdade
(Já que o juízo humano tanto erra),
Pera que do mais certo se informara,
Ao campo Damasceno o perguntara.

10 «Agora nestas partes se nomeia
A Lápia fria, a inculta Noruega,
Escandinávia Ilha, que se arreia
Das vitórias que Itália não lhe nega.
Aqui, enquanto as águas não refreia
O congelado Inverno, se navega
Um braço do Sarmático Oceano
Pelo Brús[s]io, Suécio e frio Dano.

11 «Entre este Mar e o Tánais vive estranha
Gente, Rutenos, Moscos e Livónios,
Sármatas outro tempo; e na montanha
Hircínia os Marcomanos são Polónios.
Sujeitos ao Império de Alemanha
São Saxones, Boémios e Panónios
E outras várias nações, que o Reno frio
Lava, e o Danúbio, Amásis e Álbis rio.

12 «Entre o remoto Istro e o claro Estreito
Aonde Hele deixou, co nome, a vida,
Estão os Traces de robusto peito,
Do fero Marte pátria tão querida,
Onde, co Hemo, o Ródope sujeito
Ao Otomano está, que sometida
Bizâncio tem a seu serviço indino:
– Boa injúria do grande Costantino!

13 «Logo de Macedónia estão as gentes,
A quem lava do Áxio a água fria;
E vós também, ó terras excelentes
Nos costumes, engenhos e ousadia,
Que criastes os peitos eloquentes
E os juízos de alta fantasia,
Com quem tu, clara Grécia, o Céu penetras,
E não menos por armas, que por letras.

14 «Logo os Dálmatas vivem; e no seio
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das águas, – que tão baxa começou.
Da terra um braço vem ao mar, que, cheio
De esforço, nações várias sujeitou;
Braço forte, de gente sublimada
Não menos nos engenhos que na espada.

15 «Em torno o cerca o Reino Neptunino,
Cos muros naturais por outra parte;
Pelo meio o divide o Apenino,
Que tão ilustre fez o pátrio Marte;
Mas, despois que o Porteiro tem divino,
Perdendo o esforço veio e bélica arte;
Pobre está já de antiga potestade.
Tanto Deus se contenta de humildade!

16 «Gália ali se verá, que nomeada
Cos Cesáreos triunfos foi no mundo;
Que do Séquana e Ródano é regada
E do Garuna frio e Reno fundo.
Logo os montes da Ninfa sepultada,
Pirene, se alevantam, que, segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro e de prata antão correram.

17 «Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
Como cabeça ali de Europa toda,
Em cujo senhorio e glória estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda;
Mas nunca poderá, com força ou manha,
A Fortuna inquieta pôr-lhe noda
Que lha não tire o esforço e ousadia
Dos belicosos peitos que em si cria.

18 «Com Tingitânia entesta; e ali parece
Que quer fechar o Mar Mediterrano
Onde o sabido Estreito se ennobrece
Co extremo trabalho do Tebano.
Com nações diferentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano;
Todas de tal nobreza e tal valor
Que qualquer delas cuida que é milhor.

19 «Tem o Tarragonês, que se fez claro
Sujeitando Parténope inquieta;
O Navarro, as Astúrias, que reparo
Já foram contra a gente Mahometa;
Tem o Galego cauto e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu Planeta
Restituidor de Espanha e senhor dela;
Bétis, Lião, Granada, com Castela.

20 «Eis aqui, quási cume da cabeça
De Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a terra se acaba e o mar começa
E onde Febo repousa no Oceano.
Este quis o Céu justo que floreça
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fora; e lá na ardente
África estar quieto o não consente.

21 «Esta é a ditosa pátria minha amada,
À qual se o Céu me dá que eu sem perigo
Torne, com esta empresa já acabada,
Acabe-se esta luz ali comigo.
Esta foi Lusitânia, derivada
De Luso ou Lisa, que de Baco antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros,
E nela antão os íncolas primeiros.

22 «Desta o pastor nasceu que no seu nome
Se vê que de homem forte os feitos teve;
Cuja fama ninguém virá que dome,
Pois a grande de Roma não se atreve.
Esta, o Velho que os filhos próprios come,
Por decreto do Céu, ligeiro e leve,
Veio a fazer no mundo tanta parte,
Criando-a Reino ilustre; e foi destarte:

23 «Um Rei, por nome Afonso, foi na Espanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que, por armas sanguinas, força e manha,
A muitos fez perder a vida e a terra.
Voando deste Rei a fama estranha
Do Herculano Calpe à Cáspia Serra,
Muitos, pera na guerra esclarecer-se,
Vinham a ele e à morte oferecer-se.

24 «E com um amor intrínseco acendidos
Da Fé, mais que das honras populares,
Eram de várias terras conduzidos,
Deixando a pátria amada e próprios lares.
Despois que em feitos altos e subidos
Se mostraram nas armas singulares,
Quis o famoso Afonso que obras tais
Levassem prémio dino e dões iguais.

25 «Destes Anrique (dizem que segundo
Filho de um Rei de Hungria exprimentado)
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era ilustre nem prezado;
E, pera mais sinal de amor profundo,
Quis o Rei Castelhano que casado
Com Teresa, sua filha, o Conde fosse;
E com ela das terras tomou posse.

26 «Este, despois que contra os descendentes
Da escrava Agar vitórias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve,
Em prémio destes feitos excelentes
Deu-lhe o supremo Deus, em tempo breve,
Um filho que ilustrasse o nome ufano
Do belicoso Reino Lusitano.

27 «Já tinha vindo Anrique da conquista
Da cidade Hierosólima sagrada,
E do Jordão a areia tinha vista,
Que viu de Deus a carne em si lavada
(Que, não tendo Gotfredo a quem resista,
Despois de ter judeia sojugada,
Muitos que nestas guerras o ajudaram
Pera seus senhorios se tornaram);

28 «Quando, chegado ao fim de sua idade,
O forte e famoso Húngaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O esprito deu a Quem lho tinha dado.
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pai deixava seu traslado,
Que do mundo os mais fortes igualava:
Que de tal pai tal filho se esperava.

29 « Mas o velho rumor – não sei se errado,
Que em tanta antiguidade não há certeza –
Conta que a mãe, tomando todo o estado,
Do segundo himeneu não se despreza.
O filho órfão deixava deserdado,
Dizendo que nas terras a grandeza
Do senhorio todo só sua era,
Porque, pera casar, seu pai lhas dera.

30 «Mas o Príncipe Afonso (que destarte
Se chamava, do avô tomando o nome),
Vendo-se em suas terras não ter parte,
Que a mãe com seu marido as manda e come,
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina consigo como as tome:
Revolvidas as causas no conceito,
Ao propósito firme segue o efeito.

31 «De Guimarães o campo se tingia
Co sangue próprio da intestina guerra,
Onde a mãe, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor e a terra.
Co ele posta em campo já se via;
E não vê a soberba o muito que erra
Contra Deus, contra o maternal amor;
Mas nela o sensual era maior.

32 «Ó Progne crua, o mágica Medeia!
Se em vossos próprios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alheia,
Olhai que inda Teresa peca mais!
Incontinência má, cobiça feia,
São as causas deste erro principais:
Cila, por ũa, mata o velho pai;
Esta, por ambas, contra o filho vai.

33 «Mas já o Príncipe claro o vencimento
Do padrasto e da inica mãe levava;
Já lhe obedece a terra, num momento,
Que primeiro contra ele pelejava;
Porém, vencido de ira o entendimento,
A mãe em ferros ásperos atava;
Mas de Deus foi vingada em tempo breve.
Tanta veneração aos pais se deve!

34 «Eis se ajunta o soberbo Castelhano
Pera vingar a injúria de Teresa,
Contra o, tão raro em gente, Lusitano,
A quem nenhum trabalho agrava ou pesa.
Em batalha cruel, o peito humano,
Ajudado da Angélica defesa,
Não só contra tal fúria se sustenta,
Mas o inimigo aspérrimo afugenta.

35 «Não passa muito tempo, quando o forte
Príncipe em Guimarães está cercado
De infinito poder, que desta sorte
Foi refazer-se o imigo magoado;
Mas, com se oferecer à dura morte
O fiel Egas amo, foi livrado;
Que, de outra arte, pudera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

36 «Mas o leal vassalo, conhecendo
Que seu senhor não tinha resistência,
Se vai ao Castelhano, prometendo
Que ele faria dar-lhe obediência.
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa e consciência
De Egas Moniz; mas não consente o peito
Do moço ilustre a outrem ser sujeito.

37 «Chegado tinha o prazo prometido,
Em que o Rei Castelhano já aguardava
Que o Príncipe, a seu mando sometido,
Lhe desse a obediência que esperava.
Vendo Egas que ficava fementido
O que dele Castela não cuidava,
Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal cumprida.

38 «E com seus filhos e mulher se parte
A alevantar co eles a fiança,
Descalços e despidos, de tal arte
Que mais move a piedade que a vingança.
– «Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temerária confiança
(Dizia) eis aqui venho oferecido
A te pagar co a vida o prometido.

39 «Vês aqui trago as vidas inocentes
Dos filhos sem pecado e da consorte;
Se a peitos generosos e excelentes
Dos fracos satisfaz a fera morte,
Vês aqui as mãos e a língua delinquentes:
Nelas sós exprimenta toda sorte
De tormentos, de mortes, pelo estilo
De Sínis e do touro de Perilo.»

40 «Qual diante do algoz o condenado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Põe no cepo a garganta e já entregado
Espera pelo golpe tão temido:
Tal diante do Príncipe indinado
Egas estava, a tudo oferecido.
Mas o Rei vendo a estranha lealdade,
Mais pôde, enfim, que a ira, a piedade.

41 «Ó grão fidelidade Portuguesa
De vassalo, que a tanto se obrigava!
Que mais o Persa fez naquela empresa
Onde rosto e narizes se cortava?
Do que ao grande Dario tanto pesa,
Que mil vezes dizendo suspirava
Que mais o seu Zopiro são prezara
Que vinte Babilónias que tomara.

42 «Mas já o Príncipe Afonso aparelhava
O Lusitano exército ditoso,
Contra o Mouro que as terras habitava
De além do claro Tejo deleitoso;
Já no campo de Ourique se assentava
O arraial soberbo e belicoso,
Defronte do inimigo Sarraceno,
Posto que em força e gente tão pequeno,

43 «Em nenhũa outra cousa confiado,
Senão no sumo Deus que o Céu regia,
Que tão pouco era o povo bautizado,
Que, pera um só, cem Mouros haveria.
Julga qualquer juízo sossegado
Por mais temeridade que ousadia
Cometer um tamanho ajuntamento,
Que pera um cavaleiro houvesse cento.

44 «Cinco Reis Mouros são os inimigos,
Dos quais o principal Ismar se chama;
Todos exprimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a ilustre fama.
Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a fermosa e forte Dama
De quem tanto os Troianos se ajudaram,
E as que o Termodonte já gostaram.

45 «A matutina luz, serena e fria,
As Estrelas do Pólo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amostrando-se a Afonso, o animava.
Ele, adorando Quem lhe aparecia,
Na Fé todo inflamado assi gritava:
– «Aos Infiéis, Senhor, aos Infiéis,
E não a mi, que creio o que podeis!»

46 «Com tal milagre os ânimos da gente
Portuguesa inflamados, levantavam
Por seu Rei natural este excelente
Príncipe, que do peito tanto amavam;
E diante do exército potente
Dos imigos, gritando, o céu tocavam,
Dizendo em alta voz: – «Real, real,
Por Afonso, alto Rei de Portugal!»

47 «Qual cos gritos e vozes incitado,
Pela montanha, o rábido moloso
Contra o touro remete, que fiado
Na força está do corno temeroso;
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo mais ligeiro que forçoso,
Até que enfim, rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta:

48 «Tal do Rei novo o estâmago acendido
Por Deus e polo povo juntamente,
O Bárbaro comete, apercebido
Co animoso exército rompente.
Levantam nisto os Perros o alarido
Dos gritos; tocam a arma, ferve a gente,
As lanças e arcos tomam, tubas soam,
Instrumentos de guerra tudo atroam!

49 «Bem como quando a flama, que ateada
Foi nos áridos campos (assoprando
O sibilante Bóreas), animada
Co vento, o seco mato vai queimando;
A pastoral companha, que deitada
Co doce sono estava, despertando
Ao estridor do fogo que se ateia,
Recolhe o fato e foge pera a aldeia:

50 «Destarte o Mouro, atónito e torvado,
Toma sem tento as armas mui depressa;
Não foge, mas espera confiado,
E o ginete belígero arremessa.
O Português o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa;
Uns caem meios mortos e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.

51 «Ali se vêm encontros temerosos,
Pera se desfazer ũa alta serra,
E os animais correndo furiosos
Que Neptuno amostrou, ferindo a terra;
Golpes se dão medonhos e forçosos;
Por toda a parte andava acesa a guerra;
Mas o de Luso arnês, couraça e malha,
Rompe, corta, desfaz, abola e talha.

52 «Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono e sem sentido,
E doutros as entranhas palpitando,
Pálida a cor, o cesto amortecido.
Já perde o campo o exército nefando;
Correm rios do sangue desparzido,
Com que também do campo a cor se perde,
Tornado carmesi, de branco e verde.

53 «Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os troféus e presa rica;
Desbaratado e roto o Mauro Hispano,
Três dias o grão Rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta vitória certifica,
Cinco escudos azuis esclarecidos,
Em sinal destes cinco Reis vencidos.

54 «E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros por que Deus fora vendido,
Escrevendo a memória, em vária tinta,
Daquele de Quem foi favorecido.
Em cada um dos cinco, cinco pinta,
Porque assi fica o número cumprido,
Contando duas vezes o do meio,
Dos cinco azuis que em cruz pintando veio.

55 «Passado já algum tempo que passada
Era esta grão vitória, o Rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fora, mui pouco havia, do vencido.
Com esta a forte Arronches sojugada
Foi juntamente; e o sempre ennobrecido
Scabelicastro, cujo campo ameno
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.

56 «A estas nobres vilas sometidas
Ajunta também Mafra, em pouco espaço,
E, nas serras da Lũa conhecidas,
Sojuga a fria Sintra o duro braço;
Sintra, onde as Naiades, escondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas águas acendendo fogo ardente.

57 «E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras és princesa,
Que edificada foste do facundo
Por cujo engano foi Dardânia acesa;
Tu, a quem obedece o Mar profundo,
Obedeceste à força Portuguesa,
Ajudada também da forte armada
Que das Boreais partes foi mandada.

58 «Lá do Germânico Álbis e do Reno
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo Sarraceno
Muitos com tenção santa eram partidos.
Entrando a boca já do Tejo ameno,
Co arraial do grande Afonso unidos,
Cuja alta fama antão subia aos céus,
Foi posto cerco aos muros Ulisseus.

59 «Cinco vezes a Lũa se escondera
E outras tantas mostrara cheio o rosto,
Quando a cidade, entrada, se rendera
Ao duro cerco que lhe estava posto.
Foi a batalha tão sanguina e fera
Quanto obrigava o firme pros[s]uposto
De vencedores ásperos e ousados,
E de vencidos já desesperados.

60 «Destarte, enfim, tomada se rendeu
Aquela que, nos tempos já passados,
À grande força nunca obedeceu
Dos frios povos Cíticos ousados,
Cujo poder a tanto se estendeu
Que o Ibero o viu e o Tejo amedrontados;
E, enfim, co Bétis tanto alguns puderam
Que à terra, de Vandália nome deram.

61 «Que cidade tão forte porventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não pôde resistir à força dura
Da gente cuja fama tanto voa?
Já lhe obedece toda a Estremadura,
Óbidos, Alanquer, por onde soa
O tom das frescas águas entre as pedras,
Que murmurando lava, e Torres Vedras.

62 «E vós também, ó terras Transtaganas,
Afamadas co dom da flava Ceres,
Obedeceis às forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros e os poderes;
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fértil terra queres:
Que Elvas e Moura e Serpa, conhecidas,
E Alcáçare do Sal estão rendidas.

63 «Eis a nobre cidade, certo assento
Do rebelde Sertório antigamente,
Onde ora as águas nítidas de argento
Vêm sustentar de longo a terra e a gente
Pelos arcos reais, que, cento e cento,
Nos ares se alevantam nobremente,
Obedeceu por meio e ousadia
De Giraldo, que medos não temia.

64 «Já na cidade Beja vai tomar
Vingança de Trancoso destruída
Afonso, que não sabe sossegar,
Por estender co a fama a curta vida.
Não se lhe pode muito sustentar
A cidade; mas, sendo já rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura espada.

65 «Com estas sojugada foi Palmela
E a piscosa Sesimbra e, juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrela,
Desbarata um exército potente
(Sentiu-o a vila e viu-o a serra dela),
Que a socorrê-la vinha diligente
Pela fralda da serra, descuidado
Do temeroso encontro inopinado.

66 «O Rei de Badajoz era, alto Mouro,
Com quatro mil cavalos furiosos,
Inúmeros peões, de armas e de ouro
Guarnecidos, guerreiros e lustrosos;
Mas, qual no mês de Maio o bravo touro,
Cos ciúmes da vaca, arreceosos,
Sentindo gente, o bruto e cego amante,
Salteia o descuidado caminhante:

67 «Destarte Afonso, súbito mostrado,
Na gente dá, que passa bem segura;
Fere, mata, derriba, denodado;
Foge o Rei Mouro e só da vida cura;
Dum pânico terror todo assombrado,
Só de segui-lo o exército procura;
Sendo estes que fizeram tanto abalo
Nô mais que só sessenta de cavalo.

68 «Logo segue a vitória, sem tardança,
O grão Rei incansábil, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando.
Cercar vai Badajoz e logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforço e arte e valentia,
Que a fez fazer às outras companhia.

69 «Mas o alto Deus, que pera longe guarda
O castigo daquele que o merece,
Ou pera que se emende, às vezes tarda,
Ou por segredos que homem não conhece,
Se até qui sempre o forte Rei resguarda
Dos perigos a que ele se oferece,
Agora lhe não deixa ter defesa
Da maldição da mãe que estava presa:

70 «Que, estando na cidade que cercara,
Cercado nela foi dos Lioneses,
Porque a conquista dela lhe tomara,
De Lião sendo, e não dos Portugueses.
A pertinácia aqui lhe custa cara,
Assi como acontece muitas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo aceso
À batalha, onde foi vencido e preso.

71 «Ó famoso Pompeio, não te pene
De teus feitos ilustres a ruína,
Nem ver que a justa Némesis ordene
Ter teu sogro de ti vitória dina,
Posto que o frio Fásis ou Siene,
Que pera nenhum cabo a sombra inclina,
O Bootes gelado e a linha ardente
Temessem o teu nome geralmente.

72 «Posto que a rica Arábia e que os feroces
Heníocos e Colcos, cuja fama
O Véu dourado estende, e os Capadoces
E Judeia, que um Deus adora e ama,
E que os moles Sofenos e os atroces
Cilícios, com a Arménia, que derrama
As águas dos dous rios cuja fonte
Está noutro mais alto e santo monte,

73 «E posto, enfim, que desd' o mar de Atlante
Até o Cítico Tauro, monte erguido,
Já vencedor te vissem, não te espante
Se o campo Emátio só te viu vencido;
Porque Afonso verás, soberbo e ovante,
Tudo render e ser despois rendido.
Assi o quis o Conselho alto, celeste,
Que vença o sogro a ti e o genro a este!

74 «Tornado o Rei sublime, finalmente,
Do divino Juízo castigado,
Despois que em Santarém soberbamente,
Em vão, dos Sarracenos foi cercado,
E despois que do mártire Vicente
O santíssimo corpo venerado
Do Sacro Promontório conhecido
À cidade Ulisseia foi trazido;

75 «Por que levasse avante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho
Que às terras se passasse d' Alentejo,
Com gente e co belígero aparelho.
Sancho, d' esforço e d' ânimo sobejo,
Avante passa e faz correr vermelho
O rio que Sevilha vai regando,
Co sangue Mauro, bárbaro e nefando.

76 «E, com esta vitória cobiçoso,
Já não descansa o moço, até que veja
Outro estrago como este, temeroso,
No Bárbaro que tem cercado Beja.
Não tarda muito o Príncipe ditoso
Sem ver o fim daquilo que deseja.
Assi estragado, o Mouro na vingança
De tantas perdas põe sua esperança.

77 «Já se ajuntam do monte a quem Medusa
O corpo fez perder que teve o Céu;
Já vêm do promontório de Ampelusa
E do Tinge, que assento foi de Anteu.
O morador de Abila não se escusa,
Que também com suas armas se moveu,
Ao som da Mauritana e ronca tuba,
Todo o Reino que foi do nobre Juba.

78 «Entrava, com toda esta companhia,
O Miralmomini em Portugal;
Treze Reis mouros leva de valia,
Entre os quais tem o ceptro Imperial.
E assi, fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarém;
Porém não lhe sucede muito bem.

79 «Dá-lhe combates ásperos, fazendo
Ardis de guerra mil, o Mouro iroso;
Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina secreta, aríete forçoso;
Porque o filho de Afonso, não perdendo
Nada do esforço e acordo generoso,
Tudo provê com ânimo e prudência,
Que em toda a parte há esforço e resistência.

80 «Mas o velho, a quem tinham já obrigado
Os trabalhosos anos ao sossego,
Estando na cidade cujo prado
Enverdecem as águas do Mondego,
Sabendo como o filho está cercado,
Em Santarém, do Mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade;
Que não perde a presteza co a idade.

81 «E co a famosa gente, à guerra usada,
Vai socorrer o filho; e assi ajuntados,
A Portuguesa fúria costumada
Em breve os Mouros tem desbaratados.
A campina, que toda está coalhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavalos, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos cheia fica.

82 «Logo todo o restante se partiu
De Lusitânia, postos em fugida;
O Miralmomini só não fugiu,
Porque, antes de fugir, lhe foge a vida.
A Quem lhe esta vitória permitiu
Dão louvores e graças sem medida;
Que, em casos tão estranhos, claramente
Mais peleja o favor de Deus que a gente.

83 «De tamanhas vitórias triunfava
O velho Afonso, Príncipe subido,
Quando quem tudo enfim vencendo andava,
Da larga e muita idade foi vencido.
A pálida doença lhe tocava,
Com fria mão, o corpo enfraquecido;
E pagaram seus anos, deste jeito,
À triste Libitina seu direito.

84 «Os altos promontórios o choraram,
E dos rios as águas saüdosas
Os semeados campos alagaram,
Com lágrimas correndo piadosas;
Mas tanto pelo mundo se alargaram,
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu reino chamarão
«Afonso! Afonso!» os ecos; mas em vão.

85 «Sancho, forte mancebo, que ficara
Imitando seu pai na valentia,
E que em sua vida já se exprimentara
Quando o Bétis de sangue se tingia
E o bárbaro poder desbaratara
Do Ismaelita Rei de Andaluzia,
E mais quando os que Beja em vão cercaram
Os golpes de seu braço em si provaram;

86 «Despois que foi por Rei alevantado,
Havendo poucos anos que reinava,
A cidade de Silves tem cercado,
Cujos campos o Bárbaro lavrava.
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germânica armada que passava,
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judeia já perdida.

87 «Passavam a ajudar na santa empresa
O roxo Federico, que moveu
O poderoso exército, em defesa
Da cidade onde Cristo padeceu,
Quando Guido, co a gente em sede acesa,
Ao grande Saladino se rendeu,
No lugar onde aos Mouros sobejavam
As águas que os de Guido desejavam.

88 «Mas a fermosa armada, que viera
Por contraste de vento àquela parte,
Sancho quis ajudar na guerra fera,
Já que em serviço vai do santo Marte.
Assi como a seu pai acontecera
Quando tomou Lisboa, da mesma arte
Do Germano ajudado, Silves toma
E o bravo morador destrui e doma.

89 «E se tantos troféus do Mahometa
Alevantando vai, também do forte
Lionês não consente estar quieta
A terra, usada aos casos de Mavorte,
Até que na cerviz seu jugo meta
Da soberba Tuí, que a mesma sorte
Viu ter a muitas vilas suas vizinhas,
Que por armas tu, Sancho, humildes tinhas.

90 «Mas, entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Um filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Afonso e Rei terceiro.
No tempo deste, aos Mauros foi tomado
Alcáçare do Sal, por derradeiro;
Porque dantes os Mouros o tomaram,
Mas agora estruídos o pagaram.

91 «Morto despois Afonso, lhe sucede
Sancho segundo, manso e descuidado;
Que tanto em seus descuidos se desmede
Que de outrem quem mandava era mandado.
De governar o Reino, que outro pede,
Por causa dos privados foi privado,
Porque, como por eles se regia,
Em todos os seus vícios consentia.

92 «Não era Sancho, não, tão desonesto
Como Nero, que um moço recebia
Por mulher e, despois, horrendo incesto
Com a mãe Agripina cometia;
Nem tão cruel às gentes e molesto
Que a cidade queimasse onde vivia;
Nem tão mau como foi Heliogabalo,
Nem como o mole Rei Sardanapalo.

93 «Nem era o povo seu tiranizado,
Como Sicília foi de seus tiranos;
Nem tinha, como Fálaris, achado
Género de tormentos inumanos;
Mas o Reino, de altivo e costumado
A senhores em tudo soberanos,
A Rei não obedece nem consente
Que não for mais que todos excelente.

94 «Por esta causa, o Reino governou
O Conde Bolonhês, despois alçado
Por Rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho, sempre ao ócio dado.
Este, que Afonso o Bravo se chamou,
Despois de ter o Reino segurado,
Em dilatá-lo cuida, que em terreno
Não cabe o altivo peito, tão pequeno.

95 «Da terra dos Algarves, que lhe fora
Em casamento dada, grande parte
Recupera co braço, e deita fora
O Mouro, mal querido já de Marte.
Este de todo fez livre e senhora
Lusitânia, com força e bélica arte,
E acabou de oprimir a nação forte,
Na terra que aos de Luso coube em sorte.

96 «Eis despois vem Dinis, que bem parece
Do bravo Afonso estirpe nobre e dina,
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina.
Co este o Reino próspero florece
(Alcançada já a paz áurea divina)
Em constituições, leis e costumes,
Na terra já tranquila claros lumes.

97 «Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso ofício de Minerva;
E de Helicona as Musas fez passar-se
A pisar de Mondego a fértil erva.
Quanto pode de Atenas desejar-se
Tudo o soberbo Apolo aqui reserva.
Aqui as capelas dá tecidas de ouro,
Do bácaro e do sempre verde louro.

98 «Nobres vilas de novo edificou,
Fortalezas, castelos mui seguros,
E quási o Reino todo reformou
Com edifícios grandes e altos muros;
Mas despois que a dura Átropos cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Afonso, mas forte e excelente.

99 «Este sempre as soberbas Castelhanas
Co peito desprezou firme e sereno,
Porque não é das forças Lusitanas
Temer poder maior, por mais pequeno;
Mas porém, quando as gentes Mauritanas,
A possuir o Hespérico terreno,
Entraram pelas terras de Castela,
Foi o soberbo Afonso a socorrê-la.

100 «Nunca com Semirâmis gente tanta
Veio os campos Idáspicos enchendo,
Nem Átila, que Itália toda espanta,
Chamando-se de Deus açoute horrendo,
Gótica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno bárbaro, estupendo,
Co poder excessivo de Granada,
Foi nos campos Tartés[s]ios ajuntada.

101 «E, vendo o Rei sublime Castelhano
A força inexpugnábil, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo Hispano,
Já perdido ũa vez, que a própria morte,
Pedindo ajuda ao forte Lusitano
Lhe mandava a caríssima consorte,
Mulher de quem a manda e filha amada
Daquele a cujo Reino foi mandada.

102 «Entrava a fermosíssima Maria
Polos paternais paços sublimados,
Lindo o gesto, mas fora de alegria,
E seus olhos em lágrimas banhados;
Os cabelos angélicos trazia
Pelos ebúrneos ombros espalhados.
Diante do pai ledo, que a agasalha,
Estas palavras tais, chorando, espalha:

103 – «Quantos povos a terra produziu
De África toda, gente fera e estranha,
O grão Rei de Marrocos conduziu
Pera vir possuir a nobre Espanha:
Poder tamanho junto não se viu
Despois que o salso mar a terra banha;
Trazem ferocidade e furor tanto
Que a vivos medo e a mortos faz espanto!

104 «Aquele que me deste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co pequeno poder, oferecido
Ao duro golpe está da Maura espada;
E, se não for contigo socorrido,
Ver-me-ás dele e do Reino ser privada;
Viúva e triste e posta em vida escura,
Sem marido, sem Reino e sem ventura.

105 «Portanto, ó Rei, de quem com puro medo
O corrente Muluca se congela,
Rompe toda a tardança, acude cedo
À miseranda gente de Castela.
Se esse gesto, que mostras claro e ledo,
De pai o verdadeiro amor assela,
Acude e corre, pai, que, se não corres,
Pode ser que não aches quem socorres.»

106 «Não de outra sorte a tímida Maria
Falando está que a triste Vénus, quando
A Júpiter, seu pai, favor pedia
Pera Eneias, seu filho, navegando;
Que a tanta piedade o comovia
Que, caído das mãos o raio infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pesando-lhe do pouco que lhe pede.

107 «Mas já cos esquadrões da gente armada
Os Eborenses campos vão coalhados;
Lustra co Sol o arnês, a lança, a espada;
Vão rinchando os cavalos jaezados;
A canora trombeta embandeirada
Os corações, à paz acostumados,
Vai às fulgentes armas incitando,
Polas concavidades retumbando.

108 «Entre todos no meio se sublima,
Das insígnias Reais acompanhado,
O valeroso Afonso, que por cima
De todos leva o colo alevantado,
E somente co gesto esforça e anima
A qualquer coração amedrontado.
Assi entra nas terras de Castela
Com a filha gentil, Rainha dela.

109 «Juntos os dous Afonsos, finalmente
Nos campos de Tarifa estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Pera quem são pequenos campo e monte.
Não há peito tão alto e tão potente
Que de desconfiança não se afronte,
Enquanto não conheça e claro veja
Que co braço dos seus Cristo peleja.

110 «Estão de Agar os netos quási rindo
Do poder dos Cristãos, fraco e pequeno,
As terras como suas repartindo,
Antemão, entre o exército Agareno,
Que, com título falso, possuindo
Está o famoso nome Sarraceno.
Assi também, com falsa conta e nua,
À nobre terra alheia chamam sua.

111 «Qual o membrudo e bárbaro Gigante,
Do Rei Saul, com causa tão temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
Só de pedras e esforço apercebido,
Com palavras soberbas, o arrogante,
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que, rodeando a funda, o desengana
(Quanto mais pode a Fé que a força humana!)

112 «Destarte o Mouro pérfido despreza
O poder dos Cristãos, e não entende
Que está ajudado da alta Fortaleza
A quem o Inferno horrífico se rende.
Co ela o Castelhano, e com destreza,
De Marrocos o Rei comete e ofende;
O Português, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao Reino de Granada.

113 «Eis as lanças e espadas retiniam
Por cima dos arneses – bravo estrago! –;
Chamam (segundo as Leis que ali seguiam),
Uns Mafamede e os outros Santiago.
Os feridos com grita o céu feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros, meios mortos, se afogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.

114 «Com esforço tamanho estrui e mata
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defesa ou peito de aço.
De alcançar tal vitória tão barata
Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhano,
Que pelejando está co Mauritano.

115 «Já se ia o Sol ardente recolhendo
Pera a casa de Tétis, e inclinado
Pera, o Ponente, o véspero trazendo,
Estava o claro dia memorado,
Quando o poder do Mauro, grande e horrendo,
Foi pelos fortes Reis desbaratado,
Com tanta mortindade que a memória
Nunca no mundo viu tão grão vitória.

116 «Não matou a quarta parte o forte Mário
Dos que morreram neste vencimento,
Quando as águas co sangue do adversário
Fez beber ao exército sedento;
Nem o Peno, asperíssimo contrário
Do Romano poder, de nascimento,
Quando tantos matou da ilustre Roma,
Que alqueires três de anéis dos mortos toma.

117 «E se tu tantas almas só pudeste
Mandar ao Reino escuro de Cocito,
Quando a santa Cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antigo rito,
Permissão e vingança foi celeste,
E não força de braço, ó nobre Tito;
Que assi dos Vates foi profetizado,
E despois por JESU certificado.

118 «Passada esta tão próspera vitória,
Tornado Afonso à Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta glória
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste, e dino da memória
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha
Que despois de ser morta foi Rainha.

119 «Tu só, tu, puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fora pérfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.

120 «Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto,
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito,
Nos saüdosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

121 «Do teu Príncipe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus fermosos se apartavam;
De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam;
E quanto, enfim, cuidava e quanto via
Eram tudo memórias de alegria.

122 «De outras belas senhoras e Princesas
Os desejados tálamos enjeita,
Que tudo, enfim, tu, puro amor, desprezas
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas,
O velho pai sesudo, que respeita
O murmurar do povo e a fantasia
Do filho, que casar-se não queria,

123 «Tirar Inês ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo aceso.
Que furor consentiu que a espada fina
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra ũa fraca dama delicada?

124 «Traziam-a os horríficos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo, com falsas e ferozes
Razões, à morte crua o persuade.
Ela, com tristes e piedosas vozes,
Saídas só da mágoa e saüdade
Do seu Príncipe e filhos, que deixava,
Que mais que a própria morte a magoava,

125 «Pera o céu cristalino alevantando,
Com lágrimas, os olhos piedosos
(Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos);
E despois nos mininos atentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orfindade como mãe temia,
Pera o avô cruel assi dizia:

126 – «Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aéreas têm o intento,
Com pequenas crianças viu a gente
Terem tão piadoso sentimento
Como co a mãe de Nino já mostraram,
E cos irmãos que Roma edificaram:

127 «Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito
(Se de humano é matar ũa donzela,
Fraca e sem força, só por ter subjeito
O coração a quem soube vencê-la),
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens à morte escura dela;
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

128 «E se, vencendo a Maura resistência,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe também dar vida com clemência
A quem pera perdê-la não fez erro.
Mas, se to assi merece esta inocência,
Põe-me em perpétuo e mísero desterro,
Na Cítia fria ou lá na Líbia ardente,
Onde em lágrimas viva eternamente.

129 «Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre liões e tigres, e verei
Se neles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achei.
Ali, co amor intrínseco e vontade
Naquele por quem mouro, criarei
Estas relíquias suas, que aqui viste,
Que refrigério sejam da mãe triste.»

130 «Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras que o magoam;
Mas o pertinaz povo e seu destino
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito ali apregoam.
Contra ũa dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostrais – e cavaleiros?

131 «Qual contra a linda moça Policena,
Consolação extrema da mãe velha,
Porque a sombra de Aquiles a condena,
Co ferro o duro Pirro se aparelha;
Mas ela, os olhos com que o ar serena
(Bem como paciente e mansa ovelha)
Na mísera mãe postos, que endoudece,
Ao duro sacrifício se oferece:

132 «Tais contra Inês os brutos matadores,
No colo de alabastro, que sustinha
As obras com que Amor matou de amores
Aquele que despois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ela dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, férvidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

133 «Bem puderas, ó Sol, da vista destes,
Teus raios apartar aquele dia,
Como da seva mesa de Tiestes,
Quando os filhos por mão de Atreu comia!
Vós, ó côncavos vales, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

134 «Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, cândida e bela,
Sendo das mãos lacivas maltratada
Da minina que a trouxe na capela,
O cheiro traz perdido e a cor murchada:
Tal está, morta, a pálida donzela,
Secas do rosto as rosas e perdida
A branca e viva cor, co a doce vida.

135 «As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E, por memória eterna, em fonte pura
As lágrimas choradas transformaram.
O nome lhe puseram, que inda dura,
Dos amores de Inês, que ali passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lágrimas são a água e o nome Amores!

136 «Não correu muito tempo que a vingança
Não visse Pedro das mortais feridas,
Que, em tomando do Reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas;
Do outro Pedro cruíssimo os alcança,
Que ambos, imigos das humanas vidas,
O concerto fizeram, duro e injusto,
Que com Lépido e António fez Augusto.

137 «Este, castigador foi rigoroso
De latrocínios, mortes e adultérios;
Fazer nos maus cruezas, fero e iroso,
Eram os seus mais certos refrigérios.
As cidades guardando, justiçoso,
De todos os soberbos vitupérios,
Mais ladrões, castigando, à morte deu,
Que o vagabundo Alcides ou Teseu.

138 «Do justo e duro Pedro nasce o brando
(Vede da natureza o desconcerto!),
Remisso e sem cuidado algum, Fernando,
Que todo o Reino pôs em muito aperto;
Que, vindo o Castelhano devastando
As terras sem defesa, esteve perto
De destruir-se o Reino totalmente;
Que um fraco Rei faz fraca a forte gente.

139 «Ou foi castigo claro do pecado
De tirar Lianor a seu marido
E casar-se com ela, de enlevado
Num falso parecer mal entendido,
Ou foi que o coração, sujeito e dado
Ao vício vil, de quem se viu rendido,
Mole se fez e fraco; e bem parece
Que um baxo amor os fortes enfraquece.

140 «Do pecado tiveram sempre a pena
Muitos, que Deus o quis e permitiu:
Os que foram roubar a bela Helena,
E com Ápio também Tarquino o viu.
Pois por quem David Santo se condena?
Ou quem o Tribo ilustre destruiu
De Benjamim? Bem claro no-lo ensina
Por Sarra Faraó, Siquém por Dina.

141 «E pois, se os peitos fortes enfraquece
Um inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Almena se parece
Quando em Ônfale andava transformado.
De Marco António a fama se escurece
Com ser tanto a Cleópatra afeiçoado.
Tu também, Peno próspero, o sentiste
Despois que ũa moça vil na Apúlia viste.

142 «Mas quem pode livrar-se, porventura,
Dos laços que Amor arma brandamente
Entre as rosas e a neve humana pura,
O ouro e o alabastro transparente?
Quem, de ũa peregrina formosura,
De um vulto de Medusa propriamente,
Que o coração converte, que tem preso,
Em pedra, não, mas em desejo aceso?

143 «Quem viu um olhar seguro, um gesto brando,
Ũa suave e angélica excelência,
Que em si está sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ela resistência?
Desculpado por certo está Fernando,
Pera quem tem de amor experiência;
Mas antes, tendo livre a fantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.

NOTAS

1.1-6
"Agora tu, *Calíope,* me ensina": *Calíope,* uma das *Nove Musas,* a da eloquência e da poesia heróica, a primeira de todas em dignidade; "Assi o claro *inventor da Medicina*": *Apolo* ("*Inventum medicina* meum est", Ov., *M,* I.521); "De quem *Orfeu* pariste ...": *Orfeu* passa por filho de *Calíope* e o Poeta aceita a versão que o faz filho de *Apolo.* Na Bucólica IV, Virgílio também segue esta versão (IV.56-57). *Orfeu* é o cantor por excelência, o músico e o poeta.

1.7
"Nunca por *Dafne, Clície* ou *Leucotoe*": *Dafne* signfica "loureiro" em grego. Foi amada de *Apolo.* Perseguida por este, acabou por pedir a seu pai, o rio Peneu, que a metamorfoseasse em loureiro (v. Ov., *M,* 1.452-565); *Clície,* oceânide amada de Apolo, metamorfoseada em heliotrópio; *Leucotoe,* que nasceu no país "de onde nos vêm os perfumes", filha de *Órcamo,* que "rexit Achaemenias urbes", amada de *Apolo,* transformada na árvore do incenso. A história de *Leucotoe* e *Clície* vem em Ov., *M,* IV.190-271. *Apolo* aqui é identificado ao Sol. *Soer,* verbo arcaico que significa *costumar.*

2.3-5
"... que do Tejo / O *licor de Aganipe* corre e mana": *licor* aqui é a água da fonte. Sobre *Aganipe,* v. nosso comentário a I.4.8; "Deixa as flores de *Pindo* ...": sobre o *Pindo,* v. nosso comentário a I.4.8.

3.5
Ort.: *escuitar* (por *escutar*). Camões escreveu *geanalosia* (por *genealogia*).

6.1-8
"Entre a Zona que o Cancro senhoreia /... / E aquela que por fria se arreceia": o trópico de Câncer e o círculo polar Árctico; "pela parte do *Arcturo* e do Ocidente": *Arcturo* está aqui pelo Norte. Sobre o *Arcturo,* v. nosso comentário a I.21.1-8.
Ort.: *Mediterrano* (por *Mediterrâneo*)

7.2-4
"... mas o rio / Que dos *Montes Rifeios* vai correndo / Na *alagoa Meótis* ...": *Montes Rifeios* são montes fabulosos da região hiperbórea. Já assim os considerava Estrabão (*Geografia,* 7.3.1 e 7.3.6). Aplica-se vagamente a todas as cordilheiras do Norte da Europa e da Ásia. É interessante a opinião de Gaspar Barreiros, na sua *Chorographia* (M.D.LXI), fls. 17 v.º e 18: "& como outros cuidaram que o Caspio era navegável com o Oceano Septentrional, com as fabulas dos montes Ripheos & Hiperboreos & nacimento do Tanais, & de outras muitas cousas em que o mundo esteve enganado por spaço de muitos annos ..." Diz Plínio, IV.XII.78: "Lacus ipse Maeotis Tanain amnem ex Ripaeis montibus defluentem accipiens, novissimum inter Europam Asiamque finem." A *alagoa Meótis* é o mar de Azove; o *Tánais* é o Dom.

7.5-6
"... e o mar que ... / Viu dos Gregos o irado senhorio": é o mar Egeu.

8.2-4
"Os *Montes Hiperbóreos* aparecem": os *Montes Hiperbóreos* têm uma localização tão indefinida como os montes Rifeus (v. Estrabão, *G,* 7.3.1); "E aqueles onde sempre sopra *Eolo* / E co nome dos sopros se ennobrecem": *Éolo,* o rei dos ventos; o nome de *Rifeus* ou *Ripeus* pode traduzir-se por *impulso, jacto* ou *sopro.* São os montes Rifeus. Na edição *princeps,* «do sopros» está por «dos sopros», que para JMR seria um dos muitos casos de fonética sintáctica.
Ort.: *contino* (por *contínuo*).

9.1-2
"Aqui dos Citas grande quantidade / Vivem ...": vasto país ao norte do mundo conhecido dos Antigos. Referindo-se às populações ao norte do Danúbio, diz Plínio: "Ab eo in plenum quidem omnes Scytharum sunt gentes" (IV.XII.80). O verbo do plural concorda com sujeito colectivo.

9.8
"Ao campo Damasceno o perguntara": "Muyto mais verdadeiramente parece q̃ se pode afirmar que a terra que primeiro se povoou estaa entre estas ambas: a qual he ho campo Damasceno & os lugares circũjeitos a elle. Esta foy a primeira terra que foy

povoada: & assi o mostra a sagrada scriptura porque ho trato dessa terra ... he livre dos dãnos que tẽ a do Egipto & a dos Scythas" (Sabélico, *Enneades,* pp. 13-15 do t. I da tradução empreendida por D. Leonor de Noronha, *in* JMR, *FL,* p. 258). O Poeta aceitava, pois, a tradição de que a criação do primeiro homem fora em Damasco.

10.1-4

"A Lápia fria ...": a Lapónia; "Escandinávia Ilha, que se arreia / Das vitórias que Itália não lhe nega": Sabélico diz o seguinte: "Fuit gens ipsa [trata-se dos Lombardos] ex Scandinavia oriunda. Est *insula* haec Germanici Oceani ... Multae in eo insulae; Scandinavis omnium maxima ..." (V. *in* JMR, *FL,* p. 259.) O comentador J. D. M. Ford diz, em nota a estes versos, o seguinte: "O historiador Jordanes (século VI a. C.), no seu livro *De rebus Geticis,* declara que os Godos vieram originariamente de Scanzia ou Suécia, e o nosso Poeta pode ter querido aqui falar das conquistas góticas em Itália." Veja, no entanto, este comentário de Gaspar Barreiros: "Pella qual desposiçam da terra fezeram sempre nella seu assento os reis godos, & despois d' elles os Langobardos, todo tempo que possuiram a Gallia Cisalpina chamada d' elles Lõbardia. Cousa muito digna de notar, ver hũa gente nacida & criada dentro no pego do Oceano Germanico, em hũa ilha per nome Scãdinavia, nam somente barbara, mas fera sem nenhũa cultura de costumes políticos, obscura & pouco conhecida do mundo ...q̃ tevesse tanto poder & fortuna q̃ viesse regnar. cc. & XXX annos, na mais illustre & delectosa província do mũdo ..." (*Chorographia,* fl. 228.)

10.5-8

"... se navega / Um braço do *Sarmático Oceano*": *se navega* é navegado; o *Sarmático Mar* ou *Sarmático Oceano* é o mar Báltico; "*Pelo Brús[s]sio, Suécio e frio Dano*": *O Brúsio,* os Prussianos; o *Suécio,* os Suecos; o *frio Dano,* os Dinamarqueses.

11.1-4

"Entre *este Mar* e o *Tánais* ...": *este Mar,* o mar Báltico; o *Tánais,* o Dom; "... *Rutenos, Moscos e Livónios, / Sármatas* outro tempo; ...": região que ocupava toda a área da actual Rússia meridional, entrando a noroeste pela Polónia e a sueste até quase ao mar Cáspio. O seu centro é fixado ao norte do Cáucaso. Seu limite ao norte do Ponto Euxino; «... e na montanha / Hircínia os Marcomanos são Polónios": a *Floresta Hircínia* identifica-se hoje com a Floresta Negra,

ainda que o antigo termo, segundo Elton, abranja também as florestas do Hartz e os bosques da Vestefália e de Nassau. *Strabo,* traduzido por H. L. Jones, vol. III, p. 154, nota 5; "os Marcomanos são Polónios": os Marcomanos são de origem germânica, e não polaca. JMR crê que, de harmonia com a sua fonte, Sabélico, Camões teria escrito "os Massovitas são Polónios".

11.6-8

"... Panónios": "Quae pars ad mare Hadriaticum spectat appellatur Delmatia et Illyricum supra dictum; ad septentriones *Pannonia* vergit: finitur inde Danuvio", *Plínio,* III.XXV.147; "... *Amásis* e *Álbis* rio": *Amásis,* o Ems; *Álbis,* o Elba.

12.1-4

"Entre o remoto *Istro* e o claro estreito / Aonde *Hele* deixou, co nome, a vida": *Istro* era o nome do Danúbio inferior. *Hele,* irmã de *Frixo,* fugiu com este num carneiro voador que deveria salvá-los da morte e do ódio da sua madrasta, *Ino*. Enquanto *Frixo* chegava à Cólquida, *Hele* caía no mar que veio a receber o seu nome: Helesponto, ou mar de Hele; "Estão os *Traces* de robusto peito, / Do fero Marte pátria tão querida": *Ares* (ou *Marte*) passa por ter vivido na Trácia, num país semi-selvagem, de clima rude, rico em cavalos e percorrido por populações guerreiras. "Ita [a Trácia] finit Hister [Danúbio] a septentrione, ab ortu Pontus [mar Negro] ac Propontis [mar da Mármara], a meridie Aegaeum mare [mar Egeu] ..." (*Plínio,* IV.XI.42).

12.5-8

"Onde, co *Hemo,* o *Ródope* sujeito": *Hemo* e *Ródope,* montanhas da Trácia; "*Bizâncio* tem a seu serviço indino": *Bizâncio* é Constantinopla (cidade de Constantino); " – Boa injúria do grande Costantino!": boa injúria sofrida pelo grande Constantino.
Ort.: *indino* (por *indigno*); *Costantino* (por *Constantino*), sendo o mesmo em I.60.8.

13.1-2

"Logo de *Macedónia* estão as gentes": *Macedónia,* região no Norte da Grécia, pátria de Filipe (ou *Filipo,* como diz o Poeta) e de Alexandre (ou Alexandro) Magno; "A quem lava do *Áxio* a água fria": o rio *Áxio,* da Macedónia.

14.1-5
"Logo os *Dálmatas* vivem; ...": hoje região da Jugoslávia, ao longo do Adriático; "... e no seio / Onde *Antenor* já muros levantou": v. nosso comentário a II.45.3, "Da terra um braço vem ao mar...": a Península Itálica.

15.1-5
"Em torno o cerca o Reino Neptunino, / Cos muros naturais por outra parte": a Itália é cercada por mar menos pelo norte, em que "os muros naturais" (os Alpes) a limitam; "Pelo meio o divide o *Apenino* / Que tão ilustre fez o pátrio Marte": certamente pela opinião pouco fundamentada de que os Poenos (Peninos) e Aníbal tinham passado por estas montanhas. Sobre este ponto v. Gaspar Barreiros, *Chorographia,* fls. 184 e segs.; "Mas, despois que o Porteiro tem divino": os sucessores de S. Pedro, os papas.
Potestade é latinismo.

16.1-8
"Gália ali se verá, que nomeada / Cos Cesáreos triunfos ...": certamente os triunfos de Júlio César (*De bello Gallico*); "Séquana", "Ródano", "Garuna" e "Reno": Sena, Ródano, Garona e Reno; "Logo os montes da Ninfa sepultada": Gaspar Barreiros, na sua *Chorographia,* fl. 141, fala nas duas lendas que o Poeta recolheu: a do grande fogo que fez descobrir muitas minas de prata e de outros metais (Diodoro Sículo, na sua *Biblioteca Historica,* 1.5) e a da morte de *Pirene,* filha de *Hércules,* de que fala Sílio Itálico na sua *Púnica III*. Não fala, porém, de rios de ouro.

17.4
"... a fatal roda": a roda do destino.
Ort.: *noda* (por *nódoa*).

18.1-4
"Com Tingitânia entesta ...": com a Mauritânia Tingitana (Marrocos); "... Mar Mediterrano": por mar Mediterrâneo; "Onde o sabido Estreito se ennobrece / Co extremo trabalho do *Tebano*": refere-se ao estreito de Gibraltar. No seu 10.º trabalho (para alguns o extremo trabalho do *Tebano*), *Hércules* conduziu os rebanhos de *Gérion,* monstro de três corpos que vivia na ilha Eritreia, situada nas brumas do Ocidente "para lá do imenso oceano". *Hércules* levou os bois e matou o cão e o boieiro. O próprio *Gérion* foi morto por

Hércules. No regresso à Grécia, *Hércules* passa por várias aventuras, entre as quais a da abertura do estreito que separa a Líbia da Europa - as *colunas de Hércules. Hércules* nasceu, embora acidentalmente, em Tebas. Por isso lhe chamam o *Tebano.*

19.1-8

"Tem o *Tarragonês* ...": epíteto dado a Afonso V de Aragão, que se fez "claro", que se fez ilustre, conquistando Nápoles; "Sujeitando *Parténope inquieta*": *Parténope* foi o anterior nome de Nápoles. A sereia Parténope lançou-se ao mar com suas irmãs; as ondas atiraram o seu corpo para o litoral napolitano, onde lhe ergueram um monumento; *inquieta,* por pouco dócil ao domínio de Afonso V; "O Navarro, as Astúrias, que reparo / Já foram contra a gente Mahometa": a Navarra é ligada às Astúrias na sua defesa contra os Árabes. Os restos dos Godos, depois da derrota do exército de Rodrigo, refugiaram-se nas Astúrias e daí recomeçou a Reconquista; "Tem o Galego *cauto* e o *grande e raro* / Castelhano ...": *cauto,* precavido, desconfiado; *grande e raro* Castelhano: admirável, ilustre; "... a quem fez o seu Planeta / Restituidor de Espanha ...": a quem o seu destino fez restaurador de Espanha. *Restituidor* é latinismo. "*Bétis, ...*": *Bétis,* por *Bética* ou *Andaluzia. Bétis* é o Guadalquivir.

20.1-4

"Eis aqui, *quási* cume ...": como se fosse cume; "Onde a terra se acaba e o mar começa / E onde *Febo* repousa no Oceano": sobre *Febo,* v. nosso comentário em I.4.5-7; repousa no Oceano: é sobre o Oceano que os raios solares brilham, entrando Portugal na sombra e, com ele, a Europa inteira (v. VII.60.2-3).

21.5-8

"Esta foi *Lusitânia,* derivada / De *Luso* ou *Lisa* ...": "Igitur tam a Luso, quam a Lysia, regio nomen adcepit. Et a Luso quidem, Lusitania dicta est. A Lysia vero Lysitania. Utroque enim modo adpellatur, teste Stephano." (in *Vincent.,* "Adnotationes", II.24.)

22.1-6

"*Desta* o pastor nasceu que no seu nome / Se vê que de homem forte os feitos teve": *Desta* (Lusitânia) nasceu Viriato, que o Poeta deriva de *vir;* "Pois a grande de Roma ...": a grande (fama); "Esta, o *velho* que os filhos próprios come / Veio a fazer no mundo tanta parte": o *velho* (Cronos, o Tempo, identificado com Saturno) veio a

fazer que esta (Lusitânia) fosse no mundo tanta parte (tão grande parte); "Por decreto do Céu, *ligeiro e leve*": é o primeiro móbil, definido como em X.85.7 - "ligeiro e leve".

23.1

"Um Rei, por nome *Afonso* ...": Afonso VI de Leão e I de Castela (1065-1109).
Ort.: *sanguinas* (por *sanguíneas*).

23.6

"Do Herculano *Calpe* à *Cáspia Serra*": *Calpe* (Gibraltar), uma das colunas de Hércules; *Cáspia Serra,* montes vizinhos do mar Cáspio.

24.1

"E com um amor *intrínseco* ...": com um amor profundo.
Ort.: *dino* (por *digno*); *dões* (por *dons*).

25.1-2

"Destes Anrique (dizem que segundo / Filho de um Rei de Hungria exprimentado)": "E com o conde Dom reimõ de Tolosa veio a casa delrej D. aº hũ seu sobrinho fº de hũa sua irmam que era casada com elrej de Ungria que avia nome Dom Henrique e era o segundo fº lidimo de elrej de Ungria e de sua irmam do Conde de Tolosa" (*Crónica de Cinco Reis,* p. 43); "Entre os quaes vieram tres mui principaes senhores, o Conde D. Reymão de Tolosa, grande senhor em França e o conde D. Reymão de S. Gil de Proença; e D. Hanrique, sobrinho deste conde de Tolosa, filho segundo génito da uma sua irmã, e del Rei d' Hungria, com que era casada ..." (Duarte Galvão, *Crónica de D. Afonso Henriques,* p. 12.) "Nostri historici Pannoniae regis filium fuisse dicunt, Hispani Lotharingum faciunt" (L. Andr. Resend., in *Vincent.,* "Adnotationes", II.24). As histórias modernas fazem Henrique, primo de Raimundo, quarto filho de Henrique, neto de Roberto, duque de Borgonha, e bisneto de Roberto II, rei de França.

26.1

"Este, despois que contra os descendentes / Da escrava Agar ...": os Ismaelitas. "Este ... deu-lhe" (v. 6): anacoluto.

27.1-5
"Já tinha vindo Anrique da conquista / Da cidade Hierosólima sagrada": D. Henrique estava de volta de Jerusalém em 1105; "E do *Jordão* a areia tinha vista": rio da Palestina; *tinha vista,* concordância do particípio com o complemento directo – *areia;* "Que viu de Deus a carne em si lavada": Jesus Cristo foi baptizado nas águas do Jordão por S. João Baptista; "Que, não tendo Gotfredo a quem resista": Godofredo de Bulhão (1061-1100), duque da Baixa Lorena, chefe da 1.ª Cruzada.
Ort.: *sojugada* (por *subjugada*).

28.5-6
"Ficava o filho em tenra mocidade": o conde D. Henrique, falecido em 1 de Maio de 1114, deixou o filho, D. Afonso Henriques, com 2 ou 3 anos de idade; "Em quem o pai deixava seu traslado": uma cópia das suas qualidades.

29.4
"Do segundo himeneu não se despreza": não é histórico o segundo matrimónio da mãe de D. Afonso Henriques com Fernando Pérez, conde de Trava e Trastâmara.

30.5
"Fervendo-lhe no peito o duro Marte": ardendo na ânsia de combater "a mãe e o marido".

31.1
"De Guimarães o campo se tingia": as hostes de D. Teresa e de D. Afonso Henriques encontraram-se no campo de S. Mamede, junto de Guimarães, em 1128.

32.1
" Ó *Progne* crua, ó mágica *Medeia!*": *Progne,* para se vingar de seu marido, *Tereu,* que atentou contra a virgindade de sua irmã, *Filomela,* matou o filho daquele, *Ítis,* e deu-o a comer ao próprio pai. Perseguidas por *Tereu,* conseguiram, mercê dos deuses, transformar-se *Progne* em andorinha e *Filomela* em rouxinol. (Ov., *M,* VI.440-673). Dos vários crimes cometidos por *Medeia,* mulher de *Jasão,* chefe dos *Argonautas,* conta-se o de, para se vingar de seu marido, infiel, ter

degolado em Corinto os filhos que teve dele (v. Ov., *M,* VII.350-403).

32.7

"Cila, por ũa, mata o velho pai": *Cila,* filha do rei de Mégara, *Nisos,* apaixonou-se por *Minos,* quando este veio cercar a sua pátria para punir o assassínio de *Andrógeo.* A filha de *Nisos,* traindo a sua pátria, dispôs-se a cortar um cabelo fatal de seu pai, um cabelo com o brilho da púrpura, garantia da sua autoridade suprema e que o tornava invencível, com a promessa de casar com *Minos.* Mégara foi com efeito tomada, mas, horrorizado com o crime de *Cila, Minos* abandonou-a (v. Ov., *M,* VIII.8-152).

33-2-8

"... e da *inica* mãe . . .': *inica,* por ter lutado contra o filho por "incontinência má" e "cobiça feia" (32.5); "A mãe em ferros ásperos atava": "& o Principe Dom Afonsso henrriquez pos então sua madre em ferros ..." (*Crónica de Cinco Reis,* p. 55); "Tanta veneração aos pais se deve!": D. Galvão, cap. XLV: "Por onde os filhos devem muito fazer por acatar sempre seus pais e mães, segundo por Deus lhes é estreitamente mandado ..."
Ort.: *inica* (por *iníqua*).

34.8

"Mas o inimigo aspérrimo afugenta": refere-se ao encontro na veiga de Valdevez (1128), em que D. Afonso VII de Leão e II de Castela, que acudiu por D. Teresa, teve de retirar-se para Toledo (D. Galvão, cap. VII). *Aspérrimo* é latinismo.

35-1-2

"Não passa muito tempo, quando o forte / Príncipe em Guimarães está cercado": por intermédio de Egas Moniz, aio de D. Afonso, conseguiu-se o descerco, mas D. Afonso não se dispôs a cumprir as promessas de seu aio (1129).
Ort.: *imigo* (por *inimigo*).

37.5

"Vendo Egas que ficava fementido": sobre este episódio, a que o Poeta consagra as est. 37-40, v. o cap. X da *Crónica* de Duarte Galvão (o episódio refere-se a 1129).

39.3-8
"Se a peitos *generosos* e excelentes": *generosos,* nobres; "... pelo estilo / De *Sinis* e do touro de *Perilo*": *Sinis,* um dos salteadores mortos por Teseu; dobrava pinheiros, entre os quais ligava um homem; depois libertava os pinheiros e o homem era esquartejado no ar (v. Apollodoro, *Biblioteca,* III, 16, e Plutarco, *Teseu,* VIII). *Perilo,* ateniense, inventou para Fálaris, tirano de Agrigento, um touro de bronze. Metendo um homem dentro do touro e acendendo um lume por baixo o homem mugiria como um touro. Fálaris começou por experimentar aquele novo meio de tortura no próprio Perilo (Textor, *Officina,* fl, CCLXXV, cita como fonte Ov., 1.2, *De Ponto*). Ov. não nomeia *Perilo: saevior illo* (Ov., *Tristia,* III.XI-39),

40.5
Ort.: *indinado* (por *indignado*).

41.7
"Que mais o seu Zopiro são prezara": Zópiro, sátrapa persa, levado pela sua dedicação a Dario I, cortou o nariz e as orelhas e introduziu-se em seguida em Babilónia, cercada pelo Grande Rei, para mostrar aos habitantes que Dario era o autor daquele cruel tratamento. Tendo conquistado a confiança dos Babilónios, Zópiro aproveitou-se dela para fazer entrar o exército de Dario na cidade (519 a. C.) (v. Justino, I, X, 15, cit. por ED).

42.5
"Já no campo de Ourique se assentava": v. Duarte Galvão, *Cr. cit.,* caps. XIII a XVII.

43.3
Ort.: *bautizado* (por *baptizado*).

44.1-7
"Cinco Reis Mouros são os inimigos": v. Duarte Galvão, cap. XIII, p. 68; "Seguem guerreiras damas seus amigos": id., ibid.; "De quem tanto os Troianos se ajudaram": depois da morte de Heitor, Pentesileia tinha vindo em socorro de Príamo à frente de um contingente de Amazonas. Foi morta por Aquiles (Apollodoro, *Epítome,* V.1). A fonte da narrativa de Pentesileia é Pausânias.

44.8
"E as que o *Termodonte* já *gostaram*": as Amazonas, mulheres guerreiras que habitavam a região do Ponto. O *Termodonte* era o rio nas margens do qual elas viviam. Os *Argonautas,* na sua viagem, passaram perto delas. Já *gostaram*: já provaram.

45.3
"Quando na Cruz o Filho de Maria": v. Duarte Galvão, *Crónica de D. Afonso Henriques,* cap. XV, p. 79: "E o Príncipe saiu-se fora de sua tenda, e segundo ele mesmo disse e deu testemunho em sua história, viu nosso Senhor em Cruz na maneira que dissera o Ermitão. E adorou-o com lagrimas de grande prazer, confortado e animado com tal enlevamento e confirmação do Espirito Santo, que se afirma, tanto que viu Nosso Senhor, haver entre outras palavras falado algumas sobre coração e espírito humano, dizendo: – "Senhor! Aos hereges, aos hereges faz mester apareceres, que eu sem nenhuma dúvida creio e espero em ti firmemente!"

46.7-8
"Dizendo em alta voz: - "Real, real, / Por Afonso, alto Rei de Portugal": "o Príncipe, vendo-se tão aficado deles, disse que pois assim era, que fizessem o que lhes bem parecesse. E então todos o levantaram por Rei, bradando com grande prazer e alegria: – "Real, Real, por el-Rei D. Afonso Hanriques de Portugal!" (Duarte Galvão, cap. XVI, no fim.)

47.2
"... o rábido *moloso*": *molosso,* cão de caça, originário da Molóssia, parte do Epiro.

48.1-6
"Tal do Rei novo o *estâmago* acendido": *estâmago,* o ânimo;
"Levantam nisto os *Perros* o alarido": os *cães,* injúria vulgar dirigida aos Muçulmanos; "... o alarido / Dos gritos; *tocam a arma* ...": apelidar *arma! arma!,* com que se dá rebate ao inimigo, e daí *tocar a arma;* "... ferve a gente": como em II.24.3-5.

49.8
"Recolhe o *fato* ...": aqui significa *rebanho* [da pastoral companha].

50.4
"... belígero ...": é latinismo.

51.3-4
"E os animais correndo furiosos / Que Neptuno amostrou, ferindo a terra": "E tu, Neptuno, cujo tridente temível fez saltar do seio da terra o corcel fremente" (Virgílio, *G,* I.12-14).

53.5
"Aqui pinta no branco escudo ufano": escudo das armas de Portugal.

54.1-8
"E nestes cinco escudos ...": Duarte Galvão, cap. XVIII: "Primeiramente, porque lhe nosso Senhor aparecera no Céu em Cruz, pôs, sobre o campo branco que dantes no Escudo trazia, por armas uma cruz toda azul, partida em cinco Escudos, pelos Cinco Reis que vencera; e meteu trinta dinheiros de prata em cada um dos Escudos, em renembrança damorte e paixão do nosso Senhor, vendido por trinta dinheiros. E os reis de Portugal, que depois vieram, vendo que não se podiam meter tantos dinheiros em pequenos Escudos d' armas, poseram em cada um dos cinco Escudos, cinco dinheiros em aspa, e assim contando por si cada uma carreira da Cruz de longo e atravez, metendo sempre no conto, de ambas as vezes, o Escudo da metade, fazem trinta dinheiros, e desta maneira se trazem agora." (Duarte Galvão, *Crónica de D. Afonso Henriques,* cap. XVIII.)

55.1-7
Também o bom do Homero às vezes dormita:

> *Passado* já algum tempo que *passada*
> Era esta grão vitória, o Rei subido
> A *tomar* vai Leiria, que *tomada*

55.4-7
"Fora, mui pouco havia, *do vencido*": o rei Ismar; "Scabelicastro ...": por Scalabicastro (Santarém).
Ort.: *sojugada* (por *subjugada*).

56.2-5
"... em pouco espaço": em pouco tempo, como em I.91.4-8; "E, nas serras da Lũa conhecidas": "Lunae mons est, is quem nostra aetas Sintriensem ab oppido adpellat, ad cuujus promontorii radices, in litore templum olim fuit Solis & Lunae, summa religione cultum. De quo in Antiquitatibus Lusitaniae aliquando, Deo favente, dicemus" (L. Andr. Resend., in *Vincent.,* "Adnotationes", II.39); "Sintra, onde as *Naiades,* escondidas / Nas fontes ...": as *Náiades* são as ninfas dos rios e das fontes, como as *Nereides* são as ninfas do mar. Ov., *M,* I.1.691, chama a *Siringe* uma *Náiade.*
Ort.: *Sometidas* (por *submetidas*); *sojuga* (por *subjuga*).

57.3-8
"Que edificada foste do *facundo*": *Ulisses;* "*Por cujo engano* foi *Dardânia* acesa": por cujo estratagema (a invenção do cavalo de pau); *Dardânia* toma-se por Tróia, de *Dárdano,* filho de *Zeus* e de *Electra,* fundador da dinastia real de Tróia; "Ajudada também da forte armada": o exército cristão da Segunda Cruzada na Primavera de 1147 largava do porto inglês de Dartmouth para a Terra Santa. Compunha-se de alemães, flamengos, franceses e ingleses, que foram persuadidos no Porto, de acordo com D. Afonso Henriques, a prestar a sua colaboração à conquista de Lisboa, que estava ainda em poder dos infiéis. Entraram no Tejo a 28 de Junho e a cidade capitulou em 23 ou 24 de Outubro de 1147; "Que das Boreais partes foi mandada": de Inglaterra.

58.1-8
"Lá do Germânico *Álbis* ...": *Álbis,* o Elba; "aos muros *Ulisseus*": a cidade fundada por Ulisses, Lisboa.

59.1-2
"Cinco vezes a Lũa se escondera / E outras tantas mostrara cheio o rosto": o Poeta exprime em lunações a duração do cerco de Lisboa: *perto de cinco meses,* como diz Duarte Galvão, *Crónica de D. Afonso Henriques,* cap. XXXIV.
Ort.: *sanguina* (por *sanguínea*).

60.3-8
"À grande força nunca obedeceu / Dos *frios povos Cíticos* ousados": *os frios povos Cíticos* são os Alanos, Vândalos e Suevos, que em 411 se distribuíram por diversas regiões da Península, ocupando os Alanos

a Lusitânia e a Cartaginense, os Vândalos e Suevos a Galiza e a tribo vândala dos Silingos a Bética. Quer o Poeta que Lisboa nunca se tenha rendido a estes; "Que o *Ibero* o viu ...": o *Ebro;* "E, enfim, co Bétis tanto alguns puderam / Que à terra, de Vandália o nome deram": os vândalos da Galécia passaram para a Bética até 429. A região da Bética (Guadalquivir) por eles ocupada foi a Vandalicia (nos poetas Vandália), hoje Andaluzia.

61.6-8

"... por onde soa / O tom das frescas águas entre as pedras, / Que murmurando lava ...": há quem dê a *lava* o sujeito *tom*. A água não lava o *tom,* mas sim as *pedras*. O Poeta tinha no pensamento as frescas águas do pequeno rio chamado mesmo Alenquer, que vem do Montejunto e *lava as pedras*.

62.1-2

"E vós também, ó terras *Transtaganas*": "Tagus autem mediam secat Lusitaniam, Anas vero Lusitaniam a Baetica separat. Regio inter utrumque amnem, optima Lusitaniae pars, Allentagio vulgo dicitur. Nos Transtaganam fecimus, & populos Transtaganos ..." (L. Andr. Resend., in *Vincent.,* "Adnotationes", II.25); "... *flava Ceres*": *flava* é dourada; *Ceres,* deusa da agricultura. O Poeta pensa nos trigais do Alentejo.

63.1-8

"Eis a nobre cidade, certo assento / Do rebelde Sertório ...": é Évora (1165); *certo assento*: assento certo, inegável, indiscutível. O Poeta segue a opinião de André Resende, que reforçou a prova com inscrições por ele mesmo forjadas; "Onde ora as águas nítidas de argento": o aqueduto chamado *Água de Prata*. Começaram os trabalhos de edificação do aqueduto sobre o antigo aqueduto, chamado de Sertório, depois de 1531, durando as obras sete anos; "Vêm sustentar de longo a terra e a gente": por alongado caminho; "Obedeceu ...": rendeu-se a Geraldo Sem-Pavor. Repare-se na construção: "Eis a nobre cidade ... Obedeceu"; "De Giraldo, que *medos* não temia": um antigo bandoleiro, que escolheu o Alentejo como valhacouto e que um dia resolveu fazer uma proeza que o reabilitasse. Em Setembro ou Outubro de 1165 tomou, ou melhor, assaltou Évora, feito de incrível audácia nas condições em que foi realizado; *medos,* perigos.

64.1-5
"Já na cidade *Beja* ...": *Beja,* aposto; "Não se lhe pode muito sustentar": a cidade de Beja, que foi definitivamente tomada em 30 de Novembro de 1162. "[D. Afonso] ... passou-se a Alentejo ... até chegar a Beja. A qual tendo cercada entrou gram poder de Mouros pela comarca da Beira a fim de retraer e fazer cessar o dano que el-Rei neles fazia em Alentejo, e cercaram Trancoso; e depois de combatido e tomado por força, destruiram o lugar ..." (Duarte Galvão, Cap. XLI.)

65.5
"(Sentiu-o a vila e viu-o a serra dela)": a consulta da fonte (Duarte Galvão) prova que o Poeta se refere à vila de Palmela e à serra de Azeitão, onde derrotou um exército do rei de Badajoz (Balhadouce). Ort.: *sojugada* (por *subjugada*).

65.6
"Que a socorrê-la vinha diligente": "[os Mouros] vinham à longa sem ordem a gram pressa para socorrer Cezimbra ..." (Duarte Galvão, cap. XLIII.)

66.1-4
"O Rei de Badajoz era, alto Mouro": o rei de Badajoz, alto Mouro, isto é, de alta dignidade; "Inúmeros peões, de armas e de ouro / Guarnecidos ...": "de armas e de ouro guarnecidos" não pertence a "inúmeros peões", mas a "cavalos [por cavaleiros] furiosos".

67.2-8
"Na gente dá, que passa bem *segura*": desprevenida (v. igual sentido em I.99.2 e II.46.5; "Nô mais que sessenta de cavalo": "levando consigo [D. Afonso] sessenta bons cavaleiros e alguma gente de pé e besteiros" (Duarte Galvão, Cap. LXIII). *Nô mais* é empregado também na lírica (v. X.145.1).

68.2
"... incansábil ...": é latinismo.

69.4
"Ou por segredos que *homem* não conhece": *homem* empregado com sentido indefinido.

70.7

"Que em ferros quebra as pernas, ...": "... e aconteceu que o cabo do ferrolho não ficara bem colhido ao abrir das portas, e o cavalo assim como ia correndo, topou nele com uma ilharga, de guisa que se feriu muito e quebrou a perna acerca de todo a el-Rei ..." (Duarte Galvão, cap. XLIV.)

71.1-5 e **72.1-6**

"Ó famoso Pompeio, não te pene": Pompeu, *o Magno* (107-48 a. C.). Distinguiu-se nas campanhas de África. Em 60 formou, contra o Senado, com César e Crasso, o primeiro triunvirato. Sustentado pelo Senado, entrou em rivalidade com César e foi nomeado em 52 cônsul único. Depois de longas lutas foi vencido em Farsalo (48) e assassinado à ordem do rei Ptolemeu, rei do Egipto, quando procurava refúgio junto dele; "... a justa Némesis ...": deusa que personifica a vingança divina; "Posto que o *frio Fásis* ou *Siene,*": o *Fásis,* rio da antiga Cólquida, que desce do Cáucaso e tem a sua foz no Ponto Euxino. É actualmente o Rion: *Siene,* cidade do antigo Egipto, nos confins da Etiópia. É hoje Assuão; em 71.1-5 e 72.1-6 o Poeta teve sob os olhos os vv. 583-594 do liv. II de *Civilis Belli sive Pharsaliae,* de Lucano: "Nenhuma terra do mundo existe onde eu não tenha tido vitórias, antes, por onde quer que o sol aquente, está cheio dos meus troféus e triunfos. O norte conhece-me por vencedor pelas águas geladas do rio Fásis; no curso meridional a quente Egipto até Siene, onde as sombras não se rodeiam por parte alguma; os Ocidentais viram e temem o meu poder; e o espanhol rio Bétis, que é o último que alcança a fugidora Tétis. Os Árabes conheceram o meu jugo e os fortes guerreiros Heníocos; e os Colcos tão nomeados pelo velo de ouro que perderam. Os Capadoces temem as minhas bandeiras e Judeia, dada aos sacrifícios do deus não conhecido e os afeminados Sofenos. Eu sujeitei os Arménios e os feros Cilícios, com os moradores do áspero monte Tauro: de modo que fiz a guerra contra todas as estranhas gentes e as hei vencido; e meu sogro toma a guerra civil, que eu não fiz." Foi MC o primeiro a citar Lucano.

71.7

"O *Bootes* gelado ...": *Bootes* é a constelação do Boieiro (v. I.21.1-8).

72.7-8

"As águas dos dous rios ...": o Tigre e o Eufrates. *Atroces* é latinismo;

"... cuja fonte / Está noutro mais alto e santo monte": no Paraíso, segundo o "Génesis", II.10.14.

73.1-8

"... desde o mar de Atlante / Até o Cítico Tauro": desde o oceano Atlântico até à cadeia de montanhas da península da Ásia Menor, marginando o Mediterrâneo diante de Rodes e de Chipre; "Se o campo Emátio ...": é a Macedónia, mas aqui abrange a Tessália, onde fica a cidade de Farsalo; "Que vença o *sogro* a ti e o *genro* a este!": o *sogro* é Júlio César, que venceu Pompeu; o *genro* é Fernando II, rei de Leão, porque a filha de D. Afonso Henriques, D. Urraca, casou em 1165 com o rei de Leão. Este repudiou-a em 1175.

74.3-5

"Despois que em Santarém ... / Em vão, dos Sarracenos foi cercado": Duarte Galvão, no cap. XLVI, fala de "Alboiaque", rei de Sevilha; que veio cercar D. Afonso, em Santarém, e foi destroçado. O rei de Leão chegou a entrar em Portugal para auxiliar o sogro, mas não foi necessário o seu auxílio; "E despois que do mártire Vicente": Duarte Galvão, no cap. XLVII, trata de como o corpo de S. Vicente foi achado no Sacro Promontório (hoje cabo de S. Vicente). No cap. XLVIII, de como o corpo de S. Vicente foi posto na Sé de Lisboa. S. Vicente foi martirizado sob Diocleciano em Valência, em 304.
Ort.: *mártire* (por *mártir*).

74.7-8

"Do Sacro Promontório": hoje cabo de S. Vicente; "À cidade Ulisseia ...": à cidade de Lisboa.

75.1-8

"... o *lasso* velho": *lasso* (cansado) é latinismo; "... co *belígero aparelho*": com os aprestos de guerra; "O rio que Sevilha vai regando": o rio Guadalquivir (v. 85.4-5). *Belígero* é latinismo.

76.2

"... até que veja": enquanto não vir.

77.1

"Já se ajuntam do monte a quem Medusa": juntam-se os naturais do

monte Atlas. A lenda diz que *Perseu* mudou *Atlas* em rochedo, apresentando-lhe a cabeça de *Medusa.* Esta era uma das três *Górgonas,* que habitavam no Extremo Ocidente, não longe do país das *Hespéridas.* Os olhos destes três monstros eram tão faiscantes e o olhar tão penetrante que quem quer que o visse ficava mudado em pedra. Como gigante, *Atlas* entrou na luta dos gigantes e *Zeus* castigou-o, fazendo-o "ter o Céu", isto é, sustentar a abóbada celeste, até que foi convertido em pedra. Estrabão chama às *Hespéridas* e às *Górgonas* uma invenção (*G,* 7.3.6).

77.3-8

"Já vêm do promontório de Ampelusa / E do Tinge ...": o promontório de Ampelúsia é o cabo Espartel, entre Ceuta e Tânger (Tinge). Diz Plínio, V.I.2 "promontorium Oceani extremum Ampelusiae nominatur a Graecis"; "... que assento foi de *Anteu*": o gigante *Anteu* foi casado com *Tinge* e teve um filho desta, de nome *Sófax,* que reinou na Mauritânia. *Sófax* fundou a cidade de Tíngis (hoje Tânger) em honra de sua mãe; "O morador de Ábila não se escusa": Ábila é uma das colunas de Hércules. Olivar, em nota a Mela, *De situ orbis,* edição de 1748, p. 36 (I, V, 17), diz: "*Abylam*] Nunc *Aceuta:* oppidum etiam Lusitanorum. hinc sumit initium mons ille, qui nunc dicitur *La Siera dal Marca: Siera* Hispanice sonat *montem:* plenus est hic simiis"; "Todo o reino que foi do nobre Juba": Juba, rei da Mauritânia. É natural que se trate de Juba II, que foi historiador e geógrafo.

78.1-7

"Entrava, com toda esta companhia / O Miralmomini em Portugal / Treze Reis mouros leva de valia": a *Crónica de Cinco Reis* e Duarte Galvão chamam-lhe "Almiramolim", imperador dos crentes; "Dom Sancho vai cercar em Santarém": "Outro dia, quinta-feira pela manhã, véspera de S. Pedro e S. Paulo, abalou Almiramolim com toda a sua gente e chegou a Santarém" (Duarte Galvão, cap. LVII). A auxiliar D. Sancho, saiu D. Afonso, de Coimbra. É o que diz a est. 80. Duarte Galvão conta ainda: "E foi ali mui ferido Almiramolim" – o que suscita o comentário do Poeta em 82.3-4.

79.2-6

"Não lhe aproveita já *trabuco* horrendo, / Mina secreta, *aríete forçoso*": *trabuco,* instrumento de guerra com que se atiravam grandes pedras; *aríete,* máquina de bater muralhas ou portas, terminando em cabeça

de carneiro; *aríete forçoso,* aríete possante; "... e acordo generoso": presença de espírito.

80.1-8

"Mas o velho ...": o Poeta insiste na avançada idade de D. Afonso (v. III.75.2), mas pode ser que queira referir-se a homem experimentado; "... na cidade cujo prado / Enverdecem as águas do Mondego": perífrase para indicar Coimbra; "... do Mauro povo *cego*": *cego* por não ter a fé cristã; "*Que* não perde a presteza co a idade": *que* é conclusivo: *pois*.

81.4-6

"... os Mouros tem desbaratados": concordância com o complemento directo; "De marlotas ..." vestido mourisco com que se cinge e aperta o corpo.

82.1-3

"Logo todo *o restante* se partiu / De Lusitânia, *postos* em fugida": concordância de *postos* com uma palavra de sentido colectivo – *o restante;* "*O Miralmomini* só não fugiu, / Porque, antes de fugir, lhe foge a vida": o *Almiramolim* ficou muito ferido em Santarém, mas veio a morrer.

83.2-8

"... Príncipe *subido,*": Príncipe *eminente;* "A *pálida doença* lhe tocava / com fria mão ...": o Poeta objectiva a *pálida doença* que vem tocar com fria mão o corpo enfraquecido; "A triste *Libitina* ...": a deusa dos mortos. D. Afonso Henriques morreu em 6 de Dezembro de 1185.

84.2

"*E dos rios* as águas saüdosas": a edição *princeps* tem «e do rios», com supressão do *s* antes do *r*.
Ort.: *valerosas* (por *valorosas*).

85.4-5

"Quando o Bétis de sangue se tingia / E o bárbaro poder desbaratava": v. III.75.5-8.

86.3-4
"A cidade de Silves tem cercado": com o auxílio da "Germânica armada" (flamengos e alemães) que formou a Terceira Cruzada (1189-1192) os Portugueses atacaram Silves, que caiu em 6 de Julho de 1189; "Cujos campos o *Bárbaro* lavrava"; o *Bárbaro* é o Muçulmano.

87.1-5
"O roxo Federico, ...": Frederico I, imperador da Alemanha (1123-1190), o *Barba-Roxa* ou *Barba-Ruiva;* "Quando Guido, co a gente em sede acesa": Guido de Lusignan, último rei de Jerusalém, rendeu-se a Saladino, sultão do Egipto e da Síria, porque as suas tropas morriam de sede. A batalha de Tiberíade terminou pela captura de Guido.

88.1-4
"Mas a *fermosa armada, ...* / Já que em serviço vai do santo Marte": a *fermosa armada* quis ajudar Sancho porque ia pelejar na Guerra Santa.
Ort.: *fermosa* (por *formosa*).

89.6
"Da soberba Tuí ...": nas lutas com a monarquia de Leão (Afonso IX) os Portugueses tomaram Tui e outras terras na Galiza.

90.6
"*Alcáçare do Sal,* por derradeiro": Alcácer do Sal tinha sido tomada por D. Afonso Henriques em 24 de Junho de 1157, mas foi perdida pouco depois e reconquistada definitivamente, com o auxílio de cruzados, em 18 de Outubro de 1217.
Ort.: *estruídos* (por *destruídos*).

91.4-5
"Que de outrem quem mandava era mandado": que, quem mandava, de outrem era mandado; "De governar o Reino, que outro pede": de governar o Reino que pede outro rei.

92.2-8
Nero (54-68 d. C.) foi um imperador cruel e depravado. Enquanto Roma ardia, viram-no cantar ao som da lira um hino sobre o incêndio de Tróia. Revoltas no Império levaram à sua proscrição por um decreto. Perseguido, fez-se matar por um liberto; "Nem tão mau

como foi *Heliogabalo*": *Heliogábalo* é o cognome do imperador romano Vario Avito Bassiano, aclamado pelos soldados sob o nome Marco Aurélio Antonino (n. em 204 e m. 222). Não houve extravagância nem devassidão que não inventasse. Os pretorianos assassinaram-no e lançaram o seu cadáver ao Tibre. Viveu dezoito anos e teve o Império quatro anos; "Nem como o mole Rei *Sardanapalo*": o último rei do império assírio, Nínive. Ignora-se a data do nascimento, mas morreu em 625 a. C. Foi um conquistador militar, déspota e cruel na vitória. Apoderando-se de Babilónia, praticou os maiores horrores para atemorizar o povo. Mas há outro aspecto em Sardanapalo: o da sua devassidão. Diz Textor, *Officina:* "Omnium (quos enervavit mollicies & deliciae corrumperunt) principem locum maioremque apud posteros ignominiam mervit Assyriorum rex Sardanapalus." Textor cita justino.

93.3

"Nem tinha, como Fálaris, ...": é um exemplo dos tiranos da Sicília, no pior sentido do termo. Houve outros de quem o povo colheu benefícios.

94.4-5

"Seu irmão Sancho, sempre ao ócio dado": morreu exilado em Toledo, a 4 de Janeiro de 1248; "Este, que Afonso o *Bravo* se chamou": costuma-se dar o cognome de *Bravo* a D. Afonso IV, e não a D. Afonso III. O cognome de D. Afonso IV é posterior a *Os Lusíadas.* V. JMR, *FL,* pp. 115-117.

95.1-7

"Da terra dos Algarves, que lhe fora / Em casamento dada, ...": nas pazes entre o rei de Portugal e o de Castela e apesar de a condessa Matilde de Bolonha ser ainda viva, ajustou-se o casamento de D. Afonso III com D. Beatriz, filha ilegítima de Afonso X e de Maria Guilhen de Gusman em Maio de 1253. Outra condição de pazes era que o rei de Portugal cederia temporariamente a Afonso X o usufruto do Algarve e das terras a oriente do Guadiana, até que o seu primeiro filho, se os houvesse de D. Beatriz, completasse 7 anos de idade, e então seria dado à coroa portuguesa o domínio pleno do Algarve. O Poeta simplifica as circunstâncias históricas; "E acabou de *oprimir* a nação *forte*": alude aos Mouros. *Oprimir* no sentido de *submeter. Forte* no sentido de *pertinaz.*

96.4
"Da liberalidade Alexandrina": à altura de Alexandre Magno. A contrafacção de *Os Lusíadas* imprimiu: "Da liberdade Alexandrina!"

97.2
"O valeroso ofício de *Minerva*": *Minerva* identificava-se com *Atena. Atena* preside à actividade intelectual, principalmente escolar. Ort.: *valeroso* (por *valoroso*).

97.3-8
"E de Helicona as Musas fez passar-se": sobre Hélicon, v. nosso comentário em I.4.8. A forma "Helicona" é de Virgílio, na *Eneida,* em duas situações idênticas: "Pandite nunc Helicona, deae" (VII.641) e "Pandite nunc Helicona, deae" (X.163); "Tudo o soberbo Apolo aqui reserva": a montanha do Hélicon ficava na Beócia e era consagrada a *Apolo* e às *Musas;* "Aqui as *capelas* dá ...": *capelas,* grinaldas de flores (neste caso do *bácaro* e do *louro*); "Do *bácaro* e do sempre verde *louro*": na Égloga VII, Vírgílio faz dizer a Thirsis: "Aut, si ultra placitum laudarit, baccare frontem cingite". Portanto, com o bácaro cingia-se a fronte. O *bácaro* é uma planta, mas a sua identificação tem sido muito discutida. É o *Gnaphalium Sanguineum* L. CF, *FL,* p. 25 supõe que Camões cita o *bácaro* como reminiscência clássica. Nunca o terá visto. Bailly cita-o como planta cuja raiz fornece um óleo aromático. Identifica-o com o *nardo silvestre.*

98.5
"Mas, despois que a dura *Átropos* cortou": *Atropos* é, das três *Parcas,* a que corta o fio da vida.

99.1-4
"... as soberbas Castelhanas": o desprezo votado por el-rei de Castela Afonso XI a sua esposa, D. Maria, filha do nosso rei Afonso IV, e o embargo posto à passagem de D. Constança, filha de D. João Manuel, para casar com D. Pedro, obrigaram D. Afonso IV a novas guerras. Depois de repetidas correrias de um lado e do outro a paz foi restabelecida em 1339 ou 1340.

100.1-8
"Nunca com Semirâmis gente tanta": Semirâmis é aqui evocada pela

expedição à Índia; v. nosso comentário a III.126.1-3; "Veio os *campos Idáspicos* enchendo»: sobre o Hidaspe, v. nosso comentário a I.55.2; "Nem Átila ... /... / Gótica gente trouxe tanta ...": Átila era rei dos Hunos (437-453). Os Hunos eram de raça mongólica, e não germânica. Ou generalização do Poeta ou lapso; "Foi nos campos Tartés[s]ios ajuntada": antiga cidade, na foz do Bétis (Guadalquivir), conhecida pelas suas riquezas.

101.4-6
"Já perdido ũa vez, ...": com o fim do império visigótico e invasão muçulmana em 711; "Lhe mandava a *caríssima* consorte": uma mentira poética. V. o nosso comentário a III.99.1-4. *Inexpugnábil* é latinismo.

102.6
"Pelos *ebúrneos ombros* espalhados": da cor do marfim.

105-2-6
"O corrente Muluca se congela": MC: "Mulucha he rio do Reyno de Fez, como quer Ptolomeo na primeira tavoa de Mauritania Tingitana, lib. 4. Os Mouros lhe chamam hoje Munzemar". Modernamente identifica-se com o Moluia. Nasce no Médio Atlas e desagua no Mediterrâneo. Corre entre a Argélia e Marrocos. Note o género de "corrente"; "De pai o verdadeiro amor *assela*": certifica, promete com segurança.
Ort.: *acude* (por *acode*).

106.1-6
"Não de outra sorte ...": v. Virgílio, *E,* I.227-296; o raio *infando*": terrível, horrível. *Infando* é latinismo.

108-3-5
"... por cima / De todos leva o *colo* alevantado": o busto; "... esforça e anima ...": palavras de sentido próximo.

109.2-3
Nos campos de Tarifa estão defronte": cidade do extremo sul da Espanha. O rei de Marrocos e o rei de Granada tinham posto cerco à cidade de Tarifa. À vista dos exércitos cristãos descercaram-na, preparando-se assim para uma batalha campal. Entretanto 1000

cavaleiros cristãos e 4000 infantes entraram, apesar dos esforços contrários, em Tarifa, para agirem no momento oportuno; "Da grande multidão da *cega gente*": v. nosso comentário a III.80.1-8.

110.1-6

"Estão de Agar os netos quási rindo": os Agarenos, procedentes de Ismael, filho de Agar, escrava de Abraão, que apoucaram as forças cristãs; "... possuindo / Está o famoso nome *Sarraceno*": o Poeta deriva os *Agarenos* da escrava Agar e *Sarracenos* de Sara (ou Sarra), legítima esposa de Abraão.

111.1-3

"Qual o membrudo e bárbaro Gigante": Golias; "Do Rei Saul, com causa tão temido": Saul, o primeiro rei dos Hebreus, que reinou na segunda metade do século XI a. C. Encontrando-se o rei Saul em guerra com os Filisteus, o gigante Golias desafiava todos os dias os Israelitas para um combate singular; "Vendo o Pastor *inerme* ...": David, sucessor de Saul. David com uma funda atirou uma grande pedra que, batendo na fronte de Golias, o matou. *Inerme* (desarmado) é latinismo.

112.4

"... horrífico ...": é latinismo.

113.6

"Fazendo de seu sangue *bruto* lago": feio lago. Talvez do italiano *brutto*.

114.1-7

"Com esforço tamanho *estrui* ...": ou *estrói* (por *destrói*); "... que em pouco espaço": v. III56.2; "Vai ajudar ao bravo Castelhano": é duvidoso que tal ajuda se tenha verificado.

115.1-4

"Já se ia o Sol ardente recolhendo / Pera a *casa de Tétis* ...": a *casa de Tétis* é o Oceano. Não confundir *Tethys,* filha do Céu e da Terra, esposa do Oceano, com *Thetis,* filha de Nereu e de Dóris, e, portanto, uma das Nereidas; "... e inclinado / Pera o Ponente, o *véspero* trazendo": *véspero* é o nome da segunda das divisões da noite e equivale a *vespora* empregada por Rui de Pina ao descrever a Batalha

do Salado: "que sem sessar da hora de terça durou até *vespora*" (cap. LIX). A batalha começou duas horas depois do nascer do Sol e durou até à noitinha (v. AFGV, *NC,* fasc. 2.º, p. 32). É tradicional considerar-se este verso como referente a Vénus, Estrela da Tarde (Véspero); "Estava o claro dia memorado": a integração deste verso nos anteriores suscita dificuldade e FS viu isso e procurou explicar. Segundo penso, é só isto: "o claro dia memorado (ou memorável) estava já inclinado para o poente, trazendo o véspero, isto é, o cair da noite". Além de "memorado", o dia foi "claro", isto é, insigne. Ort.: *mortindade* (por *mortandade*).

116.1-6

"Não matou a quarta parte o forte Mário": vitória de C. Marius sobre os Ambrões e Teutões, tribos germânicas, em Aix, no ano 101 a. C. Os soldados romanos tiveram de beber a água de um ribeiro na posse do adversário, em que havia muito sangue derramado (Plutarco, *Marius,* XVI-XX); "Nem o *Peno, ...*": *Poenus,* cartaginês. É Aníbal, célebre inimigo dos Romanos, a quem ganhou a batalha de Canas, na Apúlia, 216 a. C. (T. Lívio, XXII.XLIII-LII); "... asperíssimo contrário ... / ... de nascimento": o ódio de Aníbal aos Romanos tinha sido herdado de seu pai, Amílcar.

117.2-4

"Mandar ao Reino escuro de *Cocito*": o "Rio dos Gemidos", um afluente do Aqueronte, um dos rios dos Infernos; "Quando a santa Cidade desfizeste / ... / ... ó nobre Tito": Tito, futuro imperador romano (79 a 81), tomou e arruinou Jerusalém (70); "Do povo pertinaz no antigo rito": que não se convertia ao "novo rito", o Cristianismo.

117.7-8

"Que assi dos Vates foi profetizado, / E despois por JESU certitificado": vários profetas do Antigo Testamento profetizaram a destruição de Jerusalém, entre eles Daniel e Zacarias. E no Novo Testamento o próprio Jesus Cristo disse: "Quando virdes, pois, que Jerusalém é sitiada por um exército, então sabei que está próxima a sua desolação ... E cairão ao fio da espada e serão levados captivos a todas as nações, e Jerusalém será pisada dos gentios, até que os tempos das nações acabem de cumprir-se" (v. "S. Lucas", XXI.20-24).

118-5-8
"... *dino* da memória / Que do sepulcro os homens desenterra": a fama; "Aconteceu da *mísera e mesquinha*": em IV.90 repete os mesmos adjectivos com a mesma significação de *infeliz, desgraçada*; "Que despois de ser morta foi Rainha": em Junho de 1360, em Cantanhede, D. Pedro declarou perante testemunhas que havia uns sete anos recebera como legítima mulher, por palavras de presente, a D. Inês de Castro. Em Coimbra as pretensas testemunhas do acto depuseram. E na estátua jacente do túmulo de D. Inês o rei impôs-lhe a coroa de rainha como se rainha tivesse sido. É esta desvairada paixão que o Poeta vai narrar-nos em um dos seus mais belos episódios.

119.3-4
"Deste causa à *molesta* morte sua / Como se fora pérfida inimiga": *molesto* (l. *molestus*), penoso, chocante; como se *ela* fosse *tua* pérfida inimiga.

120.1-5
"Estavas, linda Inês, posta em sossego": este trágico episódio aconteceu em 7 de Janeiro de 1355, tendo sido protagonistas da tragédia D. Afonso IV, o príncipe D. Pedro, D. Inês de Castro e os conselheiros Álvaro Gonçalves, Pedro Coelho e Diogo Lopes Pacheco; "Nos saudosos campos do Mondego": nos campos que inspiram saudades pelos aspectos particulares da paisagem ou da natureza.
Ort.: *fructo*, na edição *princeps* (por *fruto*).

121.1-2
"Do teu Príncipe ali te respondiam / As lembranças ...": às tuas lembranças correspondiam as do teu Príncipe.
Ort.: *fermosos* (por *formosos*).

122.2-7
"Os desejados *tálamos* enjeita": *tálamo,* leito nupcial. D. Pedro recusava todos os casamentos; "Vendo estas *namoradas estranhezas* / O velho pai sesudo, ...": *namoradas estranhezas,* demonstrações de exaltado amor; *sesudo,* prudente, sensato; "... que respeita / *O murmurar do povo* e a fantasia / Do filho ...": *o murmurar do povo,* o *povo* de que fala o Poeta nas est. 124 e 130 foi estranho a esta decisão; a

fantasia, o capricho; *fantasia* pertence para *vendo:* o velho pai sesudo, vendo estas namoradas estranhezas e (vendo) a fantasia do filho ...

123.5
"Que *furor* consentiu que a espada *fina*": *furor,* delírio, loucura; neste lugar *furor* é sinónimo de *fúria; fina,* cortante. O Poeta entrega aos cavaleiros a morte de Inês, o que é embelezamento poético.
Ort.: *indina* (por *indigna*).

124.1
"Traziam-a os *horríficos* algozes": *horríficos,* que inspiram horror (latinismo).

125.1
"Pera o céu cristalino alevantando": imitação de Virgílio, *E,* II.405-406:

> *ad caelum tendens ardentia lumina frustra,*
> *lumina, nam teneras arcebant vincula palmas.*

125.4
"Um dos *duros* ministros *rigorosos*": sobre *ministros,* v. nosso comentário a I.67.2; *duros,* que não se deixam comover fàcilmente; *rigorosos,* severos em demasia.
Ort.: *orfindade* (por *orfandade*).

126.1-3
"... cuja mente": índole, condição; "E nas aves agrestes ...": aves bravias, de rapina; "Como co a mãe de *Nino* já mostraram": na Síria havia uma deusa de nome *Dérceto,* que teve uma menina de um jovem sírio, *Caistro.* Mas depois de ela nascer a deusa envergonhou-se, abandonou a filha e fez morrer o pai desta. Pombas criaram miraculosamente a criança, furtando aos pastores o leite e o queijo necessários. Os pastores acabaram por descobrir a menina, que era de uma grande beleza. Levaram-na ao chefe, que lhe deu o nome de *Semíramis,* isto é, "que vem das pombas". É a mãe de *Nino. Ninos,* rei de Babilónia, desposou Semíramis. O filho chamou-se *Nínias* (e não *Nino).* A história de Semíramis foi relatada por Diodoro Sículo.

126.8
"E cos *irmãos* que Roma edificaram": *Rómulo* e *Remo,* filhos de *Rea Sílvia,* uma vestal, e de *Marte. Amúlio,* tio de *Rea,* mandou expor as crianças ao pé do Palatino, junto ao Tibre. Aí as duas crianças foram amamentadas por uma loba, se é que esta *loba* não era uma mulher, *Acca Larentia.*
Ort.: *piadoso* (por *piedoso*).

127.3-8
"Fraca e sem força ...": aparentemente a expressão é pleonástica. Pode pensar-se, porém, que o Poeta, chamando *fraca* a Inês tem em vista o seu carácter feminil; *sem força,* por se ver indefesa. O Poeta em vários lugares procura tirar efeito da expressão da mesma ideia em forma positiva e negativa (v. II.76.2, VIII.75.2, X.144.2 e X.148.8); "... só por ter *subjeito*": submetido (*subjeito* é latinismo); "Pois o não tens à morte *escura* dela": inditosa; "... a culpa que não *tinha*": em vez de *tenho,* por causa da rima.

128.7
"Na Cítia fria ou lá na Líbia ardente": entre os bárbaros das regiões boreais ou na África Setentrional.

129.5-7
"Ali, co *amor intrínseco* e vontade": *amor intrínseco,* muito interior, oculto a todos (v. III-24.1); "Naquele por quem *mouro,* indicativo presente do verbo *morrer;* "Estas *relíquias* suas coisa preciosa e rara, parte pequena de um todo que se não pode possuir. Inês contenta-se em ficar com os filhos de D. Pedro.

130.1-5
"... o Rei *benino*": por *benigno;* "Arrancam das espadas de aço fino": segundo os dados históricos fornecidos pelo Doutor António de Vasconcelos, Inês de Castro foi julgada pelo rei, ouvidos os de seu Conselho, e condenada à morte. Em consequência, foi degolada no próprio Paço da Rainha Santa Isabel, em Coimbra, no dia 7 de Janeiro de 1355.

131.1-4
"Qual contra a linda moça *Policena*": numa tradição tardia admite-se que *Policena,* uma das filhas de *Príamo* e de *Hécuba,* foi sacrificado

sobre o túmulo de *Aquiles*. Este sacrifício tinha por fim quer favorecer uma feliz travessia dos navios aqueus, quer apaziguar a sombra de *Aquiles,* que apareceu em sonhos a seu filho para lhe ordenar esta oferenda. O Poeta segue esta última versão; "Co ferro o duro *Pirro* se aparelha": *Pirro,* filho de *Aquiles*.

132.2-6

"No colo de alabastro, que sustinha / As *obras* ...": as *obras* são os seios, sustidos pelo colo. Inês foi cognominada a *Colo de Garça;* "Aquele que despois a fez Rainha": verso semelhante ao da estância III.118.5-8. Ver aí o nosso comentário; "As espadas banhando, e as *brancas flores,* / Que ela dos olhos seus regadas tinha": banhando as espadas no colo de alabastro e (banhando) as *brancas flores*. Talvez a pele dos seios, como pretendeu Afrânio Peixoto (v. AP, *EC,* pp. 268 e segs., e do mesmo "Brancas flores", in *Lusitania,* II, pp. 209 e segs.); "Que ela dos olhos seus *regadas tinha*": particípio em concordância com o complemento directo. Já se esclareceu que não houve morte pela espada.

133.3

"Como da *seva* mesa de *Tiestes* / Quando os filhos por mão de *Atreu* comia!": *Atreu,* rei de Micenas, vingou-se de agravos que tinha de seu irmão *Tiestes,* expulsando-o de Micenas e dando-lhe num festim os três filhos a comer. *Seva* (cruel) é latinismo.

134.2-4

"Assi como a *bonina,* que cortada / Antes do tempo foi, *cândida e bela*": *cândida e bela* pertencem para *bonina;* "Sendo das mãos *lacivas* maltratada": *lacivas,* brincalhonas, travessas. *Lacivas* (por *lascivas*) é latinismo; "... que a trouxe na capela": v. nosso comentário a III.97.3-8; "Tal está morta a pálida *donzela*": no sentido de mulher ainda jovem.

135.1-8

"As filhas do Mondego ...": esta estância é recordação pessoal do Poeta dos seus tempos de Coimbra. Repare-se naquele "O nome lhe puseram, que inda dura, / Dos amores de Inês ...". Durava e dura ainda.

136.3-8
"Que, em tomando do Reino a governança, / A tomou dos fugidos homicidas": foi um *escambo* vergonhoso e afrontoso. D. Pedro de Portugal deu a D. Pedro de Castela os inimigos deste que estavam em Portugal e este deu a D. Pedro de Portugal os conselheiros de seu pai, menos Diogo Lopes Pacheco, que conseguiu fugir. Assim lhe vieram às mãos Pedro Coelho e Álvaro Gonçalves. Ao primeiro mandou D. Pedro arrancar o coração pelo peito e ao segundo pelas costas; "Que com Lépido e António fez Augusto": alude ao triunvirato que António, Augusto (Octávio) e Lépido fizeram contra Bruto e Cássio. Para se vingarem de seus inimigos publicaram uma lista dos mesmos, que haviam de ser mortos. Cícero foi entregue a Octávio, apesar de ser seu amigo íntimo.

137.8
"Que o *vagabundo Alcides* ou *Teseu*": *vagabundo,* errante. *Alcides* é Hércules, por ser descendente de Alceu. *Teseu* é o herói da Ática. O istmo de Corinto estava infestado de salteadores: matou sucessivamente Perifetes (apoderando-se da sua cacheira), Sínis, Sciron, Cercyon, Damastes, cognominado *Procrustes*.

138.5
"Que, vindo o Castelhano devastando": houve correrias de parte a parte em 1369 com cerco a Guimarães pelo rei D. Henrique de Castela. No contrato de pazes D. Fernando devia casar com a infanta D. Leonor, filha do rei de Castela. Em 1372 e 1373 nova invasão do rei de Castela, que chegou a entrar em Lisboa (1373). D. Fernando permaneceu inactivo em Santarém.

139.2-4
"De tirar Lianor a seu marido": Leonor Teles, mulher de João Lourenço da Cunha. El-rei D. Fernando promoveu a anulação do casamento e casou com ela; "... de *enlevado* / Num falso parecer mal entendido": *enlevado,* extasiado numa opinião desarrazoada e mal entendida.

140.3-4
"Os que foram roubar a bela *Helena*": *Helena,* mulher de *Menelau,* raptada por *Páris,* filho de *Príamo,* rei de Tróia; "E com Ápio também Tarquino o viu": Numa longa narrativa T. Lívio (III.XLIV-LVIII) historia a acção de Ápio Cláudio, que procurou meio de

atentar contra o pudor de uma donzela de nome Virgínia, por fim apunhalada pelo pai, L. Verginius, centurião graduado. Ápio, acusado pelos tribunos da plebe, sendo decênviro, suicidou-se (449 a. C.). Sexto Tarquínio, filho de Tarquínio, *o Soberbo,* rei de Roma, ultrajou Lucrécia, dama romana, que se matou de desespero. Este acontecimento serviu de pretexto à abolição da monarquia em 510 a. C.

140.5
"Pois por quem David Santo *se condena?*": David, 2.º rei dos Hebreus (entre 1055 e 1014 a. C.), sucessor de Saul. Nasceu em Belém e pertencia a uma família importante da tribo de Judá. No meio do esplendor do seu reino, David cometeu um crime de adultério com Betsabé, mandando matar o marido, Úrias. O filho do adultério morreu. Sucederam-se os crimes na sua casa e família. Uma grande fome assolou o reino nos últimos anos da sua vida e uma terrível peste. Por último, a rebelião de Adónias, seu filho primogénito; *se condena*: é condenado.

140.6-8
"Ou quem o Tribo ilustre destruiu / De Benjamim? ...": A tribo de Benjamim foi destruída por outras tribos de Israel pelas desonestidades praticadas pelos moradores de Gabaa, cidade da tribo de Benjamim, na pessoa de uma mulher da tribo de Levi; "Por Sarra Faraó, Siquém por Dina": Sara, no Egipto, foi chamada para o harém do rei por ter dito que era irmã de Abraão. A casa do Faraó teria sido afligida com grandes pragas por causa deste facto; a paixão de Siquém, filho de Hemor, por Dina, filha de Jacob e de sua mulher, Lia, provocou a morte, pelos cunhados de Siquém e Hemor, dos indivíduos do sexo masculino que havia na cidade (também chamada Siquém), que saquearam.

141.2-7
"Um *inconcesso* amor ...": proibido. *Inconcesso* é latinismo; "Bem no filho de Almena se parece": Hércules foi escravo em casa de uma rainha da Lídia, filha do rei Iardanos, de nome Ônfale. Enquanto esteve em casa desta, Hércules usava vestidos de senhora e fiava linho aos pés de Ônfale. Esta, pelo contrário, revestia-se com a famosa pele de leão do herói; "De Marco António a fama se escurece": Foi a ligação de Marco António com Cleópatra, rainha do Egipto, que levou aquele à ruína. Derrotado na batalha naval de

Áccio, contra César (31 a. C.), suicidou-se; "Tu também, *Peno* próspero, ...": *Peno* é Aníbal, general cartaginês. Ter-se-ia apaixonado por uma moça da Apúlia e isto teria provocado o seu atraso no ataque a Roma e consequente perda da Itália. Sobre a possível fonte, v. JMR, *FL,* p. 441.

142.6

"De um vulto de Medusa ...": v. nosso comentário a III.77.1.

143-1-8

"Quem viu um olhar *seguro* ...": *seguro,* constante; "Mas antes, tendo livre a fantasia, / Por muito mais culpado o julgaria": mas antes de ter essa experiência, com o espírito livre, tê-lo-ia por mais culpado.

IV

1 **«D**ESPOIS de procelosa tempestade,
Nocturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento;
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento:
Assi no Reino forte aconteceu
Despois que o Rei Fernando faleceu.

2 «Porque, se muito os nossos desejaram
Quem os danos e ofensas vá vingando
Naqueles que tão bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando,
Despois de pouco tempo o alcançaram,
Joane, sempre ilustre, alevantando
Por Rei, como de Pedro único herdeiro
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

3 «Ser isto ordenação dos Céus divina
Por sinais muito claros se mostrou,
Quando em Évora a voz de ũa minina,
Ante tempo falando, o nomeou.
E, como cousa, enfim, que o Céu destina,
No berço o corpo e a voz alevantou:
– «Portugal, Portugal (alçando a mão,
Disse) polo Rei novo, Dom João!»

4 «Alteradas então do Reino as gentes
Co ódio que ocupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas e evidentes
Faz do povo o furor, por onde vinha;
Matando vão amigos e parentes
Do adúltero Conde e da Rainha,
Com quem sua incontinência desonesta
Mais (despois de viúva) manifesta.

5 «Mas ele, enfim, com causa desonrado,
Diante dela a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado,
Que tudo o fogo erguido queima e corre:
Quem, como Astianás, precipitado,
Sem lhe valerem ordens, de alta torre;
A quem ordens, nem aras, nem respeito;
Quem nu por ruas, e em pedaços feito.

6 «Podem-se pôr em longo esquecimento
As cruezas mortais que Roma viu,
Feitas do feroz Mário e do cruento
Sila, quando o contrário lhe fugiu.
Por isso Lianor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobriu,
Faz contra Lusitânia vir Castela,
Dizendo ser sua filha herdeira dela.

7 «Beatriz era a filha, que casada
Co Castelhano está que o Reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede.
Com esta voz Castela alevantada,
Dizendo que esta filha ao pai sucede,
Suas forças ajunta, pera as guerras,
De várias regiões e várias terras.

8 «Vêm de toda a província que de um Brigo
(Se foi) já teve o nome derivado;
Das terras que Fernando e que Rodrigo
Ganharam do tirano e Mauro estado.
Não estimam das armas o perigo
Os que cortando vão co duro arado
Os campos Lioneses, cuja gente
Cos Mouros foi nas armas excelente.

9 «Os Vândalos, na antiga valentia
Ainda confiados, se ajuntavam
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Guadalquibir as águas lavam.
A nobre Ilha também se apercebia
Que antigamente os Tírios habitavam,
Trazendo por insígnias verdadeiras
As Hercúleas colunas nas bandeiras.

10 «Também vêm lá do Reino de Toledo,
Cidade nobre e antiga, a quem cercando
O Tejo em torno vai, suave e ledo,
Que das serras de Conca vem manando.
A vós outros também não tolhe o medo,
Ó sórdidos Galegos, duro bando,
Que, pera resistirdes, vos armastes,
Àqueles cujos golpes já provastes.

11 «Também movem da guerra as negras fúrias
A gente Bizcainha, que carece
De polidas razões, e que as injúrias
Muito mal dos estranhos compadece.
A terra de Guipúscua e das Astúrias,
Que com minas de ferro se ennobrece,
Armou dele os soberbos moradores,
Pera ajudar na guerra a seus senhores.

12 «Joane, a quem do peito o esforço crece,
Como a Sansão Hebreio da guedelha,
Posto que tudo pouco lhe parece,
Cos poucos do seu Reino se aparelha;
E, não porque conselho lhe falece,
Cos principais senhores se aconselha,
Mas só por ver das gentes as sentenças,
Que sempre houve entre muitos diferenças.

13 «Não falta com razões quem desconcerte
Da opinião de todos, na vontade;
Em quem o esforço antigo se converte
Em desusada e má deslealdade,
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a própria e natural fidelidade.
Negam o Rei e a Pátria e, se convém,
Negarão (como Pedro) o Deus que têm.

14 «Mas nunca foi que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno Álveres; mas antes,
Posto que em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes,
Àquelas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo:

15 – «Como? Da gente ilustre Portuguesa
Há-de haver quem refuse o pátrio Marte?
Como? Desta província, que princesa
Foi das gentes na guerra em toda parte,
Há-de sair quem negue ter defesa?
Quem negue a Fé, o amor, o esforço e arte
De Português, e por nenhum respeito
O próprio Reino queira ver sujeito?

16 «Como? Não sois vós inda os descendentes
Daqueles que, debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Vencestes esta gente tão guerreira,
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puseram em fugida, de maneira
Que sete ilustres Condes lhe trouxeram
Presos, afora a presa que tiveram?

17 «Com quem foram contino sopeados
Estes, de quem o estais agora vós,
Por Dinis e seu filho sublimados,
Senão cos vossos fortes pais e avôs?
Pois se, com seus descuidos ou pecados,
Fernando em tal fraqueza assim vos pôs,
Torne-vos vossas forças o Rei novo,
Se é certo que co Rei se muda o povo.

18 «Rei tendes tal que, se o valor tiverdes
Igual ao Rei que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quiserdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes.
E se com isto, enfim, vos não moverdes
Do penetrante medo que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

19 «Eu só, com meus vassalos e com esta
(E dizendo isto arranca meia espada),
Defenderei da força dura e infesta
A terra nunca de outrem sojugada.
Em virtude do Rei, da pátria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei não só estes adversários,
Mas quantos a meu Rei forem contrários!»

20 «Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canúsio, relíquias sós de Canas,
Já pera se entregar quási movidos
À fortuna das forças Africanas,
Cornélio moço os faz que, compelidos
Da sua espada, jurem que as Romanas
Armas não deixarão, enquanto a vida
Os não deixar ou nelas for perdida:

21 «Destarte a gente força e esforça Nuno,
Que, com lhe ouvir as últimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações.
Nos animais cavalgam de Neptuno,
Brandindo e volteando arremessões;
Vão correndo e gritando, a boca aberta:
– «Viva o famoso Rei que nos liberta!»

22 «Das gentes populares, uns aprovam
A guerra com que a pátria se sustinha;
Uns as armas alimpam e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
Capacetes estofam, peitos provam,
Arma-se cada um como convinha;
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras e tenções de seus amores.

23 «Com toda esta lustrosa companhia
Joane forte sai da fresca Abrantes,
Abrantes, que também da fonte fria
Do Tejo logra as águas abundantes.
Os primeiros armígeros regia
Quem pera reger era os mui possantes
Orientais exércitos sem conto
Com que passava Xerxes o Helesponto;

24 «Dom Nuno Álveres digo: verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o fero Huno o foi primeiro
Pera Franceses, pera Italianos.
Outro também, famoso cavaleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto pera mandá-los e regê-los,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcelos.

25 «E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada é capitão,
Que despois foi de Abranches nobre Conde;
Das gentes vai regendo a sestra mão.
Logo na retaguarda não se esconde
Das Quinas e Castelos o pendão,
Com Joane, Rei forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.

26 «Estavam pelos muros, temerosas
E de um alegre medo quási frias,
Rezando, as mães, irmãs, damas e esposas,
Prometendo jejuns e romarias.
Já chegam as esquadras belicosas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandíssima os recebem;
E todas grande dúvida concebem.

27 «Respondem as trombetas mensageiras,
Pífaros sibilantes e atambores;
Alférezes volteiam as bandeiras,
Que variadas são de muitas cores.
Era no seco tempo que nas eiras
Ceres o fruto deixa aos lavradores;
Entra em Astreia o Sol, no mês de Agosto;
Baco das uvas tira o doce mosto.

28 «Deu sinal a trombeta Castelhana,
Horrendo, fero, ingente e temeroso;
Ouviu-o o monte Artabro, e Guadiana
Atrás tornou as ondas de medroso.
Ouviu[-o] o Douro e a terra Transtagana;
Correu ao mar o Tejo duvidoso;
E as mães, que o som terríbil escuitaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

29 «Quantos rostos ali se vêm sem cor,
Que ao coração acode o sangue amigo!
Que, nos perigos grandes, o temor
É maior muitas vezes que o perigo.
E se o não é, parece-o; que o furor
De ofender ou vencer o duro imigo
Faz não sentir que é perda grande e rara
Dos membros corporais, da vida cara.

30 «Começa-se a travar a incerta guerra:
De ambas partes se move a primeira ala;
Uns leva a defensão da própria terra,
Outros as esperanças de ganhá-la.
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala:
Derriba e encontra e a terra enfim semeia
Dos que a tanto desejam, sendo alheia.

31 «Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, setas e vários tiros voam;
Debaxo dos pés duros dos ardentes
Cavalos treme a terra, os vales soam.
Espedaçam-se as lanças, e as frequentes
Quedas co as duras armas tudo atroam.
Recrecem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

32 «Eis ali seus irmãos contra ele vão
(Caso feio e cruel!); mas não se espanta,
Que menos é querer matar o irmão,
Quem contra o Rei e a Pátria se alevanta.
Destes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes (caso estranho),
Quais nas guerras civis de Júlio [e] Magno.

33 «Ó tu, Sertório, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos
Que contra vossas pátrias com profano
Coração vos fizestes inimigos:
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes gravíssimos castigos,
Dizei-lhe que também dos Portugueses
Alguns tredores houve algũas vezes.

34 «Rompem-se aqui dos nossos os primeiros,
Tantos dos inimigos a eles vão!
Está ali Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortíssimo lião
Que cercado se vê dos cavaleiros
Que os campos vão correr de Tutuão:
Perseguem-no com as lanças, e ele, iroso,
Torvado um pouco está, mas não medroso;

35 «Com torva vista os vê, mas a natura
Ferina e a ira não lhe compadecem
Que as costas dê, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem.
Tal está o cavaleiro, que a verdura
Tinge co sangue alheio; ali perecem
Alguns dos seus, que o ânimo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

36 «Sentiu Joane a afronta que passava
Nuno, que, como sábio capitão,
Tudo corria e via e a todos dava,
Com presença e palavras, coração.
Qual parida lioa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentiu que, enquanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massília lhos furtara,

37 «Corre raivoso e freme e com bramidos
Os montes Sete Irmãos atroa e abala:
Tal Joane, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode à primeira ala:
– «Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavaleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras, que a esperança
Da liberdade está na nossa lança!

38 «Vedes-me aqui, Rei vosso e companheiro,
Que entre as lanças e setas e os arneses
Dos inimigos corro e vou primeiro;
Pelejai, verdadeiros Portugueses!»
Isto disse o magnânimo guerreiro
E, sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira; e deste único tiro
Muitos lançaram o último suspiro.

39 «Porque eis os seus, acesos novamente
Dũa nobre vergonha e honroso fogo,
Sobre qual mais, com ânimo valente,
Perigos vencerá do Márcio jogo,
Porfiam; tinge o ferro o fogo ardente;
Rompem malhas primeiro e peitos logo.
Assi recebem junto e dão feridas,
Como a quem já não dói perder as vidas.

40 «A muitos mandam ver o Estígio lago,
Em cujo corpo a morte e o ferro entrava.
O Mestre morre ali de Santiago,
Que fortìssimamente pelejava;
Morre também, fazendo grande estrago,
Outro Mestre cruel de Calatrava.
Os Pereiras também, arrenegados,
Morrem, arrenegando o Céu e os Fados.

41 «Muitos também do vulgo vil, sem nome,
Vão, e também dos nobres, ao Profundo,
Onde o trifauce Cão perpétua fome
Tem das almas que passam deste mundo.
E por que mais aqui se amanse e dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada òs pés da Lusitana.

42 «Aqui a fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue e cutiladas;
A multidão da gente que perece
Tem as flores da própria cor mudadas.
Já as costas dão e as vidas; já falece
O furor e sobejam as lançadas;
Já de Castela o Rei desbaratado
Se vê e de seu propósito mudado.

43 «O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida.
Seguem-no os que ficaram, e o temor
Lhe dá, não pés, mas asas à fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da mágoa, da desonra e triste nojo
De ver outrem triunfar de seu despojo.

44 «Alguns vão maldizendo e blasfemando
Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cobiçoso e sitibundo,
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura às penas do Profundo,
Deixando tantas mães, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

45 «O vencedor Joane esteve os dias
Costumados no campo, em grande glória;
Com ofertas, despois, e romarias,
As graças deu a Quem lhe deu vitória.
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memória
Senão por armas sempre soberanas,
Pera as terras se passa Transtaganas.

46 «Ajuda-o seu destino de maneira
Que fez igual o efeito ao pensamento,
Porque a terra dos Vândalos, fronteira,
Lhe concede o despojo e o vencimento.
Já de Sevilha a Bética bandeira,
E de vários senhores, num momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defesa,
Obrigados da força Portuguesa.

47 «Destas e outras vitórias longamente
Eram os Castelhanos oprimidos,
Quando a paz, desejada já da gente,
Deram os vencedores aos vencidos,
Despois que quis o Padre omnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
Às duas Ilustríssimas Inglesas,
Gentis, fermosas, ínclitas princesas.

48 «Não sofre o peito forte, usado à guerra,
Não ter imigo já a quem faça dano;
E assi, não tendo a quem vencer na terra,
Vai cometer as ondas do Oceano.
Este é o primeiro Rei que se desterra
Da pátria, por fazer que o Africano
Conheça, pelas armas, quanto excede
A lei de Cristo à lei de Mafamede.

49 «Eis mil nadantes aves, pelo argento
Da furiosa Tétis inquieta,
Abrindo as pandas asas vão ao vento,
Pera onde Alcides pôs a extrema meta.
O monte Abila e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fora, e segura toda Espanha
Da Juliana, má e desleal manha.

50 «Não consentiu a morte tantos anos
Que de Herói tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do Céu supremo quis que povoasse.
Mas, pera defensão dos Lusitanos,
Deixou Quem o levou, quem governasse
E aumentasse a terra mais que dantes:
Ínclita geração, altos Infantes.

51 «Não foi do Rei Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na suma alteza,
Que assi vai alternando o tempo iroso
O bem co mal, o gosto co a tristeza.
Quem viu sempre um estado deleitoso?
Ou quem viu em Fortuna haver firmeza?
Pois inda neste Reino e neste Rei
Não usou ela tanto desta lei?

52 «Viu ser cativo o santo irmão Fernando
(Que a tão altas empresas aspirava),
Que, por salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno se entregava.
Só por amor da pátria está passando
A vida, de senhora feita escrava,
Por não se dar por ele a forte Ceita.
Mais o público bem que o seu respeita.

53 «Codro, por que o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida;
Régulo, por que a pátria não perdesse,
Quis mais a liberdade ver perdida.
Este, por que se Espanha não temesse,
A cativeiro eterno se convida!
Codro, nem Cúrcio, ouvido por espanto,
Nem os Décios leais, fizeram tanto.

54 «Mas Afonso, do Reino único herdeiro,
Nome em armas ditoso em nossa Hespéria,
Que a soberba do Bárbaro fronteiro
Tornou em baxa e humílima miséria,
Fora por certo invicto cavaleiro,
Se não quisera ir ver a terra Ibéria,
Mas África dirá ser impossíbil
Poder ninguém vencer o Rei terríbil.

55 «Este pôde colher as maçãs de ouro
Que somente o Tiríntio colher pôde.
Do jugo que lhe pôs, o bravo Mouro
A cerviz inda agora não sacode.
Na fronte a palma leva e o verde louro
Das vitórias do Bárbaro, que acode
A defender Alcácer, forte vila,
Tângere populoso e a dura Arzila.

56 «Porém elas, enfim, por força entradas,
Os muros abaxaram de diamante
Às Portuguesas forças, costumadas
A derribarem quanto acham diante.
Maravilhas em armas, estremadas
E de escritura dinas elegante,
Fizeram cavaleiros nesta empresa,
Mais afinando a fama Portuguesa.

57 «Porém despois, tocado de ambição
E glória de mandar, amara e bela,
Vai cometer Fernando de Aragão,
Sobre o potente Reino de Castela.
Ajunta-se a inimiga multidão
Das soberbas e várias gentes dela,
Desde Cáliz ao alto Perineu,
Que tudo ao Rei Fernando obedeceu.

58 «Não quis ficar nos Reinos occioso
O mancebo Joane, e logo ordena
De ir ajudar o pai ambicioso,
Que então lhe foi ajuda não pequena.
Saiu-se, enfim, do trance perigoso,
Com fronte não torvada, mas serena.
Desbaratado o pai sanguinolento,
Mas ficou duvidoso o vencimento;

59 «Porque o filho, sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso cavaleiro,
Nos contrários fazendo imenso dano,
Todo um dia ficou no campo inteiro.
Destarte foi vencido Octaviano,
E António vencedor, seu companheiro,
Quando daqueles que César mataram
Nos Filípicos campos se vingaram.

60 «Porém, despois que a escura noite eterna
Afonso apousentou no Céu sereno,
O Príncipe que o Reino então governa
Foi Joane segundo e Rei trezeno.
Este, por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar pode homem terreno
Tentou, que foi buscar da roxa Aurora
Os términos, que eu vou buscando agora.

61 «Manda seus mensageiros, que passaram
Espanha, França, Itália celebrada
E lá no ilustre porto se embarcaram
Onde já foi Parténope enterrada:
Nápoles, onde os Fados se mostraram,
Fazendo-a a várias gentes subjugada,
Pola ilustrar, no fim de tantos anos,
Co senhorio de ínclitos Hispanos.

62 «Polo mar alto Síciulo navegam;
Vão-se às praias de Rodes arenosas;
E dali às ribeiras altas chegam
Que com morte de Magno são famosas;
Vão a Mênfis, e às terras que se regam
Das enchentes Nilóticas undosas;
Sobem à Etiópia, sobre Egipto,
Que de Cristo lá guarda o santo rito.

63 «Passam também as ondas Eritreias,
Que o povo de Israel sem nau passou;
Ficam-lhe atrás as serras Nabateias,
Que o filho de Ismael co nome ornou.
As costas odoríferas Sabeias,
Que a mãe do belo Adónis tanto honrou,
Cercam, com toda a Arábia descoberta,
Feliz, deixando a Pétrea e a Deserta.

64 «Entram no Estreito Pérsico, onde dura
Da confusa Babel inda a memória;
Ali co Tigre o Eufrates se mistura,
Que as fontes onde nascem têm por glória.
Dali vão em demanda da água pura
(Que causa inda será de larga história)
Do Indo, pelas ondas do Oceano,
Onde não se atreveu passar Trajano.

65 «Viram gentes incógnitas e estranhas
Da Índia, da Carmânia e Gedrosia,
Vendo vários costumes, várias manhas,
Que cada região produze e cria.
Mas de vias tão ásperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente não podia.
Lá morreram, enfim, e lá ficaram,
Que à desejada pátria não tornaram.

66 «Parece que guardava o claro Céu
A Manuel e seus merecimentos
Esta empresa tão árdua, que o moveu
A subidos e ilustres movimentos;
Manuel, que a Joane sucedeu
No Reino e nos altivos pensamentos,
Logo como tomou do Reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

67 «O qual, como do nobre pensamento
Daquela obrigação que lhe ficara
De seus antepassados, cujo intento
Foi sempre acrecentar a terra cara,
Não deixasse de ser um só momento
Conquistado, no tempo que a luz clara
Foge, e as estrelas nítidas que saem
A repouso convidam quando caem,

68 «Estando já deitado no áureo leito,
Onde imaginações mais certas são,
Revolvendo contino no conceito
De seu ofício e sangue a obrigação,
Os olhos lhe ocupou o sono aceito,
Sem lhe desocupar o coração;
Porque, tanto que lasso se adormece,
Morfeu em várias formas lhe aparece.

69 «Aqui se lhe apresenta que subia
Tão alto que tocava à prima Esfera,
Donde diante vários mundos via,
Nações de muita gente, estranha e fera.
E lá bem junto donde nace o dia,
Despois que os olhos longos estendera,
Viu de antigos, longincos e altos montes
Nacerem duas claras e altas fontes.

70 «Aves agrestes, feras e alimárias
Pelo monte selvático habitavam;
Mil árvores silvestres e ervas várias
O passo e o trato às gentes atalhavam.
Estas duras montanhas, adversárias
De mais conversação, por si mostravam
Que, dês que Adão pecou aos nossos anos,
Não as romperam nunca pés humanos.

71 «Das águas se lhe antolha que saíam,
Par' ele os largos passos inclinando,
Dous homens, que mui velhos pareciam,
De aspeito, inda que agreste, venerando.
Das pontas dos cabelos lhe saíam
Gotas, que o corpo todo vão banhando;
A cor da pele, baça e denegrida;
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

72 «D' ambos de dous a fronte coroada
Ramos não conhecidos e ervas tinha.
Um deles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe ali caminha;
E assi a água, com ímpeto alterada,
Parecia que doutra parte vinha,
Bem como Alfeu de Arcádia em Siracusa
Vai buscar os abraços de Aretusa.

73 «Este, que era o mais grave na pessoa,
Destarte pera o Rei de longe brada:
– «Ó tu, a cujos reinos e coroa
Grande parte do mundo está guardada,
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisamos que é tempo que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

74 «Eu sou o ilustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro;
Estoutro é o Indo, Rei que, nesta serra
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-t' -emos contudo dura guerra;
Mas, insistindo tu, por derradeiro,
Com não vistas vitórias, sem receio
A quantas gentes vês porás o freio.»

75 «Não disse mais o Rio ilustre e santo,
Mas ambos desparecem num momento.
Acorda Emanuel cum novo espanto
E grande alteração de pensamento.
Estendeu nisto Febo o claro manto
Pelo escuro Hemispério somnolento;
Veio a manhã no céu pintando as cores
De pudibunda rosa e roxas flores.

76 «Chama o Rei os senhores a conselho
E propõe-lhe as figuras da visão;
As palavras lhe diz do santo velho,
Que a todos foram grande admiração.
Determinam o náutico aparelho,
Pera que, com sublime coração,
Vá a gente que mandar cortando os mares
A buscar novos climas, novos ares.

77 «Eu, que bem mal cuidava que em efeito
Se pusesse o que o peito me pedia,
Que sempre grandes coisas deste jeito,
Pres[s]ago, o coração me prometia,
Não sei por que razão, por que respeito,
Ou por que bom sinal que em mi se via,
Me põe o ínclito Rei nas mãos a chave
Deste cometimento grande e grave.

78 «E com rogo e palavras amorosas,
Que é um mando nos Reis que a mais obriga,
Me disse: – «As cousas árduas e lustrosas
Se alcançam com trabalho e com fadiga;
Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se perde e que periga,
Que, quando ao medo infame não se rende,
Então, se menos dura, mais se estende.

79 «Eu vos tenho entre todos escolhido
Pera ũa empresa, qual a vós se deve,
Trabalho ilustre, duro e esclarecido,
O que eu sei que por mi vos será leve.»
«Não sofri mais, mas logo: – «Ó Rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
É tão pouco por vós que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

80 «Imaginai tamanhas aventuras
Quais Euristeu a Alcides inventava:
O lião Cleonéu, Harpias duras,
O porco de Erimanto, a Hidra brava,
Decer, enfim, às sombras vãs e escuras
Onde os campos de Dite a Estige lava;
Porque a maior perigo, a mor afronta,
Por vós, ó Rei, o esprito e carne é pronta.»

81 «Com mercês sumptuosas me agardece
E com razões me louva esta vontade;
Que a virtude louvada vive e crece
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se oferece,
Obrigado d' amor e d' amizade,
Não menos cobiçoso de honra e fama,
O caro meu irmão Paulo da Gama.

82 «Mais se me ajunta Nicolau Coelho,
De trabalhos mui grande sofredor.
Ambos são de valia e de conselho,
D' experiência em armas e furor.
Já de manceba gente me aparelho,
Em que crece o desejo do valor;
Todos de grande esforço; e assi parece
Quem a tamanhas cousas se oferece.

83 «Foram de Emanuel remunerados,
Por que com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados
Pera quantos trabalhos sucedessem.
Assi foram os Mínias ajuntados,
Pera que o Véu dourado combatessem,
Na fatídica nau, que ousou primeira
Tentar o mar Euxínio, aventureira.

84 «E já no porto da ínclita Ulisseia,
Cum alvoroço nobre e cum desejo
(Onde o licor mistura e branca areia
Co salgado Neptuno o doce Tejo)
As naus prestes estão; e não refreia
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente marítima e a de Marte
Estão pera seguir-me a toda a parte,

85 «Pelas praias vestidos os soldados
De várias cores vêm e várias artes,
E não menos de esforço aparelhados
Pera buscar do mundo novas partes.
Nas fortes naus os ventos sossegados
Ondeiam os aéreos estandartes;
Elas prometem, vendo os mares largos,
De ser no Olimpo estrelas, como a de Argos.

86 «Despois de aparelhados, desta sorte,
De quanto tal viagem pede e manda,
Aparelhámos a alma pera a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
Pera o sumo Poder, que a etérea Corte
Sustenta só co a vista veneranda,
Implorámos favor que nos guiasse
E que nossos começos aspirasse.

87 «Partimo-nos assi do santo templo
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, pera exemplo,
Donde Deus foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó Rei, que, se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de dúvida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

88 «A gente da cidade, aquele dia,
(Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente) concorria,
Saüdosos na vista e descontentes.
E nós, co a virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes,
Em procissão solene, a Deus orando,
Pera os batéis viemos caminhando.

89 «Em tão longo caminho e duvidoso
Por perdidos as gentes nos julgavam,
As mulheres cum choro piadoso,
Os homens com suspiros que arrancavam.
Mães, Esposas, Irmãs, que o temeroso
Amor mais desconfia, acrecentavam
A desesperação e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.

90 «Qual vai dizendo: – «Ó filho, a quem eu tinha
Só pera refrigério e doce emparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará, penoso e amaro,
Porque me deixas, mísera e mesquinha?
Porque de mi te vás, o filho caro,
A fazer o funéreo encerramento
Onde sejas de pexes mantimento?»

91 «Qual em cabelo: – «Ó doce e amado esposo,
Sem quem não quis Amor que viver possa,
Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida que é minha e não é vossa?
Como, por um caminho duvidoso,
Vos esquece a afeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento,
Quereis que com as velas leve o vento? »

92 «Nestas e outras palavras que diziam,
De amor e de piadosa humanidade,
Os velhos e os mininos os seguiam,
Em quem menos esforço põe a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quási movidos de alta piedade;
A branca areia as lágrimas banhavam,
Que em multidão com elas se igualavam.

93 «Nós outros, sem a vista alevantarmos
Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do propósito firme começado,
Determinei de assi nos embarcarmos,
Sem o despedimento costumado,
Que, posto que é de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

94 «Mas um velho, d' aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
Cum saber só d' experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito:

95 – «Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiça
Cũa aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas!

96 «Dura inquietação d' alma e da vida
Fonte de desemparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios!
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo dina de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana!

97 «A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reinos e de minas
D' ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás? Que histórias?
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?

98 «Mas, ó tu, geração daquele insano
Cujo pecado e desobediência
Não somente do Reino soberano
Te pôs neste desterro e triste ausência,
Mas inda doutro estado mais que humano,
Da quieta e da simpres inocência,
Idade d' ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e d' armas te deitou:

99 «Já que nesta gostosa vaïdade
Tanto enlevas a leve fantasia,
Já que à bruta crueza e feridade
Puseste nome, esforço e valentia,
Já que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeu tanto perdê-la Quem a dá:

100 «Não tens junto contigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue ele do Arábio a lei maldita,
Se tu pola de Cristo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
Não é ele por armas esforçado,
Se queres por vitórias ser louvado?

101 «Deixas criar às portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o Reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe;
Buscas o incerto e incógnito perigo
Por que a Fama te exalte e te lisonje
Chamando-te senhor, com larga cópia,
Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia.

102 «Oh, maldito o primeiro que, no mundo,
Nas ondas vela pôs em seco lenho!
Dino da eterna pena do Profundo,
Se é justa a justa Lei que sigo e tenho!
Nunca juízo algum, alto e profundo,
Nem cítara sonora ou vivo engenho
Te dê por isso fama nem memória,
Mas contigo se acabe o nome e glória!

103 «Trouxe o filho de Jápeto do Céu
O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas acendeu,
Em mortes, em desonras (grande engano!).
Quanto milhor nos fora, Prometeu,
E quanto pera o mundo menos dano,
Que a tua estátua ilustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movera!

104 «Não cometera o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande arquitector co filho, dando
Um, nome ao mar, e o outro, fama ao rio.
Nenhum cometimento alto e nefando
Por fogo, ferro, água, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Mísera sorte! Estranha condição!»

NOTAS

1.3-6
"Traz a manhã serena claridade": traz claridade a manhã serena; "Removendo o temor ...": afastando o temor.
Ort.: *despois* (por *depois*). Camões não conhece outra forma.

2.4-8
"Do descuido *remisso* de Fernando": froixo no proceder; "... único herdeiro / ... verdadeiro": a expressão "único herdeiro" é moderada pelo outro adjectivo "verdadeiro". *Remisso* é latinismo.

3.3-8
"Quando em Évora a voz de ũa minina, / Ante tempo falando, ...": "Quem constrangeo a boca da filha d' Esteveannes Dereado, morador em Evora, moça pequena de oyto meses nada, que no berço homde jazia se levantou em cuu tres vezes, dizemdo com a maão alçada: *Portugall, Portugall, por el Rey Dom Joham.*" (Discurso de Frei Pedro, da Ordem de S. Francisco, em Lisboa, no recebimento das bandeiras tomadas aos Castelhanos. *Crónica de D. João I,* de Fernão Lopes, 2.ª parte, cap. XLVIII, p. 117, Lisboa, Imprensa Nacional, MCMLXVIII.)

4.6-7
"Do *adúltero Conde* e da Rainha": o *adúltero Conde* era o fidalgo galego João Fernandes Andeiro; "*Com quem* sua incontinência ...": *com quem* pertence para *Conde.*

5.5
"*Quem,* como Astianás, precipitado": um ou uns. D. Martinho,

castelhano, bispo de Lisboa, foi precipitado da torre da Sé de Lisboa. Depois de morto, foi arrastado, nu, pela cidade. (Fernão Lopes, *Crónica de D. João I,* 1.ª parte, cap. XII, pp. 23 e segs., ed. do Arquivo Histórico, 1915.) *Astianás,* filho de Heitor e de Andrómaca. Depois da morte de Heitor e da queda de Tróia, foi reclamado pelos chefes gregos e precipitado do alto de uma torre.

5.8

"Quem nu por ruas e em pedaços feito": a abadessa do Mosteiro de S. Bento, não longe de Évora. "E assi [desvestida] a tirarom fora da See desomrradamente, e a llevarom pella rrua da Sellaria ataa Praça; e naquell logar lhe deu huũ delles huũa cuitellada pella cabeça, de que cahiu morta em terra, e desi os outros começaram de acuitellar per ella, cada huũ como lhe prazia." (Fernão Lopes, *Crónica de D. João I,* 1.ª parte, cap. LXXIX, p. 80, ed. cit.)

6.3-4

"Feitas do feroz Mário e do cruento / Sila ...": v. Plutarco nas *Vidas* respectivas. JMR e ALV, *EN,* p. CXVI, citam as *Enéadas* de Sabélico como fonte deste passo.

7.1-4

"Beatriz era a filha, que casada / Co Castelhano está ...": D. João I de Castela; "Se a corrompida fama ...": se o segredo divulgado.

8.1-3

"Vêm de toda a província que de um Brigo": de Castela-a-Velha, pois, segundo autores suspeitos, Castilla la Vieja vem de Castillabrigia, de um rei Brigo, bisneto de Tubal. O Poeta acrescenta "(Se foi)"; "Das terras que *Fernando* e que *Rodrigo*": JMR, *EN,* supõe que se trata de Fernando III (S. Fernando), que conquistou Córdova, Múrcia, Xaém e Sevilha; *Rodrigo* é Rui Dias de Bivar, *o Cid Campeador,* que conquistou Valência.

9.3-6

"Da cabeça de toda Andaluzia": Híspalis (Sevilha); "A nobre Ilha também se apercebia / Que antigamente os *Tírios* habitavam": ilha de Cádis (Cális). O Poeta segue aqui a tradição dos feitos de Hércules em Gadira, Eriteia, ou Cádis. Os *Tírios* são os Fenícios.

10.6

"Ó sórdidos Galegos, duro bando": que sentido deu Camões a

'sórdidos', ele que era de ascendência galega? Em V.79.4 temos as naus "sórdidas e imundas", em que 'sórdidas' é sinónimo de 'imundas'. Em VI.78.3, "o grão ferreiro sórdido" é também sinónimo de "imundo", em virtude do ofício. No verso 10.6 deve tratar-se da sordidez proveniente da indigência, miséria ou avareza.

11.2-7

"A gente Bizcainha, que carece / De polidas razões, ...": refere-se, por um lado, à ininteligibilidade do biscainho, por ser um dos principais dialectos da língua vasca, e, por outro, ao seu sentimento muito vivo de autonomia (v. CB, "Acerca de alguns versos de *Os Lusíadas*", in *RL,* vol. 38.º, n.os 1-4, 1940-1943, pp. 87-99); "A terra de Guipúscua e das Astúrias": a terra de Guipúscoa pertence, com a Biscaia, às províncias vascongadas. Astúrias, região do Norte da Espanha, limitada ao N. pelo mar Cantábrico, a E. pela província de Santander, ao S. pela de Leão e a O. pela de Lugo; "Armou dele ...": do ferro (de que fala no v. anterior).

12.2-5

"Como a Sansão Hebreio da guedelha". Sansão, juiz de Israel, tinha a fortaleza nos cabelos da cabeça, como diz MC. Uma cortesã, Dalila, acabou por ter a revelação deste segredo e cortou-lhos enquanto ele dormia, ficando temporariamente outro homem e à mercê dos Filisteus. Fala dele o *Livro dos Juízes,* XIII-XVII; "Posto que tudo pouco lhe parece": Pois que ... ; "E não porque conselho lhe falece": lhe faleça.

13.1-8

"Não falta com razões quem desconcerte": não falta quem com razões; "Negarão (como Pedro) o Deus que têm": "E Pedro se lembrou da palavra que Jesus lhe dissera: 'Antes que o galo cante, três vezes me negarás'. E saindo para fora chorou amargamente." ("S. Mateus", XXVI.75.)

15.1-2

"Como? Da gente ilustre Portuguesa": o Poeta tem certamente em vista o conselho de que fala Fernão Lopes no cap. XXX da *Crónica de D. João I,* 2.ª parte, e do qual o Condestável saiu "muito anojado", indo ao outro dia só com suas gentes a caminho de Tomar, disposto a dar batalha ao rei de Castela. O discurso é fantasiado pelo Poeta. Seus irmãos estavam já na hoste de Castela; "Há-de haver quem

refuse o pátrio Marte?": há-de haver quem recuse combater pela Pátria?

16.1-8
"Como? Não sois vós inda os descendentes": refere-se ao recontro da veiga de Valdevez, que teve talvez lugar nos princípios de 1128, segundo AB, em *CH*. Foi derrotado el-rei de Castela e diz DG, cap. VII: "Prenderam-lhe na batalha sete Condes e outros muitos cavaleiros, e mataram-lhe muita gente." *(Crónica de D. Afonso Henriques.)*

18.7
"Atai as mãos a vosso vão receio": ficai imóveis, presos do vosso medo.

19.3-5
"Defenderei da força dura e *infesta*": *infesta* (inimiga) é latinismo;
"Em virtude do Rei, da pátria *mesta*": *mesta* (latinismo), abatida, mergulhada em aflição.
Ort.: *sojugada* (por *subjugada*).

20.1-2
"Bem como entre os mancebos recolhidos / Em Canúsio, relíquias sós de Canas": Em Canúsio (*Canusium,* cidade da Apúlia, hoje *Canosa da Apúlia*) Públio Cornélio Cipião, *Africanus major,* então (216 a. C.) de cerca de 19 anos, demoveu os combatentes derrotados de deporem as armas (v. T. Lívio, XXII.LIII). Derrotou Aníbal em Zama (202).

21.4-5
"... *lhe* ...": por *lhes;* "Nos animais cavalgam de Neptuno": v. III.51.3-4.

22.3-4
"Uns as armas alimpam e renovam, / Que a ferrugem da paz *gastadas* tinha": o particípio concorda com *armas*. Aproximar aqueles vv. de Virgílio, VII.623-640.

23.1-8
"Com toda esta lustrosa companhia / Joane forte sai da fresca Abrantes": o Poeta simplifica muito a acção. O exército português saiu de Abrantes, passou a Tomar, de Tomar a Ourém e Porto de

Mós; "Os primeiros *armígeros* regia": os primeiros homens de armas, a vanguarda, regida por Nuno Álvares (v. est. seg.). *Armígeros* é latinismo; "Orientais exércitos sem conto / Com que passava Xerxes o Helesponto": em 480 a. C. Xerxes passava o Helesponto numa ponte de barcas à frente de "exércitos sem conto" para atacar os Gregos.

24.3

"Como já o fero Huno o foi primeiro": refere-se a Átila, rei dos Hunos (432-453), que trouxe a assolação à Europa até ser derrotado nos chamados "Campos Cataláunicos", não longe de Châlons-sur-Marne (451), por Aécio (general romano), Meroveu (rei franco) e Teodorico (rei dos Visigodos de Espanha), que morreu na batalha". V. III.100.1-8.

25-1-3

"E da outra ala, ... / Antão Vasques de Almada é capitão, / Que despois foi de Abranches nobre Conde": lapso do Poeta. Quem teve o título de Conde de Abranches (na Normandia) foi Álvaro Vaz de Almada, amigo do infante D. Pedro, que morreu em Alfarrobeira. Segundo Fernão Lopes, o comandante da ala esquerda, "da sestra mão", foi Antão Vasques, que mais tarde entrará por Castela, recolhendo grande despojo *(Crónica de D. João I,* 2.ª parte, cap. LIX, p. 144).

26-1-7

"Estavam pelos muros, temerosas / E de um *alegre medo* quási frias": aparentemente, o Poeta faz assistir as abrantinas "mães, irmãs, damas e esposas" ao prélio e deixa indeterminado o verdadeiro local do combate. *Alegre medo,* medo cheio de esperança na vitória; "Já chegam as esquadras belicosas / Defronte das imigas companhias, / Que com grita grandíssima *os* recebem;": silepse. O Poeta tem no seu pensamento os guerreiros das esquadras.

27.3-8

"*Alférezes* volteiam as bandeiras": *alférezes,* plural antigo de *alferes;* "Era no seco tempo que nas eiras": *Ceres,* filha de *Saturno* e de *Cíbele,* deusa da agricultura, identificada mais tarde com a *Deméter* dos Gregos. *Astreia,* antigo nome da constelação da Virgem. O Sol entrava no signo da Virgem a 14 de Agosto de 1385; na imagem ou constelação entra mais tarde. Na *Chronographia,* de Jerónimo Chaves, lê-se: "Entra el sol en el signo de Virgo comunmente a los quatorze

de Agosto, comiença a entrar en la imagen al fin de Agosto." (Cit. por LPS, *AL,* p. 90.)

28.3-8
"Ouviu-o o monte *Artabro,* e Guadiana": identificam *Artabro* actualmente com o cabo Ortegal, no extremo noroeste da Galiza. A trombeta é ouvida do extremo noroeste da Espanha ao extremo sueste: "Ouviu[-o] o Douro e a terra Transtagana": v. III.62.1-2; "E as mães, que o som terríbil escuitaram, / Aos peitos ...": aproxime de Virgílio, *E,* VII.518: "... et trepidae matres pressere ad pectora natos." *Terríbil* é latinismo.
Ort.: *escuitaram* (por *escutaram*).

29.1-8
"O sentido desta estância é muito obscuro e tem suscitado várias interpretações. Para nós o sentido é este: "Quantos rostos ali se vêm sem cor, / Pois ao coração acode o sangue amigo! Que, nos perigos grandes, o temor / É maior muitas vezes que o perigo. / E se o temor não é maior do que o perigo, aparenta-o; mas o furor / De ofender ou vencer o duro imigo / Faz não sentir que é perda grande e rara / [a] Dos membros corporais, da vida cara."
Ort.: *Imigo,* forma arcaica (por *inimigo).*

30.2
"De ambas partes se move a primeira ala": os Castelhanos "moveram-se" primeiro, segundo Fernão Lopes: "Emtom, dando as trombetas muy rijamente, com grandes apupos e allarydos braadando todos: *A elhos! A elhos!,* começou a desaparecer o campo so a grande espessura delles." (*Crónica de D. João I,* 2.ª parte, p. 97); "Os portugueses, como os virom aballar, começaram avyvar os coraçooens pera os receber, e com esforço damdo aas trombetas, moverom passo e passo em sua boõa hordenança, o Condestabre ante a sua bamdeira ..." (*Id.,* ibid.)

31
Ort.: *debaxo* (por *debaixo*); *recrecem* (por *recrescem*).

32.1-8
"Eis ali seus irmãos contra ele vão": D. Pedro Álvares Pereira, mestre de Calatrava, e Diogo Álvares; "Destes arrenegados muitos são / No primeiro esquadrão, ...": "os portugueses vinham todos nesta aaz deanteira ... assy como o conde dom Joham Afomsso Tello

...,.e dom Pedralvarez e Diegoalvarez seu irmão, e Gomçallo Vaasquez d' Azevedo e Alvaro Gomçallvez seu filho, e Garcia Rodriguez Taborda, alcayde de Leyrea, Vaasquo Perez de Camões, Joham Gonçallvez, alcaide d' Obidos e outros." (Fernão Lopes, *Crónica de D. João I,* 2.ª parte, cap. XXXVIII, p. 87); "Quais nas guerras civis de Júlio [e] Magno": de Júlio César e Pompeu, *o Magno.* O Poeta conheceu o poema *De bello civili,* de Lucano, e, naturalmente, *As Vidas* (de Pompeu e de César), de Plutarco. Sobre a morte de *Magno,* v. IV.62.3-8.

33.1

"Ó tu, Sertório, ó *nobre* Coriolano, / Catilina, ...": Sertório, general romano, falecido em 72 a. C. Alcançara na Península grande prestígio, onde exercera os cargos de tribuno militar e propretor da Espanha citerior. Era partidário de Mário e adversário de Sila. Comandou os Lusitanos e opôs-se aos partidários de Sila. Foi assassinado num banquete por Perpena, seu capitão, no já referido ano de 72 (v. Plutarco, *Sertorius*). Márcio Coriolano, general romano, que viveu no século V a. C. Vencedor de Coríolos (no Lácio), capital dos Volscos, em 493. Condenado ao exílio, refugiou-se junto dos Volscos e levou-os à guerra contra Roma. Resistiu aos pedidos do Senado para depor as armas contra os Romanos. Só acedeu aos pedidos de sua mãe, Vetúria, e de sua esposa, Volúmnia (T. Lívio, II.XL). Lúcio Sérgio Catilina, patrício romano (por 109-63 a. C.), partidário de Sila, adversário do Senado. Ficaram célebres as quatro orações proferidas por Cícero contra Catilina, em 63 a. C. (v. *L. Catilinam,* "Orationes IV"). Salústio escreveu *De conjuratione Catilinae. Nobre* Coriolano: *célebre.*

33.4-5

"... com *profano* / Coração ...: *profano* (latinismo) no sentido de *ímpio;* "Se lá no reino escuro de *Sumano*": *Sumano,* deus infernal, que alguns assimilam a Plutão.

34.1-6

"Rompem-se aqui dos nossos os primeiros": a az de Nuno Álvares foi rota em primeiro lugar ante a pressão do inimigo. "E seemdo a az grossa daquella maneira e a dos portugueses pequena e simgella, e nom a podemdo soffrer, foy rota per força a ssua avamguarda, e emtrada poderosamente dos emmigos." (Fernão Lopes, *Crónica de D. João I,* 2.ª parte, cap. XLIII, p. 98); "Que os campos vão correr de

Tutuão": Tetuão, cidade marroquina, tomada por D. Duarte de Meneses.

35.4

Ort.: *recrecem* (por *recrescem*).

36.1-8

"Sentiu Joane a afronta que passava / Nuno, ...": "El-Rey, quando vyo a avanguarda rota e o Conde em tamanha pressa, com gramde cuydado e todos com elle abalou rijamente com sua bamdeira, dizemdo altas vozes com gram esforço: *Avamte, senhores, avamte! Sam Jorge, Sam Jorge! Portugall, Portugall, ca eu som el-Rey!*" (Fernão Lopes, *Crónica de D. João I,* 2.ª parte, cap. XLII, p. 99); "O pastor de *Massília* ...": *Massília,* terra dos Massilos, povo vizinho da Numídia.

37.2

"Os montes Sete Irmãos atroa e abala": MC escreveu: "Na Mauritania, q̃ atras chamey Massilia, estão sete montes, dos quaes Pomponio Mella diz: *Ex his tamen, quae commemorare non piget, montes sunt alti, qui cõtinenter, & quasi de industria in ordinem expositi, ob numerum septem, ob similitudinem fratres vocantur.*" Na ed. de 1748 do *De Situ Orbis* de Pompónio Mella a transcrição termina: "ob similitudinem Fratres nuncunpantur".

39.4-5

"Perigos vencerá do Márcio jogo": jogo de Marte – a guerra; "Porfiam; tinge o ferro o *fogo* ardente": várias edições, desde 1597, substituíram no texto "fogo" por "sangue". ED adoptou "sangue". JMR, na EN, nem sequer alude ao problema e põe "fogo". CB mantém "fogo" e, como MC, entende que está em sentido figurado e é o "honroso fogo" do v. 2. SJ mantém "fogo", assim como FC. MR mudou para "sangue". MM mantém "fogo". A expressão é audaciosa: o ferro não tinge o sangue, mas o fogo que o anima.

40.1-6

"A muitos mandam ver o *Estígio lago*": lagoa do Inferno *(Estige);* "O Mestre morre ali de Santiago": não há notícia de o mestre de Santiago ter estado em Aljubarrota; "Outro Mestre cruel de Calatrava". No v. 7 o Poeta diz que morrem "os Pereiras ... arrenegados"; mas um deles, Pedro Álvares Pereira, é que era o mestre de Calatrava. Morreu na batalha. Diogo Pereira foi feito prisioneiro e, depois, deixado por D. João I à guarda de Egas

Coelho. Mas "villaãos alguuns vemdo-lhe as armas de Castella", mataram-no, sem mais razões (Fernão Lopes, *Crónica de D. João I,* 2.ª parte, cap. XLV, p. 107).

41.1-8

Muitos também do *vulgo vil,* sem nome": no sentido de *não nobre;* "Vão, e também dos nobres, ao *Profundo,* / Onde o *trifauce Cão* ...": o *Profundo* é o Inferno, o Cão de três fauces é o *Cérbero,* guarda do Inferno; "A sublime *bandeira Castelhana* / Foi derribada ...": "E ssendo a batalha cada vez mayor e muy feryda danbas partes, prougue a Deus que a bandeira de Castella foy derybada ..." (Fernão Lopes, *Crónica de D. João I,* 2.ª parte, cap. XLII, p. 99.)

43.1-7

"O campo vai deixando ao vencedor": "El-Rey de Castella oolhando a batalha e veendo que Fortuna de todo em todo era favoravell aos portugueses ... trigou-sse como quem nom sente door por logo partir ante que mais visse como sse perdia a batalha de todo." (Fernão Lopes, *Crónica de D. João I,* 2.ª parte, cap. XLIII, p. 99); "*Lhe* dá, não pés, mas asas ...": por *lhes* (os que ficaram); "Encobrem no *profundo* peito ...": no fundo do peito; e triste *nojo":* dor, pesar.

44.6

"... aventura às penas do *profundo*": como em 41.1-8.

45.8

"Pera as terras se passa *Transtaganas*": v. III.62.1-2.
Ort.: *despois* (por *depois*).

46.3-7

"Porque a *terra dos Vândalos,* ...": a Andaluzia; "Já de Sevilha a *Bética bandeira,* / E de vários senhores, num momento / Se lhe *derriba* aos pés, sem ter defesa": *derriba* concorda com *Bética bandeira* e *sem ter defesa* pertence igualmente para *Bética bandeira.*

47.6-7

"Dar os Reis inimigos por maridos / Às duas Ilustríssimsa Inglesas": as duas filhas do duque de Lencastre, Filipa e Catarina, casaram, a primeira, com o rei de Portugal e, a segunda, com o rei de Castela.

48.2

Ort.: *imigo* (por *inimigo*).

49.1-8
"Eis mil *nadantes aves,* ..." : numerosa frota; "... pelo argento / Da *furiosa Tétis inquieta*": pelo oceano agitado; "... as *pandas asas* ...": as inchadas velas; "Pera onde *Alcides* pôs a extrema meta": *Alcides* (Hércules) – para o estreito de Gibraltar; "O monte Abila e o nobre fundamento / De Ceita ...": v. III.77.3-8. Ceuta foi tomada em 21 de Agosto de 1385; "... e segura toda a Espanha / Da Juliana, má e desleal manha": o conde Julião era governador cristão de Ceuta nos primeiros anos do século VIII. Julião era partidário de Vitiza (rei visigodo da Península). Não se tratando de monarquia hereditária, os nobres visigodos não reconheceram o filho como sucessor de Vitiza e elegeram Rodrigo. Por este motivo, o conde Julião solicitou o apoio de Muça Ibne Noçáir, governador da África muçulmana, e abriu-lhe as portas de Ceuta para uma expedição à Península.

50.1-8
"Não consentiu a morte ...": D. João I faleceu a 14 de Agosto de 1433, aniversário da Batalha de Aljubarrota; "Ínclita geração, altos Infantes": o Poeta refere-se em especial aos filhos de D. João I – D. Duarte, D. Pedro, D. Henrique e D. Fernando.

52.1
"Viu ser cativo o santo irmão Fernando": a desastrada expedição a Tânger em 1437 trouxe como consequência o infante D. Fernando ficar como refém até que se entregasse Tânger – no que nunca consentiu o infante D. Henrique. D. Fernando foi chamado o "Infante Santo". Morreu em Fez, minado de desgostos e de torturas (5 de Junho de 1448).
Ort.: *púbrico*, na edição *princeps* (por *público*).

53.1-2
"Codro, por que o inimigo não vencesse": Codro, último rei de Atenas, evitou o triunfo dos Dórios quando estes invadiram a Ática, entrando, disfarçado, no campo inimigo e deixando-se matar. Desta forma cumpriu-se o oráculo que predizia que ficaria vencedor o que não matasse o rei; "Régulo por que a pátria não perdesse": Régulo, prisioneiro em Cartago, tendo sido mandado a Roma para que se fizesse um tratado de paz ou se permutassem os prisioneiros, aconselhou o Senado a não aceitar nenhuma das propostas. De regresso a Cartago foi morto (T. Lívio, sumário do liv. XVIII). Horácio consagrou a Régulo a Ode V do liv. III, e Cícero, um trecho do *De Officiis,* III.27.100.

53.7
"Codro, nem Cúrcio, ouvido por espanto": hoje dir-se-ia: nem Codro, nem Cúrcio. MC diz que, segundo escreve Tito Lívio na *Primeira Década,* ao tempo que os Romanos tinham guerra com os Hérnicos, "apareceo subitamente na praça de Roma hũa muy grande abertura, a qual os Romanos nunca poderão serrar, antes quanto mais elles mais o procuravão tanto ella mais se abria. Consultado o Oraculo, respondeo, que aquella abertura queria dentro em si aquillo, com que Roma era mais poderosa. E como neste caso variassem os Romanos, & nenhum soubesse dar no entendimento da resposta, Curcio os reprendeo muy asperamente, notandoos de fraco juizo, & dizendo que homens & armas fazião a republica Romana muy poderosa, & que assi se avião de entender as palavras do Oraculo: pelo que se armou, & posto a cavallo, se lançou muyto alvoroçado dentro naquella abertura, a qual logo se serrou" (v. T. Lívio, VII.VI).

53.8
"Nem os *Décios* leais, fizerão tanto": *Décios Mus,* nome de três ilustres romanos que se sacrificaram pela pátria: o pai, em Véseris (rio de Campânia, ao pé do Vesúvio), numa batalha contra os Latinos (T. Lívio, VIII.IX), em 340 a. C.; o filho, em Sentino (cidade da Úmbria), contra os Gauleses (T. Lívio, X.XXVIII), em 295, e o neto, em Ásculo, cidade do Piceno, contra Pirro, em 279.

54.1-2
"Mas Afonso, do Reino único herdeiro": D. Afonso V, na sua qualidade de primogénito; "Nome em armas ditoso em nossa *Hespéria*": v. II.108.6. *Impossíbil* e *terríbil* são latinismos.

55.1-2
"*Este* pôde colher as *maçãs de ouro*": *este* é D. Afonso V. Trata-se das maçãs do *jardim das Hespéridas.* As *Hespéridas* habitavam no extremo ocidente, não longe da ilha dos Bem-Aventurados, à beira do Oceano. Acabaram por situá-las junto do monte Atlas. *As maçãs de ouro,* aqui, designam Marrocos; "Que somente o *Tiríntio* colher pôde". O *Tiríntio* é Hércules, por seu avô Alceu, rei de Tirinto. O seu pai putativo, Anfitrião, era rei de Tebas, pelo que Hércules é também chamado o *Tebano.* Ovídio e Virgílio chamam *Tiríntio* a Hércules.

56.2-8
"Os muros abaxaram de *diamante*": duros como o diamante; "Mais *afinando* a fama Portuguesa": mais *apurando.*
Ort.: *abaxaram* (por *abaixaram*); *dinas* (por *dignas*).

57.3-7
"Vai cometer Fernando de Aragão": D. Afonso V, pretendente ao trono de Castela por parte de sua sobrinha, D. Joana, teve como competidor Fernando de Aragão. D. Afonso V para defender os direitos da sobrinha entrou em Castela em Maio de 1475; "Desde Cáliz ao alto Perineo": desde Cádis ao alto Pireneu.

58.1
"Não quis ficar nos Reinos occioso": o príncipe D. João (futuro D. João II) foi encontrar-se em Touro com o pai (em Janeiro de 1476).
Ort.: *occioso,* na edição *princeps,* ou, como o Poeta escreve em outros lugares, *oucioso* (por *ocioso*).

59-4-6
"*Todo um dia* ficou no campo inteiro": aliás, *toda uma noite;* "Destarte foi vencido Octaviano, / E António vencedor, ...": o Poeta compara a sorte de D. Afonso V e do Príncipe D. João II (um vencido, o outro vencedor) à sorte de Marco António e de Octaviano, que em 42 a. C. venceram os assassinos de Júlio César, Bruto e Cássio, na batalha de Filipos, tendo Octaviano sido infeliz (v. Plutarco, *Brutus,* XXXVIII-LIII).

60.7-8
"... que foi buscar da roxa Aurora / Os términos, que eu vou buscando agora": foi buscar a meta oriental. Nas estâncias seguintes o Poeta ocupa-se das viagens de Pêro da Covilhã e de Afonso de Paiva.
Ort.: *despois* (por *depois*); *apousentou* (por *aposentou*).

61.1
"Manda seus mensageiros ...": a fantasia do Poeta alterou a história, incluindo no itinerário a França. Despediram-se do rei em Santarém, em 7 de Maio de 1487. Seguindo por Valência, chegaram a Barcelona em 14 de Junho e daí a Nápoles, que alcançaram em 24 do mesmo mês, donde passaram à ilha de Rodes. Fazendo de mercadores, passaram à Alexandria, no Egipto. Como mercadores seguiram para o Cairo e daí para Tor. Embarcados em Tor, foram

pelo mar Vermelho (ou Roxo) até Suaquém, na costa africana, e daí para Adém. Aqui separaram-se: Afonso de Paiva para a Etiópia e Pêro da Covilhã para a Índia. Afonso de Paiva morreu, provavelmente, no Cairo. Depois de várias viagens e explorações, Pêro da Covilhã, tendo sabido no Cairo da morte do seu companheiro, resolveu entrar na Abissínia, ou Etiópia-a-Alta, donde não mais o deixaram sair.

61.4-8
"Onde já foi *Parténope* enterrada": *Parténope* foi uma das sereias que, quando Ulisses se lhes escapou, se lançaram ao mar; o seu corpo deu à costa no local onde, mais tarde, foi construída a cidade de Nápoles. "Litore autem Neapolis Chalcidensium et ipsa, Parthenope a tumulo Sirenis appellata." (Plínio, III.V.62); "Co senhorio de ínclitos Hispanos": a partir de Afonso V, de Aragão (Afonso I, de Nápoles). No tempo de Camões, Nápoles pertencia à monarquia espanhola.

62.3-8
"E dali às ribeiras altas chegam / Que com morte de Magno são famosas": para pedir asilo a Ptolemeu, rei do Egipto, Pompeu dirigiu-se a Pelúsio (ou Pelusa), hoje Tiné, cidade do Egipto, nas vizinhanças de Porto Saida. Os nossos viajantes foram para a Alexandria e daí ao Cairo; "Vão a Mênfis, ...: o Poeta quis provàvelmente identificar o Cairo; "... e às terras que se regam / Das enchentes Nilóticas undosas": as terras do Nilo são regadas por enchentes revoltas (*undosas*). "Sobem à Etiópia, sobre Egipto, / Que de Cristo lá guarda o santo rito": só Pêro da Covilhã subiu à Abissínia; "que lá guarda o santo rito": o culto monofisista.

63.1-8
"Passam também as ondas Eritreias": o mar Vermelho (ou Roxo); "Que o povo de Israel sem nau passou": é a célebre travessia do mar Vermelho por Moisés e pelos Hebreus, que deixaram o Egipto em direcção ao monte Sinai; "Ficam-lhe atrás as serras Nabateias": "deinde Nabataei oppidum incolunt Petram nomine in convalle, paulo minus II p. amplitudinis, circumdatum montibus inaccessis, amne interfluente" (Plínio, VI.XXXII.144); "Que o filho de Ismael co nome ornou": Nabateias, de Nabath; "As costas odoríferas Sabeias": a Sabeia é parte da Arábia Feliz: "principalia ergo in illa tus atque murra" (Plínio, XII.XXIX.52); "Que a mãe do belo *Adónis* tanto honrou": *Cíniras,* rei de Chipre, teve uma filha que quis praticar incesto com ele. Depois de algumas noites descobriu-se o crime. A

jovem foge e encontra deuses propícios, que a transformam na árvore da *mirra.* Feita árvore, gera *Adónis,* fruto do seu crime (v. Ov., *M,* X.491 e segs.); "Feliz, deixando a Pétrea e a Deserta": JMR, in *BCL,* XIII, p. 697, nota, queria que se lesse *Petrêa,* com acento medieval 4-7-10.

64.1-8

"Entram no Estreito Pérsico, onde dura / Da confusa Babel inda a memória": entram no Golfo Pérsico e o Poeta lembra-se da Torre de Babel e de Babilónia; "Ali co Tigre o Eufrates se mistura": os dois rios reúnem-se na Mesopotâmia e formam juntos o Chate Alárabe, que desagua no Golfo Pérsico; "Que as fontes onde nascem têm por glória": o Paraíso (cf. III.72.7-8); "Onde não se atreveu passar Trajano": v. nosso comentário a I.3.3.

65.1-2

"Viram gentes incógnitas e estranhas / Da Índia, da *Carmânia* e *Gedrosia*": *Gedrósia,* província da Pérsia, entre a Carmânia e a *Índia. Carmânia,* também província da Pérsia.
Ort.: *produze* (por *produz*).

67.6-8

"... no tempo que a luz clara / Foge, e as estrelas nítidas que saem / A repouso convidam quando caem": "*sair,* falando das estrelas, é surgir no horizonte, começar a subir, nascer, enfim. As estrelas que nascem de dia não se vêem; só as que nascem de noite *saem nítidas.* O adjectivo *nítidas* é importante, porque indica que o Poeta se refere a estrelas de nascimento crónico. Define-se, pois, nos últimos versos, a parte da noite em que as estrelas, que já de noite nasceram, convidam a repouso, pela sua queda do lado ocidental do meridiano" (LPS, *AL,* p. 37). AFGV, a p. 36 do fasc. 2.º de *NC,* afirma: «'As estrelas nítidas que saem' podem ser as estrelas de nascimento helíaco vespertino. Elas aparecem a ocidente, depois do sol-posto e, pouco depois *caem*, isto é, têm o seu ocaso, desaparecendo no horizonte ocidental.»

68.8

"*Morfeu* em várias formas lhe aparece": *Morfeu* é um dos mil filhos do *Sono.* A sua função consiste em tomar a forma de seres humanos e de se mostrar aos homens adormecidos durante os seus sonhos. Possui grandes asas rápidas e silenciosas, que o levam a toda parte.

69.1-6
"Aqui se lhe apresenta que subia / Tão alto que tocava a prima Esfera": a esfera da Lua; "Despois que *os olhos longos* estendera": estendera ao largo os olhos *para ver ao longe* o objecto desejado. Ort.: *nace* e *nacerem* (por *nasce* e *nascerem*); *despois* (por *depois*); *longincos* (por *longínquos*).

70.1-6
"Aves agrestes, feras e alimárias": aves agrestes, feras e outros animais; "Estas duras montanhas, adversárias / De mais conversação, ...": de outra frequentação.

71.5-8
"Das pontas dos cabelos *lhe* saíam": *lhe,* por *lhes;* "Barba *hirsuta, intonsa, ...*": *hirsuta* (eriçada) e *intonsa* (não aparada) são latinismos. Ort.: *aspeito* (por *aspecto*).

72.7-8
"Bem como *Alfeu* de *Arcádia* em *Siracusa* / Vai buscar os abraços de Aretusa": *Alfeu,* rio do Peloponeso; *Arcádia,* planalto do Peloponeso; *Siracusa,* cidade principal da Sicília. "Mas da observação d' este rio & d' outros semelhantes, nos não devemos muito maravilhar do q̃ disserã os antigos acerca do rio Alpheo, o qual despois q̃ na provincia do Pelopõneso passa por a cidade de Pisa & entra no Mediterraneo, screvẽ – que nã mixtura suas agoas cõ as salgadas, mas q̃ por baixo d' este mar se vai meter na fonte Arethusa, jũto da cidade Syracusa chamada oje Saragoça em Sicilia, & q saindo d' esta fonte entra no mar." (GB, *Ch.,* fl. 12 e v.º) V. Ov., *M,* V.572-642.

74.1-4
"... que na terra / Celeste tenho o berço verdadeiro": no paraíso terreal; "Estoutro é o Indo, Rei que, nesta serra / Que vês ...": ED diz que Camões chama "Rei" ao Indo por ser o rio da Índia de mais longo curso. JMR, *BCL,* 13, p. 688, pensa que "Rei" é um vocativo, que o *o* do *Indo* absorveu o *o* do vocativo (teoria que lhe é particularmente favorita) e que é como se estivesse escrito: "Estoutro he o Indo, ó Rey". Na edição *princeps* está: "Estoutro he o Indo Rey".

75.5-6
"Estendeu nisto Febo o claro manto": o Sol rompeu; "Pelo escuro

Hemispério somnolento": AP e PAP, no seu *DL,* afirmam que no poema se grafa de quatro maneiras a palavra "Hemisfério": "Hemispherio" em I.8, "Emispherio" em I.38 e I.65, "Emisperio" em IV.75 e VI.38 e "Hemisperio" em V.14 (e, acrescente-se, em X.93). Camões talvez fosse o primeiro que, em português, tivesse escrito o vocábulo com forma semelhante à latina e à grega. "Hemisperio" lê-se no *Esmeraldo* e "Imisperyo" na *Crónica da Guiné.*
Ort.: *desparecem* (por *desaparecem,* por causa da medida do verso); *Emanuel,* do latim *Emmanuel,* nome do Messias.

76.2-8
"E *propõe-lhe* as figuras da visão": refere, apresenta; "Determinam o náutico aparelho": ordenam que as naus se aparelhem; "A buscar novos climas, novos ares": «Portugal» – como escreveu LPS – "estendia-se na Europa sobre o clima de Roma ao norte de Lisboa, e ao sul sobre o clima de Rodes" (v. II.109.1-8). As navegações dos Portugueses ao longo da costa africana foram, porém, recuando aquele limite, como se diz em IV.76.8.

77.3-4
Que sempre grandes coisas deste jeito, / Pres[s]ago, o coração me prometia": talvez o pensamento de Virgílio em *E,* IX.186: "Aut pugnam aut aliquid iamdudum invadere magnum / mens agitat mihi ..."

80.1-8
"Imaginai tamanhas aventuras / Quais *Euristeu* a *Alcides* inventava": *Euristeu,* rei de Micenas. *Alcides* é o primeiro nome de *Hércules* (v. III.137.8). Nos vv. 3 a 6 recordam-se algumas façanhas de Hércules: a morte do leão *Cleoneu* (de Cleona, nome de lugar); as "Harpias duras": as aves monstruosas do lago Estinfalo, que Camões confundiu neste lugar com as "Harpias"; a captura do porco monstruoso que vivia no Erimanto; "a Hidra brava", ou *Hidra de Lerna,* monstro de várias cabeças, decepadas por Hércules a poder de largos esforços; "Decer, enfim, às sombras vãs e escuras / Onde os campos de Dite a Estige lava": *Dis Pater* ou *Ditis* foi desde muito cedo identificado a Plutão. *Styx,* rio dos Infernos, é também feminino em latim; "Por vós, ó Rei, o esprito e carne é pronta": concordância do verbo com um dos elementos do sujeito.
Ort.: *decer* (por *descer*).

81.2
"E com razões ...": e com palavras.

82.3
"Ambos são de valia e de conselho": ambos são de merecimento e bom conselho.
Ort.: *crece* (por *cresce*).

83.5-6
"Assi foram os Mínias ajuntados"; este verso e os seguintes aproximam *Os Lusíadas* da *Argonautica,* de Valério Flacco (v. sobre este ponto "Os Lusíadas e o Tema das Argonáuticas", por SJ, in *Ocidente,* vol. XL, 1951, pp. 261-284). Camões leu o poema de Valério Flacco, *Argonautica,* onde os Argonautas são os Mínias, povo da Grécia continental, que tinha fundado um pequeno império a noroeste da Beócia. Vencidos pelos Beócios, depois da guerra de Tróia, os Mínias ficaram na sua dependência. Mínias era também o rei de Orcómeno, na Beócia; "Pera que o *Véu dourado* combatessem": o Poeta chama *Véu* ao *Velo.* A conquista do *Velo de oiro* foi narrada por Apolónio Ródio, serviu para um episódio a Píndaro e fez o assunto da *Medeia,* de Eurípedes. Como já dissemos, Valério Flacco também tratou do assunto.

83.7
"Na *fatídica* nau que ousou primeira": *fatídica* no sentido latino, *que prediz o futuro.* A nau *Argo* foi construída num porto da Tessália com a ajuda da deusa Atena. A madeira proveio do Pélion, com excepção da peça de proa, trazida pela deusa, e que era um pedaço de carvalho sagrado de Dodona. Ela mesma a talhara e lhe dera o dom da fala, além do poder de profetizar; "Tentar o mar Euxínio, aventureira": dirigiram-se à Cólquida, no mar Euxino (ou mar Negro).

84.1-6
Pela ordem directa os quatro primeiros versos deveriam ter a seguinte redacção: "E já no porto da ínclita *Ulisseia,* / (Onde o doce Tejo mistura o licor e branca areia / Co *salgado Neptuno*) / Cum alvoroço nobre e cum desejo / *As naus* prestes estão ..."; *Ulisseia,* cidade de *Ulisses,* Lisboa; o *salgado Neptuno,* o Oceano; as *naus:* a *S. Gabriel,* a *S. Rafael,* a *Bérrio* e uma de mantimentos; "... juvenil despejo": juvenil desembaraço.
Na edição *princeps:* "a toda parte", e não como, por lapso, saiu no texto.

85.7-8
"Elas prometem, vendo os mares largos, / De ser no Olimpo estrelas, como a de Argos": a nau *Argo* foi posta entre as constelações por Minerva.

86.5-8
"... que a *etérea Corte* / Sustenta ...": a corte celeste; "E que nossos começos *aspirasse*": favorecesse.

87.1-8
"Partimo-nos assi do santo templo": de Nossa Senhora de Belém; "Que o nome tem da terra, ...": Jesus nasceu em Belém; "... se contemplo": se contemplo na memória, se recordo; "Como fui ...": quando fui; "*Que apenas* nos meus olhos ponho o freio": *Que,* anacoluto. Com dificuldade retenho as lágrimas. Cf. Ov., *Tristia,* I.III.3-4:

> *cum repeto noctem, qua tot mihi cara reliqui,*
> *labitur ex oculis nunc quoque gutta meis.*

88.1-4
"A gente da cidade, ... /... / ... concorria, / Saüdosos na vista e descontentes": concordância de *saüdosos* e *descontentes* com *gente;* "Uns por amigos, ...": uns por serem amigos.

89
Ort.: *piadoso* (por *piedoso*); *acrecentavam* (por *acrescentavam*).

90.5
"Porque me deixas, *mísera e mesquinha?*": v. III.118.5-8.
Ort.: *emparo* (por *amparo*); *pexes* (por *peixes*). O Poeta nunca escreveu de outro modo; *amaro* é latinismo.

91.3
"Porque *is* ...": *ides*.

92.7-8
"A branca areia as lágrimas banhavam": as lágrimas banhavam a branca areia; "Que em multidão *com elas* se igualavam": *Com elas,* com as areias, e não com a areia.

93.1-5
"Nós outros, ... /... / Determinei de assi nos embarcarmos": determinei que nós outros assi nos embarcássemos.

94.1-8
"Mas um velho d' aspeito venerando": desta estância até final do canto é o episódio do *Velho do Restelo,* eloquente, filosófico e também político. Pela boca do *Velho,* Camões manifesta a sua predilecção pela política africana; "... *experto* peito": peito experiente. Ort.: *aspeito* (por *aspecto*).

95.3
"Ó fraudulento gosto ...": gosto enganoso.

96.5-8
"Na edição *princeps* o Poeta escreveu: "*Chaman-te* ilustre", "*chaman-te subida*", "*chaman-te* fama", por causa da enclítica; "Nomes com *quem* se o povo *néscio* engana!": o pronome *quem* empregava-se indiferentemente em relação a pessoas e a coisas: *néscio,* ignorante. Ort.: *desemparos* (por *desamparos*); *dina* (por *digna*).

97.4-6
"Debaixo dalgum nome *preminente?*": *preeminente;* "Que promessas de reinos e de minas / D' ouro, *que* lhe farás ... ": este último *que* é pleonástico.

98.1-7
"Mas, ó tu, geração daquele insano": Adão; "... do Reino soberano": do Paraíso; "Da quieta e da simpres inocência, / Idade d' ouro, ... ": sobre as quatro idades, v. Ov., *M,* I.90-150.
Ort.: *simpres* (por *simples*).

99.7-8
"... pois que já / Temeu tanto perdê-la Quem a dá": v. "S. Mateus", XXVI.39: "E adiantando-se um pouco, se prostrou com o rosto em terra, orando e dizendo: – *Pai meu, se é possível passe de mim este cálix* ..."

100.1
"Não tens junto contigo o Ismaelita": refere-se aos muçulmanos da África do Norte.

101.4
"Se enfraqueça e se vá deitando a longe": se vá deitando a perder. *Longe* rima com *longe* do segundo verso.

101.7
"... com *larga cópia*": com grande abundância.

102.3-5
"*Profundo* (Inferno) rima com *profundo* (adjectivo).

103.1
"Trouxe o filho de Jápeto do Céu / O fogo que ajuntou ao peito humano": sobre o roubo do fogo por Prometeu, filho de Jápeto, v. Hesíodo, *Theogonia,* vv. 554-556. A expressão do Poeta está mais próxima de Horácio, *O,* I.III.

104.1-5
"Não cometera o moço miserando / O carro alto do pai ...": *Fáeton,* filho de *Hélio* (o *Sol*), foi autorizado por seu pai a guiar o carro do Sol, mas esteve a pontos de, por inexperiência, abrasar o Universo. *Zeus (Júpiter),* irritado, fulminou-o e precipitou-o no *Erídano* (o rio Pó); "... nem o ar vazio / O grande arquitector co filho, dando / Um, nome ao mar, e o outro, fama ao rio": *Dédalo*, arquitecto grego que construiu o labirinto de Creta, no qual foi encerrado o *Minotauro. Dédalo* também lá ficou aprisionado por ordem de *Minos,* mas fugiu, fazendo umas asas de penas e de cera. *Ícaro* fugiu do labirinto de Creta com o pai com asas ligadas com cera. Aproximando-se demasiado do Sol, a cera derreteu-se, as asas soltaram-se e *Ícaro* foi cair no mar Egeu, perto da ilha Icária (no mar Icário); "Nenhum cometimento alto e *nefando*": *nefando* no sentido latino de *nefandus,* abominável.

V

1 «**E**STAS sentenças tais o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As asas ao sereno e sossegado
Vento, e do porto amado nos partimos.
E, como é já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o céu ferimos,
Dizendo: – «Boa viagem!»; logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

2 «Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemeio truculento;
E o Mundo, que co tempo se consume,
Na sexta idade andava, enfermo e lento.
Nela vê, como tinha por costume,
Cursos do Sol catorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

3 «Já a vista, pouco e pouco, se desterra
Daqueles pátrios montes, que ficavam;
Ficava o caro Tejo e a fresca serra
De Sintra, e nela os olhos se alongavam;
Ficava-nos também na amada terra
O coração, que as mágoas lá deixavam;
E, já despois que toda se escondeu,
Não vimos mais, enfim, que mar e céu.

4 «Assi fomos abrindo aqueles mares,
Que geração algũa não abriu
As novas Ilhas vendo e os novos ares
Que o generoso Henrique descobriu;
De Mauritânia os montes e lugares,
Terra que Anteu num tempo possuiu,
Deixando à mão esquerda, que à direita
Não há certeza doutra, mas suspeita.

5 «Passámos a grande Ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo assi se chama;
Das que nós povoámos a primeira,
Mais célebre por nome que por fama.
Mas, nem por ser do mundo a derradeira,
Se lhe aventajam quantas Vénus ama;
Antes, sendo esta sua, se esquecera
De Cipro, Gnido, Pafos e Citera.

6 «Deixámos de Massília a estéril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastam,
Gente que as frescas águas nunca gosta,
Nem as ervas do campo bem lhe abastam;
A terra a nenhum fruto, enfim, disposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inópia,
Que aparta a Barbaria de Etiópia.

7 «Passámos o limite aonde chega
O Sol, que pera o Norte os carros guia;
Onde jazem os povos a quem nega
O filho de Climene a cor do dia.
Aqui gentes estranhas lava e rega
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o Cabo Arsinário o nome perde,
Chamando-se dos nossos Cabo Verde.

8 «Passadas tendo já as Canárias ilhas,
Que tiveram por nome Fortunadas,
Entrámos, navegando, polas filhas
Do velho Hespério, Hespéridas chamadas;
Terras por onde novas maravilhas
Andaram vendo já nossas armadas.
Ali tomámos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

9 «Àquela ilha apartámos que tomou
O nome do guerreiro Santiago,
Santo que os Espanhóis tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago.
Daqui, tanto que Bóreas nos ventou,
Tornámos a cortar o imenso lago
Do salgado Oceano, e assi deixámos
A terra onde o refresco doce achámos.

10 «Por aqui rodeando a larga parte
De África, que ficava ao Oriente
(A província Jalofo, que reparte
Por diversas nações a negra gente;
A mui grande Mandinga, por cuja arte
Logramos o metal rico e luzente,
Que do curvo Gambeia as águas bebe,
As quais o largo Atlântico recebe),

11 «As Dórcadas passámos, povoadas
Das Irmãs que outro tempo ali viviam,
Que, de vista total sendo privadas,
Todas três dum só olho se serviam.
Tu só, tu, mujas tranças encrespadas
Neptuno lá nas águas acendiam,
Tornada já de todas a mais feia,
De bívoras encheste a ardente areia.

12 «Sempre, enfim, pera o Austro a aguda proa,
No grandíssimo gôlfão nos metemos,
Deixando a Serra aspérrima Lioa,
Co Cabo a quem das Palmas nome demos.
O grande rio, onde batendo soa
O mar nas praias notas, que ali temos,
Ficou, co a Ilha ilustre, que tomou
O nome dum que o lado a Deus tocou.

13 «Ali o mui grande reino está de Congo,
Por nós já convertido à fé de Cristo,
Por onde o Zaire passa, claro e longo,
Rio pelo antigos nunca visto.
Por este largo mar, enfim, me alongo
Do conhecido Pólo de Calisto,
Tendo o término ardente já passado
Onde o meio do Mundo é limitado.

14 «Já descoberto tínhamos diante,
Lá no novo Hemispério, nova estrela,
Não vista de outra gente, que, ignorante,
Alguns tempos esteve incerta dela.
Vimos a parte menos rutilante
E, por falta de estrelas, menos bela,
Do Pólo fixo, onde inda se não sabe
Que outra terra comece ou mar acabe.

15 «Assi, passando aquelas regiões
Por onde duas vezes passa Apolo,
Dous Invernos fazendo e dous Verões,
Enquanto corre dum ao outro Pólo,
Por calmas, por tormentas e opressões,
Que sempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as Ursas, a pesar de Juno,
Banharem-se nas águas de Neptuno.

16 «Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem,
Súbitas trovoadas temerosas,
Relâmpados que o ar em fogo acendem,
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
Não menos é trabalho que grande erro,
Ainda que tivesse a voz de ferro.

17 «Os casos vi, que os rudos marinheiros,
Que têm por mestra a longa experiência,
Contam por certos sempre e verdadeiros,
Julgando as cousas só pola aparência,
E que os que têm juízos mais inteiros,
Que só por puro engenho e por ciência
Vêm do mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos ou mal entendidos.

18 «Vi, claramente visto, o lume vivo
Que a marítima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa, certo, de alto espanto,
Ver as nuvens, do mar com largo cano,
Sorver as altas águas do Oceano.

19 «Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava): levantar-se
No ar um vaporzinho e sutil fumo
E, do vento trazido, rodear-se;
De aqui levado um cano ao Pólo sumo
Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia;
Da matéria das nuvens parecia.

20 «Ia-se pouco e pouco acrecentando
E mais que um largo masto se engrossava;
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de água em si chupava;
Estava-se co as ondas ondeando;
Em cima dele ũa nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada,
Co cargo grande d' água em si tomada.

21 «Qual roxa sangues[s]uga se veria
Nos beiços da alimária (que, imprudente,
Bebendo a recolheu na fonte fria)
Fartar co sangue alheio a sede ardente;
Chupando, mais e mais se engrossa e cria,
Ali se enche e se alarga grandemente:
Tal a grande coluna, enchendo, aumenta
A si e a nuvem negra que sustenta.

22 «Mas, despois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe
E pelo céu, chovendo, enfim voou,
Por que co a água a jacente água molhe;
Às ondas torna as ondas que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.
Vejam agora os sábios na escritura
Que segredos são estes de Natura!

23 «Se os antigos Filósofos, que andaram
Tantas terras, por ver segredos delas,
As maravilhas que eu passei, passaram,
A tão diversos ventos dando as velas,
Que grandes escrituras que deixaram!
Que influïção de sinos e de estrelas!
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo, sem mentir, puras verdades.

24 «Mas já o Planeta que no Céu primeiro
Habita, cinco vezes, apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro,
Mostrara, enquanto o mar cortava a armada,
Quando da etérea gávea, um marinheiro,
Pronto co a vista: «Terra! Terra!» brada.
Salta no bordo alvoroçado a gente,
Cos olhos no horizonte do Oriente.

25 «A maneira de nuvens se começam
A descobrir os montes que enxergamos;
As âncoras pesadas se adereçam;
As velas, já chegados, amainamos.
E, pera que mais certas se conheçam
As partes tão remotas onde estamos,
Pelo novo instrumento do Astrolábio,
Invenção de sutil juízo e sábio,

26 «Desembarcamos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa,
Da terra que outro povo não pisou.
Porém eu, cos pilotos, na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do Sol a altura
E compassar a universal pintura.

27 «Achámos ter de todo já passado
Do Semícapro Pexe a grande meta,
Estando entre ele e o círculo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis, de meus companheiros rodeado,
Vejo um estranho vir, de pele preta,
Que tomaram per força, enquanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

28 «Torvado vem na vista, como aquele
Que não se vira nunca em tal extremo;
Nem ele entende a nós, nem nós a ele,
Selvagem mais que o bruto Polifemo.
Começo-lhe a mostrar da rica pele
De Colcos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria:
A nada disto o bruto se movia.

29 «Mando mostrar-lhe peças mais somenos:
Contas de cristalino transparente,
Alguns soantes cascavéis pequenos,
Um barrete vermelho, cor contente;
Vi logo, por sinais e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente.
Mando-o soltar com tudo e assi caminha
Pera a povoação, que perto tinha.

30 «Mas, logo ao outro dia, seus parceiros,
Todos nus e da cor da escura treva,
Decendo pelos ásperos outeiros,
As peças vêm buscar que estoutro leva.
Domésticos já tanto e companheiros
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernão Veloso a ir ver da terra o trato
E partir-se co eles pelo mato.

31 «É Veloso no braço confiado
E, de arrogante, crê que vai seguro;
Mas, sendo um grande espaço já passado,
Em que algum bom sinal saber procuro,
Estando, a vista alçada, co cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Aparece e, segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fora, vinha.

32 «O batel de Coelho foi depressa
Polo tomar; mas, antes que chegasse,
Um Etíope ousado se arremessa
A ele, por que não se lhe escapasse;
Outro e outro lhe saem; vê-se em pressa
Veloso, sem que alguém lhe ali ajudasse;
Acudo eu logo, e, enquanto o remo aperto,
Se mostra um bando negro, descoberto.

33 «Da espessa nuvem setas e pedradas
Chovem sobre nós outros, sem medida;
E não foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu dali ferida.
Mas nós, como pessoas magoadas,
A reposta lhe demos tão tecida
Que em mais que nos barretes se suspeita
Que a cor vermelha levam desta feita.

34 «E, sendo já Veloso em salvamento,
Logo nos recolhemos pera a armada,
Vendo a malícia feia e rudo intento
Da gente bestial, bruta e malvada,
De quem nenhum milhor conhecimento
Pudemos ter da Índia desejada
Que estarmos inda muito longe dela.
E assi tornei a dar ao vento a vela.

35 «Disse então a Veloso um companheiro
(Começando-se todos a sorrir):
– «Oulá, Veloso amigo! Aquele outeiro
É milhor de decer que de subir!»
– «Si, é (responde o ousado aventureiro);
Mas, quando eu pera cá vi tantos vir
Daqueles cães, depressa um pouco vim,
Por me lembrar que estáveis cá sem mim.»

36 «Contou então que, tanto que passaram
Aquele monte os negros de quem falo,
Avante mais passar o não deixaram,
Querendo, se não torna, ali matá-lo;
E tornando-se, logo se emboscaram,
Por que, saindo nós pera tomá-lo,
Nos pudessem mandar ao reino escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

37 «Porém já cinco Sóis eram passados
Que dali nos partíramos, cortando
Os mares nunca d' outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando,
Quando ũa noute, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Ũa nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece.

38 «Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo;
Bramindo, o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão nalgum rochedo.
– «Ó Potestade (disse) sublimada:
Que ameaço divino ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?»

39 «Não acabava, quando ũa figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura;
O rosto carregado, a barba esquálida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má e a cor terrena e pálida;
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.

40 «Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rodes estranhíssimo Colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo.
Cum tom de voz nos fala, horrendo e grosso,
Que pareceu sair do mar profundo.
Arrepiam-se as carnes e o cabelo,
A mi e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo!

41 «E disse: – «Ó gente ousada, mais que quantas
No mundo cometeram grandes cousas,
Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas,
Pois os vedados términos quebrantas
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,
Nunca arados d' estranho ou próprio lenho;

42 «Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do húmido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de imortal merecimento,
Ouve os danos de mi que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar e pola terra
Que inda hás-de sojugar com dura guerra.

43 «Sabe que quantas naus esta viagem
Que tu fazes, fizerem, de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos e tormentas desmedidas;
E da primeira armada que passagem
Fizer por estas ondas insofridas,
Eu farei de improviso tal castigo
Que seja mor o dano que o perigo!

44 «Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu suma vingança;
E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança:
Antes, em vossas naus vereis, cada ano,
Se é verdade o que meu juízo alcança,
Naufrágios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte!

45 «E do primeiro Ilustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os Céus,
Serei eterna e nova sepultura,
Por juízos incógnitos de Deus.
Aqui porá da Turca armada dura
Os soberbos e prósperos troféus;
Comigo de seus danos o ameaça
A destruída Quíloa com Mombaça.

46 «Outro também virá, de honrada fama,
Liberal, cavaleiro, enamorado,
E consigo trará a fermosa dama
Que Amor por grão mercê lhe terá dado.
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que, duro e irado,
Os deixará dum cru naufrágio vivos,
Pera verem trabalhos excessivos.

47 «Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados e nacidos;
Verão os Cafres, ásperos e avaros,
Tirar à linda dama seus vestidos;
Os cristalinos membros e perclaros
À calma, ao frio, ao ar, verão despidos,
Despois de ter pisada, longamente,
Cos delicados pés a areia ardente.

48 «E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes míseros ficarem
Na férvida, implacábil espessura.
Ali, despois que as pedras abrandarem
Com lágrimas de dor, de mágoa pura,
Abraçados, as almas soltarão
Da fermosa e misérrima prisão.»

49 «Mais ia por diante o monstro horrendo,
Dizendo nossos Fados, quando, alçado,
Lhe disse eu: – «Quem és tu? Que esse estupendo
Corpo, certo me tem maravilhado! »
A boca e os olhos negros retorcendo
E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu, com voz pesada e amara,
Como quem da pergunta lhe pesara:

50 – «Eu sou aquele oculto e grande Cabo
A quem chamais vós outros Tormentório,
Que nunca a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo,
Plínio e quantos passaram fui notório.
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto Promontório,
Que pera o Pólo Antártico se estende,
A quem vossa ousadia tanto ofende.

51 «Fui dos filhos aspérrimos da Terra,
Qual Encélado, Egeu e o Centimano;
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano;
Não que pusesse serra sobre serra,
Mas, conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

52 «Amores da alta esposa de Peleu
Me fizeram tomar tamanha empresa;
Todas as Deusas desprezei do Céu,
Só por amar das águas a Princesa.
Um dia a vi, co as filhas de Nereu,
Sair nua na praia e logo presa
A vontade senti de tal maneira
Que inda não sinto cousa que mais queira.

53 «Como fosse impossíbil alcançá-la,
Pola grandeza feia de meu gesto,
Determinei por armas de tomá-la
E a Dóris este caso manifesto.
De medo a Deusa então por mi lhe fala;
Mas ela, cum fermoso riso honesto,
Respondeu: – «Qual será o amor bastante
De Ninfa, que sustente o dum Gigante?

54 «Contudo, por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira
Com que, com minha honra, escuse o dano.»
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu, que cair não pude neste engano
(Que é grande dos amantes a cegueira),
Encheram-me, com grandes abondanças,
O peito de desejos e esperanças.

55 «Já néscio, já da guerra desistindo,
Ũa noite, de Dóris prometida,
Me aparece de longe o gesto lindo
Da branca Tétis, única, despida.
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços pera aquela que era vida
Deste corpo, e começo os olhos belos
A lhe beijar, as faces e os cabelos.

56 «Oh que não sei de nojo como o conte!
Que, crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei cum duro monte
De áspero mato e de espessura brava.
Estando cum penedo fronte a fronte,
Qu' eu polo rosto angélico apertava,
Não fiquei homem, não; mas mudo e quedo
E, junto dum penedo, outro penedo!

57 «Ó Ninfa, a mais fermosa do Oceano,
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada?
Daqui me parto, irado e quási insano
Da mágoa e da desonra ali passada,
A buscar outro mundo, onde não visse
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

58 «Eram já neste tempo meus Irmãos
Vencidos e em miséria extrema postos,
E, por mais segurar-se os Deuses vãos,
Alguns a vários montes sotopostos.
E, como contra o Céu não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do Fado imigo,
Por meus atrevimentos, o castigo:

59 «Converte-se-me a carne em terra dura;
Em penedos os ossos se fizeram;
Estes membros que vês, e esta figura,
Por estas longas águas se estenderam.
Enfim, minha grandíssima estatura
Neste remoto Cabo converteram
Os Deuses; e, por mais dobradas mágoas,
Me anda Tétis cercando destas águas.»

60 «Assi contava; e, cum medonho choro,
Súbito d' ante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e cum sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao santo coro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deus pedi que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

61 «Já Flégon e Piróis vinham tirando,
Cos outros dous, o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando
Em que foi convertido o grão Gigante.
Ao longo desta costa, começando
Já de cortar as ondas do Levante,
Por ela abaixo um pouco navegámos,
Onde segunda vez terra tomámos.

62 «A gente que esta terra possuía,
Posto que todos Etiopes eram,
Mais humana no trato parecia
Que os outros que tão mal nos receberam.
Com bailos e com festas de alegria
Pela praia arenosa a nós vieram,
As mulheres consigo e o manso gado
Que apacentavam, gordo e bem criado.

63 «As mulheres, queimadas, vêm em cima
Dos vagarosos bois, ali sentadas,
Animais que eles têm em mais estima
Que todo o outro gado das manadas.
Cantigas pastoris, ou prosa ou rima,
Na sua língua cantam, concertadas
Co doce som das rústicas avenas
Imitando de Títiro as Camenas.

64 «Estes, como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos trataram,
Trazendo-nos galinhas e carneiros
A troco doutras peças que levaram;
Mas como nunca, enfim, meus companheiros
Palavra sua algũa lhe alcançaram
Que desse algum sinal do que buscamos,
As velas dando, as âncoras levamos.

65 «Já aqui tínhamos dado um grão rodeio
À costa negra de África, e tornava
A proa a demandar o ardente meio
Do Céu, e o Pólo Antártico ficava.
Aquele ilhéu deixámos onde veio
Outra armada primeira, que buscava
O Tormentório Cabo e, descoberto,
Naquele ilhéu fez seu limite certo.

66 «Daqui fomos cortando muitos dias,
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias,
Só conduzidos de árduas esperanças.
Co mar um tempo andámos em porfias,
Que, como tudo nele são mudanças,
Corrente nele achámos tão possante,
Que passar não deixava por diante:

67 «Era maior a força em demasia,
Segundo pera trás nos obrigava,
Do mar, que contra nós ali corria,
Que por nós a do vento que assoprava.
Injuriado Noto da porfia
Em que co mar (parece) tanto estava,
Os assopros esforça iradamente,
Com que nos fez vencer a grão corrente.

68 «Trazia o Sol o dia celebrado
Em que três Reis das partes do Oriente
Foram buscar um Rei, de pouco nado,
No qual Rei outros três há juntamente;
Neste dia outro porto foi tomado
Por nós, da mesma já contada gente,
Num largo rio, ao qual o nome demos
Do dia em que por ele nos metemos.

69 «Desta gente refresco algum tomámos
E do rio fresca água; mas contudo
Nenhum sinal aqui da Índia achámos
No povo, com nós outros cási mudo.
Ora vê, Rei, quamanha terra andámos,
Sem sair nunca deste povo rudo,
Sem vermos nunca nova nem sinal
Da desejada parte Oriental.

70 «Ora imagina agora quão coitados
Andaríamos todos, quão perdidos
De fomes, de tormentas quebrantados,
Por climas e por mares não sabidos,
E do esperar comprido tão cansados
Quanto a desesperar já compelidos,
Por céus não naturais, de qualidade
Inimiga de nossa humanidade!

71 «Corrupto já e danado o mantimento,
Danoso e mau ao fraco corpo humano;
E, além disso, nenhum contentamento,
Que sequer da esperança fosse engano.
Crês tu que, se este nosso ajuntamento
De soldados não fora Lusitano,
Que durara ele tanto obediente,
Porventura, a seu Rei e a seu regente?

72 «Crês tu que já não foram levantados
Contra seu Capitão, se os resistira,
Fazendo-se piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente, por certo, estão provados,
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquela Portuguesa alta excelência
De lealdade firme e obediência.

73 «Deixando o porto, enfim, do doce rio
E tornando a cortar a água salgada,
Fizemos desta costa algum desvio,
Deitando pera o pego toda a armada;
Porque, ventando Noto, manso e frio,
Não nos apanhasse a água da enseada
Que a costa faz ali, daquela banda
Donde a rica Sofala o ouro manda.

74 «Esta passada, logo o leve leme
Encomendado ao sacro Nicolau,
Pera onde o mar na costa brada e geme,
A proa inclina dũa e doutra nau;
Quando, indo o coração que espera e teme
E que tanto fiou dum fraco pau,
Do que esperava já desesperado,
Foi dũa novidade alvoroçado.

75 «E foi que, estando já da costa perto,
Onde as praias e vales bem se viam,
Num rio, que ali sai ao mar aberto,
Batéis à vela entravam e saíam.
Alegria mui grande foi, por certo,
Acharmos já pessoas que sabiam
Navegar, porque entre elas esperámos
De achar novas algũas, como achámos.

76 «Etíopes são todos, mas parece
Que com gente milhor comunicavam;
Palavra algũa Arábia se conhece
Entre a linguagem sua que falavam;
E com pano delgado, que se tece
De algodão, as cabeças apertavam;
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada um as vergonhosas partes cinge.

77 «Pela Arábica língua que mal falam
E que Fernão Martins mui bem entende,
Dizem que, por naus que em grandeza igualam
As nossas, o seu mar se corta e fende;
Mas que, lá donde sai o Sol, se abalam
Pera onde a costa ao Sul se alarga e estende,
E do Sul pera o Sol, terra onde havia
Gente, assi como nós, da cor do dia.

78 «Mui grandemente aqui nos alegrámos
Co a gente, e com as novas muito mais.
Pelos sinais que neste rio achámos
O nome lhe ficou dos Bons Sinais.
Um padrão nesta terra alevantámos,
Que, pera assinalar lugares tais,
Trazia alguns; o nome tem do belo
Guiador de Tobias a Gabelo.

79 «Aqui de limos, cascas e d' ostrinhos,
Nojosa criação das águas fundas,
Alimpámos as naus, que dos caminhos
Longos do mar vêm sórdidas e imundas.
Dos hóspedes que tínhamos vizinhos,
Com mostras aprazíveis e jocundas,
Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

80 «Mas não foi, da esperança grande e imensa
Que nesta terra houvemos, limpa e pura
A alegria; mas logo a recompensa
A Ramnúsia com nova desventura.
Assi no Céu sereno se dispensa;
Co esta condição, pesada e dura,
Nacemos: o pesar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

81 «E foi que, de doença crua e feia,
A mais que eu nunca vi, desampararam
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos pera sempre sepultaram.
Quem haverá que, sem o ver, o creia,
Que tão disformemente ali lhe incharam
As gingivas na boca, que crecia
A carne e juntamente apodrecia?

82 «Apodrecia cum fétido e bruto
Cheiro, que o ar vizinho inficionava.
Não tínhamos ali médico astuto,
Cirurgião sutil menos se achava;
Mas qualquer, neste ofício pouco instruto,
Pela carne já podre assi cortava
Como se fora morta, e bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.

83 «Enfim que nesta incógnita espessura
Deixámos pera sempre os companheiros
Que em tal caminho e em tanta desventura
Foram sempre connosco aventureiros.
Quão fácil é ao corpo a sepultura!
Quaisquer ondas do mar, quaisquer outeiros
Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
Receberão de todo o Ilustre os ossos.

84 «Assi que deste porto nos partimos
Com maior esperança e mor tristeza,
E pela costa abaixo o mar abrimos,
Buscando algum sinal de mais firmeza.
Na dura Moçambique, enfim, surgimos,
De cuja falsidade e má vileza
Já serás sabedor, e dos enganos
Dos povos de Mombaça, pouco humanos.

85 «Até que aqui, no teu seguro porto,
Cuja brandura e doce tratamento
Dará saúde a um vivo e vida a um morto,
Nos trouxe a piedade do alto Assento.
Aqui repouso, aqui doce conforto,
Nova quietação do pensamento,
Nos deste. E vês aqui, se atento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.

86 «Julgas agora, Rei, se houve no mundo
Gentes que tais caminhos cometessem?
Crês tu que tanto Eneias e o facundo
Ulisses pelo mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que dele se escrevessem,
Do que eu vi, a poder d' esforço e de arte,
E do que inda hei-de ver, a oitava parte?

87 «Esse que bebeu tanto da água Aónia,
Sobre quem têm contenda peregrina,
Entre si, Rodes, Smirna e Colofónia,
Atenas, Ios, Argo e Salamina;
Essoutro que esclarece toda Ausónia,
A cuja voz, altíssona e divina,
Ouvindo, o pátrio Míncio se adormece,
Mas o Tibre co som se ensoberbece:

88 «Cantem, louvem e escrevam sempre extremos
Desses seus Semideuses e encareçam,
Fingindo magas Circes, Polifemos,
Sirenas que co canto os adormeçam;
Dêm-lhe mais navegar à vela e remos
Os Cícones e a terra onde se esqueçam
Os companheiros, em gostando o loto;
Dêm-lhe perder nas águas o piloto;

89 «Ventos soltos lhe finjam e imaginem
Dos odres, e Calipsos namoradas;
Harpias que o manjar lhe contaminem;
Decer às sombras nuas já passadas:
Que, por muito e por muito que se afinem
Nestas fábulas vãs, tão bem sonhadas,
A verdade que eu conto, nua e pura,
Vence toda grandíloca escritura!»

90 Da boca do facundo Capitão
Pendendo estavam todos, embebidos,
Quando deu fim à longa narração
Dos altos feitos, grandes e subidos.
Louva o Rei o sublime coração
Dos Reis em tantas guerras conhecidos;
Da gente louva a antiga fortaleza,
A lealdade d' ânimo e nobreza.

91 Vai recontando o povo, que se admira,
O caso cada qual que mais notou;
Nenhum deles da gente os olhos tira
Que tão longos caminhos rodeou.
Mas já o mancebo Délio as rédeas vira
Que o irmão de Lampécia mal guiou,
Por vir a descansar nos Tétios braços;
E el-Rei se vai do mar aos nobres paços.

92 Quão doce é o louvor e a justa glória
Dos próprios feitos, quando são soados!
Qualquer nobre trabalha que em memória
Vença ou iguale os grandes já passados.
As envejas da ilustre e alheia história
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valorosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta e incita.

93 Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Aquiles, Alexandro, na peleja,
Quanto de quem o canta os numerosos
Versos: isso só louva, isso deseja.
Os troféus de Milcíades, famosos,
Temístocles despertam só de enveja;
E diz que nada tanto o deleitava
Como a voz que seus feitos celebrava.

94 Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas navegações que o mundo canta
Não merecem tamanha glória e fama
Como a sua, que o Céu e a Terra espanta.
Si; mas aquele Herói que estima e ama
Com dões, mercês, favores e honra tanta
A lira Mantuana, faz que soe
Eneias, e a Romana glória voe.

95 Dá a terra Lusitana Cipiões,
Césares, Alexandros, e dá Augustos;
Mas não lhe dá contudo aqueles dões
Cuja falta os faz duros e robustos.
Octávio, entre as maiores opressões,
Compunha versos doutos e venustos
(Não dirá Fúlvia, certo, que é mentira,
Quando a deixava António por Glafira).

96 Vai César sojugando toda França
E as armas não lhe impedem a ciência;
Mas, nũa mão a pena e noutra a lança,
Igualava de Cícero a eloquência.
O que de Cipião se sabe e alcança
É nas comédias grande experiência.
Lia Alexandro a Homero de maneira
Que sempre se lhe sabe à cabeceira.

97 Enfim, não houve forte Capitão
Que não fosse também douto e ciente,
Da Lácia, Grega ou Bárbara nação,
Senão da Portuguesa tão somente.
Sem vergonha o não digo: que a razão
De algum não ser por versos excelente
É não se ver prezado o verso e rima,
Porque quem não sabe arte, não na estima.

98 Por isso, e não por falta de natura,
Não há também Virgílios nem Homeros;
Nem haverá, se este costume dura,
Pios Eneias nem Aquiles feros.
Mas o pior de tudo é que a ventura
Tão ásperos os fez e tão austeros,
Tão rudos e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhe dá pouco ou nada disso.

99 Às Musas agardeça o nosso Gama
O muito amor da pátria, que as obriga
A dar aos seus, na lira, nome e fama
De toda a ilustre e bélica fadiga;
Que ele, nem quem na estirpe seu se chama,
Calíope não tem por tão amiga
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas d' ouro fino e que o cantassem.

100 Porque o amor fraterno e puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, é somente o pros[s]uposto
Das Tágides gentis, e seu respeito.
Porém não deixe, enfim, de ter disposto
Ninguém a grandes obras sempre o peito:
Que, por esta ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço e sua valia.

NOTAS

1.2-6
"... quando abrimos / As *asas* ...": as velas; o céu *ferimos*": cortámos.

2.1-7
"*Entrava* neste tempo o eterno lume / No *animal Nemeio truculento*": o *animal Nemeio* é recordação das façanhas de Hércules; *truculento* é feroz. Aqui trata-se do signo do Leão. *Entrava* quer aqui dizer *ia entrar*. A entrada do Sol no signo do Leão ia ter lugar a 14 de Julho. A partida de Lisboa fez-se a 8 de Julho, a um sábado; "E o Mundo, que co tempo se consume, / Na sexta idade andava, enfermo e lento": a sexta idade começou com o nascimento de Cristo; "Cursos do Sol catorze vezes cento, / Com mais noventa e sete ...": 1497 foi o ano da partida.

3.7
Ort.: *despois* (por *depois*).

4.4
"Que o generoso Henrique descobriu": o magnânimo infante D. Henrique (n. no Porto, em 4 de Marco de 1394, e fal. na Vila do Infante, a 13 de Novembro de 1460).

5.1
"Passámos a grande Ilha da Madeira": o autor do *Diário de Vasco da Gama* e os cronistas Castanheda e Barros são mudos a respeito desta passagem. JMR pensou na existência de duas rotas entrelaçadas. Em minha opinião, o Poeta (que era sobretudo poeta!) quis aproveitar o itinerário para apresentar aquela ilha como digna morada de *Vénus (Afrodite)*. *Anteu* é um gigante, filho de *Posídon* e de *Gaia* (a maior parte dos autores diz que habitava em Marrocos). Perdendo a força no ar foi fàcilmente vencido por *Hércules*.

5.2
"Que do muito arvoredo assi se chama": "... à qual chamaram de Madeira por causa do grande & muy espesso arvoredo de que era cuberta" (Barros, I.I.III). Foi descoberta por João Gonçalves (*Zarco* de alcunha) e Tristão Vaz em 1419 e começada a povoar pelos mesmos a partir de 1425.

5.4-5
"Mais célebre por nome que por fama": cf. Barros, *loc cit*.: "Nome já muy celebrado & sabido por toda a nossa Europa, & assi em muitas partes de Africa & de Asia, por os fructos da terra de que todas participam: & ella tam nobre, fertil & generosa em seus moradores, que tirando Inglaterra ... em todo o mar Oceano occidental a esta nossa Europa, ella [a ilha] se pode chamar princisa [*sic*] de todas". Baseado nestes textos, JMR pretendeu modificar este verso para: *Mais célebre por nome e pela fama* (v., por ex., *LP,* II, pp. 172 a 176). Entenda-se que Camões não estava a pensar, como Barros, nos "frutos da terra", quando escreveu aquele verso, mas no desconhecimento em que dela esteve o mundo antigo.

5.5
"Mas, nem por ser do mundo a *derradeira*": "*derradeira* por estar nos confins ocidentais do mundo antigo" (JMR, *id.,* ibid., p. 176, nota 1), e não propriamente "derradeira (em celebridade)", como diz ED, ou "(em fama)", como escreveu CB.

5.8
"De *Cipro, Gnido, Pafos* e *Citera*": as ilhas que *Vénus (Afrodite)* ama e que lhe foram especialmente consagradas: *Cipro,* ilha do Mediterrâneo Oriental, ao sul da Ásia Menor; *Gnido* (ou *Cnido*), antiga cidade de Cária, antiga região da Ásia Menor, no Egeu, *Pafos,*

antiga cidade da ilha de Chipre; *Citera,* antigo nome de Cerigo, ilha do mar Egeu.

6.1
"*Deixámos* de *Massília* a estéril costa": *deixámos,* passámos ao *largo. Massília* deve aqui identificar-se com o Sara costeiro, onde vivem os Azenegues. Na *Crónica dos Feitos de Guiné* diz Zurara, II, p. 78: "mandarom a aquelle alarve, que Nuno Tristam levava comsigo, que fallasse com aquelles Mouros, e nunca o poderom entender, porque a linguagem daquelles nom he mourisca, mas azaneguya de *Zaara,* ca assy chamam a aquella terra". A p. 343: "E he bem que saibaaes, que em toda a terra d' Africa, que he des o Egipto atees o poente, os Mouros nom teem mais regno que o regno de Fez, no qual jaz o de Marrocos e de Tafellete, e o regno de Tunez, em que he o de Tremecem e de Bugya; e toda a outra terra possuuem estes Alarves e Azanegues, que som pastores de cavallo e de pee, e que andam sobre os campos ..." O infante D. Henrique inquiria sempre dos Mouros de Ceuta "as cousas de dẽtro do sertão da terra". E esta diligência aproveitou-lhe "porque veo saber por elles não somente das terras dos Alarves q̃ sam vezinhos dos desertos de Africa a q̃ elles chamam Çahará, mas ainda das q̃ habitão os povos Azenegues que confinam com os negros de Ialof [Jalofo]: onde se começa a regiam de Guiné ..." (Barros, I.I.II).

6.6-8
"Onde as aves no ventre o ferro gastam": com pouca exactidão diz-se que as avestruzes digerem o ferro; "Que aparta a Barbaria de Etiópia": a Barbaria ou Berberia. A Etiópia é a Etiópia inferior. Em V.76.1 diz o Poeta: "Etíopes são todos, mas parece". E já dissera em V.62.2: "Posto que todos Etiopes eram".

7.1-7
"Passámos o limite aonde chega / O Sol, que para o Norte os carros guia": passaram o trópico de Câncer; "Onde jazem os povos a quem nega / *O filho de Climene* a cor do dia": *o filho de Climene* ... é *Fáeton,* porque numa das versões da fábula *Climene* desposou *Hélios,* de quem teve um filho e várias filhas. Trata-se dos povos negros. Diz Barros, I.III.VIII: "Eeste rio Çanagá per a divisão nossa he o que aparta a terra dos Mouros dos negros ..."; "Do negro Sanagá ...": é o rio Senegal; "Onde o Cabo Arsinário nome perde": de acordo com João de Barros, o Poeta identifica o *Arsinário promontório* com o cabo

Verde (Ptolemeu). E as nossas ilhas de Cabo Verde são as Hespéridas de Ptolemeu (Barros, I.III.VIII).

8.1-4

"Passadas tendo já as Canárias ilhas": o Poeta atrasou-se no relato, pois as ilhas Canárias estavam muito antes do trópico de Câncer; "Entrámos, navegando, polas filhas / Do velho Hespério, Hespéridas chamadas": são as ilhas de Cabo Verde. Ainda no *Tratado dos Descobrimentos* (1563), António Galvão escreve que "algũs querem dizer que [as ilhas do Cabo Verde] fossem aquelas que os antigos chamaram Gorganas, Esperidas, Orcadas ..." Gaspar Frutuoso, no *Livro Primeiro das Saudades da Terra* (publ. em 1966), em vários lugares diz: "... os quais pediram licença ao Infante D. Henrique e ele a deu. Alguns querem dizer que fossem aquelas que os antigos chamavam Górgonas, Hespéridas e Órcadas" (p. 176). Camões não faz esta confusão.

9.1-5

"Àquela ilha aportámos que tomou / O nome do guerreiro Santiago": é lapso do Poeta. Por ter sido descoberta em 1 de Maio a ilha de Santiago foi consagrada a Santiago Menor; "... tanto que Bóreas nos ventou": assim que tiveram vento norte para prosseguir para o Sul ...

10.3-7

"A província Jalofo, que reparte / Por diversas nações a negra gente": Barros, em I.III.VIII, no título, diz: "Em que se descreve a terra que jaz entre os dous rios Canagá, & Gambea [Gâmbia]". E começa: "Eesta terra que per cõmum vocabulo dos naturaes he chamada Ialofh, jaz entre estes dous rios, Canagá, & Gambea"; "A mui grande Mandinga, ...": o planalto de Mandinga, grande empório do ouro; "Que do curvo *Gambeia* as águas bebe": pertence para "A mui grande Mandinga". *Gambeia,* Gâmbia.

11.1-2

"As Dórcadas passámos, povoadas / Das Irmãs ...": Plínio, VI.XXXVI.200: "Contra hoc quoque promunturium (Hesperu Ceras) Gorgades Insulae narrantur, Gorgonum quondam domus". "A Phorkys Kétô ... gerou igualmente as Górgonas que habitam para lá do ilustre Oceano, na fronteira da noite, no país das Hespéridas sonoras, Esteno, Euríale e Medusa de atrós destino" (H, *Th.,* vv.

270-276). Em vez de *Górgades* também se escreveu *Dórcades*. Com que ilhas o Poeta identificou as Dórcades? Talvez com o arquipélago dos Bijagós, pois não aparecem no rumo seguido outras ilhas e na altura da Guiné. Aliás, Camões diz "passámos".

12.2-8

"No grandíssimo gôlfão nos metemos, / Deixando a serra aspérrima Lioa, / Co Cabo a quem das Palmas nome demos": a Serra Leoa fica entre a Guiné e a Libéria, e o cabo das Palmas, entre a Costa da Pimenta e a Costa do Marfim, no extremo sul da Libéria; " O *grande rio, ... /... / Ficou,* co a *Ilha ilustre,* que tomou / O nome dum que o lado a Deus tomou": o *grande rio* é o Níger; *a Ilha ilustre* é S. Tomé; *ficou,* passaram o grande rio e a Ilha ilustre.

13.1-8

"Ali o mui grande reino está de Congo": antigo reino da África Ocidental, limitado ao norte pelo rio Zaire e confinando ao sul com o reino de Angola. Os nossos contactos com o *Manicongo* (potentado indígena) estabeleceram-se muito antes de 1490. Os nossos reis prestaram todo o interesse à missionação daquele reino; "Por este largo mar, enfim, *me alongo* / *Do conhecido Pólo de Calisto, / Tendo o término ardente já passado* / Onde o meio do Mundo é limitado": *me alongo,* me afasto; do *conhecido Pólo de Calisto,* do Pólo Norte, onde está Calisto (Ursa Maior); *tendo o término ardente já passado,* tendo já passado o Equador.

14.1-8

"Já descoberto tínhamos ... / Lá no novo *Hemispério,* nova estrela": o *Hemisfério* indica geralmente o hemisfério celeste que assenta sobre o horizonte; a palavra *estrela* é tomada aqui no sentido de constelação. A nova constelação era o Cruzeiro do Sul; "Vimos a parte menos rutilante / E, por falta de estrelas, menos bela, / Do Pólo fixo, onde inda se não sabe / Que outra terra comece ou mar acabe": o Poeta começa por designar o pólo celeste austral (que achou mais pobre de estrelas) e acaba por designar os países vizinhos do Pólo Sul.

15.1-8

"Assi, passando aquelas regiões / Por onde duas vezes passa Apolo": a zona tórrida, onde duas vezes por ano o Sol passa no zénite de cada lugar, *dois Invernos Jazendo e dois Verões;* "... o irado Eolo": rei dos ventos e das tempestades; "Vimos as Ursas, a pesar

de Juno, / Banharem-se nas águas de Neptuno": *Calisto* foi transformada em Ursa Maior e seu filho *Arcas* em Ursa Menor, por *Zeus*. *Juno* desce ao mar e vai visitar *Tétis* e o *Oceano* e pedir-lhes que "nunca uma concubina (*Calisto,* pelos seus amores com *Zeus)* se banhe nas águas puras do mar". Portanto, os nautas viram as Ursas mergulhadas na água *a pesar de Juno* (v. Ov., *M,* II.401-530).

16.4
Ort.: *relâmpados* (por *relâmpagos*).

17.1
"Os casos vi ...": o Poeta vai opor à autoridade estabelecida pelos textos dos sábios a experiência dos "rudos marinheiros". Nos quatro primeiros versos da est. 18 trata do vulgarmente chamado *fogo-de-santelmo* ou *corpo-santo;* nos quatro últimos versos da mesma estância e nas seguintes até à est. 22 o Poeta descreve a *tromba-marinha*. O Poeta insiste no testemunho dos olhos: "Os casos vi ..." (est. 17), "Vi, claramente visto" (est. 18) e "Eu o vi certamente" (est. 19).

19.1-3
"Eu *o* vi certamente ...": pronome demonstrativo; refere-se a *levantar-se* e a *rodear-se;* "E, do vento trazido, *rodear-se*": circundar-se, tomar a forma espiral.
Ort.: *sutil* (por *subtil*).

20.5
"Estava-se co as ondas ondeando": o balouço do "cano" acompanhava o balouço das ondas.
Ort.: *acrecentando* (por *acrescentando*); *masto* (por *mastro*).

21.1
"Qual *roxa* sangues[s]uga se veria": o Poeta chama-lhe *roxa,* considerando o sangue que ela avidamente bebe.

22.4
"Por que co a água a *jacente* água molhe": que fica por baixo, a água do mar.
Ort.: *despois* (por *depois*).

23.3-6
"As maravilhas que eu passei, *passaram*": tivessem passado; "Que grandes escrituras que *deixaram!*": teriam deixado; "Que influïção de sinos e de estrelas": que influência de signos e de estrelas. No século XVI o termo *estrela* incluía também os planetas, de uma maneira geral.
Ort.: *sino* (por *signo*).

24.1-5
"Mas já o Planeta que no Céu primeiro / Habita, cinco vezes, *apressada,* / Agora meio rosto, agora inteiro, / Mostrara, ...": o Poeta diz que desde a partida de Lisboa (8 de Julho) até à chegada à baía ou angra de Santa Helena (4 de Novembro) cinco vezes a Lua ("Planeta no Céu primeiro") passara de quarto crescente a lua cheia. Alguns comentadores escreveram "a Planeta"; mas nunca o Poeta usou do feminino para "Planeta". *Apressada* concorda certamente com Lua; "Quando da *etérea* gávea, ...": aérea.

25.1-7
"A maneira de ...": sem artigo, como Barros, por exemplo; "As âncoras pesadas se adereçam": preparam-se as âncoras para o fundeio (Brás da Silva); "Pelo novo instrumento do Astrolábio": o que era novo e "invenção de sutil juízo e sábio" era o uso náutico do aparelho. Gama vai a terra (onde havia mais firmeza) tomar a altura do Sol, elemento para *determinação do ponto,* isto é, do local em que se encontra.
Ort.: *sutil* (por *subtil*).

26.8
"E compassar a universal pintura": calculada a posição da armada, era marcada na carta ou no plano (na "pintura universal" por ser a do mundo então conhecido), com auxílio do compasso ("compassar"), o sítio em que se encontravam.
Ort.: *sutil* (por *subtil*)

27.2-8
"Do Semícapro Pexe a grande meta": o trópico de Capricórnio; "Estando entre ele e o círculo gelado": encontravam-se na zona temperada austral, entre o trópico de Capricórnio e o círculo glacial antárctico; "Vejo um estranho vir, ...": o Poeta fala de "um estranho de pele preta"; Barros fala de "dous negros baixos", dos quais

tomaram um (I.IV.II); Castanheda fala de "um homem dos seus moradores" (I.II).

28.4-6
"Selvagem mais que o bruto *Polifemo*": o *Ciclope,* que desempenha um papel na *Odisseia,* o mais selvagem de todos os *Ciclopes;* "Começo-lhe a mostrar da rica pele / De Colcos o gentil metal ...": o ouro. Alusão ao "véu dourado".

29.2-4
"Contas de cristalino ...": contas de cristal; "Alguns soantes cascáveis pequenos": pequenos globos de metal com uma bola dentro para os fazer soar; "... cor contente": cor alegre.

30.4-7
"As peças vêm buscar que estoutro leva": iguais às que o outro leva; "Fernão Veloso ...": personagem histórico, homem de armas (Barros, I.IV.III, e Castanheda, I.II).

35.1-8
"A réplica de Veloso não vem nem em Barros nem em Castanheda. Ort.: *milhor* (por *melhor*); *decer* (por *descer*).

36.7
"Nos pudessem mandar ao *reino escuro*": ao *reino de Plutão,* aos *Infernos.*

37.1
"Porém já cinco Sóis eram passados": Barros e Castanheda dizem que a armada passou o cabo da Boa Esperança em 20 de Novembro. Castanheda acrescenta: "quarta-feira". O diário de Vasco da Gama diz: "E ao domingo pela manhã, que foram dezanove dias do mês de Novembro, fomos outra vez com o cabo, e não o pudemos dobrar, porque o vento era su-sueste e o dito cabo jaz nordeste-sudoeste; e em este dia mesmo virámos em a volta do mar, e à noite de segunda-feira viemos em a volta da terra. E à quarta-feira, ao meio-dia, passámos pelo dito cabo ao longo da costa, com vento à popa." (DVVG, vol. I, pp. 12 e 13, da transcrição, Livr. Civilização, 1945.)

37.5
"Quando ũa noute, ...": o Poeta coloca a aparição do Adamastor na

noite de 21 para 22 de Novembro de 1497. Estamos perante a maior criação camoniana. Nela simboliza o Poeta o termo do mundo desconhecido. Não podendo vencer os Portugueses, o gigante anuncia-lhes vinganças. O nome de *Adamastor* parece ter tido o seu princípio na forma *Damastor,* usada por Claudiano na sua *Gigantomachia.* Sidónio Apolinário num epitalâmio escreve *Adamastor* (v. ED, 2.ª ed., V.51.3) e assim é registado em Gaffiot, que cita Sidónio. Sucede, porém, que Ravisio Textor, na sua *Officina* (ed. MDXXXII), atribui a forma *Adamastor* a Claudiano (fl. CXLII) e em *Epithetorum opus* (1580) regista a forma *Adamastor* e regista o epíteto da *Gigantomaquia: saevusque Adamastor.* Em escólio esclarece: *Adamastor gigas immanis statura.* Que pensar? Camões criou a forma mais sonora, ou foi buscá-la a Sidónio Apolinário ou a Textor? V. sobre o nome "Adamastor" o trabalho do Doutor Américo da Costa Ramalho, in *Garcia de Orta,* n.º esp., Lisboa, 1972.

38.4-7
"Como se desse *em vão* ...": no vão; "Este *clima* e este mar nos apresenta": *clima* no sentido que tinha no século XVI. V. LPS, *AL,* pp. 98 e segs.

39.2-4
"... *válida*": forte (latinismo); "... a barba *esquálida*": desgrenhada (latinismo).

40.2-4
"... que este era o segundo / De Rodes estranhíssimo Colosso, / Que um dos sete *milagres* foi do mundo": o Colosso de Rodes era uma das sete "maravilhas" do Mundo. Erguia-se no fundo do porto de Rodes. Era toda de bronze e media 31 m. Foi obra de Charès de Lindos, discípulo de Lisipo. Foram precisos doze anos para a erguer (de 292 a 280 a. C.). Caiu no ano de 228 a. C. devido a um tremor de terra; *milagre,* maravilha.

41.3-4
"Tu, que *por* guerras cruas ... / E *por* trabalhos ...": por meio de.

42.5-6
"... que apercebidos / Estão ...": preparados.
Ort.: *sojugar* (por *subjugar*).

43.7-8
"Eu farei de improviso tal castigo / Que seja mor o dano que o perigo!": vindo do Brasil para o Cabo, foram os navios da armada de que era capitão-mor Pedro Álvares Cabral, em 1500, salteados de tão furiosa e súbita tempestade que se afundaram quatro deles. Um destes barcos era o de Bartolomeu Dias, que morreu. A esta vingança do Gigante alude ele nos dois primeiros versos da estância seguinte. O Gigante diz "de improviso" porque a tempestade foi súbita e diz que foi "mor o dano que o perigo" porque os náufragos mal tiveram tempo de saber que iam morrer.

44.4
Ort.: *pertinace* (por *pertinaz*).

45.1
"E do primeiro Ilustre, ...": D. Francisco de Almeida, 1.º vizo-rei da Índia, morto num combate contra os Cafres ao norte do cabo da Boa Esperança, no dia 1 de Março de 1510.

46 a **48**
"Outro também virá, de honrada fama": nestas três estâncias trata o Poeta comovedoramente do naufrágio do galeão *S. João,* em 24 de Junho de 1552, e dos padecimentos grandes por que passaram Manuel de Sousa Sepúlveda, sua esposa e filhos de tenra idade. O galeão vinha da Índia e naufragou junto da terra do Natal. A narrativa do naufrágio foi publicada em folha volante e, mais tarde, na *História Trágico-Marítima*. Jerónimo Corte Real consagrou um poema a este trágico sucesso. Camões dá ao episódio um final mais poético.
Ort.: *fermosa* (por *formosa*); *nacidos* (por *nascidos*); *perclaros,* latinismo (por *preclaros*); *despois* (por *depois*); *implacábil,* latinismo (por *implacável*).
Concordância: *ter pisada* concorda com o compl. directo.

50.2
O nome de *cabo das Tormentas* foi-lhe posto pelo seu descobridor, Bartolomeu Dias. D. João II mudou-lhe o nome para da *Boa Esperança.*

50.3-4
"Que nunca a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo, / Plínio ...":

Ptolemeu, geógrafo e astrónomo dos meados do século II d. C. Nasceu em Ptolomais (Alto Egipto). A *Geografia* de Ptolemeu fez autoridade durante toda a Idade Média; Estrabo, ou Estrabão, geógrafo nascido na Capadócia. Viveu entre 58 a. C. e 25 d. C. Autor de uma notável *Geografia;* Plínio, *o Velho* (Caius Plinius Secundus Major), naturalista romano, nasceu em Como, no ano 23 da nossa era, morto na erupção do Vesúvio em 79, quando ia estudar o fenómeno e ajudar os habitantes. Autor de uma *História Natural,* em 37 livros, verdadeira enciclopédia do saber da época; Pompónio Mela, geógrafo do século I d. C. Nasceu em Tingitera, perto do Calpe, na Espanha Bética. A sua obra intitula-se *De Chorographia.*

51.1-2

"Fui dos filhos aspérrimos da Terra": fui Gigante; "Qual *Encélado, Egeu* e o *Centimano*": a *Eneida* conta que o corpo de *Encélado,* meio fulminado, ficou sob a matéria vomitada pelo Etna, e que esta montanha, pesando sobre ele, deixava passar pelas fendas das suas fornalhas as chamas que ele respirava (V, *E,* III.578-580); *Egeo* (*Egéon*), outro nome de *Briareu.* "Aegaeon qualis, centum cui bracchia dicunt / centenasque manus" (*E,* X.565-566); *Centímano,* que tem cem mãos (H, *O,* 11.XVII: "centimanus gigas"). Como Briareu também tem cem mãos, sugeriu-se que Camões tenha escrito: "Qual Encélado e Egeu, o centimano" (JN, *DGdL*).

51.3

"Contra *o* que vibra os raios de Vulcano": contra *Júpiter.*

52

"Amores da alta esposa de Peleu": *Peleu* desposou *Tétis (Thetis),* a nereida, filha de *Nereu.* Não confundir com *Tethys,* esposa do *Oceano.* Camões escreveu os dois nomes da mesma forma.

53.2-4

"Pola grandeza feia de meu gesto": por causa da fealdade da minha aparência; "E a *Dóris* este caso manifesto": *Dóris,* filha do *Oceano* e esposa de *Nereu.*

54.5-7

"Eu, ... /... / Encheram-me": anacoluto.

Ort.: *resposta* (por *reposta*). É o único caso em que o Poeta escreve *resposta*; *abondanças* (por *abundâncias*).

55.4
"Da branca Tétis, *única,* despida": sem par.

56.1-6
"Oh que não sei de *nojo* ...": de tristeza; "Qu' eu *polo* rosto angélico apertava": *em vez do* rosto angélico.

57.5
"*... irado e quási insano*": como em I.77.1
Ort.: *fermosa* (por *formosa*).

58.1-2
"Eram já neste tempo meus irmãos / Vencidos ...": a lenda dos Gigantes é dominada pela história do seu combate contra os Deuses e da sua derrota. A *Terra* gerou-os para que eles vingassem os *Titãs,* encerrados por *Zeus* no Tártaro.

59-1-7
Diz ED que, com muita probabilidade, a narrativa que vem em Ovídio (*M,* IV.655-661, cit. por FS), da conversão de *Atlas,* agigantado rei da Mauritânia, no monte que tomou dele o nome, foi a que sugeriu primordialmente a Camões a sua grandiosa concepção.

60.7-8
"A Deus pedi que *removesse* os duros / Casos, que Adamastor contou *futuros*": a Deus pedi que *afastasse* os duros casos *futuros* que Adamastor contou.

61.1-8
"Já *Flégon* e *Piróis* vinham tirando, / Cos outros dois, o carro radiante, / Quando a terra alta ...": quando rompeu a madrugada de 22 de Novembro os nautas começaram a ver o Cabo. Por economia poética, Camões cita só dois cavalos que *tiravam* (puxavam) o carro radiante (do Sol). Os outros dois são *Eóo* e *Éton.* "Interea volucres Pyrois et Eous et Aethon, / Solis equi, quartus que Phlegon ..." (Ov., *M,* II.153-154); "Onde segunda vez terra tomámos": os nautas

chegaram à aguada de S. Brás no dia de Santa Catarina (25 de Novembro).

62

Ort.: *apacentavam* (por *apascentavam*).

63.1-8

"As mulheres, queimadas, vêm em cima / Dos vagarosos bois, ali sentadas ...": "porque algũs boies, mochos, que os nossos virão andavão gordos & limpos, & vinhão as molheres sobre elles com hũa albardas da tabua [d'atabua]" (Barros, I.IV.III); "Cantigas pastoris, ou prosa ou rima, / Na sua língua cantam, concertadas": "& como os nossos forão a terra começarão eles de tanger quatro frautas acordadas a quatro vozes da musica, q̃ pera negros cõcertavão bẽ" (Castanheda, I.III); "Imitando de *Títiro* as Camenas": imitando os cantos de *Títiro,* personagem da Égloga I de Virgílio. As *Camenas* foram desde cedo identificados com as *Musas.*

64.8

"As velas dando, as âncoras levamos": as âncoras levantamos. Os nautas vão a caminho do rio do Infante aos 8 de Dezembro.

65.2-5

"... e tornava / A proa a demandar o ardente meio / do Céu ...": a armada tornava a caminho do Equador; "*Aquele ilhéu* deixámos ...": refere-se ao *ilhéu da Cruz,* onde Bartolomeu Dias pôs o seu derradeiro padrão.

66.7

"Corrente nele achámos tão possante": "E neste mesmo dia tornou a frota a passar a mesma carreira q̃ tinha passada levãdo muyto veto a popa q̃ lhe durou tres ou quatro dias com q̃ rõpeo as corrẽtes q̃ avião grãde medo de não poderẽ passar & assi yã todos muyto alegres por passarem donde Bertolameu diaz tinha chegado, & Vasco da gama os esforçava, dizẽdo q̃ assi quereria Deos q̃ achassem a India." (Castanheda, I.III.)

67.5

"Injuriado *Noto* da porfia": *noto,* o vento do sul, naquele caso o vento de popa.

68.1-2
"Trazia o Sol o dia celebrado / Em que três Reis ...": "& dia dos Reys entrarão no rio delles, & alguns lhe chamão do cobre por o resgate delle em manilhas, & assi marfim, & mantimentos ..." (Barros, I.IV.III.) Vasco da Gama lhe pôs o nome de *Aguada da Boa Paz*.

69.1
"Desta gente refresco algum tomámos": desta gente tomámos algum refresco.
Ort.: *cási* (por *quase*).

70.5-8
"E do esperar comprido ...": e do longo esperar; "Por céus não naturais, ...": por serem de "qualidade inimiga de nossa humanidade".

71.7
"*Que* durara ele ...": repetição do *que*.

72.2
"Contra seu Capitão, se *os* resistira": emprego transitivo antiquado.

73.1-8
"Deixando o porto, enfim, do doce rio": vendo "Vasco da Gamma q̃ as agoas o apanhavão pera dentro, temeo ser algũa enseada penetrante donde não pudesse sair. O qual temor lhe fez dar tanto resguardo por fugir a terra, que passou sem aver vista da povoação de Çofala" (Barros, I.IV.III).

74.2
"Encomendado ao sacro Nicolau": S. Nicolau, protector dos navegantes.

75.3
"Num rio, que ali sai ao mar aberto": chegaram a um rio que chamaram "dos Bons Sinais".

76.7
"Com outro, que de tinta azul se tinge": "& os maes delles trazião derredor de si hũs panos d' algodão tintos de azul" (Barros, I.IV.III).

77.3
"Dizem que, por naus que em grandeza igualam / As nossas,...": "Cõ os quaes sinaes & outros que elles derão, dizendo que contra o nacimento do sol avia gente branca que navegavão em naos como aquellas suas, as quaes elles vião passar pera baixo & pera cima d' aq̃lla costa: pos Vasco da Gamma nome a este rio dos bons sinaes." (Barros, I.IV.III.)

78.5
"Um padrão nesta terra alevantámos": o Padrão S. Rafael. O anjo S. Rafael guiou Tobias, que ia cobrar de Gabelo uma importância em dinheiro devida a seu pai (v. o liv. "Tobias").

79.3
"Alimpámos as naus, ...": "Quis elle [Vasco da Gama] dar pendor aos navios por virem já mui çujos" (Barros, I.IV.III).

80.1-3
"Mas não foi, da esperança grande e imensa / Que nesta terra houvemos, limpa e pura / A alegria; ...": *Ramnúsia* é a Némesis de Ramnunte, burgo da Ática, célebre pelo culto de *Némesis* (Ov., *M,* XIV.694). *Némesis,* deusa vingadora dos crimes e, na maior parte dos casos, a deusa que se encarrega de abater tudo o que excede a medida, como o excesso de felicidade num mortal.
Ort.: *nacemos* (por *nascemos*).

81 e **82**
Nestas estâncias Camões, seguindo Barros, descreve o escorbuto: "A maior parte foi de herisipolas & de lhe crecer tanto a carne das gengivas, q̃ quasi não cabia na boca aos homes, & assi como crecia apodrecia & cortavão nella como em carne morta ..." (Barros, I.IV.III).

82.3-4
"... médico *astuto*": *sagaz;* "Cirurgião *sutil* ...": *hábil.*

Ort. das est. 81 e 82: *desamperaram* (por *desampararam*); *crecia* (por *crescia*); *cirurgião* (na edição *princeps, sururgião*); *sutil* (por *subtil*).

83.4
"Foram sempre connosco aventureiros": amigos do risco.

84.1
"Assi que deste porto nos partimos": partiram do rio dos Bons Sinais a 24 de Fevereiro.

85.4
"... do alto Assento": do Céu.

86.1-5
"*Julgas* agora, Rei, *se* ...": esta construção é estranha e há quem proponha a substituição da *julgas* por *julga.* JMR, na *EN,* diz que há contaminação de *julgas que* e *julga se;* "Crês tu que tanto Eneias e o *facundo* / Ulisses ...": como em II.45.1 e III.57.3; "Ousou algum a ver ...": no português antigo este verbo construía-se com *a*.

87.1
"Esse que bebeu tanto da água *Aónia*": Homero bebeu da água da fonte de Aganipe, na *Aónia,* nome mitológico da Beócia: "Nam neque Parnassi vobis juga, nam neque Pindi / Ulla moram fecere, neque Aonie Aganippe" (V, *B,* X.11-12). Os vv. 3-4 são uma tradução literal deste dístico, citado por Aulo Gélio:

> *Septem urbes certant de stirpe insignis Homeri:*
> *Smyrna, Rhodes, Colophon, Salamin, Ius, Argos, Athenae*

87.5-8
"Essoutro que esclarece toda *Ausónia*": *Ausónia,* antigo nome de uma parte da Itália e poèticamente tomada por toda a Itália. "Magna dicione jubeto / Karthago premat Ausoniam" (V, *E,* X.53-54). Quem esclarece toda a Ausónia é Virgílio; "Ouvindo, o pátrio Míncio se adormece": rio que passa em Mântua, terra de Virgílio; "Mas o Tibre co som se ensoberbece": rio que passa em Roma.

88 e **89**
Nestas estâncias o Poeta alude às aventuras de *Ulisses* e de *Eneias*

(dos poemas *Odisseia* e *Eneida).* Note-se que JMR faz de *Magas* um atributo de *Circes,* escrevendo: "Fingindo magas Circes, Polifemos". Isto está mais de acordo com a redacção camoniana: "Fingindo Magas Circes, Polifemos". ED escreve "magas Circes"; CB, "Magas, Circes"; MR, o mesmo; MC e FS põem vírgula, mas consideram Circe maga. Diz FS, a propósito de *Magas:* "Porque Homero, i Virgilio, fingieron que Ulisses, i Eneas encontraron encantadoras, como Circe"; Ao chegarem à ilha Aea *Ulisses* manda metade da sua tripulação em reconhecimento sob a direcção de *Euríloco.* Penetraram numa floresta e avistam um palácio brilhante. É a morada de *Circe.* Todos entram no palácio, excepto o chefe, que fica à espreita. São bem acolhidos, mas assim que provam os manjares e as bebidas são tocados com uma varinha pela maga e transformados em animais diversos: porcos, leões, cães ... Esta lenda vem na *Odisseia.* A história de *Polifemo* também vem da *Odisseia: Ulisses* e mais doze companheiros foram capturados e encerrados na caverna do *Ciclope,* para serem devorados. Tendo adormecido sob a influência do vinho que *Ulisses* lhe tinha dado, não pôde ver que este e os sobreviventes aguçavam uma enorme estaca, endurecida pelo fogo, com que furaram o único olho do gigante. Para fugir da caverna os prisioneiros ligaram-se ao ventre dos carneiros que saíam. As *Sereias,* em número de duas, são mencionadas pela primeira vez na *Odisseia:* "São demónios marinhos, meio mulheres, meio pássaros. Encantavam com a sua música e atraíam com o seu canto os viajantes aos escolhos do mar da Sicília. *Ulisses* foi insensível aos seus cantos e elas deitaram-se ao mar.

88.6-8

"Os *Cícones* ...": os *Cícones* eram uma tribo da Trácia e intervêm sobretudo na *Odisseia.* Foram atacados por *Ulisses* depois da tomada de Tróia e pelos seus soldados. Tendo recebido alguns reforços, os *Cícones* obrigaram *Ulisses* a fugir; "Os companheiros, em gostando o loto": *Ulisses,* tendo sido desviado do seu caminho por um forte vento do norte, que o arrastou para o Sul da ilha de Chipre, foi ter ao país dos lotófagos. Os companheiros de *Ulisses,* tendo *provado* (*gostado,* como diz Camões) o fruto chamado *loto,* não mais se lembraram de voltar a Ítaca, e foi necessário que *Ulisses* os levasse à força; «Dêm-lhe perder nas águas o piloto»: *Palinuro,* piloto que figura na *Eneida,* adormeceu ao leme e caiu ao mar. (v. *En.,* final do Canto V).
Ort.: *dêm-lhe* (por *dêem-lhe*).

89.1
"Ventos soltos lhe finjam e imaginem / Dos odres, e *Calipsos* namoradas": finjam ventos soltos dos odres e imaginem *Calipsos* namoradas. Os ventos foram metidos por *Éolo* na visita que *Ulisses* lhe fez num odre feito com a pele de um touro de nove anos e o odre foi posto a bordo do navio. A tripulação ao cabo de nove dias e nove noites quis desatar o nó do odre, donde se soltaram as rajadas de vento, que levaram o navio para o largo. A ninfa *Calipso* reteve *Ulisses,* naufragado. A *Odisseia* conta como ela o amou e o guardou durante dez (sete, ou mesmo um ano), oferecendo-lhe em vão a imortalidade. Foi por ordem de *Zeus* que *Ulisses* foi liberto.

89.3-4
"*Harpias* que o manjar lhe contaminem": as *Harpias* repugnantes sujaram o jantar de *Eneias* e dos seus companheiros; "Decer às sombras nuas já passadas": a descida de *Eneias* ao reino das sombras é contada no liv. V da *Eneida,* e a de *Ulisses,* no liv. XI da *Odisseia.*
Ort.: *decer* (por *descer*); *grandíloca* (por *grandíloqua*).

90.5
"... o sublime coração": ânimo, coragem.

91.2-7
"O caso cada qual que mais notou": cada qual o caso que mais notou; "Mas já o mancebo *Délio* as rédeas vira": *Délio* é *Apolo,* que nasceu em Delos; "Que o *irmão de Lampécia* mal guiou": refere-se a *Fáeton;* "Por vir a descansar nos Tétios braços": nos braços de *Tétis* (*Tethys*), mulher do *Oceano.*

92.3
"Qualquer nobre trabalha que em memória": qualquer homem de elevados pensamentos esforça-se por que "em memória", isto é, em lembrança dos pósteros, vença ou iguale os antepassados.
Ort.: *envejas* (por *invejas*); *valerosas* (por *valorosas*).

93-1-8
"Não tinha em tanto os feitos gloriosos / De Aquiles ...": Alexandre preferia Homero aos feitos de *Aquiles.* Conta Plutarco, na *Vida de Alexandre* (XXVI), que Alexandre, querendo dar o melhor uso a um cofre precioso apreendido no despojo de Dario, lhe meteu dentro a

Ilíada. No n.º VIII Plutarco diz que Alexandre estimava a *Ilíada* e lhe chamava "uma provisão de virtude militar", e recebeu de Aristóteles uma edição corrigida deste poema, chamada a "edição do cofre". Tinha-a sempre à cabeceira com a sua espada (testemunho de Onesícrito); "... *numerosos* / Versos ...": *melodiosos versos;* "Os troféus de Milcíades, famosos, / Temístocles despertam só de enveja": ainda jovem, os triunfos militares de Milcíades deixavam-no absorto. Deixando de comer e de beber uma noite, como costumava, respondeu aos seus amigos: "Os troféus de Milcíades impedem-me de dormir." A esta frase alude Camões (v. Plutarco, *Temístocles,* III). Ort.: *envejas* (por *invejas*).

94.1-5

"Si; mas aquele Herói ...": o imperador Augusto; "A lira Mantuana, ...": as poesias de Virgílio.
Ort.: *dões* (por *dons*).

95.1-7

"Dá a terra Lusitana Cipiões, / Césares, Alexandros, e dá Augustos": Públio Cornélio Cipião, vencedor de Zama (em 202 a. C.); Públio Cornélio Cipião Emiliano, vencedor de Cartago (em 146); Augusto, o célebre imperador romano; Alexandre, o grande conquistador. Octávio, o imperador Caio Júlio César Octaviano, compôs versos doutos e venustos, isto é, graciosos. FS refere-se a um epigrama de Octaviano Augusto, incluído nos *Epigramas* de Marcial, em que se fala de Gláfira, de António e de Fúlvia; "Não dirá Fúlvia, certo, que é mentira": o Poeta teve naturalmente conhecimento de Gláfira através daquele epigrama. Se não se trata de um pseudónimo ...

96.1

"Vai César sojugando toda França": segundo ED, durante as campanhas da Gália César ia compondo uma obra filosófica – *De Analogia.* Vem a notícia na obra de Suetónio Tranquillo sobre *César.*
Ort.: *sojugando* (por *subjugando*).

96.5

"O que de Cipião se sabe e alcança / É nas comédias grande experiência": que tinha grande experiência de comédias, pois se diz que ajudava Terêncio a escrevê-las.

96.7
V. V.93.1-8.

98.1-7
"Por isso, e não por falta de *natura*": de qualidades naturais; "Tão ásperos os fez e tão *austeros*": tão rudes. Como *rudos* do verso seguinte; "... de engenho tão *remisso*": tão descuidado.

99.7
"Nem as *filhas do Tejo,* que deixassem / *As telas d' ouro fino* e que o cantassem": nem as *Tágides*. *As telas* (teias) *d' ouro fino:* v. Égloga III de Garcilaso, possível fonte do Poeta (vv. 53-56 e 105-106).

100.3
"... é sòmente o pros[s]uposto": é sòmente o desígnio.

VI

1 **N**ÃO sabia em que modo festejasse
O Rei Pagão os fortes navegantes,
Pera que as amizades alcançasse
Do Rei Cristão, das gentes tão possantes.
Pesa-lhe que tão longe o apousentasse
Das Europeias terras abundantes
A ventura, que não no fez vizinho
Donde Hércules ao mar abriu o caminho.

2 Com jogos, danças e outras alegrias,
A segundo a polícia Melindana,
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia António alegra e engana,
Este famoso Rei, todos os dias
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com frutas, aves, carnes e pescados.

3 Mas vendo o Capitão que se detinha
Já mais do que devia, e o fresco vento
O convida que parta e tome asinha
Os pilotos da terra e mantimentos
Não se quer mais deter, que ainda tinha
Muito pera cortar do salso argento.
Já do Pagão benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

4 Pede-lhe mais que aquele porto seja
Sempre com suas frotas visitado,
Que nenhum outro bem maior deseja
Que dar a tais barões seu reino e estado;
E que, enquanto seu corpo o esprito reja,
Estará de contino aparelhado
A pôr a vida e reino totalmente
Por tão bom Rei, por tão sublime gente.

5 Outras palavras tais lhe respondia
O Capitão, e logo, as velas dando,
Pera as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo há já que vai buscando.
No piloto que leva não havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa; e assi caminha
Já mais seguro do que dantes vinha.

6 As ondas navegavam do Oriente,
Já nos mares da Índia, e enxergavam
Os tálamos do Sol, que nace ardente;
Já quási seus desejos se acabavam;
Mas o mau de Tioneu, que na alma sente
As venturas que então se aparelhavam
À gente Lusitana, delas dina,
Arde, morre, blasfema e desatina.

7 Via estar todo o Céu determinado
De fazer de Lisboa nova Roma;
Não no pode estorvar, que destinado
Está doutro Poder que tudo doma.
Do Olimpo dece enfim, desesperado;
Novo remédio em terra busca e toma:
Entra no húmido reino e vai-se à corte
Daquele a quem o mar caiu em sorte.

8 No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas saem furibundas
Quando às iras do vento o mar responde,
Neptuno mora e moram as jocundas
Nereidas e outros Deuses do mar, onde
As águas campo deixam às cidades
Que habitam estas húmidas Deidades.

9 Descobre o fundo nunca descoberto
As areias ali de prata fina;
Torres altas se vêem, no campo aberto,
Da transparente massa cristalina;
Quanto se chegam mais os olhos perto
Tanto menos a vista determina
Se é cristal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro e radiante.

10 As portas d' ouro fino, e marchetadas
Do rico aljôfar que nas conchas nace,
De escultura fermosa estão lavradas,
Na qual do irado Baco a vista pace;
E vê primeiro, em cores variadas,
Do velho Caos a tão confusa face;
Vêm-se os quatro Elementos trasladados,
Em diversos ofícios ocupados.

11 Ali, sublime, o Fogo estava em cima,
Que em nenhũa matéria se sustinha;
Daqui as cousas vivas sempre anima,
Despois que Prometeu furtado o tinha.
Logo após ele, leve se sublima
O invisíbil Ar, que mais asinha
Tomou lugar e, nem por quente ou frio,
Algum deixa no mundo estar vazio.

12 Estava a Terra em montes, revestida
De verdes ervas e árvores floridas,
Dando pasto diverso e dando vida
Às alimárias nela produzidas.
A clara forma ali estava esculpida
Das Águas, entre a terra desparzidas,
De pescados criando vários modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

13 Noutra parte, esculpida estava a guerra
Que tiveram os Deuses cos Gigantes;
Está Tifeu debaixo da alta serra
De Etna, que as flamas lança crepitantes.
Esculpido se vê, ferindo a Terra,
Neptuno, quando as gentes, ignorantes,
Dele o cavalo houveram, e a primeira
De Minerva pacífica ouliveira.

14 Pouca tardança faz Lieu irado
Na vista destas cousas, mas entrando
Nos paços de Neptuno, que, avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando,
Às portas o recebe, acompanhado
Das Ninfas, que se estão maravilhando
De ver que, cometendo tal caminho,
Entre no reino d' água o Rei do vinho.

15 – «Ó Neptuno (lhe disse) não te espantes
De Baco nos teus reinos receberes,
Porque também cos grandes e possantes
Mostra a Fortuna injusta seus poderes.
Manda chamar os Deuses do mar, antes
Que fale mais, se ouvir-me o mais quiseres;
Verão da desventura grandes modos:
Ouçam todos o mal que toca a todos.»

16 Julgando já Neptuno que seria
Estranho caso aquele, logo manda
Tritão, que chame os Deuses da água fria,
Que o mar habitam dua e doutra banda.
Tritão, que de ser filho se gloria
Do Rei e de Salácia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai e seu correio.

17 Os cabelos da barba e os que decem
Da cabeça nos ombros, todos eram
Uns limos prenhes d' água, e bem parecem
Que nunca brando pêntem conheceram.
Nas pontas pendurados não falecem
Os negros mexilhões, que ali se geram.
Na cabeça, por gorra, tinha posta
Ũa mui grande casca de lagosta.

18 O corpo nu, e os membros genitais,
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porém de pequenos animais
Do mar todos cobertos, cento e cento:
Camarões e cangrejos e outros mais,
Que recebem de Febe crecimento;
Ostras e birbigões, do musco sujos,
Às costas co a casca os caramujos.

19 Na mão a grande concha retorcida
Que trazia, com força já tocava;
A voz grande, canora, foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
Já toda a companhia, apercebida,
Dos Deuses pera os paços caminhava
Do Deus que fez os muros de Dardânia,
Destruídos despois da Grega insânia.

20 Vinha o padre Oceano, acompanhado
Dos filhos e das filhas que gerara;
Vem Nereu, que com Dóris foi casado,
Que todo o mar de Ninfas povoara.
O profeta Proteu, deixando o gado
Marítimo pacer pela água amara,
Ali veio também, mas já sabia
O que o padre Lieu no mar queria.

21 Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Celo e Vesta filha,
Grave e leda no gesto, e tão fermosa
Que se amansava o mar, de maravilha.
Vestida ũa camisa preciosa
Trazia, de delgada beatilha,
Que o corpo cristalino deixa ver-se,
Que tanto bem não é pera esconder-se.

22 Anfitrite, fermosa como as flores,
Neste caso não quis que falecesse;
O delfim traz consigo que aos amores
Do Rei lhe aconselhou que obedecesse.
Cos olhos, que de tudo são senhores,
Qualquer parecerá que o Sol vencesse.
Ambas vêm pela mão, igual partido,
Pois ambas são esposas dum marido.

23 Aquela que, das fúrias de Atamante
Fugindo, veio a ter divino estado,
Consigo traz o filho, belo infante,
No número dos Deuses relatado;
Pela praia brincando vem, diante,
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria; e às vezes pela areia
No colo o toma a bela Panopeia.

24 E o Deus que foi num tempo corpo humano
E por virtude da erva poderosa,
Foi convertido em pexe, e deste dano
Lhe resultou Deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feio engano
Que Circes tinha usado co a fermosa
Scila, que ele ama, desta sendo amado,
Que a mais obriga amor mal empregado.

25 Já finalmente todos assentados
Na grande sala, nobre e divinal,
As Deusas em riquíssimos estrados,
Os Deuses em cadeiras de cristal,
Foram todos do Padre agasalhados,
Que co Tebano tinha assento igual;
De fumos enche a casa a rica massa
Que no mar nace e Arábia em cheiro passa.

26 Estando sossegado já o tumulto
Dos Deuses e de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito oculto
A causa o Tioneu de seus tormentos;
Um pouco carregando-se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Só por dar aos de Luso triste morte
Co ferro alheio, fala desta sorte:

27 – «Príncipe, que de juro senhoreias,
Dum Pólo ao outro Pólo, o mar irado,
Tu, que as gentes da Terra toda enfreias,
Que não passem o termo limitado;
E tu, padre Oceano, que rodeias
O Mundo universal e o tens cercado,
E com justo decreto assi permites
Que dentro vivam só de seus limites;

28 «E vós, Deuses do Mar, que não sofreis
Injúria algũa em vosso reino grande,
Que com castigo igual vos não vingueis
De quem quer que por ele corra e ande:
Que descuido foi este em que viveis?
Quem pode ser que tanto vos abrande
Os peitos, com razão endurecidos
Contra os humanos, fracos e atrevidos?

29 «Vistes que, com grandíssima ousadia,
Foram já cometer o Céu supremo;
Vistes aquela insana fantasia
De tentarem o mar com vela e remo;
Vistes, e ainda vemos cada dia,
Soberbas e insolências tais, que temo
Que do Mar e do Céu, em poucos anos,
Venham Deuses a ser, e nós, humanos.

30 «Vedes agora a fraca geração
Que dum vassalo meu o nome toma,
Com soberbo e altivo coração
A vós e a mi e o mundo todo doma.
Vedes, o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma;
Vedes, o vosso reino devassando,
Os vossos estatutos vão quebrando.

31 «Eu vi que contra os Mínias, que primeiro
No vosso reino este caminho abriram,
Bóreas, injuriado, e o companheiro
Áquilo e os outros todos resistiram.
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injúria assi sentiram,
Vós, a quem mais compete esta vingança,
Que esperais? Porque a pondes em tardança?

32 «E não consinto, Deuses, que cuideis
Que por amor de vós do Céu deci,
Nem da mágoa da injúria que sofreis,
Mas da que se me faz também a mi;
Que aquelas grandes honras que sabeis
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente.

33 «Que o grão Senhor e Fados, que destinam,
Como lhe bem parece, o baxo mundo,
Famas, mores que nunca, determinam
De dar a estes barões no mar profundo.
Aqui vereis, ó Deuses, como ensinam
O mal também a Deuses; que, a segundo
Se vê, ninguém já tem menos valia
Que quem com mais razão valer devia.

34 «E por isso do Olimpo já fugi,
Buscando algum remédio a meus pesares,
Por ver o preço que no Céu perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares.»
Mais quis dizer, e não passou daqui,
Porque as lágrimas já, correndo a pares,
Lhe saltaram dos olhos, com que logo
Se acendem as Deidades d' água em fogo.

35 A ira com que súbito alterado
O coração dos Deuses foi num ponto,
Não sofreu mais conselho bem cuidado
Nem dilação nem outro algum desconto:
Ao grande Eolo mandam já recado,
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as fúrias dos ventos repugnantes,
Que não haja no mar mais navegantes!

36 Bem quisera primeiro ali Proteu
Dizer, neste negócio, o que sentia;
E, segundo o que a todos pareceu,
Era algũa profunda profecia.
Porém tanto o tumulto se moveu,
Súbito, na divina companhia,
Que Tétis, indinada, lhe bradou:
– «Neptuno sabe bem o que mandou!»

37 Já lá o soberbo Hipótades soltava
Do cárcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava
Contra os varões audaces e animosos.
Súbito, o céu sereno se obumbrava,
Que os ventos, mais que nunca impetuosos,
Começam novas forças a ir tomando,
Torres, montes e casas derribando.

38 Enquanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda, lassa frota
Com vento sossegado prosseguia,
Pelo tranquilo mar, a longa rota.
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eóo Hemispério está remota;
Os do quarto da prima se deitavam,
Pera o segundo os outros despertavam.

39 Vencidos vêm do sono e mal despertos;
Bocijando, a miúdo se encostavam
Pelas antenas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares que assopravam;
Os olhos contra seu querer abertos;
Mas estregando, os membros estiravam.
Remédios contra o sono buscar querem,
Histórias contam, casos mil referem.

40 – «Com que milhor podemos (um dizia)
Este tempo passar, que é tão pesado,
Senão com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o sono carregado?»
Responde Leonardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado:
– «Que contos poderemos ter milhores,
Pera passar o tempo, que de amores?»

41 – «Não é (disse Veloso) cousa justa
Tratar branduras em tanta aspereza,
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Não sofre amores nem delicadeza;
Antes de guerra, férvida e robusta
A nossa história seja, pois dureza
Nossa vida há-de ser, segundo entendo,
Que o trabalho por vir mo está dizendo.»

42 Consentem nisto todos, e encomendam
A Veloso que conte isto que aprova.
– «Contarei (disse) sem que me reprendam
De contar cousa fabulosa ou nova;
E por que os que me ouvirem daqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nacidos direi na nossa terra,
E estes sejam os Doze de Inglaterra.

43 «No tempo que do Reino a rédea leve,
João, filho de Pedro, moderava,
Despois que sossegado e livre o teve
Do vizinho poder, que o molestava,
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erínis dura e má cizânia,
Que lustre fosse a nossa Lusitânia.

44 «Entre as damas gentis da corte Inglesa
E nobres cortesãos, acaso um dia
Se levantou discórdia, em ira acesa
(Ou foi opinião, ou foi porfia).
Os cortesãos, a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão que honras e famas
Em tais damas não há pera ser damas;

45 «E que se houver alguém, com lança e espada,
Que queira sustentar a parte sua,
Que eles, em campo raso ou estacada,
Lhe darão feia infâmia ou morte crua.
A feminil fraqueza, pouco usada,
Ou nunca, a opróbrios tais, vendo-se nua
De forças naturais convenientes,
Socorro pede a amigos e parentes.

46 «Mas, como fossem grandes e possantes
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem férvidos amantes,
A sustentar as damas, como devem.
Com lágrimas fermosas, e bastantes
A fazer que em socorro os Deuses levem
De todo o Céu, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao Duque de Alencastro.

47 «Era este Ingrês potente e militara
Cos Portugueses já contra Castela,
Onde as forças magnânimas provara
Dos companheiros, e benigna estrela.
Não menos nesta terra exprimentara
Namorados afeitos, quando nela
A filha viu, que tanto o peito doma
Do forte Rei, que por mulher a toma.

48 «Este, que socorrer-lhe não queria
Por não causar discórdias intestinas,
Lhe diz: – «Quando o direito pretendia
Do Reino lá das terras Iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor e partes tão divinas,
Que eles sós poderiam, se não erro
Sustentar vossa parte a fogo e ferro;

49 «E se, agravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que, por cartas discretas e polidas,
De vosso agravo os façam sabedores;
Também, por vossa parte, encarecidas
Com palavras d' afagos e d' amores
Lhe sejam vossas lágrimas, que eu creio
Que ali tereis socorro e forte esteio.»

50 «Destarte as aconselha o Duque experto
E logo lhe nomeia doze fortes;
E por que cada dama um tenha certo,
Lhe manda que sobre eles lancem sortes,
Que elas só doze são; e descoberto
Qual a qual tem caído das consortes,
Cad' ũa escreve ao seu, por vários modos,
E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

51 «Já chega a Portugal o mensageiro,
Toda a corte alvoroça a novidade;
Quisera o Rei sublime ser primeiro,
Mas não lho sofre a régia Majestade.
Qualquer dos cortesãos aventureiro
Deseja ser, com férvida vontade,
E só fica por bem-aventurado
Quem já vem pelo Duque nomeado.

52 «Lá na leal cidade donde teve
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem-se os doze, em tempo breve,
D' armas e roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras e primores,
Cavalos, e concertos de mil cores.

53 «Já do seu Rei tomado têm licença,
Pera partir do Douro celebrado,
Aqueles que escolhidos por sentença
Foram do Duque Inglês exprimentado.
Não há na companhia diferença
De cavaleiro, destro ou esforçado;
Mas um só, que Magriço se dizia,
Destarte fala à forte companhia:

54 – «Fortíssimos consócios, eu desejo
Há muito já de andar terras estranhas,
Por ver mais águas que as do Douro e Tejo,
Várias gentes e leis e várias manhas.
Agora que aparelho certo vejo,
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
Quero, se me deixais, ir só por terra,
Porque eu serei convosco em Inglaterra.

55 «E quando caso for que eu, impedido
Por Quem das cousas é última linha,
Não for convosco ao prazo instituído,
Pouca falta vos faz a falta minha:
Todos por mi fareis o que é devido.
Mas, se a verdade o esprito me adivinha,
Rios, montes, Fortuna ou sua enveja
Não farão que eu convosco lá não seja.»

56 «Assi diz e, abraçados os amigos
E tomada licença, enfim se parte.
Passa Lião, Castela, vendo antigos
Lugares que ganhara o pátrio Marte;
Navarra, cos altíssimos perigos
Do Perineu, que Espanha e Gália parte.
Vistas, enfim, de França as cousas grandes,
No grande empório foi parar de Frandes.

57 «Ali chegado, ou fosse caso ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias.
Mas dos onze a ilustríssima companha
Cortam do Mar do Norte as ondas frias;
Chegados de Inglaterra à costa estranha,
Pera Londres já fazem todos vias;
Do Duque são com festas agasalhados
E das damas servidos e amimados.

58 «Chega-se o prazo e dia assinalado
De entrar em campo já cos doze Ingleses,
Que pelo Rei já tinham segurado;
Armam-se d' elmos, grevas e de arneses.
Já as damas têm por si, fulgente e armado,
O Mavorte feroz dos Portugueses;
Vestem-se elas de cores e de sedas,
De ouro e de jóias mil, ricas e ledas.

59 «Mas aquela a quem fora em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavaleiro nesta empresa;
Bem que os onze apregoam que acabado
Será o negócio assi na corte Inglesa,
Que as damas vencedoras se conheçam,
Posto que dous e três dos seus faleçam.

60 «Já num sublime e púbrico teatro
Se assenta o Rei Inglês com toda a corte;
Estavam três e três e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte;
Não são vistos do Sol, do Tejo ao Batro,
De força, esforço e d' ânimo mais forte,
Outros doze sair, como os Ingleses,
No campo, contra os onze Portugueses.

61 «Mastigam os cavalos, escumando,
Os áureos freios, com feroz sembrante;
Estava o Sol nas armas rutilando,
Como em cristal ou rígido diamante;
Mas enxerga-se, num e noutro bando,
Partido desigual e dissonante
Dos onze contra os doze; quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

62 «Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboliço:
Eis entra um cavaleiro, que trazia
Armas, cavalo, ao bélico serviço;
Ao Rei e às damas fala e logo se ia
Pera os onze, que este era o grão Magriço;
Abraça os companheiros, como amigos
A quem não falta, certo nos perigos.

63 «A dama, como ouviu que este era aquele
Que vinha a defender seu nome e fama,
Se alegra e veste ali do animal de Hele,
Que a gente bruta mais que virtude ama.
Já dão sinal, e o som da tuba impele
Os belicosos ânimos, que inflama;
Picam d' esporas, largam rédeas logo,
Abaxam lanças, fere a terra fogo;

64 «Dos cavalos o estrépito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme;
O coração no peito que estremece
De quem os olha, se alvoroça e teme.
Qual do cavalo voa, que não dece;
Qual, co cavalo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual cos penachos do elmo açouta as ancas.

65 «Algum dali tomou perpétuo sono
E fez da vida ao fim breve intervalo;
Correndo, algum cavalo vai sem dono,
E noutra parte o dono sem cavalo.
Cai a soberba Inglesa de seu trono,
Que dous ou três já fora vão do valo.
Os que de espada vêm fazer batalha,
Mais acham já que arnês, escudo e malha.

66 «Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
É desses gastadores, que sabemos,
Maus do tempo com fábulas sonhadas.
Basta, por fim do caso, que entendemos
Que com finezas altas e afamadas,
Cos nossos fica a palma da vitória
E as damas vencedoras e com glória.

67 «Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços, com festas e alegria;
Cozinheiros ocupa e caçadores,
Das damas e fermosa companhia,
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil, cada hora e cada dia,
Enquanto se detêm em Inglaterra,
Até tornar à doce e cara terra.

68 «Mas dizem que, contudo, o grão Magriço,
Desejoso de ver as cousas grandes,
Lá se deixou ficar, onde um serviço
Notável à Condessa fez de Frandes;
E, como quem não era já noviço
Em todo trance onde tu, Marte, mandes,
Um Francês mata em campo, que o destino
Lá teve de Torcato e de Corvino.

69 «Outro também dos doze em Alemanha
Se lança e teve um fero desafio
Cum Germano enganoso, que, com manha
Não devida, o quis pôr no extremo fio.»
Contando assi Veloso, já a companha
Lhe pede que não faça tal desvio
Do caso de Magriço e vencimento,
Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

70 Mas neste passo, assi prontos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca: acordam, despertando,
Os marinheiros dũa e doutra banda,
E, porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gáveas tomar manda.
– «Alerta (disse) estai, que o vento crece
Daquela nuvem negra que aparece!»

71 Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e súbita procela.
– «Amaina (disse o mestre a grandes brados),
Amaina (disse), amaina a grande vela!»
Não esperam os ventos indinados
Que amainassem, mas, juntos dando nela,
Em pedaços a fazem cum ruído
Que o Mundo pareceu ser destruído!

72 O céu fere com gritos nisto a gente,
Cum súbito temor e desacordo;
Que, no romper da vela, a nau pendente
Toma grão suma d' água pelo bordo.
– «Alija (disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar, não falte acordo!
Vão outros dar à bomba, não cessando;
À bomba, que nos imos alagando!»

73 Correm logo os soldados animosos
A dar à bomba; e, tanto que chegaram,
Os balanços que os mares temerosos
Deram à nau, num bordo os derribaram.
Três marinheiros, duros e forçosos,
A menear o leme não bastaram;
Talhas lhe punham, dũa e doutra parte,
Sem aproveitar dos homens força e arte.

74 Os ventos eram tais que não puderam
Mostrar mais força d' ímpeto cruel,
Se pera derribar então vieram
A fortíssima Torre de Babel.
Nos altíssimos mares, que creceram,
A pequena grandura dum batel
Mostra a possante nau, que move espanto,
Vendo que se sustém nas ondas tanto.

75 A nau grande, em que vai Paulo da Gama,
Quebrado leva o masto pelo meio,
Quási toda alagada; a gente chama
Aquele que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a nau de Coelho, com receio,
Conquanto teve o mestre tanto tento
Que primeiro amainou que desse o vento.

76 Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo;
Agora a ver parece que deciam
As íntimas entranhas do Profundo.
Noto, Austro, Bóreas, Áquilo, queriam
Arruinar a máquina do Mundo;
A noite negra e feia se alumia
Cos raios em que o Pólo todo ardia!

77 As Alciónias aves triste canto
Junto da costa brava levantaram,
Lembrando-se de seu passado pranto,
Que as furiosas águas lhe causaram.
Os delfins namorados, entretanto,
Lá nas covas marítimas entraram,
Fugindo à tempestade e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

78 Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos Gigantes
O grão ferreiro sórdido que obrou
Do enteado as armas radiantes;
Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relâmpados ao mundo, fulminantes,
No grão dilúvio donde sós viveram
Os dous que em gente as pedras converteram.

79 Quantos montes, então, que derribaram
As ondas que batiam denodadas!
Quantas árvores velhas arrancaram
Do vento bravo as fúrias indinadas!
As forçosas raízes não cuidaram
Que nunca pera o céu fossem viradas,
Nem as fundas areias que pudessem
Tanto os mares que em cima as revolvessem.

80 Vendo Vasco da Gama que tão perto
Do fim de seu desejo se perdia,
Vendo ora o mar até o Inferno aberto,
Ora com nova fúria ao Céu subia,
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remédio lhe valia,
Chama aquele remédio santo e forte
Que o impossíbil pode, desta sorte:

81 – «Divina Guarda, angélica, celeste,
Que os céus, o mar e terra senhoreias:
Tu, que a todo Israel refúgio deste
Por metade das águas Eritreias;
Tu, que livraste Paulo e defendeste
Das Sirtes arenosas e ondas feias,
E guardaste, cos filhos, o segundo
Povoador do alagado e vácuo mundo:

82 «Se tenho novos medos perigosos
Doutra Cila e Caríbdis já passados,
Outras Sirtes e baxos arenosos,
Outros Acroceráunios infamados;
No fim de tantos casos trabalhosos,
Porque somos de Ti desamparados,
Se este nosso trabalho não te ofende,
Mas antes teu serviço só pretende?

83 «Oh ditosos aqueles que puderam
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, enquanto fortes sustiveram
A santa Fé nas terras Mauritanas;
De quem feitos ilustres se souberam,
De quem ficam memórias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdê-la,
Doce fazendo a morte as honras dela!»

84 Assi dizendo, os ventos, que lutavam
Como touros indómitos, bramando,
Mais e mais a tormenta acrecentavam,
Pela miúda enxárcia assoviando.
Relâmpados medonhos não cessavam,
Feros trovões, que vêm representando
Cair o Céu dos eixos sobre a Terra,
Consigo os Elementos terem guerra.

85 Mas já a amorosa Estrela cintilava
Diante do Sol claro, no horizonte,
Mensageira do dia, e visitava
A terra e o largo mar, com leda fronte.
A Deusa que nos Céus a governava,
De quem foge o ensífero Orionte,
Tanto que o mar e a cara armada vira,
Tocada junto foi de medo e de ira.

86 – «Estas obras de Baco são, por certo
(Disse), mas não será que avante leve
Tão danada tenção, que descoberto
Me será sempre o mal a que se atreve.»
Isto dizendo, dece ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Enquanto manda as Ninfas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

87 Grinaldas manda pôr de várias cores
Sobre cabelos louros a porfia.
Quem não dirá que nacem roxas flores
Sobre ouro natural, que Amor enfia?
Abrandar determina, por amores,
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrando-lhe as amadas Ninfas belas,
Que mais fermosas vinham que as estrelas.

88 Assi foi; porque, tanto que chegaram
À vista delas, logo lhe falecem
As forças com que dantes pelejaram,
E já como rendidos lhe obedecem;
Os pés e mãos parece que lhe ataram
Os cabelos que os raios escurecem.
A Bóreas, que do peito mais queria,
Assi disse a belíssima Oritia:

89 – «Não creias, fero Bóreas, que te creio
Que me tiveste nunca amor constante,
Que brandura é de amor mais certo arreio
E não convém furor a firme amante.
Se já não pões a tanta insânia freio,
Não esperes de mi, daqui em diante,
Que possa mais amar-te, mas temer-te;
Que amor, contigo, em medo se converte.»

90 Assi mesmo a fermosa Galateia
Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias há que em vê-la se recreia,
E bem crê que com ele tudo acabe.
Não sabe o bravo tanto bem se o creia,
Que o coração no peito lhe não cabe;
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz, se logo abranda.

91 Desta maneira as outras amansavam
Subitamente os outros amadores;
E logo à linda Vénus se entregavam,
Amansadas as iras e os furores.
Ela lhe prometeu, vendo que amavam,
Sempiterno favor em seus amores,
Nas belas mãos tomando-lhe homenagem
De lhe serem leais esta viagem.

92 Já a manhã clara dava nos outeiros
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gávea os marinheiros
Enxergaram terra alta, pela proa.
Já fora de tormenta e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa.
Disse alegre o piloto Melindano:
– «Terra é de Calecu, se não me engano.

93 «Esta é, por certo, a terra que buscais
Da verdadeira Índia, que aparece;
E se do mundo mais não desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece.»
Sofrer aqui não pôde o Gama mais,
De ledo em ver que a terra se conhece;
Os giolhos no chão, as mãos ao Céu,
A mercê grande a Deus agardeceu.

94 As graças a Deus dava, e razão tinha,
Que não somente a terra lhe mostrava
Que, com tanto temor, buscando vinha,
Por quem tanto trabalho exprimentava,
Mas via-se livrado, tão asinha,
Da morte, que no mar lhe aparelhava
O vento duro, férvido e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

95 Por meio destes hórridos perigos,
Destes trabalhos graves e temores,
Alcançam os que são de fama amigos
As honras imortais e graus maiores;
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores;
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animais de Moscóvia zibelinos;

96 Não cos manjares novos e esquisitos,
Não cos passeios moles e ouciosos,
Não cos vários deleites e infinitos,
Que afeminam os peitos generosos;
Não cos nunca vencidos apetitos,
Que a Fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não sofre a nenhum que o passo mude
Pera algũa obra heróica de virtude;

97 Mas com buscar, co seu forçoso braço,
As honras que ele chame próprias suas;
Vigiando e vestindo o forjado aço,
Sofrendo tempestades e ondas cruas,
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e regiões de abrigo nuas,
Engolindo o corrupto mantimento
Temperado com um árduo sofrimento;

98 E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, ledo, inteiro,
Pera o pelouro ardente que assovia
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Destarte o peito um calo honroso cria,
Desprezador das honras e dinheiro,
Das honras e dinheiro que a ventura
Forjou, e não virtude justa e dura.

99 Destarte se esclarece o entendimento,
Que experiências fazem repousado,
E fica vendo, como de alto assento,
O baxo trato humano embaraçado.
Este, onde tiver força o regimento
Direito e não de afeitos ocupado,
Subirá (como deve) a ilustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando.

NOTAS

1.4-8
"... das gentes tão *possantes*": tão poderosas; "Pesa-lhe [a ventura] que tão longe o *apousentasse*": pesa-lhe que o destino o *aposentasse* tão longe das "Europeias terras abundantes", que tão longe o acolhesse; "... que não no fez vizinho / Donde Hércules ao mar abriu o caminho": Gibraltar.
Ort.: *apousentasse* (por *aposentasse*).

2.2-4
"A segundo a polícia Melindana": ao modo da urbanidade melindana; "Com que a *Lageia* António alegra e engana": *Lageia,* de *Lageus.* Ptolemeu Lagus, dos Lágidas do Egipto. "Marco António estava uma vez à pesca e não pescava nada, o que o contrariava, porque Cleópatra fazia parte da assistência. Pediu, portanto, a outros pescadores que mergulhassem e sem que os vissem prendessem ao seu anzol peixes da pesca anterior. Pôde assim por duas ou três vezes retirar a sua linha lastrada com dois ou três peixes. Mas a manobra não escapou à Egípcia. Fingindo admirar a boa sorte de António, Cleópatra contou a história a seus amigos e pediu-lhes que no dia seguinte estivessem no mesmo sítio. Muitos deles vieram e subiram para barcos de pesca. Quando António desceu a linha a rainha disse a um dos seus servos que fosse adiante para mergulhar e atravessar o anzol com um peixe salgado do porto. Quando António, certo de ter apanhado qualquer coisa, puxou a linha, a vista da sua presa suscitou naturalmente um riso geral. Disse-lhe então Cleópatra: 'Imperador, deixa-nos as linhas a nós, reis de Faros e de Canopo; a tua pesca são as cidades, os reinos e os continentes.'" (Plutarco, *Ant.,* XXIX.)

3.3-8
"... e tome *asinha*": sem tardar (*asinha,* voc. arcaico); "... do salso argento": verso muito semelhante a I.18.5: "Já do Pagão benigno se despede": o rei de Melinde não era pagão, mas não era cristão; "*Que*

a todos amizade longa pede": o *que* inicial e toda a estância seguinte têm por sujeito *Pagão.*

4.3
"Que nenhum outro bem ...": *que* causal.

4.4
Neste lugar e em VI.33.4 o Poeta emprega a forma *barões*, mas em VI.37.4 emprega *varões.*

5.2-3
"... e logo, as velas dando": as velas desfraldando; "Pera as terras da Aurora se partia": para o Oriente. "... partiose de Melĩde pera Calicut hũa terça feyra XXIIIJ. Dabril" (Castanheda, I.XIII).

6.2-5
"... e enxergavam / Os *tálamos do Sol,* que nace ardente": *tálamo* é propriamente a câmara nupcial. Aqui pode interpretar-se por berço do sol; "Mas o mau do Tioneu, ...": v. II.12.7.
Ort.: *nace* (por *nasce*); *dina* (por *digna*).

7.4-8
"Está doutro Poder que tudo doma": outro poder superior aos dos deuses pagãos; "Entra no húmido reino e vai-se à corte": entra no mar; "*Daquele* a quem o mar caiu em sorte": *Neptuno.*

8.5-8
"... e moram as *jocundas / Nereidas* ...": as filhas de *Nereu* e de *Dóris* (v. II.20.8); "Que habitam estas *húmidas Deidades*": divindades marinhas.

9.1
Baco vai entrar no paço de *Neptuno,* e assistimos à descrição da região elemental, esculpida nas portas do palácio de *Neptuno.* E aproxima-se da descrição das origens do Mundo e da separação dos elementos, segundo Ov., *M,* I.5-31. Sobre o *Caos,* diz Ovídio:

> *Ante mare et terras et, quod tegit omnia, caelum*
> *Unus erat toto naturae vultus in orbe,*
> *Quem dixere chaos ...*

10.7
"Vêm-se os quatro Elementos trasladados": nas est. 11 e 12 vem a descrição do Fogo, do Ar, da Terra e das Águas.

11.1-8
"Ali, *sublime,* o Fogo estava em cima": no sentido latino (*sublimis*), que está suspenso no ar; "Daqui as cousas vivas sempre anima / Despois que *Prometeu* furtado o tinha": tendo sido, por causa dos homens, enganado por *Prometeu, Zeus* recusou-se a enviar o fogo a estes. *Prometeu* teve artes de o roubar; "Logo após ele, leve *se sublima* / O invisíbil Ar, que mais *asinha*": levemente se sustém. *Asinha,* depressa (arcaico); "*Algum* deixa ...": algum (lugar).
Ort.: *despois* (por *depois*); *invisíbil*, latinismo (por *invisível*).

12.7
"De pescados criando vários *modos*": várias espécies.

13.1-2
V. II.112.1-8 e V.51.1-2.

13.3-8
"Está *Tifeu* debaixo da alta serra / Do Etna, ...": outro dos *Gigantes* que, na sua luta com *Zeus,* ficou sepultado sob o Etna (v. V.51.2); "*Neptuno,* quando as gentes, ignorantes, / Dele o cavalo houveram, e a primeira / De *Minerva* pacífica ouliveira": sobre *Neptuno,* v. III.51.3-4. *Minerva* (ou *Atena*) inventou o azeite e introduziu a oliveira na Ática. O Poeta não ignora que *Neptuno* (*Posídon*) e *Minerva* foram disputantes da soberania da Ática.

14.1
"Pouca tardança faz *Lieu* irado": v. I.49.6-8.
Ort.: *prantado* (por *plantado*).

15.3-7
"... também cos grandes e *possantes*": poderosos; "Verão da desventura grandes *modos*": maneiras.

16.5-8
"*Trítão,* que de ser filho se gloria / Do Rei e de Salácia veneranda": *Tritão* passa em geral por ser filho de *Neptuno* (*Posídon*) e de *Anfitrite*.

O Poeta dá-lhe como mãe *Salácia,* também esposa de *Neptuno.* As funções de *Tritão* estão resumidas no v. 8: "Trombeta de seu pai e seu correio". V. em Ov., *M,* I.333-338, *Tritão* recebendo as ordens de *Neptuno.* O Poeta, nas est. 17 a 19, descreve a figura de *Tritão.*

17.3-7

"... e bem parecem / Que ...": ED diz que há aqui contaminação da construção impessoal "parece que conhecêrão" com a construção pessoal "parecem ter conhecido"; "Os negros *mexilhões,* ...": o Poeta escreveu *Misilhões.*
Ort.: *decem* (por *descem*); *pêntem* (por *pente*).

18.1-7

"O corpo nu, *e* ...": incluindo; "Que recebem de *Febe* crecimento": irmã de *Febo, Diana* ou a *Lua:* "vento semper rubet aurea Phoebe" (V, *G,* I.431); "Ostras e *birbigões,* ...": o Poeta repetiu em 18.7 *camarões* do v. 5. Vários editores propõem *briguigões* ou *birbigões.* Ainda hoje é crença popular que os mariscos crescem ou minguam com as luas. Segundo JMR, em *MACL,* vol. III, p. 174, esta estância deve ler-se e pontuar-se da maneira seguinte:

> *O corpo nu, os membros genitais,*
> *Por não ter ao nadar impedimento,*
> *Mas porém de pequenos animais*
> *Do mar todos cobertos, cento e cento:*
> *Camarões e cangrejos e outros mais,*
> *Que recebem de Phebe crescimento.*
> *Ostras e camarões, do musco sujos,*
> *Às costas, e coa casca os caramujos.*

Ort.: *crecimento* (por *crescimento*); *cangrejos* (por *caranguejos*).

19.7-8

"Do Deus que fez os muros de *Dardânia,* / Destruídos despois da *Grega insânia*": *Posídon* participou durante um ano na construção do muro de Tróia. *Laomedonte* recusou-lhe o salário convencionado. Para se vingar, *Posídon* suscitou um monstro que saiu do mar e assolou as populações troianas. *Dardânia,* de *Dárdano,* seu rei e fundador; *grega insânia,* loucura dos Gregos.
Ort.: *despois* (por *depois*).

20.3-8
"Vem *Nereu,* que com *Dóris* foi casado": v. II.19.1-2; "O profeta *Proteu,* deixando o gado": v. I.19.8; "Ali veio também, mas já sabia": *Proteu* possuía o dom profético; "... o padre *Lieu*": o padre *Baco* (v. VI.14.1).

21.1-2
"Vinha por outra parte a linda esposa / *De Neptuno,* de *Celo* e *Vesta* filha": grande confusão mitológica. *Tétis* (*Tethys*) é filha de *Úrano* (personificação do Céu) e de *Geia* (ou *Gaia*). De *Gaia, Úrano* teve seis *Titãs* e seis *Titânides,* uma das quais é *Tétis,* que o Poeta fez desposar com *Neptuno. Tétis* é esposa do *Oceano,* seu irmão, o mais velho dos *Titãs,* também filho de *Úrano* e de *Gaia.* Os dois geraram as *Oceânides. Vesta* não é, no entanto, lapso do Poeta, que poderia ter lido em Ov., *Fasti,* VI.460: "et Tellus Vestaque numen idem", e em VI.267: "Vesta eadem est et terra". V. IX.85.2-3.

22.1-6
"*Anfitrite,* fermosa como as flores": *Anfitrite* é uma das *Nereidas,* portanto uma das filhas de *Nereu* e de *Dóris.* É esposa de *Neptuno. Anfitrite* recusou-se, por pudor, a casar com o rei marinho e escondeu-se nas profundidades do Oceano, para lá das Colunas de Hércules. Encontrada pelos delfins, foi trazida por eles, em grande cortejo, a *Neptuno;* "Cos olhos, que de tudo são senhores, / Qualquer parecerá que o Sol vencesse": refere-se à beleza de *Tétis* e de *Anfitrite.*
Ort.: *fermosa* (por *formosa*).

23.1-8
"Aquela que, das fúrias de *Atamante*": *Atamas,* ou *Atamante* (como diz o Poeta), casou com *Ino,* filha de *Cadmos,* que teve dois filhos (*Learco* e *Melicerta*). *Atamas* enlouqueceu por obra de *Tisífone* e matou *Learco.* Há várias tradições a respeito do suicídio de *Ino* e de seu filho *Melicerta. Vénus,* dirigindo-se a Neptuno, intercede pela sua neta e torna imortais a mãe (*Ino* ou *Leucotoe*) e o filho (*Melicerta* ou *Palémon*), que no poema vem ao colo da bela *Panopeia* (v. Ov., *M,* IV.416-542); "No colo a toma a bela *Panopeia*": é uma das *Nereidas.*

24.1-8
"E o Deus que foi num tempo corpo humano / E por virtude da erva poderosa, / Foi convertido em pexe, ...": segundo uma tradição,

Glauco foi filho de *Posídon* (*Neptuno*) e de uma das *Náiades*. Era de raça mortal quando nasceu; mas, tendo provado por acaso uma erva que conferia a imortalidade, converteu-se num deus do mar. A parte inferior do seu corpo tornou-se uma poderosa cauda de peixe; "Inda vinha chorando o feio engano / Que Circes tinha usado co a fermosa / *Scila,* que ele ama, *desta* sendo amado": *desta* refere-se a *Circes,* que de facto amava *Glauco,* e não a *Scila* (v. Ov., *M,* XIII.900-968, e ainda XIV.1-74).

25.6-8

"Que co Tebano ...": v. I.73.1-2; "De fumos enche a casa a *rica massa* / Que no mar nace e *Arábia em cheiro passa*": o âmbar, substância cinzenta, aromática, que tem origem na vesícula biliar de alguns cetáceos. A *Arábia em cheiro passa:* ultrapassa o incenso e mirra da Arábia.

26.4-8

"A causa o Tioneu ...": v. II.12.7; "Co ferro alheio,...": por intervenção de outrem.

27.1-5

"Príncipe, ...": *Baco* dirige-se ao rei *Neptuno* e, depois, ao padre *Oceano*". Na estância seguinte (28) aos "Deuses do Mar", enfim, a todos os assistentes ao conselho.

28.3-8

"Que com castigo igual vos não vingueis": que não deixais de vos vingar com castigo condigno; "... fracos e atrevidos?": fracos, mas atrevidos.

29.1-4

"Vistes que, com grandíssima ousadia": v. IV.104.1-5; "... aquela insana fantasia / De tentarem o mar com vela e remo": v. IV.83.7.

30.2-8

"Que dum vassalo meu o nome toma": v. I.39.3-4; "Os vossos estatutos vão quebrando": vão infringindo os términos, apesar da nossa lei.

31.1-5
"Eu vi ... os *Mínias,* que primeiro": os *Argonautas* (v. IV.83.5-6); "*Bóreas,* injuriado, e o companheiro / *Áquilo* ...": para Camões, *Bóreas* e *Áquilo,* embora soprando na mesma direcção, são ventos distintos (v. AFGV, *Elementos Astronómicos das Obras de Gil Vicente e Camões,* Lisboa, 1941, e VI.76.5-6); "Pois se do *ajuntamento aventureiro* ...": são os "Mínias ajuntados" de IV.83.5-6.

32.3-7
"Nem da mágoa da injúria que sofreis": nem por amor da mágoa; "Que no mundo ganhei, quando venci / As terras Indianas do Oriente": v. I.32.1-7.

33.1-6
"Que o grão Senhor e Fados, ...": o grão Senhor é Júpiter; "Como *lhe* bem parece ...": *lhe,* por *lhes;* "Famas, mores que nunca, determinam": determinam maiores famas do que nunca houve; "Aqui vereis, ó Deuses, como ensinam / O mal também a Deuses; ...": o sujeito de *ensinam* é o *grão Senhor e Fados;* "... que, a segundo / Se vê, ...": que, conforme se verifica, ...
Ort.: *baxo* (por *baixo*).

35.2-7
"... foi num ponto": num instante; "Ao grande *Eolo* mandam ...": da parte de *Neptuno* mandam ao rei dos ventos; "... que sem conto": sem limite; "Solte as fúrias dos ventos repugnantes": a fúria dos ventos contrários. *Repugnantes* é latinismo.

36.1-7
"Bem quisera primeiro ali *Proteu*": o profeta; "Que *Tétis,* indinada, lhe bradou": a esposa do rei põe termo às discussões.

37.1-5
"Já lá o soberbo *Hipótades* soltava / Do cárcere fechado os furiosos / Ventos, ...": *Hipótades,* filho de *Hípotes:* "Clauserat Hippotides aeterno carcere ventos" (Ov., *M,* IV.663); "Súbito, o céu sereno se *obumbrava*": *se obumbrava* (se obscurecia) é latinismo.
Ort.: *varões* no v. 4, *barões* em 33.4; *audaces,* latinismo (por *audazes*).

38.2-8
"... a leda, lassa frota": ia alegre, mas cansada; "Era no tempo quando a luz do dia / Do Eóo Hemispério está remota": quando a luz do hemisfério oriental está remota. Em grego ἠώς significa *Aurora;* "Os do quarto da prima se deitavam, / Pera o segundo os outros despertavam": assiste-se neste lugar ao render do quarto de prima. O dia de bordo divide-se em *quartos de serviço,* quer dizer: de quatro em quatro horas entram de serviço novos grupos de homens. O quarto de prima vai das 20 às 24 horas. Acabava o quarto de prima, entrava-se no quarto de modorra (das 0 às 4 horas da manhã), o que explica o ar sonolento dos nautas e a sua necessidade de se entreterem.

39.3-6
"Pelas antenas ...": vergas em que se fixam as velas; "Mas estregando, ...": mas esfregando-os (os olhos).

40.5
"Responde Leonardo ...": aparece pela primeira vez este "soldado bem disposto / Manhoso, cavaleiro e namorado", que vai ter importante papel no Canto IX, est. 75 e segs.

41.5
"Antes de guerra, *férvida e robusta*": ardente e rija.

42.8
"E estes sejam os *Doze de Inglaterra*": é muito duvidosa a historicidade deste episódio, mas não pode duvidar-se da existência real do *Magriço* (Álvaro Vaz Coutinho) na corte de Flandres, personagem que serve de núcleo ao episódio. Como elementos para o estudo deste assunto temos o *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda,* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, editado em 1567, mas o episódio já seria conhecido antes de 1554. A descrição do torneio de Londres foi incluída pela primeira vez em prosa na segunda edição dos *Diálogos de Vária História,* de Pedro de Mariz. Manuel Correia fez um longo comentário em prosa à est. 43. Em 1935 apareceu uma *Relação ou Crónica Breve das Cavalarias dos Doze de Inglaterra* (ms. quinhentista da Biblioteca Pública do Porto), precedida de um estudo de A. de Magalhães Basto (...) e com uma advertência preliminar de Joaquim Costa, Porto, 1935. Talvez esta *Relação* tivesse

servido de fonte a Camões.
Ort.: *reprendam* (por *repreendam*); *nacidos* (por *nascidos*).

43.1-7
"No tempo que do Reino a rédea leve, / João, filho de Pedro, moderava": no tempo em que João conduzia com brandura a rédea do Reino ...; "Do vizinho poder, ...": de Castela; " ... semeava / A fera *Erínis* dura e má cizânia": lapso do Poeta. Não é de *Erínis* (uma das *Fúrias*), mas de *Éris* (personificação da Discórdia), que se trata. *Dura e má cizânia,* dura e má discórdia.

44.4
"... ou foi *porfia*": teimosia.

45.3
"*Que* eles, em campo raso ou *estacada* ...": o *que* é pleonástico. *Estacada,* campo cercado de estacas para justas ou torneios.

46.1-2
"Mas, como fossem grandes e *possantes* / No reino os inimigos, ...": v. VI.15.3-7. O duque de Lencastre, João de Gaunt, filho de Eduardo III, rei de Inglaterra, cuja filha D. Filipa casou com o nosso rei D. João I em 2 de Fevereiro de 1387. O duque foi pretendente à coroa de Castela e com esse intento aliou-se ao rei de Portugal, e os exércitos aliados chegaram a entrar em Castela. Tendo desistido da conquista e restabelecido a paz, outra filha do duque, D. Catarina, casou com Henrique II, príncipe herdeiro da coroa de Castela.

47.3-8
"Onde as forças magnânimas provara / Dos companheiros, e benigna estrela": onde experimentara a generosidade das forças dos seus aliados e a sua boa sorte; "Não menos nesta terra exprimentara / Namorados afeitos, ...": também viu que os Portugueses eram dados a sentimentos amorosos quando viu o rei de tal modo apaixonado pela filha do duque que com ela veio a casar.
Ort.: *fermosas* (por *formosas*); *Ingrês* (por *Inglês*); *exprimentara* (por *experimentara*); *afeitos* (por *afectos*).

48.1-4
"Este, que socorrer-*lhe* não queria": socorrê-las (as damas inglesas); "Do Reino lá das terras *Iberinas*": das terras da Ibéria.

50.1-6
"Destarte as aconselha o Duque *experto*": experimentado; "Qual a qual tem caído das consortes": qual (cavaleiro) a qual (das companheiras) tem caído a sorte.

51.2
"Toda a corte alvoroça a *novidade*": a notícia.

52.1-7
"Lá na leal cidade ...": no Porto; "... o que tem o leme do governo": o rei D. João I; "*Apercebem-se* os doze, ...": aprestam-se; "*De elmos, cimeiras, letras* e primores": *elmo,* espécie de capacete de cavaleiro com viseira e crista; *cimeira,* ornamento do cimo do capacete; *letras,* motos ou palavras breves que caracterizam as divisas.

53-4-7
"Foram do Duque Inglês *exprimentado*": é o *experto* da est. 50.1-6; "Mas um só, que *Magriço* se dizia": Álvaro Gonçalves Coutinho, irmão do 1.º conde de Marialva e filho de Gonçalo Vaz Coutinho, 1.º marechal de Portugal. A família era de Penedono. O *Magriço* foi camarista de João, *o Sem-Pavor,* duque de Borgonha.

54.4-5
"... e várias manhas": vários costumes; "Agora que aparelho certo vejo": agora que vejo os aprestos certos.

55.1-4
E quando caso for que eu, ... / ... / Não for": assimilação de tempos por "E quando caso for ... que eu não seja"; "Por Quem das cousas é última linha": JMR, *EN*: "Pela vontade de Deus"; ED, a morte; "Pouca *falta* vos faz a *falta* minha": ED chama a atenção para o trocadilho.
Ort.: *esprito* (por *espírito*).

56.3-8
"... vendo antigos / Lugares que ganhara o pátrio Marte": é

impossível de determinar a que lugares se refere o Poeta. MR diz que talvez seja alusão às vitórias dos Portugueses no tempo de D. João I com o duque de Lencastre; "No grande empório foi parar de Frandes": a cidade de Bruges.
Ort.: *Perineo* (por *Pirenéus*); *Frandes* (por *Flandres*).

57.1-4
"Ali chegado, ou fosse *caso ou manha*": casualidade ou astúcia; "... a ilustríssima *companha* / Cortam ...": *companha,* companhia. V. concordância do predicado, no plural, com o sujeito (colectivo), no singular.

58.3-7
"Que pelo Rei ...": que por meio do rei; "O Mavorte feroz ...": simboliza os cavaleiros portugueses; "Vestem-se elas de cores e de sedas": vestem-se de sedas de várias cores (JMR e ALV, *EN,* hendíadis).
Ort.: *arman-se,* na edição princeps (por *armam-se*).

59.5-7
"... que acabado / Será o negócio assi na corte Inglesa, / Que as damas vencedoras se conheçam": que o negócio será acabado na corte inglesa de modo que as damas por vencedoras se conheçam.

60.1-5
"Já num sublime e púbrico teatro": já num alto palanque destinado ao público; "se assenta o Rei inglês ...": Ricardo II; "... do Tejo ao *Batro*": do Poente ao Oriente (o *Bactro* é um afluente do *Oxo,* que passa por Bactra, na Bactriana). V. II.53.6-8.

61.2
"... com feroz sembrante": com feroz aspecto.

63.1-4
"A dama, como ouviu ...": a dama, assim que ouviu; "Se alegra e veste ali do animal de Hele": veste-se ali do velo do animal de Hele, isto é, de oiro (v. III.12.1-4); "Que a gente bruta ...": que a gente rude, selvagem.
Ort.: *abaxam* (por *abaixam*).

64.2-5
"Que faz que o chão debaixo *todo treme*": por *todo trema;* "Qual do cavalo voa, que não dece": qual, em vez de descer do cavalo, voa. O *que* de *dece* é pleonástico.

65.6-8
"... já fora vão do valo": estacada que limitava o campo do torneio; "Mais acham já que arnês, escudo e malha": acham a valentia dos Portugueses.

66.6
"Que com *finezas* altas ...": primores de justa.

67
Ort.: *fermosa* (por *formosa*).

68.3-8
"... onde um serviço / Notável à Condessa fez de Frandes": várias hipóteses têm surgido sobre quem seria esta condessa, mas nada com força probatória. MC conta que em França o *Magriço* livrou a condessa Madame Lianor de um aleive que lhe alevantou um alemão de nome Ranulfo, de Colónia, o qual matou em desafio na cidade de Dunquerque. Em Orleães também *Magriço* teria vencido em desafio Monsieur de Lansay diante de el-rei de França e lhe tirou um colar do pescoço; "... que o destino / Lá teve de Torcato e de Corvino»: Tito Mânlio na campanha contra os Gauleses em 361 a. C. matou em duelo um gaulês de grande estatura, tirou-lhe o colar ("*Jacentis inde corpus ab omni alia vexatione intactum* uno torque *spoliavit, quem respersum cruore coelo circumdedit suo.*") e adornou-se com ele, e daí o cognome de *Torquato* (T. Lívio VII.9-10). Marco Valério, "tribunus militum adulescens", no ano de 348 a. C., também matou em combate singular um gaulês, tendo sido ajudado por um corvo que esvoaçava em face do inimigo: "Corvus repente in galea consedit, in hostem versus" (T. Lívio, VII.26).

69.1
"Outro também dos doze em Alemanha": MC diz que foi Álvaro Vaz de Almada que em Basileia lutou com um alemão. O alemão saiu-se com uma arma secreta que levava escondida, com um gancho, pelo qual aferrou em um ombro de Vaz de Almada, que lhe

rompeu o arnês e o feriu na carne. Neste aperto o nosso compatriota ferrou-se com o alemão, deitou-lhe as mãos às guelas e de tal modo lhas apertou que lhe fez perder a vida. Todas estas proezas ficam por conta do sentido histórico de MC.

70.1-8

"... assi prontos estando": estando assim atentos; "E, porque o vento vinha refrescando": e porque o vento se tornava mais forte; "Os traquetes das gáveas tomar manda": "segundo Esparteiro, *DIM,* antigamente as gáveas eram chamadas *traquetes das gáveas*. São as duas velas sobranceiras aos paga-figos, sendo a de vante denominada *velacho,* e a do grande, *gávea*"; "... tomar manda": como a força do vento aumentasse, o mestre mandou ferrar (colher, amarrar) as duas gáveas (velacho e gávea); "... que o vento crece / Daquela nuvem negra que aparece!": sinal de temporal.
Ort.: *crece* (por *cresce*).

71

Ort.: *indinados* (por *indignados*).

72.4

"Toma grão suma d' água ...": toma grande quantidade de água.

73.3-7

"Os balanços que ... / Deram à nau, num bordo os derribaram": com a violência das ondas os soldados são atirados de encontro a uma das amuradas; a nau é a *S. Gabriel*; "Talhas lhe punham, ...": não chegando três marinheiros para manter o leme nos rumos desejados, são auxiliados pelos companheiros que manobram as talhas, movimentando a cana do leme. Armando as talhas, o leme é manejado com menos esforço. A talha, ou podia ser a corda que se prende à cana do leme do navio, para governar melhor, ou o aparelho de força composto por um cadernal de dois gornes e um moitão (talha singela) ou por dois cadernais de dois gornes (talha dobrada). Os moitões ou cadernais são ligados por cabos (cordas).
Ort.: *creceram* (por *cresceram*).

74.8

"Vendo ...": vendo-se.

75.1-6
"A nau grande, em que vai Paulo da Gama": a nau *S. Rafael;* "Toda a nau de Coelho": a *Bérrio.*
Ort.: *masto* (por *mastro*).

76.4-5
"As íntimas entranhas do Profundo": do Inferno; "Noto, Austro, Bóreas, Áquilo, ...": Noto (νὸτος) e Austro, ventos do sul; Bóreas (βορἐας) e Áquilo, ventos do nordeste.

77.1-5
"As *Alciónias* aves triste canto": *Alcíone,* filha de *Éolo,* rei dos ventos. Seu marido, *Ceíce,* teve de ir consultar um oráculo. Surpreendido por uma tempestade, teve o navio destruído e ele próprio se afogou. O corpo acabou por dar à costa, onde sua mulher o descobriu. De desespero, ela transforma-se em alcião, enquanto descobre o corpo de seu marido. Os deuses, compadecidos, mudaram-nos em aves a ambos. A história vem belamente contada por Ov., *M,* XI.410-748; "Os delfins namorados ...": os golfinhos.

78.3-8
"O grão ferreiro sórdido ..." *Vulcano;* "... que obrou / Do enteado as armas radiantes: *Eneias,* filho de *Anquises,* que, guardando rebanhos no monte Ida, foi amado de *Vénus,* era enteado de *Vulcano,* por este ser o marido da deusa. A rogo desta, *Vulcano* forjou as armas para *Eneias;* "No grão dilúvio ...": refere-se ao dilúvio de que participaram *Deucalião* e *Pirra. Zeus* decidiu enviar ao mundo um grande dilúvio, poupando os dois justos, *Deucalião* e *Pirra.* Construída a "arca", a conselho de *Prometeu,* nela flutuaram durante nove dias e nove noites, acabando por abordar às montanhas da Tessália. Para obterem companheiros foram aconselhados por *Zeus* a lançar por cima dos ombros "os ossos de suas mães", que *Deucalião* interpretou as pedras da *Terra,* mãe universal. E assim nasceram homens e mulheres.

79
Ort.: *indinadas* (por *indignadas*).

80.4-6
"Ora com nova fúria ...": ora que com nova fúria; "*Onde* nenhum

...": quando.
Ort.: *impossíbil,* latinismo (por *impossível*).

81.4-8
"*Por metade das* águas Eritreias": pelo meio das ...; "Tu, que livraste Paulo e o defendeste": "E sendo o navio arrebatado, e não podendo, ir contra o vento, éramos levados, entregue o navio à discrição dos ventos. E, arrojados da corrente a uma pequena ilha, que se chama Cauda, apenas nos podemos assenhorear do bote. Tendo-o trazido a nós, se valiam de todos os meios, cingindo o navio, temerosos de dar na Sirte ..." («Actos dos Apóstolos», XXVII, 15-17); "... o segundo / Povoador do alagado e vácuo mundo": Noé.

82.2-4
"Doutra Cila e Caríbdis já passados": v. II.45.6; "Outros Acroceráunios infamados": cordilheira ao longo da costa do Epiro. Termina em promontório perigoso para a navegação, donde o epíteto de "infamado", isto é, de triste fama. "A Lacinio promunturio secundus Europae sinus incipit magno ambitu flexus et Acroceraunio Epiri finitus promunturio" (Plínio, III.XI.97).

83.1-7
"Oh ditosos aqueles ...": recorda os versos da *Eneida* (I.94-96): "O terque quaterque beati, / quis ante ora patrum Troiae sub moenibus altis / contigit oppetere!"; "De quem se ganha a vida com perdê-la": de quem se alcança a imortalidade, perdendo a vida.

84.4-6
"Pela miúda enxárcia assoviando": a enxárcia são os cabos que aguentam os mastros e mastaréus; "Relâmpados medonhos não cessavam, / Feros trovões, relâmpados e feros trovões não cessavam.
Ort.: *exos,* na edição *princeps* (por *eixos*).

85.1-6
"Mas já a amorosa Estrela cintilava": Vénus é uma *estrela.* Como estrela da manhã, aparece ao romper do dia: "mensageira do dia"; "A Deusa que nos Céus a governava": Vénus; "De quem foge o *ensífero* Orionte": a constelação mensageira da tempestade, o Orionte

ensífero (isto é, armado de espada), foge diante de Vénus, mensageira da bonança. *Oríon* e *Orião* são as formas correctas.

86.3-8
"Tão danada tenção ...": tão danado propósito; "Isto dizendo, dece ao mar aberto": ao alto mar; "Grinaldas nas cabeças pôr de rosas": pôr nas cabeças grinaldas de rosas.
Ort.: *dece* (por *desce*).

87.2-6
"Sobre cabelos louros *a porfia*": diligentemente, em profusão; "Dos ventos a *nojosa companhia*": repugnante companhia.
Ort.: *nacem* (por *nascem*); *fermosas* (por *formosas*).

88.2.4.5
Lhe, por *lhes.*

88.8
"Assi disse a belíssima *Oritia*": *Oritia* é uma das *Nereidas,* e não a filha de *Erecteu,* rei de Atenas, raptada por *Bóreas* (v. Ov., *M,* VI.675-722). Hesíodo não a cita entre as suas cinquenta *Nereidas,* mas Homero cita uma filha de Nereu com este nome (*Ilíada,* XVIII.148).

90.1-5
"... a *fermosa Galateia*": outra das *Nereidas;* "E bem crê que com ele tudo acabe": crê conseguir de Noto o que pretende; "Não sabe o *bravo* ...": o fero.
Ort.: *fermosa* (por *formosa*).

91.5-8
"Ele *lhe* prometeu, ...": *lhes* prometeu; "Nas belas mãos tomando-*lhe* homenagem / De *lhe* serem leais esta viagem": os dois *lhe* estão por *lhes. Vénus* exige-lhes em juramento um preito de lealdade.

92.2-3
"Por onde o Ganges murmurando soa": o mais notável rio da Índia, considerado sagrado pelos naturais; "Quando da *celsa* gávea ...": quando da alta ou aérea gávea (*celsa* é latinismo). A gávea é um cesto, espécie de plataforma, no alto de um mastro (de vante). A 20 de

Maio chegavam os navegadores à vista de Calecute (v. Castanheda, I.13) e dos primeiros / Mares ..."; dos mares já passados.

93.2-6

"... que aparece": liga-se *a terra;* "De ledo em ver que a terra *se conhece*": é conhecida.
Ort.: *giolhos* (por *joelhos*); *agardeceu* (por *agradeceu*).

94

Ort.: *exprimentava* (por *experimentava*). *Asinha:* depressa (*arcaico*).

95.8

"Animais de Moscóvia zibelinos": isto é, os animais de pele de zibelina. Variedade de marta, também chamada *marta zibelina.* No tempo de Camões Moscóvia era certamente o centro comercial daqueles artigos.

97.5

"... *os torpes* frios ...": que entorpecem. O Poeta lembrou-se de *torpidus* (de *torpeo*) e não de *turpis.*

98.8

"... *virtude* justa e dura": merecimento.
Ort.: *baxo* (por *baixo*); *afeitos* (por *afectos*).

VII

1 **J**Á se viam chegados junto à terra
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as correntes Índicas se encerra
E o Ganges, que no Céu terreno mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora:
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante!

2 A vós, ó geração de Luso, digo,
Que tão pequena parte sois no mundo,
Não digo inda no mundo, mas no amigo
Curral de Quem governa o Céu rotundo;
Vós, a quem não sòmente algum perigo
Estorva conquistar o povo imundo,
Mas nem cobiça ou pouca obediência
Da Madre que nos Céus está em essência;

3 Vós, Portugueses, poucos quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais;
Vós, que, à custa de vossas várias mortes,
A lei da vida eterna dilatais:
Assi do Céu deitadas são as sortes
Que vós, por muito poucos que sejais,
Muito façais na santa Cristandade.
Que tanto, ó Cristo, exaltas a humildade!

4 Vede'los Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apacenta;
Do sucessor de Pedro rebelado,
Novo pastor e nova seita inventa;
Vede'lo em feias guerras ocupado,
Que inda co cego error se não contenta,
Não contra o superbíssimo Otomano,
Mas por sair do jugo soberano.

5 Vede'lo duro Inglês, que se nomeia
Rei da velha e santíssima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhoreia
(Quem viu honra tão longe da verdade?),
Entre as Boreais neves se recreia,
Nova maneira faz de Cristandade:
Pera os de Cristo tem a espada nua,
Não por tomar a terra que era sua.

6 Guarda-lhe, por entanto, um falso Rei
A cidade Hierosólima terreste,
Enquanto ele não guarda a santa Lei
Da cidade Hierosólima celeste.
Pois de ti, Galo indino, que direi?
Que o nome «Cristianíssimo» quiseste,
Não pera defendê-lo nem guardá-lo,
Mas pera ser contra ele e derribá-lo!

7 Achas que tens direito em senhorios
De Cristãos, sendo o teu tão largo e tanto,
E não contra o Cinífio e Nilo rios,
Inimigos do antigo nome santo?
Ali se hão-de provar da espada os fios
Em quem quer reprovar da Igreja o canto.
De Carlos, de Luís, o nome e a terra
Herdaste, e as causas não da justa guerra?

8 Pois que direi daqueles que em delícias,
Que o vil ócio no mundo traz consigo,
Gastam as vidas, logram as divícias,
Esquecidos do seu valor antigo?
Nascem da tirania inimicícias,
Que o povo forte tem, de si inimigo.
Contigo, Itália, falo, já sumersa
Em vícios mil, e de ti mesma adversa.

9 Ó míseros Cristãos, pola ventura
Sois os dentes, de Cadmo desparzidos,
Que uns aos outros se dão à morte dura,
Sendo todos de um ventre produzidos?
Não vedes a divina Sepultura
Possuída de Cães, que, sempre unidos,
Vos vêm tomar a vossa antiga terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?

10 Vedes que têm por uso e por decreto,
Do qual são tão inteiros observantes,
Ajuntarem o exército inquieto
Contra os povos que são de Cristo amantes;
Entre vós nunca deixa a fera Aleto
De samear cizânias repugnantes.
Olhai se estais seguros de perigos,
Que eles, e vós, sois vossos inimigos.

11 Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheias,
Não vedes que Pactolo e Hermo rios
Ambos volvem auríferas areias?
Em Lídia, Assíria, lavram de ouro os fios;
África esconde em si luzentes veias;
Mova-vos já, sequer, riqueza tanta,
Pois mover-vos não pode a Casa Santa.

12 Aquelas invenções, feras e novas,
De instrumentos mortais da artelharia
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Bizâncio e de Turquia.
Fazei que torne lá às silvestres covas
Dos Cáspios montes e da Cítia fria
A Turca geração, que multiplica
Na polícia da vossa Europa rica.

13 Gregos, Traces, Arménios, Georgianos,
Bradando vos estão que o povo bruto
Lhe obriga os caros filhos aos profanos
Preceptos do Alcorão (duro tributo!).
Em castigar os feitos inumanos
Vos gloriai de peito forte e astuto,
E não queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

14 Mas, entanto que cegos e sedentos
Andais de vosso sangue, ó gente insana,
Não faltarão Cristãos atrevimentos
Nesta pequena casa Lusitana:
De África tem marítimos assentos;
É na Ásia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara;
E, se mais mundo houvera, lá chegara.

15 E vejamos, entanto, que acontece
Àqueles tão famosos navegantes,
Despois que a branda Vénus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes;
Despois que a larga terra lhe aparece,
Fim de suas perfias tão constantes,
Onde vem samear de Cristo a lei
E dar novo costume e novo Rei.

16 Tanto que à nova terra se chegaram,
Leves embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram
De Calecu, onde eram moradores.
Pera lá logo as proas se inclinaram,
Porque esta era a cidade, das milhores
Do Malabar, milhor, onde vivia
O Rei que a terra toda possuía.

17 Além do Indo jaz e aquém do Gange
Um terreno mui grande e assaz famoso
Que pela parte Austral o mar abrange
E pera o Norte o Emódio cavernoso.
Jugo de Reis diversos o constrange
A várias leis: alguns o vicioso
Mahoma, alguns os Ídolos adoram,
Alguns os animais que entre eles moram.

18 Lá bem no grande monte que, cortando
Tão larga terra, toda Ásia discorre,
Que nomes tão diversos vai tomando
Segundo as regiões por onde corre,
As fontes saem donde vêm manando
Os rios cuja grão corrente morre
No mar Índico, e cercam todo o peso
Do terreno, fazendo-o quersoneso.

19 Entre um e o outro rio, em grande espaço
Sai da larga terra ũa longa ponta,
Quási piramidal, que, no regaço
Do mar, com Ceilão ínsula confronta;
E junto donde nasce o largo braço
Gangético, o rumor antigo conta
Que os vizinhos, da terra moradores,
Do cheiro se mantêm das finas flores.

20 Mas agora, de nomes e de usança
Novos e vários são os habitantes:
Os Deliis, os Patanes, que em possança
De terra e gente, são mais abundantes;
Decanis, Oriás, que a esperança
Têm de sua salvação nas ressonantes
Águas do Gange; e a terra de Bengala,
Fértil de sorte que outra não lhe iguala;

21 O Reino de Cambaia belicoso
(Dizem que foi de Poro, Rei potente);
O Reino de Narsinga, poderoso
Mais de ouro e pedras que de forte gente.
Aqui se enxerga, lá do mar undoso,
Um monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará vive seguro.

22 Da terra os naturais lhe chamam Gate,
Do pé do qual, pequena quantidade,
Se estende ũa fralda estreita, que
Do mar a natural ferocidade.
Aqui de outras cidades, sem debate,
Calecu tem a ilustre dignidade
De cabeça de Império, rica e bela;
Samorim se intitula o senhor dela.

23 Chegada a frota ao rico senhorio,
Um Português, mandado, logo parte
A fazer sabedor o Rei gentio
Da vinda sua a tão remota parte.
Entrando o mensageiro pelo rio
Que ali nas ondas entra, a não vista arte,
A cor, o gesto estranho, o trajo novo,
Fez concorrer a vê-lo todo o povo.

24 Entre a gente que a vê-lo concorria,
Se chega um Mahometa, que nascido
Fora na região da Berberia,
Lá onde fora Anteu obedecido.
(Ou, pela vezinhança, já teria
O Reino Lusitano conhecido,
Ou foi já assinalado de seu ferro;
Fortuna o trouxe a tão longo desterro).

25 Em vendo o mensageiro, com jocundo
Rosto, como quem sabe a língua Hispana,
Lhe disse: – «Quem te trouxe a estoutro mundo,
Tão longe da tua pátria Lusitana?»
– «Abrindo (lhe responde) o mar profundo
Por onde nunca veio gente humana;
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei divina se acrecente.»

26 Espantado ficou da grão viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as opressões que na passagem
Do mar o Lusitano lhe contava.
Mas vendo, enfim, que a força da mensagem
Só pera o Rei da terra relevava,
Lhe diz que estava fora da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade;

27 E que, entanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria,
Na sua pobre casa repousasse
E do manjar da terra comeria;
E despois que se um pouco recreasse,
Co ele pera a armada tornaria,
Que alegria não pode ser tamanha
Que achar gente vizinha em terra estranha.

28 O Português aceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe oferece;
Como se longa fora já a amizade,
Co ele come e bebe e lhe obedece.
Ambos se tornam logo da cidade
Pera a frota, que o Mouro bem conhece.
Sobem à capitaina, e toda a gente
Monçaide recebeu benignamente.

29 O Capitão o abraça, em cabo ledo,
Ouvindo clara a língua de Castela;
Junto de si o assenta e, pronto e quedo,
Pela terra pergunta e cousas dela.
Qual se ajuntava em Ródope o arvoredo,
Só por ouvir o amante da donzela
Eurídice, tocando a lira de ouro,
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

30 Ele começa: – «Ó gente, que a Natura
Vizinha fez de meu paterno ninho,
Que destino tão grande ou que ventura
Vos trouxe a cometerdes tal caminho?
Não é sem causa, não, oculta e escura,
Vir do longinco Tejo e ignoto Minho,
Por mares nunca doutro lenho arados,
A Reinos tão remotos e apartados.

31 «Deus, por certo, vos traz, porque pretende
Algum serviço seu por vós obrado;
Por isso só vos guia e vos defende
Dos imigos, do mar, do vento irado.
Sabei que estais na Índia, onde se estende
Diverso povo, rico e prosperado
De ouro luzente e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

32 «Esta província, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama;
Do culto antigo os Ídolos adora,
Que cá por estas partes se derrama;
De diversos Reis é, mas dum só fora
Noutro tempo, segundo a antiga fama:
Saramá Perimal foi derradeiro
Rei que este Reino teve unido e inteiro.

33 «Porém, como a esta terra então viessem
De lá do seio Arábico outras gentes
Que o culto Mahomético trouxessem,
No qual me instituíram meus parentes,
Sucedeu que, prègando, convertessem
O Perimal; de sábios e eloquentes,
Fazem-lhe a Lei tomar com fervor tanto
Que pros[s]upôs de nela morrer santo.

34 «Naus arma e nelas mete, curioso,
Mercadoria que ofereça, rica,
Pera ir nelas a ser religioso
Onde o Profeta jaz que a Lei pubrica.
Antes que parta, o Reino poderoso
Cos seus reparte, porque não lhe fica
Herdeiro próprio; faz os mais aceitos
Ricos, de pobres; livres, de sujeitos.

35 «A um Cochim e a outro Cananor,
A qual Chale, a qual a Ilha da Pimenta,
A qual Coulão, a qual dá Cranganor,
E os mais, a quem o mais serve e contenta.
Um só moço, a quem tinha muito amor,
Despois que tudo deu, se lhe apresenta:
Pera este Calecu sòmente fica,
Cidade já por trato nobre e rica.

36 «Esta lhe dá, co título excelente
De Emperador, que sobre os outros mande.
Isto feito, se parte diligente
Pera onde em santa vida acabe e ande.
E daqui fica o nome de potente
Çamori, mais que todos dino e grande,
Ao moço e descendentes, donde vem
Este que agora o Império manda e tem.

37 «A Lei da gente toda, rica e pobre,
De fábulas composta se imagina.
Andam nus e sòmente um pano cobre
As partes que a cobrir Natura ensina.
Dous modos há de gente, porque a nobre
Naires chamados são, e a menos dina
Poleás tem por nome, a quem obriga
A Lei não mesturar a casta antiga;

38 «Porque os que usaram sempre um mesmo ofício,
De outro não podem receber consorte;
Nem os filhos terão outro exercício
Senão o de seus passados, até morte.
Pera os Naires é, certo, grande vício
Destes serem tocados; de tal sorte
Que, quando algum se toca porventura,
Com cerimónias mil se alimpa e apura.

39 «Desta sorte o judaico povo antigo
Não tocava na gente de Samária.
Mais estranhezas inda das que digo
Nesta terra vereis de usança vária.
Os Naires sós são dados ao perigo
Das armas; sós defendem da contrária
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga e na direita a espada.

40 «Brâmenes são os seus religiosos,
Nome antigo e de grande preminência;
Observam os preceitos tão famosos
Dum que primeiro pôs nome à ciência;
Não matam cousa viva e, temerosos,
Das carnes têm grandíssima abstinência.
Sòmente no Venéreo ajuntamento
Têm mais licença e menos regimento.

41 «Gerais são as mulheres, mas sòmente
Pera os da geração de seus maridos
(Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciúmes ofendidos!)
Estes e outros costumes vàriamente
São pelos Malabares admitidos.
A terra é grossa em trato, em tudo aquilo
Que as ondas podem dar, da China ao Nilo.»

42 Assi contava o Mouro; mas vagando
Andava a fama já pela cidade
Da vinda desta gente estranha, quando
O Rei saber mandava da verdade.
Já vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo e idade,
Os principais que o Rei buscar mandara
O Capitão da armada que chegara.

43 Mas ele, que do Rei já tem licença
Pera desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portugueses, sem detença
Parte, de ricos panos adornado.
Das cores a fermosa diferença
A vista alegra ao povo alvoroçado;
O remo compassado fere frio
Agora o mar, despois o fresco rio.

44 Na praia um regedor do Reino estava
Que, na sua língua, «Catual» se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama.
Já na terra, nos braços o levava
E num portátil leito ũa rica cama
Lhe oferece em que vá (costume usado),
Que nos ombros dos homens é levado.

45 Destarte o Malabar, destarte o Luso,
Caminham lá pera onde o Rei o espera;
Os outros Portugueses vão ao uso
Que infantaria segue, esquadra fera.
O povo que concorre vai confuso
De ver a gente estranha, e bem quisera
Perguntar; mas, no tempo já passado,
Na Torre de Babel lhe foi vedado.

46 O Gama e o Catual iam falando
Nas cousas que lhe o tempo oferecia;
Monçaide, entr' eles, vai interpretando
As palavras que de ambos entendia.
Assi pela cidade caminhando,
Onde ũa rica fábrica se erguia
De um sumptuoso templo já chegavam,
Pelas portas do qual juntos entravam.

47 Ali estão das Deidades as figuras,
Esculpidas em pau e em pedra fria,
Vários de gestos, vários de pinturas,
A segundo o Demónio lhe fingia;
Vêm-se as abomináveis esculturas,
Qual a Quimera em membros se varia;
Os cristãos olhos, a ver Deus usados
Em forma humana, estão maravilhados.

48 Um, na cabeça cornos esculpidos,
Qual Júpiter Amon em Líbia estava;
Outro, num corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antigo Jano se pintava;
Outro, com muitos braços divididos,
A Briareu parece que imitava;
Outro, fronte canina tem de fora,
Qual Anúbis Menfítico se adora.

49 Aqui feita do bárbaro Gentio
A supersticiosa adoração,
Direitos vão, sem outro algum desvio,
Pera onde estava o Rei do povo vão.
Engrossando-se vai da gente o fio
Cos que vêm ver o estranho Capitão.
Estão pelos telhados e janelas
Velhos e moços, donas e donzelas.

50 Já chegam perto, e não [com] passos lentos,
Dos jardins odoríferos fermosos,
Que em si escondem os régios apousentos,
Altos de torres não, mas sumptuosos;
Edificam-se os nobres seus assentos
Por entre os arvoredos deleitosos:
Assi vivem os Reis daquela gente,
No campo e na cidade juntamente.

51 Pelos portais da cerca a sutileza
Se enxerga da Dedálea facultade,
Em figuras mostrando, por nobreza,
Da Índia a mais remota antiguidade.
Afiguradas vão com tal viveza
As histórias daquela antiga idade,
Que quem delas tiver notícia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

52 Estava um grande exército, que pisa
A terra Oriental que o Idaspe lava;
Rege-o um capitão de fronte lisa,
Que com frondentes tirsos pelejava
(Por ele edificada estava Nisa
Nas ribeiras do rio que manava),
Tão próprio que, se ali estiver Semele,
Dirá, por certo, que é seu filho aquele.

53 Mais avante, bebendo, seca o rio
Mui grande multidão da Assíria gente,
Sujeita a feminino senhorio
De ũa tão bela como incontinente.
Ali tem, junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz ginete ardente
Com quem teria o filho competência.
Amor nefando, bruta incontinência!

54 Daqui mais apartadas, tremulavam
As bandeiras de Grécia gloriosas
(Terceira Monarquia), e sojugavam
Até as águas Gangéticas undosas.
Dum capitão mancebo se guiavam,
De palmas rodeado valerosas,
Que já não de Filipo, mas, sem falta,
De progénie de Júpiter se exalta.

55 Os Portugueses vendo estas memórias,
Dizia o Catual ao Capitão:
– «Tempo cedo virá que outras vitórias
Estas que agora olhais abaterão;
Aqui se escreverão novas histórias
Por gentes estrangeiras que virão;
Que os nossos sábios magos o alcançaram
Quando o tempo futuro especularam.

56 «E diz-lhe mais a mágica ciência
Que, pera se evitar força tamanha,
Não valerá dos homens resistência,
Que contra o Céu não val da gente manha;
Mas também diz que a bélica excelência,
Nas armas e na paz, da gente estranha
Será tal, que será no mundo ouvido
O vencedor por glória do vencido».

57 Assi falando, entravam já na sala
Onde aquele potente Emperador
Nũa camilha jaz, que não se iguala
De outra algũa no preço e no lavor.
No recostado gesto se assinala
Um venerando e próspero senhor;
Um pano de ouro cinge, e na cabeça
De preciosas gemas se adereça.

58 Bem junto dele, um velho reverente,
Cos giolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da erva ardente,
Que a seu costume estava ruminando.
Um Brâmene, pessoa preminente,
Pera o Gama vem com passo brando,
Pera que ao grande Príncipe o apresente,
Que diante lhe acena que se assente.

59 Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais afastados, pronto em vista
Estava o Samori no trajo e jeito
Da gente, nunca de antes dele vista.
Lançando a grave voz do sábio peito,
Que grande autoridade logo aquista
Na opinião do Rei e do povo todo,
O Capitão lhe fala deste modo:

60 – «Um grande Rei, de lá das partes onde
O Céu volúbil, com perpétua roda,
Da terra a luz solar co a Terra esconde,
Tingindo, a que deixou, de escura noda,
Ouvindo do rumor que lá responde
O eco, como em ti da Índia toda
O principado está e a majestade,
Vínculo quer contigo de amizade.

61 «E por longos rodeios a ti manda
Por te fazer saber que tudo aquilo
Que sobre o mar, que sobre as terras anda,
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo,
E desd' a fria plaga de Gelanda
Até bem donde o Sol não muda o estilo
Nos dias, sobre a gente de Etiópia,
Tudo tem no seu Reino em grande cópia.

62 «E se queres, com pactos e lianças
De paz e de amizade, sacra e nua,
Comércio consentir das abondanças
Das fazendas da terra sua e tua,
Por que creçam as rendas e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
De vossos Reinos, será certamente
De ti proveito, e dele glória ingente.

63 «E sendo assi que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará pronto a toda adversidade
Que por guerra a teu Reino se ofereça,
Com gente, armas e naus, de qualidade
Que por irmão te tenha e te conheça;
E da vontade em ti sobr' isto posta
Me dês a mi certíssima resposta.»

64 Tal embaxada dava o Capitão,
A quem o Rei gentio respondia
Que, em ver embaxadores de nação
Tão remota, grão glória recebia;
Mas neste caso a última tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo de quem era
O Rei e a gente e terra que dissera;

65 E que, entanto, podia do trabalho
Passado ir repousar; e em tempo breve
Daria a seu despacho um justo talho,
Com que a seu Rei reposta alegre leve.
Já nisto punha a noite o usado atalho
Às humanas canseiras, por que ceve
De doce sono os membros trabalhados,
Os olhos ocupando, ao ócio dados.

66 Agasalhados foram juntamente
O Gama e Portugueses no apousento
Do nobre Regedor da Índica gente,
Com festas e geral contentamento.
O Catual, no cargo diligente
De seu Rei, tinha já por regimento
Saber da gente estranha donde vinha,
Que costumes, que lei, que terra tinha.

67 Tanto que os ígneos carros do fermoso
Mancebo Délio viu, que a luz renova,
Manda chamar Monçaide, desejoso
De poder-se informar da gente nova.
Já lhe pergunta, pronto e curioso,
Se tem notícia inteira e certa prova
Dos estranhos, quem são; que ouvido tinha
Que é gente de sua pátria mui vizinha;

68 Que particularmente ali lhe desse
Informação mui larga, pois fazia
Nisso serviço ao Rei, por que soubesse
O que neste negócio se faria.
Monçaide torna: – «Posto que eu quisesse
Dizer-te disto mais, não saberia;
Sòmente sei que é gente lá de Espanha,
Onde o meu ninho e o Sol no mar se banha.

69 «Tem a lei dum Profeta que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da mãe, tal que por bafo está aprovado
Do Deus que tem do Mundo o regimento.
O que entre meus antigos é vulgado
Deles, é que o valor sanguinolento
Das armas no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece.

70 «Porque eles, com virtude sobre-humana,
Os deitaram dos campos abundosos
Do rico Tejo e fresca Guadiana,
Com feitos memoráveis e famosos;
E não contentes inda, e na Africana
Parte, cortando os mares procelosos,
Nos não querem deixar viver seguros,
Tomando-nos cidades e altos muros.

71 «Não menos têm mostrado esforço e manha
Em quaisquer outras guerras que aconteçam,
Ou das gentes belígeras de Espanha,
Ou lá dalguns que do Pirene deçam.
Assi que nunca, enfim, com lança estranha
Se tem que por vencidos se conheçam;
Nem se sabe inda, não, te afirmo e asselo,
Pera estes Anibais nenhum Marcelo.

72 «E s' esta informação não for inteira
Tanto quanto convém, deles pretende
Informar-te, que é gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja e ofende;
Vai ver-lhe a frota, as armas e a maneira
Do fundido metal que tudo rende,
E folgarás de veres a polícia
Portuguesa, na paz e na milícia.»

73 Já com desejos o Idolátra ardia
De ver isto que o Mouro lhe contava;
Manda esquipar batéis, que ir ver queria
Os lenhos em que o Gama navegava.
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira geração, que o mar coalhava;
À capitaina sobem, forte e bela,
Onde Paulo os recebe a bordo dela.

74 Purpúreos são os toldos, e as bandeiras
Do rico fio são que o bicho gera;
Nelas estão pintadas as guerreiras
Obras que o forte braço já fizera;
Batalhas têm campais aventureiras,
Desafios cruéis, pintura fera,
Que, tanto que ao Gentio se apresenta,
A tento nela os olhos apacenta.

75 Pelo que vê pergunta; mas o Gama
Lhe pedia primeiro que se assente
E que aquele deleite que tanto ama
A seita Epicureia experimente.
Dos espumantes vasos se derrama
O licor que Noé mostrara à gente;
Mas comer o Gentio não pretende,
Que a seita que seguia lho defende.

76 A trombeta, que, em paz, no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares;
Co fogo o diabólico instrumento
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
Tudo o Gentio nota; mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homens que, em retrato breve,
A muda poesia ali descreve.

77 Alça-se em pé, co ele o Gama junto,
Coelho de outra parte e o Mauritano;
Os olhos põe no bélico trasunto
De um velho branco, aspeito venerando,
Cujo nome não pode ser defunto
Enquanto houver no mundo trato humano:
No trajo a Grega usança está perfeita;
Um ramo, por insígnia, na direita.

78 Um ramo na mão tinha... Mas, ó cego,
Eu, que cometo, insano e temerário,
Sem vós, Ninfas do Tejo e do Mondego,
Por caminho tão árduo, longo e vário!
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar, com vento tão contrário
Que, se não me ajudais, hei grande medo
Que o meu fraco batel se alague cedo.

79 Olhai que há tanto tempo que, cantando
O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,
A Fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo e novos danos:
Agora o mar, agora experimentando
Os perigos Mavórcios inumanos,
Qual Cánace, que à morte se condena,
Nũa mão sempre a espada e noutra a pena;

80 Agora, com pobreza avorrecida,
Por hospícios alheios degradado;
Agora, da esperança já adquirida,
De novo mais que nunca derribado;
Agora às costas escapando a vida,
Que dum fio pendia tão delgado
Que não menos milagre foi salvar-se
Que pera o Rei Judaico acrecentar-se.

81 E ainda, Ninfas minhas, não bastava
Que tamanhas misérias me cercassem,
Senão que aqueles que eu cantando andava
Tal prémio de meus versos me tornassem:
A troco dos descansos que esperava,
Das capelas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram.

82 Vede, Ninfas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar, com tais favores,
A quem os faz, cantando, gloriosos!
Que exemplos a futuros escritores,
Pera espertar engenhos curiosos,
Pera porem as cousas em memória
Que merecerem ter eterna glória!

83 Pois logo, em tantos males, é forçado
Que só vosso favor me não faleça,
Principalmente aqui, que sou chegado
Onde feitos diversos engrandeça:
Dai-mo vós sós, que eu tenho já jurado
Que não no empregue em quem o não mereça,
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.

84 Nem creiais, Ninfas, não, que fama desse
A quem ao bem comum e do seu Rei
Antepuser seu próprio interesse,
Imigo da divina e humana Lei.
Nenhum ambicioso que quisesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercícios
Usar mais largamente de seus vícios;

85 Nenhum que use de seu pode bastante
Pera servir a seu desejo feio,
E que, por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras que Proteio.
Nem, Camenas, também cuideis que cante
Quem, com hábito honesto e grave, veio,
Por contentar o Rei, no ofício novo,
A despir e roubar o pobre povo!

86 Nem quem acha que é justo e que é direito
Guardar-se a lei do Rei severamente,
E não acha que é justo e bom respeito
Que se pague o suor da servil gente;
Nem quem sempre, com pouco experto peito,
Razões aprende, e cuida que é prudente,
Pera taxar, com mão rapace e escassa,
Os trabalhos alheios que não passa.

87 Aqueles sós direi que aventuraram
Por seu Deus, por seu Rei, a amada vida,
Onde, perdendo-a, em fama a dilataram,
Tão bem de suas obras merecida.
Apolo e as Musas, que me acompanharam,
Me dobrarão a fúria concedida,
Enquanto eu tomo alento, descansado,
Por tornar ao trabalho, mais folgado.

NOTAS

1.3-4
"Que entre as correntes Índicas se encerra / E o Ganges, ...": entre o Indo e o Ganges; "... que no Céu terreno mora": no paraíso terreal.

2.3-6
"... no amigo / Curral de Quem governa o Céu rotundo": é ainda pequena parte dentro do "curral do Senhor", dentro da Igreja Católica; "... não sòmente algum perigo": nenhum perigo; "... conquistar *o povo imundo*": o povo maometano.

3.4
"A lei da vida eterna dilatais": dilatais a religião cristã.

4.1-8
"*Vede'los* Alemães, *soberbo* gado": *vede(s) los,* ind. pr. do v. *ver* com a forma antiga *lo(s). Soberbo* gado, soberbo pelas razões apontadas em 4.3 e 4.8; "Do sucessor de Pedro rebelado": revoltado contra o Pontífice romano; "Novo pastor e nova seita inventa": o *soberbo gado* inventou novo pastor (Lutero, † 1546) e nova seita (o protestantismo); "*Vede'lo* em feias guerras ocupado": *vede(s)* e *lo,* pronome referente a *gado.* As "feias guerras" explicam-se pelo v. 8; "... co cego error": as doutrinas de Lutero; "Mas por sair do jugo soberano": parece que alude à guerra dos protestantes contra Carlos V. *Error* e *superbíssimo* são latinismos. Cf. *soberbíssimo* em X.64.1.

5.1-6
"Vede'lo duro Inglês, que se nomeia": Henrique VIII; "Rei da velha e santíssima Cidade": não parece absolutamente certo que o cruel Henrique VIII se intitulasse "Rei de Jerusalém", a não ser que tal título pertencesse à coroa inglesa; "Nova maneira faz de Cristandade": Henrique VIII estabeleceu a Igreja Anglicana.

6.1-5
"Guarda-lhe, por entanto, um falso Rei": o sultão da Turquia, que não guardava "a santa Lei" da Jerusalém celeste; "Pois de ti, Galo indino, que direi?': a política de Francisco I (Liga com os Turcos) foi muito censurada na Europa e, nomeadamente, em Portugal. Francisco I disputou ainda a Carlos V a coroa da Alemanha e teve lutas com a Itália.
Ort.: *terreste* (talvez por influência de *celeste*).

7.3-7
"E não contra o Cinífio e Nilo rios": o Cinífio é um rio da Líbia, que corre para o Mediterrâneo. Em vez de disputar os senhorios de Cristãos o "Galo indino", deveria disputar o senhorio de Cinífio (Mouros) e do Nilo (Turcos); "Ali se hão-de *provar* da espada os fios / Em quem quer *reprovar* da Igrega o *canto*": o Poeta joga com os verbos *provar* e *reprovar*. Continua a censurar a política de Francisco I: Em vez de *provar* os fios da espada em Mouros e Otomanos, pretende *reprovar* a pedra fundamental da Igreja (o *canto*), que deve ser, aqui, o Cristo; "De Carlos, de Luís, o nome e a terra / Herdaste, ...": Carlos Magno e Luís IX (S. Luís).

8.1-6
"Pois que direi daqueles que em delícias": dirige-se o Poeta à Itália; "Gastam as vidas, logram *as divícias*": as riquezas; "Nascem da tirania inimicícias, / Que o povo forte tem, de si inimigo": FS comenta: "... as quais tiranias ou inimizade procedente delas tem ou torna inimigo de si o povo forte."
Ort.: *sumersa* (por *submersa*). Latinismos: *divícias* e *inimicícias*.

9.1-6
"Ó míseros Cristãos, ... / Sois os dentes, de *Cadmo* desparzidos": sois os dentes desparzidos por *Cadmo?* Tendo de sacrificar a vaca que lhe indicou o local da cidade a construir (Tebas), *Cadmo* mandou alguns companheiros à *Fonte de Ares,* guardada por um dragão, que os devorou. *Cadm*o matou o dragão. *Atena* apareceu-lhe e aconselhou-o a semear os dentes do animal, o que ele fez, e imediatamente da terra brotaram homens armados. Estes homens eram ameaçadores e *Cadmo* imaginou lançar pedras para o meio deles. Não vendo quem os feria, acusaram-se recìprocamente e massacraram-se. Ficaram *cinco,* que ajudaram *Cadmo* a fundar Tebas; "Sendo todos de *um ventre* produzidos?": figuradamente, dado que os

dentes nasceram na terra; "Não vedes a divina Sepultura / Possuída de Cães ...": Jerusalém ficou na posse do império otomano a partir de 1517. A indignação provocada pela posse do túmulo de Cristo em mãos de "cães" é um tópico da poesia italiana: Petrarca, Ariosto, etc. Sá de Miranda referiu-se também a este assunto na égloga "Célia". V. FS.

10.5-6

"Entre vós nunca deixa a fera *Aleto* / De samear ...": *Alecto* é uma das três *Fúrias;* "... cizânias *repugnantes*": *repugnantes,* que lutam umas contra as outras (latinismo).
Ort.: *samear* (por *semear*).

11.3-4

"Não vedes que *Pactolo* e *Hermo* rios": *Pactolo,* rio da Lídia; *Hermo,* rio da Lídia, de que o *Pactolo* é afluente. *Lídia*, província da Ásia Menor; "Ambos volvem auríferas areias?": Juvenal: "Et rutila Pactolus volvit arena" (FS). Ariosto fala no "ouro fino" do Pactolo e do Hermo (FS).

12.4-8

"Nos muros de *Bizâncio* e de Turquia": *Bizâncio,* Constantinopla; "Dos Cáspios montes e da Cítia fria": povo que habitava ao norte, entre o mar Cáspio e a Tartária. Região indeterminada, assim como indeterminada é a situação dos montes Cáspios; "... que multiplica / Na polícia da vossa Europa rica": a "polícia" europeia. A sua civilização era maculada pela presença dos Turcos, que se difundiam cada vez mais.

13.1-8

"Gregos, Traces, Arménios, Georgianos": continuando a dirigir-se aos divididos povos europeus, o Poeta chama a atenção para os "feitos inumanos" (desumanos) do "povo bruto" (selvagem), que obriga gregos, trácios, arménios e georgianos (ao sul do Cáucaso) a educarem seus filhos nos preceitos do *Alcorão. Preceptos* (por *preceitos*) é latinismo.

14.3-7

"Não *faltarão* Cristãos atrevimentos": ED e JMR escreveram *faltaram.* Mas o Poeta escreveu *andais* (v. 2), e não *andastes.* Os "atrevimentos"

dos Portugueses constituem uma actividade permanente (passada, presente e futura); "Na quarta parte nova os campos ara": no Brasil.

15.4
"O furor vão dos ventos repugnantes": como em VI.35.7 e VII.10.6; mas a "fúria" dos "ventos repugnantes" tornou-se em "furor vão" depois que *Vénus,* com a sua brandura, "enfraqueceu" a fúria dos ventos.
Ort.: *despois* (por *depois*); *perfias* (por *porfias*); *samear* (por *semear*).

16.1
"Tanto que à nova terra se chegaram": "E ho piloto Guzarate disse a Vasco da Gama que aquela gente erão pescadores" (Castanheda, I.XIII). Vasco da Gama estava em Calecute aos 20 de Maio de 1498.

17.1-7
"Além do Indo jaz e aquém do Gange": o Poeta traça os limites da Índia. Para o norte o "Emódio" (*Hemodus* ou *Emodus*), parte do Himalaia; envolve-o a oriente e a ocidente o oceano Índico (golfo de Bengala a oriente e mar Arábico a ocidente); "... alguns o *vicioso* / Mahoma, ...": corrompido (na fé). Cf. em I.2.3 "as terras viciosas".
Ort.: *milhor* (por *melhor*).

18.1-8
"Lá bem no grande monte que, cortando": só pode tratar-se do Emódio cavernoso" ou Himalaia, donde saem as fontes do Indo e do Ganges; "... e cercam todo o peso / Do terreno, fazendo-o quersoneso": o Indo vem de norte para ocidente e o Ganges de norte para oriente. Toda a terra da Índia abaixo desses rios até ao Índico forma uma península (quersoneso). "A qual região as correntes destes dous rios per hũa parte, & o grãde Oceano Indico per outra a cercão de maneira, q̃ quasi fica hũa chersoneso" (Barros, I.IV.Vll).

19.1-8
"Entre um e o outro rio, ... / Sai da larga terra ũa longa ponta, / Quási piramidal, ...": desde as margens dos dois grandes rios a terra da Índia vem-se estreitando até tomar quase a forma de pirâmide, cuja ponta confronta com a ilha de Ceilão; "... o rumor antigo conta / Que os vizinhos, ... / Do cheiro se mantêm das finas flores": na

composição *Querendo escrever um dia* o Poeta refere a lenda nestes termos:

> *Escrevem vários autores,*
> *que, junto da clara fonte*
> *do Ganges, os moradores*
> *vivem do cheiro das flores*
> *que nacem naquele monte.*
> *Se os sentidos podem dar*
> *mantimento ao viver,*
> *não é, logo, d' espantar,*
> *se estes vivem de cheirar,*
> *que viv'eu só de vos ver.*

(*Rimas,* mihi, p. 8)

"ad extremos fines Indiae ab oriente circa fontem Gangis Astomorum gentem sine ore, corpore toto hirtam, vestiri frondium lanugine, halitu tantum viventem et odore quem naribus trahant; nullum illis cibum nullumque potum, radicum tantum florumque varios odores et silvestrium malorum, quae secum portant longiore itinere ne desit olfactus» (Plínio, *NH,* VII.25).

20.3-7

"Os *Deliis,* os *Patanes* ...": os *Deliis,* os moradores de Deli; os *Patanes,* de Patna; "*Decanis, Oriás, ...*": *Decanis,* os de Decão; *Oriás,* povos ao longo do rio Ganges; "... e a terra de Bengala": a leste. Junto ao *gangeticus sinus* dos Antigos. Cap. *Calcutá.*

21.1-8

"O Reino de Cambaia belicoso": "Guzarate a que cõmũmente chamamos Cambaia" (Barros, I.IV.VII). Fica no golfo do mesmo nome; "(Dizem que foi de Poro, Rei potente)": Poro, rei do Panjabe, e não de Cambaia, vencido por Alexandre Magno; "O Reino de Narsinga, poderoso": MC diz: "O Reyno de Narsinga chamado por outro nome Bisnagà, da grandissima cidade Bisnaga cabeça, & Metropoli do Reyno, pelo concurso & tratto de gente, & pela abundancia de todas as cousas necessarias ..."; "Um monte alto, que corre longamente ...": é a cadeia do Gate, que corre de norte a sul pela costa do mar e sempre à vista dele até ir acabar no cabo

Comoti. "Entre esta serra Gate & o mar", diz MC, "está uma cinta de terra que será larga de dez Léguas (mais aqui, menos noutro lugar), a qual se chama Malabar e onde está situada a cidade Calecut." "Este Gate", acrescenta MC, "serve aos moradores do Malabar de muro & defensão contra os moradores do Reyno Bisnagà (ou Canará)." *Canará,* reino ao sul do Decão.

22.1-3

"Do pé do qual, *pequena quantidade*": a pequena distância; "Se estende ũa *fralda estreita* ...": é a faixa de terra, "chã e alagadiça", entre o pé da "corda de montes" e a costa do mar (v. Barros, I.IV.VII).

23.1-6

"Chegada a frota ao rico senhorio / Um Português, mandado, logo parte": 'Surto Vasco da Gama fora do arrecife de Calicut nas mesmas almadias que ho ali trouverão mandou hũ dos degradados q̃ levava a Calicut" (Castanheda, I.XV); a *não vista arte*": o singular aspecto.

24.1-4

"Entre a gente que a vê-lo concorria, / Se chega um Mahometa, ...": Monçaide, natural do reino de Tunes. Castanheda diz que foi o degradado que entrou em casa de Monçaide (ou Bõtaibo); "Lá onde fora Anteu obedecido": v. III.77.4.

27.3-6

"Na sua pobre casa repousasse / E do manjar da terra comeria; / E despois que se um pouco recreasse, / Co ele pera a armada tornaria". "E agasalhou ho, & mandoulhe dar de comer hũs bolos de farinha de trigo, a que os Malabares chamão apas, & coeles mel. E despois que comeo, disselhe Bõtaibo q̃ se tornasse pera as naos, & q̃ iria coele a ver Vasco da gama, & assi ho fez" (Castanheda, I.XV).

29.1-7

"O Capitão o abraça, ...": "& Vasco da gama ho abraçou, & o fez assentar a par de si (Castanheda, I.XV); "... em cabo ledo": extremamente ledo; "Qual se ajuntava em Ródope o arvoredo": o Poeta fala de *Orfeu,* marido, e não amante ("amante" no sentido de marido apaixonado), de *Eurídice,* que cantava de tal maneira que o arvoredo se juntava para o ouvir em Ródope (montanha da Trácia);

"... *donzela* / Eurídice ...": o mesmo sentido que em III.127.2 e III.134.6.

30.6
Ort.: *longinco* (por *longínquo*).

31-3-7
"Por isso só ...": só por isso; "Diverso povo, rico e prosperado / De ouro luzente ...": povos diversos.
Ort.: *imigos* (por *inimigos*).

32.1-7
"Esta província, cujo porto agora / Tomado tendes ...": o Monçaide conta a história de Saramá Perimal, que vem em Barros, I.IX.III. Castanheda conta a história, mas chama o rei Sarranaperima (v. I.XIII); "Saramá Perimal foi derradeiro": devia estar "o derradeiro" se a métrica o consentisse.

33.2-6
"De lá do *seio Arábico* ...": mar Roxo; "... de sábios e eloquentes": de tal modo sábios e eloquentes.
Ort.: *pros[s]upôs* (por *pressupôs*).

34.1-4
"Naus arma e nelas mete, *curioso*": cuidadoso (latinismo); "Pera ir nelas a ser religioso / Onde o Profeta jaz que a Lei pubrica". O Perimal determinou de ir morrer na casa de Meca (Castanheda, I.XIII).
Ort.: *pubrica* (por *publica*).

35.2
"A qual Chale, a qual a Ilha da Pimenta": foi a primeira acção guerreira do Poeta na Índia, como diz na Elegia I:

Que ña ilha que o rei de Porcá tem,
que o rei da Pimenta lhe tomara,
fomos tomar-lhe, e sucedeu-nos bem.
.....
Era a ilha com águas alagada,

de modo que se andava em almadias;
enfim, outra Veneza trasladada.

(Rimas, mihi, p. 236)

Chale, povoação a duas léguas de Calecute.

35.4
"E os mais, ...": lugares?

36.4-6
"... acabe e ande": *posterius prius:* ande e acabe; "E daqui fica o nome de potente / Çamori, mais que todos dino e grande": "esta ainda que pequena em termo [Calecute], quis dar a hum sobrinho a q̃ elle maior bẽ queria, & que de menino lhe servira de page cõ hũ novo nome de potencia no secular sobre todolos outros, chamandolhe Çamorij, que entre elles quer dizer o que acerca de nòs emperador" (Barros, I.IX.III).
Ort.: *dino* (por *digno*).

37.1-2
"A Lei da gente toda, rica e pobre, / De fábulas compostas se imagina": parece composta de fábulas, parece fabulosa.
Ort.: *mesturar* (por *misturar*).

38.5-7
"Pera os Naires é, certo, grande vício / Destes serem tocados; ...": tocados dos *poleás,* que é a raça ínfima: "E os vilãos sam obrigados quando vão polas estradas de ir bradando que vão, porque se os Naires vierem lhes digão que se afastem do caminho: e se ho assi nã fazem matãnos os Naires" (Castanheda, I.XIIII); "... de tal sorte / Que, quando algum se toca porventura": que quando algum é tocado por acaso.

39.1-2
"Desta sorte o Judaico povo antigo / Não tocava na gente de Samaria": "Veio uma mulher de Samaria a tirar água. Disse-lhe Jesus: – '*Dá-me de beber* [...]' Disse-lhe logo aquela mulher samaritana: – 'Como, tu, sendo judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?', porque os judeus não comunicam com os

samaritanos." ("S. João", IV.7-9); "Os Naires sós são dados ao perigo / Das armas; ...": "A gẽte de peleja q̃ tem el Rey de Calicut, & assi os reys do Malabar sam Naires, q̃ sam todos fidalgos, & não tem outro officio se não pelejar quando he necessario." (Castanheda, I.XIIII).

40.4

"Dum que primeiro pôs nome à ciência": Pitágoras (do século VI a. C.), que à *sabedoria* chamou *filosofia.* O Poeta diz que os Brâmenes observam os preceitos em vigor entre os pitagóricos, um dos quais era a abstinência de carnes.
Ort.: *preminência* (por *preeminência*).

41.1-7

"Gerais são as mulheres, mas sòmente / Pera os da geração de seus maridos": "os quais sendo do maes nobre sangue de todo o gentio na opinião delles, podesse chamar filhos do vulgo: ca não lhe sabem certo pae, por as molheres dos Naires serem commuas aos de suas dignidades. Porem esta lei não se guarda acerca dos mui nobres, somente entre o povo delles: & he tão geral que despois que hũa molher deste sangue dos Naires he de idade de dez annos em que se ha por apta de ter maridos ...: pode dar entrada em sua casa a quantos Naires quiser, & tambem aos Brammanes que são os seus religiosos" (Barros, I.LIX.III); "*A terra* é grossa em trato, de grande comércio.

43.1-8

"Mas ele, que do Rei já tem licença / Pera desembarcar, ...": "Estando neste porto derâlhe hũ recado do Catual de Calicut, que he como corregedor da corte, que ele era vindo a Pandarane, com outros homes nobres por mandado del rey pera ho acompanharem ate Calicut q̃ podia desembarcar quãdo quisesse" (Castanheda, I.XVI); "O remo compassado fere *frio*": com serenidade, devagar.
Ort.: *fermosa* (por *formosa*); *despois* (por *depois*).

44.1-7

"Na praia um regedor do Reino estava": "embarcou-se Vasco da Gama com os doze q̃ – digo ... que sempre forão tangẽdo – ate ele chegar a terra õde ho Catual ho estava esperando acompanhado de duzentos Naires" (Castanheda, I.XVI); "E num *portátil leito* ũa rica

cama / Lhe oferece ...": andor; "& despois de recebido foy tomado em hũ andor que lhe mandava el Rey de Calicut" (Castanheda, I.XVI).

45.8

"Na Torre de Babel lhe foi vedado": o povo não entendia os Portugueses, por motivo da confusão de línguas na Torre de Babel.

46.5-6

"Assi pela cidade caminhando": o Poeta suprime a jornada pelo rio depois que Vasco da Gama desembarcou e comeu em terra. Embarcando-se numa jangada, tornou a desembarcar mais adiante e a retomar o andor até que o catual o levou a um pagode dos seus ídolos; "Onde ũa rica fábrica se erguia": era o pagode, tomado à primeira vista por um templo cristão. "E parecedo assi a Vasco da Gama, assentou-se em giolhos, & os nossos coele & fizerão oração" a uma imagem que diziam de Santa Maria (Castanheda, I.XVI),

47.1-6

"Ali estão das Deidades as figuras": "E indo por esta igreja virão muytas imagẽs pintadas pelas paredes, & delas tinhão tamanhos dentes que lhe sayão da boca hũa polegada, & outras tinhão quatro braços & eram feas do rosto que pareciãm diabos: o q̃ pos algũa duvida nos nossos de crerem quee era igreja de Christãos" (Castanheda, I.XVI); "*Vários,* de gestos ...": por *várias.* O Poeta teve em mente *deuses;* "Qual a *Quimera* em membros se varia": monstro que vomita fogo de três cabeças, metade leão, metade cabra e a cauda de um dragão.

48.1-2

"Um, na cabeça cornos esculpidos, / Qual Júpiter Amon era Líbia estava":

> *Duxque gregis "dixit" fit Jupiter, unde recurvis*
> *Nunc quoque formatus Libys est cum cornibus Ammon*
>
> (Ov., *M,* V.327-328)

48-3-8

"Outro, num corpo rostos tinha unidos, / Bem como o antigo *Jano*

se pintava": *Jano,* um dos mais antigos deuses de Roma, que se representava provido de dois rostos opostos, um olhando para diante e o outro para trás; "Outro, ... / A *Briareu* parece que imitava": *Briareu* ou *Egéon,* gigante de cem braços; 'Qual *Anúbis Menfítico* se adora": deus egípcio que acompanhava os mortos para as regiões infernais. *Menfítico,* de Mênfis.

49.1-2
"Aqui feita do bárbaro Gentio / A supersticiosa adoração": "E ho Catual & os seus como forão diãte da capela deitarãse no chão de bruços com as mãos por diãte, & isto tres vezes, & despois levãtarãse & fizerão oração ẽ pé." (Castanheda, I.XVI).

50.1-5
"Já chegam perto, e não [com] passos lentos / Dos jardins odoríferos fermosos": "Os paços tirãdo serẽ terreos erã muyto grãdes, & parecião ser hũ fermoso edificio, polos muytos arvoredos q̃ parecião perãtre as casas, & estas erão de muytos & fermosos jardins q̃ avia dentro, ẽ q̃ avia muytas froles & ervas cheirosas, & tanques dagoa pera recreação del rey" (Castanheda, I.XVII); "Edificam-se os nobres seus assentos": estão edificados os seus assentos nobres.
Ort.: *fermosos* (por *formosos*); *apousentos* (por *aposentos*).

51.1-8
"Pelos portais da cerca a subtileza / Se enxerga da Dedálea facultade": enxerga-se pelos portais da cerca o engenho e o talento de *Dédalo;* "Em figuras mostrando, por nobreza": pela nobreza delas; "Pela sombra conhece a verdadeira": pela imagem.
Ort.: *facultade,* por influência do latim *facultas, tatis; sutileza* (por *subtileza*).

52.1-4
"Estava um grande exército, que pisa / A terra Oriental ...": refere-se à expedição de *Baco* à Índia; "... que o *Hidaspe* lava": grande rio da Índia, afluente do Indo; "Rege-o um capitão de *fronte lisa*": ainda jovem; "Que com frondentes tirsos pelejava": o tirso, bastão encimado por uma pinha e enfeitado com folhas de hera ou pâmpanos de videira. O tirso é atributo de *Baco.*

52.5

"Por ele edificada estava Nisa": "Alexandre penetrou na região que se estende entre o Cofen e o Indo, onde se encontra Nisa, fundada por Baco, vencedor dos Índios. Os habitantes de Nisa fizeram a Alexandre este discurso: 'Os Níseos te suplicam, ó Rei, que, em respeito a Dioniso, lhes permitas que vivam livres e autónomos, porque o mesmo Baco, ao regressar à Grécia depois da gloriosa conquista da Índia, fundou com os aguerridos companheiros da sua viagem esta cidade, monumento perpétuo de seus triunfos [...] Baco, em memória da sua ama de leite, chamou Nisa a esta cidade, Niseia a toda a comarca e ao monte que domina os seus baluartes, Mero para recordar a sua mítica geração no músculo de Júpiter [...] Enfim, para te provar que Baco foi o nosso fundador, citar-te-ei um só facto: a hera, desconhecida no resto da Índia, cresce abundantemente em nossa região'" (Arriano, *História das Expedições de Alexandre,* V.I). V. ainda Plínio, VI.79, e Pompónio Mela, III.VII.51-52. Na *Eneida,* VI.804-805, diz Virgílio:

> *nec qui pampineis victor iuga flectit habenis*
> *Liber, agens ceiso Nysac de uertice tigris.*

52.6-7

"Nas *ribeiras* do rio que manava": nas margens, certamente do Indo; "*Tão próprio* que, se ali estiver *Semele*": tão parecido. *Sémele,* mãe de *Baco.*

53.3-5

"Sujeita a feminino senhorio / De ũa tão bela como incontinente": "equum adamatum a Samiramide usque in coitum Juba auctor est" (Plínio, *HN,* VIII.155-156). "Ad postremum cum concubitum filii petisset [Semíramis], ab eodem interfecta est" (Just., 12), cit. por ED; "Ali tem, junto ao lado nunca frio": junto ao coração.

54-1-6

"Daqui mais apartadas, *tremulavam* / As bandeiras da Grécia gloriosas / (Terceira Monarquia), ...": tremulavam as bandeiras do império greco-macedónio; "... e sojugavam / Até as águas Gangéticas undosas": e dominavam até as regiões banhadas pelas águas agitadas do Ganges; "Dum capitão mancebo se guiavam": (as bandeiras) eram guiadas por um capitão mancebo, Alexandre, falecido com 32 anos; "De palmas rodeado valerosas": rodeado de

palmas que consagram o seu valor.
Ort.: *sojugavam* (por *subjugavam*); *valerosas* (por *valorosas*). O Poeta escreveu *tremolavam*.

54.7
"Que já não de Filipo, ...": filho de Filipe, Alexandre quis passar por filho de Ámon. "Depois quis Alexandre visitar o templo de Ámon, na Líbia, para consultar o seu oráculo, que passava por infalível e ao qual haviam acudido também Perseu e Hércules; aquele, enviado por Polidectes contra a Górgona; este, ao caminhar para a Líbia contra Anteu e para o Egipto contra Busíris. Alexandre pretendia rivalizar em glória com estes heróis, de quem descendia, e atribuir o seu nascimento a Ámon, já que as fábulas atribuíam a Júpiter a paternidade de Hércules e de Perseu" (Arriano, *História das Expedições de Alexandre,* III.III).

55.1-7
"Os Portugueses vendo estas memórias, / Dizia o Catual ...": enquanto os Portugueses viam estas memórias; "Tempo cedo virá que outras vitórias / Estas ...": tempo breve virá que outras vitórias abaterão estas que agora olhais; "Que os nossos sábios magos ...": pròpriamente, os sacerdotes da religião zoroástrica; mágicos. *Especularam,* latinismo (por *perscrutaram*).

57.1-4
"Assi falando, entravam já na sala / Onde aquele potente Emperador / Nũa camilha jaz, que não se iguala / De outra ...": "De junto do qual se alevantou hũ homẽ de grande idade, que era o seu Brammane maior, vistido hũas vestiduras brancas representando nellas & em sua idade & continência ser homem religioso: & chegado ao meio da casa tomou Vasco da Gama pela mão & o foi appresentar ao Camorij. O qual estava no cabo da casa lançado em hũa camilha cuberta de panos de seda, posto em hum leito a q̃ elles chamão catel: & elle vestido com hũ pano d' algodão burnido com algũas rosas d' ouro batido semeadas per elle, & na cabeça hũa carapuça de brocado alta a maneira de mitra cerrada, chea de perlas & pedraria, & per os braços & pernas q̃ estavão descobertos tinha braceletes d' ouro & pedraria. E a hũa ilharga deste leito em q̃ jazia com a cabeça posta sobre hũa almofada de seda rasa com lavores d' ouro a maneira de broslado, estava hum homem q̃ parecia em trajo & officio dos maes principaes da terra: o qual tinha na mão hũ prato

d' ouro com folhas de betelle q̃ elles usão remoer por lhe confortar o estomago." (Barros, I.IV.VIII.)

57.3-8

"... que não se iguala": que não é igualada por outra; "No recostado gesto se assinala": na maneira como se recosta; "... gemas ...": pedras preciosas.

58.3

"Lhe dava a verde folha da erva ardente": o bétele (v. Castanheda, I.XVII).
Ort.: *giolhos* (por *joelhos*); *preminente* (por *preeminente*).

59.1-2

"Sentado o Gama junto ao rico leito": o Poeta simplifica a visita. A entrevista não se verificou na mesma sala porque Vasco da Gama a isso se opôs. A ela poucos assistiram, ficando as restantes pessoas na sala ao lado (v. Castanheda, I.XVII). No ponto de vista diplomático a entrevista não foi um êxito; "... pronto em vista": olhando atentamente.
Ort.: *aquista*, ant. v. *aquistar* (por *adquirir*).

60.1

"Um grande rei, de lá das partes onde": o discurso do Gama no poema é apenas uma súmula do que foi realmente pronunciado.

60.2

"*O Céu volúbil,* com perpétua roda, / Da *terra* a luz solar com a *Terra* esconde": *O Céu volúbil* é o primeiro móbil. Primeiro, *terra* designa a terra firme, um dos quatro elementos, e, depois, *terra* designa todo o globo terráqueo. "Portugal fica lá nas partes onde o céu volúbil [primeiro móbil], com o seu rodar perpétuo, esconde da terra-firme a luz solar com a terra-globo, cuja sombra tinge de escura nódoa a *terra* que a luz do Sol deixou; e *esta* é a terra-continente, porque o globo terráqueo nunca a luz solar deixa de iluminar, por um ou outro lado. Quando, pois, em Portugal anoitece, estende-se a noite por todo o continente, o que resulta da sua situação no extremo ocidente; a escura nódoa, que com o movimento diurno do Sol se vem alastrando para ocidente sobre a Europa, acaba por cobri-la inteiramente, quando chega à praia ocidental lusitana." (LPS, *AL,* p.

69.)
Ort.: *noda* (por *nódoa*).

60.5
"Ouvindo do rumor que lá responde / O eco, ...": ouvindo do rumor que lá ecoa.

61.5-7
"E desd' a fria plaga da *Gelanda*": província holandesa, hoje chamada Zelanda ou Zelândia; "Até bem donde o Sol não muda o estilo / Nos dias, sobre a gente de Etiópia": até ao Equador, onde os dias são iguais às noites.

62.2-6
"... amizade, sacra e nua": sagrada e franca; "Por *quem* ...": *quem* referido a coisas.
Ort.: *abondanças* (por *abundâncias*).

63.1-6
"E sendo assi ...": e se assim for; "... de qualidade / Que ...": de modo que.

64.5
"... a última tenção": a última resolução.
Ort.: *embaxada* e *embaxadores* (por *embaixada* e *embaixadores*).

65.3
"... um justo talho": uma justa conclusão.

66.1-3
"Agasalhados foram juntamente": "& [ho Catual] levouho a sua casa pera descansar hũ pouco ...: & assi foy ate chegar á pousada onde aqueles que ho acompanhavão ho deixarão bẽ apousentado, & ja os seus tinham todos seu fato. Aqui descansou aquela noyte com muyto prazer de ver tão bõ começo naquela negoceação." (Castanheda, I.XVIII); "Do nobre Regedor da Índica gente": o Catual.
Ort.: *apousento* (por *aposento*).

67.1-5
"Tanto que os ígneos carros do fermoso / *Mancebo Délio* viu, ...": O suj. é *o Catual;* o *mancebo Délio* é *Apolo,* nascido na ilha de Delos; "... pronto e curioso": rápido e curioso.

68.1
"Que particularmente ...": em pormenor.

69.3-5
"Da mãe, ...": liga-se a "carne"; "... tal que por bafo está aprovado / Do Deus que tem do Mundo o regimento": por obra e graça do Espírito Santo; "O que entre meus antigos he *vulgado*". Divulgado, notório. Monçaide reconduz a questão para o valor guerreiro dos Portugueses.

70.1-8
"Porque eles, com virtude sobre-humana": com extraordinária coragem; "Os deitaram dos campos abundosos / Do rico Tejo e *fresca* Guadiana": dos campos muito férteis. *Fresca* Guadiana na edição *princeps;* "E não contentes inda, na Africana / Parte ...": evoca Monçaide as conquistas do Norte de África.

71-1-8
"Não menos têm mostrado esforço e *manha*": destreza; "Ou lá dalguns que do *Pirene* deçam": *Pirene* está por *Pirenéus.* Não é claro o sentido destes versos. MC lembra os Catalães, Biscainhos e Navarros, que vieram ajudar Castela, mas é pouco provável; "Se tem ...": consta; "... te *afirmo e asselo*": reforço da afirmativa; "Pera estes Anibáis nenhum Marcelo": os Portugueses não encontraram ainda quem os derrotasse, como sucedeu a Aníbal, derrotado (216 a. C.) pelo general Marco Cláudio Marcelo, em Nola (Campânia). V. T. Lívio, XXIII.XV-XVII.
Ort.: *deçam* (por *desçam*).

72.5-8
"... e a maneira / Do fundido metal que tudo rende": a artilharia, que tudo submete; "E folgarás de ver a polícia / Portuguesa, ...": a sua ordem e organização.

73.1-6
"Já com desejos o Idolátra ardia": o Catual. A visita do Catual às naus é ficção poética e prepara a descrição das bandeiras do canto seguinte; "Manda esquipar batéis, ...": manda preparar e guarnecer com tripulantes; "Ambos partem ..."; o Catual e Monçaide; "A Naira geração, que o mar coalhava": Vasco da Gama estava em terra. Esta saída de Vasco da Gama não se verificou sem ordens rigorosas a quem ficava a substituí-lo, seu irmão Paulo da Gama: "& que ficasse na frota por capitão mór seu irmão, & que durando sua ausencia não recolhesse nela pessoa algũa, & todos os que fossem a bordo estevessem ẽ suas almadias" (Castanheda, I.XVI). Toda esta cena é, pois, imaginada pelo Poeta.

74.1-8
"... e as bandeiras / Do rico fio são que o bicho gera": de seda; "Obras que o forte braço já fizera": Paulo da Gama vai mostrar ao Catual imagens de algumas notáveis figuras da história de Portugal e de algumas das suas proezas; "A tento nela os olhos apacenta": com atenção nela (na "pintura fera") os olhos recreia.
Ort.: *apacenta* (por *apascenta*).

75.1-6
"... mas o Gama": Paulo da Gama; "E que aquele deleite que tanto ama / A seita Epicureia ...": o Poeta reduz a doutrina de Epicuro ao prazer de comer e beber; "O licor que Noé mostrara à gente": o vinho. Depois do Dilúvio, Noé entregou-se à agricultura e plantou a vinha.

76.3-8
"... o diabólico instrumento": a artilharia; "A muda poesia ...": a pintura.

77.1-5
"Alça-se em pé, ...": o Catual ergue-se para escutar Paulo da Gama. A seu lado, Paulo da Gama, Nicolau Coelho e Monçaide. Na edição *princeps, os Gamas,* por lapso; "... bélico trasunto": imagem guerreira; "... aspeito *venerando*": lapso do Poeta. Precisava de uma palavra a rimar com *Mauritano* e *humano.* Talvez *soberano;* "Cujo nome não pode ser *defunto*": esquecido.
Ort.: *aspeito* (por *aspecto*).

78.1
"Um ramo na mão tinha ...": esta frase é retomada em VIII.1.3. O Poeta aproveita o final do Canto VII para fazer um apelo às Ninfas e mostrar os seus agravos dos homens.

79.3-7
"A Fortuna me traz peregrinando": é o "porque ficasse a vida Pelo mundo em pedaços repartida" da Canção IX; "Qual *Cánace,* que à morte se condena": filha de *Éolo*. Suicidou-se a conselho do próprio pai, por ter cometido incesto com um irmão. Quando estava para fazê-lo escreve uma carta "com a pena na mão direita e a espada desembainhada na outra". Ov., *H,* XI.3: "Dextra tenet calamum, strictum tenet altera ferrum."

80.5-8
"Agora às costas escapando a vida": escapando a vida às costas (do mar). Referência ao seu naufrágio no mar da China pelos fins de 1558; "Que pera o Rei Judaico acrecentar-se": Ezequias, rei de Judá, sabendo por Isaías que ia morrer, rogou a Deus mais quinze anos de vida ("Isaías", XXXVIII).
Ort.: *acrecentar-se* (por *acrescentar-se*).

82.6-7
"Pera espertar engenhos curiosos, / Pera porem as cousas em memória": para espertar engenhos curiosos que ponham as coisas em memória.
Ort.: *valoresos* (por *valorosos*).

84.1-8
"... que a fama *desse*": em vez de "a fama *dê*", por causa da rima; *"Imigo* da divina e humana Lei": *imigo* depende de *A quem* do v. 2; "Nenhum ambicioso ...": não cantarei nenhum ambicioso que queira subir a grandes cargos só para poder usar mais largamente de seus vícios com torpes exercícios.
Ort.: *imigo* (por *inimigo*).

85.3-7
"... por comprazer ao vulgo *errante*": inconstante, versátil; "Se muda em mais figuras que *Proteio*": *Proteio* por causa da rima (v. I.19.1-8); "Nem, *Camenas,* ...": as *Camenas* foram de muito cedo assimiladas às

Musas; "Quem, com hábito honesto e grave, veio": AP e PAP, em *DL,* dão a "hábito" os significados de "costume" e "aspecto"; "... no ofício novo": novo no ofício.

86.5-6

"... com pouco experto peito": com inexperiente conhecimento; "... e cuida que é prudente": e cuida que é competente.
Ort.: *rapace* (por *rapaz*=rapinante).

87.3-6

"Onde, ...": com o que; "Me dobrarão a fúria concedida": v, I.5.1.

VIII

1 **N**A primeira figura se detinha
O Catual que vira estar pintada,
Que por divisa um ramo na mão tinha,
A barba branca, longa e penteada.
Quem era e por que causa lhe convinha
A divisa que tem na mão tomada?
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sábio lhe interpreta:

2 – «Estas figuras todas que aparecem,
Bravos em vista e feros nos aspeitos,
Mais bravos e mais feros se conhecem,
Pela fama, nas obras e nos feitos.
Antigos são, mas inda resplandecem
Co nome, entre os engenhos mais perfeitos.
Este que vês, é Luso, donde a Fama
O nosso Reino «Lusitânia» chama.

3 «Foi filho e companheiro do Tebano
Que tão diversas partes conquistou;
Parece vindo ter ao ninho Hispano
Seguindo as armas, que contino usou.
Do Douro, Guadiana o campo ufano,
Já dito Elísio, tanto o contentou
Que ali quis dar aos já cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

4 «O ramo que lhe vês, pera divisa,
O verde tirso foi, de Baco usado;
O qual à nossa idade amostra e avisa
Que foi seu companheiro e filho amado.
Vês outro, que do Tejo a terra pisa,
Despois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpétuos edifica,
E templo a Palas, que em memória fica?

5 «Ulisses é, o que faz a santa casa
À Deusa que lhe dá língua facunda;
Que se lá na Ásia Tróia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.»
– «Quem será estoutro cá, que o campo arrasa
De mortos, com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as Águias nas bandeiras tem pintadas!»

6 Assi o Gentio diz. Responde o Gama:
– «Este que vês, pastor já foi de gado;
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais que no cajado;
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencíbil, afamado.
Não tem com ele, não, nem ter puderam,
O primor que com Pirro já tiveram.

7 «Com força, não; com manha vergonhosa
A vida lhe tiraram, que os espanta;
Que o grande aperto, em gente inda que honrosa,
Às vezes leis magnânimas quebranta.
Outro está aqui que, contra a pátria irosa,
Degradado, connosco se alevanta;
Escolheu bem com quem se alevantasse
Pera que eternamente se ilustrasse.

8 Vês, connosco também vence as bandeiras
Dessas aves de Júpiter validas;
Que já naquele tempo as mais guerreiras
Gentes de nós souberam ser vencidas.
Olha tão sutis artes e maneiras
Pera adquirir os povos, tão fingidas:
A fatídica cerva que o avisa.
Ele é Sertório, e ela a sua divisa.

9 «Olha estoutra bandeira, e vê pintado
O grão progenitor dos Reis primeiros:
Nós Húngaro o fazemos, porém nado
Crêm ser em Lotaríngia os estrangeiros.
Despois de ter, cos Mouros, superado
Galegos e Lioneses cavaleiros,
À Casa Santa passa o santo Henrique,
Por que o tronco dos Reis se santifique.»

10 – «Quem é, me dize, estoutro que me espanta
(Pergunta o Malabar maravilhado),
Que tantos esquadrões, que gente tanta,
Com tão pouca, tem roto e destroçado?
Tantos muros aspérrimos quebranta,
Tantas batalhas dá, nunca cansado,
Tantas coroas tem, por tantas partes,
A seus pés derribadas, e estandartes?»

11 – «Este é o primeiro Afonso (disse o Gama),
Que todo Portugal aos Mouros toma;
Por quem no Estígio lago jura a Fama
De mais não celebrar nenhum de Roma.
Este é aquele zeloso a quem Deus ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Pera quem de seu Reino abaxa os muros,
Nada deixando já pera os futuros.

12 «Se César, se Alexandre Rei, tiveram
Tão pequeno poder, tão pouca gente,
Contra tantos imigos quantos eram
Os que desbaratava este excelente,
Não creias que seus nomes se estenderam
Com glórias imortais tão largamente;
Mas deixa os feitos seus inexplicáveis,
Vê que os de seus vassalos são notáveis.

13 «Este que vês olhar, com gesto irado,
Pera o rompido aluno mal sofrido,
Dizendo-lhe que o exército espalhado
Recolha, e torne ao campo defendido;
Torna o Moço, do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido:
Egas Moniz se chama o forte velho,
Pera leais vassalos claro espelho.

14 «Vê-lo cá vai cos filhos a entregar-se,
A corda ao colo, nu de seda e pano,
Porque não quis o Moço sujeitar-se,
Como ele prometera, ao Castelhano.
Fez com siso e promessas levantar-se
O cerco, que já estava soberano.
Os filhos e mulher obriga à pena:
Pera que o senhor salve, a si condena.

15 «Não fez o Cônsul tanto que cercado
Foi nas Forcas Caudinas, de ignorante,
Quando a passar por baxo foi forçado
Do Samnítico jugo triunfante.
Este, pelo seu povo injuriado,
A si se entrega só, firme e constante;
Estoutro a si e os filhos naturais
E a consorte sem culpa, que dói mais.

16 «Vês este que, saindo da cilada,
Dá sobre o Rei que cerca a vila forte?
Já o Rei tem preso e a vila descercada;
Ilustre feito, dino de Mavorte!
Vê-lo cá vai pintado nesta armada,
No mar também aos Mouros dando a morte,
Tomando-lhe as galés, levando a glória
Da primeira marítima vitória:

17 É Dom Fuas Roupinho, que na terra
E no mar resplandece juntamente,
Co fogo que acendeu junto da serra
De Ábila, nas galés da Maura gente.
Olha como, em tão justa e santa guerra,
De acabar pelejando está contente.
Das mãos dos Mouros entra a felice alma,
Triunfando nos Céus, com justa palma.

18 «Não vês um ajuntamento, de estrangeiro
Trajo, sair da grande armada nova,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de si dando santa prova?
Olha Henrique, famoso cavaleiro,
A palma que lhe nasce junto à cova.
Por eles mostra Deus milagre visto;
Germanos são os Mártires de Cristo.

19 «Um Sacerdote vê, brandindo a espada
Contra Arronches, que toma, por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enresta a lança:
É Teotónio Prior. Mas vê cercada
Santarém, e verás a segurança
Da figura nos muros que, primeira
Subindo, ergueu das Quinas a bandeira.

20 «Vê-lo cá, donde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandália em fera guerra;
Os imigos rompendo, o alferes mata
E Hispálico pendão derriba em terra:
Mem Moniz é, que em si o valor retrata
Que o sepulcro do pai cos ossos cerra.
Dino destas bandeiras, pois sem falta
A contrária derriba e a sua exalta.

21 «Olha aquele que dece pela lança,
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada esconde, com que alcança
A cidade, por manhas e ousadias.
Ela por armas toma a semelhança
Do cavaleiro que as cabeças frias
Na mão levava (feito nunca feito!):
Giraldo Sem Pavor é o forte peito.

22 «Não vês um Castelhano, que, agravado
De Afonso nono, Rei, pelo ódio antigo
Dos de Lara, cos Mouros é deitado,
De Portugal fazendo-se inimigo?
Abrantes vila toma, acompanhado
Dos duros Infiéis que traz consigo;
Mas vê que um Português com pouca gente
O desbarata e o prende ousadamente.

23 «Martim Lopes se chama o cavaleiro
Que destes levar pode a palma e o louro.
Mas olha um Eclesiástico guerreiro,
Que em lança de aço torna o bago de ouro.
Vê-lo, entre os duvidosos, tão inteiro
Em não negar batalha ao bravo Mouro;
Olha o sinal no Céu, que lhe aparece,
Com que nos poucos seus o esforço crece.

24 «Vês, vão os Reis de Córdova e Sevilha
Rotos, cos outros dous, e não de espaço;
Rotos? Mas antes mortos: maravilha
Feita de Deus, que não de humano braço.
Vês? Já a vila de Alcácere se humilha,
Sem lhe valer defesa ou muro de aço,
A Dom Mateus, o Bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma ali coroa.

25 «Olha um Mestre que dece de Castela,
Português de nação, como conquista
A terra dos Algarves, e já nela
Não acha que por armas lhe resista.
Com manha, esforço e com benigna estrela,
Vilas, castelos, toma à escala vista.
Vês Tavila tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores?

26 «Vês, com bélica astúcia ao Mouro ganha
Silves, que ele ganhou com força ingente:
É Dom Paio Correia, cuja manha
E grande esforço faz enveja à gente.
Mas não passes os três que em França e Espanha
Se fazem conhecer perpètuamente
Em desafios, justas e tornéus,
Nelas deixando públicos troféus.

27 «Vê-los co nome vêm de aventureiros
A Castela, onde o preço sós levaram
Dos jogos de Belona verdadeiros,
Que com dano de alguns se exercitaram.
Vê mortos os soberbos cavaleiros
Que o principal dos três desafiaram,
Que Gonçalo Ribeiro se nomeia,
Que pode não temer a lei Leteia.

28 «Atenta num que a fama tanto estende
Que de nenhum passado se contenta;
Que a Pátria, que de um fraco fio pende,
Sobre seus duros ombros a sustenta.
Não no vês tinto de ira, que reprende
A vil desconfiança, inerte e lenta,
Do povo, e faz que tome o doce freio
De Rei seu natural, e não de alheio?

29 «Olha: por seu conselho e ousadia,
De Deus guiada só e de santa estrela,
Só, pode o que impossíbil parecia:
Vencer o povo ingente de Castela,
Vês, por indústria, esforço e valentia,
Outro estrago e vitória, clara e bela,
Na gente, assi feroz como infinita,
Que entre o Tarteso e Guadiana habita?

30 «Mas não vês quási já desbaratado
O poder Lusitano, pela ausência
Do Capitão devoto, que, apartado,
Orando invoca a suma e trina Essência?
Vê-lo com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem que falta resistência
Contra poder tamanho, e que viesse
Por que consigo esforço aos fracos desse.

31 «Mas olha com que santa confiança,
Que «inda não era tempo» respondia,
Como quem tinha em Deus a segurança
Da vitória que logo lhe daria.
Assi Pompílio, ouvindo que a possança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
«Pois eu (responde) estou sacrificando.»

32 «Se quem com tanto esforço em Deus se atreve
Ouvir quiseres como se nomeia,
«Português Cipião» chamar-se deve;
Mas mais de «Dom Nuno Álvares» se arreia.
Ditosa pátria que tal filho teve!
Mas antes, pai! que, enquanto o Sol rodeia
Este globo de Ceres e Neptuno,
Sempre suspirará por tal aluno.

33 «Na mesma guerra vê que presas ganha
Estoutro Capitão de pouca gente;
Comendadores vence e o gado apanha
Que levavam roubado ousadamente;
Outra vez vê que a lança em sangue banha
Destes, só por livrar, co amor ardente,
O preso amigo, preso por leal:
Pero Rodrigues é do Landroal.

34 «Olha este desleal e como paga
O perjúrio que fez e vil engano;
Gil Fernandes é de Elvas quem o estraga
E faz vir a passar o último dano:
De Xerez rouba o campo e quási alaga
Co sangue de seus donos Castelhano.
Mas olha Rui Pereira, que co rosto
Faz escudo às galés, diante posto.

35 «Olha que dezessete Lusitanos,
Neste outeiro subidos, se defendem
Fortes, de quatrocentos Castelhanos,
Que em derredor, pelos tomar, se estendem;
Porém logo sentiram, com seus danos,
Que não só se defendem, mas ofendem.
Dino feito de ser, no mundo, eterno,
Grande no tempo antigo e no moderno!

36 «Sabe-se antigamente que trezentos
Já contra mil Romanos pelejaram,
No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se ilustraram,
E deles alcançando vencimentos
Memoráveis, de herança nos deixaram
Que os muitos, por ser poucos, não temamos;
O que despois mil vezes amostramos.

37 «Olha cá dous Infantes, Pedro e Henrique,
Progénie generosa de Joane;
Aquele faz que fama ilustre fique
Dele em Germânia, com que a morte engane;
Este, que ela nos mares o pubrique
Por seu descobridor, e desengane
De Ceita a Maura túmida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.

38 «Vês o Conde Dom Pedro, que sustenta
Dous cercos contra toda a Barbaria.
Vês, outro Conde está, que representa
Em terra Marte, em forças e ousadia;
De poder defender se não contenta
Alcácere, da ingente companhia;
Mas do seu Rei defende a cara vida,
Pondo por muro a sua, ali perdida.

39 «Outros muitos verias, que os pintores
Aqui também por certo pintariam;
Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe cores:
Honra, prémio, favor, que as artes criam.
Culpa dos viciosos sucessores,
Que degeneram, certo, e se desviam
Do lustre e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.

40 «Aqueles pais ilustres que já deram
Princípio à geração que deles pende,
Pela virtude muito antão fizeram
E por deixar a casa que descende.
Cegos, que, dos trabalhos que tiveram,
Se alta fama e rumor deles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
Com lhe deixar descansos corrutores!

41 «Outros também há grandes e abastados,
Sem nenhum tronco ilustre donde venham:
Culpa de Reis, que às vezes a privados
Dão mais que a mil que esforço e saber tenham.
Estes os seus não querem ver pintados,
Crendo que cores vãs lhe não convenham,
E, como a seu contrairo natural,
À pintura que fala querem mal.

42 «Não nego que há, contudo, descendentes
Do generoso tronco e casa rica,
Que, com costumes altos e excelentes,
Sustentam a nobreza que lhe fica;
E se a luz dos antigos seus parentes
Neles mais o valor não clarifica,
Não falta, ao menos, nem se faz escura;
Mas destes acha poucos a pintura.»

43 Assi está declarando os grandes feitos
O Gama, que ali mostra a vária tinta
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos,
Do singular artífice ali pinta.
Os olhos tinha prontos e direitos
O Catual na história bem distinta;
Mil vezes perguntava e mil ouvia
As gostosas batalhas que ali via.

44 Mas já a luz se mostrava duvidosa,
Porque a alâmpada grande se escondia
Debaxo do Horizonte e, luminosa,
Levava aos Antípodas o dia,
Quando o Gentio e a gente generosa
Dos Naires da nau forte se partia,
A buscar o repouso que descansa
Os lassos animais, na noite mansa.

45 Entretanto, os arúspices famosos
Na falsa opinião, que em sacrifícios
Antevêm sempre os casos duvidosos
Por sinais diabólicos e indícios,
Mandados do Rei próprio, estudiosos,
Exercitavam a arte e seus ofícios,
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que às suas terras vem da ignota Espanha.

46 Sinal lhe mostra o Demo, verdadeiro,
De como a nova gente lhe seria
Jugo perpétuo, eterno cativeiro,
Destruição de gente e de valia.
Vai-se espantado o atónito agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os sinais temerosos que alcançara
Nas entranhas das vítimas que oulhara.

47 A isto mais se ajunta que um devoto
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos ódios concebidos não remoto
Contra a divina Fé, que tudo excede,
Em forma do Profeta falso e noto
Que do filho da escrava Agar procede,
Baco odioso em sonhos lhe aparece,
Que de seus ódios inda se não dece.

48 E diz-lhe assi: – «Guardai-vos, gente minha,
Do mal que se aparelha pelo imigo
Que pelas águas húmidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo!»
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha,
Espantado do sonho; mas consigo
Cuida que não é mais que sonho usado;
Torna a dormir, quieto e sossegado.

49 Torna Baco dizendo: – «Não conheces
O grão legislador que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual fôreis muitos baptizados?
Eu por ti, rudo, velo, e tu adormeces?
Pois saberás que aqueles que chegados
De novo são, serão mui grande dano
Da Lei que eu dei ao néscio povo humano.

50 «Enquanto é fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista;
Porque, quando o Sol sai, fàcilmente
Se pode nele pôr a aguda vista;
Porém, despois que sobe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tão cega fica, quanto ficareis
Se raízes criar lhe não tolheis.»

51 Isto dito, ele e o sono se despede.
Tremendo fica o atónito Agareno;
Salta da cama, lume aos servos pede,
Lavrando nele o férvido veneno.
Tanto que a nova luz que ao Sol precede
Mostrara rosto angélico e sereno,
Convoca os principais da torpe seita,
Aos quais do que sonhou dá conta estreita.

52 Diversos pareceres e contrários
Ali se dão, segundo o que entendiam;
Astutas traïções, enganos vários,
Perfídias, inventavam e teciam;
Mas, deixando conselhos temerários,
Destruição da gente pretendiam,
Por manhas mais sutis e ardis milhores,
Com peitas adquirindo os regedores.

53 Com peitas, ouro e dádivas secretas
Conciliam da terra os principais;
E com razões notáveis e discretas
Mostram ser perdição dos naturais,
Dizendo que são gentes inquietas,
Que, os mares discorrendo Ocidentais,
Vivem só de piráticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas ou divinas.

54 Oh, quanto deve o Rei que bem governa
De olhar que os conselheiros ou privados
De consciência e de virtude interna
E de sincero amor sejam dotados!
Porque, como estê posto na superna
Cadeira, pode mal dos apartados
Negócios ter noticia mais inteira
Do que lhe der a língua conselheira.

55 Nem tão-pouco direi que tome tanto
Em grosso a consciência limpa e certa,
Que se enleve num pobre e humilde manto,
Onde ambição acaso ande encoberta.
E, quando um bom em tudo é justo e santo,
E em negócios do mundo pouco acerta;
Que mal co eles poderá ter conta
A quieta inocência, em só Deus pronta.

56 Mas aqueles avaros Catuais
Que o Gentílico povo governavam,
Induzidos das gentes infernais,
O Português despacho dilatavam.
Mas o Gama, que não pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavam,
Que levar a seu Rei um sinal certo
Do mundo que deixava descoberto,

57 Nisto trabalha só; que bem sabia
Que despois, que levasse esta certeza,
Armas e naus e gentes mandaria
Manuel, que exercita a suma alteza,
Com que a seu jugo e Lei someteria
Das terras e do mar a redondeza;
Que ele não era mais que um diligente
Descobridor das terras do Oriente.

58 Falar ao Rei gentio determina,
Por que com seu despacho se tornasse,
Que já sentia em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse.
O Rei, que da notícia falsa e indina
Não era de espantar se s' espantasse,
Que tão crédulo era em seus agouros,
E mais sendo afirmados pelos Mouros,

59 Este temor lhe esfria o baixo peito.
Por outra parte, a força da cobiça,
A quem por natureza está sujeito,
Um desejo imortal lhe acende e atiça:
Que bem vê que grandíssimo proveito
Fará, se, com verdade e com justiça,
O contrato fizer, por longos anos,
Que lhe comete o Rei dos Lusitanos.

60 Sobre isto, nos conselhos que tomava,
Achava mui contrários pareceres;
Que naqueles com quem se aconselhava
Executa o dinheiro seus poderes.
O grande Capitão chamar mandava,
A quem chegado disse: – «Se quiseres
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.

61 «Eu sou bem informado que a embaxada
Que de teu Rei me deste, que é fingida;
Porque nem tu tens Rei, nem pátria amada,
Mas vagabundo vás passando a vida.
Que quem da Hespéria última alongada,
Rei ou senhor de insânia desmedida,
Há-de vir cometer, com naus e frotas,
Tão incertas viagens e remotas?

62 «E se de grandes Reinos poderosos
O teu Rei tem a Régia majestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Sinais de tua incógnita verdade?
Com peças e dões altos, sumptuosos,
Se lia dos Reis altos a amizade;
Que sinal nem penhor não é bastante
As palavras dum vago navegante.

63 «Se porventura vindes desterrados,
Como já foram homens d' alta sorte,
Em meu Reino sereis agasalhados,
Que toda a terra é pátria pera o forte;
Ou se piratas sois, ao mar usados,
Dizei-mo sem temor de infâmia ou morte,
Que, por se sustentar, em toda idade
Tudo faz a vital necessidade.»

64 Isto assi dito, o Gama, que já tinha
Suspeitas das insídias que ordenava
O Mahométicо ódio, donde vinha
Aquilo que tão mal o Rei cuidava,
Cũa alta confiança, que convinha,
Com que seguro crédito alcançava,
Que Vénus Acidália lhe influía,
Tais palavras do sábio peito abria:

65 – «Se os antigos delitos que a malícia
Humana cometeu na prisca idade
Não causaram que o vaso da nequícia,
Açoute tão cruel da Cristandade,
Viera pôr perpétua inimicícia
Na geração de Adão, co a falsidade,
Ó poderoso Rei, da torpe seita,
Não conceberas tu tão má suspeita.

66 «Mas, porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes opressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito,
Me mostras tu tão pouca confiança
Desta minha verdade, sem respeito
Das razões em contrário que acharias
Se não cresses a quem não crer devias.

67 «Porque, se eu de rapinas só vivesse,
Undívago ou da pátria desterrado,
Como crês que tão longe me viesse
Buscar assento incógnito e apartado?
Por que esperanças, ou por que interesse
Viria exprimentando o mar irado,
Os Antárticos frios e os ardores
Que sofrem do Carneiro os moradores?

68 «Se com grandes presentes d' alta estima
O crédito me pedes do que digo,
Eu não vim mais que a achar o estranho clima
Onde a Natura pôs teu Reino antigo;
Mas, se a Fortuna tanto me sublima,
Que eu torne à minha pátria e Reino amigo,
Então verás o dom soberbo e rico
Com que minha tornada certifico.

69 «Se te parece inopinado feito
Que Rei da última Hespéria a ti me mande,
O coração sublime, o régio peito,
Nenhum caso possíbil tem por grande.
Bem parece que o nobre e grão conceito
Do Lusitano espírito demande
Maior crédito e fé de mais alteza,
Que creia dele tanta fortaleza.

70 «Sabe que há muitos anos que os antigos
Reis nossos firmemente propuseram
De vencer os trabalhos e perigos
Que sempre às grandes cousas se opuseram;
E, descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretenderam
De saber que fim tinham e onde estavam
As derradeiras praias que lavavam.

71 «Conceito dino foi do ramo claro
Do venturoso Rei que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho caro
O morador de Abila derradeiro;
Este, por sua indústria e engenho raro,
Num madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pôde a parte que faz clara
De Argos, da Hidra a luz, da Lebre e da Ara.

72 «Crescendo cos sucessos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram,
Pouco e pouco, caminhos estrangeiros,
Que, uns sucedendo aos outros, prosseguiram.
De África os moradores derradeiros
Austrais, que nunca as Sete Flamas viram,
Foram vistos de nós, atrás deixando
Quantos estão os Trópicos queimando.

73 «Assi, com firme peito e com tamanho
Propósito vencemos a Fortuna,
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a última coluna.
Rompendo a força do líquido estanho,
Da tempestade horrífica e importuna,
A ti chegámos, de quem só queremos
Sinal que ao nosso Rei de ti levemos.

74 «Esta e a verdade, Rei; que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco prémio,
Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
Tão longo, tão fingido e vão proémio;
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero grémio
Da madre Tétis, qual pirata inico,
Dos trabalhos alheios feito rico.

75 «Assi que, ó Rei, se minha grão verdade
Tens por qual é, sincera e não dobrada,
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tomada;
E, se inda te parece falsidade,
Cuida bem na razão que está provada,
Que com claro juízo pode ver-se,
Que fácil é a verdade d' entender-se.»

76 A tento estava o Rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe dele certa confiança,
Crédito firme, em quanto proferia;
Pondera das palavras a abastança,
Julga na autoridade grão valia,
Começa de julgar por enganados
Os Catuais corrutos, mal julgados.

77 Juntamente, a cobiça do proveito
Que espera do contrato Lusitano
O faz obedecer e ter respeito
Co Capitão, e não co Mauro engano.
Enfim ao Gama manda que direito
Às naus se vá e, seguro dalgum dano,
Possa a terra mandar qualquer fazenda
Que pela especiaria troque e venda.

78 Que mande da fazenda, enfim, lhe manda
Que nos Reinos Gangéticos faleça,
S' algũa traz idónea lá da banda
Donde a terra se acaba e o mar começa.
Já da real presença veneranda
Se parte o Capitão, pera onde peça
Ao Catual que dele tinha cargo,
Embarcação, que a sua está de largo.

79 Embarcação que o leve às naus lhe pede,
Mas o mau Regedor, que novos laços
Lhe maquinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças e embaraços.
Co ele parte ao cais, por que o arrede
Longe quanto puder dos régios paços,
Onde, sem que seu Rei tenha notícia,
Faça o que lhe ensinar sua malícia.

80 Lá bem longe lhe diz que lhe daria
Embarcação bastante em que partisse,
Ou que pera a luz crástina do dia
Futuro, sua partida diferisse.
Já com tantas tardanças entendia
O Gama que o Gentio consentisse
Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,
O que dele até' li não entendera.

81 Era este Catual um dos que estavam
Corrutos pela Maumetana gente,
O principal por quem se governavam
As cidades do Samorim potente.
Dele sòmente os Mouros esperavam
Efeito a seus enganos torpemente;
Ele, que no concerto vil conspira,
De suas esperanças não delira.

82 O Gama com instância lhe requer
Que o mande pôr nas naus, e não lhe val;
E que assi lho mandara, lhe refere,
O nobre sucessor de Perimal.
Por que razão lhe impede e lhe difere
A fazenda trazer de Portugal?
Pois aquilo que os Reis já têm mandado
Não pode ser por outrem derrogado.

83 Pouco obedece o Catual corruto
A tais palavras; antes, revolvendo
Na fantasia algum sutil e astuto
Engano diabólico e estupendo,
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue avorrecido, estava vendo,
Ou como as naus em fogo lhe abrasasse,
Por que nenhũa à pátria mais tornasse.

84 Que nenhum torne à pátria só pretende
O conselho infernal dos Maumetanos,
Por que não saiba nunca onde se estende
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos.
Não parte o Gama, enfim, que lho defende
O Regedor dos Bárbaros profanos;
Nem sem licença sua ir-se podia,
Que as almadias todas lhe tolhia.

85 Aos brados e razões do Capitão
Responde o Idolátra, que mandasse
Chegar à terra as naus, que longe estão,
Por que milhor dali fosse e tornasse.
– «Sinal é de inimigo e de ladrão
Que lá tão longe a frota se alargasse,
(Lhe diz), porque do certo e fido amigo
É não temer do seu nenhum perigo.»

86 Nestas palavras o discreto Gama
Enxerga bem que as naus deseja perto
O Catual, por que com ferro e flama
Lhas assalte, por ódio descoberto.
Em vários pensamentos se derrama;
Fantasiando está remédio certo
Que desse a quanto mal se lhe ordenava;
Tudo temia, tudo, enfim, cuidava.

87 Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço ou de cristal fermoso,
Que, do raio solar sendo ferido,
Vai ferir noutra parte, luminoso,
E, sendo da ouciosa mão movido,
Pela casa, do moço curioso,
Anda pelas paredes e telhado
Trémulo, aqui e ali, e dessossegado:

88 Tal o vago juízo fluctuava
Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por acaso o esperava
Na praia cos batéis, como ordenara.
Logo secretamente lhe mandava
Que se tornasse à frota, que deixara,
Não fosse salteado dos enganos
Que esperava dos feros Maumetanos.

89 Tal há-de ser quem quer, co dom de Marte,
Imitar os Ilustres e igualá-los:
Voar co pensamento a toda parte,
Adivinhar perigos e evitá-los,
Com militar engenho e sutil arte,
Entender os imigos e enganá-los,
Crer tudo, enfim; que nunca louvarei
O capitão que diga: «Não cuidei.»

90 Insiste o Malabar em tê-lo preso
Se não manda chegar a terra a armada;
Ele, constante e de ira nobre aceso,
Os ameaços seus não teme nada;
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malícia ousada
Lhe andar armando, que pôr em ventura
A frota de seu Rei, que tem segura.

91 Aquela noite esteve ali detido
E parte do outro dia, quando ordena
De se tornar ao Rei; mas impedido
Foi da guarda que tinha, não pequena.
Comete-lhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo ou pena
Se sabe esta malícia, a qual asinha
Saberá, se mais tempo ali o detinha.

92 Diz-lhe que mande vir toda a fazenda
Vendíbil que trazia, pera a terra,
Pera que, devagar, se troque e venda;
Que, quem não quer comércio, busca guerra.
Posto que os maus propósitos entenda
O Gama, que o danado peito encerra
Consente, porque sabe por verdade
Que compra co a fazenda a liberdade.

93 Concertam-se que o Negro mande dar
Embarcações idóneas com que venha;
Que os seus batéis não quer aventurar
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha.
Partem as almadias a buscar
Mercadoria Hispana que convenha;
Escreve a seu irmão que lhe mandasse
A fazenda com que se resgatasse.

94 Vem a fazenda a terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual;
Co ela ficam Álvaro e Diogo,
Que a pudessem vender pelo que val.
Se mais que obrigação, que mando e rogo,
No peito vil o prémio pode e val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
Pois o Gama soltou pela fazenda.

95 Por ela o solta, crendo que ali tinha
Penhor bastante, donde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha
Se o Capitão mais tempo detivesse,
Ele, vendo que já lhe não convinha
Tornar a terra, por que não pudesse
Ser mais retido, sendo às naus chegado
Nelas estar se deixa descansado.

96 Nas naus estar se deixa, vagaroso,
Até ver o que o tempo lhe descobre;
Que não se fia já do cobiçoso
Regedor, corrompido e pouco nobre.
Veja agora o juízo curioso
Quanto no rico, assi como no pobre,
Pode o vil interesse e sede imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

97 A Polidoro mata o Rei Treício,
Só por ficar senhor do grão tesouro;
Entra, pelo fortíssimo edifício,
Com a filha de Acriso a chuva d' ouro;
Pode tanto em Tarpeia avaro vício
Que, a troco do metal luzente e louro,
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quási afogada em pago morre.

98 Este rende munidas fortalezas;
Faz trédoros e falsos os amigos;
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega Capitães aos inimigos;
Este corrompe virginais purezas,
Sem temer de honra ou fama alguns perigos;
Este deprava às vezes as ciências,
Os juízos cegando e as consciências.

99 Este interpreta mais que sutilmente
Os textos; este faz e desfaz leis;
Este causa os perjúrios entre a gente
E mil vezes tiranos torna os Reis.
Até os que só a Deus omnipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis
Que corrompe este encantador, e ilude;
Mas não sem cor, contudo, de virtude!

NOTAS

1.1-8
"Na primeira figura se detinha / O Catual ...": essa primeira figura é *Luso,* de que o Poeta volta a tratar nas est. 2 a 4. Para o conhecimento da evolução das relações de *Luso* com *Baco* v. I.39.3-4, III.21 e VIII.3.1; "Que por divisa um ramo na mão tinha": era o tirso de *Baco;* "A divisa que tem na mão tomada?": concordância em género e número do particípio com o complemento directo; "O Mauritano sábio ...": Monçaide.

2.2-7
"*Bravos* em vista e *feros* nos aspeitos": em vez de concordar com *figuras,* estes atributos concordam com os indivíduos que o Poeta tinha na mente tratar; "... donde a Fama": de quem a Fama. Ort.: *aspeitos* (por *aspectos*).

3.1
"Foi filho e companheiro do Tebano": Plínio dissera "lusum enim Liberi patris aut lyssam cum eo bacchantium nomen dedisse Lusitaniae" (*NH,* liv. III, 8). Resende, depois de transcrever o trecho de Plínio (nota 24 ao liv. II de *Vincentius),* acrescenta: "Quorum verborum hic est sensus. Lusum Liberi Patris filium, non autem socium, ut quidam contra loquendi usum interpretantur, una cum Lysa nimirum Liberi socio, nomen Lusitaniae nostrae dedisse. Filium vero debere intelligi, ostendunt illa. *Deiphobe Glauci, Aiex Oilei,* & in sacris, *Alexander Philippi.* Igitur tam a Luso, quam á Lysia, regio nomen adcepit. Et a Luso quidem, Lusitania dicta est. A Lysa vero Lysitania." FC escreveu "filho, ou companheiro" para harmonizar com o que o Poeta escreveu em I.39.3-4 e VI.30.2.

3.5
"Do Douro, Guadiana o campo ufano": "De Douro, Guadiana", um assíndeto que não teve o acordo de todos os editores e que desde 1669 escrevem "Douro e Guadiana". FC e outros seguiram este critério errado porque do assíndeto há numerosos exemplos em

prosa e verso. JMR, no entanto, lê "Do Dourò Guadiana" (*BCL,* 13, pp. 689 e 690).

3.6-8

"Já dito Elísio ...": isto não tem nada que ver com os "doces campos Elísios", onde está *Anquises* e que *Eneias* visita no Canto VI, acompanhado da *Sibila.* JMR, em *BCL,* p. 689, nota 1, e *LP,* vol. II, p. 171, diz que "*Elísio* por *Lísio* é uma das desastradas emendas feitas no manuscrito de *Os Lusíadas*". Parece mais natural ser "campo lísio", da Lusitânia; "Que ali quis dar ...": aproximar este verso e o seguinte do princípio do Canto VII da *Eneida.*

4.4-8

"Que foi seu companheiro e filho amado": FC não se conformou e escreveu: "Que foi seu companheiro, ou filho amado"; "Vês *outro,* ...": é *Ulisses,* lendário fundador de Lisboa; "E templo a Palas, que em memória fica?": Na nota 45 ao livro II de *Vincentius* diz: "De templo vero Palladis, Strab. lib. 3. *Superiora regionis montanae loca Olysseiam ostentant, inqua est Minervae templum*"

5.1-8

"Ulisses é, o que faz a santa casa / A Deusa ...": confirma os versos da estância anterior; "Quem será estoutro cá, que o campo arrasa": é Viriato, de quem trata nas duas estâncias seguintes e de quem já falou em 1.26.3-4; "Grandes *batalhas* tem *desbaratadas*": *batalhas* aqui tem a significação de corpos de exército. *Desbaratadas* a concordar com o complemento directo; "*Que* as Águias nas bandeiras tem pintadas!": *que,* conjunção conclusiva – *pois.* As águias pintadas nas bandeiras é versão do Poeta. As águias eram de metal e fixavam-se na ponta de compridas hastes.

6.4-8

"Destro na lança mais que no cajado": caudilho dos Lusitanos e pastor; "O primor que com Pirro já tiveram": Caio Fabrício, cônsul romano, em guerra com Pirro, rei do Epiro, recebeu a visita de um enviado do médico de Pirro, que se dispunha a envenenar o seu rei se tivesse uma recompensa. Fabrício escreveu ao rei, a preveni-lo (Plutarco, *Pyrrus*, XX).
Ort.: *invencíbil* (por *invencível*).

7.1-5
"Com força, não; com manha vergonhosa": v.I.26.2-4. "Outro está aqui ...": Sertório (v. I.26.6-8 e IV.33.1).

8.2
"Dessas aves de Júpiter validas": são ainda as águias romanas.
Ort.: *sutis* (por *subtis*).

9.1
"Olha estoutra bandeira ...": o conde D. Henrique, de que trata o Poeta em III.25-28. Diz o Poeta em III.25.1-2: "... dizem que segundo / Filho de um Rei de Ungria ...", e em III.28.2 é mais afirmativo: "O forte e famoso Ungaro estremado". Em VIII.9 diz, porém, o Poeta: "Nós Húngaro o fazemos, porém nado / Crêm ser em *Lotaríngia* os estrangeiros." Na nota 24 do liv. II de *Vincentius* escreve Resende: "Nostri historici Pannonniae [Hungria] regis filium fuisse dicunt, Hispani Lotharingum faciunt." (Cf. III.25.1-2.) *Lotaríngia* é a Lorena.

9.5
"Despois de ter, cos Mouros, superado / Galegos e Lioneses ...": diz ED: "Camões coloca depois das guerras com os Leoneses a ida do conde à Terra Santa". Não me parece ser essa a interpretação. O sentido deve ser: "depois de ter, nas guerras cos Mouros, superado Galegos e Leoneses", isto é, depois de ter excedido nas guerras com os Mouros os feitos de Galegos e Leoneses. Dos Leoneses já o Poeta tinha dito em IV.8.7-8: "que haviam sido nas armas excelentes com os Mouros". Mas os Portugueses tinham sido melhores do que eles (v. MM e FC).

9.7
"À Santa Casa passa ...": à Terra Santa.

10.1
"Quem é, me dize, estoutro que me espanta": D. Afonso Henriques, de quem se ocupou o Poeta no Canto III, est. 28 a 84.
Ort.: *dize* (por *diz*).

11.1-3
"Este é o primeiro Afonso ... / Que todo Portugal aos Mouros

toma": todo o Portugal, sem o Algarve; "Por quem no Estígio lago jura a Fama": é o rio dos Infernos, por quem juravam os deuses.

11.6-8

"Com cujo braço o Mouro imigo doma, / Pera quem de seu Reino abaxa os muros, / Nada deixando já pera os futuros": estes versos não são de fácil interpretação. O sujeito da oração "Com cujo braço o Mouro imigo doma" é "Deus" e *cujo* refere-se a "Afonso". Ora quem "doma o Mouro imigo" também é lògicamente quem arrasa ("abaxa") os muros, isto é, as povoações fortificadas ... de seu Reino (deles Mouros): logo "Deus" é o sujeito de "abaxa". Finalmente quem "doma" e "abaxa" é indubitàvelmente quem nada deixa aos futuros reis para conquistar. Logo "Deus" é o sujeito do gerúndio "deixando" (v. ARM, *Passos*).
Ort.: *imigo* (por *inimigo*); *abaxa* (por *abaixa*).

12.1-5

"Se César, se *Alexandre* Rei, *tiveram*": recordados de novo como em V.95.2. *Tiveram,* em vez de *tivessem;* "Não creias que seus nomes se estenderam": se estenderiam.
Ort.: *imigos* (por *inimigos*).

13-1-2

"Este que vês olhar ...": Egas Moniz. A este consagrou o Poeta as est. 35 a 40 do Canto III; "Pera o rompido aluno ...": Egas Moniz, aio de D. Afonso. *Aluno* é latinismo. *Rompido* tem o mesmo sentido de em "*Rompem-se* aqui dos nossos os primeiros" (IV.34.1).

14.2

"A corda ao colo, nu de seda e pano": interpreta ED "nu de panos de seda". Seria possível, dentro do estilo do Poeta. Deve, porém, notar-se que em III.38.3 já o Poeta dissera: "Descalços e despidos". Aqui não pode haver outra interpretação. Egas Moniz, sua mulher e filhos apresentaram-se com a alva dos condenados e de corda ao pescoço.

15.1

"Não fez o Cônsul tanto ...": é o episódio pouco honroso para as armas romanas de terem de passar debaixo do *jugo* num desfiladeiro *(furculas Caudinas),* junto a *Caudium,* por imposição das forças

samnitas (321 a. C.). Os cônsules que tiveram de se submeter ao *jugo* foram Titus Veturius Calvinus e Spurius Postumius Albinus (T. Lívio, IX.1-10). E pelo *jugo* tiveram de passar os cônsules, seus subordinados e as várias legiões.
Ort.: *baxo* (por *baixo*).

16.1-6
"Vês *este* que, *saindo da cilada* ...": *este* é D. Fuas Roupinho. Feitos entretecidos de lendas, mas aos quais Duarte Galvão consagra os caps. LIV, LV e LVI, aproveitados pelo Poeta. *Saindo da cilada,* da cilada armada por ele aos Mouros; "Dá sobre o Rei que cerca a vila forte?": Porto de Mós; "No mar também aos Mouros dando a morte": seria um recontro com as galés dos Mouros junto do cabo Espichel.

17.3-4
"Co fogo que acendeu junto da serra / De Ábila ...": depois de correr a costa do Algarve, sem resultado, o almirante D. Fuas foi por duas vezes a Ceuta aprisionar navios mouros, mas da segunda vez morreu lá, no ano de 1182, segundo AB, *CAH,* cap. LXXXVIII.
Ort.: *felice* (por *feliz*).

18.1-8
"Não vês um ajuntamento, de estrangeira / Trajo, ...": é uma armada de cruzados (2.ª Cruzada), de que já se ocupou o Poeta em III.57-60; "Olha Henrique, famoso cavaleiro": cavaleiro alemão, de nome Henrique, que morreu no cerco de Lisboa e de que se contaram vários milagres (v. Duarte Galvão, cap. XXXVI); "A palma que lhe nasce junto à cova": da palmeira que enverdeceu na cova de Henrique fala Duarte Galvão no cap. XXXVIII; "Por eles mostra Deus milagre visto / Germanos são os Mártires de Cristo": para se entenderem estes dois versos é preciso ler o final do cap. XXXVIII de Duarte Galvão, onde diz: "Por estes milages e outros que nosso Senhor aprouve fazer pelos seus Santos Mártires que ali morreram, tinha el-Rei neles mui grande devação ..."

19.1-8
"Um Sacerdote vê, brandindo a espada": é S. Teotónio, prior de Santa Cruz de Coimbra. Referira-se à sua intervenção, sem o nomear, em III.55; "... e verás a segurança / Da figura nos muros

que, primeira / Subindo, ergueu das Quinas a bandeira": Mem Moniz.

20.1-6

"Vê-lo cá, donde Sancho desbarata / Os Mouros de Vandália ...": refere-se ainda a Mem Moniz. À algarada de D. Sancho na Andaluzia já se tinha referido o Poeta em III.75. Mem Moniz teria abatido o pendão real dos Mouros e o alferes que levava o "hispálico pendão", isto é, o pendão de Sevilha; "... que em si o valor retrata / Que o sepulcro do pai cos ossos cerra": de outro modo: reproduz-se no filho o valor do pai. Mas parece que este citado Mem Moniz não era filho de Egas Moniz. Assim o sustenta AB em *CH,* cap. 21. O Poeta deve ter suposto que sim.

21.1-4

"Olha aquele que dece pela lança": é Giraldo Sem-Pavor, a quem já se referiu em III.63. O Poeta fá-lo descer por fora da torre; "Com as duas cabeças dos vigias": estavam de atalaia na Torre de S. Bento (próximo da cidade de Évora) um mouro e uma filha sua, que estava naquele momento de vigia. Atirou a filha da torre abaixo e degolou o mouro, que dormia. Degolando a filha em baixo, tomou-se com as duas cabeças aos companheiros e depois continuou a acção que levou à conquista da cidade, em 1166; "Onde a cilada esconde, ...": Giraldo armou a sua cilada por detrás do outeiro da Torre de S. Bento. Daí saíram os companheiros com Giraldo para o resto da empresa (v. André de Resende, *Historia da Antiguidade da Cidade de Evora,* cap. XIV, 3.ª ed., Lisboa, 1783); "... com que alcança / A cidade, *por manhas e ousadias*": por ardis e atrevimentos. Com efeito, subidos à torre, fizeram durante a madrugada um fogo para a outra atalaia da cidade, como a indicar que andavam cristãos no campo. E de facto fizeram essa simulação – o que bastou para os mouros da cidade virem em sua perseguição, deixando as portas da cidade abertas.
Ort.: *dece* (por *desce*).

22.1-8

"Não vês um Castelhano, ...": D. Pedro Fernandes de Castro, considerando-se maltratado pelo rei de Castela, D. Afonso IX, por causa dos condes de Lara, bandeou-se com os Mouros; e, tomando também Portugal por objecto da sua inimizade, veio com os Mouros tomar Abrantes, levando muitos cativos cristãos e grande despojo.

Saiu-lhe ao encontro o cavaleiro português Martim Lopes, que os desbaratou e prendeu D. Pedro Fernandes de Castro. A fonte é Rui de Pina, *Cr. de D. Sancho I,* cap. 12 (v. JMR, *FL,* pp. 107 e 108).

23.3-8

"Mas olha um Eclesiástico guerreiro": não foi D. Mateus que tomou Alcácer do Sal, como diz o Poeta na estância seguinte, mas D. Soeiro Viegas, bispo de Lisboa, que estava sitiando Alcácer, e aceitou a batalha que lhe pôs um grande exército de mouros, saindo vencedor. O equívoco vem da fonte utilizada – *Cr. de D. Afonso II,* de Rui de Pina (cf. JMR, *FL,* p. 110). Camões não se refere aos cruzados que passaram em 10 de Julho de 1217, nem ao auxílio do bispo de Évora, do abade de Alcobaça e de vários membros das Ordens do Templo e do Hospital; "Que em lança de aço torna o *bago de ouro*": o báculo de oiro.
Ort.: *crece* (por *cresce*).

24.1-2

"Vês, vão os Reis de Córdova e Sevilha / Rotos, cos outros dous, ...": os outros dois "Reis" (governadores) eram o de Badajoz e o de Xaém.

25.1-8

"Olha um Mestre que dece de Castela": D. Paio Peres Correia, português de nascimento, mestre da Ordem de Sant'Iago e sagaz político; "Vilas, castelos, toma à escala vista": de assalto, com as escadas apoiadas nos muros; "Em vingança dos sete caçadores": para vingar a morte de uns cristãos que em tempo de tréguas tinham ido a uma caçada. Atacados pelos Mouros, defenderam-se num palanque, mas foram todos mortos (v. Rui de Pina, *Cr. de D. Afonso III,* cap. VIII). Nos *sete* caçadores está incluído o mercador Garcia Rodrigues, que também morreu.
Ort.: *Tavila,* forma antiga (por *Tavira*).

26.1-8

"Vês, com *bélica astúcia* ao Mouro ganha / Silves, ...": por meio de cilada. Desviando o governador de Silves para Paderne e indo por caminho desviado, foi lançar-se sobre Silves, tomando todas as portas da cidade e impedindo as forças do governador de entrarem e ele próprio (v. *Cr. cit.,* cap. IX); "Mas não passes os três que em França e Espanha": Gonçalo Rodrigues Ribeiro, Vasco Anes e

Fernando Martins de Santarém, que em tempo de D. Afonso IV andaram como cavaleiros andantes em justas e torneios (v. Rui de Pina, *Cr. de D. Afonso IV,* caps. XIV a XVI).
Ort.: *enveja* (por *inveja*); *tornéus*, por causa da rima.

27.1-8
"Vê-los co nome vêm de *aventureiros*": cavaleiros andantes; "... onde o *preço* sós levaram": o prémio; "Dos jogos de Belona ...": dos jogos da guerra; "Que pode não temer a lei Leteia": terá ganho fama imortal.

28.1-8
"Atenta num que a fama tanto estende": D. Nuno Álvares Pereira, de quem falou já em IV.14-46; "Não no vês, tinto de ira, que reprende": v. IV.14-19.

29.1-8
"Olha: por seu conselho e ousadia": trata-se da Batalha de Aljubarrota: v. IV.28-44; "Vês, por indústria, esforço e valentia, / Outro estrago ...": refere-se à Batalha de Valverde; "Que entre o Tarteso e Guadiana habita?": na Andaluzia. *Tartessus,* cidade na foz do *Baetis* (Guadalquivir).

31.1
"Mas olha com que santa confiança": "Leixar o negocyo da batalha na força de seu moor trabalho, e apartar-se dos sseus a orar, ssem lhe ante dizendo nenhuma cousa! ... E duvidando se lhe falaria (Ruy Gonçalvez) cobrou coraçom, e chegou-sse a ell. E em pocas e breves razoões lhe disse o dano que neelles faziam. E el muyto quedo revolveo o rrostro, e mansamente respomdeo e disse: *Ruy Gonçalvez, amygo, ainda nom he tempo. Aguarday huum pouco e acabarey dorar.*" *(Crónica de D. João I,* 2.ª parte, cap. LVIII.)

31.5-8
"Assi Pompílio, ...": Plutarco conta *(Numa,* XV) que Numa tinha de tal maneira posto a sua confiança em Deus que, chegando-lhe um dia a nova de uma invasão inimiga, sorriu e disse: "Pois eu, sacrifico."

32.1-7

"Se quem com tanto esforço em Deus se atreve": se quem tanta confiança mostra em Deus; "'Português Cipião' chamar-se deve": Públio Cornélio Cipião, vencedor de Aníbal em Zama, em 202 a. C. Resistiu fortemente a Aníbal mesmo quando a sua derrota parecia certa (T. Lívio, XXX.XXXI-XXXV); "Este globo de Ceres e Neptuno": o globo terráqueo, composto de terra sólida e de água. *Aluno* é latinismo.

33.1-8

"Na mesma guerra vê que presas ganha": acontecimentos anteriores à Batalha de Aljubarrota. Estes vêm descritos na *Crónica de D. João I,* 1.ª parte, cap. CI. Pêro Rodrigues, alcaide-mor de Alandroal, vence dois comendadores de Castela e retoma-lhes o gado roubado; "Outra vez vê que a lança em sangue banha": v. *Crónica de D. João I,* 1.ª parte, cap. CII. Pêro Rodrigues liberta Álvaro Gonçalves Coitado das mãos dos Castelhanos.

34.1-8

"Olha este desleal o como paga": v. *Crónica de D. João I,* 1.ª parte, cap. CVIII. Gil Fernandes pelejou com Pai Rodrigues Marinho e desbaratou-o; "De Xerez rouba o campo e quási alaga": v. *Crónica de D. João I,* 1.ª parte, cap. CVII, "Como Gil Fernandes foi prear a Castela e do que aveo": "E foi prear a terra de Exarez; e trouxe mui gram presa de vacas e dovelhas e de prisioneiros."; "Mas olha Rui Pereira, que co rosto / Faz escudo às galés, ...": *Crónica de D. João I,* 1.ª parte, cap. CXXXIII, "Como alguumas naaos de Portugall pellejaram com as de Castella, e foram tomadas tres de Portugueses, e morto o boom de Ruy Pereira".

35.1-8

"Olha que dezessete Lusitanos": trata-se do encontro casual de Martim Vasques da Cunha e de mais dezassete cavaleiros (um deles saiu entretanto para ir dar aviso ao arraial) com uma hoste de 400 lanças e muitos homens de pé, de Castela. Defenderam-se durante toda a noite e madrugada, com os animais à roda de si, atados uns aos outros e eles em meio e as costas uns contra os outros, "não só defendendo, mas ofendendo". Entretanto, de manhã, chegou o socorro com o Condestável, e os Castelhanos fugiram (v. *Crónica de D. João I,* 2.ª parte, cap. CVIII).

36.1-2
"Sabe-se antigamente que trezentos / Já contra mil Romanos pelejaram": ED cita Eutrópio. Neste combate teriam morrido 70 lusitanos, mas 320 romanos.
Ort.: *despois* (por *depois*).

37.1
"Olha cá dous Infantes, Pedro e Henrique": D. Pedro viajou muito, mas não tanto como lhe atribuiu a lenda. Esteve em Inglaterra (1425) e na Flandres e foi festejado em Bruges com um torneio. Esteve depois em Gante. Em época indeterminada, interna-se pela Alemanha e toma parte na guerra do imperador Sigismundo contra os Turcos. Esteve na Hungria e na Itália, principalmente em Ferrara e em Roma. Em 1 de Junho de 1428 está com o papa Martinho V e em Agosto encontra-se de visita ao rei D. João II de Castela. Depois de visitar o rei de Navarra, regressa a Portugal.

37.4-7
"... com que a morte engane": com que vença o esquecimento; "Este, que ela nos mares o pubrique": este (o infante D. Henrique) que seja pela Fama "publicado" nos mares. Acerca dos feitos de D. Henrique em Ceuta, v. *Crónica da Tomada de Ceuta,* de Gomes Eanes de Zurara; "... e desengane / De Ceita a Maura túmida vaidade": a orgulhosa convicção da invencibilidade da terra de Ceuta.

38.1-3
"Vês o Conde Dom Pedro, ...": após a tomada da cidade de Ceuta o comando da praça foi confiado por D. João I a D. Pedro de Meneses; "Vês, outro Conde ...": filho do antecedente, D. Duarte de Meneses, capitão de Alcácer Ceguer, tomada em 1458 por D. Afonso V. D. Duarte morreu em 1464, salvando a vida ao rei.

39.3
"Mas falta-*lhe* pincel, faltão-*lhe* cores": por *lhes,* em referência aos pintores.

40-3-7
"Pela virtude...": pelas honras; "E por deixar a casa que descende": que descende deles; "Escuros deixam sempre seus *menores*": deixam

na obscuridade os seus descendentes. *Menores* é latinismo.
Ort.: *antão* (por *então*); *corrutores* (por *corruptores*).

41-6-8
"Crendo que cores *vãs* ...": falsas. "*À pintura que fala* querem mal": a poesia.
Ort.: *contrairo* (por *contrário*).

42.2-8
"Do generoso tronco ..." de tronco nobre; "... a nobreza que *lhe* fica": por *lhes*. Que lhes fica dos seus antecessores; "... acha poucos a pintura": a mesma "pintura que fala", a poesia.

43.1-5
"Assi está declarando os grandes feitos / O Gama, ...": entendemos assim: o Gama assi está declarando os grandes feitos que a vária tinta ali mostra e que a douta mão do singular artista ali pinta, tão claros, tão perfeitos; "Os olhos tinha *prontos* e direitos / O Catual na história *bem distinta*": *prontos,* atentos. *Bem distinta,* bem precisa, bem clara.

44.1-5
"Mas já a luz se mostrava duvidosa / Porque a *lâmpada grande* se escondia": o Sol; "Levava aos *Antípodas* o dia": neste caso os *antípodas* eram os que estavam no ponto diametralmente oposto a Calecute; "Quando o *Gentio* e a *gente generosa* / Dos Naires ...": o *Gentio* é o Catual e a *gente generosa* é constituída pelos nobres Naires. Não esqueçamos a est. 73 do Canto VII, em que a "Naira geração, que o mar coalhava" acompanhou o Catual e Monçaide à nau capitaina.

45-1-5
"Entretanto, os *arúspices* famosos": adivinhos, religiosos de profissão, encarregados de predizer o futuro pelo exame das entranhas das vítimas; "*Na falsa opinião,* que em sacrifícios": crendo falsamente; "... *estudiosos*": no sentido latino de aplicados, com zelo.

46.1-5
"*Sinal* lhe mostra o Demo, *verdadeiro*": sinal verdadeiro; "Vai-se

espantado o atónito agoureiro": atónito o arúspice pelas notícias que desentranhou das vítimas.

47.1-6
"A isto mais se ajunta que um devoto": para evitar o anacoluto devia estar "a um devoto"; "Dos ódios concebidos *não remoto*": não afastado; "Em forma do Profeta falso e noto / Que do filho da escrava Agar procede": Mafamede.
Ort.: *dece* (por *desce*).

48.1-7
"E diz-lhe assi: - 'Guardai-vos, gente minha / Do mal que se aparelha pelo imigo /... / ...'": do mal que vem por intermédio do inimigo; "Que pelas *águas húmidas* caminha": *maria humida* na *Eneida,* V.594 (ED); "Antes que *esteis ...": forma* antiga de *estejais;* "... sonho usado": sonho habitual. *Asinha* é arcaísmo.

49.7-8
"*De novo* são, ...": são pela primeira vez; "... ao néscio povo humano": ao ignorante povo humano.

50.2-8
"Ordena como em tudo se resista": toma as providências necessárias para resistir; "... quando o Sol sai, ...": quando o Sol nasce; "Se agudeza dos olhos ...": latinismo: *acies oculorum* (ED); "Se raízes criar lhe não tolheis": *lhe* refere-se a *gente* (do 1.º verso).

51-1-5
"Isto dito, *ele* e o sono se despede": um conjuntamente com o outro. *Ele* é *Baco;* "Lavrando nele o férvido veneno": o veneno instilado por *Baco;* "Tanto que a nova luz ao Sol precede": a aurora.

52.1
"Diversos pareceres e contrários": Barros resume o parecer dos principais mouros de Calecute: "Dizendo que o anno passado sobre duas naos de Mecha que tardavão em que lhe vinha fazenda, fizera pergũta a algũas pessoas que usão do officio de astrologia & doutras artes que daqui dependem: hũa das quaes pessoas que elle daria por testemunha como actor da obra, em hũ vaso d' aguoa lhe mostrara as naos perdidas, & maes outras à vela que dezia partirem de mui

longe pera vir à India, que a gẽte dellas seria total destruição dos Mouros daquellas partes. E porque em verdade ellas erão perdidas como todos sabião, pois a todos tocara esta perda: podiasse tomar sospeita do maes na vinda daquelles navios ali chegados, pois a gete delles era Christaã capital imiga de Mouros ... a cõclusão da consulta acabou que buscassem todolos modos possíveis pera sumir os nossos navios no fundo domar, & que as pessoas como ficassem em terra, hum & hum os irião gastando, com que não houvesse memoria delles nem do que tinhão descoberto." (Barros, I.IV.IX.)

53.1-5

"Com peitas, *ouro e dádivas secretas"*: estas eram as peitas; "Dizendo que são gentes inquietas": "O catual tanto q̃ vio tẽpo pera isso disse ao Camorij q̃ gẽralmete todolos homens do ponente q̃ estavão naquella cidade, dizião que aquelles q̃ ali eram vindos na sua propria terra vivião maes deste officio de cossairos q̃ de tracto & mercadoria: & como homens persiguidos na terra de seus naturaes se desterravão pera parte onde não fossem conhecidos." (Barros, I.IV.IX.)

54.5

"Porque, como *estê* posto na *superna* / Cadeira, ...": *estê,* forma antiga do verbo *estar* (o mesmo que *esteja). Superna* (por *superior*) é latinismo.

55.1-8

"... que tome tanto / Em grosso ...": tão inconsideradamente; "... a consciência limpa e *certa*": firme, segura; "Que *se enleve* num pobre e humilde *manto*": que se extasie num manto religioso; "Que mal co *eles* poderá *ter conta": eles* são os negócios do mundo: que mal poderá interessar-se por eles; "A quieta inocência, em só Deus pronta": a tranquila inocência só com os olhos em Deus, só a ele atenta. Camões transporta-se do mau encaminhamento dos negócios de Vasco da Gama para a má influência dos privados e conselheiros do rei D. Sebastião. Trata-se de uma alusão a Martim Gonçalves da Câmara? Não esqueçamos, no entanto, o sacerdote mouro da est. 47 e o seu papel.

56.3-6

"Induzidos das gentes infernais": induzidos dos Mouros; "... quanto os Mouros *ordenavam*": maquinavam.

57
Ort.: *despois* (por *depois*); *someteria* (por *submeteria*).

58.2-6
"Por que ...": para que; "Não era de espantar se s' espantasse": não era de admirar que se atemorizasse (na est. 59: "este temor").
Ort.: *malina* (por *maligna*); *indina* (por *indigna*).

59.1-8
"[O Rei (est. 58) ...] Este temor lhe esfria o *baixo peito*": anacoluto. O *baixo peito,* o ânimo indigno; "A *quem* por natureza está sujeito": à qual (cobiça). *Quem* referia-se a pessoas e a coisas; "Que lhe comete ...": que lhe propõe.

60.4-6
"Executa o dinheiro seus poderes": as peitas das est. 52 e 53; "O grande Capitão chamar mandava": "Porque tanto que o Camorij cõcebeo o q̃ lhe dezião, mãdou chamar Vasco da Gamma, & disse que lhe descobrisse hũa verdade, que elle prometia de lha perdoar: por ser cousa natural aos homens buscarem cautelas & modos de sua abonação pera fazerem seu proveito, & que se andavão desterrados por algum caso elle os ajudaria em tudo. Cà segundo tinha sabido d' algũs homens da parte da franquia donde dizião ser: elles não tinhão rey, ou se o avia na sua patria, o seu officio maes era andar pelo mar darmada a maneira de cossairos que por razão de cõmercio." (Barros, I.IV.IX); "A quem chegado disse: ...": lhe disse depois que chegou.

61.1-5
"... que a embaxada / ... *que* é fingida": *que* pleonástico; "Mas vagabundo *vás* ...": *vás,* forma antiga (por *vais*); "*Que* quem da *Hespéria última alongada*": *que* (por *pois*). Da *Hespéria última,* da Hispânia. *Alongada,* longínqua, como em "remotas".
Ort.: *embaxada* (por *embaixada*).

62.3-8
"Que presentes me trazes valoresos": "E el rey ẽ vez de lhe pedir as cartas, disselhe que ou ho mãdava descobrir pedras ou homẽs, & se mãdava descobrir homẽs como lhe não mandava algũa cousa: & pois a não trazia que lhe disserão q̃ tinha hũa sancta Maria douro

que lha desse." (Castanheda, I.XX); "Com peças e dões altos,...": "peças que sirvam de dons" (ED), hendíade; "Se lia ...": verbo *liar:* se liga; "Que sinal nem penhor não é bastante / As palavras dum vago navegante": a construção lógica seria esta: as palavras de um vago navegante não são sinal nem penhor bastante. O Poeta fez a concordância não com o sujeito, mas com "sinal" ou "penhor". FC emendou para "não *são* bastante".
Ort.: *valoresos* (por *valorosos*).

63.5-7
"... ao mar usados": habituados, afeitos; "... em toda idade": em qualquer tempo (tudo faz).

64.7
"Que Vénus *Acidália* lhe influía": *Acidália,* fonte da Beócia, onde se banhavam *Vénus* e as *Graças.* Virgílio chama-lhe apenas *matris Acidaliae* (*E,* I.720). *Vénus,* protectora dos Portugueses, inspira o discurso de Vasco da Gama.

65.1-8
"... que a malícia / Humana cometeu na *prisca* idade": na idade antiquíssima (de que já não há recordação). *Prisca* é latinismo; "Não *causaram* que o vaso da *nequícia*": *nequícia* está por *iniquidade.* "Vasa iniquitatis" é expressão bíblica ("Génesis", XLIX.5). Para MC representa Maomete. O mesmo (Mafona) para JMR. Para ED, o Demónio. O Poeta lembrou-se de *nequitia. Causaram,* tivessem causado; "*Viera* pôr perpétua *inimicícia*": *viera,* viesse. *Inimicícia,* latinismo que significa inimizade, ódio; "Ó poderoso Rei, da torpe seita": note-se que Vasco da Gama qualifica de "torpe" a seita de Mafoma, mesmo para os Mouros. Em III.20, para o rei de Melinde: "torpe Mauritano" e "torpe Mahometa". Em VIII.65, para o Samorim: "torpe seita"; "Não conceberas tu ...": não terias concebido.

66.4-6
"Que em suor vive sempre de seu peito": que é sempre mantida pelo árduo esforço do nosso coração (a esperança); "... confiança / Desta ...": em vez de "confiança nesta" (como em *fiducia alicujus rei,* cit. por ED).

67.2-8
"Undívago ...": errante pelos mares (lat.); "Que sofrem do Carneiro os moradores?": signo de Áries. Refere-se aos habitantes da zona tórrida.

68.1-8
"Se com grandes presentes d' alta estima / O crédito me pedes do que digo": "Ao que Vasco da Gama respondeo, que se não espãtasse de lhe não trazer nada, porque não tinha certeza de ho achar, & agora que ho achara veria o q̃ el rey seu senhor lhe mandava ..." (Castanheda, I.XX); "... tanto me sublima": tanto me engrandece; "Com que minha tornada certifico": com que meu regresso tomarei certo. Os "dões sumptuosos" dependiam, no fim de contas, da possibilidade de Vasco da Gama regressar ao reino.

69.8
"Que creia dele tanta fortaleza": o conceito em que o Lusitano é tido "demanda" maior crédito e fé mais alta da que revelou o Samorim: que se possa crer dele a possibilidade de ir descobrir Calecute e a Índia, sem ser como corsário.

70.8
"... que lavavam": que os mares lavavam.

71.1-8
"Conceito dino foi do ramo claro,": pensamento digno foi do ramo ilustre (o infante D. Henrique); "Do venturoso Rei que arou primeiro / O mar ...": refere-se a D. João I e à conquista de Ceuta; "... por ir deitar do ninho caro / O morador de Abila *derradeiro*": para ir expulsar os Mouros de Ceuta (ou monte Ábila). *Derradeiro,* por estar nos confins do mundo conhecido. Na estância seguinte, "os moradores *derradeiros* austrais", e em V.5.5, "Mas nem por ser do mundo a *derradeira*" (a ilha da Madeira); "... a parte que faz clara / De Argos, da Hidra a luz, da Lebre e da Ara": a parte que a luz da Hidra, de Argos, da Lebre e da Ara torna clara. São constelações austrais, que foi possível ver depois que os Portugueses passaram o Equador.

72.3-6
"Pouco e pouco, caminhos *estrangeiros*": *extraneus,* de fora, do

exterior; " ... que nunca as *Sete Flamas* viram": "A expressão *sete flamas* de Camões corresponde a *septem triones* e designa as sete estrelas de 2.ª grandeza da Ursa Maior, brilhantes no céu como sete clarões. O Poeta refere-se muito precisamente a esta esplêndida constelação, e não à Ursa Menor, cuja invisibilidade não era característica do extremo sul do continente africano, pois tinha já lugar 7º ao norte do trópico de Capricórnio" (LPS, *AL,* p. 122). Não confundir as *Sete Flamas* com o *Sete-Estrelo* (Plêiades). Estas só deixam de ser visíveis depois de 67º de latitude sul, na zona glacial antárctica.

72.8

"Quantos estão os Trópicos queimando": e que deixam atrás quantos estão queimados com os Trópicos.

73.4

"Viemos pôr a última coluna": *nec plus ultra:* segundo a fábula, trata-se de inscrição gravada por *Hércules* nas colunas do Calpe e de Ábila, que ele separou para ligar o Atlântico ao Mediterrâneo. Talvez o Poeta se lembrasse de *Hércules* ao escrever este verso.

73.5

"Rompendo a força do líquido estanho": é bom não esquecer que, em latim, *stannum* é que é estanho e que *stagnum* é charco, lagoa, água estagnada, toalha de água (de *stagno, as*). Os Romanos pronunciavam *stangnum,* donde o francês *étang* (Bréal e Bailly). Ov., *M,* I.48, fala em "charcos imensos" *(stagna inmensa)*, Virgílio, "abrindo um caminho nas águas" *(stagna viam scindens),* e Ov., *P,* para designar o Helesponto, "as águas da irmã de Frixo" (Hele) *(Phrixae stagna sororis).* Embora o Poeta não seja hostil aos pleonasmos, é estranho o seu "líquido estanho". Mas não seria impossível que o Poeta, que conheceu as colorações do mar alto, se lembrasse do *estanho,* metal.

74.1-7

"Esta é a verdade, Rei; ...": admire-se a simplicidade e sobriedade deste final. O Poeta diz que se não fosse verdade o que ele dizia não faria tão longo, fingido e vão discurso para alcançar a segurança que o Samorim lhe prometia. Tê-la-ia logo aceitado como fraco prémio; "No nunca descansado e fero grémio / Da madre *Tétis,* qual pirata inico": nos mares encapelados que a deusa *Tétis* governa, feito pirata

injusto e cruel. V. *descansar* (v. 5) e *nunca descansado* (v. 6).
Ort.: *inico* (por *iníquo*).

75.2-4

" ... sincera e não dobrada": e não fingida. *Palavras dobradas,* palavras fingidas; "Não me impidas o gosto da *tornada*": *tornada* em VlII.68.8. São estes os dois lugares em que empregou esta palavra.
Ort.: *impidas,* forma antiga (por *impeças*).

76.1-8

"A tento estava o Rei na segurança": "Mui atẽto esteve o Camorij a todas estas palavras de Vasco da Gamma oulhando muito a continencia com que as dizia: como homem que do fervor & constancia que lhe visse, queria conjecturar a verdade dellas" (Barros, I.IV.IX); "Concebe dele ...": deste (Vasco da Gama); "Crédito firme, *em quanto proferia*": em (tudo) quanto proferia; "Pondera das palavras a *abastança*": suficiência franca; "Os Catuais corrutos, mal julgados": mal avaliados por ele.
Ort.: *corrutos* (por *corruptos*).

77.3-5

"... e ter respeito / *Co* Capitão, ...": ao capitão; "Enfim ao Gama manda que direito / Às naus se vá ...": "El Rey crendo mais o que lhe ele dizia, que o que lhe os mouros tinhão dito, disselhe q̃ fosse embora, & que levasse os seus consigo que não era necessário ficar nenhu em terra, & que trouvesse sua mercadoria, & que a vendesse ho melhor que podesse." (Castanheda, I.XX.)

78.1-7

"Que *mande* da fazenda, enfim, lhe *manda*": lhe ordena; "... pera onde peça / Ao Catual que dele tinha cargo": que estava encarregado dele, capitão.

79.2-7

"Mas o mau Regedor, ...": o Catual. V. em Castanheda, I.XXI, bastante elucidativo; "... por que o arrede / ... / Onde, ...": para que o arrede ... de tal modo que.

80.3-7

"Ou que pera a *luz crástina* do dia / Futuro, ...": aqui há uma espécie

de pleonasmo: luz *crástina* é a luz do dia seguinte. Equivale a "para a manhã do dia futuro"; "... que o Gentio *consentisse* / Na má tenção ...": que o Gentio consentia no mau propósito dos Mouros - má, torpe e fera.

81-2-8

"Corrutos pela *Maumetana* gente": escreve-se *Maumetana,* como na edição *princeps,* por causa da medida do verso; "... por quem se governavam": por quem eram governadas; "Dele sòmente ...": sòmente dele; "De suas esperanças não delira": não desvaria, ou tresvaria.
Ort.: *corrutos* (por *corruptos*).

82.3-5

"E que assi lho mandara, ...": *lhe* (ao Catual); "O nobre sucessor de Perimal": o Samorim; "... e lhe difere": e lhe retarda.

83.5

"... o ferro *bruto*": cruel. É muito frequente em Camões o uso de "bruto": "*bruta* gente", "*bruto* lago", "*bruta* crueza", "povo *bruto*" e, até, "alegria *bruta*". O sentido não é o mesmo nestes exemplos.
Ort.: *sutil* (por *subtil*); *avorrecido* (por *aborrecido*).

84.2-6

"O conselho infernal dos Maumetanos": equivale às "gentes infernais" de VIII.56.3; "Por que ...": para que; "A terra *Eoa* ...": *Eos* é a *Aurora.* A terra *Eoa* é a terra oriental; "O Regedor dos Bárbaros *profanos*": no sentido latino de *ímpios.*

85.2-6

"... que mandasse / Chegar à terra as naus ...": "Etanto q̃ tornou logo lhe Vasco da Gama pedido almadias pera se ir: & ele lhe disse que mandasse chegar mais pera terra os navios, & que ẽtão se iria: do que se ele agastou muyto, parecendolhe que lhe dizia, pera com a muyta gente que tinha, lhe ir tomar os navios em almadias: & por isso não quis." (Castanheda, I.XXI); "Que lá tão longe a frota *se alargasse*": ficasse ao largo, a distância.

86.7

"... a quanto mal *se lhe ordenava*": se lhe aparelhava.

87.1-2
"Qual o reflexo lume do polido / Espelho ...": quer-se ver nesta estância sugestão dos seguintes versos da *Eneida:*

> *sicut aquae tremulus labris ubi lumen aënis*
> *sole repercussum aut radiantis imagine lunae*
> *omnia pervolitat late loca iamque sub auras*
> *erigitur summique ferit laquearia tecti.*
>
> (VIII.22-25)

Ort.: *fermoso* (por *formoso*); *ouciosa* (por *ociosa*).

88.2
"... quando lhe lembrara": quando lhe lembrou.

89.7
"Crer tudo, enfim; ...": pensar em tudo.

90.3
"Ele, *constante* e de ira nobre aceso": com constância de ânimo.

91.2-5
"E parte do outro dia, *quando ordena*": quando determina; "Comete-lhe o Gentio ...": propõe-lhe.

92.7
"... porque sabe por verdade": de certeza.

93-1-2
"*Concertam-se* que o *Negro* mande dar": combinam entre si. O *Negro* é o Catual; "Embarcações idóneas com que venha": com que a fazenda venha.

94.2-3
"A agasalhou ...": a arrecadou; "Co ela ficam Álvaro e Diogo": Diogo Dias ficou por feitor e Álvaro de Braga por seu escrivão.

95.3-6
"Interesse maior do que lhe vinha": do que lhe viria; *por que* não pudesse": para que.

96.3-8
"... já do cobiçoso / Regedor, corrompido e pouco nobre": regedor cobiçoso, corrompido e pouco nobre; "Pode o vil interesse e sede *imiga* / Do dinheiro, ...": a sede nociva porque insaciável. Seguem-se três exemplos do que é o vil interesse e a sede insaciável do dinheiro.

97.1-5
"A Polidoro mata o rei Treício": *Príamo,* rei de Tróia, confiou seu filho *Polidoro* a *Polimnestor,* rei da Trácia (o rei Treício). Depois da queda de Tróia, *Polimnestor,* para se apoderar do oiro, que teria vindo com o filho de *Príamo,* matou *Polidoro* e atirou com o cadáver dele ao mar (v. V, E, III.49-56); "Entra, pelo fortíssimo edifício": *Acrísio,* pai de *Dánae,* encerrou sua filha numa torre de bronze (Apollodoro, *Biblioteca,* II.IV, diz: "numa câmara subterrânea de bronze") para impedir o cumprimento da profecia de que seria morto pelo filho que dela nascesse. Mas *Júpiter* entrou na torre sob a forma de uma chuva de oiro e tornou *Dánae* mãe de *Perseu,* que mais tarde veio a matar *Acrísio;* "Pode tanto em Tarpeia avaro vício": Tarpeia, filha de Spurius Tarpeius, entregou a cidadela de Roma (o Capitólio) aos Sabinos sob promessa de eles lhe darem o que traziam no braço esquerdo (o bracelete de oiro). Tácio, rei dos Sabinos, consentiu, mas, ao entrar na cidadela, atirou-lhe não só o bracelete, mas o escudo que tinha no mesmo braço. Os soldados fizeram o mesmo e Tarpeia ficou esmagada (T. Lívio, I.XI).

98.1-3
"Este rende *munidas* fortalezas": o oiro faz render fortalezas bem fortificados. *Munidas* é latinismo; "Faz *trédoros* e falsos os amigos": *trédoros,* tredos, traidores; "Este a mais nobres ...": aos mais nobres.

99.7
"Que corrompe este encantador,...": o oiro. É vaga reminiscência da *Eneida,* VI.621.624. Uma ode de Horácio refere-se ao episódio de Dánae e ao poder do oiro (III.16).

IX

1 **T**IVERAM longamente na cidade,
Sem vender-se, a fazenda os dous feitores,
Que os Infiéis, por manha e falsidade,
Fazem que não lha comprem mercadores;
Que todo seu propósito e vontade
Era deter ali os descobridores
Da Índia tanto tempo que viessem
De Meca as naus, que as suas desfizessem.

2 Lá no seio Eritreu, onde fundada
Arsínoe foi do Egípcio Ptolomeu
(Do nome da irmã sua assi chamada,
Que despois em Suez se converteu),
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceu
Com a superstição falsa e profana
Da religiosa água Maumetana.

3 Gidá se chama o porto aonde o trato
De todo o Roxo Mar mais florecia,
De que tinha proveito grande e grato
O Soldão que esse Reino possuía.
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos Infiéis, fermosa companhia
De grandes naus, pelo Índico Oceano,
Especiaria vem buscar cada ano.

4 Por estas naus os Mouros esperavam,
Que, como fossem grandes e possantes,
Aquelas que o comércio lhe tomavam,
Com flamas abrasassem crepitantes.
Neste socorro tanto confiavam
Que já não querem mais dos navegantes
Senão que tanto tempo ali tardassem
Que da famosa Meca as naus chegassem.

5 Mas o Governador dos Céus e gentes,
Que, pera quanto tem determinado,
De longe os meios dá convenientes
Por onde vem a efeito o fim fadado,
Influiu piadosos acidentes
De afeição em Monçaide, que guardado
Estava pera dar ao Gama aviso
E merecer por isso o Paraíso.

6 Este, de quem se os Mouros não guardavam
Por ser Mouro como eles (antes era
Participante em quanto maquinavam),
A tenção lhe descobre torpe e fera.
Muitas vezes as naus que longe estavam
Visita, e com piedade considera
O dano sem razão que se lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena.

7 Informa o cauto Gama das armadas
Que de Arábica Meca vem cad' ano,
Que agora são dos seus tão desejadas,
Pera ser instrumento deste dano;
Diz-lhe que vêm de gente carregadas
E dos trovões horrendos de Vulcano,
E que pode ser delas oprimido,
Segundo estava mal apercebido.

8 O Gama, que também considerava
O tempo que pera a partida o chama,
E que despacho já não esperava
Milhor do Rei, que os Maumetanos ama,
Aos feitores que em terra estão, mandava
Que se tornem às naus; e, por que a fama
Desta súbita vinda os não impida,
Lhe manda que a fizessem escondida.

9 Porém não tardou muito que, voando,
Um rumor não soasse, com verdade:
Que foram presos os feitores, quando
Foram sentidos vir-se da cidade.
Esta fama as orelhas penetrando
Do sábio Capitão, com brevidade
Faz represária nuns que às naus vieram
A vender pedraria que trouxeram.

10 Eram estes antigos mercadores
Ricos em Calecu e conhecidos;
Da falta deles, logo entre os milhores
Sentido foi que estão no mar retidos.
Mas já nas naus os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante e, repartidos
Pelo trabalho, uns puxam pela amarra,
Outros quebram co peito duro a barra,

11 Outros pendem da verga e já desatam
A vela, que com grita se soltava,
Quando, com maior grita, ao Rei relatam
A pressa com que a armada se levava.
As mulheres e filhos, que se matam,
Daqueles que vão presos, onde estava
O Samorim se aqueixam que perdidos
Uns têm os pais, as outras os maridos.

12 Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda, livremente,
Apesar dos imigos Maumetanos,
Por que lhe torne a sua presa gente.
Desculpas manda o Rei de seus enganos;
Recebe o Capitão de melhormente
Os presos que as desculpas e, tornando
Alguns negros, se parte, as velas dando.

13 Parte-se costa abaxo, porque entende
Que em vão co Rei gentio trabalhava
Em querer dele paz, a qual pretende
Por firmar o comércio que tratava;
Mas como aquela terra, que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava,
Com estas novas torna à pátria cara,
Certos sinais levando do que achara.

14 Leva alguns Malabares, que tomou
Per força, dos que o Samorim mandara
Quando os presos feitores lhe tornou;
Leva pimenta ardente, que comprara;
A seca flor de Banda não ficou;
A noz e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco, co a canela
Com que Ceilão é rica, ilustre e bela.

15 Isto tudo lhe houvera a diligência
De Monçaide fiel, que também leva,
Que, inspirado de Angélica influência,
Quer no livro de Cristo que se escreva.
Oh, ditoso Africano, que a demência
Divina assi tirou de escura treva,
E tão longe da pátria achou maneira
Pera subir à pátria verdadeira!

16 Apartadas assi da ardente costa
As venturosas naus, levando a proa
Pera onde a Natureza tinha posta
A meta Austrina da Esperança Boa,
Levando alegres novas e reposta
Da parte Oriental pera Lisboa,
Outra vez cometendo os duros medos
Do mar incerto, tímidos e ledos.

17 O prazer de chegar à pátria cara,
A seus penates caros e parentes,
Pera contar a peregrina e rara
Navegação, os vários céus e gentes;
Vir a lograr o prémio que ganhara,
Por tão longos trabalhos e acidentes:
Cada um tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para ele é vaso estreito.

18 Porém a Deusa Cípria, que ordenada
Era, pera favor dos Lusitanos,
Do Padre Eterno, e por bom génio dada,
Que sempre os guia já de longos anos,
A g1ória por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem sofridos danos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes, alegria.

19 Despois de ter um pouco revolvido
Na mente o largo mar que navegaram,
Os trabalhos que pelo Deus nascido
Nas Anfiónias Tebas se causaram,
Já trazia de longe no sentido,
Pera primo de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso,
No Reino de cristal, líquido e manso;

20 Algum repouso, enfim, com que pudesse
Refocilar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, como interesse
Do trabalho que encurta a breve idade.
Parece-lhe razão que conta desse
A seu filho, por cuja potestade
Os Deuses faz decer ao vil terreno
E os humanos subir ao Céu sereno.

21 Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe aparelhada, lá no meio
Das águas, algũa ínsula divina,
Ornada d' esmaltado e verde arreio;
Que muitas tem no reino que confina
Da primeira co terreno seio,
Afora as que possui soberanas
Pera dentro das portas Herculanas.

22 Ali quer que as aquáticas donzelas
Esperem os fortíssimos barões
(Todas as que têm título de belas,
Glória dos olhos, dor dos corações)
Com danças e coreias, porque nelas
Influïrá secretas afeições,
Pera com mais vontade trabalharem
De contentar a quem se afeiçoarem.

23 Tal manha buscou já pera que aquele
Que de Anquises pariu, bem recebido
Fosse no campo que a bovina pele
Tomou de espaço, por sutil partido.
Seu filho vai buscar, porque só nele
Tem todo seu poder, fero Cupido,
Que, assi como naquela empresa antiga
A ajudou já, nestoutra a ajude e siga.

24 No carro ajunta as aves que na vida
Vão da morte as exéquias celebrando,
E aquelas em que já foi convertida
Perístera, as boninas apanhando;
Em derredor da Deusa, já partida,
No ar lascivos beijos se vão dando;
Ela, por onde passa, o ar e o vento
Sereno faz, com brando movimento.

25 Já sobre os Idálios montes pende,
Onde o filho frecheiro estava então,
Ajuntando outros muitos, que pretende
Fazer ũa famosa expedição
Contra o mundo revelde, por que emende
Erros grandes que há dias nele estão,
Amando cousas que nos foram dadas,
Não pera ser amadas, mas usadas.

26 Via Actéon na caça tão austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que, por seguir um feio animal fero,
Foge da gente e bela forma humana;
E por castigo quer, doce e severo,
Mostrar-lhe a formosura de Diana.
(E guarde-se não seja inda comido
Desses cães que agora ama, e consumido).

27 E vê do mundo todo os principais
Que nenhum no bem púbrico imagina;
Vê neles que não têm amor a mais
Que a si sòmente, e a quem Filáucia ensina;
Vê que esses que frequentam os reais
Paços, por verdadeira e sã doutrina
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florecente.

28 Vê que aqueles que devem à pobreza
Amor divino, e ao povo caridade,
Amam sòmente mandos e riqueza,
Simulando justiça e integridade;
Da feia tirania e de aspereza
Fazem direito e vã severidade;
Leis em favor do Rei se estabelecem,
As em favor do povo só perecem.

29 Vê, enfim, que ninguém ama o que deve,
Senão o que sòmente mal deseja.
Não quer que tanto tempo se releve
O castigo que duro e justo seja.
Seus ministros ajunta, por que leve
Exércitos conformes à peleja
Que espera ter co a mal regida gente
Que lhe não for agora obediente.

30 Muitos destes mininos voadores
Estão em várias obras trabalhando:
Uns amolando ferros passadores,
Outros hásteas de setas delgaçando.
Trabalhando, cantando estão de amores,
Vários casos em verso modulando;
Melodia sonora e concertada,
Suave a letra, angélica a soada.

31 Nas fráguas imortais onde forjavam
Pera as setas as pontas penetrantes,
Por lenha corações ardendo estavam,
Vivas entranhas inda palpitantes;
As águas onde os ferros temperavam,
Lágrimas são de míseros amantes;
A viva flama, o nunca morto lume,
Desejo é só que queima e não consume.

32 Alguns exercitando a mão andavam
Nos duros corações da plebe ruda;
Crebros suspiros pelo ar soavam
Dos que feridos vão da seta aguda.
Fermosas Ninfas são as que curavam
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não sòmente dá vida aos mal feridos,
Mas põe em vida os inda não nascidos.

33 Fermosas são algũas e outras feias,
Segundo a qualidade for das chagas,
Que o veneno espalhado pelas veias
Curam-no às vezes ásperas triagas.
Alguns ficam ligados em cadeias
Por palavras sutis de sábias magas;
Isto acontece às vezes, quando as setas
Acertam de levar ervas secretas.

34 Destes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido miserando;
E também nos heróis de altos estados
Exemplos mil se vêm de amor nefando,
Qual o das moças Bíbli e Cinireia,
Um mancebo de Assíria, um de Judeia.

35 E vós, ó poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes;
E por baixos e rudos, vós, senhoras,
Também vos tomam nas Vulcâneas redes.
Uns esperando andais nocturnas horas,
Outros subis telhados e paredes;
Mas eu creio que deste amor indino
É mais culpa a da mãe que a do minino.

36 Mas já no verde prado o carro leve
Punham os brancos cisnes mansamente;
E Dione, que as rosas entre a neve
No rosto traz, decia diligente.
O frecheiro que contra o Céu se atreve
O recebê-la vem, ledo e contente;
Vêm todos os Cupidos servidores
Beijar a mão à Deusa dos amores.

37 Ela, por que não gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz: – «Amado filho, em cuja mão
Toda minha potência está fundada;
Filho, em quem minhas forças sempre estão,
Tu, que as armas Tifeias tens em nada,
A socorrer-me a tua potestade
Me traz especial necessidade.

38 «Bem vês as Lusitânicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço,
Porque das Parcas sei, minhas amigas,
Que me hão-de venerar e ter em preço.
E porque tanto imitam as antigas
Obras de meus Romanos, me ofereço
A lhe dar tanta ajuda, em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

39 «E porque das insídias do odioso
Baco foram na Índia molestados,
E das injúrias sós do mar undoso
Puderam mais ser mortos que cansados,
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero que sejam repousados,
Tomando aquele prémio e doce glória
Do trabalho que faz clara a memória.

40 «E pera isso queria que, feridas
As filhas de Nereu no ponto fundo,
D' amor dos Lusitanos incendidas
Que vêm de descobrir o novo mundo,
Todas nũa ilha juntas e subidas,
(Ilha que nas entranhas do profundo
Oceano terei aparelhada,
De dões de Flora e Zéfiro adornada);

41 «Ali, com mil refrescos e manjares,
Com vinhos odoríferos e rosas,
Em cristalinos paços singulares,
Fermosos leitos, e elas mais fermosas;
Enfim, com mil deleites não vulgares,
Os esperem as Ninfas amorosas,
D' amor feridas, pera lhe entregarem
Quanto delas os olhos cobiçarem.

42 «Quero que haja no reino Neptunino,
Onde eu nasci, progénie forte e bela;
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potência se rebela,
Por que entendam que muro Adamantino
Nem triste hipocrisia val contra ela;
Mal haverá na terra quem se guarde
Se teu fogo imortal nas águas arde.»

43 Assi Vénus propôs; e o filho inico,
Pera lhe obedecer, já se apercebe:
Manda trazer o arco ebúrneo rico,
Onde as setas de ponta de ouro embebe.
Com gesto ledo a Cípria, e impudico,
Dentro no carro o filho seu recebe;
A rédea larga às aves cujo canto
A Faetonteia morte chorou tanto.

44 Mas diz Cupido que era necessária
Ua famosa e célebre terceira,
Que, posto que mil vezes lhe é contrária,
Outras muitas a tem por companheira:
A Deusa Giganteia, temerária,
Jactante, mentirosa e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e, por onde voa,
O que vê, com mil bocas apregoa.

45 Vão-a buscar e mandam-a diante,
Que celebrando vá com tuba clara
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunca os d' outrem celebrara.
Já, murmurando, a Fama penetrante
Pelas fundas cavernas se espalhara;
Fala verdade, havida por verdade,
Que junto a Deusa traz Credulidade.

46 O louvor grande, o rumor excelente,
No coração dos Deuses que indinados
Foram por Baco contra a ilustre gente,
Mudando, os fez um pouco afeiçoados.
O peito feminil, que levemente
Muda quaisquer propósitos tomados,
Já julga por mau zelo e por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.

47 Despede nisto o fero moço as setas,
Ũa após outra: geme o mar cos tiros;
Direitas pelas ondas inquietas
Algũas vão, e algũas fazem giros; –
Caem as Ninfas, lançam das secretas
Entranhas ardentíssimos suspiros;
Cai qualquer, sem ver o vulto que ama,
Que tanto como a vista pode a fama.

48 Os cornos ajuntou da ebúrnea Lũa,
Com força, o moço indómito, excessiva,
Que Tétis quer ferir mais que nenhũa,
Porque mais que nenhũa lhe era esquiva.
Já não fica na aljava seta algũa,
Nem nos equóreos campos Ninfa viva;
E se, feridas, inda estão vivendo,
Será pera sentir que vão morrendo.

49 Dai lugar, altas e cerúleas ondas,
Que, vedes, Vénus traz a medicina,
Mostrando as brancas velas e redondas,
Que vêm por cima da água Neptunina.
Pera que tu recíproco respondas,
Ardente Amor, à flama feminina,
É forçado que a pudicícia honesta
Faça quanto lhe Vénus amoesta.

50 Já todo o belo coro se aparelha
Das Nereidas, e junto caminhava
Em coreias gentis, usança velha,
Pera a ilha a que Vénus as guiava.
Ali a fermosa Deusa lhe aconselha
O que ela fez mil vezes, quando amava;
Elas, que vão do doce amor vencidas,
Estão a seu conselho oferecidas.

51 Cortando vão as naus a larga via
Do mar ingente pera a pátria amada,
Desejando prover-se de água fria
Pera a grande viagem prolongada,
Quando, juntas, com súbita alegria,
Houveram vista da Ilha namorada,
Rompendo pelo céu a mãe fermosa
De Menónio, suave e deleitosa.

52 De longe a Ilha viram, fresca e bela,
Que Vénus pelas ondas lha levava
(Bem como o vento leva branca vela)
Pera onde a forte armada se enxergava;
Que, por que não passassem, sem que nela
Tomassem porto, como desejava,
Pera onde as naus navegam a movia
A Acidália, que tudo, enfim, podia.

53 Mas firme a fez e imóbil, como viu
Que era dos Nautas vista e demandada,
Qual ficou Delos, tanto que pariu
Latona Febo e a Deusa à caça usada.
Pera lá logo a proa o mar abriu,
Onde a costa fazia ũa enseada
Curva e quieta, cuja branca areia
Pintou de ruivas conchas Citereia.

54 Três fermosos outeiros se mostravam,
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramíneo esmalte se adornavam,
Na fermosa Ilha, alegre e deleitosa.
Claras fontes e límpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa;
Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa linfa fugitiva.

55 Num vale ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras águas ajuntar-se,
Onde ũa mesa fazem, que se estende
Tão bela quanto pode imaginar-se.
Arvoredo gentil sobre ela pende,
Como que pronto está pera afeitar-se,
Vendo-se no cristal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

56 Mil árvores estão ao céu subindo,
Com pomos odoríferos e belos;
A laranjeira tem no fruito lindo
A cor que tinha Dafne nos cabelos.
Encosta-se no chão, que está caindo,
A cidreira cos pesos amarelos;
Os fermosos limões ali cheirando,
Estão virgíneas tetas imitando.

57 As árvores agrestes, que os outeiros
Têm com frondente coma ennobrecidos,
Álemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro Deus amados e queridos;
Mirtos de Citereia, cos pinheiros
De Cibele, por outro amor vencidos;
Está apontando o agudo cipariso
Pera onde é posto o etéreo Paraíso.

58 Os dões que dá Pomona ali Natura
Produze, diferentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ela se dão muito milhores:
As cereijas, purpúreas na pintura,
As amoras, que o nome têm de amores,
O pomo que da pátria Pérsia veio,
Milhor tomado no terreno alheio;

59 Abre a romã, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu, rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro está a jocunda
Vide, cuns cachos roxos e outros verdes;
E vós, se na vossa árvore fecunda,
Peras piramidais, viver quiserdes,
Entregai-vos ao dano que cos bicos
Em vós fazem os pássaros inicos.

60 Pois a tapeçaria bela e fina
Com que se cobre o rústico terreno,
Faz ser a de Aqueménia menos dina,
Mas o sombrio vale mais ameno.
Ali a cabeça a flor Cifísia inclina
Sôbolo tanque lúcido e sereno;
Florece o filho e neto de Ciniras,
Por quem tu, Deusa Páfia, inda suspiras.

61 Pera julgar, difícil cousa fora,
No céu vendo e na terra as mesmas cores,
Se dava às flores cor a bela Aurora,
Ou se lha dão a ela as belas flores.
Pintando estava ali Zéfiro e Flora
As violas da cor dos amadores,
O lírio roxo, a fresca rosa bela,
Qual reluze nas faces da donzela;

62 A cândida cecém, das matutinas
Lágrimas rociada, e a manjerona;
Vêm-se as letras nas flores Hiacintinas,
Tão queridas do filho de Latona.
Bem se enxerga nos pomos e boninas
Que competia Clóris com Pomona.
Pois, se as aves no ar cantando voam,
Alegres animais o chão povoam.

63 Ao longo da água o níveo cisne canta;
Responde-lhe do ramo filomela;
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon n' água cristalina e bela.
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata, ou tímida gazela;
Ali no bico traz ao caro ninho
O mantimento o leve passarinho.

64 Nesta frescura tal desembarcavam
Já das naus os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixavam
Andar as belas Deusas, como incautas.
Algũas, doces cítaras tocavam;
Algũas, harpas e sonoras frautas;
Outras, cos arcos de ouro, se fingiam
Seguir os animais, que não seguiam.

65 Assi lho aconselhara a mestra experta:
Que andassem pelos campos espalhadas;
Que, vista dos barões a presa incerta,
Se fizessem primeiro desejadas.
Algũas, que na forma descoberta
Do belo corpo estavam confiadas,
Posta a artificiosa formosura,
Nuas lavar se deixam na água pura.

66 Mas os fortes mancebos, que na praia
Punham os pés, de terra cobiçosos
(Que não há nenhum deles que não saia),
De acharem caça agreste desejosos,
Não cuidam que, sem laço ou redes, caia
Caça naqueles montes deleitosos,
Tão suave, doméstica e benina,
Qual ferida lha tinha já Ericina.

67 Alguns, que em espingardas e nas bestas
Pera ferir os cervos, se fiavam,
Pelos sombrios matos e florestas
Determinadamente se lançavam;
Outros, nas sombras, que de as altas sestas
Defendem a verdura, passeavam
Ao longo da água, que, suave e queda,
Por alvas pedras corre à praia leda.

68 Começam de enxergar subitamente,
Por entre verdes ramos, várias cores,
Cores de quem a vista julga e sente
Que não eram das rosas ou das flores,
Mas da lã fina e seda diferente,
Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por arte mais fermosas.

69 Dá Veloso, espantado, um grande grito:
– «Senhores, caça estranha (disse) é esta!
Se inda dura o Gentio antigo rito,
A Deusas é sagrada esta floresta.
Mais descobrimos do que humano esprito
Desejou nunca, e bem se manifesta
Que são grandes as cousas e excelentes
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

70 «Sigamos estas Deusas e vejamos
Se fantásticas são, se verdadeiras.»
Isto dito, veloces mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as Ninfas vão por entre os ramos,
Mas, mais industriosas que ligeiras,
Pouco e pouco, sorrindo e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.

71 De ũa os cabelos de ouro o vento leva,
Correndo, e da outra as fraldas delicadas;
Acende-se o desejo, que se ceva
Nas alves carnes, súbito mostradas.
Ũa de indústria cai, e já releva,
Com mostras mais macias que indinadas,
Que sobre ela, empecendo, também caia
Quem a seguiu pela arenosa praia.

72 Outros, por outra parte, vão topar
Com as Deusas despidas, que se lavam;
Elas começam súbito a gritar,
Como que assalto tal não esperavam;
Ũas, fingindo menos estimar
A vergonha que a força, se lançavam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que às mãos cobiçosas vão negando;

73 Outra, como acudindo mais depressa
À vergonha da Deusa caçadora,
Esconde o corpo n' água; outra se apressa
Por tomar os vestidos que tem fora.
Tal dos mancebos há que se arremessa,
Vestido assi e calçado (que, co a mora
De se despir, há medo que inda tarde)
A matar na água o fogo que nele arde.

74 Qual cão de caçador, sagaz e ardido,
Usado a tomar na água a ave ferida,
Vendo [ò] rosto o férreo cano erguido
Pera a garcenha ou pata conhecida,
Antes que soe o estouro, mal sofrido
Salta n' água e da presa não duvida,
Nadando vai e latindo: assi o mancebo
Remete à que não era irmã de Febo.

75 Leonardo, soldado bem disposto,
Manhoso, cavaleiro e namorado,
A quem Amor não dera um só desgosto
Mas sempre fora dele mal tratado,
E tinha já por firme pros[s]uposto
Ser com amores mal afortunado,
Porém não que perdesse a esperança
De inda poder seu fado ter mudança,

76 Quis aqui sua ventura que corria
Após Efire, exemplo de beleza,
Que mais caro que as outras dar queria
O que deu, pera dar-se, a natureza.
Já cansado, correndo, lhe dizia:
– «Ó formosura indina de aspereza,
Pois desta vida te concedo a palma,
Espera um corpo de quem levas a alma!

77 «Todas de correr cansam, Ninfa pura,
Rendendo-se à vontade do inimigo;
Tu só de mi só foges na espessura?
Quem te disse que eu era o que te sigo?
Se to tem dito já aquela ventura
Que em toda a parte sempre anda comigo,
Oh, não na creias, porque eu, quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

78 «Não canses, que me cansas! E se queres
Fugir-me, por que não possa tocar-te,
Minha ventura é tal que, inda que esperes,
Ela fará que não possa alcançar-te.
Espera; quero ver, se tu quiseres,
Que sutil modo busca de escapar-te;
E notarás, no fim deste sucesso,
'Tra la spica e la man qual muro he messo.'

79 «Oh! Não me fujas! Assi nunca o breve
Tempo fuja de tua formosura;
Que, só com refrear o passo leve,
Vencerás da fortuna a força dura.
Que Emperador, que exército se atreve
A quebrantar a fúria da ventura
Que, em quanto desejei, me vai seguindo,
O que tu só farás não me fugindo?

80 «Pões-te da parte da desdita minha?
Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.
Levas-me um coração que livre tinha?
Solta-mo e correrás mais levemente.
Não te carrega essa alma tão mesquinha
Que nesses fios de ouro reluzente
Atada levas? Ou, despois de presa,
Lhe mudaste a ventura e menos pesa?

81 «Nesta esperança só te vou seguindo:
Que ou tu não sofrerás o peso dela,
Ou na virtude de teu gesto lindo
Lhe mudarás a triste e dura estrela.
E se se lhe mudar, não vás fugindo,
Que Amor te ferirá, gentil donzela,
E tu me esperarás, se Amor te fere;
E se me esperas, não há mais que espere.»

82 Já não fugia a bela Ninfa tanto,
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas mágoas que dizia.
Volvendo o rosto, já sereno e santo,
Toda banhada em riso e alegria,
Cair se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

83 Oh, que famintos beijos na floresta,
E que mimoso choro que soava!
Que afagos tão suaves! Que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passam na manhã e na sesta,
Que Vénus com prazeres inflamava,
Milhor é exprimentá-lo que julgá-lo;
Mas julgue-o quem não pode exprimentá-lo.

84 Destarte, enfim, conformes já as fermosas
Ninfas cos seus amados navegantes,
Os ornam de capelas deleitosas
De louro e de ouro e flores abundantes.
As mãos alvas lhe davam como esposas;
Com palavras formais e estipulantes
Se prometem eterna companhia,
Em vida e morte, de honra e alegria.

85 Ũa delas, maior, a quem se humilha
Todo o coro das Ninfas e obedece,
Que dizem ser de Celo e Vesta filha,
O que no gesto belo se parece,
Enchendo a terra e o mar de maravilha,
O capitão ilustre, que o merece,
Recebe ali com pompa honesta e régia,
Mostrando-se senhora grande e egrégia.

86 Que, despois de lhe ter dito quem era,
Cum alto exórdio, de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender que ali viera
Por alta influïção do imóbil fado,
Pera lhe descobrir da unida esfera
Da terra imensa e mar não navegado
Os segredos, por alta profecia,
O que esta sua nação só merecia,

87 Tomando-o pela mão, o leva e guia
Pera o cume dum monte alto e divino,
No qual ũa rica fábrica se erguia,
De cristal toda e de ouro puro e fino.
A maior parte aqui passam do dia,
Em doces jogos e em prazer contino.
Ela nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras, entre as flores.

88 Assi a fermosa e a forte companhia
O dia quási todo estão passando
Nũa alma, doce, incógnita alegria,
Os trabalhos tão longos compensando.
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa, o mundo está guardando
O prémio lá no fim, bem merecido,
Com fama grande e nome alto e subido.

89 Que as Ninfas do Oceano, tão fermosas,
Tétis e a Ilha angélica pintada,
Outra cousa não é que as deleitosas
Honras que a vida fazem sublimada.
Aquelas preminências gloriosas,
Os triunfos, a fronte coroada
De palma e louro, a glória e maravilha,
Estes são os deleites desta Ilha.

90 Que as imortalidades que fingia
A antiguidade, que os Ilustres ama,
Lá no estelante Olimpo, a quem subia
Sobre as asas ínclitas da Fama,
Por obras valerosas que fazia,
Pelo trabalho imenso que se chama
Caminho da virtude, alto e fragoso,
Mas, no fim, doce, alegre e deleitoso,

91 Não eram senão prémios que reparte,
Por feitos imortais e soberanos,
O mundo cos varões que esforço e arte
Divinos os fizeram, sendo humanos.
Que Júpiter, Mercúrio, Febo e Marte,
Eneas e Quirino e os dous Tebanos,
Ceres, Palas e Juno com Diana,
Todos foram de fraca carne humana.

92 Mas a Fama, trombeta de obras tais,
Lhe deu no Mundo nomes tão estranhos
De Deuses, Semideuses, Imortais,
Indígetes, Heróicos e de Magnos.
Por isso, ó vós que as famas estimais,
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do sono do ócio ignavo,
Que o ânimo, de livre, faz escravo.

93 E ponde na cobiça um freio duro,
E na ambição também, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vício da tirania infame e urgente;
Porque essas honras vãs, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão à gente:
Milhor é merecê-los sem os ter,
Que possuí-los sem os merecer.

94 Ou dai na paz as leis iguais, constantes,
Que aos grandes não dêem o dos pequenos,
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a lei dos imigos Sarracenos:
Fareis os Reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais e nenhum menos:
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras que ilustram tanto as vidas.

95 E fareis claro o Rei que tanto amais,
Agora cos conselhos bem cuidados,
Agora co as espadas, que imortais
Vos farão, como os vossos já passados.
Impossibilidades não façais,
Que quem quis, sempre pôde; e numerados
Sereis entre os Heróis esclarecidos
E nesta «Ilha de Vénus» recebidos.

NOTAS

1.4
"Fazem que não lha comprem mercadores": "E não lhe podendo fazer outro mal zombavão da mercadoria que deixara ẽ terra & fazião que não se vendesse" (Castanheda, I.XXII). Inicialmente a mercadoria não se estava a vender em Calecute.

2.1-8
"Lá no seio Eritreu, ...": no mar Roxo (hoje mar Vermelho); "... onde fundada / *Arsínoe* foi do Egípcio Ptolomeu": *Arsínoe,* princesa egípcia, filha de Ptolemeu Lagos, nascida por 316 a. C. Depois de ter sido esposa de Lisímaco, rei da Trácia, e de Ptolemeu Cerauno, casou com Ptolemeu Filadelfo, seu irmão germano, o qual deu o nome de Arsínoe a várias cidades. Arsínoe foi adorada no Egipto e na Grécia sob o nome de Vénus Zefirítis; "Que despois em Suez se converteu": Arsínoe foi fundada perto da actual Suez. O Poeta em X.98.2 é mais dubitativo: "Dizem ..."; "Não longe o porto jaz ...": a seguir, na est. 3, fala deste porto; "Cidade Meca, ...": como *urbs Roma.* Capital do Hedjaz, na Arábia; "... que se engrandeceu / Com a superstição falsa e profana / Da religiosa água Maumetana": alusão ao poço de Zenzém, junto à mesquita denominada, por extensão, a Caaba, a cuja água, dotada de propriedades miraculosas, os Maometanos atribuem a virtude de purificar de todos os pecados. Segundo a lenda, a fonte deste poço é a mesma que Jeová fez brotar para Agar e Ismael quando foram expulsos por Abraão.

3.1-4
"*Gidá* se chama o porto aonde o trato": *Gidá* (Djeddá) é uma das principais cidades do Hedjaz. Era, e é, escala marítima de Meca; "De todo o Roxo Mar mais florecia": é o "seio Eritreu" da est. 2; "O Soldão ...": forma antiga de *Sultão,* o imperador dos Turcos.
Ort.: *florecia* (por *florescia*); *fermosa* (por *formosa*).

4.3-8
"Aquelas que o comércio lhe tomavam, / Com flamas abrasassem

crepitantes": esperavam as naus turcas para abrasar as naus portuguesas, que "o comércio lhes tomavam"; "Que da famosa Meca as naus chegassem": "Vasco da Gama, posto que sentisse que todos estes artifícios erão dilações pera o deter té a vinda das naos de Mecha, segundo lhe tinha dito o Mouro Moçaide ..." (Barros, I.IV.X.)

5.5
"Influiu piadosos acidentes": inspirou piedosos sentimentos.
Ort.: *piadosos* (por *piedosos*).

6.1-7
"Este ...": Monçaide; "O dano ... que se lhe ordena": o dano que se lhe prepara.

7.6-8
"E dos trovões horrendos de Vulcano": de bombardas; "Segundo estava mal apercebido": é também o último verso de III.35.

8.6-7
"... e, *por que* a fama / Desta súbita vinda os não *impida*": e para que os feitores (portugueses) não sejam impedidos de regressar aos navios. *Impida,* como em VIII.75.4: *impidas*.

9.1-7
"Porém não tardou muito que, voando, / Um rumor não soasse ...": "Tornãdo Diogo dias cõ esta reposta acõpanharãno muytos naires, q̃ ele cuydou q̃ era por bẽ: mas chegãdo á feitoria eles se poserão á porta, guardando q̃ não saisse ele nẽ outrem" (Castanheda, I.XXIII); "Faz represária nuns que às naus vieram": Vasco da Gama procedeu aqui com "manha". Não prendeu os que vinham à nau, de pouco preço; "ate q̃ ao domingo seguinte forão seys homes honrrados com dezanove que levavão cõsigo em hũa almadia. E parecendo a Vasco da Gama que por estes averia ho feitor & ho escrivão, fez neles represaria" (Castanheda, I.XXIII).
Ort.: *milhor* (por *melhor*); *represária* (por *represália*). Castanheda e Barros também escrevem "represária".

10.6-8
"Volvem o cabrestante ...": fazem rodar o cabrestante para arrancar

a âncora do fundo e trazê-la para cima. O "trabalho" (faina) de içar a âncora foi repartido: "... uns puxam pela *amarra* [corrente de ferro ligada à âncora] / Outros *quebram* [vergam com o esforço] co peito duro a *barra* [peça de madeira que se mete na abertura do *chapéu* do cabrestante]".

11.1-4
"Outros pendem da verga e *já desatam / A vela,* ...": no alto, soltando as velas, os marinheiros parecem pender das vergas (onde as velas estavam enroladas) (BS, *CM*). *E já desatam a vela,* soltam-na, desfraldam-na; "... que com grita *se soltava*": era desenrolada; "A pressa com que a armada *se levava*": largava, se fazia à vela.

12.1-8
"Manda logo os feitores Lusitanos": o Samorim liberta Diogo Dias e Álvaro de Braga para que o Gama "lhe torne a sua presa gente", como diz o Poeta no v. 4; "... e, tornando / Alguns negros, se parte, as velas dando": Vasco da Gama devolve alguns naturais da terra que tinha a bordo logo que lhe restituíram o feitor e o escrivão. A simulação da partida das naus não teve outro propósito. Azedadas as relações por causa das intrigas dos Mouros, "Vasco da gama que ja não se fiava del rey, não quis respõder a seus offrecimẽtos, & mandoulhe os seus Naires & os outros deixou, dizẽdo q̃ ficavão ate lhe trazerem a mercadoria que ficava em terra (Castanheda, I.XXIII.)
Ort.: *imigos* (por *inimigos*).

13-1-4
"Parte-se costa abaxo, ...": Vasco da Gama desiste da mercadoria que eles dizem trazer nas almadias sob os alambéis. Pedem eles ao Gama "que mandasse ele tambẽ poer os Malabares q̃ tinha presos". Deve entender-se que Vasco da Gama não restituiu toda a gente que tinha a bordo e a prova é que, segundo Castanheda, a resposta de Vasco da Gama foi esta: "E parecendolhe a ele [Capitão] que isto [a entrega das mercadorias] era engano disselhes q̃ se fossem, porq̃ não queria mercadoria se nã levar pera Portugal aqueles Malabares pera testemunhas de seu descobrimẽto." (Castanheda, I.XXIV.) E, pensando que os que viessem depois tinham necessidade da amizade do Samorim, "hũa segunda feyra dez dias de Setẽbro que escreveo hũa carta em arabigo feyta por Bontaibo, em q̃ dizia que lhe

perdoasse de lhe levar os Malabares, porque os não levava se não pera testemunhas do que tinha discuberto ..." (Castanheda, I.XXV.) Não pode haver dúvida a respeito das intenções de Vasco da Gama. No *Diário da Viagem de Vasco da Gama,* p. 96, diz-se: "... e como não podíamos acabar de nos despedir da terra com paz e amigos da gente, houve por conselho o capitão-mor, com os outros capitães, de nos partirmos e levarmos aqueles homens que tínhamos, porque aqueles, tornando a Calecut, fariam fazer as amizades". E Barros diz também: "... mas cõ tudo recolhidos todolos nossos, por causa d' algũa fazenda que lhe não quizeram entregar, Vasco da Gamma reteve certos Indios que trouxe consigo & assi o fiel Monçaide, partindo logo aquelle dia que erão vinte nove de Agosto, avendo setenta & quatro dias que chegara àquella cidade de Calecut." (Barros, I.IV.X.)

13.5-8

"Mas como aquela terra, que *se estende / Pela Aurora, sabida já deixava": se estende pela Aurora* é o mesmo que *se estende pelo Oriente. Sabida já deixava* quer dizer que *obtivera o conhecimento dela;* "Certos sinais levando ...": levando sinais certos, seguros.

14.1-6

"Leva alguns Malabares, ...": o Poeta supõe que o Gama reteve aqueles Malabares que o Samorim mandou com os feitores. Muita gente acompanhou os feitores portugueses às naus em sete almadias, "de q̃ nenhũa não ousou dẽtrar nos navios" (Castanheda, I.XXIV); "Leva a pimenta ardente, ...": é o *Piper nigrum,* L., diferente da que menciona em X.123, fruto do *Piper officinarum,* C. DC., do arquipélago Malaio (pimenta-longa). O *Piper nigrum* é um arbusto trepador, indígena do Malabar, cujo fruto se estende bastante pelas regiões orientais. Escreveu CF, *FL,* p. 67, que foi esta especiaria que os nossos procuraram com mais ardor. O seu estabelecimento nos mercados de Flandres e outros foi um grande êxito comercial; "A seca flor de Banda ...": o Poeta chama impròpriamente "flor" (como Barros e Castanheda) à "arilha" que envolve a noz-moscada das ilhas de Banda; "A *noz* e o *negro cravo, ...*": a *noz é* a "noz-moscada", semente da *Myristica fragrans,* Houttuyn (v. X.133). O *negro cravo* é o "cravo-da-índia", o botão do *Caryophyllus aromaticus,* L. (v. X.132). Ort.: *abaxo* (por *abaixo*).

14.6-7

"... que *faz clara* / A *nova* ilha Maluco ...": *faz clara,* torna célebre. A *nova* ilha: refere-se o Poeta ao recente conhecimento de Moluco. O arquipélago das Molucas foi descoberto em 1511 por uma pequena armada de três navios que, por mandado de Afonso de Albuquerque, partira de Goa sob o comando de António de Abreu e Francisco Serrão.

15.1-4

"Isto tudo lhe houvera a diligência / De Monçaide fiel, que também leva": "terça-feira [28 de Agosto de 1498], estando nós pousados pela manhã, se veio meter connosco em os navios um mouro de Tunes ... dizendo-nos que lhe tomaram quanto tinha e que não sabia se lhe fariam mais mal; que estava nesta ventura! E que os da terra diziam que ele era cristão e que viera a Calecut por mandado de el-rei de Portugal; pelo qual ante[s] se queria vir com eles que estar em terra, onde esperava que cada dia o matassem" (DVVG, I, p. 95). Monçaide, a quem os Portugueses chamavam Bontaibo; "Quer no livro de Cristo que se escreva": que seja inscrito no livro de Cristo, isto é, entre os seus fiéis.

16.1-8

"Apartadas assi da ardente costa / As venturosas naus, ...": diz JMR em *BCL,* 13, p. 707: "Um dos quatro particípios [desta estância] tem de equivaler a um verbo no modo indicativo, pois os factos de que se fala nesta estância não são circunstâncias do pensamento expresso na estância seguinte."; "A meta *Austrina* da Esperança Boa": perífrase para designar o cabo da Boa Esperança. *Austrina,* meridional. (Cf. X.92.5-6); "Outra vez *cometendo* os duros medos": de novo *cometem* (afrontam) os duros perigos; "... *tímidos* e *ledos": tímidos,* por irem afrontar os mares incertos; *ledos,* por regressarem "à pátria cara». A edição *princeps* tem "temidos".

17.1-8

Note-se a proximidade de "cara" e "caros"; "... a *peregrina* e rara / Navegação, ...": navegação que os levou (aos Portugueses) a terras e a mares longínquos. *Peregrina* é latinismo; "Que o coração para ele é *vaso estreito*": é como se disséssemos em linguagem corrente "o coração saltava-lhes no peito".

18.1-8
"Porém a Deusa *Cípria,* ...": é a primeira vez que o Poeta se lembra de dar a *Vénus* o cognome de *Cípria* (de Chipre, onde era venerada). Fá-lo-á de novo neste canto em 43.5. E mais nenhuma vez; " ... que ordenada / Era, pera favor dos Lusitanos / Do *Padre Eterno,* ...": o *Padre Eterno (Júpiter,* certamente) ordenara a *Vénus* que favorecesse os Lusitanos e, "dada por bom génio", *lhes* andava já preparando "a glória alcançada por trabalhos" e a "satisfação de danos bem sofridos".

19.3-4
"Os trabalhos pelo que *Deus nascido* / Nas Anfiónias Tebas se causaram": considerando o plural *Thebae,* em latim, o Poeta não teve dúvida em escrever também "Tebas anfiónias". *Anfíon,* filho de *Zeus* e de *Antíope*. Com seu irmão *Zeto* construiu Tebas. *Zeto* transportava as pedras às costas e *Anfíon* movia-as ao som da sua lira. O *Deus nascido* é *Baco.*

20.2-6
"Refocilar a lassa humanidade / Dos navegantes seus, ...": restaurar, reconstituir a cansada natureza humana. Como escreveu Camilo: "no poema os cansados navegadores *refocilam-se* nos braços deleitosos das ninfas" (*Vingança,* cap. VI, p. 54); "Do trabalho que encurta a breve idade": a vida, já de si curta, é ainda abreviada pelo trabalho; "... que conta desse / A seu filho, ...": *Cupido,* deus do amor. *Potestade* (poder) pode não ser um latinismo criado por Camões.
Ort.: *decer* (por *descer*).

21.2-6
"... lá no meio / Das águas, algũa ínsula divina": note-se que o Poeta localiza com extrema vaguidade a posição da ilha; "Da primeira co terreno seio": este é certamente o verso mais discutido de *Os Lusíadas*. E já o era antes de 1613, embora MC não tenha aceitado a emenda já proposta: "Da [mãe] primeira co terreno seio". Sem aquela sílaba o verso está errado e, além disso, não faz sentido algum: *ter muitas ilhas no reino que confina co terreno seio da primeira* não é nada. Não pode haver dúvidas de que o "terreno seio" é a "muyto grande enseada" (Castanheda, I.13) que rodeia o "golfão de 750 léguas" (Castanheda, id., ibid., cit. por JMR) entre Melinde e Calecute, portanto no oceano Índico. Pensa JMR que as palavras

que "foram substituídas no texto" deviam indicar essa curvatura: "De África e de Ásia co terreno seio." "A mãe primeira" é a Terra. "Que confina da mãe primeira co terreno seio" quer dizer que confina com a grande enseada (o terreno seio) da Ásia e África.

21.7-8

"Afora as que possui soberanas / Pera dentro das portas Herculanas": afora as que possui no Mediterrâneo.

22.5-8

"Com danças e *coreias*": com danças e danças em coro; "Influirá secretas afeições / Pera com mais vontade trabalharem / De contentar a quem se afeiçoarem": afeições ... afeiçoarem. É o objectivo de *Vénus*.

23.1-4

"Tal manha buscou já pera que aquele / Que de Anquises pariu, ...": *Eneias,* filho de *Vénus* e de *Anquises,* afeiçoar-se a *Dido,* rainha de Cartago, por intermédio de *Cupido,* que, tomando a figura de *Ascânio,* filho de *Eneias,* conseguiu que *Dido* se apaixonasse por *Eneias* (V, *E,* I.657-688); "... bem recebido / Fosse no campo que a bovina pele / Tomou de espaço, por sutil partido": *Dido,* ao aportar à África, conseguiu do rei *Iarbas* que lhe desse o terreno que pudesse ser abrangido por um couro de boi. Claro que recortando o couro do boi em tiras finíssimas pôde abranger um espaço muito maior. Foi o "sutil partido", visto que deu à sua proposta uma interpretação que o rei não podia adivinhar (V, *E,* I.367-368).
Ort.: *sutil* (por *subtil*).

24.1-6

"No carro ajunta as aves que na vida / Vão da morte as exéquias celebrando": são os cisnes dos quais se diz que cantam muito mais suavemente quando estão para morrer (Plínio, *NH,* X.63); "E aquelas em que já foi convertida / *Perístera,* ...": são as pombas. *Perístera* era uma ninfa. *Eros* ficou irritado por aquela procurar a vantagem de *Afrodite* quando se divertiam a apanhar flores, e transformou a ninfa em pomba ; "No ar lascivos beijos se vão dando": pintura digna de pincel de um mestre: em volta do carro de *Vénus,* puxado pelos cisnes, adejam as pombas trocando lascivos beijos.

25.1-2
"Já sobre os *Idálios* montes *pendè*": *Idálio,* cidade da ilha de Chipre, célebre pelo culto de *Vénus. Pende,* desce; "Onde o filho frecheiro estava então": *Cupido,* munido de carcás e flechas.
Ort.: *revelde* (por *rebeldè*).

26.1
"Via Actéon na caça tão austero": não tenho notícia de que *Actéon* fugisse "da gente e bela forma humana"; que fosse misógino e misógamo. Ovídio, que conta esta interessante história (III.138-252), mostra *Actéon* a divertir-se na caça com os companheiros, mas descansando quando surpreendeu *Diana* numa gruta, no banho:

> *Ecce nepos Cadmi, dilata parte laborum,*
> *Per nemus ignotum non certis passibus errans*
> *Pervenit in lucum; sic illum lata ferebant.*

A deusa, em castigo, transformou *Actéon* em veado, que foi depois devorado pelos seus próprios cães. Foi FS quem trouxe a novidade da identificação de *Actéon* com D. Sebastião: "Sospẽcho verdaderamente aver provado cõ novedad, que el Poeta derecha, aunque reboçadamete, habla en estas estâncias del Rey Don Sebastian ..." Por outro lado, mostra-se afrontado de uma tal censura sem que o Poeta tivesse sido castigado. "É que não o entenderam!", remata ele. Pois grande castigo merecia por ter feito de *Actéon* um habitante da Ilha dos Amores, nada espantado da sombra dos seus cornos, entre aves e animais inofensivos:

> *Da sombra dos seus cornos não se espanta*
> *Acteon n' água cristalina e bela.*

O Doutor Aguiar e Silva, na sua lição sobre "Função e significado do episódio da 'Ilha dos Amores' na estrutura de *Os Lusíadas*" (1972), supõe que "Actéon aparece à cabeça dos desconcertos do mundo porque ele é réu, efectivamente, do primeiro e fundamental pecado contra o amor: a repulsa do próprio amor, corporizada na repulsa da mulher, donde procede a derrogação do "princípio íntimo de uma conexão universal e dinâmica do mundo". Actéon é a negação da universalidade do amor, e por isso tem de ser punido". Tudo isto estaria muito certo se não se desse uma circunstância em

que há que atentar: na chamada "Égloga dos *Faunos"* ("As doces cantilenas que cantavam"), a p. 378 da minha nova edição das *Rimas,* fala o Poeta de *Actéon* em *três* oitavas. Mas devia ter falado em *cinco* oitavas (o que denota uma grande preocupação com o filho de *Apolo).* E como se pode afirmar isto com certeza? É que depois da primeira oitava, em que se trata de *Actéon,* vem esta advertência: "(Daqui se tiraram duas oitavas)". E, voltando a falar de *Actéon,* diz o Poeta:

> *Tudo isto Actéon viu na fonte clara,*
> *Onde a si de improviso em cervo viu*
> .....

As oitavas que se tiraram respeitavam, portanto, ao banho de *Diana.* Em que termos o fazia o Poeta, não se pode saber, mas houve um censor (o organizador da edição de 1595) que entendeu não as publicar. (V. neste sentido Doutor Costa Ramalho, *O mito de Actéon em Camões,* p. 59. Coimbra, 1968.) E, continuando a ler a oitava de que demos os dois versos, deparamos com mais estes dois:

> *Mas, como o* triste amante *em si notara*
> *A desusada forma, se partiu.*

O *triste amante!* Pela primeira vez se nota que *Actéon* foi capaz de se interessar por uma "bela forma humana", como se supõe que seria a de Diana.

No estudo de Aguiar e Silva pode o leitor ver um resumo das opiniões sobre a localização da "Ilha dos Amores" e das possíveis fontes da criação camoniana até à mais recente, a do Sr. Doutor Costa Ramalho, no estudo ainda agora citado. Admitamos, no entanto, que D. Sebastião estava a necessitar de uma frechada de *Cupido,* bem como todos aqueles validos e privados, muito carecidos de amor do próximo (est. 27 e 28).

Na edição *princeps* o Poeta escreveu no 6.º verso *mostra-lhe* (por *mostrar-lhe*) que JMR, fiel à sua teoria dos casos de fonética sintáctica, manda ler *mostrá-lhe.*
Ort.: *fermosura* (por *formosura*).

27.4-8
"... e a quem Filáucia ensina": presunção arrogante; "... que mal consente / Mondar-se o novo trigo florecente": separar facilmente o trigo do joio.
Ort.: *púbrico* (por *público*); *florecente* (por *florescente*).

28.6-8
"... e *vã* severidade": falsa; "As em favor do povo só perecem": só (as leis) em favor do povo perecem.

29.2
"Senão o que sòmente o mal deseja": o que deseja o que não deve. *Cupido* vai reconstituir a sociedade sob a lei do amor. Para isso reúne os seus *ministros* (servidores), que vão formar um exército contra "a mal regida gente".

30.1-8
"Muitos destes *mininos voadores"*: os *Amores, ministros* de *Cupido;* "Uns amolando ferros passadores": amolando flechas (ferros que atravessam); "Trabalhando, ...": enquanto trabalham; "Suave a letra, angélica a soada": toada de anjos. Sobre possíveis sugestões de outros poetas, v. FS.

32.3-7
"*Crebros* suspiros ...": frequentes. É latinismo; "... cuja ajuda": a das *Ninfas;* "... dá vida aos mal feridos": aos muito feridos.

33.1-4
"Fermosas são algũas e outras feias": claro que se refere às *Ninfas.* Na estância antecedente falava de "fermosas Ninfas"; agora diz que "Fermosas são algũas e outras feias". Podem estas curar feridas? Parece que sim, visto que "às vezes ásperas triagas" curam "o veneno espalhado pelas veias". Estes quatro versos não me parecem um modelo de clareza.
Ort.: *sutis* (por *subtis*).

34.1-8
"Destes tiros assi desordenados / Que estes moços mal destros vão tirando": não se vê a ordem que *Cupido* vinha impor ao mundo rebelde. Que "nasçam amores mil desconcertados entre o povo

ferido miserando" não se poderá negar. Mas daqui ao "amor nefando" vai uma certa distância, e deste "amor nefando" vai o Poeta dar quatro exemplos: *Bíbli* (por *Biblis*) apaixonou-se por seu irmão *Cauno* (v. Ov., *M,* IX.418-665): v. 467: "Byblida iam mavolt quam se nocet ille sororem"; *Cinereia* é *Mirra* (por ser filha de *Ciniras).* Apaixonou-se por seu pai (v. Ov., *M,* X.298-519); *Antíoco* (o mancebo de "Síria", e não de "Assíria"), filho do rei *Seleuco,* apaixonou-se pela madrasta, *Estratonice* (ED cita como fonte Val. Máx., V.7). Camões escreveu o *Auto del-Rei Seleuco; Amnon* (um mancebo de Judeia), filho de David, teve amores com sua irmã Tâmar (MC chama-lhe meia-irmã) (v. *Reis,* II.13).

35.1-8

"E vós, ó poderosos, por pastoras": a conclusão a tirar desta estância é que o amor não conhece distâncias sociais e que o exército de *Cupido* vai ter muito que fazer para endireitar o mundo; "Também vos tomam nas *Vulcâneas redes*": são as redes em que *Vulcano* envolveu *Marte* e sua mulher, *Vénus,* culpada de adultério, para que todos os deuses pudessem ser testemunhas do espectáculo (Ov., *M,* IV.167-189); "É mais culpa a da mãe que a do minino": é mais culpa de *Vénus* que de *Cupido.*

36.1-5

"Mas já no verde prado o carro leve": deve ligar-se esta estância com a est. 25. Sobre Dione, v. II.21.2; "O frecheiro que contra o Céu se atreve": *Cupido,* que dispara as suas setas mesmo contra os deuses e deusas do Olimpo.
Ort.: *decia* (por *descia*).

37.3-8

"Tu, que as armas Tifeias tens em nada": os seis últimos versos desta estância têm por fonte evidente Virgílio:

> *Nate, meae vires, mea magna potentia, solus,*
> *nate, patris summi qui tela Typhoea temnis,*
> *ad te confugio et supplex tua numina posco.*
>
> (*En.,* I.664-666)

Tifeu foi um dos *Gigantes* sepultados sob o Etna. *Júpiter* fulminou-o com os raios ("armas Tifeias").

38.3-4

"Porque das Parcas sei, minhas amigas": v. I.34.2 e I.33.1-4. A edição *princeps* tem *han-de* (por *ham-de=hão-de).*

39.5-8

"No mesmo mar, que sempre temeroso / Lhe foi, ...": não há indício de que o Poeta se refira apenas ao oceano Índico, mas tudo leva a crer que a criação da Ilha dos Amores teve por quadro as vagas "undosas" daquele oceano; "Do trabalho que faz *clara* a memória": que torna ilustre a memória.

40.1-8

"... feridas / *As filhas de Nereu* no *ponto fundo*": as *filhas de Nereu,* as *Nereidas*. No *ponto fundo,* no mar profundo. (*Ponto* é latinismo); "Que vêm de descobrir o novo mundo": que voltam de descobrir; "Todas nũa ilha juntas e *subidas*": reunidas e vindas do ponto fundo"; "De dões de *Flora* e *Zéfiro* adornadas": *Flora,* a deusa da vegetação, e *Zéfiro,* vento de oeste que sopra suavemente.

41.4

"Fermosos leitos, e elas mais fermosas": *Vénus* não esquece os leitos em que ninfas e nautas se encontrarão.
Ort.: *fermosos, fermosas* (por *formosos, formosas*); *lhe* (por *lhes*).

42.1-8

"Quero que haja no reino Neptunino / Onde eu nasci, progénie forte e bela": estes dois versos parecem-me fundamentais para a compreensão das intenções de *Vénus;* "E tome exemplo o mundo vil, malino / Que contra tua potência se rebela": *Vénus* dirige-se a seu filho *Cupido* e diz-lhe que desde agora vai o mundo saber que é em vão que se rebela contra a força do amor; "Por que entendam *que muro Adamantino*": que nem muro de diamante; "Se teu fogo imortal nas águas arde": a prova final e decisiva é fazer arder o fogo do amor nas águas do mar.
Ort.: *malino* (por *maligno*); a edição *princeps* tem *revela* (por *rebela*). Aquela forma estaria mais de acordo com *revelde,* mas prestar-se-ia a

confusão semântica. Além de que o Poeta também escreve *rebelado* (VII.4.3) e *rebelde.*

43.1-8

"Assi Vénus propôs; e o filho *inico:* hostil aos homens; "Com gesto ledo a *Cípria,* e *impudico*": *Cípria,* a *Vénus* honrada na ilha de Chipre. Gesto *impudico,* ar impudente; "... às aves cujo canto / A Faetonteia morte chorou tanto": *Cicno,* rei da Ligúria, filho de *Esténelo,* sentiu tanto a queda de Fáeton que os deuses, por compaixão, transformaram-no em cisne (Ov., *M,* II.368-580).

44.1-6

"Mas diz Cupido que era necessária / Ũa famosa e célebre *terceira*": *terceira,* medianeira; "A *Deusa Giganteia* ..." a irmã dos *Gigantes,* a *Fama,* descrita por Virgílio na *Eneida,* IV.174-188; "Jactante, ...": jactante ou jactanciosa, blasonadora.

45.2-8

"... com tuba clara": com tuba ressoante; "Mais do que nunca os d' outrem celebrara": melhor do que já celebrara algum dia os louvores de outrem; "Já, *murmurando,* a Fama *penetrante*": sussurrando, a Fama, que penetra; "Fala verdade, havida por verdade, / Que junto a Deusa traz Credulidade": v. em Ovídio a descrição do Palácio da Fama (IV.39-63). São desse texto os seguintes versos:

> *Illic Credulitas, illic temerarius Error*
> *Vanaque Laetitia est consternatique Timores*
> *Seditioque recens dubioque auctore Susurri.*

"Aí habitam a Credulidade, o Erro temerário, a Falsa Alegria, o Terror de ar consternado, a Sedição pronta a desencadear-se, os cochichos de origem duvidosa"; "Que junto a Deusa ...": porque junto a Deusa ...

46.1-6

"O louvor grande, o rumor excelente": verso acentuado na 4.ª, 7.ª e 10.ª sílabas; "Mudando...": operando mudança (no coração dos deuses); "O peito feminil, que levemente / Muda quaisquer propósitos tomados": v. *En.,* 569-570: "Varium et mutabile semper / femina". "Souvent femme varie / Bien fol qui s' y fie" (V. Hugo,

Le Roi s' amuse, acto IV, c. 2). O mesmo pensamento do Classicismo ao Romantismo. MC já incluiu no seu comentário o verso de Virgílio e juntou-lhe esta versão: "A molher he hum animal vario, & que nunca está em hum ser."
Ort.: *indinados* (por *indignados*).

47.5-7
"... lançam das secretas / Entranhas ...": das íntimas entranhas; "Cai qualquer, ...": cai uma e outra. *Cai* deve ler-se como um dissílabo para que a medida do verso se mantenha.

48.1-6
"Os cornos ajuntou da ebúrnea Lũa": juntou as pontas do arco de marfim. É o "arco ebúrneo" da est. 43. Em II.93.7-8 há um verso semelhante. Ovídio usou o verbo *lunare* para designar o acto de vergar o arco. O facto de "Lũa" estar em posição de rima esclarece à evidência a necessidade de escrever "nenhũa" e "algũa"; "Que *Tétis* ...": porque *Tétis;* "Nem nos *equóreos campos* ...": *equóreo* é o *aequoreus* latino (marinho, marítimo). *Equóreos campos,* superfície marinha.

49-1-8
"... *cerúleas* ondas": v. I.16.5; "Que, vedes, *Vénus* traz a medicina": *Vénus* traz o remédio para as ninfas desfalecidas de amor. E como? A resposta vem nos vv. 3 e 4; "... a água Neptunina": é o mar, senhorio de *Neptuno;* "É forçado que a pudicícia honesta / Faça quanto lhe Vénus amoesta": como "el oficio de Venus en la fabula es quitar a las Virgenes la cinta de la pureza" (FS), é preciso que o pudor feminino ("a pudicícia honesta") se submeta a todas as advertências de *Vénus,* que tem a experiência. Só assim conquistarão o amor dos Portugueses. O v. 7 é acentuado na 3.ª, 8.ª e 10.ª sílabas.
Ort.: *amoesta* (por *admoesta*).

50.1-8
"Já todo o belo coro se aparelha / Das *Nereidas,* ...": já todo o belo coro das *Nereidas* se aparelha; "Em *coreias* gentis, ...": v. IX.22.5; "Ali a fermosa Deusa *lhe* aconselha / O que ela fez mil vezes": as *Ninjas* "oferecem-se" a todos os conselhos de *Vénus,* como adiante se vê. *Lhe* por *lhes.*
Ort.: *fermosa* (por *formosa*).

51.1-8
"Cortando vão as naus a larga via / Do mar *ingente* ...": as naus vão abrindo os largos caminhos do mar imenso. *Ingente* é latinismo; "Desejando prover-se de água fria": os nautas necessitavam de ir fazer aguada (prover-se de água doce) a algures; "Quando, juntas ... / Houveram vista da Ilha namorada": todas as naus avistaram a "Ilha Namorada" com grande alegria; "Rompendo pelo céu a mãe fermosa / de Menónio, ...": ao romper da manhã; "a mãe de *Menónio [Mémnon]*" é a Aurora. Em X.143,4 o Poeta fala da "Ilha alegre e namorada".
Ort.: *fermosa* (por *formosa*).

52.1-2
"De longe a Ilha viram ... / Que Vénus pelas ondas lha levava": os que preconizam a identificação da "Ilha de Vénus" com qualquer ilha do Índico ou do Atlântico parece não terem reparado que se trata de uma ilha errática, levada ao sabor das águas, para se tornar "firme ... e imóbil" quando os nautas a avistaram. A Acidália (v. VIII.64.7) foi movendo a ilha "para onde as naus navegam", a fim de que nela não passassem sem tomar porto. Além disso, era, evidentemente, desabitada, a não ser pelas *Nereidas*. Rica dos "dões" de *Pomona* e de *Flora,* não há nela vestígios de seres humanos. Convivem as aves e os bichos com animais de maior porte, como a gazela. Nem de outro modo poderia *Vénus* "licenciar as Ninfas" (a expressão é de FS) para o enamoramento que vai seguir-se sob a orientação da "Deusa experta".

53.3-8
"Qual ficou Delos, tanto que pariu / Latona Febo e a Deusa à caça usada": Delos, segundo a lenda, uma ilha errante, tornou-se firme quando nela *Latona* deu à luz *Apolo* (*Febo*) e *Diana* ("a Deusa à caça usada"). *Immotamque coli dedit,* como diz Virgílio na *Eneida,* III.77. Segundo ED, também Ovídio se refere à lenda (*M,* VI.186-191 e VI-332-334). "Pera lá logo a proa o mar abriu": as proas; "... cuja branca areia / *Pintou* de ruivas conchas Citereia": matizou, marchetou (Morais). De Citereia falou-se em I.34-1-3.

54.1
"Três fermosos outeiros se mostravam": o Poeta começa a descrição da Ilha dos Amores, adornando-a sobretudo com espécies vegetais. Ora concluiu o conde de Ficalho: "Em resumo, das vinte e quatro

plantas de que, na descrição de Camões, se compõe a flora da ilha, não há *uma* que não seja espontânea em Portugal e regiões vizinhas, ou aí introduzida e cultivada já antes do seu tempo. Ainda mais, são todas escolhidas entre as vulgares, e que dão cunho à vegetação mediterrânica." (*FL,* p. 43.) E na p. 44 esta observação definitiva: "Os materiais botânicos, com que Camões edifica a vegetação da sua ilha, são essencialmente portugueses; encontrou-os, quando estudante, nas hortas das margens do Mondego; observou-os, quando desterrado, nas lezírias do Tejo; porventura lhos depararam, fora da Pátria, os jardins de algum fértil vale dos arredores de Ceuta ou de Tetuão." Destas palavras se colhe o espírito com que apreciamos a descrição da Ilha, ainda que AFGV, *FH,* p. 7, tenha formulado algumas dúvidas à opinião de CF.

54.3-8

"Que de gramíneo esmalte se adornavam": do matiz da grama; "Por entre pedras alvas *se deriva* / A sonorosa linfa fugitiva": *se deriva,* é trazida (Morais) a água rumorosa que foge.

55.3-8

"Onde ũa mesa fazem ...": uma lagoa; "Como que pronto está pera afeitar-se": como se estivesse pronto para enfeitar-se; "Vendo-se no cristal resplandecente": da lagoa; "Que em si o está pintando pròpriamente": que em si está reflectindo o arvoredo fielmente.

56.1-6

"Mil árvores estão ao céu subindo, / Com pomos odoríferos e belos": o Poeta dá na mesma estância exemplos de pomos: a laranja, a cidra, os limões; na est. 59.7 recorda outro pomo – o pêssego; "A cor que tinha *Dafne* nos cabelos": eram louros como os frutos da laranjeira. Sobre a metamorfose de *Dafne* em loureiro, v. Ov., *M,* I.452-567; "A cidreira cos pesos amarelos": a cidreira está tão carregada que o Poeta, em vez de "pomos", lhe chama "pesos". Ort.: *fruito* (por *fruto*). É a única vez que a palavra aparece sob esta forma; *fermosos* (por *formosos*).

57.3

"Álemos são de *Alcides, ...*": sobre a flora conhecida de Camões influía a cultura clássica e mitológica. Segundo os Antigos, o álamo era consagrado a *Hércules* (V, *B,* VII.61-62):

Populus Alcidae gratissima, vitis Baccho,
Formosae myrtus Veneri, sua laurea Phoebo.

57.3-6
"... e os loureiros / Do louro Deus amados e queridos": v. o 2.º verso citado. O "louro Deus" é *Febo* ou *Apolo.* O Poeta admite conexão etimológica entre *louro* e *loureiro* (v. ED); "Mirtos de Citereia, ...": referido no 2.º verso de cima; "... cos pinheiros / De Cibele, por outro amor vencidos": *Átis,* formoso pastor, não soube corresponder à paixão casta que lhe consagrava *Cíbele,* e esta, reconhecendo a sua infidelidade, metamorfoseou-o em pinheiro. Camões tem um soneto que começa:

Despois que viu Cibele o corpo humano
do fermoso Átis seu verde pinheiro

(*Rimas*, mihi, P. 192)

57.7-8
"Está apontando o agudo cipariso": o cipreste. O belo e jovem *Ciparisso,* habitante de Ceos, ilha do mar Egeu, matou por inadvertência um grande veado consagrado às ninfas da terra. Pedindo aos deuses para derramar lágrimas eternas, foi-se a pouco e pouco transformando numa árvore, que veio a ser o cipreste, símbolo da tristeza. Ovídio conta a história em *M,* X.106-142.

58.1
"Os dões que dá *Pomona* ali Natura / Produze, ...": *Pomona,* a deusa da fruta. Ovídio conta a sua história em *M,* XIV.626-627 e segs.:

Pomona ... non silvas illa nec amnes,
Rus amat et ramos leticia poma ferentes.

58.5-6
"As cereijas, *purpúreas na pintura*": esclarlates na cor; "As amoras, que o nome têm de amores": diz ED que, " 'amora', que se prende etimològicamente ao latim *morum,* nada tem com a palavra 'amor'; mas esta ideia foi sugerida ao Poeta pela história de *Píramo* e *Tisbe,* contada por Ovídio *(M,* IV.55-166)"; e manda ver a égloga de Camões *As doces cantilenas que cantavam.* Nesta égloga, Camões associa

por forma bem explícita as "amoras" aos "amores" pela cor do sangue:

Vereis também, se fordes atembradas,
Como a cor das amoras é de amores;
o sangue dos amantes na verdura
Testemunha de Tisbe a sepultura.

(ed. 1598)

58.7

"O pomo que da Pátria Pérsia veio": o pêssego (*Persicum malum*). Ort.: *dões* (por *dons*); *produze* (por *produz*); *cereijas* (por *cerejas*); *milhor* e *milhores* (por *melhor* e *melhores*).

59.1-4

"Abre a romã, mostrando a rubicunda / Cor, ...": mostrando a sua cor vermelha (em latim, *rubicundus*); "Entre os braços do ulmeiro está a jocunda / Vide, cuns cachos roxos e outros verdes": v. estes sete versos da décima seguinte, de Sá de Miranda:

Direis dos vinhos azedos
O que já disse Cineas
A quem, nos convites dado
A provar, se lhe aprouvesse,
Despois, nos olmos *mostrando,*
Nunca vi (*disse*) enforcado
Que a forca assi merecesse.

(Da «Carta a António Pereira»)

Camões também conheceu o *vinho de enforcado* e confirma-o na égloga *As doces cantilenas que cantavam:*

Não estão carregados
os ulmeiros das vides retorcidas,
onde o cacho enforcado amadurece?

Jocundo (agradável) é latinismo.

59.5-8
"E vós, ... / *Peras piramidais,...*": *peras piramidais* serão umas pêras de feitio cónico, as mesmas que seriam conhecidas no século XVI por "reais" ou "régias" (v. AFGV, *FC,* VII); o sentido destes versos seria este: "vós estais maduras, ó peras piramidais; se não caís (se quereis viver na árvore), sereis condenadas a ser comidas pelos pássaros". Esta interpretação parece-me suficiente, mas o passo tem parecido tão difícil de interpretar que vale a pena dar uma explicação que tem o consenso de várias pessoas: "Certas peras grandes – as piramidais de Camões – não logram a maturidade nos ramos, porque, antes disso, de pesadas, se desprendem dos talos: subsistem, entretanto, aquelas que, bicadas dos pássaros, 'dessoram' e, aliviadas desse excesso de peso, conseguem amadurar no pé" *(DL);* "... pássaros *inicos*": pássaros injustos e nocivos, porque fazem "dano".
Ort.: *inico* (por *iníquo*).

60.3-8
"Faz ser a de *Aqueménia* menos dina": *Aqueménia* vem de Aquémenes, fundador da dinastia persa dos Aqueménidas. Os tapetes persas tornaram-se afamados em todo o Mundo; "Ali a cabeça a flor Cifísia inclina": Cefísio, rio que nasce na Fócida, no monte Parnaso, e vai desaguar no lago Copais, fez violência a Liríope, rio da Beócia. Deste par nasceu *Narciso,* que se apaixonou de si mesmo e morreu; "Florece o filho e neto de Ciniras, / Por quem tu, Deusa Páfia, inda suspiras": *Ciniras,* tendo cometido incesto involuntário, com *Esmirna* (ou *Mirra*), sua filha, gerou com ela *Adónis* (filho e neto). Estes versos indicam que o Poeta seguiu o relato de Ovídio (*M,* X.519-739). *Adónis,* tendo ferido mal um javali, foi perseguido por este, que o deixou moribundo, estendido no solo. *Vénus,* que acabara de o deixar, volta, derrama sobre o sangue do jovem um néctar balsâmico e, no espaço de uma hora, desse sangue nasce uma flor, da mesma cor, semelhante à da romeira, mas tão frágil que cai daí a pouco tempo, desprendida por aquele que lhe dá o nome, o vento. Trata-se, pois, da anémona, cujo nome em grego está em relação com o do vento (ἄνεμος).

No estudo sobre "O 'adónis' de Camões", publicado no t. XI da *RUC,* pp. 1009 a 1019, AFGV afirma que "Ovídio canta ... um 'adónis' vermelho como o sangue ou a romã, ao passo que Camões se refere a um de flor branca ou pelo menos clara, e onde alguma coisa existe que a sua imaginação assemelha às feridas feitas pelo

javali". Infelizmente, a Sr.ª Dr.ª Augusta Gersão Ventura assenta essa distinção numa Elegia VI de Camões, que leu nas *Obras* de Camões da edição de Hamburgo (1834), t. III, p. 178. Esta Elegia, com o n.º VI, também se pode ler nas *Rimas Várias* de Camões, t. IV, p. II, comentadas por Faria e Sousa, a pp. 41 e segs. Nem JMR-ALV, nem o autor deste comentário a inserimos na obra lírica de Camões. E a razão disso encontra-se em FS, logo após os quatro primeiros tercetos da elegia: "Las cinco Elegias antecedentes andan en las Ediciones de la Parte I destas *Rimas;* y en la segunda, la que aqui es undecima. Todas las otras (que son esta, y las 7.8.9.10.12) he yo hallado en diferentes manuscritos. Aquel, en que estava esta Elegia 6 y la 7, se descubrió en Escalona [Escalona é uma terra banhada pelas águas do rio Alberche, a sudoeste de Madrid]. Contenía primeiro un Sermon Portugues: luego la descripcion que el Doctor Juan de Barros hizo de la Comarca de Entre Duero y Miño: y despues varias Poesias las màs dellas malas, y algunas en Castellano. Todo escrito de una misma letra; y alfin de la descripcion esto: *Acabouse de trasladar a 29. de Julho de 1593; em Evora por Francisco Alvares, de alcunha o Socio, por huma copia de Manoel Godinho, que diz a tirou do proprio Original anno 1562. Se aqui ouver erros, eu o trasladei assi como estava, porque o Godinho não sabia Latim*." Não há, pois, nenhuma certeza de se tratar de uma elegia camoniana e teremos de aguardar nova demonstração de que o "adónis" de Camões não é o ovidiano.

61

"Pintando estava ali *Zéfiro* e *Flora* / As violas da cor dos amadores": sobre *Zéfiro* e *Flora,* v. IX.40.8. Na apreciação deste intrincado problema, em que têm a palavra os técnicos, esqueceu-se um testemunho de Camões, que me parece decisivo. A estrofe pertence à Égloga I:

> *As Tágides no rio e na aspereza*
> *do monte as Oreadas, conhecendo*
> *quem te obrigou ao duro e fero Marte,*
> *como geral sentença vão dizendo*
> *que não pode no mundo haver tristeza*
> *em cuja causa Amor não tenha parte.*
> *Porque assi, desta arte,*
> *nos olhos saüdosos,*
> *nos passos vagarosos,*
> *no rosto, que o Amor e a fantasia*

da pálida viola lhe tingia,
a todos de si dava sinal certo
do fogo que trazia
que nunca soube Amor ser incoberto.

(*Rimas,* mihi, p. 312)

Não há, pois, dúvida de que o Poeta se refere a uma flor "pálida". Vejamos alguns empregos de "pálido" e de "amarelo" em Camões: é "pálida" a cor e o "gesto" amortecido "dos combatentes, feridos e mortos na Batalha de Ourique" (III.52.3); é "pálida" a doença de D. Afonso Henriques quando ela lhe toca com "fria mão" (III.83.5-6); é "pálida" a cor de Inês, "morta", "secas do rosto e as rosas" e perdida "a branca e viva cor" (III.134.6-8); é, enfim, "pálida" e "terrena" a cor do rosto do Adamastor (V.39.6). Façamos idêntico inventário para "amarelo". Torna-se "amarelo" o mar Roxo, de enfiado (II.49.2); são "amarelos" os dentes do Adamastor (V.39.8); são "amarelos" os pomos da cidreira (IX.56.6); torna a ficar "amarelo" o mar Roxo com medo (X.62.8). Em II.49 e em X.62 há um jogo de palavras ou trocadilho: em vez de Roxo o mar, torna-se o mar Amarelo (penso ser esta a interpretação). Pelo que respeita ao Adamastor, o Poeta faz distinção entre o rosto, que é "pálido" e os dentes, que são "amarelos". A cidreira dá um exemplo claro da distinção entre o "amarelo" e o "pálido". A morte e a doença são "pálidos". O "amarelo" tem em Camões uma significação bem distinta como se vê na *Lírica* numas trovas "a ũa Senhora a quem deram um pedaço de cetim *amarelo*". O "pálido" também não é precisamente o "branco", porque Inês de Castro tinha perdido com a morte a "branca e viva cor". "Palidez" e "palor" significam a cor desmaiada, simplesmente. Por outro lado, quer-me parecer que tudo o que seja comparar a "viola" à "palidez dos amantes" se baseia no v. 14 da Ode III.10 de Horácio: "tinctus viola pallor amantium". Resta saber o que Horácio entendia por "viola": um tradutor do meu *Horácio* chama-lhe "goivo". Seria, pois, o "goivo" a flor da Ilha dos Amores, mas não o amarelo (se os historiadores da Botânica dão licença a um intruso...).
Ort.: *reluze* (por *reluz*).

62.1-4
"A *cândida cecém* ...": agora é que temos (mercê do latim *candidus, a, um*) a brancura viva, brilhante, como é realmente a das açucenas,

nome que sucedeu à cecém, um e outro de proveniência árabe – é o *Lilium candidum,* L. (v. CF, *FL,* pp. 42-43); "... a manjerona": planta aromática, da família das Labiadas. Segundo CF, *FL,* é a *Origanum majorane,* L. (p. 43); "Vêm-se as letras nas flores Hiacintinas, / Tão queridas do filho de *Latona*": o filho de *Latona* (Apolo) apaixonou-se por *Jacinto*, um jovem espartano jogavam o disco, quando *Apolo,* lançando-o com força e destreza, fez ressaltar o disco no preciso momento em que *Jacinto* corria a apanhá-lo. O amigo de *Apolo,* gravemente ferido, morreu. Do sangue vertido surge uma flor, mais brilhante "do que a púrpura de Tiro", e *Apolo,* desejando que a flor recorde os gemidos de *Jacinto,* inscreve sobre as pétalas as letras "AI AI" (Ov., *M,* X.162-219). CF, *FL,* supõe tratar-se do *Gladiolus segetum,* Gawl – opinião que AFGV, *FH,* contraria, afirmando que as "flores Hiacintias" são as "esporas" *(Delphinium ajacis).*
Ort.: a edição *princeps* tem *manjarona* e no 3.º verso lê-se *Ven-se.*

62.5-6
"Bem se enxerga nos pomos e boninas / Que competia *Clóris* com *Pomona*": *Clóris,* esposa de *Zéfiro* e deusa das flores. Competiam os frutos com as flores. *Clóris* é *Flora.* Ovídio ligou ao nome de *Flora* um mito helénico. Supôs que *Flora* era na realidade uma ninfa grega chamada *Clóris* (*Grimal*) (v. Ov., *Fast.,* V. 20 e segs.). Termina aqui a descrição da flora da Ilha. A transição faz-se por intermédio da partícula "Pois" (FS e ED).

63.2-4
"Responde-lhe do ramo *filomela*": *Filomela,* filha de *Pandíon,* rei de Atenas. Foi metamorfoseada em rouxinol depois de ter sido violentada por seu cunhado *Tereu* (v. Ov., *M.,* VI.412-674); "Acteon n' água cristalina e bela": o Poeta substituiu o veado pelo nome do caçador que em veado foi convertido por *Diana.*
Ort.: na edição *princeps* está *a longo da água,* mas em II.63, IX.63, IX.67 e X.140, *ao longo da água; fugace* (por *fugaz*).

64.2-7
"... os segundos Argonautas": os primeiros foram os que foram conquistar o velo de oiro, os Mínias; "... se fingiam" do *se,* dativo de proveito, veio o *se* expletivo. JMR, *EN,* aduz exemplos.
Ort.: *frautas* (por *flautas*).

65.1-7
"... a mestra experta": *Vénus* experiente na arte de seduzir; "Posta a artificiosa formosura": algumas puseram de parte a artificiosa formosura, isto é, os vestidos.

66.8
"Qual ferida lha tinha já *Ericina*": sobre a *Ericina,* v. II.18.5. Esta tinha "ferido" a caça; por isso esta se apresentava "suave, doméstica e benina".
Ort.: *benina* (por *benigna*).

67.5-7
"Outros, nas sombras, que de as altas sestas / Defendem a verdura, ...": outros passeavam nas sombras que defendem a verdura dos grandes calores da tarde (*sesta,* da hora sexta dos Latinos, ou seja, do meio-dia em diante).

68.3-5
"Cores *de quem* a vista julga e sente": *de quem,* acerca das quais; "... e seda diferente": e sedas variegadas.
Ort.: *fermosas* (por *formosas*).

69.1-8
"Dá Veloso, espantado, um grande grito": Veloso, o homem de armas já nosso conhecido (v. V.30 e segs.); "A Deusas é sagrada esta floresta": as ninfas da floresta eram as *Hamadríadas,* e as das árvores, as *Dríadas;* "... aos homens *imprudentes*": aos homens ignorantes (Morais).

70.3-8
"... veloces mais que *gamos*": *gamo,* mamífero ruminante, semelhante ao veado, com a parte superior dos galhos achatada e a cauda comprida; "... pelas ribeiras": pela borda das praias (v. 1.87, IV.62, VII.52, etc.); "... mais *industriosas* que ligeiras": correndo com indústria, com habilidade; "... dos *galgos* alcançando": dos nautas, evidentemente.
Ort.: *veloces* (por *velozes*).

71.1-7
"... o vento *leva*": levanta; "Acende-se o desejo, que se ceva / Nos

alvas carnes, ...": o desejo sacia-se nas belas formas humanas; "Ũa *de indústria* cai, e já *releva*": de caso pensado, advertidamente. *Releva,* desculpa; "Que sobre ela, *empecendo,* ...": tropeçando.
Ort.: na edição *princeps* escreveu-se *massio,* correspondente à pronúncia do tempo; *indinadas* (por *indignadas*).

73.1-8
"... acudindo mais despressa / À vergonha da Deusa caçadora": nova recordação de *Actéon.* Uma das *Ninfas* envergonhou-se mais depressa do que *Diana,* "escondendo o corpo n' água". *Diana* não escondeu o corpo na água, mas foi rodeada logo pelas *Ninfas;* "... (que, co a mora / De se despir, ...)": com a demora; "A matar ... o fogo": a apagá-lo.

74.1-8
". . . sagaz e *ardido*": corajoso; "Vendo [ò] rosto o férreo cano erguido": procurei resolver assim o problema suscitado por este verso. A edição *princeps* tem "vendo rosto". JMR, em *BCL,* 13, pp. 690 e 691, e em *LP,* II, p. 170, sugere, como habitualmente, "Vendò"; "Pera a *garcenha* ...": espécie de garça pequena; "Remete à que não era irmã de *Febo*": a irmã (gémea) de *Febo* (*Apolo*) era *Ártemis* (ou *Diana*), filhos de *Leto* e de *Zeus* (*Júpiter*).

75-1-5
"Leonardo, soldado bem disposto": já o conhecemos do Canto VI, quando queria ouvir histórias de amores (v. V.40); "*Manhoso,* ...": de boas partes, habilidoso; "A quem Amor não dera um só desgosto": não dera só um desgosto, mas muitos; "Mas sempre fora dele pois sempre ... ; "... firme pros[s]uposto": firme prevenção.
Ort.: *Lionardo,* na edição *princeps.*

76.1-2
"Quis aqui sua *ventura* que *corria*": sua má ventura. "Que *corria*", hoje "que *corresse*"; "Após *Efire* ...": *Éfire,* ninfa, filha do *Oceano* e de *Tétis.*
Ort.: *fermosura* (por *formosura*); *indina* (por *indigna*).

77.3-5
"Tu só de mi só foges ...": só tu não fazes senão fugir de mim; "Quem te disse que eu era o que te sigo?": quem te disse que era

Leonardo, o homem mais desventurado em amores, que te seguia?; "... aquela ventura": o mesmo sentido de 76.1.

78.2-8

"... por que . . .": para que; "Minha ventura é tal ...": no sentido de 76.1 e 77.5; "Espera; quero ver, ... / Que sutil modo busca de escapar-te": espera que eu quero ver que subtil modo a minha má ventura descobre para te livrares de mim (se tu quiseres esperar por mim); "*Tra la spica e la man* ...": 8.º verso do soneto *Se col cieco desir che'l cor distrugge* (n.º LVI, Zingarelli), das *Rime* de Petrarca.

79.1-4

"Oh! Não me fujas! Assi nunca o breve / Tempo fuja de tua formosura!"; Oh, não me fujas! *Tempus fugit,* mas nunca da tua formosura; "Que, só com refrear o passo leve, / Vencerás da fortuna a força dura": que só com moderares a tua corrida vencerás a força dura do destino.

79-5-8

O sentido é este: *nenhum imperador ou exército se atreverá a quebrantar a fúria da sua má ventura (que o vai seguindo em tudo quanto desejou) se não for ela, não lhe fugindo*.

80.2-8

"Fraqueza é dar ajuda ao mais potente": neste caso à sua má ventura; "Não te carrega essa alma tão mesquinha [?]": não te pesa essa alma (a de Leonardo) tão infeliz?; "Que nesses fios de ouro reluzente / Atada levas? ..."; que levas atada (essa alma) nos teus cabelos de oiro?; "... Ou, despois de presa, / Lhe mudaste a ventura e menos pesa?": o Poeta (ou seja, Leonardo) procura uma transição do infortúnio para a esperança. Por isso pergunta se depois de ter presa a sua má ventura esta não terá mudado (para melhor).
Ort.: *despois* (por *depois*).

81.3-8

"... na virtude de teu gesto lindo": pela nobreza ou generosidade do teu lindo modo; "... a triste e dura *estrela*": a triste e dura sorte; "... não vás fugindo"; escusas de fugir; "E se me *esperas,* não há mais que *espere*": *esperas* e *espere* em sentidos diferentes: se me esperas, nada mais tenho a esperar (ou desejar).

82.1-5

"Já não fugia a bela Ninfa tanto": os comentadores têm achado este passo muito embrulhado, mas eu, talvez inconsideradamente, acho-o claro. E senão vejamos: *a bela Ninfa continuava a fugir, mas fazia-o agora não tanto para se dar cara ao triste que a seguia (como até aí), mas para ir ouvindo "o doce canto", isto é, a linguagem da sedução, "as namoradas mágoas", que ele, Leonardo, ia proferindo.* Se há dificuldade, não a vejo. Poder-se-ia manter o "Como" do 3.º verso; "... sereno e *santo*": termo poético muito empregado. Virgílio, *E,* XI.158-159:

> *... o sanctissima coniux,*
> *felix morte tua neque in hunc seruata dolorem!*
> (E tu, minha santa mulher, ...)

83.2-5

"E que mimoso choro *que* soava!": o segundo *que* é desnecessário; "... Que ira *honesta*": que ira decorosa; "O que mais passam na manhã e na *sesta*": e na tarde.

84

Os Portugueses aparecem como triunfadores com grinaldas de louro, de ouro e flores abundantes. "As mãos alvas lhe davam como esposas". Nos três últimos versos é o contrato nupcial "com palavras formais e estipulantes".

85.1-8

"Ũa delas, maior, a quem se humilha / Todo o coro das Ninfas e obedece": é *Tétis;* "Que dizem ser de Celo e Vesta filha": v. VI.21.1-2; "O que no gesto belo se parece": bem se mostra; "Recebe ali *com pompa honesta* e régia / Mostrando-se senhora grande e *egrégia*": com magnificência e decoro. Senhora *egrégia,* superior na distinção.

86.1-6

"Que, ...": e assim; "Por alta influïção do imóbil fado": por alta influência do fado imóvel. Na oitava n.º 26 das oitavas ao "desconcerto do mundo" ("Quem pode ser no mundo tão quieto") o Poeta escreveu: "por alta influïção de minha estrela", e na est. 28 do Canto I diz: "Prometido lhe está do Fado eterno". Parece-me que todas estas transcrições se conjugam; "Pera lhe descobrir da unida esfera / Da terra imensa e mar não navegado / Os segredos, ...": do

globo terráqueo.
Ort.: *despois* (por *depois*).

87.3-6
"No qual *ũa rica fábrica* se erguia, / De cristal toda ...": uma construção artificiosa, toda de cristal e de ouro puro e fino; "A maior parte aqui passam do dia": passam aqui (as *Ninfas* e os nautas) a maior parte do dia; "Ela nos paços logra seus amores": *Tétis* frui seus amores com Vasco da Gama na grandiosa fábrica que lhe pertence.
Ort.: *contino* (por *contínuo*).

88.1-3
"Assi a fermosa e a forte companhia": a companhia formosa (a das *Ninfas*); a companhia forte (a dos navegantes); "Nũa alma, doce, incógnita alegria": numa benéfica (*almus* é latinismo), doce e ignota (aos outros) alegria.

89
Começa nesta estância e vai até ao 4.º verso da est. 92 uma explicação toda espiritual do significado da Ilha dos Amores. Mas esta continua a ser a "ilha alegre e namorada" (X.143.4), quando a verdade é que desde a est. 89 do Canto IX ela passou a ser a "ilha angélica das honras deleitosas". E isto apesar de as *Ninfas,* "já conformes e contentes," subirem para os paços cos amantes (X.2) para o grande banquete presidido por *Tétis* (que tem a seu lado o claro Gama) e em que os comensais se sentam "dous e dous", amante e dama, em cadeiras ricas, cristalinas. Não chega, no fim, a hora da despedida porque se embarcam com os nautas "as eternas esposas e fermosas" e aqueles muito contentes por levarem consigo a companhia desejada das *Ninfas,*

> *... que hão-de ter eternamente*
> *Por mais tempo que o Sol o Mundo aquente.*
>
> (X.143.7-8)

Elas vão para lhes tecer coroas gloriosas (X.142.8).
A "Ilha dos Amores" foi um sonho de artista. Fica a alegoria, feita das "honras que a vida fazem sublimadas", de "preminências

gloriosas", de "triunfos com a fronte coroada de palma e louro", enfim, de todos os deleites do espírito.
Pareceu-me necessário avançar até ao Canto X para criar a perspectiva necessária à explicação das estâncias que ainda nos restam.

89.2
"... e a Ilha *angélica pintada*": *angélica,* própria dos anjos. *Pintada,* representada; "... e maravilha": admiração.
Ort.: *fermosas* (por *formosas*); *preminências* (por *preeminências*).

90.3-5
"... no estelante Olimpo, ...": na brilhante morada dos deuses; "... a quem subia / Sobre as asas ínclitas da Fama, / Por obras valerosas que fazia": (as imortalidades que a Antiguidade fazia) nas asas gloriosas da Fama por motivo das obras valorosas que fazia.

91.5-8
"Que Júpiter, Mercúrio, Febo e Marte / Eneas e *Quirino* e *os dous Tebanos,* / Ceres, Palas e *Juno* com Diana": *Quirino,* nome de Rómulo divinizado. *Os dous Tebanos,* Hércules e Baco. *Juno,* esposa de Júpiter e rainha dos deuses.

92.2-7
"*Lhe* deu ...": lhes deu; "*Indígetes,* Heróicos e de Magnos": *Indígetes,* divindades primitivas e nacionais dos Romanos. No sing., *Índiges* é aplicado a Eneias. Notar que *Magnos* rima com *estranhos e tamanhos;* "... ser tamanhos": ser tão grandes; "... do ócio *ignavo*": do ócio mole. *Ignavo,* do latim *ignavus.*

93.1-5
"E ponde na *cobiça* ...": avidez de riquezas, do "ouro" de que fala no v. 5 desta estância; " ... esse *ouro puro*": como em 87.4.
Ort.: *milhor* (por *melhor*).

94.4
"Ou vos vesti nas armas rutilantes": *vestir em,* hoje *vestir-se de.*
Ort.: *imigos* (por *inimigos*).

95.1-5

"E fareis *claro* ...": fareis ilustre; "Agora ... / Agora": ora ... ora ... ; " ... como os vossos já passados": como (fizeram imortais) os vossos antepassados; "Impossibilidades não façais": o primeiro hemistíquio do v. 6 mostra que o sentido só pode ser: impossibilidades não há para vós.

X

1 **M**AS já o claro amador da Larisseia
Adúltera inclinava os animais
Lá pera o grande lago que rodeia
Temistitão nos fins Ocidentais;
O grande ardor do Sol Favónio enfreia
Co sopro que nos tanques naturais
Encrespa a água serena e despertava
Os lírios e jasmins, que a calma agrava,

2 Quando as fermosas Ninfas, cos amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
Subiam pera os paços radiantes
E de metais ornados reluzentes,
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas d' altos manjares excelentes
Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.

3 Ali, em cadeiras ricas, cristalinas,
Se assentam dous e dous, amante e dama;
Noutras, à cabeceira, d' ouro finas,
Está co a bela Deusa o claro Gama.
De iguarias suaves e divinas,
A quem não chega a Egípcia antiga fama,
Se acumulam os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlântico tesouro.

4 Os vinhos odoríferos, que acima
Estão não só do Itálico Falerno
Mas da Ambrósia, que Jove tanto estima
Com todo o ajuntamento sempiterno,
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
Crespas escumas erguem, que no interno
Coração movem súbita alegria,
Saltando co a mistura d' água fria.

5 Mil práticas alegres se tocavam;
Risos doces, sutis e argutos ditos,
Que entre um e outro manjar se alevantavam,
Despertando os alegres apetitos;
Músicos instrumentos não faltavam
(Quais, no profundo Reino, os nus espritos
Fizeram descansar da eterna pena)
Cũa voz dũa angélica Sirena.

6 Cantava a bela Ninfa, e cos acentos,
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonância igual, os instumentos
Suaves vêm a um tempo conformando.
Um súbito silêncio enfreia os ventos
E faz ir docemente murmurando
As águas, e nas casas naturais
Adormecer os brutos animais.

7 Com doce voz está subindo ao Céu
Altos varões que estão por vir ao mundo,
Cujas claras Ideias viu Proteu
Num globo vão, diáfano, rotundo,
Que Júpiter em dom lho concedeu
Em sonhos, e despois no Reino fundo,
Vaticinando, o disse, e na memória
Recolheu logo a Ninfa a clara história.

8 Matéria é de coturno, e não de soco,
A que a Ninfa aprendeu no imenso lago;
Qual Iopas não soube, ou Demodoco,
Entre os Feaces um, outro em Cartago.
Aqui, minha Calíope, te invoco
Neste trabalho extremo, por que em pago
Me tornes do que escrevo, e em vão pretendo
O gosto de escrever, que vou perdendo.

9 Vão os anos decendo, e já do Estio
Há pouco que passar até o Outono;
A Fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto nem me abono;
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno sono.
Mas tu me dá que cumpra, ó grão rainha
Das Musas, co que quero à nação minha!

10 Cantava a bela Deusa que viriam
Do Tejo, pelo mar que o Gama abrira,
Armadas que as ribeiras venceriam
Por onde o Oceano Índico suspira;
E que os Gentios Reis que não dariam
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Provariam do braço duro e forte,
Até render-se a ele ou logo à morte.

11 Cantava dum que tem nos Malabares
Do sumo sacerdócio a dignidade,
Que, só por não quebrar cos singulares
Barões os nós que dera d' amizade,
Sofrerá suas cidades e lugares,
Com ferro, incêndios, ira e crueldade,
Ver destruir do Samorim potente,
Que tais ódios terá co a nova gente.

12 E canta como lá se embarcaria
Em Belém o remédio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria,
O grão Pacheco, Aquiles Lusitano.
O peso sentirão, quando entraria,
O curvo lenho e o férvido Oceano,
Quando mais n' água os troncos que gemerem
Contra sua natureza se meterem.

13 Mas, já chegado aos fins Orientais
E deixado em ajuda do gentio
Rei de Cochim, com poucos naturais,
Nos braços do salgado e curvo rio
Desbaratará os Naires infernais
No passo Cambalão, tornando frio
D' espanto o ardor imenso do Oriente,
Que verá tanto obrar tão pouca gente.

14 Chamará o Samorim mais gente nova;
Virão Reis [de] Bipur e de Tanor,
Das serras de Narsinga, que alta prova
Estarão prometendo a seu senhor;
Fará que todo o Naire, enfim, se mova
Que entre Calecu jaz e Cananor,
D' ambas as Leis imigas pera a guerra:
Mouros por mar, Gentios pola terra.

15 E todos outra vez desbaratando,
Por terra e mar, o grão Pacheco ousado,
A grande multidão que irá matando
A todo o Malabar terá admirado.
Cometerá outra vez, não dilatando,
O Gentio os combates, apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos Deuses vãos, surdos e imotos.

16 Já não defenderá sòmente os passos,
Mas queimar-lhe-á lugares, templos, casas;
Aceso de ira, o Cão, não vendo lassos
Aqueles que as cidades fazem rasas,
Fará que os seus, de vida pouco escassos,
Cometam o Pacheco, que tem asas,
Por dous passos num tempo; mas voando
Dum noutro, tudo irá desbaratando.

17 Virá ali o Samorim, por que em pessoa
Veja a batalha e os seus esforce e anime;
Mas um tiro, que com zunido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime.
Já não verá remédio ou manha boa
Nem força que o Pacheco muito estime;
Inventará traições e vãos venenos,
Mas sempre (o Céu querendo) fará menos.

18 Que tornará a vez sétima (cantava)
Pelejar co invicto e forte Luso,
A quem nenhum trabalho pesa e agrava;
Mas, contudo, este só o fará confuso.
Trará pera a batalha, horrenda e brava,
Máquinas de madeiros fora de uso,
Pera lhe abalroar as caravelas,
Que até' li vão lhe fora cometê-las.

19 Pela água levará serras de fogo
Pera abrasar-lhe quanta armada tenha;
Mas a militar arte e engenho logo
Fará ser vã a braveza com que venha.
– «Nenhum claro barão no Márcio jogo,
Que nas asas da Fama se sustenha,
Chega a este, que a palma a todos toma.
E perdoe-me a ilustre Grécia ou Roma.

20 «Porque tantas batalhas, sustentadas
Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas e artes inventadas,
Tantos Cães não imbeles profligados,
Ou parecerão fábulas sonhadas,
Ou que os celestes Coros, invocados,
Decerão a ajudá-lo e lhe darão
Esforço, força, ardil e coração.

21 «Aquele que nos campos Maratónios
O grão poder de Dário estrui e rende,
Ou quem, com quatro mil Lacedemónios,
O passo de Termópilas defende,
Nem o mancebo Cocles dos Ausónios,
Que com todo o poder Tusco contende
Em defensa da ponte, ou Quinto Fábio,
Foi como este na guerra forte e sábio.»

22 Mas neste passo a Ninfa, o som canoro
Abaxando, fez ronco e entristecido,
Cantando em baxa voz, envolta em choro,
O grande esforço mal agardecido.
– «Ó Belisário (disse) que no coro
Das Musas serás sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolar-te!

23 «Aqui tens companheiro, assi nos feitos
Como no galardão injusto e duro;
Em ti e nele veremos altos peitos
A baxo estado vir, humilde e escuro.
Morrer nos hospitais, em pobres leitos,
Os que ao Rei e à Lei servem de muro!
Isto fazem os Reis cuja vontade
Manda mais que a justiça e que a verdade.

24 «Isto fazem os Reis quando embebidos
Nũa aparência branda que os contenta:
Dão os prémios, de Aiace merecidos,
A língua vã de Ulisses, fraudulenta.
Mas vingo-me: que os bens mal repartidos
Por quem só doces sombras apresenta,
Se não os dão a sábios cavaleiros,
Dão-os logo a avarentos lisonjeiros.

25 «Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
Um tal vassalo, ó Rei, só nisto inico,
Se não és pera dar-lhe honroso estado,
É ele pera dar-te um Reino rico.
Enquanto for o mundo rodeado
Dos Apolíneos raios, eu te fico
Que ele seja entre a gente ilustre e claro,
E tu nisto culpado por avaro.

26 «Mas eis outro (cantava) intitulado
Vem com nome real e traz consigo
O filho, que no mar será ilustrado,
Tanto como qualquer Romano antigo.
Ambos darão com braço forte, armado,
A Quíloa fértil, áspero castigo,
Fazendo nela Rei leal e humano,
Deitado fora o pérfido tirano.

27 «Também farão Mombaça, que se arreia
De casas sumptuosas e edifícios,
Co ferro e fogo seu queimada e feia,
Em pago dos passados malefícios.
Despois, na costa da Índia, andando cheia
De lenhos inimigos e artificios
Contra os Lusos, com velas e com remos
O mancebo Lourenço fará extremos.

28 «Das grandes naus do Samorim potente,
Que encherão todo o mar, co a férrea pela,
Que sai com trovão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, masto, vela.
Despois, lançando arpéus ousadamente
Na capitaina imiga, dentro nela
Saltando o fará só com lança e espada
De quatrocentos Mouros despejada.

29 «Mas de Deus a escondida providência
(Que ela só sabe o bem de que se serve)
O porá onde esforço nem prudência
Poderá haver que a vida lhe reserve.
Em Chaúl, onde em sangue e resistência
O mar todo com fogo e ferro ferve,
Lhe farão que com vida se não saia
As armadas de Egipto e de Cambaia.

30 «Ali o poder de muitos inimigos
(Que o grande esforço só com força rende),
Os ventos que faltaram, e os perigos
Do mar, que sobejaram, tudo o ofende.
Aqui ressurjam todos os Antigos,
A ver o nobre ardor que aqui se aprende:
Outro Ceva verão, que, espedaçado,
Não sabe ser rendido nem domado.

31 «Com toda ũa coxa fora, que em pedaços
Lhe leva um cego tiro que passara,
Se serve inda dos animosos braços
E do grão coração que lhe ficara.
Até que outro pelouro quebra os laços
Com que co alma o corpo se liara:
Ela, solta, voou da prisão fora
Onde súbito se acha vencedora.

32 «Vai-te, alma, em paz, da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena!
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou, vingança já lhe ordena:
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
Que vem já dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos e trabucos,
A Cambaicos cruéis e Mamelucos.

33 «Eis vem o pai, com ânimo estupendo,
Trazendo fúria e mágoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, água nos olhos.
A nobre ira lhe vinha prometendo
Que o sangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas naus; senti-lo-á o Nilo,
Podê-lo-á o Indo ver e o Gange ouvi-lo.

34 «Qual o touro cioso, que se ensaia
Pera a crua peleja, os cornos tenta
No tronco dum carvalho ou alta faia
E, o ar ferindo, as forças experimenta:
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada afia,
Abaxando-lhe a túmida ousadia.

35 «E logo, entrando fero na enseada
De Dio, ilustre em cercos e batalhas,
Fará espalhar a fraca e grande armada
De Calecu, que remos tem por malhas.
A de Melique Iaz, acautelada,
Cos pelouros que tu, Vulcano, espalhas,
Fará ir ver o frio e fundo assento,
Secreto leito do húmido elemento.

36 «Mas a de Mir Hocém, que, abalroando,
A fúria esperará dos vingadores,
Verá braços e pernas ir nadando
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores.
Raios de fogo irão representando,
No cego ardor, os bravos domadores.
Quanto ali sentirão olhos e ouvidos
É fumo, ferro, flamas e alaridos.

37 «Mas ah, que desta próspera vitória,
Com que despois virá ao pátrio Tejo,
Quási lhe roubará a famosa glória
Um sucesso, que triste e negro vejo!
O Cabo Tormentório, que a memória
Cos ossos guardará, não terá pejo
De tirar deste mundo aquele esprito,
Que não tiraram toda a Índia e Egipto.

38 «Ali, Cafres selvagens poderão
O que destros amigos não puderam;
E rudos paus tostados sós farão
O que arcos e pelouros não fizeram.
Ocultos os juízos de Deus são;
As gentes vãs, que não nos entenderam,
Chamam-lhe fado mau, fortuna escura,
Sendo só providência de Deus pura.

39 «Mas oh, que luz tamanha que abrir sinto
(Dizia a Ninfa, e a voz alevantava)
Lá no mar de Melinde, em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja e Brava,
Pelo Cunha também, que nunca extinto
Será seu nome em todo o mar que lava
As ilhas do Austro, e praias que se chamam
De São Lourenço, e em todo o Sul se afamam!

40 «Esta luz é do fogo e das luzentes
Armas com que Albuquerque irá amansando
De Ormuz os Pársеos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso e brando.
Ali verão as setas estridentes
Reciprocar-se, a ponta no ar virando
Contra quem as tirou; que Deus peleja
Por quem estende a fé da Madre Igreja.

41 «Ali do sal os montes não defendem
De corrupção os corpos no combate,
Que mortos pela praia e mar se estendem
De Gerum, de Mazcate e Calaiate;
Até que à força só de braço aprendem
A abaxar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigação de dar o reino inico
Das perlas de Barém tributo rico.

42 «Que gloriosas palmas tecer vejo
Com que Vitória a fronte lhe coroa,
Quando, sem sombra vã de medo ou pejo,
Toma a ilha ilustríssima de Goa!
Despois, obedecendo ao duro ensejo,
A deixa, e ocasião espera boa
Com que a torne a tomar, que esforço e arte
Vencerão a Fortuna e o próprio Marte.

43 «Eis já sobr' ela torna e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças e pelouros,
Abrindo com a espada o espesso e horrendo
Esquadrão de Gentios e de Mouros.
Irão soldados ínclitos fazendo
Mais que liões famélicos e touros,
Na luz que sempre celebrada e dina
Será da Egípcia Santa Caterina.

44 «Nem tu menos fugir poderás deste,
Posto que rica e posto que assentada
Lá no grémio da Aurora, onde naceste
Opulenta Malaca nomeada.
As setas venenosas que fizeste,
Os crises com que já te vejo armada,
Malaios namorados, Jaus valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.»

45 Mais estanças cantara esta Sirena
Em louvor do ilustríssimo Albuquerque,
Mas alembrou-lhe ũa ira que o condena,
Posto que a fama sua o mundo cerque.
O grande Capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos glória eterna merque,
Mais há-de ser um brando companheiro
Pera os seus, que juiz cruel e inteiro.

46 Mas em tempo que fomes e asperezas,
Doenças, frechas e trovões ardentes,
A sazão e o lugar, fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes,
Parece de selváticas brutezas,
De peitos inumanos e insolentes,
Dar extremo suplício pela culpa
Que a fraca humanidade e Amor desculpa.

47 Não será a culpa abominoso incesto
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adultério desonesto,
Mas cũa escrava vil, lasciva e escura,
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera e dura,
Cos seus ũa ira insana não refreia,
Põe, na fama alva, noda negra e feia.

48 Viu Alexandre Apeles namorado
Da sua Campaspe, e deu-lha alegremente,
Não sendo seu soldado exprimentado,
Nem vendo-se num cerco duro e urgente.
Sentiu Ciro que andava já abrasado
Araspas, de Panteia, em fogo ardente,
Que ele tomara em guarda, e prometia
Que nenhum mau desejo o venceria;

49 Mas, vendo o ilustre Persa que vencido
Fora de Amor, que, enfim, não tem defensa,
Levemente o perdoa, e foi servido
Dele num caso grande, em recompensa.
Per força, de Judita foi marido
O férreo Balduíno; mas dispensa
Carlos, pai dela, posto em cousas grandes,
Que viva e povoador seja de Frandes.

50 Mas, prosseguindo a Ninfa o longo canto,
De Soares cantava, que as bandeiras
Faria tremular e pôr espanto
Pelas roxas Arábicas ribeiras:
– «Medina abominábil teme tanto,
Quanto Meca e Gidá, co as derradeiras
Praias de Abássia; Barborá se teme
Do mal de que o empório Zeila geme.

51 «A nobre ilha também de Taprobana,
Já pelo nome antigo tão famosa
Quanto agora soberba e soberana
Pela cortiça cálida, cheirosa,
Dela dará tributo à Lusitana
Bandeira, quando, excelsa e gloriosa,
Vencendo se erguerá na torre erguida,
Em Columbo, dos próprios tão temida.

52 «Também Sequeira, as ondas Eritreias
Dividindo, abrirá novo caminho
Pera ti, grande Império, que te arreias
De seres de Candace e Sabá ninho.
Maçuá, com cisternas de água cheias
Verá, e o porto Arquico, ali vizinho;
E fará descobir remotas Ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

53 «Virá despois Meneses, cujo ferro
Mais na África, que cá, terá provado;
Castigará de Ormuz soberba o erro,
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Também tu, Gama, em pago do desterro
Em que estás e serás inda tornado,
Cos títulos de Conde e d' honras nobres
Virás mandar a terra que descobres.

54 «Mas aquela fatal necessidade
De quem ninguém se exime dos humanos,
Ilustrado co a Régia dignidade,
Te tirará do mundo e seus enganos.
Outro Meneses logo, cuja idade
É maior na prudência que nos anos,
Governará; e fará o ditoso Henrique
Que perpétua memória dele fique.

55 «Não vencerá sòmente os Malabares,
Destruindo Panane com Coulete,
Cometendo as bombardas, que, nos ares,
Se vingam só do peito que as comete;
Mas com virtudes, certo, singulares,
Vence os imigos d' alma todos sete;
De cobiça triunfa e incontinência,
Que em tal idade é suma de excelência.

56 «Mas, despois que as Estrelas o chamarem,
Sucederás, ó forte Mascarenhas;
E, se injustos o mando te tomarem,
Prometo-te que fama eterna tenhas.
Pera teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado.

57 «No reino de Bintão, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
Num só dia as injúrias de mil anos
Vingarás, co valor de ilustres peitos.
Trabalhos e perigos inumanos,
Abrolhos férreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, setas:
Tudo fico que rompas e sometas.

58 «Mas na Índia, cobiça e ambição,
Que claramente põem aberto o rosto
Contra Deus e Justiça, te farão
Vitupério nenhum, mas só desgosto.
Quem faz injúria vil e sem razão,
Com forças e poder em que está posto,
Não vence; que a vitória verdadeira
É saber ter justiça nua e inteira.

59 «Mas, contudo, não nego que Sampaio
Será, no esforço, ilustre e assinalado,
Mostrando-se no mar um fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado.
Em Bacanor fará cruel ensaio
No Malabar, pera que, amedrontado,
Despois a ser vencido dele venha
Cutiale, com quanta armada tenha.

60 «E não menos de Dio a fera frota,
Que Chaúl temerá, de grande e ousada,
Fará, co a vista só, perdida e rota,
Por Heitor da Silveira e destroçada;
Por Heitor Português, de quem se nota
Que na costa Cambaica, sempre armada,
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

61 «A Sampaio feroz sucederá
Cunha, que longo tempo tem o leme:
De Chale as torres altas erguerá,
Enquanto Dio ilustre dele treme;
O forte Baçaim se lhe dará,
Não sem sangue, porém, que nele geme
Melique, porque à força só de espada
A tranqueira soberba vê tomada.

62 «Trás este vem Noronha, cujo auspício
De Dio os Rumes feros afugenta;
Dio, que o peito e bélico exercício
De António da Silveira bem sustenta.
Fará em Noronha a morte o usado ofício,
Quando um teu ramo, ó Gama, se exprimenta
No governo do Império, cujo zelo
Com medo o Roxo Mar fará amarelo.

63 «Das mãos do teu Estêvão vem tomar
As rédeas um, que já será ilustrado
No Brasil, com vencer e castigar
O pirata Francês, ao mar usado.
Despois, Capitão-mor do Índico mar,
O muro de Damão, soberbo e armado,
Escala e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo e frechas mil terão coberta.

64 «A este o Rei Cambaico soberbíssimo
Fortaleza dará na rica Dio,
Por que contra o Mogor poderosíssimo
Lhe ajude a defender o senhorio.
Despois irá com peito esforçadíssimo
A tolher que não passe o Rei gentio
De Calecu, que assi com quantos veio
O fará retirar, de sangue cheio.

65 «Destruirá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rei, com muitos, em fugida;
E despois, junto ao Cabo Comorim,
Ũa façanha faz esclarecida:
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá co furor do ferro e fogo;
Em si verá Beadala o Márcio jogo.

66 «Tendo assi limpa a Índia dos imigos,
Virá despois com ceptro a governá-la
Sem que ache resistência nem perigos,
Que todos tremem dele e nenhum fala.
Só quis provar os ásperos castigos
Baticalá, que vira já Beadala.
De sangue e corpos mortos ficou cheia
E de fogo e trovões desfeita e feia.

67 «Este será Martinho, que de Marte
O nome tem co as obras derivado;
Tanto em armas ilustre em toda parte,
Quanto, em conselho, sábio e bem cuidado.
Suceder-lhe-á ali Castro, que o estandarte
Português terá sempre levantado,
Conforme sucessor ao sucedido,
Que um ergue Dio, outro o defende erguido.

68 «Persas feroces, Abassis e Rumes,
Que trazido de Roma o nome têm,
Vários de gestos, vários de costumes
(Que mil nações ao cerco feras vêm),
Farão dos Céus ao mundo vãos queixumes
Porque uns poucos a terra lhe detêm.
Em sangue Português, juram, descridos,
De banhar os bigodes retorcidos.

69 «Basiliscos medonhos e liões,
Trabucos feros, minas encobertas,
Sustenta Mascarenhas cos barões
Que tão ledos as mortes têm por certas;
Até que, nas maiores opressões,
Castro libertador, fazendo ofertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna e a Deus se sacrifiquem.

70 «Fernando, um deles, ramo da alta pranta,
Onde o violento fogo, com ruído,
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será ali arrebatado e ao Céu subido.
Álvaro, quando o Inverno o mundo espanta
E tem o caminho húmido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas e os perigos,
Os ventos e despois os inimigos.

71 «Eis vem despois o pai, que as ondas corta
Co restante da gente Lusitana,
E com força e saber, que mais importa,
Batalha dá felice e soberana.
Uns, paredes subindo, escusam porta;
Outros a abrem na fera esquadra insana.
Feitos farão tão dinos de memória
Que não caibam em verso ou larga história.

72 «Este, despois, em campo se apresenta,
Vencedor forte e intrépido, ao possante
Rei de Cambaia e a vista lhe amedronta
Da fera multidão quadrupedante.
Não menos suas terras mal sustenta
O Hidalcão, do braço triunfante
Que castigando vai Dabul na costa;
Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.

73 «Estes e outros Barões, por várias partes,
Dinos todos de fama e maravilha,
Fazendo-se na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos desta Ilha,
Varrendo triunfantes estandartes
Pelas ondas que corta a aguda quilha;
E acharão estas Ninfas e estas mesas,
Que glórias e honras são de árduas empresas.»

74 Assi cantava a Ninfa; e as outras todas,
Com sonoroso aplauso, vozes davam,
Com que festejam as alegres vodas
Que com tanto prazer se celebravam.
– «Por mais que da Fortuna andem as rodas
(Nũa cônsona voz todas soavam),
Não vos hão-de faltar, gente famosa,
Honra, valor e fama gloriosa.»

75 Despois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na harmonia e doce suavidade
Viram os altos feitos que descobre,
Tétis, de graça ornada e gravidade,
Pera que com mais alta glória dobre
As festas deste alegre e claro dia,
Pera o felice Gama assi dizia:

76 – «Faz-te mercê, barão, a Sapiência
Suprema de, cos olhos corporais,
Veres o que não pode a vã ciência
Dos errados e míseros mortais.
Sigue-me firme e forte, com prudência,
Por este monte espesso, tu cos mais.»
Assi lhe diz e o guia por um mato
Árduo, difícil, duro a humano trato.

77 Não andam muito que no erguido cume
Se acharam, onde um campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis, tais que presume
A vista que divino chão pisava.
Aqui um globo vêm no ar, que o lume
Claríssimo por ele penetrava,
De modo que o seu centro está evidente,
Como a sua superfície, claramente.

78 Qual a matéria seja não se enxerga,
Mas enxerga-se bem que está composto
De vários orbes, que a Divina verga
Compôs, e um centro a todos só tem posto.
Volvendo, ora se abaxe, agora se erga,
Nunca s' ergue ou se abaxa, e um mesmo rosto
Por toda a parte tem; e em toda a parte
Começa e acaba, enfim, por divina arte,

79 Uniforme, perfeito, em si sustido,
Qual, enfim, o Arquetipo que o criou.
Vendo o Gama este globo, comovido
De espanto e de desejo ali ficou.
Diz-lhe a Deusa: – «O transunto, reduzido
Em pequeno volume, aqui te dou
Do Mundo aos olhos teus, pera que vejas
Por onde vás e irás e o que desejas.

80 «Vês aqui a grande máquina do Mundo,
Etérea e elemental, que fabricada
Assi foi do Saber, alto e profundo,
Que é sem princípio e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo e sua superfície tão limada,
É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.

81 «Este orbe que, primeiro, vai cercando
Os outros mais pequenos que em si tem,
Que está com luz tão clara radiando
Que a vista cega e a mente vil também,
Empíreo se nomeia, onde logrando
Puras almas estão daquele Bem
Tamanho, que ele só se entende e alcança,
De quem não há no mundo semelhança.

82 «Aqui, só verdadeiros, gloriosos
Divos estão, porque eu, Saturno e Jano,
Júpiter, Juno, fomos fabulosos,
Fingidos de mortal e cego engano.
Só pera fazer versos deleitosos
Servimos; e, se mais o trato humano
Nos pode dar, é só que o nome nosso
Nestas estrelas pôs o engenho vosso.

83 «E também, porque a santa Providência,
Que em Júpiter aqui se representa,
Por espíritos mil que têm prudência
Governa o Mundo todo que sustenta
(Ensina-lo a profética ciência,
Em muitos dos exemplos que apresenta);
Os que são bons, guiando, favorecem,
Os maus, em quanto podem, nos empecem;

84 «Quer logo aqui a pintura que varia
Agora deleitando, ora ensinando,
Dar-lhe nomes que a antiga Poesia
A seus Deuses já dera, tabulando;
Que os Anjos de celeste companhia
Deuses o sacro verso está chamando,
Nem nega que esse nome preminente
Também aos maus se dá, mas falsamente.

85 «Enfim que o Sumo Deus, que por segundas
Causas obra no Mundo, tudo manda.
E tornando a contar-te das profundas
Obras da Mão Divina veneranda,
Debaxo deste círculo onde as mundas
Almas divinas gozam, que não anda,
Outro corre, tão leve e tão ligeiro
Que não se enxerga: é o Móbile primeiro.

86 «Com este rapto e grande movimento
Vão todos os que dentro tem no seio;
Por obra deste, o Sol, andando a tento,
O dia e noite faz, com curso alheio.
Debaxo deste leve, anda outro lento,
Tão lento e sojugado a duro freio,
Que enquanto Febo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá ele um passo.

87 «Olha estoutro debaxo, que esmaltado
De corpos lisos anda e radiantes,
Que também nele tem curso ordenado
E nos seus axes correm cintilantes.
Bem vês como se veste e faz ornado
Co largo Cinto d' ouro, que estelantes
Animais doze traz afigurados,
Apousentos de Febo limitados.

88 «Olha por outras partes a pintura
Que as Estrelas fulgentes vão fazendo:
Olha a Carreta, atenta a Cinosura,
Andrómeda e seu pai, e o Drago horrendo;
Vê de Cassiopeia a formosura
E do Orionte o gesto turbulento;
Olha o Cisne morrendo que suspira,
A Lebre e os Cães, a Nau e a doce Lira.

89 «Debaxo deste grande Firmamento,
Vês o céu de Saturno, Deus antigo;
Júpiter logo faz o movimento,
E Marte abaxo, bélico inimigo;
O claro Olho do céu, no quarto assento,
E Vénus, que os amores traz consigo;
Mercúrio, de eloquência soberana;
Com três rostos, debaxo vai Diana.

90 «Em todos estes orbes, diferente
Curso verás, nuns grave e noutros leve;
Ora fogem do Centro longamente,
Ora da Terra estão caminho breve,
Bem como quis o Padre omnipotente,
Que o fogo fez e o ar, o vento e neve,
Os quais verás que jazem mais a dentro
E tem co Mar a Terra por seu centro.

91 «Neste centro, pousada dos humanos,
Que não sòmente, ousados, se contentam
De sofrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instábil exprimentam,
Verás as várias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se apousentam
Várias nações que mandam vários Reis,
Vários costumes seus e várias leis.

92 «Vês Europa Cristã, mais alta e clara
Que as outras em polícia e fortaleza.
Vês África, dos bens do mundo avara,
Inculta e toda cheia de bruteza;
Co Cabo que até 'qui se vos negara,
Que assentou pera o Austro a Natureza.
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem Lei, quási infinita.

93 «Vê do Benomotapa o grande império,
De selvática gente, negra e nua,
Onde Gonçalo morte e vitupério
Padecerá, pola Fé santa sua.
Nace por este incógnito Hemispério
O metal por que mais a gente sua.
Vê que do lago donde se derrama
O Nilo, também vindo está Cuama.

94 «Olha as casas dos negros, como estão
Sem portas, confiados, em seus ninhos,
Na justiça real e defensão
E na fidelidade dos vizinhos;
Olha deles a bruta multidão,
Qual bando espesso e negro de estorninhos
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaia com destreza.

95 «Olha lá as alagoas donde o Nilo
Nace, que não souberam os antigos;
Vê-lo rega, gerando o crocodilo,
Os povos Abassis, de Cristo amigos;
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem milhor dos inimigos;
Vê Méroe, que ilha foi de antiga fama,
Que ora dos naturais Nobá se chama.

96 «Nesta remota terra um filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro;
Há-de ser Dom Cristóvão o nome seu;
Mas contra o fim fatal não há reparo.
Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospício gasalhoso e caro;
O Rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Obi; entra em Quilmance.

97 «O Cabo vê já Arómata chamado,
E agora Guardafú, dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar Roxo, que do fundo toma as cores;
Este como limite está lançado
Que divide Ásia de África; e as milhores
Povoações que a parte África tem
Maçuá são, Arquico e Suaquém.

98 «Vês o extremo Suez, que antigamente
Dizem que foi dos Héroas a cidade
(Outros dizem que Arsínoe), e ao presente
Tem das frotas do Egipto a potestade.
Olha as águas nas quais abriu patente
Estrada o grão Mousés na antiga idade.
Ásia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta.

99 «Olha o monte Sinai, que se ennobrece
Co sepulcro de Santa Caterina;
Olha Toro e Gidá, que lhe falece
Água das fontes, doce e cristalina;
Olha as portas do Estreito, que fenece
No reino da seca Ádem, que confina
Com a serra d' Arzira, pedra viva,
Onde chuva dos céus se não deriva.

100 «Olha as Arábias três, que tanta terra
Tomam, todas da gente vaga e baça,
Donde vêm os cavalos pera a guerra,
Ligeiros e feroces, de alta raça;
Olha a costa que corrre, até que cerra
Outro Estreito de Pérsia, e faz a traça
O Cabo que co nome se apelida
Da cidade Fartaque, ali sabida.

101 «Olha Dófar, insigne porque manda
O mais cheiroso incenso pera as aras;
Mas atenta: já cá destoutra banda
De Roçalgate, e praias sempre avaras,
Começa o reino Ormuz, que todo se anda
Pelas ribeiras que inda serão claras
Quando as galés do Turco e fera armada
Virem de Castelbranco nua a espada.

102 «Olha o Cabo Asaboro, que chamado
Agora é Moçandão, dos navegantes;
Por aqui entra o lago que é fechado
De Arábia e Pérsias terras abundantes.
Atenta a ilha Barém, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas, e imitantes
À cor da Aurora; e vê na água salgada
Ter o Tígris e Eufrates ũa entrada.

103 «Olha da grande Pérsia o império nobre,
Sempre posto no campo e nos cavalos,
Que se injuria de usar fundido cobre
E de não ter das armas sempre os calos.
Mas vê a ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervalos,
Que da cidade Armuza, que ali esteve,
Ela o nome despois e a glória teve.

104 «Aqui de Dom Filipe de Meneses
Se mostrará a virtude, em armas clara,
Quando, com muito poucos Portugueses,
Os muitos Pársеos vencerá de Lara.
Virão provar os golpes e reveses
De Dom Pedro de Sousa, que provara
Já seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra, à força só de espada.

105 «Mas deixemos o Estreito e o conhecido
Cabo de Jasque, dito já Carpela,
Com todo o seu terreno mal querido
Da Natura e dos dões usados dela;
Carmânia teve já por apelido.
Mas vês o fermoso Indo, que daquela
Altura nace, junto à qual, também
Doutra altura correndo o Gange vem?

106 «Olha a terra de Ulcinde, fertilíssima,
E de Jáquete a íntima enseada;
Do mar a enchente súbita, grandíssima,
E a vazante, que foge apressurada.
A terra de Cambaia vê, riquíssima,
Onde do mar o seio faz entrada;
Cidades outras mil, que vou passando,
A vós outros aqui se estão guardando.

107 «Vês corre a costa célebre Indiana
Pera o Sul, até o Cabo Comori,
Já chamado Cori, que Taprobana
(Que ora é Ceilão) defronte tem de si.
Por este mar a gente Lusitana,
Que com armas virá despois de ti,
Terá vitórias, terras e cidades,
Nas quais hão-de viver muitas idades.

108 «As províncias que entre um e o outro rio
Vês, com várias nações, são infinitas:
Um reino Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o Demónio leis escritas.
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as relíquias santas e benditas
Do corpo de Tomé, barão sagrado,
Que a Jesu Cristo teve a mão no lado.

109 «Aqui a cidade foi que se chamava
Meliapor, fermosa, grande e rica;
Os Ídolos antigos adorava,
Como inda agora faz a gente inica.
Longe do mar naquele tempo estava,
Quando a Fé, que no mundo se pubrica,
Tomé vinha prègando, e já passara
Províncias mil do mundo, que ensinara.

110 «Chegado aqui, prègando e junto dando
A doentes saúde, a mortos vida,
Acaso traz um dia o mar, vagando,
Um lenho de grandeza desmedida.
Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer dele madeira; e não duvida
Poder tirá-lo a terra, com possantes
Forças d' homens, de engenhos, de alifantes.

111 «Era tão grande o peso do madeiro
Que, só pera abalar-se, nada abasta;
Mas o núncio de Cristo verdadeiro
Menos trabalho em tal negócio gasta:
Ata o cordão que traz, por derradeiro,
No tronco, e facilmente o leva e arrasta
Pera onde faça um sumptuoso templo
Que ficasse aos futuros por exemplo.

112 «Sabia bem que se com fé formada
Mandar a um monte surdo que se mova,
Que obedecerá logo à voz sagrada,
Que assi lho ensinou Cristo, e ele o prova.
A gente ficou disto alvoraçada;
Os Brâmenes o têm por cousa nova;
Vendo os milagres, vendo a santidade,
Hão medo de perder autoridade.

113 «São estes sacerdotes dos Gentios
Em quem mais penetrado tinha enveja;
Buscam maneiras mil, buscam desvios,
Com que Tomé não se ouça, ou morto seja.
O principal, que ao peito traz os fios,
Um caso horrendo faz, que o mundo veja
Que inimiga não há, tão dura e fera,
Como a virtude falsa, da sincera.

114 «Um filho próprio mata, e logo acusa
De homicídio Tomé, que era inocente;
Dá falsas testemunhas, como se usa;
Condenaram-no a morte brevemente.
O Santo, que não vê milhor escusa
Que apelar pera o Padre omnipotente,
Quer, diante do Rei e dos senhores,
Que se faça um milagre dos maiores.

115 «O corpo morto manda ser trazido,
Que res[s]ucite e seja perguntado
Quem foi seu matador, e será crido
Por testemunho, o seu, mais aprovado.
Viram todos o moço vivo, erguido,
Em nome de Jesu crucificado:
Dá graças a Tomé, que lhe deu vida,
E descobre seu pai ser homicida.

116 «Este milagre fez tamanho espanto
Que o Rei se banha logo na água santa,
E muitos após ele; um beija o manto,
Outro louvor do Deus de Tomé canta.
Os Brâmenes se encheram de ódio tanto,
Com seu veneno os morde enveja tanta,
Que, persuadindo a isso o povo rudo,
Determinam matá-lo, em fim de tudo.

117 «Um dia que prègando ao povo estava,
Fingiram entre a gente um arruido.
(Já Cristo neste tempo lhe ordenava
Que, padecendo, fosse ao Céu subido);
A multidão das pedras que voava
No Santo dá, já a tudo oferecido;
Um dos maus, por fartar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.

118 «Choraram-te, Tomé, o Gange e o Indo;
Chorou-te toda a terra que pisaste;
Mais te choram as almas que vestindo
Se iam da santa Fé que lhe ensinaste.
Mas os Anjos do Céu, cantando e rindo,
Te recebem na glória que ganhaste.
Pedimos-te que a Deus ajuda peças
Com que os teus Lusitanos favoreças.

119 «E vós outros que os nomes usurpais
De mandados de Deus, como Tomé,
Dizei: se sois mandados, como estais
Sem irdes a prègar a santa Fé?
Olhai que, se sois Sal e vos danais
Na pátria, onde profeta ninguém é,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infiéis deixo) tantas heresias?

120 «Mas passo esta matéria perigosa
E tornemos à costa debuxada.
Já com esta cidade tão famosa
Se faz curva a Gangética enseada;
Corre Narsinga, rica e poderosa;
Corre Orixa, de roupas abastada;
No fundo da enseada, o ilustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio;

121 «Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza
Que, inda que sejam grandes pecadores,
Esta água santa os lava e dá pureza.
Vê Catigão, cidade das milhores
De Bengala provincia, que se preza
De abundante. Mas olha que está posta
Pera o Austro, daqui virada, a costa.

122 «Olha o reino Arracão; olha o assento
De Pegu, que já monstros povoaram,
Monstros filhos do feio ajuntamento
Dũa mulher e um cão, que sós se acharam
Aqui soante arame no instrumento
Da geração costumam, o que usaram
Por manha da Rainha que, inventando
Tal uso, deitou fora o error nefando.

123 «Olha Tavai cidade, onde começa
De Sião largo o império tão comprido;
Tenassari, Quedá, que é só cabeça
Das que pimenta ali têm produzido.
Mais avante fareis que se conheça
Malaca por empório ennobrecido,
Onde toda a província do mar grande
Suas mercadorias ricas mande.

124 «Dizem que desta terra co as possantes
Ondas o mar, entrando, dividiu
A nobre ilha Samatra, que já d' antes
Juntas ambas a gente antiga viu.
Quersoneso foi dita; e das prestantes
Veias d' ouro que a terra produziu,
'Áurea' por epitéto lhe ajuntaram;
Alguns que fosse Ofir imaginaram.

125 «Mas, na ponta da terra, Cingapura
Verás, onde o caminho às naus se estreita;
Daqui tornando a costa à Cinosura,
Se encurva e pera a Aurora se endireita.
Vês Pam, Patane, reinos, e a longura
De Sião, que estes e outros mais sujeita;
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago que Chiamai se chama.

126 Vês neste grão terreno os diferentes
Nomes de mil nações, nunca sabidas:
Os Laos, em terra e número potentes;
Avás, Bramás, por serras tão compridas;
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamam, de selvages vidas;
Humana carne comem, mas a sua
Pintam com ferro ardente, usança crua.

127 «Vês, passa por Camboja Mecom rio,
Que capitão das águas se interpreta;
Tantas recebe d' outro só no Estio,
Que alaga os campos largos e inquieta;
Tem as enchentes quais o Nilo frio;
A gente dele crê, como indiscreta,
Que pena e glória têm, despois de morte,
Os brutos animais de toda sorte.

128 «Este receberá, plácido e brando,
No seu regaço os Cantos que molhados
Vêm do naufrágio triste e miserando,
Dos procelosos baxos escapados,
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquele cuja Lira sonorosa
Será mais afamada que ditosa.

129 «Ves, corre a costa que Champá se chama,
Cuja mata é do pau cheiroso ornada;
Vês Cauchichina está, de escura fama,
E de Aínão vê a incógnita enseada;
Aqui o soberbo Império, que se afama
Com terras e riqueza não cuidada,
Da China corre, e ocupa o senhorio
Desde o Trópico ardente ao Cinto frio.

130 «Olha o muro e edifício nunca crido,
Que entre um império e o outro se edifica,
Certíssimo sinal, e conhecido,
Da potência real, soberba e rica.
Estes, o Rei que têm, não foi nacido
Príncipe, nem dos pais aos filhos fica,
Mas elegem aquele que é famoso
Por cavaleiro, sábio e virtuoso.

131 «Inda outra muita terra se te esconde
Até que venha o tempo de mostrar-se;
Mas não deixes no mar as Ilhas onde
A Natureza quis mais afamar-se:
Esta, meia escondida, que responde
De longe à China, donde vem buscar-se,
É Japão, onde nace a prata fina,
Que ilustrada será co a Lei divina.

132 «Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas Ilhas espalhadas:
Vê Tidore e Ternate, co fervente
Cume, que lança as flamas ondeadas.
As árvores verás do cravo ardente,
Co sangue Português inda compradas.
Aqui há as áureas aves, que não decem
Nunca à terra e só mortas aparecem.

133 «Olha de Banda as Ilhas, que se esmaltam
Da vária cor que pinta o roxo fruto;
As aves variadas, que ali saltam,
Da verde noz tomando seu tributo.
Olha também Bornéu, onde não faltam
Lágrimas no licor coalhado e enxuto
Das árvores, que cânfora é chamado,
Com que da Ilha o nome é celebrado.

134 «Ali também Timor, que o lenho manda
Sândalo, salutífero e cheiroso;
Olha a Sunda, tão larga que ũa banda
Esconde pera o Sul dificultoso;
A gente do Sertão, que as terras anda,
Um rio diz que tem miraculoso,
Que, por onde ele só, sem outro, vai,
Converte em pedra o pau que nele cai.

135 «Vê naquela que o tempo tornou Ilha,
Que também flamas trémulas vapora,
A fonte que óleo mana, e a maravilha
Do cheiroso licor que o tronco chora,
– Cheiroso, mais que quanto estila a filha
De Ciniras na Arábia, onde ela mora;
E vê que, tendo quanto as outras têm,
Branda seda e fino ouro dá também.

136 «Olha, em Ceilão, que o monte se alevanta
Tanto que as nuvens passa ou a vista engana;
Os naturais o têm por cousa santa,
Pola pedra onde está a pègada humana.
Nas ilhas de Maldiva nace a pranta
No profundo das águas, soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
É tido por antídoto excelente.

137 «Verás defronte estar do Roxo Estreito
Socotorá, co amaro aloé famosa;
Outras ilhas, no mar também sujeito
A vós, na costa de África arenosa,
Onde sai do cheiro mais perfeito
A massa, ao mundo oculta e preciosa.
De São Lourenço vê a Ilha afamada,
Que Madagáscar é dalguns chamada.

138 «Eis aqui as novas partes do Oriente
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais.
Mas é também razão que, no Ponente,
Dum Lusitano um feito inda vejais,
Que, de seu Rei mostrando-se agravado,
Caminho há-de fazer nunca cuidado.

139 «Vedes a grande terra que contina
Vai de Calisto ao seu contrário Pólo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal que a cor tem do louro Apolo.
Castela, vossa amiga, será dina
De lançar-lhe o colar ao rudo colo.
Varias províncias tem de várias gentes,
Em ritos e costumes, diferentes.

140 «Mas cá onde mais se alarga, ali tereis
Parte também, co pau vermelho nota;
De Santa Cruz o nome lhe poreis;
Descobri-la-á a primeira vossa frota.
Ao longo desta costa, que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito, com verdade,
Português, porém não na lealdade.

141 «Dês que passar a via mais que meia
Que ao Antártico Pólo vai da Linha,
Dũa estatura quási giganteia
Homens verá, da terra ali vizinha;
E mais avante o Estreito que se arreia
Co nome dele agora, o qual caminha
Pera outro mar e terra que fica onde
Com suas frias asas o Austro a esconde.

142 «Até 'qui Portugueses concedido
Vos é saberdes os futuros feitos
Que, pelo mar que já deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos que vos façam ser aceitos
Às eternas esposas e fermosas,
Que coroas vos tecem gloriosas,

143 «Podeis-vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquilo, pera a pátria amada.»
Assi lhe disse; e logo movimento
Fazem da Ilha alegre e namorada.
Levam refresco e nobre mantimento;
Levam a companhia desejada
Das Ninfas, que hão-de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

144 Assi foram cortando o mar sereno,
Com vento sempre manso e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno
Em que naceram, sempre desejado.
Entraram pela foz do Tejo ameno,
E à sua pátria e Rei temido e amado
O prémio e glória dão por que mandou,
E com títulos novos se ilustrou.

145 Nô mais, Musa, nô mais, que a Lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho
Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
Dũa austera, apagada e vil tristeza

146 E não sei por que influxo de Destino
Não tem um ledo orgulho e geral gosto,
Que os ânimos levanta de contino
A ter pera trabalhos ledo o rosto.
Por isso vós, ó Rei, que por divino
Conselho estais no régio sólio posto,
Olhai que sois (e vede as outras gentes)
Senhor só de vassalos excelentes.

147 Olhai que ledos vão, por várias vias,
Quais rompentes liões e bravos touros,
Dando os corpos a fomes e vigias,
A ferro, a fogo, a setas e pelouros,
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolátras e de Mouros,
A perigos incógnitos do mundo,
A naufrágios, a pexes, ao profundo.

148 Por vos servir, a tudo aparelhados;
De vós tão longe, sempre obedientes;
A quaisquer vossos ásperos mandados,
Sem dar reposta, prontos e contentes.
Só com saber que são de vós olhados,
Demónios infernais, negros e ardentes,
Cometerão convosco, e não duvido
Que vencedor vos façam, não vencido.

149 Favorecei-os logo, e alegrai-os
Com a presença e leda humanidade;
De rigorosas leis desalivai-os,
Que assi se abre o caminho à santidade.
Os mais exprimentados levantai-os,
Se, com a experiência, têm bondade
Pera vosso conselho, pois que sabem
O como, o quando, e onde as cousas cabem.

150 Todos favorecei em seus ofícios,
Segundo têm das vidas o talento;
Tenham Religiosos exercícios
De rogarem, por vosso regimento,
Com jejuns, disciplina, pelos vícios
Comuns; toda ambição terão por vento,
Que o bom Religioso verdadeiro
Glória vã não pretende nem dinheiro.

151 Os Cavaleiros tende em muita estima,
Pois com seu sangue intrépido e fervente
Estendem não sòmente a Lei de cima,
Mas inda vosso Império preminente.
Pois aqueles que a tão remoto clima
Vos vão servir, com passo diligente,
Dous inimigos vencem: uns, os vivos,
E (o que é mais) os trabalhos excessivos.

152 Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Galos, Ítalos e Ingleses,
Possam dizer que são pera mandados,
Mais que pera mandar, os Portugueses.
Tomai conselho só d' exprimentados,
Que viram largos anos, largos meses,
Que, posto que em cientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

153 De Formião, filósofo elegante,
Vereis como Anibal escarnecia,
Quando das artes bélicas, diante
Dele, com larga voz tratava e lia.
A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na fantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando.

154 Mas eu que falo, humilde, baxo e rudo,
De vós não conhecido nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei, contudo,
Que o louvor sai às vezes acabado.
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiência misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.

155 Pera servir-vos, braço às armas feito,
Pera cantar-vos, mente às Musas dada;
Só me falece ser a vós aceito,
De quem virtude deve ser prezada.
Se me isto o Céu concede, e o vosso peito
Dina empresa tomar de ser cantada,
Como a pres[s]aga mente vaticina
Olhando a vossa inclinação divina,

156 Ou fazendo que, mais que a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os muros de Marrocos e Trudante,
A minha já estimada e leda Musa
Fico que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandro em vós se veja,
Sem à dita de Aquiles ter enveja.

NOTAS

1.1-6
"Mas já o claro amador da Larisseia / Adúltera ...": *Larisseu*, de Larissa, na Tessália, donde era *Corónis,* ninfa amada de *Apolo* e a ela infiel; "Lá pera o grande lago que rodeia / Temistitão, ...": o grande lago que rodeia *Temistitão* (a antiga cidade do México ou o país) nos confins ocidentais é o Pacífico. O curso de água que deu o nome à principal cidade era o Tihcuco e o vale Tenochtitlan. Os Portugueses aplicaram o nome de Temistitão ao país e à capital (Ford); "O grande ardor do Sol Favónio enfreia": o Zéfiro moderava os calores do Sol; "... nos tanques naturais": nas águas do mar. *Fins* está por *confins*.

2.7
"Lhe ...": lhes.

3.3-7
"... d' ouro finas": de ouro fino *(trajectio epithetorum);* "... A quem não chega a Egípcia antiga fama": banquetes superiores aos dados por Cleópatra (a César? A Marco António?); "... pratos de *fulvo* ouro": louro; "Trazidos lá do Atlântico tesouro": do Jardim das Hespéridas ou, mais simplesmente, dos palácios que têm nas profundidades do Oceano.

4.2-5
"... do Itálico Falerno": vinho da região de Campânia, louvado por Horácio (*O,* I.XXVII.10); "Mas da Ambrósia, ...": ambrósia não é aqui alimento, mas bebida; "Nos vasos, onde em vão trabalha a lima": vasos de diamante.

5.5-8
"Músicos instrumentos não faltavam": lembrança da música de *Orfeu* nos Infernos para libertar *Eurídice;* "Quais, no profundo Reino ...": iguais àqueles que permitiram que Orfeu tentasse libertar *Eurídice* do Inferno e fizesse deter os tormentos dos "nus espritos". Estes dois versos estão entre parêntesis porque o v. 8 liga-se ao v. 5; "Cũa voz dũa angélica *Sirena*": liga-se a "Músicos instrumentos ...". *Sirena* ou *Sereia* é, aqui, uma ninfa que canta agradavelmente.
Ort.: *sutis* (por *subtis*); *espritos* (por *espíritos*).

6.8
"... casas naturais": onde dormem os animais bravios.

7.3-8
"Cujas claras Ideias viu Proteu": Proteu, o profeta, teve a revelação num globo que *Júpiter* lhe deu em sonhos das "claras Ideias" que estavam para surgir no mundo. Estes vaticínios foram logo transmitidos pela ninfa, que recolheu a ilustre história dos feitos.

8.1-5
"Matéria é de *coturno,* e não de *socó*": *coturnos,* borzeguins de que usam os que se vestem à trágica; *matéria de coturno* é assunto alto, levantado, grande. Contrapõe-se a *matéria de soco,* que é baixa (v. Morais). O verso é quase textualmente reproduzido de Petrarca (v. JMR, *FL,* p. 449); "Qual Iopas não soube, ou Demodoco, / Entre os Feaces um, outro em Cartago": acerca dos cantares de *Iopas* em Cartago, no banquete dado por *Dido* a *Eneias,* v. V, *E,* I.740-746; sobre *Demódoco,* aedo da corte de *Alcino (Alkinoos),* rei dos *Feaces,* v. H, *O,* VIII.71-92, VIII.266-366, VIII.499-520 e XIII.27-28; "Aqui, minha Calíope, te invoco": v. III.1.1.

9.3-6
"A Fortuna ...": a minha má ventura; "Do qual já não me jacto nem me abono": do qual já nem me glorio nem me prezo; "Os desgostos

me vão levando ao rio / Do negro esquecimento e eterno sono": me vão levando ao rio Letes e ao último sono (a morte).

10.3-8
"... ribeiras ...": praias ou costas; "... que não dariam": que não dessem; "Até render-se a ele ...": ao jugo.

11.1-4
"Cantava dum que tem nos Malabares / Do sumo sacerdócio a dignidade": o rei de Cochim; "... só por não quebrar cos singulares / Barões os nós que dera d' amizade": teve guerra com o rei de Calecute (v. Castanheda, I.XLIX, L, LI, LII e LIII).

12.1-7
"E canta como lá se embarcaria / Em Belém o remédio deste dano": no ano de 1503 foram para a Índia seis naus, repartidas por duas capitanias. Das primeiras três foi capitão-mor Afonso de Albuquerque e foram seus capitães Duarte Pacheco Pereira e Fernão Martins de Almada; "... quando entraria": em vez de "quando neles entrar"; "Quando mais n' água os *troncos* que gemerem": os *troncos* é o mesmo que o *tenho*. O valor militar de Duarte Pacheco está aqui representado pelo mergulho do casco do navio que o transporta.

13.1-6
"Mas, já chegado aos fins Orientais": às costas ocidentais da Índia; "E deixado ... / ... com poucos naturais": com poucos portugueses; "Nos braços do salgado e curvo rio": era um braço de mar que circundava Cochim; "Desbaratará os Naires infernais / No passo Cambalão ...": "E todos confessados & comungados, se partio Duarte Pacheco pera ho passo de Cambalão em sesta feyra de ramos dezaseys Dabril de mil & quinhentos & quatro" (Castanheda, I.LXVII).

14.2
"Virão Reis [de] Bipur e de Tanor": "E como amanheceo que foy domingo de ramos, abalou elrey [de Calecute] com corenta & sete mil homes de peleja antre Naires & mouros." Castanheda (I.LXVIII) nomeia as gentes de Tanor, Bipur, serra de Narsinga e outras. "É certo q̃ era cousa de grande espãto ver tamanha multidã

de imigos por agoa, & por terra, q̃ tudo cobriã & todos meyos nús, & hũs baços, & outros negros." (Id., ibid.)

15.8

"... surdos e *imotos*": imóveis. *Imotos* é latinismo.

16.6-7

"Cometam o Pacheco ... / Por dous passos num tempo; ...": passo do vau e passo de Palurte.

17.3-7

"Mas um tiro, que com zunido voa, / De sangue o tingirá no andor sublime": "E nisto se avivou mais a peleja, porq̃ chegou el rey de Calicut, q̃ Duarte Pacheco conheceo por a bandeira, & sombreiro q̃ levava, & mandou tirar cõ hũ berço ao lugar õde parecia com tenção de ho matar, & não foy morto por se ele baquear do andor em q̃ ho levavão, & ho pelouro matou dous homẽs jũto dele ..." (Castanheda, I.LXXV); "Inventará traições e vãos venenos": "partiose Duarte Pacheco pera as caravelas sem querer falar ao principe de Cochim por amor da treyção que lhe fizerã os seus naires ..." (Castanheda, I.LXXVI.) Cap. I.LXXXI de Castanheda: "De como hũ mouro inventou a el rey de Calicut hũs castelos de madeira, com que podessem aferrar as nossas caravelas."

18.6

"Máquinas de madeiros fora de uso": "E com quanto ele dissimulava que não tinha em conta os castelos del rey de Calicut, eles lhe davão assaz de trabalho no spirito que receava muyto de ho aferrarẽ ..." (Castanheda, I.LXXXII.)

19.3-5

"Mas a militar arte e engenho logo / Fará ser vã a braveza com que venha": com tiros de camelo, Pacheco destruiu as "serras de fogo" (Castanheda, I.LXXXIII); "Nenhum *claro* barão no *Márcio jogo*": *claro,* ilustre. No *Márcio jogo,* a guerra (v. IV.39.4).

20.4-5

"Tantos *Cães não imbeles profligados*": *Cães,* os mouros e gentios. *Não imbeles,* não inaptos para a guerra. *Profligados,* abatidos. *Imbeles* e

profligados são latinismos; "... fábulas sonhadas": v. V.89.6 e VI.66.4.
Ort.: *decerão* (por *descerão*).

21.1-7

"Aquele que nos campos Maratónios": refere-se ao general ateniense Milcíades e à sua grande vitória sobre Dario em 490 a. C.; "Ou quem com quatro mil Lacedemónios": Leónidas, rei de Esparta, que tentou defender o desfiladeiro das Termópilas (na Tessália) contra o exército de Xerxes, tendo perecido ele com os seus 300 espartanos (em 480 a. C.); "Nem o mancebo *Cocles* dos *Ausónios*": Horácio Cocles, que, segundo conta Tito Lívio, deteve sòzinho o exército etrusco *(Tusco)* de Porsena na Ponte Sublícia, sobre o Tibre, em 507 a. C.: "pons sublicius iter paene hostibus dedit, ni unus vir fuisset, Horatius Cocles; id munimentum illo die fortuna urbis Romanae habuit" (T. Lívio, II.X). *Ausónios,* Romanos; "... ou Quinto Fábio": Quinto Fábio Máximo *Cunctator,* romano ilustre, que foi ditador depois da derrota de Trasimeno e que, sem dar batalha a Aníbal, o cansou e destruiu.

22.5

" – Ó Belisário (disse) que no coro": Belisário (505-565), o maior general do imperador Justiniano. Venceu os Vândalos e os Ostrogodos e repeliu os Búlgaros. Em 563 foi acusado de conspirar contra o imperador Justiniano. Uma lenda afirma que nos últimos anos esteve privado da vista e na extrema penúria.
Ort.: *abaxando, baxa* (por *abaixando* e *baixa*); *agardecido* (por *agradecido*).

23.3-6

"Em ti e nele veremos *altos peitos*": homens de grande merecimento; "Morrer nos hospitais, ...": este verso e o imediato constituem aposto explicativo do verso precedente; "... servem de muro": de anteparo.

24.3-4

"Dão os prémios, de Aiace merecidos, / À língua vã de Ulisses, ...": *Ulisses* foi sempre para Camões o "facundo" (II.45, III.57 e V.86), mas aqui toma o partido de *Ajax* (certamente porque este foi um guerreiro), talvez inspirado por Ovídio quando este diz: "fortisqui viri tullit arma disertus" (*foi um orador que alcançou as armas de um guerreiro*) (XIII.383). Disputaram-se as armas de *Aquiles.*
Ort.: *Dã-os,* na edição *princeps* (por *Dão-os*).

25.1-7
"Mas tu, de quem ficou tão mal pagado,": tão mal premiado; "Enquanto for o mundo rodeado / Dos Apolíneos raios, eu te fico": enquanto o Sol iluminar o mundo, eu te certifico; "... ilustre e claro": reforço da afirmação com palavras de sentido semelhante.

26.1-7
"Mas eis outro ... / Vem com nome real ...": D. Francisco de Almeida. Foi com nome real porque foi como vizo-rei. O filho é D. Lourenço de Almeida. A armada largou de Lisboa em 25 de Março de 1505; "A Quíloa fértil, áspero castigo": "De como não querendo el rey de Quíloa pagar as parias a que era obrigado, ho governador lhe tomou a cidade" (Castanheda, II.II); "Deitado fora o pérfido tirano": "De como ho governador fez hũa fortaleza na cidade de Quíloa, & de como fez nela novo Rey" (Castanheda, II.III).

27.1-6
"Também farão Mombaça ..., / ... / Co ferro e fogo seu queimada e feia": "De como ho governador mandou por fogo a cidade de Mombaça, & de como foy queimada grande parte dela" (Castanheda, II.V); "... andando cheia / De lenhos inimigos e artifícios": para vingar a morte do feitor de Coulão e de quantos estavam com ele D. Francisco mandou seu filho Lourenço. Em Coulão Lourenço de Almeida queimou vinte e sete naus de Calecute.

28.1-8
"Das grandes naus do Samorim potente": "dom Lourenço ... foy abalrroar a mayor das capitainas q̃ trazia seiscentos homes de peleja, & tres vezes "deytou ho arpeo, & outras tãtas lho desaferrarão os immigos como homẽs que receavão de pelejar cõ os nossos. Mas da quarta vez foy aferrada, & os nossos saltarão logo dentro muy ousadamente ... & de tal maneyra pelejarão que quãtos immigos estavão na nao forão todos mortos" (Castanheda, II.XXVI).

29.5-6
"Em *Chaúl,* onde em sangue e resistência / O mar todo *com fogo e ferro ferve*": "E nesta revolta foy dom Lourenço ferido dhũa bõbardada que lhe levou hũ coxa, & cayo: os seus ho levãtarão muyto tristes por ho assi verẽ: & ele os esforçou, & mandou que ho assentassem em hũ cadeira ao pé do masto, & dali esforçava os seus.

E nisto lhe deu outra bombardada nos peytos que ho matou." (Castanheda, II.LXXX) *Com fogo e ferro ferve:* aliteteração. *Chaúl,* cidade na costa ocidental da Índia, não muito longe para sul, da cidade de Bombaim.

30.7

"Outro Ceva verão, que, espedaçado": centurião de César na guerra com Pompeu.

32.7-8

"De *esperas, basiliscos* e *trabucos*": *esperas,* canhões pequenos em que se achava gravada uma *espera* (hoje *esfera*), que era a empresa de D. Manuel. *Basiliscos,* peças grandes (v. X.69.1: "basiliscos medonhos"). *Trabucos,* máquinas de arrojar grandes pedras; "... e Mamelucos": corpo de tropas, formado de escravos de países estrangeiros e convertidos ao islamismo.

33.1-2

"Eis vem o pai, com ânimo estupendo": "De como ho visorey partio pera Diu em busca dos rumes: & de como chegou Á cidade de Dabul" (Castanheda, II.XCV). "De como ho visorey pelejou cõ ho capitão de Dabul & o desbaratou & q̃ymou a cidade" (Castanheda, II.XCVI); "Trazendo fúria e mágoa *por antolhos*": diante da vista.
Ort.: *giolhos* (por *joelhos*).

34.5-8

"... no seio de Cambaia": no golfo de Cambaia; "... na opulenta / Cidade de Dabul, a espada afia": afia a espada nos corpos dos inimigos; "Abaxando-lhe a túmida ousadia": abatendo-lhe a arrogância.
Ort.: *abaxando-lhe* (por *abaixando-lhe*).

35.1-7

"E logo, entrando fero na enseada / De Dio ...": D. Francisco de Almeida chegou à vista de Dio em 2 de Fevereiro (1509) (Castanheda, II.XCVIII); "... que remos tem por *malhas*": as *malhas* da armada de Calecute são os remos, a sua defesa está na fuga; "Fará ir ver ...": D. Francisco de Almeida "fará ir ver ...": "De como ho Viso rey pelejou no porto de Diu com Mirocem capitão mor do

Soldão, & com a armada del rey de Calicut, & cõ a de Meliquiaz: & os desbaratou a todos" (Castanheda, II.C).

36.1-8
"Mas a de Mir Hocém, que, abalroando": Castanheda diz "Mirocem"; "Raios de fogo irão representando": os "bravos domadores" do verso seguinte com o seu cego ardor irão "representando" ou semelhando raios de fogo; " ... os bravos domadores": os que domam, os que subjugam; "É fumo, ferro, flamas ...": aliteração.
Ort.: *Mir* (por *Amir* ou *Emir*).

37.4-8
"Um sucesso, que triste e negro vejo": D. Francisco de Almeida, de regresso a Portugal (saiu de Cananor no dia 1 de Dezembro de 1509), foi morto pelos Cafres na aguada do Saldanha (em 1 de Março de 1510): "E perto dagoada sahio dãtreles hũa lança darremesso sem ferro, & deu pela garganta ao viso rey, & passoulhe a guela, que não levava barbote, & ele ajoelhou logo com as mãos na lança: & sentindo que se afogava soltou as mãos da lança, & levantou as pera ho ceo, como que se encomendava a nosso senhor, & assi cahio morto" (Castanheda, II.CXXII). Foi enterrado no local em que morreu (Castanheda, II.CXXIII); "... e Egipto": e os Turcos.
Ort.: *esprito* (por *espírito*); *despois* (por *depois*).

38.3-6
"E rudos paus tostados ..."; primitivas armas de arremesso, usadas pelos Cafres, crestadas ao fogo (v. AP, *Port.,* XI.49); "As gentes vãs que não nos entenderam": que não entenderam os juízos de Deus.

39.1-8
"Mas oh, que luz tamanha que abrir sinto /... / Lá no mar de Melinde, ...": Tristão da Cunha foi por capitão-mor da armada que em 1506 foi para a Índia. Ia nela o futuro governador da Índia, Afonso de Albuquerque. O mau tempo levou-os à costa do Brasil. No regresso descobriu um grupo de ilhas, muito a oeste do cabo da Boa Esperança, que foram chamadas *Tristão da Cunha,* do nome do seu descobridor. São "as ilhas do Austro", a que se refere o Poeta. Invernando em Moçambique, aproveitou o tempo para colher notícias da ilha de S. Lourenço, ou Madagáscar. Finalmente, de caminho para Socotorá, tomou, saqueou e incendiou Oja e Brava,

"no mar de Melinde", e fez tributária Lamo (Castanheda, II.30-31 e II-36-37, e Barros, II.I.2). De Socotorá (ilha do oceano Índico, perto do golfo de Adem) partiu para a Índia em 10 de Agosto de 1507. As disputas com Afonso de Albuquerque não foram tão graves que Tristão da Cunha não reconhecesse a personalidade e a valentia do futuro governador da Índia.

40.1-3
"Esta luz é do fogo e das luzentes / Armas com que Albuquerque irá amansando / De Ormuz os *Párseos,* ...": sobre a tomada de Ormuz, ver Castanheda, II.LX-LXIII. *Párseos* (termo também empregado pelos cronistas) é o mesmo que *Persas*.

40.5-8
"Ali verão as setas estridentes / Reciprocar-se, ...": "... ao terceyro dia despois da batalha quis nosso señor manifestar ho milagre que fizera nella por parte dos nossos. E foy que começarão daparecer sobre a agoa do mar muytos corpos de mouros, pregados de muytas frechas, ho que foy dito ao capitão mor, q̃ espantado daquilo, mãdou tomar algũs daq̃les corpos: & vio q̃ verdadeiramente erão de mouros, & as frechas taes como aquelas com que os mouros tiravão na batalha" (Castanheda, II.LXII).

41.1-8
"Ali do sal os montes não defendem / De corrupção os corpos ...": "Ha nela hũa pequena serra que dhũa parte he hũa pedreyra de sal, & de outra he de veeyros dẽxofre" (Castanheda, II.LVIII); "De *Gerum,* de *Mazcate* e *Calaiate*": *Gerum,* a ilha de Ormuz, à entrada do golfo Pérsico. *Mazcate* (Mascate), cidade da Arábia meridional, posição chave do golfo de Omã, sentinela do golfo Pérsico, centro comercial de todas as permutas do Oriente, incluindo o comércio das pérolas de Ormuz. *Calaiate,* cidade ao sul de Mascate; "... o reino inico": Ormuz, reino injusto; "Das perlas de *Barém* ...": *Barém,* grupo de ilhas dentro do golfo Pérsico, na costa de Hadjar, afamado pela pesca de pérolas.
Ort.: *abaxar* (por *abaixar*); *inico* (por *iníquo*); *perlas* (por *pérolas*).

42.1-5
"Que gloriosas palmas tecer vejo": em 1 de Março de 1510 Afonso de Albuquerque tomou posse de Goa, mas teve de a abandonar

quando apareceu o exército do antigo senhor, o Hidalcão. Em 25 de Novembro do mesmo ano, no dia de Santa Catarina, Goa era definitivamente conquistada e viria a ser a capital do império português no Oriente: "Com que *Vitória* ...": *Vitória,* deusa romana; "... sem sombra vã de medo ou *pejo*": ou embaraço; "Despois, obedecendo ao duro ensejo": depois, forçado pela necessidade.

43.5-8
"... soldados ínclitos ...": soldados notáveis; "Na luz ...": no dia; "Será da Egípcia Santa Caterina": natural de Alexandria, capital do Egipto. Pelas suas censuras ao imperador Maximiano e pela sua firmeza na fé, foi decapitada por volta de 307.
Ort.: *dina* (por *digna*).

44.1-7
"Nem tu menos fugir poderás deste": é "a rica Áurea Quersoneso" de II.54, a península de Malaca, tomada por Afonso de Albuquerque em 1511, tendo sido duas vezes acometida: a primeira em 24 de Julho, "vespera de santiago" (Castanheda, III.LVI), e a segunda no dia 10 de Agosto, "dia do bem aventurado martir sam Lourenço" (Castanheda, III.LIX); "Os *crises* com que já te vejo armada": arma malaia, do feitio de adaga "de dous palmos & meyo até tres de comprido, direitos de dous gumes" (Barros, II.VI.I); "Malaios namorados, *Jaus* valentes": "porém entre elles se traz em provérbio, Malayos namorados. Iáos cavaleiros: & assi he na verdade" (Barros, II.VI.1). *Jau* (de Jaua), o mesmo que *javanês* (de Java).

45 a 49
O Poeta indigna-se contra o excesso de que usou Afonso de Albuquerque na punição do cavaleiro Rui Dias. Castanheda narra o motivo do castigo: " ... soube ho governador que hum Ruy diaz natural Dalanquer filho dhum Ioão paçanha escrivão da hi entrava de noyte na sua camara do leme pola parte de fora, & dormia com hũa moça moura destas que digo [moças mouras tomadas em Goa], pelo que ho governador ho mandou prender pera ho castigar crimemente. E mandando proceder contrele, ordinariamente julgou com seu ouvidor, que se chamava Pero dalpoem, que Ruy diaz fosse enforcado, & mandou ao seu meirinho que ho fosse enforcar aa nao de Bernaldim freyre." (Castanheda, 1II.XXIX.)

45.6
Em todo o poema Camões usou uma vez da forma *mercar,* ainda hoje viva na linguagem popular.

46.2-6
"... trovões ardentes": tiros de canhão; "A sazão e o lugar, ...": o tempo e o lugar; "De peitos inumanos e *insolentes*": desmedidos. Na edição *princeps,* "a todo" (v. 4).

47.4-5
"... *lasciva* e *escura*": *lasciva,* inconsiderada, *escura,* como moura que era; "... ou de modesto": capaz de refrear as paixões (libidinosas).
Ort.: *noda* (por *nódoa*).

48.1-6
"Viu Alexandre Apeles namorado / Da sua Campaspe ...": Apeles, pintando Campaspe (ou Pancaspe) nua, por ordem de Alexandre Magno, apaixonou-se por ela, apesar da afeição do rei pela mesma. Vendo isso, Alexandre deu-lha. Plínio contou a história (v. MC e ED); "Sentiu Ciro que andava já abrasado / Araspas, de Panteia ...": Panteia, belíssima esposa de Abradatas, rei de Susa, foi aprisionada por Ciro, da Pérsia, quando este venceu os Assírios, de quem era aliado. Em virtude de Araspas, amigo de Ciro, ter assegurado a este que jamais seria sensível aos encantos de Panteia, o rei confiou-lha, mas, vendo que Araspas, contra o que prometera, ia faltar ao cumprimento do seu dever, não só lhe perdoou, como lhe confiou uma missão importante. MC cita de Xenofonte "a Pedia de Ciro" ou *Cyropaedia.* FS cita Coelius Rhodiginus (*Celio Rodiginio,* segundo FS) (23.33).

49.3-7
"*Levemente* o perdoa, ...": fàcilmente lhe perdoa. Hoje dir-se-ia "lhe perdoa". O Poeta empregou *lhe* com o mesmo verbo em III.130.1: "Queria *perdoar-lhe* o Rei benino"; "Per força, de Judita foi marido / O férreo Balduíno; ...": Balduíno I, *o Braço-de-Ferro,* raptou (*per força*) Judite, filha de Carlos, *o Calvo,* rei de França, imperador do Ocidente. Carlos acabou por se reconciliar com a filha e investiu o genro no condado da Flandres, então pobre e despovoada. Na edição *princeps*, *Balduuino* (por *Balduíno*).
Ort.: *Frandes* (por *Flandres*).

50.2-7
"De Soares cantava, ...": Lopo Soares de Albergaria, sucessor de Afonso de Albuquerque, partiu para a Índia aos 7 de Abril de 1515 (Castanheda, III.152); "Pelas roxas Arábicas ribeiras": pelas praias do mar Roxo (Vermelho); "*Medina* abominábil": a terra que guarda o túmulo de Mafamede e lhe serviu de refúgio em 622, por isto "abominábil"; "Quanto *Meca* e *Gidá*": *Meca,* a primeira cidade santa dos Muçulmanos, onde nasceu Mafamede e onde está a Caaba. *Gidá*: v. IX.3.4; "Praias de *Abássia; Barborá* se teme": *Abássia* ou Abissínia. *Barborá* ou Berberá, cidade da Somália, no golfo de Adem.

50.8
"Do mal do que o empório *Zeila* geme": "Zeila", diz Castanheda: "Esta cidade está na costa da Ethiopia a cĩco legoas das portas do estreito de fora delas: está em onze graos da banda do norte." (III.XIX.) Tendo invernado em Camarão, o governador procurou mantimentos em Zeila, mas os Mouros sonegaram-lhe tudo. Em represália, Albergaria queimou a cidade. O Poeta chama-lhe "empório". Barros (III.I.V) diz: "Cá antigamente esta Zeila foi maes celebre emporio & escala daquellas portas do estreito, do que era Adẽ".
Ort.: *abominábil* (por *abominável*).

51.1-4
"A nobre ilha também de Taprobana": v. I.1.4; "Pela cortiça cálida, cheirosa": "A canela é a casca do *Cinnamomum zeylanicum,* Breyne, árvore da família das Lauráceas, indígena da ilha de Ceilão; uma qualidade mais ordinária é produzida por diversas espécies do mesmo género, que habitam na Índia, China e outras partes do Oriente" (CF, *FL*). O Poeta chama-lhe "cortiça", pensando no latim *cortex*.

51.5-8
"Dela dará tributo à Lusitana / Bandeira, ...": em 1518 Albergaria decidiu fazer uma fortaleza em Ceilão. Determinado o melhor local, o rei de Ceilão primeiro consentiu e, depois, por influência dos Mouros, recusou a autorização. Os Portugueses tiveram de combater e o governador tornou tributário o rei de Ceilão. Este tributo foi de "dez alifantes cadãno, & *quatrocẽtos bahares de canela,* & vinte aneis cõ senhas pedras finas das q se achavã na ilha, do que el

rey foy contente" (Castanheda, III.XLIII); "Em Columbo, ...": na capital da ilha.

52.1-3

"Também Sequeira, as ondas Eritreias / Dividindo, ...": o mar Roxo. Diogo Lopes Sequeira, que sucedeu a Lopo Soares de Albergaria, partiu para Goa (de Cochim) em Janeiro de 1519 (Castanheda, V.II); "... abrirá novo caminho / Pera ti, grande Império, ...": o império abexim.

52.3-4

"... que te arreias / De seres de Candace e Sabá ninho": o Poeta segue a tradição de fazer da "rainha de Sabá" etíope ou abexim. Era na Antiguidade o nome genérico das rainhas da Etiópia, e não nome próprio. Uma fez uma incursão na Tebaida, ou Alto Egipto, e foi repelida por Petrónio, governador romano. Uma outra, Candace, é mencionada nos "Actos dos Apóstolos", VIII.27, a propósito da conversão de um eunuco da Etiópia, valido da rainha. Deve equivaler ao nome "faraó" no Egipto. Plínio, em VI.XXXV.186, diz: "regnare feminam Candacen, quod nomen multis iam annis ad reginas transisset" (em Méroe).

52.5

"Maçuá, com cisternas de água cheias": "acordarão que deixassem a viajem de Iudá, & pois a deixavão fossem à costa da Abexia ao porto da ilha de Maçuá ..." (Castanheda, V.XXIII); "E aos dez dias Dabril [de 1520] chegou ao porto da ilha de Maçuá, que estará dous tiros de besta da terra firme em quinze graos da bãda norte." (id., ibid.); "E isto feyto mãdou ho dizer ao governador, que entre tanto foy ver a ilha de Maçuá pera repartir polas naos muytas cisternas dagoa doce q̃ lhe dizião q̃ avia nela: & assi achou q̃ erão XLIX" (Castanheda, V.XXIIII). V. Barros, III.III.X.

52.6

"... e o porto Arquico, ali vizinho": "& foranse [os Mouros] pera hũ lugar da costa chamado Arquico que estava duas legoas da ilha [de Maçuá]" (Castanheda, V.XXIII).

52.7

"E fará descobrir remotas ilhas": refere-se certamente às viagens de

Garcia Henriques e António de Brito às ilhas de Banda e a Ternate. A viagem de António de Brito (com seu irmão Jorge de Brito, que foi morto em combate) iniciou-se em 1521, ainda com o governador Diogo Lopes de Sequeira. António de Abreu, por mandado de Afonso de Albuquerque, visitara esta região em 1511 e 1512, mas foi António de Brito que em 1522 construiu uma fortaleza em Ternate, cuja primeira pedra foi lançada em 24 de Junho. (V. Frei Luís de Sousa, *Anais de D. João III,* I.XX, ed. Clássicos Sá da Costa.)

53.1-2

"Virá despois Meneses, ...": D. Duarte de Meneses; "... cujo ferro / Mais na África, que cá, terá provado": o Poeta deprecia a acção de D. Duarte de Meneses no governo da Índia. Com efeito, fala dela Fr. Luís de Sousa em *Anais de D. João III:* "Caso é digno de consideração que, sendo o governador D. Duarte grandemente bem afortunado no governo que teve de Tângere em África, se lhe trocasse a ventura na Ásia, de maneira que todos os três anos que lhe durou o cargo, quási não temos que escrever senão desbarates, mortes, desastres e sucessos avessos de mar e terra, entre aqueles que pendiam de seu governo; e sendo verdade que foi muito temido dos mouros de Berberia, vêo a ser tão pouco respeitado dos da India, que chegaram, em um tempo que se achou em Cochim, passarem à vista da cidade e dele com seus paraus e lançarem contra a terra foguetes voadores, que subiam ao céu em modo de escârneo e desprêzo nosso" (II.XI). Sequeira entregou o cargo a D. Duarte em 22 de Janeiro de 1522 (Anais, I.XVII).

53.3-8

"Castigará de Ormuz soberba o erro / Com lhe fazer tributo dar dobrado": "& que pagaria a el rey de Portugal [Raix xarafo] mais corenta mil xerafins que fazião sessenta mil cõ os q̃ pagava dãtes, de que pagaria logo ametade: & pagaria a valia de fazẽda q̃ se tomara a el rey de Portugal na feytoria ... E alẽ disso daria duzẽtos mil xerafins, pera o q̃ ho governador quisesse" (Castanheda, VI.XXII); "Também tu, Gama, em pago do *desterro* / Em que estás ...": D. Vasco da Gama sucedeu a D. Duarte de Meneses, já com os títulos de conde da Vidigueira, almirante do mar Índico e vizo-rei (Castanheda, VI.LXXI). Partiu de Lisboa aos 9 de Abril de 1524. *Desterro,* ausência da Pátria.

54.1-6
"Mas aquela fatal necessidade": D. Vasco da Gama faleceu no dia 24 de Dezembro de 1524 (Castanheda, VI.LXXVII). Barros diz 1525, mas é lapso. Foi sepultado na Sé de Cochim. "Outro Meneses logo ...": D. Henrique de Meneses, a quem coube a primeira sucessão; "... cuja idade / É maior na prudência que nos anos": D. Henrique de Meneses nasceu em 1496 e morreu em 1526. Castanheda diz no dia da Purificação de Nossa Senhora (2 de Fevereiro) (VI.CXXXIII), e Barros, no dia 23 de Fevereiro (III.X.X). Foi sepultado na igreja de Cananor. Camões, passando por Cananor, fez-lhe o soneto *Esforço grande, igual ao pensamento* (*mihi,* n.º 155, p. 194). Castanheda e Barros exaltam a sua figura moral. Camões fá-lo neste lugar e no soneto citado.

55.2
"Destruindo Panane com Coulete": povoações do senhorio do rei de Calecute. Coulete era o principal porto do reino. Panane foi destruída em 26 de Fevereiro de 1525.

55.3-7
"Vence os imigos d' alma todos sete": os sete pecados capitais; "... incontinência": intemperança. ACPL, *Port.,* I.34, interpreta: "De modo que o Poeta achava heróicos e dignos da imortalidade (perpétua memória) os feitos praticados por Henrique de Meneses nas costas do Malabar, mas punha acima do risco que corre o guerreiro em frente das bombardas a vitória sobre os inimigos da alma, os sete pecados capitais.
A *plúmbea pela vinga-se* apenas daquele que se expõe, ao passo que os inimigos da alma nos perseguem por toda a parte – e se aproveitam dos descuidos *remissos* ou da mínima ausência do Anjo da Guarda para nos ferir."
Ort.: *imigos* (por *inimigos*).

56.1-2
"... despois que as Estrelas o chamarem": os Fados; "Sucederás, ó forte Mascarenhas": a segunda sucessão recaiu realmente em Pêro Mascarenhas, capitão de Malaca. Por motivo da sua ausência, foi aberta a terceira sucessão, que recaiu em Lopo Vaz de Sampaio, capitão de Cochim. Este deixaria o governo da Índia quando regressasse Mascarenhas. Em Malaca Mascarenhas recebeu a notícia de que era governador e agiu como tal na guerra do Bintão, antes de

regressar à Índia. Sampaio tomou conta do governo da Índia em 3 de Fevereiro de 1526 (Castanheda, VII.I).

57.1-8
"No reino de Bintão, que tantos danos / Terá a Malaca muito tempo feitos": ilha ao sul de Malaca. Da tomada da cidade de Bintão diz Castanheda: "... ate as dez horas do dia que se acabou este feyto, q̃ foy hũ dos maravilhosos que os Portugueses fizerão naquelas partes ..." (VII.XXIV.) Concordância do particípio com o complemento directo; "Vingarás, co valor de ilustres peitos": com a corajosa colaboração de ilustres barões; "*Abrolhos férreos* mil, *passos estreitos*": estrepes de ferro, envenenados nas pontas, com que o rei de Bintão rodeara a cidade para evitar o avanço dos Portugueses. *Passos estreitos,* estreitas passagens; "Tudo *fico* que rompas e sometas": como em X.25.6: (eu te *fico*).
Ort.: *sometas* (por *submetas*).

58.1-2
"... cobiça e ambição, / Que claramente põem aberto o rosto": vai descobertamente, sem vergonha (Morais). Na edição *princeps* a forma *poem* corresponde a *põe* e *põem.* ED e MR adoptaram *põe*, JMR e CB, *põem.* É evidente que neste verso a forma do plural é mais lógica.

58.5-6
"Quem faz injúria vil e sem razão, / Com forças e poder em que está posto": o Poeta toma o partido de Mascarenhas contra Sampaio. Foi um período conturbado da nossa administração na Índia, em que vieram ao de cima as paixões e as ambições dos homens. Mascarenhas, no regresso, não pôde desembarcar na Índia, acabando por ser preso e, por decisão arbitral, mandado para Portugal em uma das quatro naus que partiam "ẽtregue preso a Antonio de brito, & por amor dele se forão muytos fidalgos pera Portugal & assi outras pessoas" (Castanheda, VII.LII). Diz ainda Castanheda: "& Pero mazcarenhas foy bem recebido del rey: que não ouve por seu serviço o que lhe fora feyto. E despois de Lopo vaz de sam Payo ser em Portugal ouve sentença contrele que lhe pagasse todo ho ordenado que ouvera daver com a governança" (Castanheda, id., ibid.). Sampaio foi preso na Índia pelo futuro governador Nuno da Cunha, por ordem do rei.

59.3-8
"Mostrando-se no mar um *fero raio*": em Virgílio, E, VI.843: "fulmina belli", que faz grandes destruições com a guerra; "Em Bacanor fará cruel ensaio / No Malabar ...": "De como Lopo vaz de são Payo desbaratou hũa armada de mouros de Calicut no rio Bacanor" (Castanheda, VII.II). A armada era de Calecute, mas o lugar era do rei de Narsinga, amigo do rei de Portugal, e por isso Sampaio não permitiu o saque. Este feito teve lugar em 25 de Fevereiro de 1526. Foi um "ensaio" da guerra futura; "Despois a ser vencido dele venha / Cutiale, com quanta armada tenha": "de q̃ era capitão mór Cutiale de Tanór valẽte cavaleyro q̃ tinhão por sctõ [santo] por chegar entã da casa de Meca"; v. cap. "como o governador desbaratou Cutiale de Cananor" (Castanheda, VII.XC).

60.1-3
"E não menos de Dio a fera frota, / Que Chaúl temerá ...": "De como ho governador pelejou com a armada de Diu & a desbaratou" (Castanheda, VII.XCIIII); "Fará, co a vista só, perdida e rota, / Por Heitor da Silveira e destroçada": Heitor da Silveira foi encarregado pelo governador de destruir a armada de Dio (em Bombaim). Heitor da Silveira foi amigo de Camões. Entrou nas trovas chamadas *Convite* e numas trovas mandadas por Heitor da Silveira ao conde de Redondo, D. Francisco Coutinho, vizo-rei, que teve a ajuda de Camões:

> *Nos livros doutos se trata,*
> *que o grande Aquiles insano*
> *deu a morte a Heitor troiano;*
> *mas agora a fome mata*
> *o nosso Heitor lusitano.*
> .....

60.7-8
"Será aos Guzarates tanto dano": "Guzarate a que cõmũmente chamamos Cambaia" (Barros, I.IV.VII). "Da guerra que Eytor da Silveira fez em Cambaya" (Castanheda, VII.XCVII); "Quanto já foi aos Gregos o *Troiano*": o *Heitor* troiano. *Heitor,* filho mais velho de *Príamo,* marido de *Andrómaca* e pai de *Astíanax*. Foi morto por *Aquiles*.

61.1-8

"A Sampaio *feroz* sucederá / Cunha, que longo tempo teve o leme": *feroz* (l. *ferox*), intrépido. Nuno da Cunha, filho de Tristão da Cunha (v. X.39.1-8), governou de 1529 a 1538. Partiu de Lisboa a 18 de Abril de 1528 e surgiu na barra de Goa aos 24 de Outubro de 1529; "De Chale as torres altas erguerá, / Enquanto Dio ilustre dele treme": não tendo conseguido tomar Dio, o novo governador foi fazer uma fortaleza em Chale, a duas léguas de Calecute (Castanheda, VIII.XLIII); "O forte Baçaim se lhe dará": "De como ho governador determinou de yr sobre a fortaleza de Baçaĩ ..." (Castanheda, VIII.LIX.) "Melique tocão tinha feita em Baçaim hũa fortaleza muyto forte & que se criava ali outro Diu ... [1532]" (Castanheda, VIII.LII); "Não sem sangue, porém, que nele geme / Melique, porque à força só de espada / A tranqueira soberba vê tomada": Melique, governador muçulmano de Baçaim. "De como Diogo da silveyra, Martim Afonso de Melo jusarte: & Manuel d' Albuquerque desbaratarão a trãqueyra dos imigos" (Castanheda, VIII.LXI).

62.1-2

"Trás este vem Noronha ...": D. Garcia de Noronha, vizo-rei de 1538 a 1540; "... *cujo auspício* / De Dio os *Rumes* feros afugenta": ainda no tempo de Nuno da Cunha o rei de Cambaia tinha posto cerco a Dio, sendo governador da praça António da Silveira. D. Garcia de Noronha mandou a Silveira uma armada de socorro; mas quando esta lá chegou o cerco já estava levantado. *Rumes* era o nome dado pelos maometanos da Índia aos turcos europeus. Em X.68.2 o Poeta mostra conhecer a etimologia de *Rume:* "Que trazido de Roma o nome têm". O império romano do Oriente tinha por capital Constantinopla. "Os Rumes são todos aquelles naturaes da província de Tracia, & d' aquella parte de Cõstantinopla que se chamou Romania, d' aquelle privilégio que o Papa Sylvestre concedeo ao Emperador Constantino (segũdo Platina) que querendo gratificar aquelle Emperador quando lhe largou a cidade de Roma, pera n' ella assentar a cadeira de são Pedro, mudandose para Constantinopla, mandou que aquella cidade se chamasse d' ali por diante Roma. Dali por diãte se ficou chamando toda aquella parte de Tracia, Romana, & seus naturaes Romanis: & os Turcos depois corrompendolhe o nome lhe chamarão Rumeli, & nos depois Rumes" (Couto, IV.VIII.IX, "De diferença que ha entre os Rumes, & Turcos: & por

que se chamão Rumes"). *Cujo auspício,* sob cujos auspícios, sob cuja protecção.

62.3-8

"Dio, que o peito e bélico exercício / De António da Silveira...": que a coragem e a arte da guerra. António da Silveira defendeu Dio das forças do rei de Cambaia, comandadas por Coge Sofar e ajudadas pela grande armada enviada pelo sultão da Turquia Solimão II; "Fará em Noronha a morte o usado ofício": Garcia de Noronha (3.º vizo-rei) morreu em 3 de Abril de 1540. Durara um ano e sete meses o seu governo. Foi sepultado na Sé de Goa (Couto, V.IV.IV); "Quando um teu ramo, ó Gama ...": Estêvão da Gama; "Com medo o Roxo Mar fará amarelo": no ano de 1541 Estêvão da Gama partiu para o estreito do mar Roxo com uma grande armada. O trocadilho é o mesmo de II.49.2.

63.1-7

"Das mãos do teu Estêvão vem tomar / As rédeas um, ...": D. Martim Afonso de Sousa, que servira primeiro no Brasil; "O pirata Francês, ao mar usado": no Brasil Martim Afonso de Sousa destruíra uma armada francesa que infestava aquela costa (1531). Em 1534 chegou à Índia e foi capitão-mor do Mar da Índia; "O muro de Damão, soberbo e armado, / Escala ...": "De como Martim Afonso de Sousa tomou a vila de Damão" (Castanheda, VIII.LXXXII). "... hum lugar do reyno de Cambaya, situado na ponta da sua enseada da banda do sul por hũ rio acima õde el rey de Cãmbaya tinha hũa fortaleza forte & bem artilhada ..." (id., ibid.); "Escala e primeiro entra a porta aberta": (id., ibid.).

64.1-7

"A este o Rei Cambaico soberbíssimo / Fortaleza dará na rica Dio": derrotado "por el rey dos Mogores" (o grão-mogol), o rei de Cambaia colheu-se à protecção dos Portugueses e permitiu a estes a construção de uma fortaleza (Castanheda, VIII.CVIII e VIII.CXXIIII); "Depois irá com peito esforçadíssimo / A tolher que não passe o Rei gentio / De Calecu, ...": "... soube como el rey de Calicut caminhava cõ sua gente, cõ determinação de passar a Repelĩ pelo passo de Crãganor" (Castanheda, VIII.CXXVI e VIII.CXLI).

65.1-8

"Destruirá a cidade Repelim": Repelim, cidade próxima de Cochim, mas cujo rei era aliado do rei de Calecute (Castanheda, VIII.CXLIII); "... junto ao Cabo Comorim": no Sul da Índia; "A frota principal do Samorim": junto a Beadalá, perto de Ceilão, conseguiu Martim Afonso de Sousa destruir a frota principal do rei de Calecute (1537); "Em si verá Beadala o *Márcio jogo*": o *márcio jogo:* v. IV.39.4 e X.19.5. Neste local foi destruída a armada do rei de Calecute por Martim Afonso de Sousa. Este ficou em Beadalá por ter perto Ceilão. (Castanheda, VIII.CLXXVI.)

66.2-6

"Virá despois com ceptro a governá-la": todos os feitos bélicos realizados até aqui por Martim Afonso de Sousa foram-no na sua qualidade de capitão-mor do Mar da Índia. Regressou a Portugal e voltou à Índia para a governar (1542 a 1545); "Baticalá, que vira já Beadala": sendo já governador, Martim Afonso de Sousa fez provar a Baticalá (na costa do Canará) os "ásperos castigos" por que passara Beadalá (Couto, V.9.2).

67.1-8

"Este será Martinho ...": só agora a Sirene nomeia Martim Afonso de Sousa. "Martinho" e "Martim" são o mesmo nome, uma forma mais antiga do que a outra. Vêm de *Martinus,* cognome romano derivado de *Mars* (Leite de Vasconcelos, *Antroponímia Portuguesa,* 1928, pp. 42 e 450); "Suceder-lhe-á ali Castro, ...": D. João de Castro, governador e vizo-rei da Índia (1545 a 1548); "Conforme sucessor ao sucedido": acordes sucessor e sucedido; "Que um ergue Dio, outro o defende erguido": Martim Afonso de Sousa ergueu Dio (no governo de Nuno da Cunha) e D. João de Castro defendeu-o.

68

"Persas feroces, *Abassis* e Rumes": começa a narrativa do segundo cerco de Dio. *Abassis:* Abexins ou Abissínios. Sobre as gentes estrangeiras, v. Leonardo Nunes (1550): "Coje Çofaar, de naçã italiano, saguaçissimo e de muito conselho ... como tivesse o animo desejoso de mudãças, cobiçoso de tentar a fortuna por se fazer muito maior, tinha aquerido asy grandes companhas de gente estrãgeira militar, .s. turcos ou Rumes, e arreneguados d' estranhas nações, que por honrras d' ellas o não diguo, pois dellas sairã tam mais [más?] sobre a face da terra, e muitos abexĩs e nobis, e

fortaquīs, e arabios" (*Crónica de Dom João de Castro,* p. 18). Coge Sofar entrou com o resto do seu exército, "que logo se passou à cidade", em 9 de Maio de 1546 (Couto, VI.I.II). Leonardo Nunes diz: "dia de Ramos, que foy dezoito d' abril de 1546, emtrou na çidade ... Trazia cõsiguo a Rumecão, seu filho, comdestabre moor d' artelharia d' el-Rey de Cambaya" (p. 39). Com o primeiro socorro o governador enviava seu filho Fernando, de 18 ou 19 anos, que foi morrer no Baluarte de São João, do rebentamento de uma mina, no dia 10 de Agosto (Couto, VI.II.IX). Quando isto aconteceu já ia com mais socorro o outro filho do governador, D. Álvaro de Castro, "sofrendo tempestades e ondas cruas", como diria o Poeta. Por fim, o próprio governador, que foi surgir na barra de Dio aos 7 dias de Novembro de 1546 com oitenta e tantas caravelas, três galeões reais, e outros pequenos, e caravelas, e o mais fustalha, e com mil e quinhentos portugueses (Leonardo Nunes, *ob. cit.,* p. 116). Coge Sofar foi morto e sucedeu-lhe seu filho, o Rumecão. O ataque dos sitiados, sob a direcção do governador, às estâncias dos inimigos realizou-se aos 10 dias do mês de Novembro de 1546. O Rumecão procurou a salvação na fuga, despiu os trajos que trazia, enfiou no corpo uma cabaia e meteu-se num cavouco, entre alguns corpos mortos. Pois aí lhe foi dar um grande penedo na cabeça, que o matou. Segundo uma carta do próprio governador para o bispo de Goa, D. João de Albuquerque, morreram na batalha cinco mil mouros. Morreram vários capitães. Ficaram prisioneiros Iuzarcan, com muitas feridas, e perto de seiscentos homens de armas. Tomaram-se muitas bandeiras e armas (v. Couto, VI.IV.II). A cidade de Dio foi posta a saco pelos soldados. A destruição na enseada de Cambaia foi enorme. A fortaleza, por estar muito arruinada, foi reconstruída com nova traça e mais poderosamente. D. João de Castro mandou pedir à Câmara de Goa e aos casados (carta de 23 de Novembro de 1546), para as despesas com a fortaleza, 20 000 pardaus, empenhando uns pêlos da sua barba. Em 1547 D. João de Castro voltou ao Norte. E os dois exércitos – o do rei do Malabar e o de D. João de Castro – viram-se nos campos de Baroche. Na perseguição ao exército inimigo, que ia sempre recuando, D. João de Castro acabou por se deter (v. Couto, VI.V.VII, Leonardo Nunes, cap. 31, e Jacinto Freire de Andrade, *Vida de Dom João de Castro,* liv. IV, p. 290, ed. 1861).

69.1-8

"*Basiliscos* medonhos e *liões*": *basiliscos:* v. X.32.7. *Liões,* antigo canhão

de artilharia. É interessante avaliar-se as espécies de que se serviam os artilheiros: "D' artelharia de metal deixou oytenta e nove peças: basaliscos, aguias, salvajes, liões, espalhafatos, [quartãos,] camellos de marca, serpes, pasamuros, esperas, camelos, falcões, [cães,] meas esperas, berços e meos berços, e outras çinquo peças grosas de ferro ..." (Leonardo Nunes, pp. 147 e 148); "Trabucos feros, ...": v. III.79.3; "Sustenta Mascarenhas ...": D. João de Mascarenhas, capitão-mor de Dio; "Até que, nas maiores opressões": nas maiores dificuldades; "... e a Deus se sacrifiquem": se sacrifiquem pela fé de Cristo.

70.1-5
"Fernando, um deles, ramo da *alta pranta*": *alta pranta,* ilustre tronco. "Estando asy neste trabalho, chegou [*sic*] novas de Dio, em que souberão que os mouros minaram o baluarte de Sam Joham e o arrebentarão, e mataram nelle Dom Fernando de Castro e muytos fidalguos e cavalleiros espeçiaes, que seriã mais de çinquoenta, e outra muita gente da terra do serviço do mesmo baluarte, que seriam per todos cento e vinte pessoas" (Leonardo Nunes, *ob. cit.,* p. 90); "Álvaro, quando o Inverno o mundo espanta": a viagem marítima foi excepcionalmente tempestuosa (v. Couto, VI.II.VII, VI.III.I e VI.III.V).
Ort.: *pranta* (por *planta*); *despois* (por *depois*).

71.1-6
"Eis vem despois o pai, ...": D. João de Castro chegou a Dio aos 6 de Novembro de 1546. A gente que o governador trazia foi metida, em três noites, na fortaleza por escadas de corda, no meio do silêncio da noite, ocultando-se ao Rumecão o intento por meio de músicas, instrumentos e tiros dos navios (J. Freire de Andrade, *ob. cit.,* p. 218); "Batalha dá felice e *soberana*": decisiva; "Uns, *paredes* subindo, escusam porta": "E levava muytas escadas pera sobirem as paredes. Foram cometidas cõ impetu muy esforçado e tam de presa, que nã curarã d' escadas, hũs pella ponte e outros pello mar, por cheguar de presa. E pellas paredes arriba começarã de sobir no meo de todallas forças dos inimiguos" (Leonardo Nunes, *ob. cit.,* p. 122). As *paredes* são as "estâncias"; "Outros a abrem na fera esquadra insana": outros abrem porta através dos corpos dos inimigos desvairados.
Ort.: *felice* (por *feliz*); *dinos* (por *dignos*).

72.1

"Este, despois, em campo se apresenta": depois de ter descercado a fortaleza e de deixar tudo bem provido, voltou a Goa em fins de Abril, sendo recebido com grandes solenidades. Teve mesmo um "triunfo" à romana. Tendo, porém, notícias do que era ainda governador de Dio, D. João de Mascarenhas, de que o sultão de Cambaia juntava todas as forças de seus reinos para pôr segundo sítio à fortaleza, D. João de Castro preparou-se para voltar ao Norte, mas não o quis fazer sem deixar Goa tranquila, reduzindo o Hidalcão, que queria ser senhor das terras firmes de Goa. "E o Idalcam neste tempo [1547] mandou decer gente do Guaate e polla em Pondaa, que he hũa sua villa em que tem hũa fortaleza tres leguoas pella terra dẽtro, opurtuno luguar pera d' aly correr a Bardes e Salsete. He hũa fortaleza muy forte pello luguar em que estaa sytuaada ... A villa esta asentada num campo Raso, e fermoso, e grãde antre grandes outeyros arredados d' ella, cercada de hũ fermoso Ryo, e de muyto deleitosas e frescas ortas e fermosos arvoredos" (Leonardo Nunes, p. 161). D. João de Castro tomou a vila, lutou com forças do Hidalcão e destruiu a fortaleza. Partiu de novo para o Norte com cento e vinte navios de remo e quatro galeões reais, com dois mil soldados portugueses e quinhentos naires dos melhores que lhe enviou el-rei da Pimenta. Os exércitos viram-se nos campos de Baroche, que é "hũa fortissima e grande cidade, e estaa muy longe per hũ rio dentro, murada de muy altos muros, e cercada de grãdes cavas" (LN, p. 176). A guarnição tinha ido para junto do rei do Malabar e D. Jorge de Meneses atacou a população, que se defendeu quanto pôde, não tendo D. Jorge poupado nem homens, nem mulheres, nem crianças. A cidade foi metida a saco e cinquenta peças aproveitadas. O rei do Malabar quis conter o exército de D. João de Castro antes de ele chegar a Baroche num dos lugares do campo, que foi entrado pelo governador. Perante os recuos do rei do Malabar, D. João houve por bem deter-se (como já disse atrás) e reembarcar o exército à vista do inimigo "co suas bandeiras despreguadas pello meo do campo em vaguarosa ordenança" (LN, p. 186), tendo antes queimado o lugar.
Ort.: *despois* (por *depois*).

72.3-4

"... e a vista lhe amedrenta / Da fera multidão quadrupedante": tem sido muito discutido este passo, mas sem razão. Na *Eneida,* tanto em VIII.596 como em XI.614, os "quadrupedantes designam, sem

sombra de dúvida, os cavalos. Mas não se trata aqui de cavaleiros arcádios nem das lutas entre Latinos e Etruscos. A batalha é nos campos de Baroche, em Cambaia, e, na verdade, entraram nela elefantes. Antes de Baroche: "Por estes brados cõmovido o contumaz mançebo [o jovem rei de Cambaia], andava cõ seu exército favorecendo os luguares e çidades da fralda do mar; e trazia muyto grande poder, que seria de trinta mil homes de cavallo ... e muitos alifantes com torres e castelos de madeira e artelharia meuda em Riba" (Leonardo Nunes, p. 181). Em Baroche: "Aly saio a força da gente que os Recolheo, e sairam todos de cavalo, e os alifantes armados ..." (LN, p. 183.) "Juntamente cõ ysto heram aquellas batalhas muy medonhas, porque Reluziam as armas cõ o sol que nellas dava muy grandemente, tendo os alifãtes armados diante, todos cheos de guiões de seda, e em alla co elles a sua artelharia de campo" (LN, P. 184), E temos ainda um documento mais expressivo, de tom irónico, escrito por D. João de Castro ao rei de Cambaia: "trabalhey tanto pera cheguar a ellas [batalhas] pera que milhor as podese consirar, e esperemẽtar os animos das bestas feras, que diante traziam, se deziam com as forças e grandes corpos que mostravam" (LN, p. 188). Leonardo Nunes foi testemunha de vista.

72.5-6

"Não menos suas terras mal sustenta / O Hidalcão, do *braço triunfante*": o Hidalcão sustenta com dificuldade as suas terras do *braço triunfante* (D. João de Castro).

72.7

"Que castigando vai Dabul na costa": regressado das terras de Cambaia, D. João de Castro volta à luta com Hidalcão, que não desistia das terras de Bardês e Salsete. Dabul, na costa, foi escalada, tendo os Mouros acabado de desamparar a cidade de todo. "Ouve grande saco e Rica presa de muyto dinheiro e muytas mercadorias Ricas, e escravos e escravas, e peças d' ouro, de maneyra que algũs soldados ficaram Ricos e muy cõtentes. E não o foram todos, porque a mor parte sam honrados, que nam desemparará em tal tempo a bandeyra Real nem a pesoa do guovernador" (LN, p. 206). A costa do Malabar com esta guerra tornou-se um braseiro: "Toda a costa ardia em grandissimas labaredas" (LN, p. 208).

73.1-2
"... por várias partes": méritos; "... e maravilha": v. IX.89.7.
Ort.: *dino* (por *dignos*).

74.2-6
"Com *sonoroso* aplauso, ...": *sonoroso* como em I.5.1, I.47.8, II.100.1, IX.54.8, X.74.2 e X.128.7; "Por mais que da Fortuna andem as *rodas*": frase proverbial já conhecida de escritores romanos: "fortunae rotam pertimescere" (Cíc., *Pis.,* 22). *Rodas* no plural por causa da rima; "(Nũa *cônsona* voz todas soavam)": *cônsona,* latinismo muito camoniano, empregado só neste lugar: consonante, que soa ao mesmo tempo.

75.3
"Viram os altos feitos que *descobre*": o sujeito é a *Sirena*, que descobriu na harmonia e suavidade do seu canto "os altos feitos".
Ort.: *despois* (por *depois*); *felice* (por *feliz*).

76.5-8
"Sigue-me ...": forma arcaica, em vez de "segue-me"; "Por este monte espesso, ...": escreveu a propósito LPS, *AL,* p. 53: "Neste monte espesso, de mato árduo, difícil a humano trato, por onde é preciso seguir firme e forte com prudência, está bem simbolizado todo esse longo trabalho de pacientes observações e laboriosos cálculos, todo esse dispêndio de engenho de tantos homens de superior capacidade em procura das leis que regem os movimentos dos astros. E a teoria a que se chegou, de um subido valor, ..., é o erguido cume, esmaltado de rubis e esmeraldas, chão divino, donde é permitido, através do modelo criado, abranger a complicada variedade dos fenómenos astronómicos ..."

77.3-6
"... tais que presume / A vista que divino chão pisava": os que foram ao cimo do monte, os nautas, é que julgaram pisar divino chão; "... que o lume / Claríssimo por ele penetrava": a luz claríssima. O "globo" era translúcido.

78.1-5
"Qual a matéria seja não se enxerga": não se enxerga a matéria que o compõe porque a quinta essência não pode ser apreendida pelos

sentidos. Mas enxerga-se que está composta de vários orbes concêntricos à Terra; "... Divina verga": a vara divina, o poder de Deus; "... e um centro a todos só tem posto": neste globo transparente podem distinguir-se os contornos aparentes das onze esferas, desde a da Lua até à de Saturno, o firmamento, o céu áqueo ou cristalino, o primeiro móbil e, finalmente, o empíreo; "Volvendo, ora se abaxe, agora se erga": no primeiro verso está resumida a definição de Euclides. A palavra *volvendo* indica que a esfera é uma superfície de revolução; não se refere a movimento da esfera porque a superfície externa do globo pertence ao undécimo céu, ao empíreo imóvel. A palavra *volvendo,* isto é, curvando-se em torno do eixo do Mundo em círculos paralelos, ora se ergue, ora se abaixa, em relação a um plano horizontal.

78.6-8

"Nunca s' ergue ou se abaxa, e um mesmo rosto / Por toda a parte tem; ...": nestes versos está resumida a definição de Teodósio. A esfera não se ergue nem se abaixa relativamente ao seu centro. E Tétis pode bem mostrar no globo a propriedade da equidistância, porque, sendo ele transparente, o seu centro, onde se vê a Terra, está evidente, como a sua superfície, claramente; "... e em toda a parte / Começa e acaba, enfim, *por divina arte*": partindo de um ponto qualquer e seguindo um círculo da esfera, volta-se ao mesmo ponto. Na esfera, como no círculo, não há princípio nem fim determinados; e em qualquer ponto o princípio se une com o fim. *Por divina arte,* quer dizer, à semelhança de Deus, por divino modo.

79.1-6

"Uniforme, perfeito, em si sustido": a esfera é uma superfície de curvatura constante. É esta constância da curvatura que o Poeta exprime quando diz que o globo "um mesmo rosto por toda a parte tem" e quando lhe chama "uniforme"; "Qual, enfim, o Arquetipo que o criou": "chama-se aqui mundo arquétipo àquela forma do mundo que Deus concebeu na sua mente para fazer este mundo: a qual cogitação de Deus é eterna, como ele próprio." (Em LPS, *AL,* p. 46, tradução de Vineto); "... – 'O transunto, reduzido / Em pequeno volume, aqui te dou": o modelo do Universo, tal como o concebia a ciência do tempo.

80.1-2

"Vês aqui a grande máquina do Mundo, / Etérea e elemental, ...":

"A universal machina do Mundo se divide em duas partes. Celestial: & elemental. A parte elemental he sojeita a cõtinua alteração: & dividese ẽ quatro. s. terra a qual está como centro do mundo no meo assentada: seguese logo a Agoa & por derredor delta ho ar. & logo ho fogo puro que chega ao ceo da lua: segũdo diz Aristoteles no livro dos metheoros: porque assi os assentou deos grorioso & alto. E estes quatro sam chamados elemẽtos: os quaes hũs dos outros se alteram & corrompem & tornã a gerar. Sam os elementos corpos simprezes que se nam podem partir em partes de diversas formas: pella mistura dos quaes se fazem diversas species das cousas que se geram. E cada hum dos tres cerca de todo a terra per derredor se não quanto a secura da terra resiste ha humidade da agoa pera vivenda de algũs animaes. E todollos outros afora a terra se movem: a qual como centro do mundo com seu peso: foge igualmente de todallas partes o grande movimento dos estremos: & fica no meo da redonda Sphera. Junto da regiam dos elementos: esta logo a regiam celestial lucida: & pello seu ser ĩmudavel he livre de toda mudança: tẽ contino movimento circular: & chamaranlhe os philosofos Quinta essencia." (V. LPS, *AL,* pp. 56-57, trad. de Sacrobosco por Pedro Nunes.)

80.2-8

"... que fabricada / Assi foi do Saber, alto e profundo": da "Sapiência suprema", como em X.76.1-2; "Que é sem princípio e meta limitada": que não tem princípio nem fim; "... sua superfície tão limada": tão polida.

81.1-8

"Este orbe que, primeiro, vai cercando": a enumeração das onze esferas que constituem a região etérea começa nesta estância da periferia para o centro, pelo empíreo (ou *Coelum empyreum*); "... e a *mente vil* também": a mente de baixo preço; "De quem não há no mundo semelhança": do qual (tem por sujeito "Bem").

82.1-2

"Aqui, só verdadeiros, gloriosos / Divos estão, ...": os *divi* foi título dado, após a sua morte, aos imperadores divinizados e, em primeiro lugar, a Júlio César: "Hic Caesar et omnis Iuli / progenies magnum caeli ventura sub axem. / Hic vir, hic est, tibi quem promitti saepius audis, / Augustus Caesar, divi genus, ..." (V, E, VI.789792). O sistema filosófico de Evémero, mitógrafo grego cuja obra principal

está hoje perdida, considerava que as figuras mitológicas eram seres humanos divinizados pelos povos, que os temiam ou admiravam. Esta teoria foi utlizada pelos padres da Igreja. No Renascimento os santos foram chamados "divos".

82.2-8
"... porque eu, ...": *Tétis*; "... o trato humano": a sociedade humana; "... é só que o nome nosso / Nestas *estrelas* pôs o engenho vosso": *estrelas* em sentido geral, incluindo, portanto, os planetas.

83.1-8
"E também porque a santa Providência": estância subordinada à est. 84: "Quer logo aqui a pintura que varia ..."; "Que em *Júpiter* aqui se representa": *Júpiter,* apesar de "fabuloso", é o deus supremo, o *pater deorum*; "Governa o Mundo todo que sustenta": por intermédio de espíritos mil, bons e maus. *Ensina-lo* (v. 5), por *ensina-no-lo;* "... em quanto podem ...": nos limites do seu poder.

84.1-5
"Quer logo aqui a pintura que varia": quer, portanto, a poesia, que ora deleita, ora ensina; "Dar-lhe nomes ...": o Poeta imita, fabulando, a antiga poesia, que se serviu dos falsos deuses ora para deleitar, ora para ensinar; "Que os Anjos da celesta companhia": que o "sacro verso" (a Sagrada Escritura) também chama deuses aos anjos da celeste companhia e mesmo aos maus, embora falsamente. Não admira, portanto, que Camões poèticamente chame aos divos fabulosos, mesmo maus, "deuses".

85.1-8
"Emfim que o sumo Deus, que por segundas / Causas obra no Mundo, tudo manda": afirmação de ortodoxia plena: quem manda é o "Sumo Deus" e tudo o mais é poesia "deleitosa"; "Debaxo deste círculo onde as *mundas* / *Almas* divinas gozam, que não anda": o empíreo não anda. *Círculo* é o mesmo que *esfera. Almas mundas,* almas puras; "Outro corre, tão leve e tão ligeiro / Que não se enxerga: é o Móbile primeiro": Pedro Nunes traduz Sacrobosco: "Mas o primeiro movimento ["o Móbile primeiro"] *move & leva* com seu ympeto todallas outras Spheras & em hũ dia cõ sua noite fazẽ per derredor da terra hũa revolução."
Ort.: *debaxo* (por *debaixo*).

86.1-4

"Com este rapto e *grande* movimento": com o adjectivo *grande* indica-se a rapidez do movimento diurno; de todos os movimentos celestes o de maior velocidade. O movimento de velocidade é tal que num dia dá uma volta completa (360º). Nesse movimento ele arrebata, isto é, leva consigo todos os céus interiores, que têm por isso um movimento *alheio* proveniente do primeiro móbil. Os planetas são arrastados, bem como os seus céus, nesse movimento arrebatado (nesse *rapto,* como então se dizia). Assim, a esfera solar move-se, como as superiores, com o movimento de *rapto* de oriente para ocidente, voltando a oriente e produzindo assim o dia e a noite. *A tento,* como precaução.

86.5-8

"Debaxo deste leve, anda outro lento": nestes versos segue-se a descrição da nona esfera ou segundo móbil ou cristalino (*Coelum aqueum*). Além do movimento *alheio* proveniente do primeiro móbil, é dotado de um movimento próprio tão lento que alguns o avaliaram em pouco mais de um grau em duzentos anos. Camões diz, por isso,

> *Que enquanto Febo, de luz nunca escasso,*
> *Duzentos cursos faz, dá ele um passo.*

um grau em duzentos cursos do Sol.

Supunha-se que o *cristalino* era formado de águas claras e transparentes como cristal. Águas diferentes das da Terra, puríssimas e incorruptíveis, postas debaixo do primeiro móbil para atenuar o calor produzido pelo seu arrebatado movimento. *O cristalino* é a esfera propulsora do *movimento dos auges* e *estrelas fixas* que faz avançar lentamente de ocidente para oriente a esfera das estrelas fixas e os céus diferentes dos auges dos planetas. Executa uma revolução completa em quarenta e nove mil anos, avançando, portanto, em duzentos anos 1º e 28', aproximadamente, que o Poeta arredonda em 1º.

87.1-2

"Olha estoutro debaxo, que esmaltado / De corpos lisos anda ...": nesta estância descreve-se a oitava esfera – o *firmamento* – , com o seu

movimento próprio. No século XVI era doutrina corrente que o Sol era a única fonte de luz celeste, a qual as estrelas reflectiam como os planetas. Eram consideradas corpos fixos e lisos embutidos nesse céu. Eram como nós do firmamento, partes mais espessas do seu céu. O Poeta diz que o *firmamento* é esmaltado de corpos lisos e radiantes, que representam as estrelas fixas. As estrelas têm os dois movimentos alheios, provenientes do primeiro e do segundo móbil, mas também têm o curso ordenado do firmamento, que é o movimento regular de *trepidação,* sete vezes mais rápido que o movimento do cristalino, completando-se em sete mil anos. Por isso correm cintilantes em seus *axes,* que são os eixos próprios da oitava esfera. Com o plural *axes* designa o Poeta os extremos do eixo, isto é, os pólos do movimento de trepidação.
Ort.: *debaxo* (por *debaixo*).

87.5-6
"Bem vês como se veste e faz ornado / Co largo Cinto d' ouro, ...": É a descrição do zodíaco. "O largo cinto de ouro, com que o firmamento se veste e faz ornado, é o zodíaco, que o cinge com a profusa pregaria de ouro das constelações zodiacais."

87.6-7
"... que estelantes / Animais doze traz afigurados": esses doze animais "afigurados" são as doze constelações do zodíaco. Estas estrelas fixas no *firmamento* como que desenham figuras nesse céu. São essas figuras ou grupos de estrelas que a elas pertencem que se chamam constelações ou signos (antigamente *sinos*); e das figuras desenhadas – variáveis com os povos – lhes veio o nome, variável também. No seu movimento *próprio* – em sentido contrário do *alheio,* devido ao primeiro móbil, e que produz o dia e a noite –, o Sol percorre anualmente as doze constelações zodiacais, o que leva a considerar o zodíaco em doze partes iguais, cada uma ocupada por uma dessas constelações ou signos. Essas doze partes do zodíaco chamam-se também signos e para distinguir da constelação dá-se a esta o nome de imagem. O movimento do *cristalino* produz a deslocação dos signos relativamente às imagens, equivalendo assim ao que hoje chamamos "movimento de precessão dos equinócios".

87.8
"Apousentos de Febo limitados": os aposentos de Febo limitados são os doze signos, da extensão de 30º cada um, em que se divide o

zodíaco, e a que se deram os mesmos nomes das constelações, os quais o Sol vai sucessivamente percorrendo no seu movimento anual ao longo da eclíptica, demorando-se em cada um deles um espaço de tempo de cerca de um mês. Os signos do zodíaco também se apelidam de "casas do Sol".
Ort.: *apousentos* (por *aposentos*).

88.1
"Olha por outras partes a pintura": por outras partes do *firmamento,* mas fora do zodíaco. Esta estância termina a descrição do *firmamento,* com a enumeração das constelações extrazodiacais e com a pintura dessas constelações. As constelações extrazodiacais nomeadas pelo Poeta são: *Carreta* (Ursa Maior); *Cinosura* (Ursa Menor); *Andrómeda* (constelação do hemisfério boreal) (foi conhecida entre os Latinos por *Virgo* e *Perseia* e é ainda conhecida por *mulher encadeada*); *Cefeu* (pai de *Andrómeda*); *Cassiopeia* (mãe de *Andrómeda*); *Dragão; Orion* (ou *Orionte*); *Cisne; Lebre; Cães; Nau* (*Argos*) e *Lira.* Cada uma destas constelações tem a sua lenda; "do Orionte o gesto *turbulento*": tempestuoso. O sair e o declinar de Orión coincidiam com violentas tempestades (v. H., O, III.27.17). v. VI.85.1-6.

89.1
"Debaxo deste grande Firmamento": ocupa-se o Poeta das sete esferas planetárias pela sua ordem: Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vénus, Mercúrio e Lua. Como se viu, o Sol, "o claro olho do céu", está entre os planetas e ocupa o quarto assento. A Lua é *Diana*, "com três rostos", correspondentes às *três* fases da Lua. Na lua nova não há rosto, porque a Lua se esconde. O "Deus antigo" é o pai de *Júpiter – Saturno.*
Ort.: *debaxo* (por *debaixo*).

90.1-2
"Em todos estes orbes, diferente / Curso verás, nuns grave e noutros leve": nestes versos o Poeta considera os céus excêntricos. "Sendo o céu do planeta uma camada esférica concêntrica com a Terra, temos de imaginar nesta camada esférica uma outra, não concêntrica com Terra; é esta camada que leva o planeta, e por isso essa camada, ou orbe, tem o nome de *deferente.* E porque o seu centro não é o do centro do Mundo (pelo que também se lhe dá o nome de *excêntrico),* resulta que o planeta, levado por este orbe de curso *leve* (isto é, de grande velocidade, como, v. g., no caso da Lua)

ou *grave* (isto é, de pequena velocidade, como no caso de Saturno), nem sempre está à mesma distância da Terra, nem, por consequência, à mesma distância do *firmamento*. O ponto do deferente que mais próximo fica do 8.º céu *(firmamento)* tem o nome de 'auge', e esse ponto, visto da Terra, projecta-se num dos signos do zodíaco, signo a que cabe também a designação de *auge* do planeta em questão. Assim, por exemplo, *Câncer* é o 'auge' de Vénus, o que significa que, visto da Terra, o ponto do deferente de Vénus que mais próximo fica do céu das estrelas fixas se projecta em *Câncer,* nesse céu. Mas o deferente leva o planeta só indirectamente (excepção feita para o caso do Sol). O que ele leva é uma esfera de diâmetro igual à sua espessura e animada de movimento de rotação; o planeta está fixo nesta esfera, que tem o nome de *epiciclo*" (AFGV, EA, pp. 37-39). "Estes orbes são os excêntricos deferentes dos planetas, mais afastados do centro da Terra no auge, ou apogeu, e mais perto dele no perigeu. Têm curso mais grave o deferente de Saturno em 30 anos e o de Júpiter em 12; o de Marte faz seu curso em 2 anos e os do Sol, Vénus e Mercúrio em 1 ano; o curso mais leve é o da Lua, em 27 dias e 8 horas" (LPS, *AL*, p. 66).

90.5

"Bem como quis o Padre omnipotente": tendo mostrado no "transunto" a região celeste, o Poeta vai falar da região "elemental" muito brevemente para depois se ocupar longamente de dois deles, a *terra* e a *água*. Por fora e logo abaixo do céu da Lua está o *fogo* puro; por baixo deste, o *ar,* dividido em três regiões – suprema, média e ínfima; e no centro, os dois elementos, *terra* e *água,* formando o globo terráqueo. O Poeta já descrevera a região elemental, esculpida nas portas do palácio de Neptuno, em VI.1O, VI.11 e VI.12.

91.1-8

"Neste centro, pousada dos humanos": "neste centro [da Terra com o mar] ... verás" (no quinto verso); "... os insanos / Mares ...": os mares enfurecidos; "Várias nações *que mandam* vários Reis": que são mandadas; "... e várias leis": leis religiosas.
Ort.: *instábil* (por *instável*); *apousentam* (por *aposentam*).

92.1-8

"... mais alta e clara": mais insigne e ilustre; "Que as outras em polícia ...": cultura e urbanidade; "Co Cabo ...": cabo da Boa

Esperança; "... que se habita / Dessa gente sem Lei, ...": que é habitada de gente que desconhece a lei de Cristo.

93.1-8
"Vê do Benomotapa o grande império": Benomotapa ou Menomotapa. "Toda a terra q̃ cõtamos por Reyno de Sofala, he hũa grande região que senhorea hum Principe Gentio chamado Benomotapa" (Barros, I.X.I); "Onde Gonçalo morte e vitupério / Padecerá, ...": o venerável padre D. Gonçalo da Silveira era o 10.º filho de D. Luís da Silveira, conde da Sortelha, e de sua esposa, D. Brites de Noronha. Foi provincial da Companhia de Jesus na Índia, sucedendo a S. Francisco Xavier. Foi depois missionar para o Monomotapa e aí foi assassinado, como feiticeiro, à ordem do rei do Monomotapa, em 15 de Março de 1561; "Nace por este incógnito Hemispério / O metal ...": "As minas desta terra, onde se tira o ouro, as maes chegadas a Sofala são aquellas a que elles chamam Manica ..." (Barros, id., ibid.); "Vê que do lago donde se derrama / O Nilo, também vindo está Cuama": o Cuama é o Zambeze, nascido no lago Vitória.
Ort.: *nace* (por *nasce*).

94.1-7
"Olha as casas dos negros, como estão / Sem portas ...": só aqueles a quem o rei dava essa honra é que tinham portas nos portais das suas casas; "Por que toda a outra gente não tem portas ..." (Barros, I.X.I); "... em seus ninhos": o sentido é este: "como estão em seus ninhos, sem portas, confiados"; "Combaterá em Sofala a fortaleza": sobre o ataque à fortaleza e defesa por Pero da Nhaya castelhano (assim escreve também Barros) (v. Barros, I.X.III).

95.1-2
"Olha lá as alagoas donde o Nilo / Nace, ...": o Nilo tira as suas águas principalmente do Vitória Nyanza, mas de início recebe-as de todo o sistema hidrográfico que rodeia e alimenta outros lagos da região. As nascentes do Nilo Azul foram exploradas no século XVII por Pêro Pais e Jerónimo Lobo.
Ort.: *nace* (por *nasce*).

95.3-4
"Vê-lo rega, ..., / Os povos Abassis, de Cristo amigos": é o Nilo Azul, que rega os povos abassis. Estes eram jacobitas. Em 1541 teve

a Inquisição oportunidade de intervir, proibindo a circulação do livro de Damião de Góis *Fides, Religio, Moresque Aethiopum,* pois o autor deste opúsculo, baseado nas informações do embaixador etíope Zaga Zaabo, defendia práticas que vinham do judaísmo. Para o conhecimento do verdadeiro estado religioso da Abissínia devem ler-se, entre outras obras, Francisco Álvares, *Verdadeira Informação das Terras do Prestes João,* e a colecção *Rerum Aethiopicarum scriptores occidentales inediti a saec. XVI ad XIX*. Desta colecção faz parte a *Hist. da Etiópia,* de Pedro Pais (1564-1622), espanhol, mas que escreveu em português. Nesta obra aparece a mais antiga descrição das fontes do Nilo (Nilo Azul), que ele visitou em 1618. Escritores da Etiópia dessa mesma colecção são Manuel Barradas e Manuel de Almeida. Historiador importante da Etiópia é Baltasar Teles, que nos deixou a *Hist. Geral da Etiópia a Alta ou Preste João*, Coimbra, 1660. Ver também Barros, III.IV.II.

95.7

"Vê Méroe, que ilha foi de antiga fama / Que ora dos naturais Nobá se chama": "E lançando hũa linha com o entendimento, da cidade Çuaquem maritima que dissemos [no mar Vermelho] ao fim da ilha Meroe, que ao presente se chama Nobá ..." (Barros, III.IV.I). É esta talvez a fonte do Poeta. Era uma das principais cidades da Etiópia. Ruínas perto da aldeia de Begeraouièh. Entre o Nilo e o Atbara o *Grande Atlas Aguilar* indica uma região intitulada *Geziret el Méroe.* Plínio, VI.XXXV.181 e seguintes, fala muito de Méroe. Estrabão, *Geografia,* 17.2, seguindo Erastótenes, fala de cidade de Méroe acima da confluência do Asataboras (Atbara) e do Nilo.

96.1-6

"Nesta remota terra um filho teu": D. Cristóvão da Gama, tendo sido desbaratado pelo "rei de Zeilá" com poderoso auxílio turco, acabou por ser aprisionado e degolado, depois de cruelmente martirizado (1542). Historiou a expedição Mguel de Castanhoso, que nela participou como capitão de espingardeiros (1564). Couto aproveitou as notícias do "copioso tratado" (v. Couto, V.VIII.VII); "... será claro": será ilustre; "Melinde hospício gasalhoso e caro": acolhedor e desejado.

96.7-8

"O Rapto rio nota, que *o romance* / *Da terra* chama Obi; entra em Quilmance": diz Barros: "nas serras do qual [Reino Adeá] nasce o

rio Obij, a q̃ Ptolemeu chama Raptus, q̃ vae sair ao Oceano na povoação Quilmance junto de Melinde" (III.IV.I). Ver ainda I.VIII.IV. Melinde, apesar de decaída da sua importância, ainda está no mapa sob a forma *Malindi.* Melinde pertence ao Quénia, e não à Somália. A norte de Melinde vai desaguar efectivamente um rio que tem o nome de *Galana. O romance da terra,* a linguagem da terra.

97.1-2

"O Cabo vê já Arómata chamado, / E agora Guardafú, ...": na península da Somália, à entrada do golfo de Adem, em frente da ilha de Socotorá. Cf. a canção de Camões *Junto de um seco, fero e estéril monte:*

> *nele aparece o Cabo com que a costa*
> *africana, que vem do Austro correndo,*
> *limite faz, Arómata chamado.*

Ort.: *Guardafú* (em vez de *Guardafui*). Barros: *Guardafu* (I.VIII.IV).

97.3-8

"... a boca do afamado / Mar Roxo, que do fundo toma as cores": o Poeta parece seguir uma das opiniões expostas por Plínio, VI.XXVIII.107-108: "... aut, ut alii, solas repercussu talem reddi existimantes colorem, *alii, ab harena terraque,* alii tali aquae ipsius natura."; "... e as milhores / Povoações ... / *Maçuá* são, *Arquico* e *Suaquém*": dentro do mar Roxo. *Maçuá* e *Arquico* (próxima de Maçuá), na costa da Etiópia (v. X.52.5 e X.52.6). *Suaquém* está na costa do Sudão.

98.1

"Vês o *extremo* Suez, que antigamente / Dizem que foi dos Héroas a cidade": *extremo,* por estar no fim do mar Roxo, no braço de mar que liga com Porto Saida. "... dos Héroas a cidade": o erro foi de Barros, fonte de Camões, que diz: "& per hũa linha que se pode com o intendimento lançar deste Nilo pela cidade do Cairo metropoli de todo este Egipto ao porto de Suez q̃ està no ultimo seo do mar roxo, onde antiguamente foi a cidade dos Heroas" (I.IX.1). Couto repete: "Estrabono diz, que esta cidade [Suez] tambem fora ja chamada Cleopatrida, & que junto della era a cidade dos Heroas"; "Neste lugar aparecem ainda grandes roinas, de hũa muito fermosa cidade,

que ja ali esteve em tempo de pagãos: & muitos affirmão que foi a dos Heroas" (Couto, V.VII.IX). Mas Plínio o que escreveu foi: "in quo Heroon oppidum est" (VI.XXXIII.165); nome de cidade, e não de um povo, que, segundo ED, "ficava muito mais ao noroeste da moderna Suez, perto de Ismailia".

98.3-6
"(Outros dizem que Arsínoe), ...": "eae omnes viae Arsinoen ducunt conditam sororis nomine in sinu Carandra a Ptolomaeo Philadelpho" (Plínio, NH, VI.XXXIII.167). O editor H. Rackham anota: "Ardscherûd near Suez" (v. IX.2.4); "Olha as águas nas quais abriu patente / Estrada o grão Mousés ...": v. IV.63.2. *Patente estrada:* estrada franca. É latinismo.
Ort.: *Mousés* (por *Moisés*).

99.1-2
"Olha o monte Sinai, que se ennobrece / Co sepulcro de Santa Caterina": v. X.43.8. No *Missel quotidien et vesperal,* de D. Gaspar Lefèbre, beneditino, lê-se, a respeito de Santa Catarina, virgem e mártir (25 de Novembro): "Le mont Sinaï où le corps de S^te^ Catherine fut transportée par les Anges est aussi le lieu où, par ministère des Anges, Dieu donna sa loi à Moïse." Quando o governador D. Estêvão da Gama foi tomar Tor (Toro) com intenção de destruir a cidade, vieram dois frades do monte Sinai (a um dia de marcha) "pedir misericordia aos Portugueses, pera que não dessem fogo à cidade, por que tinhão nella um templo". O governador, que tudo esperava menos encontrar cristãos, ficou muito satisfeito e foi em boa ordem com a tripulação orar ao templo, que era do orago de Santa Catarina. Foram dadas relíquias da Santa, mas as mais estavam em cima no Mosteiro de Santa Catarina, e era uma jornada de caminho. Os frades do Mosteiro do Monte Sinai eram da Ordem de S. Basílio, da Igreja Grega (Couto, V.VII.VIII).

99.3-8
"Olha *Toro* e *Gidá,* que lhe falece / Água das fontes, ...": *Toro,* na costa ocidental da península do Sinai. *Gidá,* v. IX.3.1; "Olha as portas do Estreito ...": era o estreito de Meca, hoje Babelmândebe; "... que fenece / No reino da seca Adem ...": pequena cidade da Arábia Meridional, a leste do estreito de Babelmândebe, no golfo de Adem, que se tornou porto de grande escala com a presença dos

Portugueses, em virtude das dificuldades criadas às naus do estreito de Meca. Sobre o qualificativo *seca,* leia-se em Castanheda, III.104; " ... que confina / Com a serra d' Arzira, pedra viva": a serra de Arzira sobre Adem "he toda de hũa pedra viva sem arvore nem herva verde" (Barros, II.VII.VIII).

100.1-8
"Olha as Arábias três, ...": v. IV.63.8; "... todas de gente *vaga* ...": nómada; "Outro Estreito de Pérsia, ...": o estreito de Ormuz; "... e faz a traça / O Cabo ... / Da cidade Fartaque, ...": desenha-se o vulto do cabo (*Ras*) Fartaque, na costa sul da Arábia (a meia distância entre Adem e Ormuz); "... ali sabida": ali conhecida. "Cabeça do reino" (Barros, I.IX.I).
Ort.: *feroces* (por *ferozes*).

101.1-6
"Olha Dófar, ... ": "... & fica neste meio [entre a cidade e cabo Fartaque e Curia Muria] a cidade Dofar ... donde ha o melhor & maes encenso de toda esta Arabia [Feliz]" (Barros, I.IX.I); "O mais cheiroso *incenso* ...": *encenso,* na edição *princeps* (só neste verso empregou tal palavra); "... destoutra banda / De Roçalgate, ...": para o lado de lá de Roçalgate (*Ra's-al-Hadd*), que assinala a oeste a entrada no golfo de Omã, ainda na costa da Arábia Meridional; "... e praias sempre avaras": pouco favoráveis ao domínio português; "Começa o reino Ormuz, ...": ilha no estreito do mesmo nome (Hormoz), entre o golfo Pérsico e o golfo de Omã, mais próximo da costa persa; "Pelas ribeiras *que inda serão claras*": que todo se estende pelas costas do reino de Ormuz. *Que inda serão claras,* que ainda se ilustrarão.

101.8
"Virem de Castelbranco nua a espada": Pedro de Castelo Branco foi para a Índia em Novembro de 1533, como capitão-mor de uma armada, com quatro anos de capitania de Ormuz, onde estava António da Silveira (Couto, IV.VIII.VII). As notícias de Couto não correspondem ao que geralmente se diz de Sampaio: "Pellas naos que vierão em Novembro [de 1537] de Ormuz a Diu, teve o Governador Nuno da Cunha muitos capitulos de grandes culpas & queixas, contra dom Pedro de Castello Branco, que erão de qualidade, que lhe pareceo necessário, pera quietação da terra ... mandalo tirar da fortaleza: por que naturalmẽte era um fidalgo muito

forte de condição, & tão vingativo, que não perdoava cousa algũa. E assi estava a terra tão escandalizada delle, que foi necessário ao Governador acodir áquelle negocio, & determinou de mandar lá o Doutor Pero Fernandez Ouvidor geral pera o sospender do cargo de capitão da fortaleza, & mandalo prezo à India" (Couro, V.II.VI). Porém, no ano de 1538, o sucessor de Nuno da Cunha, D. Garcia de Noronha, mandou rever o seu processo pelo ouvidor geral e pelo provedor-mor e foi por eles sentenciado que D. Pedro "fosse acabar de servir o tempo que lhe faltava de sua fortaleza" (Couto, V.V.VII). Terminado o seu tempo em 1541, D. Pedro partiu para o Reino no ano seguinte e teve a infelicidade de ser abordado por corsários franceses "na volta das ilhas dos Açores", que lhe roubaram toda a sua fazenda – o que o fez ir reclamá-la ao rei de França (Francisco I) com cartas do rei de Portugal.

102.1-8

"Olha o Cabo Asaboro, que chamado / Agora é *Moçandão* ...": do genitivo latino *Asaborum* (o promontório dos Asabos, de Ptolemeu) fez Barros (III.VI.IV) o nominativo *Asaboro,* que passou para *Os Lusíadas* (v. JMR, *EN,* p. CCXXIII). *Moçandão,* cidade costeira do golfo de Ormuz, do lado do golfo de Omã; "Por aqui entra o lago que é fechado / De Arábia e Pérsias terras abundantes": por aqui entra o golfo Pérsico (o "lago"), fechado pelas terras abundantes da Arábia e Pérsias; "Atenta a ilha Barém, ...": v. X.41.8; "Ter o Tígris e Eufrates ũa entrada": os dois rios juntos formam o Chate Alárabe, que entra no golfo Pérsico, abaixo de Baçorá.

103.2-8

"Sempre posto no campo e nos cavalos": os Persas viviam fora das povoações e foram sempre apaixonados cavaleiros; "Que se injuria de usar fundido cobre / E de não ter das armas sempre os calos": que sente desprezo pelo uso de peças de artilharia e por não estar sempre em armas (por não ter as mãos calejadas); "Mas vê a ilha Gerum, ...": a cidade Armuza era no continente "a promunturio Carmanis junguntur Harmozaei" (Plínio, VI.XXVIII.111). Da Carmânia trasladou-se à ilha, que perdeu o seu nome antigo e ficou a nova Armuza, donde veio Ormuz (v. Barros, II.2.2 e III.6.4).

104.1-8

"Aqui de Dom Filipe de Meneses / Se mostrará a virtude, ..."; "De Dom Pedro de Sousa, que provara / Já seu braço em Ampaza, ...":

ambos capitães de Ormuz, mas o segundo antes do primeiro. D. Pedro de Sousa foi capitão de Ormuz de 1562 a 1564 ou 1565, segundo Couto (v. Couto, VII.X.VII e VIII.I.XV). Nesta última *Década* citada diz Couto: "Na entrada deste anno de sessenta & seis, foi Luiz de Mello entrar na Capitania de Ormuz, por virem novas ser falecido Dom Pedro de Souza, o qual foi enterrado entre as portas das fortalezas ..." Diz ED que D. Filipe de Meneses recebeu carta de capitão de Ormuz datada de 18 de Fevereiro de 1566, segundo informação de Pedro de Azevedo; mas quem em 1566 foi para a Capitania de Ormuz, segundo Couto, foi Luís de Melo. Não tenho elementos para saber se Melo foi capitão interino; "os muitos Parseos vencerá de Lara": *Lara* (*Lâr*), capital do distrito do Laristão, província do Farsistão. Lâr não é cidade costeira do golfo Pérsico, mas um pouco interior. Naturalmente o que o Poeta quer dizer é que D. Filipe de Meneses venceu os párseos do Laristão, que chega à costa do golfo Pérsico. *Reveses* são golpes de espada, mas dados transversalmente, da direita para a esquerda. *Ampaza,* na ilha de Pate, na costa de Melinde.

105.1-4

"Mas deixemos o *Estreito* e o conhecido / *Cabo de Jasque, ...*": *Estreito,* o estreito de Ormuz. O *cabo de Jasque* (*Jask*) fica na costa persa, fora do estreito, no golfo de Omã. Ptolemeu chamou-lhe "Carpella promontorio" (Barros, III.6.4): "Leixado o cabo de Iásque, que he a maes notavel cousa que aquella costa tem, ainda que está fora da garganta daquelle estreito, o qual nós situamos em vinte quatro graos largos da parte do Norte, & Ptolemeu em vintedous & meyo, chamandolhe Carpell promontorio ..." (Barros, III.VI.IV); "Com todo o seu terreno mal querido": árido; "Carmânia teve já por apelido": hoje Kerman.

106.1

"Olha a terra de Ulcinde, fertilíssima": grande confusão se estabeleceu a propósito desta "Ulcinde" camoniana. Basta ler o que diz Couto em VII.III.XIII e VII.III.XIV para se ver que se trata do "reino do Cinde". E o "Cinde" não é senão o outro nome do "Indo" (Sindh): "& forão pello rio abaixo queimando, & destruindo todos os lugares que avia de hũa & outra parte *daquelle famoso rio indo*". O governador destruiu nessa altura (1556) a cidade de Tatá (que ainda hoje se vê no mapa à beira do Indo, acima do delta). "Da outra banda do Ponente [habitam] aquelles povos Diulis, chamados

assi da sua principal cidade chamada Diul". Parece que "Dulcinda" nasceu da junção indevida de "Diul" com "Cinde" (Couto, VII.III.XIV). Camões escreve "de Ulcinde".

106.2-5

"E de Jáquete a *íntima enseada*": "& foi de longo da costa [Francisco Barreto] ate a ponta de Iaquete, onde se acabaõ os limites do antigo reino Guzarate" (Couto, VII.III.XIII,). Identificado com Katchh Ki Rann. *Íntima enseada,* muito reentrante; "E a vazante, que foge apressurada": elevação brusca das águas do mar e vazante rapidíssima"; "A terra de Cambaia vê, riquíssima": "E do Dio situado em vinte graos & meio te a cidade Cambaya que está em vinte de dous graos, averá cinquenta & tres legoas" (Barros, III.VIII.1). Depois do Katchh Ki Rann vem o Katchh Ki Khadi e a seguir o Khambhayat Ki Khadi. No fundo deste golfo (seio) está Cambaia.

107.3

"Já chamado Cori, ...": ED diz que o texto de Ptolemeu diz "Komaria", Bacon diz que Ptolemeu lhe chama "Cori" (VII.I.II). No extremo sul da costa ocidental indiana, em frente de Ceilão.

108.1-5

"... entre um e o outro rio": Indo e Ganges; "Um reino Mahometa, outro Gentio": v. Barros, I.IV.VII e III.IV.IV; "Olha que de Narsinga o senhorio": o reino de Narsinga ou de Bisnaga (v. Barros, III.IV.IV). Era reino gentio. Possuía grande parte da costa do Coromandel.

109.1-6

"Aqui a cidade foi que se chamava / Meliapor, ...": Hoje pequena povoação nos arredores de Madrasta, na costa do Coromandel. Pertencia ao reino de Narsinga ou Bisnaga; a Fé, que no mundo se pubrica": a fé católica.
Ort.: *inica* (por *iníqua*); *se pubrica* (*se publica*).

110.1

"Chegado aqui ...": a fonte dos milagres de S. Tomé aqui narrados vem em Barros (III.VII.XI) e abrange as est. 110 a 116. *Vagando,*

boiando sobre as vagas.
Ort.: *alifantes* (por *elefantes*).

111.2-8
"Que, só pera abalar-se, ...": só para ser movido; "... por derradeiro": por último; "... aos futuros por exemplo": como exemplo.

112.1-6
"Sabia bem que se com fé formada": "Pois em verdade vos digo, que se tiverdes fé, como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e passará, e nada vos será impossível" ("S. Mateus", XVII.19); "Os Brâmenes ...": v. VII.40.1.

113.3-5
"... buscam desvios": buscam impedimentos; "O principal, que ao peito traz os fios": é insígnia dos Brâmenes trazer a tiracolo um cordão de três fios.

114.3-4
"... como se usa": como é costume; Na edição *princeps* emprega *a morte*. Mas em vários lugares *aa morte*. É interessante este exemplo: "Qual Canace que â morte se condena" (VII.79). É claro que o *â* vale *à* ou *á*.

115.4
"Por testemunho, o seu, mais aprovado": mais digno de fé.
Ort.: *resucite* (por *ressuscite*).

116.2
"Que o Rei se banha logo na água santa": que o rei recebe imediatamente o baptismo.

118.7
"Pedimos-te que ... peças": o estilo sofre um pouco com a repetição.

119.1-6
"E vós outros que o nome usurpais / De mandados de Deus, ...": *usurpare* tem antes de mais em latim o sentido de *fazer uso de, servir-se de*. Por isso, como lembra ED, talvez a palavra não esteja em mau sentido; "Se sois mandados ...": enviados; "... se sois Sal e vos

danais": "Vos estis sal terrae" ("S. Mateus", V.13); "Na pátria, onde profeta ninguém é": "... Propheta in sua patria honorem non habet" ("S. João", IV.44). Dizem os comentadores que estas palavras se dirigem aos "Apóstolos", aos Jesuítas.

120.2-8
"E tornemos à costa debuxada": esboçada no globo; "Já com esta cidade tão famosa": Meliapor; "Se faz curva a Gangética enseada": muito mais pronunciada a curva nas bocas do Ganges; "Corre Orixa, de roupas abastada": um distrito de Bengala a oeste das bocas do Ganges e do Bramaputra (Ford). "& o reyno Orixá, que tem o maritimo do Oriente: o qual fica entre este Reyno Bisnagá, & o de Bengalla, & pelas costas vizinha cõ o Reyno Decan" (Barros, III.II.V); "... o ilustre rio / Ganges vem ao salgado senhorio": entra no golfo de Bengala.

121.5-8
"Vê Catigão, cidade das milhores / De Bengala ...": olhando-se para o delta formado pelos dois rios – Ganges e Bramaputra –, vê-se a leste a província de Catigão (Chittagong); "... Mas olha ques está posta / Pera o Austro, daqui virada, a costa": a costa, que aqui muda de direcção (do braço oriental da foz do Ganges) para sul.

122.1
"Olha o reino Arracão; olha o assento / De Pegu, ...": "he do Reyno Arracã, que vizinha com o de Bẽgalla que lhe fica ao Norte & e de Pégu q̃jaz ao Sul" (Barros, III.II.V). Com esta indicação a Ninfa transporta-nos para a Birmânia. O "reino Arracão" fica ao norte do Pegu, tendo a ocidente por linha litoral o golfo de Bengala. Para a explicação dos versos do Poeta, ver Barros: "Este povo de Pêgú tem lingua propria: differente dos Siames, Brammás, Arracam, com que vizinha, por cada hum ter lingua per si. Porém quanto à maneira de sua religião, templos, sacerdotes, grandeza de ídolos, & cermonias de seus sacrifidos, uso de comer toda immundicia, & torpeza de trazer cascavéis soldados no instrumento da gêração; convem muito cõ os Siames. E ainda dizem elles que os Siames procedem da sua linhagem, & será assi: porq̃ esta torpeza dos cascavéis em todas aquellas partes não se acha em outro povo. Donde se pode crer ser verdade o que elles cõtão, que aquella terra se povoou do ajuntamento de hũ cão & hũa molher ..." (Barros, III.III.IV.) Feio,

hediondo. *Soante arame,* cascavéis. O *error nefando,* o vício monstruoso.

123.1-3

"Olha Tavai cidade, onde começa / De Sião largo o império tão comprido": cidade na costa da Birmânia (mar de Andamão), em linha recta com Banguecoque; "*Tenassari, Quedá,* que é só cabeça": *Tenassari,* na Baixa Birmânia, ao sul de Tavai, diante do arquipélago Merguí. *Quedá*, povoação muito afamada pela sua pimenta, ficava depois de Tenassari e antes de Malaca, pois o Poeta diz: "Mais avante fareis que se conheça / Malaca ...".

124.1-8

"Dizem que desta terra [Malaca] ... / ... / ... o mar, entrando, dividiu / A nobre ilha de Samatra, ...": foi conhecida dos Antigos por *Áurea Quersoneso;* "Alguns que fosse Ofir imaginaram": Ofir tem tradições bíblicas. A essa longínqua e desconhecida região teria Salomão mandado buscar ouro. O Poeta admite que essa antiga terra pudesse ter sido Malaca.

125.1-8

"... Cingapura": ilha na ponta meridional de Malaca. Separa-a da terra firme o estreito de Lahore; "... onde o caminho às naus se estreita": por causa do estreito de Singapura; "Daqui tomando a costa à Cinosura": daqui voltando a costa ao norte; "Se encurva ...": forma o golfo de Sião; "Vês *Pam, Patane,* reinos, e a longura / De Sião ...": *Pam* (Pahang) e *Patane* (Patani), na península de Malaca. Pam, mais abaixo, um e outro do lado da China Meridional; "Olha o rio Menão, ...": o rio Menão tem a sua origem no Norte do Sião e entra no golfo do mesmo nome: "O anno passado indo elle com Fernão Perez d' Andrade caminho da China arribou à costa do Reyno de Siam, & entrou per o rio Menam, que o atravessa. Nas correntes do qual está situada a cidade Hudiá." (Barros, III.II.IV); "Do grande lago que Chiamai se chama": indicado pelos geógrafos antigos, ninguém sabe da sua existência. Sobre o reino Chiamai v. Barros III.II.V.

126.1-8

"Vês neste grão terreno ...": no reino de Sião; "Os Laos, ...": "ficando entre elles os povos Laos, que cercão todo este Reyno de Sião, assi per cima do Norte, como do Oriente ao longo do rio

Mecon" (Barros, III.II.V). "E pela parte do Ponente ... confina com as serranias que cortão de Norte Sul, onde jazem os Reynos Avá, & Bremá, & Iangomá" (id., ibid.); "... Gueos ...": "ali se atravessão hũas serranias tão ásperas, como os Alpes em que habitam os povos chamados Gueos, que pelejão a cavallo: com os quaes continuadamente elRey de Sião tem guerra, & vizinhão com elle somente pela parte do Norte. Ficando entre elles os povos Laos (id., ibid.) Os "Laos" tatuam-se e comem carne humana.
Ort.: *selvages* (por *selvagens*).

127.1-8
"Vês, passa por Camboja *Mecom* rio": Camboja, reino da Indochina, a nordeste da Cochinchina. *Mecom* é um dos maiores rios do Mundo. Desce do Tibete, atravessa uma parte da China e faz o seu caminho até ao mar da China Meridional.; "Tantas recebe d' outro só no Estio": caso de fonética sintáctica, segundo JMR. *Outro* está por *outros,* devendo ler-se: *doutro-ssó;* "... como indiscreta": com fraco discernimento; "Que pena e glória têm, despois de morte, / Os brutos animais de toda sorte": Camões tem provàvelmente no seu espírito a crença budística na transmigração das almas.

128.1-8
"Este receberá, plácido e brando": refere-se o Poeta ao seu naufrágio no mar da China, que deve ter-se verificado nos fins de 1558 ou princípios de 1559 (v. Jordão de Freitas, *O Naufrágio de Camões e dos Lusíadas,* Lisboa, 1915); "... quando / Será o injusto mando *executado*": este "injusto mando" continua ignorado. Leonel de Sousa, capitão do navio, trouxe-o preso. *Executado,* rima imperfeita.

129.1-8
"Vês, corre a costa que Champá se chama": "A designação de Champá aplicava-se no tempo de Camões a uma região assaz vasta, que abrangia uma boa parte da costa oriental do golfo de Sião" (CF, *FL,* p. 72); "Cuja mata é do pau cheiroso ornada": o linaloés; "Vês Cauchichina está, de escura fama": de fama obscura: "... com o qual confina o Reyno a q̃ os nossos chamão Cauchij, China & os naturaes Cachó. O qual acerca de nós he o menos sabido Reyno daquelas partes, por a sua costa ser de muitas tormentas & grandes baixos & a gente sem navegação" (Barros, I.IX.I). É regada pelo Mecom e outros rios; "E de Ainão vê a incógnita enseada": uma grande ilha,

entre o golfo de Tonquim e o mar da China Meridional. Em frente, na costa, a actual República Democrática do Vietname; "Da China corre, e ocupa o senhorio / Desde o Trópico ardente ao Cinto frio": refere-se o Poeta ao trópico de Câncer e ao círculo polar árctico.

130.1

"Olha o *muro e edifício nunca crido*": o *muro,* a Muralha da China; *e edifício,* e construção; *nunca crido,* inacreditável.
Ort.: *nacido* (por *nascido*).

131.5-7

"Esta meia escondida ... / ... / É Japão ...": também se designam as ilhas do arquipélago japonês por *ilhas da prata.* Foi evangelizada pelos jesuítas, o primeiro dos quais foi S. Francisco Xavier. Também por lá andou o nosso Fernão Mendes Pinto.
Ort.: *nace* (por *nasce*); *ilustrada*, latinismo que significa *iluminada.*

132.3-7

"Vê *Tidore* e *Ternate,* co fervente / Cume, ...": duas ilhas no arquipélago das Molucas, noutro tempo objecto de lutas com os Portugueses. Ternate, de formação vulcânica, tem um vulcão. Muito procurada pelas especiarias; "As árvores verá do cravo ardente, / Co sangue Português ...": esta especiaria, diz CF, ocupava no nosso comércio talvez o segundo lugar. Mais tarde, depois da viagem de Fernão de Magalhães, os Espanhóis tiveram pretensões ao domínio daquelas ilhas. O cravo é o botão do *Caryophyllus aromaticus,* L., árvore indígena apenas das cinco pequenas ilhas Molucas (v. CF, FL, p. 73); "Aqui há as áureas aves, ...": as "aves-do-paraíso", que se supunha não terem pés, e por isso voavam sempre até à morte.

133.1

"Olha de Banda as Ilhas, ...": "... assi neste nome Bãda se conthem outras cinco ilhas jũtas. Verdade he que a principal dellas se chama Banda ..." (Barros, III.V.VI.) "Nestas cinco ilhas nasce toda a noz moscada & e massa, que se leva per todalas partes do mundo: como em Maluco o cravo." (Id., ibid.) "E quando estão em frol, que he no tempo que a tem muitas plantas & hervas, q̃ nasc̃e per entre ellas: faz-se da mistura de tanta frol, hũa composição de cheiro, que não pode semelhar a nenhum dos q̃ cá temos entre nós." (Id., ibid.) É a semente da *Myrifica fragrans,* Houttuyn (CF, *FL,* p. 76)

133.5-6
"Olha também Bornéu, onde não faltam / Lágrimas no licor ...": é a árvore da cánfora. Esta é produzida pela *Driobalanops aromatica,* Gäertn., natural de Bornéu e de Samatra. O Poeta pintou muito bem a exsudação da goma para as fendas do lenho e aí se solidifica em massa semicristalina, numas lágrimas ou gotas pequenas (v. CF, *FL,* pp. 78-80).

134.1-5
"Ali também Timor, que o lenho manda": é a madeira do *Santalum album,* L., árvore da família das Santaláceas, que se encontra espontânea em algumas partes da Índia, várias ilhas do arquipélago malaio e Timor (v. CF, FL, p. 80); "Olha a Sunda, tão larga que ũa banda / Esconde pera o Sul dificultoso": "... & passada çũda está para leste a ilha da Jaoa, q̃ jaz leste oeste" (Castanheda, III.LXII). Em outro lugar: "& antrelas está çunda que he pedaço da de çamatra, em que ha muyta & muy boa pimẽta " (id., ibid.); "A gente do sertão que as terras anda": na *Carta a ũa dama* escreveu o Poeta:

> *Lá para onde o sol cai*
> *descobrimos, navegando,*
> *un novo rio admirando,*
> *que o lenho que nele cai,*
> *em pedra se vai tornando.*

135.1-6
"Vê naquela que o tempo tornou Ilha": alude de novo à ilha de Samatra (X.124.1-8); "Que também flamas trémulas vapora": tem vulcões; "A fonte que óleo mana, ...": "alem da muita quãtidade de ouro que nella ha, tambem se acha muita copia de estanho, ferro & algũ cobre, salitre, enxofre, tintas de minas: & hũ fonte de q̃ mana oleo, a que chamão napta em o reyno de Pacem, & no meio tem hum monte como o chamado Etna em a ilha Sicilia, pr q̃ lança fogo, aq os da terra chamão Balaluam." (Barros, III.V.I); "... e a maravilha / Do cheiroso licor que o tronco chora": é o *benjuin,* resina de uma pequena árvore das florestas de Java e de Samatra, o *Styrax Benzoin,* Dryander; enquanto à droga do mesmo nome, proveniente do Sião, não está bem tirada a limpo a sua procedência botânica» (CF, *FL,* p. 82). Garcia de Orta distingue o *benjuy amendoado* de Sião e Martabão de uma droga mais negra de Samatra, à melhor da qual chamavam

benjuy de boninas (cit. CF, FL, p. 84); "Cheiroso, mais que quanto... / De Ciniras, na Arábia, onde ela mora": nestes versos fala Camões da celebrada Mirra. A resina deste nome é produzida por uma pequena árvore da família das Burseráceas, a *Balsamodendron Myrrha,* Nees von Esembeck, que cresce na Arábia (CF, *FL,* p. 85).

136.1-8

"Olha, em Ceilão, que o monte se alevanta / Tanto que as nuvens passa ...": é pico de Adão. Foi dali, segundo os Mouros, que Adão subiu ao céu, encontrando-se lá uma laje com as suas pegadas; "Nas ilhas de Maldiva nace a pranta": a árvore, uma palmeira de grandes dimensões, a *Lodoicea Seychellarum,* Labffl., ficou desconhecida por muito tempo. Não assim os seus frutos, cocos de notável grandeza, que, caindo no mar, eram levados para oriente pelas correntes marítimas. Ocasionalmente eram arremessados às praias em diferentes regiões e mais particularmente nas inúmeras ilhas baixas e *atolls* das ilhas Maldivas. Julgaram tratar-se de produtos marinhos e puseram-lhes o nome de *cocos do mar* e *cocos das Maldivas* (CF, *FL,* pp. 86 e 87). Reputado como antídoto excelente.
Ort.: *nace* (por *nasce*); *pranta* (por *planta*).

137.1-6

"Verás defronte estar do *Roxo Estreito* / Socotorá, co amaro aloé famosa": estreito do mar Roxo; "do suco amargo das folhas de diversas espécies de aloé, plantas carnosas da família das Liliáceas, se obtém esta droga. A espécie mais conhecida, *Aloë Socotrina,* Lamark, habita a ilha donde tirou o nome, assim como outras regiões vizinhas do mar Vermelho, e parte ocidental do mar das Índias" (CF, *FL,* p. 89); "... na costa de África arenosa, / Onde sai do cheiro mais perfeito / A massa, ...": v. VI.25.6-8.

138.5-6

"Mas é também razão que, no Ponente, / Dum Lusitano um feito inda vejais": é o "agravado" Lusitano do v. 7, Fernão de Magalhães. Descobriu em 1520 o estreito que tem o seu nome. Empreendeu a primeira viagem de circum-navegação do Globo, mas foi morto nas Filipinas.

139.1-6

"Vedes a grande terra que contina / Vai de Calisto ao seu contrário Pólo": que vai do Pólo Norte ao Pólo Sul – a América; "Que

soberba a fará a luzente mina / Do metal que a cor tem do louro Apolo": as minas de ouro; "Castela ... será dina / De lançar-lhe o colar ao rudo colo": de a submeter.
Ort.: *contina* (por *contínua*); *dina* (por *digna*).

140.1-2
"Mas cá onde mais de alarga, ali tereis / Parte também, co *pau vermelho* nota": o Brasil, que teve no início do descobrimento o nome de Santa Cruz. *Pau vermelho:* refere-se aqui Camões ao *pau-brasil* da América, de cor vermelha, produzido por diversas árvores do género *Caesalpinia,* da família das Leguminosas, e por outra árvore da mesma família, o *Peltophorum Linnaei,* Bentham. O *brasil* (nome que se julga derivado da sua cor rubra) já era conhecido na Europa. Nas terras de Santa Cruz havia muito *brasil.* E a exploração comercial levou de vencida a designação inicial (CF, FL, pp. 91 a 94).

140.7-8
"O Magalhães, no feito, com verdade, / Português, porém não na lealdade": Fernão de Magalhães, "homem de boa casta" (como diz Damião de Góis na *Crónica de D. Manuel*), que se achara com Afonso de Albuquerque na tomada de Malaca, pediu a el-rei D. Manuel que lhe acrescentasse mais duzentos reais por mês, "que he meo cruzado douro", e o rei deu-lhe de acrescentamento "hum tostam". Achando-se desfavorecido, foi colocar-se ao serviço de Carlos V, dando-lhe a entender que as ilhas de Maluco e Banda estavam nos limites das demarcações de Castela. Magalhães partiu de Sevilha aos 8 de Março de 1519 (v. Góis, *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel,* t. IV, pp. 94 e segs., Coimbra, 1955).

141.3-8
"Dũa estatura quási giganteia / Homens verá, da terra ali vizinha": os primeiros europeus que viram "patagões" (habitantes da Patagónia), homens de alta estatura, foram Magalhães e seus companheiros; "Co nome dele agora, ...": o Poeta esqueceu-se de que era a Ninfa que estava a falar e falou por ela, dando como realizado um facto que ainda estava para se realizar ao tempo da viagem do Gama; "... o qual caminha / Pera outro mar ...": o oceano Pacífico, tendo dado a volta pelo extremo do oceano Atlântico; "... e terra que fica onde / Com suas frias asas o Austro a esconde": para outra terra ainda desconhecida.

143.5
"Levam refresco ...": provisão de vitualhas frescas.

144.2-8
"Com vento sempre manso e nunca irado": a mesma ideia expressa por forma positiva e negativa; "Até que houveram vista do terreno / Em que naceram ....": o Poeta eliminou neste final as circunstâncias históricas. Nicolau Coelho apartou-se da armada e chegou a Cascais em 10 de Julho de 1499. Vasco da Gama na ilha de Santiago fretou uma caravela para levar seu irmão Paulo da Gama, muito doente – tão doente que faleceu –, à ilha Terceira. Vasco da Gama chegou a Belém em Setembro do mesmo ano. A viagem durara dois anos e dois meses; "O prémio e glória dão por que mandou": entregam a seu rei a glória e o prémio por aquilo que ordenou; "E com títulos novos se ilustrou": o rei de Portugal, que até então se intitulava *Rei de Portugal e dos Algarves, de aquém e de além Mar em África, Senhor da Guiné,* acrescentou depois do descobrimento da Índia: *e da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e da Índia.*

145.1-8
"Nô mais, Musa, nô mais, ...": o *nom,* forma antiga do advérbio de negação, manteve-se em próclise com *mais,* mas perdeu a nasalação. Em III.67.8 e em duas canções usa a mesma forma: "Canção, nô mais ..." e "Nô mais, Canção, nô mais ..."; "... que a Lira tenho / Destemperada ...": desafinada; "O *favor com que* mais se acende o engenho": o apoio com que; "Dũa austera, apagada e vil tristeza": de uma sombria, amortecida e mesquinha tristeza.

146.2-6
"Não tem ...": ela, a Pátria; "... por divino / Conselho ...": por Providência Divina.
Ort.: *contino* (por *contínuo*).

147.6-8
"A golpes de Idolátras ...": a palavra torna-se grave por motivo da acentuação métrica; "... ao profundo": ao mar (profundo).
Ort.: *liões* (por *leões*); *pexes* (por *peixes*).

148.2-7
"De vós tão longe ...": apesar de tão longe de vós; "Demónios

infernais, *negros* e ardentes": imagem do guerreiro invencível. *Negros* da pólvora e do fumo das batalhas; "Cometerão convosco ...": acometerão.

149.1-3
"Favorecei-os logo ...": portanto; "... e leda humanidade": com alegre afabilidade; "De rigorosas leis desalivai-os": aliviai-os.

150.1-6
"Todos favorecei em seus ofícios, / Segundo têm das vidas o talento": a cada um conforme a sua capacidade; "Tenham Religiosos exercícios": tenham os religiosos a ocupação; "De rogarem, por vosso regimento, /... / ... pelos vícios / Comuns ...": de rogarem pelo cumprimento de vossas leis *e* pelos vícios comuns.

151.3
"... a Lei de cima": a lei de Deus.

152.2-8
" ... Galos, . . .": está por "Franceses"; "Mais em particular o experto sabe": o Poeta faz a apologia da experiência e exemplifica na estância seguinte.

153.1-4
"De Formião, filósofo elegante": filósofo peripatético do tempo de Aníbal, com escola em Éfeso, que falou doutoralmente sobre artes bélicas diante do chefe militar. A anedota é contada por Cícero no *De Oratore,* II.18.

No segundo verso tem de ler-se "Anibál" por causa da acentuação métrica; "A disciplina militar prestante": v. AP, *EC,* p. 12.

154.3-6
"Da boca dos pequenos sei, contudo": tradução da passagem bíblica: "*ex ore infantium at lactentium perficisti laudem* ..." ("Salmo 8", v. 3), MR; "Nem me falta na vida honesto estudo, / Com longa experiência misturado": v. AP, *EC,* p. 2: "O 'honesto estudo' e a 'longa experiência'."

155.1-8
"Pera servir-vos, braço às armas *feito*": afeito; "Só me falece ...": só me falta; "De quem virtude deve ser prezada": virtude (*virtus*), merecimento; "... a vossa inclinação ...": a vossa propensão.

156.1-4
"Ou fazendo que, mais que a de Medusa / A vista vossa tema o monte Atlante": *Perseu* converteu *Atlas* em rochedo, mostrando-lhe a cabeça de *Medusa.* Atlas (Marrocos) deve temer mais ainda a vista do rei; "Ou rompendo nos campos de *Ampelusa*": v. III.77.3; "Os muros de Marrocos e *Trudante*": *Trudante* ou *Tarudante,* capital de província vizinha de Marrocos.

Interpretação das Siglas Adoptadas e de Algumas Referências

AB	*CH*	(Frei) António Brandão, *Crónica do Conde D. Henrique, D. Teresa e Infante D. Afonso* (Civilização, Porto);
–	*CAH*	*Crónica de D. Afonso Henriques* (Civilização, Porto).
AFGV	*EA*	Dr.ª Augusta Faria Gersão Ventura, *Elementos Astronómicos das Obras de Gil Vicente e de Camões* (Lisboa, 1941);
–	*FH*	*As «Flores Hiacentinas» de Camões (O Instituto),* vol. 75.º e separata (1928);
–	*NC*	*Notas Camonianas* (Coimbra, 1948, 1956 e 1959);
–	RUC	Revista da Universidade de Coimbra, vol. XI (O «adónis» de Camões).
AP	*EC*	Afrânio Peixoto, *Ensaios Camonianos* (Coimbra, 1932).
AP e PAP	*DL*	Afrânio Peixoto e Pedro António Pinto, *Dicionário d'Os Lusíadas, de Luís de Camões* (Rio de Janeiro, 1924).
ARM	*Passos*	Atílio Rego Martins, *Passos dos Lusíadas* (Castelo Branco, 1934).
ACPL	*Port.*	Augusto C. Pires de Lima, *Portucale* (revista).
AP	*Port.*	António Pinho, *Portucale.*
BS	*CM*	Almirante António Mendes Brás da Silva, *Camões Marinheiro* (Brasília, 1972).
CMV		Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

CF	*FL*	Conde de Ficalho, *Flora dos Lusíadas* (Lisboa, 1880).
CB		Cláudio Basto, *Os Lusíadas, de Luís de Camões* (Porto, 1930);
–	*RL*	*Revista Lusitana.*
Cic.	*De Or.*	Cícero, *De Oratore* (texto estabelecido e traduzido por Edmond Courbaud). «Les Belles Lettres», 3 vols., 1962;
–	*Pis.*	*In L. Pisonem* (Discursos, t. XVI, 1.ª parte. Texto estabelecido e traduzido por Pierre Grimal). «Les Belles Lettres», 1926.
DG		Duarte Galvão.
	DL	*Dicionário d'Os Lusíadas* (de AP & PAP).
	DVVG	*Diário da Viagem de Vasco da Gama,* 2 vols. (Civilização, Porto).
ED		*Os Lusíadas, de Luís de Camões,* comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias (2.ª ed. melhorada, 2 tomos, Porto, 1916-1918);
–	*SHP*	*Sintaxe Histórica Portuguesa*, 2.ª ed., Lisboa, 1933.
Esparteiro	*DIM*	António Marques Esparteiro (Comandante), *Dicionário Ilustrado de Marinharia* [1936] (cit. por BS).
Estrabão	*G*	ΣΤΡΑβΟς ΓΕΩΓΡΑΦΙΚΩΝ - *A Geografia de Estrabão* (texto em grego e em inglês, versão de H. L. Jones). Col. «The Loeb Classical Library», 8 vols., MCMLIX.
FC		*Os Lusiadas de Luiz de Camões.* Nova edição por Francisco Freire de Carvalho. Lisboa, 1843.

(Ford)		*Os Lusíadas by Luís de Camões,* edited with introduction and notes by J. D. M. Ford. Cambridge, Harvard University Press, 1946; Kraus Reprint Company. New York, 1969.
FS		*Lusíadas de Luis de Camoens* ..., comentadas por Manuel de Faria e Sousa. Madrid, 1639 (edição original), e Lisboa, 1972 (edição fac-similada).
GG	*CG*	*Cancioneiro Geral,* de Garcia de Resende (edição de A. J. Gonçalves Guimarães. Coimbra, 5 vols., 1910-1917).
Gaspar Barreiros	*Chor.*	Gaspar Barreiros, *Chorographia* (reimpressão pelos *Acta Universitatis Conimbrigensis,* 1968).
(Grimal)		Pierre Grimal, *Dictionnaire de la Mythologie grecque et romaine.* Préface de Charles Picard. Presses Universitaires de France, 1969.
Hesíodo	*TH*	ΘΕΟΓΟΝΙΑ - *Teogonia* (edição em grego e em francês, versão de Paul Mazon). «Les Belles Lettres», Paris, 1967.
Horácio	*O*	Horácio, *Odes e Epodos* (edição em latim e em francês, versão de F. Villeneuve). Paris, 1970.
	IAVL	*Índice Analítico do Vocabulário de «Os Lusíadas»,* 3 vols. [Rio de Janeiro], 1966.
JMR	*BCL*	José Maria Rodrigues, *Boletim da Classe de Letras;*
–	*FL*	*Fontes dos Lusíadas* (Coimbra, 1905);
–	*LP*	*A Língua Portuguesa* (revista de filologia);
–	*MACL*	*Memórias da Academia das Ciências de Lisboa - Classe de Letras* (Lisboa, 1940).

JMR e ALV (ou só JMR).	*EN*	*Os Lusíadas de Luís de Camões – Edição Nacional* [José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira]. Lisboa [1928].
JN	*DGdL*	Júlio Nogueira, *Dicionário e Gramática de «Os Lusíadas»*. Rio de Janeiro – S. Paulo, 1960.
LN		Leonardo Nunes, *Crónica de D. João de Castro.* Cambridge, Massachusetts, 1936.
LPS	*AL*	Luciano Pereira da Silva, *Astronomia dos Lusíadas,* Coimbra, 1915 (separata da *RUC*). Este estudo foi reproduzido nas *Obras Completas,* col. I, pp. 199 e segs., com algumas intercalações achadas no original do autor. Nova edição, preparada pelo Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga (Junta de Investigações do Ultramar), saiu em 1972.
MC		Manoel Correa, *Os Lusíadas do grande Luís de Camões* (Lisboa, 1613).
MM		*Os Lusiadas, poema épico de Luís de Camões.* Nova edição correcta e dada à luz por Dom Iozé Maria de Souza-Botelho (Morgado de Mateus), Paris, MDCCCXVII (edição da Livraria Sam Carlos, 1972).
MR		*Lusíadas* ..., edição revista, prefaciada e anotada por Mendes dos Remédios (Coimbra, 1913).
Ov.	*F*	Ovídio, *Fasti* (texto em latim e em inglês. Tradução de Sir James George Frazer). Col. «The Loeb Classical Library». London, William Heinemann / Cambridge (Massachusetts), Harvard University Press, MCMLI;

–	*H*	*Heroides* (texto estabelecido por Henri Bornecque e traduzido por Marcel Prévost). «Les Belles Lettres», 1965;
–	*M*	*Metamorphoseon libri 15* (texto estabelecido e traduzido por George Lafaye). «Les Belles Lettres», 1966;
–	*P*	*Epistulae ex Ponto* (v. *Tristia*);
Ov.	*T*	*Tristia* (texto em latim e em inglês. Tradução de Arthur Leslie Wheeler). Col. «The Loeb Classical Library». Cambridge (Massachusetts) / London MCMLIII.
Plínio (ou só Plínio)	*NH*	Plinii *Naturalis Historia* (texto em grego e em inglês, em 10 vols.). Trad. de H. Rackhmam, W. H. S. Jones e D. E. Eichholz. Col. «The Loeb Classical Library», Cambridge (Massachusetts). Harvard University Press / London, William Heinemann, MCMXLIX-MCMLXII.
SJ		*Luís de Camões, Obra Completa*. Organização, introdução e anotações do Prof. António Salgado Júnior (Rio de Janeiro, 1963).
TB		Teófilo Braga, *A Obra Lírica e Épica* (Porto, 1911).
	Vincent.	L. Andreae Resendii, *Vincentius levita et martyr* (L. Andr. Resendii *De Antiquitatibus Lusitaniae,* tomus II. Conimbricae, MDCC).
V	*B*	*Virgílio, Bucolica* (texto estabelecido e traduzido por E. de Saint-Denis). «Les Belles Lettres», 1949;
–	*E* (ou En.)	*Æneis* (texto estabelecido por Henri Goelzer e traduzido por André Bellessort). «Les Belles Lettres», Paris, 1970;

–	*G*	*Georgica* (texto estabelecido e traduzido por E. de Saint-Denis). «Les Belles Lettres», Paris, 1968.

As siglas que acima se desdobraram e muitas outras referências para as quais se não adoptaram siglas representam um importante núcleo bibliográfico de vária proveniência, inclusivamente da minha livraria própria. Mas nada disto sofre comparação com o número e qualidade das espécies que requisitei na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (várias de fundo antigo) e que pude consultar com toda a comodidade. Muito reconhecidamente agradeço, portanto, ao director da mesma Biblioteca, o meu prezado colega Doutor Guilherme Braga da Cruz, ao bibliotecário-chefe, Dr. César Joaquim da Silva de Oliveira Pegado, ao bibliotecário da sala do catálogo, Dr. José Joaquim de Abreu Barbosa, e à bibliotecária Dr.ª Maria Teresa Pinto Mendes, da secção dos «Reservados», – a todos estes as facilidades que me foram concedidas e ainda a todos os que serviram sob as suas ordens, com zelo e eficiência insuperáveis, nunca se poupando a esforços nem a canseiras para bem servirem o investigador: os Srs. Valdemar Peça de Gouveia, Artur Fernandes e José Panão, em quem vi sempre, mais do que funcionários, verdadeiros amigos.

Reservo o meu agradecimento final (muito sincero e quase saudoso) para aqueles sobre quem recaiu a pesada tarefa da composição e impressão deste volume, muito lamentando não os poder individualizar a todos.

Este trabalho, de demorada e paciente atenção, teve o seu mais categorizado esteio no director industrial da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Sr. Américo Matias de Aguiar, seguido do seu substituto e chefe dos serviços gráficos, Sr. Dr. António Guilhermino Pires, do mestre e contramestre da Escola de Composição, respectivamente Srs. Álvaro Marques Tavares e Vítor Manuel Marques, e, ainda, dos alunos-aprendizes do 3.º ano. Não quero esquecer, pela sua importante colaboração, o sector da Revisão, com especial referência ao Sr. Basílio Duarte de Carvalho, com quem mantive constante entendimento.

Ao interesse e competência das individualidades citadas quero juntar a perfeita vontade de bem-servir dos compositores linotipistas, dos impressores e encadernadores, que souberam concretizar nesta obra a excelente ideia gráfica que a inspirou.

ÍNDICE DE NOMES PRÓPRIOS DO TEXTO DE «OS LUSÍADAS»

Na realidade não nos limitámos a elaborar um índice dos nomes próprios. Em vez de imitarmos os comentadores que nos precederam, entendemos que tanto interessa ao leitor referenciar *Lũa* como *o Planeta que no Céu primeiro / habita,* que *Rei Judaico* só fica verdadeiramente referendado quando lhe dissermos que é [Ezequias]. Apesar das *Notas,* que já esclarecem muitos passos do Poema, pareceu-nos que indicar sucintamente que a *Deusa dos Amores é Vénus,* que *o grão Tebano* é *Baco* tinha real interesse. Por isso o nosso *índice* não se parece com os que o leitor pode encontrar em outros textos de «Os Lusíadas», que apenas registam os nomes próprios, parte de um todo muito mais amplo.

A

ABÁSSIA: X.50.7.
ABASSIS: X.68.1, 95.4.
ÁBILA: III.77.5; IV.49.5; VIII. 17.4, 71.4.
ABRAÃO: I.53.6.
ABRANCHES (Conde de) – Vide *Vasques de Almada (Antão):* IV.25.3.
ABRANTES: IV.23.2-3; VIII.22.5.
ACIDÁLIA – Vide *Vénus:* VIII.64.7; IX.52.8.
ACRISO (Acrísio) – Vide [*Dánae*]: VIII.97.4.
ACROCERÁUNIOS: VI.82.4.
ACTÉON: IX.26.1, 63.4.
ACTIAS GUERRAS: II.53.3.
ADAMASTOR – Vide *Gigante:* V.39.1 (ũa figura), 49.1 (monstro), 51.1 (filho da Terra) e 3, 60.8.
ADÃO: IV.70.7; VIII.65.6.
ÁDEM: X.99.6.
ADÓNIS -Vide *Ciniras* e *Mirra:* IV.63.6; IX.60.7 (filho e neto).
ADRIÁTICO (adj.): II.97.7.
AFONSO – Vide *Bolonhês: a)* De Port.: AI († 1185): I.13.3; III.30.1, 42.1, 45.4, 46.8, 58.6, 64.3, 67.1, 73.5, 79.5, 83.2, 84.8; VIII.11.1; AII († 1223): III.90.4, 91.1; AIII († 1279): I.13.8; III.94. 2-3, 94-5, 96.2; AIV († 1357): I.13.8; III.98.8, 99.8, 101.5 (Lusitano), 101.8 (Daquele ...), 105.1 (ó Rei), 108.3, 109.1, 112.7 (o Português), 115.6 (forte Rei), 118.2, 124.2 (o Rei), 130.1 (o Rei); IV.17.3 (filho de D.

Dinis); AV († 1481): I.13.8; IV.54.1, 60.2; *b)* AVI (de Leão e I de Castela) († 1109): III. 23.1, 24.7; AVII (de Leão e II de Castela) († 1157): III. 36.3 (Castelhano), 37.2 (Rei castelhano), 38.5 (Rei alto), VIII.14.4 (Castelhano); AIX (de Castela) (aliás VIII) († 1214): VIII.22.2; AXI (de Castela) († 1350): III.104.1 (Aquele), 109.1, 112.5 (o Castelhano), 115.6 (forte Rei).
ÁFRICA: I.2.4, 15.8; II.103.1, 110.4; III.20.8, 103.2; IV.54. 7; V.10.2,65.2; VII.11.6, 14.5; VIII.72.5; X.53.2, 92.3, 97.6-7, 137.4.
AFRICANO: I.29.6, 51.3, 77.2; IV.20.4, 48.6; V.50.5; VI.83.2; VII.70.5; IX.15.5.
ÁFRICO (subs.): I.27.4.
AGANIPE: III.2.4.
AGAR – Vide *Ismael:* III.26.2, 110.1; VIII.47.6.
AGARENO: III.110.4 (adj.), VIII.51.2 (subst.).
AGARENOS: III.26.1-2 (descendentes de Agar).
AGRIPINA († 59 p. C.): III. 92.4.
AIACE: X.24.3.
AINÃO: X.129.4.
ALANDROAL – Vide *Landroal.*
ALANQUER (Alenquer): III. 61.6.
ALBERGARIA (Lopo Soares de) – Vide *Soares de Albergaria.*
ÁLBIS: III.11.8, 58.1.
ALBUQUERQUE (Afonso de): I.14.7; X.40.2, 45.2, 45.5 (grande Capitão).
ALCÁCER – Vide *Alcácere.*
ALCÁCERE (Alcácer Seguer): IV.55.7; VIII.38.6.
ALCÁÇARE DO SAL (Alcácer do Sal): III.62.8, 90.6; VIII.24.5.
ALCÁCER DO SAL – Vide *Alcáçare do Sal.*
ALCIDES (Hércules): III.137.8; IV.49.4, 80.2; IX.57.3.
ALCINO (Alcinoo): II.82.4.
ALCIÓNEAS (aves): VI.77.1.
ALCMENA (filho de) – Vide *Hércules:* III.141.3.
ALCORÃO: III.50.8; VII.13.4.
ALEMÃES: VII.4.1; X.152.2.
ALEMANHA: III.11.5; VI.69. (1-8).
ALENCASTRO (Duque de): VI. 46.8, 47.1 (este Ingrês), 48.1 (Este ...), 50.1, 50.8, 51.8, 53.4, 57.7, 67.1.
[ALENQUER] – Vide *Alanquer.*
ALENTEJO: III.75.3.
ALETO (Alecto): VII.10.5.
ALEXANDRE – Vide *Alexandro.*
ALEXANDRO (Alexandre Magno): I.3.3, 75.2 (filho de Filipo); V.93.2, 96.7; VII. 54.5 (capitão mancebo); VIII.12.1 (Alexandre); X.48.1 (Alexandre), 156.7.
ALEXANDROS: V.95.2.

ALFEU: IV.72.7.
ALGARVES: III.95.1; VIII.25.3.
ALMADA (Antão Vasques de) – Vide *Vasques de Almada.*
ALMEIDA (D. Francisco de): V.45.1 (primeiro ilustre); X.26.1-2 (outro), 33.1 (o pai), 34.6.
ALMEIDA (D. Lourenço de): X.26.2-3 (O filho), 27.8.
ALMEIDAS – Vide *Almeida, D. Francisco de Almeida, D. Lourenço de:* I.14.6.
ALTO PODER (Deus): I.21.3.
ÁLVARO – Vide *Braga.*
ÁLVARO – Vide *Castro.*
AMALTEIA: II.72.4.
AMÁSIS: III.11.8.
[AMÉRICA] (Brasil): VII.14.7 (quarta parte nova).
ÁMON – Vide *Júpiter:* VII.48.2.
AMOR – Vide também *Cupido:* II.36.4; III.56.7, 119.5,132.3, 142.2; V.46.4; VI.87.4; IX.75.3, 81.6-7; X.46.8, 49.2.
AMORES (Fonte dos): III.135.8.
AMPAZA: X.104.7.
AMPELUSA: III.77.3; X.156.3.
ANDALUZIA: III.85.6; IV.9.3.
[ANDEIRO (João Fernandes)] (Conde galego): IV.4.6, 6.6.
ANDRÓMEDA: X.88.4.
ANFIÓNIAS (de Anfião) – Vide *Tebas:* IX.19.4.
ANFITRITE – I.96.2; VI.22.1, 22.7 (Ambas).
ANÍBAL – Vide *Peno:* III.116.5 (Peno), 141.7 (Peno); VII. 71.8; X.153.2.
ANQUISES: IX.23.2.
ANRIQUE (Conde D. Henrique) († 1114): III.25.1, 25.7 (o Conde), 27.1; VIII.9.2 (grão progenitor), 9.7.
ANTÁRTICO (Antárctico): I.51.2; V.50.7, 65.4; VIII.67.7 (frios Antárticos); X.141.2.
ANTENOR: II.45.3; III.14.2.
ANTEU: III.77.4; V.4.6; VII.24.4.
ANTÓNIO (Marco): II.53.4 (capitão); III.136.8, 141.5; IV.59.6; V.95.8; VI.2.4.
ANÚBIS MENFÍTICO: VII.48.8.
AÓNIA (água): V.87.1.
APELES: X.48.1.
APENINO: III.15.3.
ÁPIO: III.140.4.
APOLO – Vide *Febo* e *Délio:* I.4.7 (Febo), 37.7, 56.5 (Febo); II.89.2 (filho de Latona), 105.1; III.1.5 (inventor da Medicina), 2.6, 8.5, 20.4 (Febo), 97.6; IV.75.5 (Febo); V.15.2, 91.5 (mancebo Délio); VII. 67.2 (mancebo Délio), 87.5; IX.53.4 (Febo), 57.4 (Do louro Deus), 62.4 (filho de Latona), 74.8 (Febo), 91.5 (Febo); X.1.1 (o claro amador da Larisseia / Adúltera), 25.6 (Dos Apolíneos raios), 86.7 (Febo), 87.8 (Febo), 139.4 (do louro Apolo).

APÚLIA: III.141.8.
AQUEMÉNIA: IX.60.3.
AQUERONTE: I.51.8.
AQUILES: III.131.3; V.93.2, 98.4; X.156.8.
AQUILES LUSITANO – Vide *Pereira (Duarte Pacheco):* X.12.4.
ÁQUILO: VI.31.4, 76.5.
ARA: VIII.71.8.
ARÁBIA: III.72.1; IV.63.7, 101.8; VI.25.8; IX.3.4 (esse Reino); X.102.4, 135.6
ARÁBIA (adj.): V.76.3.
ARÁBIAS (três) (Arábia Feliz, Arábia Petreia e Arábia Deserta): X.100.1.
ARÁBICO: I.50.2; V.77.1; VII.33.2; IX.7.2; X.50.4.
ARÁBIO (Maomé): IV.100.3.
ARAGÃO: IV.57.3.
ARASPAS: X.48.6.
ARCÁDIA: IV.72.7.
ARCTURO: I.21.6; III.6.6.
ARETUSA (fonte): IV.72.8.
ARGO (Argos: cidade no Peloponeso, capital de Argólida): V.87.4.
ARGONAUTAS: I.18.6; IX.64.2.
ARGOS *a*) construtor da nau *Argo:* IV.85.8; *b)* nome de uma constelação do Hemisfério Austral (por Argo): VIII.71.8.
ARMÉNIA: III.72.6.
ARMÉNIOS: VII.13.1.
ARMUZA (cidade) – Vide *Ormuz:* X.103.7.
ARÓMATA (cabo) – Vide *Gardafu:* X.97.1.
ARQUICO (porto da Abissínia): X.52.6, 97.8.
ARRACÃO (na Birmânia): X.122.1.
ARRONCHES: III.55.5; VIII.19.2.
ARSINÁRIO (cabo) – Vide *Cabo Verde:* V.7.7.
ARSÍNOE: IX.2.2; X.98.3.
ARTABRO (monte): IV.28.3.
ARZILA (cidade de Marrocos): IV.55.8.
ARZIRA: X.99.7.
ASABORO (Cabo) (Moçandão): X.102.1.
ÁSIA: I.2.4; III.7.2; VII.14.6, 18.2; VIII.5.3; X.97.6, 98.7.
ASIANO: I.60.6.
ASSÍRIA: VII.11.5; IX.34.8 (um mancebo de Assíria).
ASSÍRIA (adj.): VII.53.2 (Assíria gente).
ASSÍRIOS: I.24.8.
ASTIANÁS (Astyanax): IV.5.5.
ASTREIA: IV.27.7.
ASTÚRIAS: III.19.3; IV.11.5.
ATAMANTE: VI.23.1.
ATENAS: III.97.5; V.87.4.
ÁTILA († 453 p. C.) – Vide *Huno:* III.100.3; IV.24.3 (Huno).
ATLANTE (ou Atlas): I.20.8; monte: III.73.1,77.1; X.156.2.
ATLÂNTICO: V.10.8.
ATLÂNTICO (adj.): X.3.8.
ATREU: III.133.4.
ÁTROPOS: III.98.5.
AUGUSTO († 14 p. C.): II. 53.2; III.136.8; V.95.2.
ÁUREA QUERSONESO

(Península de Malaca): II.54.5; X.124.5.
AURORA: I.14.2, 21.8, 59.1; II.53.5, 92.3 (mãe de Menon), 110.7; IV.60.7; VI.5.3; IX.13.6, 61.3; X.44.3, 102.7, 125.4.
AUSÓNIA: V.87.5.
AUSÓNIOS (de Ausónia): X.21.5.
AUSTRAIS: VIII.72.6.
AUSTRAL: III.6.8; VII.17.3.
AUSTRINA (META) DA ESPERANÇA BOA – Vide *Cabo da Boa Esperança:* IX.16.4.
AUSTRO (vento): I.35.1; VI.76.5.
AUSTRO (Sul): I.21.7; V.12.1; X.39.7, 92.6, 121.8, 141.8.
AVÁS: X.126.4.
AVÓS (dous) (de D. Sebastião: D. João III e Carlos V): I.17.2.
ÁXIO: III.13.2.
AZENEGUES: V.6.2.

B

BABEL: IV.64.2; VI.74.4; VII.45.8.
BABILÓNIAS: III.41.8.
BAÇAIM: X.61.5.
BACANOR (cidade do reino de Narsinga): X.59.5.
BACO – Vide também *Tioneu,Tebano* e *Lieu:* I.30.5 (o padre Baco), 39.3, 49.6 (Lieu), 73.1 (o grão Tebano), 97.2, 104.7; II.10.1-3 (aquele ...), 12.2, 12.7 (Tioneu), 39.7; III.21.6; IV.27.8; VI.6.5 (Tioneu), 10.4, 14.1 (Lieu), 14.8 (o Rei do Vinho), 15.2, 20.8 (o padre Lieu), 25.6 (o Tebano), 26.4 (Tioneu), 86.1; VII.52.3 (um capitão); VIII.3.1 (o Tebano), 4.2, 47.7, 49.1; IX.19.3-4 (nascido nas Anfióneas Tebas), 39.2, 46.3, 91.6 (e os dous Tebanos).
BACTRA (por *Bactro):* II.53.6.
BADAJOZ: III.66.1, 68.5, 70.1 (na cidade).
BAFO (Espírito Santo): VII, 69.3.
BALDOVINO: X.49.6.
BANDA: IX.14.5; X.133.1.
BARBARIA – Vide *Berberia.*
BÁRBARO – Vide *Mouros.*
BARBORÁ (cidade da África Oriental): X.50.7.
BARÉM: X.41.8, 102.5.
BATICALÁ (cidade da Costa do Malabar): X.66.6.
BATRO (por *Bactro,* afluente do rio actualmente chamado Amu-Dária): VI.60.5.
BEADALA (cidade indiana não muito afastada do Cabo Comorim): X.65.8, 66.6.
BEATRIZ (D.) (Filha de D. Fernando de Portugal): IV.7.1.
BEJA: III.64.1, 76.4, 85.7.
BELÉM: X.12.2.
BELISÁRIO: X.22.5.
BELONA: VIII.27.3.

BENGALA: VII.20.7; X.121.6.
BENJAMIM: III.140.7.
BENOMOTAPA: X.93.1.
BERBERIA: V.6.8 (Barbaria); VII.24.3; VIII.38.2.
BÉTICA (bandeira): IV.46.5.
BÉTIS – Vide *Guadalquivir:* III.19.8, 60.7, 85.4.
BÍBLI: IX.34.7.
BINTÃO (Ilha situada no estreito de Singapura): X.57.1.
BIPUR (Reino da Costa do Malabar): X.14.2.
BIZCAINHA (das províncias Vascongadas): IV.11.2.
BISPO DE LISBOA – Vide *Dom Mateus:* VIII.24.7.
BIZÂNCIO: III.12.7; VII.12.4.
BOA ESPERANÇA (Cabo da): IX.16.4.
BOÉMIOS: III.11.6.
BOLONHÊS (Conde) – Vide *D. Afonso III:* III.94.2.
BONS SINAIS (rio dos): V.78.4.
BOOTES: III.71.7.
BÓREAS: I.35.1; III.49.3; V.9.5; VI.31.3, 76.5, 88.7, 89.1.
BORNÉU: X.133.5, 133.8 (Ilha).
BRAGA (Álvaro de): VIII.94.3.
BRAMÁS (Povo vizinho do Reino do Pegu): X.126.4.
BRÂMENE (um): VII-58.5.
BRÂMENES (casta indiana dos sacerdotes): VII.40.1; X.112.6, 113.1, 116.5.
BRASIL – Vide *[América]* e *Santa Cruz:* X.63.3.
BRAVA (cidade africana ao norte de Melinde): X.39.4.
BRETANHA: III.58.2.
BRIAREU: VII.48.6.
BRIGO: IV.8.1.
BRÚSIO: III.10.8.
BUSÍRIS: II.62.5.

C

[CÁDIZ] – Vide *Cáliz.*
CADMO (Filho de um rei fenício): VII.9.2.
CÃES (Constelação): X.88.8.
CÃES – Vide *Turcos:* VII.9.6.
CAFRES: V.47.3; X.38.1.
CALAIATE (cidade da costa sudoeste da Arábia): X.41.4.
CALATRAVA (Mestre de): IV.40.6.
CALECU (Calecute): II.52.3; VI.92.8; VII.16.4, 22.6, 35.7; IX.10.2; X.14.6, 35.4, 64.7.
CALÍOPE: III.1.1, 2.1; V.99.6; X.8.5, 9.7-8 (ó grão rainha das Musas).
CALIPSOS: V.89.2.
CALISTO (Pólo Norte): I.51.2; V.13.6; X.139.2.
CÁLIZ (Cádiz) na Andaluzia: IV.9.5 (nobre ilha), 57.7.
CALPE (Herculano): III.23.6.
CAMBAIA: X.29.8, 34.5, 72.3, 106.5.
CAMBAIA (O Reino de):

VII. 21.1.
CAMBAICA (Costa): X.60.6.
CAMBAICO (Rei): X.64.1.
CAMBAICOS: X.32.8 (A cambaicos cruéis).
CAMBALÃO (Ilha próximo de Cochim): X.13.6.
CAMBOJA: X.127.1.
CAMENAS – Vide *Musas:* V.63.8; VII.85.5.
CAMPASPE: X.48.2.
CÂNACE: VII.79.7.
CANANOR (na costa do Malabar): II.52.2; VII.35.1; X.14.6.
CANARÁ (Reino ao sul do Decão): VII.21.8.
CANÁRIAS (ilhas): V.8.1, 8.2 (Fortunadas).
CANAS (Antiga cidade da Apúlia, Itália Meridional): IV.20.2.
CANCRO: III.6.1.
CANDACE (Rainha da Etiópia): X.52.4.
CANÚSIO (hoje Canosa): IV.20.2.
CAPADOCES (naturais de Capadócio): III.72.3.
CAPITÃO – Vide *Gama* (Vasco da): I.44.1, 49.4, 56.3, 61.1, 63.6, 64.1, 70.1, 76.2, 80.3, 95.1, 96.5, 98.5, 102.5, 104.1; II.2.3, 5.1, 6.7, 14.3, 56.6, 60.5, 64.2, 71.5, 77.1, 83.2, 101.1, 109.1; V.72.2, 90.1; VI.3.1, 5.2; VII.29.1, 42.8, 49.6, 55.2, 59.8, 64.1; VIII.60.5, 77.4, 78.6, 85.1, 95.4; IX.9.6, 12.6, 85.6.
CARÍBDIS (Rochedo que se encontra em frente do penhasco de Cila, no estreito de Messina): II.45.6; VI.82.2.
CARLOS: *a*) C. Magno († 814): I.13.1; VII.7.7; *b*) C. o Calvo († 877): X.49.7.
CARMÂNIA: (Região da Pérsia, actualmente Quirman): IV.65.2; X.105.5.
CARNEIRO (moradores do): (Carneiro: Signo (Aries) do Zodíaco): VIII.67.8.
CARPELA – Vide *Cabo de Jasque:* X.105.2.
CARRETA – Vide *Ursa Maior:* X.88.3.
CARTAGO: X.8.4.
CASA SANTA (Santos Lugares da Palestina, onde Cristo passou): VII.11.8; VIII.9.7.
CÁSPIO: I.60.5 (apousentos Cáspios); III.23.6 (Cáspia Serra); VII.12.6 (Cáspios montes) .
CASSIOPEIA: X.88.5.
CASTEL BRANCO (Dom Pedro) (Capitão de Ormuz): X.101.8.
CASTELA: III.19.8, 37.6, 99.7, 105.4, 108.7; IV.6.7, 7.5, 42.7, 57.4; VI.47.2, 56.3; VII.29.2; VIII.25.1, 27.2, 29.4; X.139.5.
CASTELHANO: I.25.5; III.19.6, 25.6, 34.1, 36.3, 37.3, 99.1, 101.1, 112.5, 114.7, 138.5; IV.7.2, 24.2, 28.1, 41.7, 47.2; VIII.14.4, 22.1, 34.6, 35.3.
CASTRO (Dom Álvaro de): X.70.5.

CASTRO (Dom Fernando de): X.70.1.
CASTRO (Inês de): III.118.8 (Rainha), 120.1, 123.1, 132.1, 135.6.
CASTRO (D. João de): († 1548): I.14.7; X.67.5, 69.6.
CASTRO (D. Pedro Fernandes de) (Castelhano): VIII.22.1.
CATERINA (Egípcia Santa): X.43.8, 99.2.
CATILINA († 62 a. C.): IV.33.1.
CATUAL (No Malabar governador de uma cidade ou praça) – Vide *Gentio, Idololatra* e *Regedor:* VII.44.2, 46.1, 55.2, 66.5; VIII.1.2, 10.2 (o Malabar), 43.6, 78.7, 81.1, 83.1, 86.3, 90.1, 93.1 (o negro), 94.2, 96.4.
CAUCHICHINA - Vide *Cochinchina:* X.129.3.
CAUDINAS – Vide *Forcas.*
[CEFEU]: X.88.4 (e seu pai).
CEFÍSIA (flor): IX.60.5.
CEILÃO – Vide *Taprobana:* VII.19.4; IX.14.8; X.107.4, 136.1.
CEITA (Ceuta): IV.34.4, 49.6, 52.7; VIII.37.7.
CELO: VI.21.2; IX.85.3.
CENTÍMANO (filho da Terra): V.51.2.
CERES: III.62.2; IV.27.6; VIII.32.7, IX.91.7.
CÉSAR (Caio Júlio) († 44 a. C.): I.13.2; IV.59.7, 96.1; VIII.12.1.
CESÁREO: I.7.4; III.16.2.
CÉSARES: V.95.2.
CEVA (Marco Cássio): X.30.7.
CHALE (cidade do Malabar): VII.35.2; X.61.3.
CHAMPÁ: X.129.1.
CHATIGÃO (Chittagong, no braço oriental do Ganges): X.121.5.
CHAÚL (cidade da costa ocidental da Índia): X.29.5, 60.2.
CHIAMAI (lago): X.125.8.
CHINA: II.54.6 (chinês); VII.41.8; X.129.7, 131.6.
CIBELE: IX.57.6.
CÍCERO (Marco Túlio) († 43 a. C.): V.96.4.
CICLOPAS: II.90.5.
CÍCONES: V.88.6.
CIDADE (Santa) – Vide *Jerusalém:* III.117.3.
CIDADE (Santíssima) – Vide *Jerusalém:* VII.5.2.
CILA (filha de Crateis): II.45.6; VI.24.7, 82.2; filha de Nisos: III.32.7.
CILENEU – Vide *Mercúrio:* II.57.1, 71.7.
CILÍCIOS: III.72.6.
CINÍFIO (rio da Tripolitânia): VII.7.3.
CINIRAS (A filha de) – Vide *[Mirra]:* X.135.5 e 6.
CINIRAS (O filho e neto de) – Vide *Adónis:* IX.60.7.
CINIREIA: IX.34.7.
CINOSURA – Vide *Ursa Menor.*
CINTO (frio) (Círculo Polar Árctico): X.129.8.
CINTO (de ouro) (Zodíaco):

X.87.6.
CIPIÃO: *a*) Públio Cornélio Sc.: VIII.32.3; *b*) Públio Cornélio Sc. Emiliano: V.96.5; *c*) Cipiões: V.95.1.
CIPIÃO (Português) – Vide *Pereira, D. Nuno Álvares:* VIII.32.3.
CÍPRIA (Deusa) – Vide *Vénus:* IX.18.1, 43.5.
CIPRO (Chipre): V.5.8.
CIRCES (magas): V.88.3; VI.24.6.
CIRO († 528): X.48.5, 49.1 (ilustre Persa).
CISNE: X.88.7.
CITAS: III.9.1.
CITERA (Ilha) – Vide *Vénus:* I.100.2; V.5.8.
CITEREIA – Vide *Vénus:* I.34.1; IX.53.8, 57.5.
CÍTIA: III.128.7; VII.12.6.
CÍTICOS (povos): II.53.6; III.60.4.
CÍTICO TAURO (cordilheira da Ásia Menor): III.73.2.
CIZIMBRA (Sesimbra): III.65.2.
CLEONÉU (o leão): IV.80.3.
CLEÓPATRA – Vide *Egípcia* e *Lageia:* III.141.6; VI.2.4 (Lageia).
CLÍCIE: III.1.7.
CLIMENE: V.7.4.
CLÓRIS – Vide *Flora:* IX.62.6.
CLOTO: II.20.3.
COCHIM: II.52.5; VII.35.1; X.13.3.
COCHINCHINA – Vide *Cauchichina.*
COCITO: III.117.2.
COCLES (Horácio): X.21.5.
CODRO (último rei de Atenas): IV.53.1, 53.7.
COELHO (Nicolau) (comandante da caravela Bérrio): IV.82.1; V.32.1; VI.75.6; VII.77.2; VIII.88.3.
COIMBRA: III.97.1.
COLCOS: III.72.2 (habitantes da Cólquida); V.28.6 (a rica pele de Colcos).
COLOFÓNIA (cidade na Ásia Menor, na Lídia): V.87.3.
COLOSSO (estranhíssimo) (estátua de Apolo, na ilha de Rodes): V.40.3.
COLUMBO (capital de Ceilão): X.51.8.
COMORI (Cabo Comorim): X.65.3, 107.2 (Cabo Comori), 107.3 (já chamado Cori).
CONCA (serras de) = Cuenca (onde nasce o Tejo): IV.10.4.
CONDE – Vide *[Andeiro].*
CONDES (sete condes aprisionados pelos Portugueses, em Arcos de Valdevez): IV.16.7.
CONDESSA DE FRANDES – Vide *Frandres:* VI.68.4.
CONGO (reino do): V.13.1.
CÓRDOVA: VIII.24.1.
CORI – Vide *Cabo Comorim:* X.107.3.
CORIOLANO: IV.33.1.
CORNÉLIO = PÚBLIO CORNÉLIO CIPIÃO: IV.20.5.

CORREIA (Dom Paio): VIII.25.1 (um Mestre), 26.3.
CORVINO (Marco Valério): VI.68.8.
COSTANTINO (Constantino) († 1453): I.60.8; III.12.8.
COULÃO (cidade do Malabar): VII.35.3.
COULETE (cidade do Reino de Calecu): X.55.2.
[COUTINHO (Álvaro Gonçalves)] – Vide *Magriço.*
CRANGANOR (cidade do Malabar): VII.35.3.
CREDULIDADE: IX.45.8.
CRISTÃO (seguro) – Vide *Vasco da Gama:* I.99.2.
CRISTIANÍSSIMO: I.7.4.
CRISTO: I.7.21, 63.4, 71.4 (filho de David), 102.3; II.6.4, 14.7; III.87.4, 109.8; IV.48.8, 62.8, 100.4; V.13.2; VI.75.4 (Aquele ...); VII.3.8, 5.7, 10.4, 15.7, 69.1 (Profeta); IX.15.4; X.95.4, 108.8, 112.4, 117.3.
[CRUZ (ilhéu da)]: V.65.5 (Aquele ilhéu).
[CTESIFÓNIO] – Vide *Tesifónio* (forma camoniana).
CUAMA (rio Zambeze): X.93.8.
CUNHA (Nuno da): X.61.2.
CUNHA (Tristão da): X.39.5.
CUPIDO – Vide *Minino* e também *Amor*: II.42.8; IX.23.6, 25.2 (o filho frecheiro), 36.5 (o frecheiro), 37.3 (Amado filho), 44.1.
CUPIDOS (servidores): IX.36.7.
CÚRCIO (Marco): IV.53.7.
CUTIALE: X.59.8.

D

DABUL (cidade ao sul de Chaul): X.34.7, 72.7.
DAFNE: III.1.7; IX.56.4.
DÁLMATAS: III.14.1.
DAMA (a forte) (Pentesileia, Rainha das Amazonas): III. 44.6.
DAMÃO: X.63.6.
[DÁNAE]: VIII.97.4 (filha de Acriso).
DANO (frio): III.10.8.
DANÚBIO: III.11.8.
DARDÂNIA – Vide *Tróia:* III.57.4; VI.19.7.
[DARDANELOS (estreito de)] – Vide *Estreito* e *Helesponto.*
DARIO († 486 a. C.): III.41.5 (o Persa); X.21.2.
DAVID: (2.º rei de Israel) († 993 a. C.): III.140.5.
DAVID (filho de) (Cristo) Vide *Cristo:* I.71.4.
DECANIIS (habitantes de Decão): VII.20.5.
DÉCIOS (leais): IV.53.8.
DEDÁLEA (facultade): VII.51.2.
[DÉDALO]: IV.104.3 (o grande arquitector).
DEIA: I.34.3.
DEIDADES (divindades das águas): VI.8.8, 34.8; VII.47.1.
DELIIS (Os) (povos de

Deli): VII.20.3.
DÉLIO (mancebo) – Vide *Apolo:* V.91.5; VII.67.2.
DELOS (ilha flutuante do mar Egeu): IX.53.3.
DEMO: VIII.46.1.
DEMÓDOCO: X.8.3.
DEMÓNIO: X.108.4.
DESERTA (Arábia): IV.63.8.
[DEUCALIÃO] – Vide *Pirra:* VI.78.8.
DEUS: I.6.7, 6.8; II.12.4, 12.8, 65.2; III.15.8, 27.4, 31.7, 33.7, 43.2, 48.2, 54.2, 69.1, 72.4, 82.8, 100.4, 140.2; IV.13.8, 87.4, 88.7; V.12.8, 45.4, 60.7; VI.7.4, 93.8, 94.1; VII.31.1-2, 47.7, 69.4, 87.2; VIII.11.5, 18.7, 24.4, 29.2, 31.3, 32.1, 55.8, 99.5; X.29.1, 38.5 e 8, 40.7, 58.3, 69.8, 80.7, 85.1, 90.5, 116.4, 118.7, 119.2.
DEUS-HOMEM: I.66.1.
DEUS NOCTURNO: II.1.6.
DEUSA – Vide *Dóris:* V.53.5.
DEUSA (Tethys): X.79.5.
DEUSA – Vide *Vénus:* I.36.1, 102.7; II.22.1, 38.7; VI.85.5; IX.24.5.
DEUSAS: V.52.3; VI.25.3; IX.64.4, 69.4, 70.1, 72.2.
DEUSES: I.20.1, 23.3, 26.1, 30.2, 35.8, 36.5, 41.6, 42.7, 75.1; V.58.3, 59.7; VI.8.6, 13.2, 15.5, 16.3, 19.6, 23.4, 25.4, 26.2, 28.1, 32.1, 33.5-6, 35.2, 46.6; IX.20.7, 46.2, 92.3; X.15.8, 84,4 e 6.
DIANA – Vide também *Febe* e *Lua:* I.56.7 (a irmã de Febo); II.35.6, 113.1; IX. 26.6, 53.4 (e a Deusa à caça usada), 73.2 (Deusa caçadora), 74.8 (irmã de Febo), 91.7; X.89.8.
[DIAS (Bartolomeu)]: V.44.2 (de quem me descobriu).
DIAS (Diogo): VIII.94.3.
DINA (filha de Jacob e de Lia): III.140.8.
DINIS (D.) († 1325): III.96.1; IV.17.3.
DIO (no Guzarate): II.50.1; X.35.2, 60.1, 61.4, 62.2-3, 64.2, 67.8.
DIOGO – Vide *Dias.*
[DIOGO (D.)] (irmão de D. Nuno Álvares Pereira) – Vide *[Pedro (D.)]:* IV.32.1 (Eis ali seus irmãos contra ele vão), 40.7 (os Pereiras).
DIOMEDES: II.62.2.
DIONE – Vide *Vénus:* II.21.2, 33.2; IX.36.3.
DITE (os campos de): IV.80.6.
DIVOS: X.82.2.
DÓFAR (cidade da Arábia Feliz): X.101.1.
DÓRCADAS: V.11.1.
DÓRIS: I.31.4; V.53.4, 53.5 (a deusa), 55.2; VI.20.3.
DOURO: IV.28.5; VI.53.2, 54.3; VIII.3.5.
DOZE DE INGLATERRA: I.12.6; VI.42.8.
DOZE PARES: I.12.5.
DRAGO: X.88.4.
DUARTE (D.) (rei de Portugal) († 1438): IV.51.1.
DUQUE DE

ALENCASTRO – Vide *Alencastro*.

E

[EANES (Vasco)] – Vide *Ribeiro e Martins de Santarém:* VIII.26.5 (os três), 27.6 (os três).
EBORENSES (campos): III.107.2.
ECLESIÁSTICO GUERREIRO – Vide *[Soeiro (Dom)]*: VIII.23.3.
EFIRE (Ninfa da ilha de Vénus) – Vide *Ninfa:* IX.76.2.
EGAS – Vide *Moniz (Egas):* I.12.3, III.35.6, 36.7, 37.5, 40.6; VIII.13.7, 15.7 (Estoutro).
EGEU (filho da Terra): V.51.2.
EGIPCIA – Vide *Caterina (Santa).*
EGÍPCIA: *a*) II.53.8 (linda); *b*) III.9.4 (terra); X.3.6 (antiga fama).
EGIPTO: IV.62.7; X.29.8, 37.8, 98.4.
ELÍSIO (Campo) (paraíso pagão): VIII.3.6.
ELVAS: III.62.7; VIII.34.3.
EMANUEL – Vide *Manuel (D.).*
EMÁTIO (Campo) (da Emátia; região da Macedónia): III.73.4.
EMÓDIO – Vide *[Himalaia]:* VII.17.4.
EMPERADOR (de Calecu): VII.36.2, 57.2.
EMPÍREO: X.81.5.
ENCÉLADO (filho da Terra): V.51.2.
ENEIAS: I.3.1 (Troiano), 12.8; II.45.5; III.106.4; V.86.3, 94.8, 98.4 (Pios Eneias); IX. 23.1-2 (aquele que de Anquises pariu), 91.6.
EOA (A terra) (oriental, indiana): VIII.84.4.
ÉOLO – Vide também *Hipótades:* II.105.3; III.8.3; V.15.6; VI.35.5.
EOO HEMISPERIO (Oriental Hemisfério): VI.38.6.
EPICUREIA (a Seita): VII.75.4.
[EQUADOR]: III.71.7 (Linha ardente); V.13.7 (Tendo o término ardente já passado), 13.8 (Onde o meio do Mundo é limitado), 65.3-4 (o ardente meio do Céu); VII.61.6 (... donde o Sol não muda o estilo); X.141.2 (Que ao Antárctico Pólo vai da Linha).
ERICINA – Vide *Vénus:* II.18.5; IX.66.8.
ERIMANTO (O porco de): IV.80.4.
ERÍNIS (uma das Fúrias): VI. 43.7.
ERITREIO – Vide *Mar Roxo:* IV.63.1 (ondas Eritreias); VI.81.4 (águas Eritreias); IX.2.1 (seio Eritreio); X.52.1 (as ondas Eritreias).

ESCANDINÁVIA (ilha): III.10.3.
ESFERA (prima) (esfera da Lua, segundo Ptolemeu): IV.69.2.
ESFERA (Terceira): II.33.6.
ESFERA (do globo): IX.86.5.
ESPANHA: I.31.2; III.17.1, 19.7, 23.1, 103.4; IV.49.7, 53.5, 61.2; VI.56.6; VII.68.7, 71.3; VIII.26.5, 45.8.
ESPANHÓIS: V.9.3.
ESSÊNCIA (trina): VIII.30.4.
ESTÊVÃO – Vide *Gama.*
ESTIGE (rio do inferno): IV.80.6.
ESTÍGIO (lago). IV.40.1; VIII.11.3.
ESTRABO: V.50.3.
ESTREITO [de Babelmândebe] – Vide *Roxo:* X.99.5.
ESTREITO (Gibraltar) – Vide *Portas Herculanas:* III.18.3 (sabido estreito); IX.21.8 (portas Herculanas).
ESTREITO (Helesponto) – Vide *Helesponto.*
ESTREITO (de Magalhães): II.55.5; X.141.5.
ESTREITO PÉRSICO – Vide *Pérsico:* IV.64.1; X,100.6 (estreito de Pérsia).
ESTRELA (a amorosa) (o planeta Vénus): VI.85.1.
ESTREMADURA: III.61.5.
ETÍOPE: V.32.3.
ETÍOPES: V.62.2, 76.1; VII.61.7 (sobre a gente de Etiópia).
ETIÓPICA (costa): I.42.5.
ETIÓPIA: I.43.6; IV.62.7, 101.8; V.6.8; VII.61.7 (sobre a gente da Etiópia).
ETNA (serra de): VI.13.4.
EUFRATES (rio): III.72.7 (dous Rios); IV.64.3; X.102.8.
EURÍDICE (esposa de Orfeu): VII.29.7.
EURISTEU (tirano de Micenas): IV.80.2.
EUROPA: I.64.7; II.80.5; III.6.5, 17.2, 20.2; VII.12.8; VIII.5.4; X.92.1 (Europa Cristã); person. mitol.: II.72.2.
EUROPEIAS (terras): VI.1.6.
EUXINO (mar) (Mar Negro): IV.83.8.
ÉVORA: III.63.1 (nobre cidade); IV.3.3.
[EZEQUIAS] – Vide *Rei Judaico:* VII.80.8 (Rei judaico).

F

FADO: I.28.1, 74.1, 75.5; V.58.7; IX.75.8, 86.4; X.45.5, 56.6.
FADOS: I.24.6; IV.40.8, 61.5; VI.33.1.
FÁETON (filho de Apolo e de Clímene): I.46.6, 49.8; V.7.4 (O filho de Climene a cor do dia), 91.6 (O irmão de Lampécia); IX.43.8 (A Faetonteia morte chorou tanto).
FÁLARIS (tirano de

Agrigento): III.93.3.
FALERNO (Itálico) (vinho excelente da Campânia): X.4.2.
FAMA: II.58.1, 103.7; IV.95.2 (Desta vaidade a quem chamamos Fama), 96.7; VIII.2.7, 11.3; IX.44.5 (A Deusa Giganteia), 45.5, 45.8 (a Deusa), 90.4, 92.1; X.19.6.
FARAÓ: III.140.8.
FARTAQUE (cabo) (no sul da Arábia): X.100.7.
FARTAQUE (cidade do Sul da Arábia, próximo do cabo do mesmo nome): X.100.8.
FÁSIS [rio Rion (actual), da Cólquida]: III.71.5.
FAVÓNIO – Vide *Zéfiro:* X.1.5.
FEACES (povo governado pelo rei Alcino): X.8.4.
FEBE – Vide *Diana* e *Lua:* VI, 18.6.
FEBO – Vide *Apolo:* I.4.7, 56.5; III.20.4; IV.75.5; IX. 53.4, 74.8, 91.5; X.86.7, 87.8.
FEDERICO (Barba-Roxa) († 1190): III.87.2.
FELIZ (uma das três partes da Arábia): IV.63.8.
FÉNIX: II.11.4, 11.4 (Virgem pura).
FERNANDES (Gil): VIII.34.3.
FERNANDO (D.) rei de Portugal († 1383): *a)* III.138.3, 138.8 (fraco Rei), 143.5; IV. 1.8, 2.4, 7.3, 17.6; *b)* Fernando III (S. Fernando) († 1252) (?): IV.8.3; *c)* Fernando, rei de Aragão († 1516): IV-57.3 e 8; *d)* Fernando (Infante Santo) († 1443): IV.52.1.
FERNANDO – Vide *Castro.*
FILHAS DE NEREU – Vide *Nereidas* e *Nereu.*
FILHAS DO TEJO – Vide *Tágides:* V.99.7.
FILHO DE MARIA (Jesus) – Vide *Jesus:* III.45.3.
FILÍPICOS (campos): IV.59.8.
FILIPO (Filipe da Macedónia, pai de Alexandre Magno, † 336 a. C.): I.75.2; VII.54.7.
FILOMELA: IX.63.2.
FIRMAMENTO: X.89.1.
FLANDRES – Vide *Frandes.*
FLÉGON (nome de um dos cavalos do carro de Apolo) – Vide *Pírois:* V.61.1.
FLORA (deusa da Primavera e das flores): II.72.4; IX.40.8, 61.5, 62.6 (Clóris).
FORCAS CAUDINAS: VIII.15.2.
FORMIÃO: X.153.1.
FORTALEZA (alta) (Deus): III.112.3.
FORTUNA: II.98.4; VI.15.4, 96.6; VII.24.8; X.74.5. (Noutros casos *fortuna* é simplesmente sinónimo de *sorte* ou *má ventura).*
FORTUNADAS (ilhas) – Vide *Canárias:* V.8.2.
FRANÇA: IV.61.2; V.96.1; VI. 56.7; VIII.26.5.

FRANCÊS – Vide *Galo:* VI.68.7 (Um Francês mata); X.63.4 (o pirata Francês).
FRANCESES – Vide *Galos:* IV.24.4.
FRANCISCO – Vide *Almeida.*
FRANDES: VI.56.8, 68.4 (Condessa de Frandes); X.49.8.
FREDERICO – Vide *Federico.*
FRÍGIOS – Vide *Troianos:* I.98.2.
FUAS (Dom) – Vide *Roupinho, (Dom Fuas):* I.12.3.
FÚLVIA (mulher de Marco António): V.95.7.

G

GABELO (nome bíblico): V.78.8.
GADITANO: II.55.4.
GALATEIA (uma das Nereidas): VI.90.1.
GALEGO: III.19.5.
GALEGOS: IV.10.6 (Ó sórdidos Galegos); VIII.9.6.
GÁLIA: III.16.1; VI.56.6.
GALO (indino) (Francês): VII.6.5.
GALOS (Franceses): X.152.2.
GAMA (Dom Cristóvão da) (Filho de Vasco da Gama): X.96.3.
GAMA (Estêvão da) (Filho de Vasco da Gama): X.62.6, 63.1.
GAMA (Paulo da): IV.81.8; VI.75.1; VII.73.8; VIII.1.7,43.2, 93.7 (seu irmão).
GAMA (Vasco da): I.12.7, 44.1, 44.1 (o forte Capitão), 49.4 (Capitão), 56.3 (Capitão), 61.1 (Capitão), 63.6 (Capitão), 64.1 (o valeroso Capitão), 70.1 (Capitão), 76.2 (este Capitão), 80.3 (Capitão), 84.3, 95.1 (Capitão), 96.5 (Capitão), 98.5 (Capitão), 102.5 (Capitão), 104.1 (Capitão); II.2.3 (Capitão valeroso), 5.1 (Capitão), 6.7 (Capitão), 14.3 (Capitão), 16.1, 29.1, 56.6 (o forte Capitão), 60.5 (Capitão), 64.2 (Ao Capitão), 70.1, 71.5 (Capitão), 77.1 (Capitão), 83.2 (o nosso Capitão), 97.5, 101.1 (Capitão), 103.8, 107.7, 109.1 (valeroso Capitão); III.1.2, 3.2; IV.77.1 (Eu, que bem mal cuidava ...); V.71.8 (e a seu regente?), 72.2 (contra seu Capitão), 90.1 (facundo Capitão), 94.1; VI.3.1 (o Capitão), 5.2 (o Capitão), 80.1, 93.5; VII.29.1 (o Capitão), 42.8 (o Capitão), 44.4, 45.1 (o Luso), 46.1, 49.6 (o estranho Capitão), 55.2 (ao Capitão), 58.6, 59.1, 59.8 (o Capitão), 64.1 (Capitão), 66.2, 73.4, 75.1, 77.1; VIII.6.1, 11.1, 56.5, 60.5 (o grande Capitão), 64.1, 76.2, 77.4 (Co capitão), 77.5, 78.6 (se parte o Capitão), 80.6, 82.1, 84.5,

85.1 (Aos brados e razões do Capitão), 86.1, 88.2, 92.6, 94.8, 95.4 (se o Capitão); IX. 5.7, 7.1, 8.1, 9.6 (sábio Capitão), 12.6 (o Capitão), 85.6 (o Capitão); X.3.4, 10.2, 53.5, 53.7 (Cos títulos de Conde e de honras nobres), 54.3-4 (Ilustrado co a Régia dignidade, / te tirará do mundo e seus enganos), 62.6, 75.8, 79.3.
GAMBEIA = Gâmbia (rio): V.10.7.
GANGES [rio]: IV.73.1 (Este que era o mais grave na pessoa), 74.1, 76.3 (... Santo velho); VI.92.2; VII.1.4, 17.1 (Gange), 20.7 (Gange); X.33.8 (Gange), 105.8 (Gange), 118.1 (Gange), 120.8, 121.1.
GANGÉTICA (enseada) (golfo de Bengala): X.120.4.
GANGÉTICAS (águas): VII.54.4.
GANGÉTICO (mar): II.55.4; VII.19.5-6 (braço).
GANGÉTICOS (Reinos): VIII.78.2.
GARUNA: III.16.4.
GATE (monte na cordilheira dos Gates): VII.22.1.
GEDROSIA (região da Pérsia a leste da Carmânia): IV. 65.2.
GELANDA (Zelândia: província da Holanda): VII.61.5.
GENTÍLICO (povo): VIII.56.2.
GENTIO – Vide também *Catual:* I.8.7, 16.3; II.51.6; VII.74.7 (o Gentio=Catual), 75.7 (o Gentio=Catual), 76.5 (o Gentio=Catual); VIII.6.1 (o Gentio=Catual), 44.5 (o Gentio=Catual), 80.6 (o Gentio= Catual), 91.5 (o Gentio= Catual); X.15.6 (=Samorim).
GENTIO (antigo rito): IX.69.3.
GENTIO (reino): X.108.3.
GENTIOS: X.14.8, 43.4, 113.1.
GEORGIANOS: VII.13.1.
GERMÂNIA: VIII.37.4.
GERMÂNICA (armada): III.86.6.
GERMÂNICO (Álbis): III.58.1.
GERMANO: III.88.7.
GERMANO (enganoso): VI.69.3.
GERMANOS (os mártires de Cristo): VIII.18.8.
GERUM (ilha asiática, onde se situa a cidade de Ormuz): X.41.4, 103.5.
GIDÁ (Judá, porto do mar Vermelho): IX.3.1; X.50.6, 99.3.
GIGANTE (Adamastor): V.53.8, 61.4.
GIGANTE (Golias): III.111.1.
GIGANTEIA (Deusa) – Vide *Fama:* IX.44.5.
GIGANTES: II.112.1; VI.13.2, 78.2.
GIRALDO (Giraldo Sem Pavor): III.63.8; VIII.21.8.
[GLAUCO] (Deus marinho):

VI.24.1.
GLÁFIRA: V.95.8.
GNIDO (cidade de Cária, na Ásia Menor): V.5.8.
GOA: II.51.1; X.42.4.
GOADALQUIBIR – Vide *Guadalquivir.*
GONÇALO (P.e) – Vide *Silveira.*
GOTFREDO: III.27.5.
GRANADA: III.19.8, 100.7, 112.8 (Reino).
GRANADIL (de Granada): III, 114.2.
GRÉCIA: III.13.7; VII.54.2; X.19.8.
GREGA: V.97.3 (nação); VI.19.8 (insânia); VII.77.7 (usança).
GREGO = Ulisses – Vide *Ulisses:* I.3.1.
GREGOS: I.24.8; II.44.6; III. 7.6; VII.13.1; X.60.8.
GUADALQUIVIR (rio) – Vide *Bétis:* III.19.8 (Bétis), 60.7 (Bétis), 75.7 (O rio que Sevilha vai regando), 85.4 (Bétis); IV.9.4 (Goadalquibir).
GUADIANA: IV.28.3; VII.70.3 (fresca Guadiana); VIII.3.5, 29.8.
GUARDAFU (cabo no extremo da África Oriental, junto de Adem) – Vide *Arómata:* X.97.2.
GUÉUS (povo dos confins do Sião): X.126.6.
GUIDO (8.º monarca do reino cristão da Síria): III.87.5, 87.8 (os de Guido).
GUIMARÃES: III.31.1, 35.2.
GUIPÚSCOA (A terra de): IV,11.5.
GUZARATES: X.60.7.

H

HARPIAS (duras): IV.80.3; V.89.3.
HEBREIA (mãe): I.53.8.
HEBREIO (Sansão): IV.12.2.
HEITOR PORTUGUÊS – Vide *Heitor da Silveira:* X.60.5.
HELE: III.12.2; VI.63.3 (... do animal de Hele).
HELENA (bela) (esposa de Menelau, raptada por Páris): III.140.3.
HELESPONTO (Dardanelos): III.12.1-2; lV.23.8.
HELICONA (monte da Beócia consagrado às Musas e a Apolo): III.97.3.
HELIOGÁBALO: III.92.7.
HEMISFÉRIO – Vide *Hemispério:* I.8.3, 38.3, 65.3.
HEMISPÉRIO: IV.75.6; V.14.2 (novo Hemispério); X.93.5 (incógnito Hemispério).
HEMO (Balcãs): III.12.5.
HENÍOCOS (habitantes de uma região ao norte do Cáucaso): III.72.2.
HENRIQUE – Vide *Anrique.*
HENRIQUE (Infante D. Henrique): V.4.4 (o generoso Henrique); VIII.37.1 (Olhe cá dous Infantes Pedro e Henrique), 71.1-2 (ramo claro

/ do venturoso Rei), 71.5 (Este ...).
HENRIQUE DE BONN (Cruzado): VIII.18.5.
[HENRIQUE VIII] († 1547): VII.5.1 (Vêde-lo duro Inglês).
HENRIQUES (D. Afonso): I.13,3 (Afonso I); III.26.1 (Este ...), 30.1 (Príncipe Afonso), 33.1 (Príncipe), 34.3 (Lusitano), 37.3 (o Príncipe), 42.1 (o Príncipe Afonso), 45.4 (Afonso), 45.5 (Ele), 46.3 (Rei natural), 46.8 (Afonso, Rei de Portugal), 48.1 (Rei novo), 53.4 (Grão Rei), 55.2 (o Rei subido), 58.6 (grande Afonso), 64.3 (Afonso), 67.1 (Afonso), 68.2 (O grão Rei incansábil), 73.5 (Afonso), 74.1 (o Rei sublime), 75.2 (... o lasso velho), 80.1 e segs. (Mas o velho ...), 81.2 (vai socorrer o filho), 83.2 (o velho Afonso, Príncipe subido), 84.8 (Afonso! Afonso!); IV.16.3 (Do grande Henriques); VIII.11.1 (o primeiro Afonso), 13.2 (... rompido aluno mal sofrido), 18.3 (o Rei primeiro).
HERCULANAS (portas) – Vide *Estreito de Gibraltar:* IX.21.8.
HERCULANO CALPE – Vide *Calpe.*
HERCÚLEAS (Colunas): IV.9.8.
HÉRCULES – Vide *Alcides* e *Tebano:* III.141.3 (filho de Alcmena); IV.55.2 (Tiríntio); VI.1.8.
HERMO (rio da Ásia Menor): VII.11.3.
HÉROAS (Cidade dos): X.98.2.
HERÓI (Aquele) (imperador Augusto): V.94.5.
HERÓI – Vide *D. João I:* IV.50.2.
HERÓICOS: IX.92.4.
HERÓIS: IX.95.7.
HERÓSTRATO: II.113.3.
HESPÉRIA (Península Ibérica): II.108.6 (Hespéria última); IV.54.2; VIII.61.5 (Hespéria última), 69.2 (última Hespéria).
HESPÉRICO (terreno): III.99.6.
HESPÉRIDAS (chamadas) – Vide *Cabo Verde:* V.8.4.
HESPÉRIDAS (três Ninfas, filhas de Héspero): II.103.4; V.8.3-4.
HESPÉRIO (filhas do velho) – Vide *Cabo Verde:* V.8.4.
HIACINTINAS (flores): IX.62.3.
HIDALCÃO: X.72.6.
HIDASPE (afluente do rio Indo): I.55.2; VII.52.2.
HIDÁSPICOS (campos) (do Hidaspe, afluente do Indo=Índia): III.100.2.
HIDRA (brava): IV.80.4.
HIDRA (a luz da) (Hidra: nome de uma constelação no hemisfério austral): VIII.71.8.
HIEROSÓLIMA (cidade) – Vide *Jerusalém:* III.27.2; VII.6,2 e 4.
[HIMALAIA] – Vide *Emódio:*

VII.17.4 (Emódio cavernoso), 18.1 (no grande monte).
HIPERBÓREOS (montes): III.8.2.
HIPERIÓNIO: I.59.4.
HIPOCRENE: I.4.8.
HIPÓTADES – Vide *Éolo:* VI.37.1 (o soberbo Hipótades).
HIRCÍNIA (montanha): III.11.3-4.
HISPÁLICO (pendão): VIII.20.4.
HISPANA: VII.25.2 (língua); VIII-93.6 (mercadoria).
HISPANO: VIII.3.3 (ninho); III.101.3 (povo); VIII.3.3.
HISPANOS: IV.61.8 (ínclitos Hispanos).
HOMERO: I.12.3; V.87.1 (Esse que bebeu tanto da água Aónia), 96.7.
HOMEROS: V.98.2.
HÚNGARO (famoso) (conde D. Henrique): III.28.2.
HUNGRIA: III.25.2.
HUNO (fero) – Vide *Átila.*

I

IBÉRIA (terra): IV.54.6.
IBERINAS (terras): VI.48.4.
IBERO=Ebro: III.60.6.
IDÁLIOS (montes) (da Idália, na ilha de Chipre): IX.25.1.
IDASPE –Vide *Hidaspe.*
IDEIA (selva): II.35.4.
IDOLOLATRA: II.54.3; VII.73.1 (Idolátra=Catual); VIII.85.2 (Responde o Idolátra=Catual); X.147.6, (A golpes de Idolátras ...)
ÍDOLOS: VII.17.7; X.109.3.
ILHA (nobre) – Vide *Cáliz.*
ILHA (angélica) – Vide *Ilha de Vénus.*
ILHA (namorada) – Vide *Ilha de Vénus:* IX.51.6.
ILHAS: X.131.3 (Mas não deixes no mar as Ilhas onde ...), 132.2 (As infinitas Ilhas espalhadas).
ILHAS (remotas): X.52.7.
IMPERADOR – Vide *Emperador.*
IMPÉRIO (Cabeça de) (Calecu): VII.22.7.
ÍNCLITA (geração) (os filhos de D. João 1): IV.50.8.
ÍNDIA: I.31.4, 32.3, 40.8, 52.8, 64.8, 70.2, 96.8, 97.4; II.46.5, 63.8, 70.2-6, 80.7, 101.8; IV. 65.2, 101.8; V.34.6, 69-3, 69.8 (Da desejada parte Oriental), 77.5 (... lá donde sai o Sol); VI.6.2, 93.2; VII.25.7 (Vimos buscar do Indo a grão corrente), 31.5, 32.8 (este Reino), 51.4, 60.6; IX.1.7 (Era deter ali os descobridores / da Índia), 13.5-6 (aquela terra, que se estende / pela Aurora), 16.6 (Da parte Oriental), 39.2; X.27.5, 37.8, 58.1, 62.7 (No governo do Império), 66.1.
INDIANA (a costa célebre): X.107.1.

INDIANAS: I.74.4 (gentes); VI.32.7 (terras).
INDIANOS (portos): I.97.5.
ÍNDICA (gente): VII.66.3.
ÍNDICO: VII.18.7 (mar); IX.3.7 (Oceano); X.10.4 (Oceano), 63.5 (mar).
INDÍGITES: IX.92.4.
INDO (rio): I.32.1, 52.2; II.47.2; IV.64.7, 74,3 (Estoutro é o Indo, Rei,), 75.1 (Mas disse mais o rio ilustre e santo); VII.1.3 (correntes Índicas=Indo), 17.1, 25.7, X.33.8, 105.6, 118.1.
INDO (Idaspe): I.55.2.
INÊS – Vide *Castro (Inês de).*
INFANTES (altos) (os filhos de D. João I): IV.50.8.
INFERNO: II.57.6, 112.7; III.112.4; VI.80.3.
INFIÉIS (Mouros): III.45.7; VIII.22.6; IX.1.3, 3.6.
INGLATERRA: I.12.6; VI.42.8, 43.5, 54.8, 57.5, 67.7.
INGLÊS (duro) – Vide *Henrique VIII.*
INGLÊS (Duque de Alencastro): VI.47.1, 53.4.
INGLÊS (Rei) [Ricardo II (?)]:VI.60.2.
INGLESA: VI.44.1 (corte), 59. 6 (corte), 65.5 (soberba).
INGLESAS (Ilustríssimas): IV.47.7.
INGLESES: X.152.2.
INGLESES (doze): VI.58.2, 60.7.
[INO] – Vide *Leucótoe:* VI.23.1 (Aquela que ...).
IOPAS (cantor cartaginês): X.8.3.
IOS (hoje Nios, ilhota do mar Egeu, ao sul de Naxos. Uma das Cíclades. Passa por guardar o túmulo de Homero): V.87.4.
[ÍRIS] – Vide *Ninfa:* II.99.8 (Ninfa), 99.8 (filha de Taumante).
IRMÃ (de Febo) (Diana): I.56.7.
IRMÃS (as Górgonas: Esteno, Eurfale e Medusa) – Vide *Medusa:* V.11.2.
IRMÃOS (meus) (outros Gigantes): V.58.1.
ISMAEL: VIII.47.6 (filho da escrava Agar),
ISMAEL (O filho de) (Nabajoth, primogénito de Ismael): IV.63.4.
ISMAELITA: I.8.6; III.85.6; IV.100.1; VII.5.3 (Que o torpe Ismaelita senhoreia).
ISMAR (rei Mouro): III.44.2.
ISRAEL: IV.63.2 (... o povo de Israel sem nau passou); VI.81.3.
ISTRO (Danúbio, Baixo Danúbio): III.12,1.
ÍTACO – Vide *Ulisses:* II.82.4.
ITÁLIA: III.10.4, 100.3; IV.61.2; VII.8.7.
ITALIANOS: IV.24.4; X.152.2 (Ítalos).
ÍTALOS – Vide *Italianos.*

J

JALOFO (província): V.10.3.
JANO: VII.48; X.82.2.
JAPÃO: X.131.5 (Esta), 131.7.
JÁPETO (O filho de) – Vide *Prometeu:* IV.103.1.
JÁQUETE (actual golfo de Katch): X.106.2.
JASQUE (Cabo de) (cabo à entrada de Ormuz) – Vide também *Carpela:* X.105.2.
JAUS (habitantes da ilha de Java): X.44.7 (Jaus valentes).
JERUSALÉM – Vide *Santa Cidade, Santíssima Cidade e (cidade) Hierosólima:* III.27.2 (cidade Hierosólima), 87.4 (Da cidade onde Cristo padeceu), 117.3 (Santa Cidade); VII.5.2 (Santíssima Cidade), 6.2 e 4.
JESUS: II.72.7 (Aquele); III.45.3 (Filho de Maria), 45.5 (Quem), 45.7 (Senhor), 54.4 (Daquele), 117.8 (Jesu); IV.99.8 (Quem); V.68.3 (Foram buscar um Rei ...), 68.4 (no qual Rei); X.108.8 (Jesu Cristo), 115.6 (Em nome de Jesu crucificado).
JOANE – Vide *D. João I* e *Rei:* IV.2.6, 12.1, 25.7, 36.1, 37.3, 45.1; VIII.37.2.
JOANE – Vide *D. João II:* I.13.7; IV-58.2 (o mancebo Joane), 59.3 (o filho), 60.3 (o Príncipe), 60.4 (Foi Joane segundo), 60.4 (Rei trezeno), 66.5.
JOÃO I (D.) (rei de Portugal) († 1433): IV.2.6 (Joane), 3.8 (Rei Novo, Dom João), 12.1 (Joane), 13.7 (Negam o Rei e a Pátria), 17.7 (Rei novo), 25.7 (Joane, Rei forte em toda a parte), 36.1 (Joane), 37.3 (Joane), 45.1 (o vencedor Joane), 50.2 (Herói); VI.43.2 (João), 47.8 (Do forte Rei), 51.3 (Quisera o Rei sublime ser primeiro), 51.4 (a régia Majestade), 52.4 (... Manda o que tem o leme do governo), 53.1 (Já do seu Rei tomado tem licença); VIII.37.2 (Progénie generosa de Joane), 71.2 (Do venturoso Rei).
[JOÃO I (D.)] (rei de Castela) († 1390): IV.7.2 (o Castelhano), 42.7 (Já de Castela o Rei desbaratado).
JOÃO II (D.) (rei de Portugal) († 1495): I.13.7 (Joane); IV.58.2 (o mancebo Joane), 60.3 (o Príncipe), 60.4 (Joane), 66,5 (Joane).
JORDÃO: III.27.3.
JOVE – Vide *Júpiter:* X.4.3.
JUBA (nobre): 111.77.8.
JUDAICO: VII.39.1, 80.8.
JUDEIA: III.27.6, 72.4, 86.8.
JUDEIA (Um mancebo de) (Amnon, filho de David): IX. 34.8.
JUDITA (filha de Carlos, o Calvo): X.49.5.
JULIANA (manha): IV.49.8.
JÚLIO (César) – Vide *César:* IV-32.8.
JUNO (rainha das deusas): V.15.7; IX.91.7; X.82.3.
JÚPITER – Vide *Tonante,*

Padre e *Amon:* I.20.7 (Tonante), 22.1 (Padre), 23.7, 30.1, 30.6, 37.4, 38.1 (ó Padre), 40.1 (E tu, Padre), 41.1 (ó Padre poderoso), 74.5 (Padre sublimado); II.33.8 (habitante do sexto Céu), 35.1-2 (soberano Padre), 3.8.8 (ao Padre fala), 39.1 (ó Padre poderoso), 41.8 (o grão Tonante); III.106.3, 106.7 (o clemente Padre); V.51.4 (... o que vibra os raios de Vulcano); VI.33.1 (o grão Senhor), 78.5 (o grão Tonante); VII.48.2 (Júpiter Amon); IX.18.3 (Padre Eterno), 91.5; X.4.3 (Jove), 7.5, 82.3, 83.2, 89.3.
JÚPITER (Aves de) (Águias romanas): VIII.8.2.
JÚPITER (Progénie de) (filho de Júpiter: título com que quis adornar-se Alexandre): VII.54.8.

L

LACEDEMÓNIOS: X.21.3.
LÁCIA (adjectivo): V.97.3.
LÁCTEO: I.20.6 (Via Láctea), 41.5 (caminho Lácteo).
LAGEIA – Vide *Cleópatra:* VI.2.4.
LAMO (cidade africana ao norte de Melinde): X.39.4.
LAMPÉCIA (o irmão de) – Vide *Fáeton:* V.91.6.
LAMPETUSA: I.46.8.
LANDROAL (Alandroal): VIII.33.8.
LAOS (Os) (povos que vivem à volta do Sião): X.126.3 (Os Laos).
LÁPIA: III.10.2.
LARA (cidade da Pérsia): X.104.4 (Párseos ... de Lara).
LARA (casa fidalga espanhola donde descendia D. Mafalda, esposa de D. Afonso Henriques): VIII.22.3.
LARISSEIA (Coronis de Larisa, na Tessália, amada infiel de Apolo) – Vide *Apolo:* X.1.1.
LATINA: I.33.8.
LATONA (filho de) – Vide *Apolo:* II.89.2; IX.62.4.
LATONA (mãe de Apolo e de Diana): IX.53.4.
[LEÃO] – Vide *Lião.*
LEBRE (constelação do hemisfério austral): VIII.71.8; X.88.8.
LEI (maldita) (Lei de Mafamede): IV.100.3.
LEI DE CRISTO (A): IV.48.8, 102.4; VII.3.4 (A lei da vida eterna), 6.3 (a santa Lei), 84.4 (Inimigo da divina e humana Lei).
LEI DE MAFAMEDE: IV.48.8; VIII.49.8.
LEIRIA: III.55.3; VIII.19.3.
LEIS (de Mafamede e de Cristo): III.113.3.
LEIS IMIGAS: X.14.7 (De ambas as Leis immigas: a dos Brâmenes e a dos

Muçulmanos).
[LEOA] – Vide *Lioa.*
LEONARDO (trata-se de um membro da tripulação, chamado Leonardo Ribeiro): VI.40.5; IX.75.1.
[LEONÊS] – Vide *Lionês.*
[LEONESES] – Vide *Lioneses.*
[LEONOR] – Vide *Lianor Teles.*
LÉPIDO (Marco Emílio) († 13 a. C.): III.136.8.
LETEIA (de *Letes* rio do esquecimento): VIII.27.8.
LEUCATE: II.53.2.
LEUCÓTOE – Vide também *[Ino]:* III.1.7; VI.23.1 (Aquela que, ...).
LEVANTE: II.4.2; V.61.6.
[LIANOR] (filha de Garcia de Sá, esposa de Manuel de Sousa de Sepúlveda): V.46.3 (fermosa dama).
LIANOR TELES (mulher do rei D. Fernando I): III.139.2; IV.4.6 (a Rainha), 6.5.
LIÃO: III.19.8, 70.4; VI.56.3.
LÍBIA: III.128.7; VII.48.2.
LIBITINA (deusa da morte, dos funerais): III.83.8.
LÍCIA (gente): II.27.2.
LÍDIA: VII.11.5.
LIEU – Vide *Baco:* I.49.6; VI.14.1, 20.8 (o padre Lieu).
[LIMPOPO (?)] (rio): V.68.7 (Num largo rio).
LINHA ARDENTE – Vide *Equador:* III-71.7.
LIOA (serra): V.12.3.
LIONÊS: III.89.3.
LIONESES: III.70.2; IV.8.7 (campos Lioneses); VIII.9.6.
LIRA (constelação): X.88.8.
LISA – Vide *Luso:* III.21.6.
LISBOA – Vide *Ulisseia:* III. 57.1 (nobre Lisboa), 58.8 (muros Ulisseus), 61.2, 74.8 (Ulisseia), 88.6; IV.84.1 (ínclita Ulisseia); VI.7.2; VIII. 5.4, 18.4, 24.7; IX.16.6.
LIVÓNIOS: III.11.2.
LONDRES: VI.57.6.
LOPES (Martim): VIII. 22.7 (um Português), 23.1 (Martim Lopes).
LOTARÍNGIA: VIII.9.4.
LOURENÇO – Vide *Almeida.*
LOURENÇO (Ilha de São): I.42.6; X.39.8, 137.7, 137.8 (Madagáscar).
LÛA – Vide também *Diana* e *Febe:* I.58.1; II.93.7; III.56. 3, 59.1; V.24.1 (Mas já o Planeta que no Céu primeiro habita).
LUÍS IX (S. Luís), rei de França († 1270): VII.7.7.
LUSITANA: I.1.2, 6.2, 30.8; III.118.2; IV.41.8; V.95.1; VI.2.6, 6.7; VII.14.4 (casa Lusitana), 25.4; X.71.2, 107.5.
LUSITANAS (forças): III.99.3.
LUSITÂNIA: III.21.5, 82.2, 95.6; IV.6.7; VI-43.8.
LUSITÂNICAS (fadigas): IX.38.1.
LUSITANO: I.3.5, 75.8, 83.5; II.55.6, 58.2, 61.2, 69.2; III. 42.2, 53.1, 101.5; V.71.6, 100.2; VII.26.4; VIII.30.2,

69.6, 77.2; X.138.6.
LUSITANO – Vide *Afonso Henriques (D.):* III.34.3.
LUSITANO – Vide *Afonso IV* (D.): III.101.5.
LUSITANO – Vide *Vasco da Gama:* II.97.1.
LUSITANO (Dum) – Vide *Fernão de Magalhães:* X.138.6.
LUSITANOS. I.50.5, 94.3; II. 44.2; IV.24.6, 50.5; VI.48.5; VII.79.2; VIII.35.1; IX.12.1, 18.2, 40.3; X.118.8.
LUSITANOS (o Rei dos) – Vide *Manuel I (D.):* VIII. 59.8.
LUSO (pers. mit.): I.24.4, 39.4, 62.1; II.17.6, 103.6; III.21.6, 95.8; VI.26.7; VII,2.1, VIII. 2.7.
LUSO=Lusitano: II.48.8; III. 51.7, 114.2; VII.45.1; X.18.2, 27.7 (Lusos), 44.8.
LUTERO: VII.4.4 (Novo pastor).

M

MACEDÓNIA: III.13.1.
MACEDÓNIO: I.75.7 (A. Magno).
MAÇUÁ (cidade da Abissínia): X.52.5, 97.8.
MADAGÁSCAR – Vide também *Ilha de São Lourenço:* X.137.8.
MADEIRA (ilha da): V.5.1.
MAFAMEDE – Vide *Mafoma, Mahamede* e *Mahoma:* III.113.4; IV.48.8; VIII.19.4, 47.2.
MAFOMA – Vide *Mafamede, Mahamede* e *Mahoma:* II.108.4.
MAFRA: III.56.2.
MAGALHÃES (Fernão de): X 138.6 (um Lusitano), 140.7-8.
MAGNO (Pompeio): IV.32.8, 62.4.
MAGNO (Alexandre) – Vide *Alexandre* e *Alexandro.*
MAGNO (Carlos) (rei de França) – Vide *Carlos:* I.13.1; VII.7.7.
MAGNO (Fernando) (rei de Castela e de Leão) – Vide *Fernando:* IV.8.3.
MAGRIÇO – Vide *[Coutinho (Álvaro Gonçalves)]:* I.12.6; VI.53.7, 59.2, 62.3 (um cavaleiro), 62.6, 68.1, 69.7.
MAHAMEDE – Vide *Mafamede, Mafoma* e *Mahoma:* I.99.4, 102.4; II.50.8.
MAHOMA: VII.17.7.
MAHOMETA (Maumetanos): III.19.4, 89.1; IV.49.6; X 108.3.
MAHOMETA (um) – Vide *Monçaide:* VII.24.2.
MAHOMÉTICO: VII.33.3 (culto); VIII.64.3 (ódio).
MAIA (filho de): II.56.2.
MALABAR – Vide *Catual.* Nome étnico: VII.21.7, 41.6, 45.1; VIII.10.2, 90.1; IX.3.5, 14.1; X.11.1, 55.1, 59.6; nome de região: VII.16.7, 32.2; X. 15.4.
MALABARES: VII.41.6; IX.3-5, 14.1; X.11.1, 55.1.
MALACA: X.44.4, 57.2,

123.6.
MALAIOS: X.44.7.
MALDIVA (ilhas de): X.136.5.
MALUCO: IX.14.7.
MAMELUCOS: X.32.8.
MANDINGA: V.10.5.
MANTUANA (A lira) – Vide *Virgílio.*
MANUEL I (D.) (rei de Portugal) († 1521): II.85.5 (Rei ilustre), 85.8 (o do Rei); IV. 66.2 e 5, 73.2 (Rei), 73.3 («Ó tu, a cujos reinos e coroa ...), 75.3 (Emanuel), 76.1 (Rei), 77.7 (ínclito Rei), 79.5 («ó Rei Subido, ...), 80.8 (Por vós, ó Rei), 83.1 (Emanuel); V.71.8 (Rei); VI.1.4 (Rei Cristão), 4.8 (Por tão bom Rei); VII.60.1 (Um grande Rei ...),64.8 (O Rei ...), 65.4 (Rei); VLII. 56.7 (Rei), 57.4, 59.8 (o Rei dos Lusitanos), 61.2 (Rei), 73.8 (Rei), 84.4 (o Rei dos Lusitanos» 90.8 (A frota de seu Rei); X.138.7 (Rei), 144.6 (Rei temido e amado).
MAR – Vide *Sarmático oceano:* III.11.1.
MAR (mar Egeu): III.7.5.
MAR DE ATLANTE: III.73.1.
MAR GRANDE (a província do) (todas as regiões vizinhas do grande mar da Índia): X. 123.7.
MAR MEDITERRANO: III.6.8,18.2.
MAR ROXO – Vide também *Eritreio* e *Roxo (Mar):* II,49.1; IX.3.2 (o Roxo Mar); X.62.8 (Com medo o Roxo Mar fará amarelo), 97.4.
MARATÓNIOS (campos): X.21.1.
MARCELO (Marco Cláudio) (vencedor de Aníbal, em Nola): VII.71.8.
MÁRCIO JOGO = (de Marte, deus da guerra): IV.39.4; X. 19.5, 65.8.
MARCOMANOS: III.11.4.
MARIA (mãe de Cristo): III.45.3.
MARIA (D.) (filha de D, Afonso IV): III.102.1, 106.1, 108,8 (Rainha dela).
MÁRIO (Caio). General romano, pretor, tribuno, cônsul várias vezes e ditador. Rival de Sila. († 86 a. C.): III.116.1; IV.6.3.
MARROCOS – Vide *Rei:* X.156.4.
MARTE (deus da guerra) – Vide *Mavorte:* I.3.6, 5.6, 36.1, 41,3 (Mavorte), 75.4; II.37.8, 50.5 (Mavorte), 53.1, 69.3; III.12.4, 15.4 (pátrio Marte), 30.5, 88.4 (santo Marte=guerra santa), 89.4 (casos de Mavorte), 95.4; IV.15.2 (o pátrio Marte), 25.8, 84.7; VI.56.4 (pátrio Marte), 58.6 (O Mavorte feroz dos Portugueses), 68.6; VII.79.6 (Os perigos Mavórcios ...); VIII.16.4 (feito digno de Mavorte), 38.4, 89.1 (co dom de Marte); IX.91.5; X.22.7 (o bravo Marte), 42.8, 67.1, 89.4.

MARTES: X.73.3 (bravos Martes=bravos guerreiros).
[MARINHO (Paio Rodrigues)] (alcaide-mor de Campo Maior): VIII.34.1 (Olha este desleal).
MARTINS (Fernão): I.64.2 (um que a língua escura bem sabia); V.77.2.
MARTINS DE SANTARÉM (Fernão) – Vide *Eanes* e *Ribeiro:* VIII.26.5 (os três), 27.6 (os três).
MASCARENHAS (D. João de): X.69.3.
MASCARENHAS (D. Pêro de): X.56.2.
MASCATE (cidade da costa sudoeste da Arábia) – Vide *Mazcate:* X.41.4.
MASSÍLIA: IV.36.8; V.6.1.
MATEUS (D.) – Vide *Bispo de Lisboa* (aliás, D. Soeiro) e *[Soeiro Viegas (D.)]:* VIII.24.7.
MAUMETANA: VIII.81.2 (gente); IX.2.8 (religiosa água).
MAUMETANOS: VIII.84.2, 88.8; IX.8.4, 12.3.
MAURITANA: III.77.7.
MAURITANAS: III.99.5 (gentes); VI.83.4 (terras).
MAURITÂNIA: V.4.5.
MAURITANO – Vide *Mouro, Mouros* e *Monçaide:* III.20.6, 114.8; VII.77.2; VIII.1.8.
MAURO: I.6.5, 76.6, 93.5; II.25.3, 68.5; III.53.3,75.8,80.6, 104.4, 123.7, 128.1; IV.8.4; VIII.17.4, 37.7, 77.4.
MAVÓRCIOS (Os perigos) – Vide *Marte:* VII.79.6.
MAVORTE – Vide *Marte:* I.41.3; II.50.5; III.89.4; VI. 58.6 (O Mavorte feroz dos Portugueses); VII.79.6 (os perigos Mavórcios); VIII.16.4.
MAZCATE – Vide *Mascate.*
MECA (na Arábia ocidental): VII.34.4 (Onde o Profeta jaz ...); IX.1.8, 2.6 (Cidade Meca), 4.8 (Que da famosa Meca), 7.2 (Arábica Meca); X.50.6.
MECOM (rio): X.127.1, 128.1 (Este receberá ...).
MEDEIA (Mágica): III.32.1.
MEDICINA (inventor da) – Vide *Apolo:* III.1.5.
MEDINA (cidade da Arábia ocidental): X.50.5.
MEDUSA (uma das três Górgonas): III.77.1, 142.6; V.11.5 (tu só, tu ...); X.156.1.
MELIAPOR (na parte oriental da Índia): X.109.2.
[MELICENTO] [filho de (Ino)]: VI.23.3.
MELINDANO – Vide *(Rei de Melinde):* II.74.1 (praia Melindana), 92.7 (Rei Melindano), 97.3 (o Melindano); VI.2.2 (polícia Melindana), 92,7 (piloto Melindano).
MELINDANOS (os): II.111.7.
MELINDE: II.57.8, 58.7, 70.8, 73.2 (Reino Melinde); X.39.3, 96.6.
MELIQUE IAZ (régulo

muçulmano na Índia): X.35.5, 61.7 (Melique).
MEM MONIZ (filho de Egas Moniz) – Vide *Moniz (Mem)*.
MEM RODRIGUES DE VASCONCELOS – Vide *Vasconcelos.*
MEMNON – Vide *Menon.*
MENÃO (rio): X.125.7.
MENESES (Dom Duarte): VIII.38.3 (outro Conde); X.53.1.
MENESES (Dom Filipe de) (capitão de Ormuz e vencedor dos Párseos de Lara): X.104.1.
MENESES (Dom Henrique): X.54.5 (Outro Meneses), 54.7 (e fará o ditoso Henrique).
MENESES (Dom Pedro de): VIII.38.1 (o conde Dom Pedro).
MÊNFIS: IV.62.5.
MENINO – Vide *Minino.*
MENON (mãe de) – Vide *Aurora:* II.92.3.
MENÓNIO: IX.51.7-8 (a mãe fermosa de Menónio=a Aurora).
MEÓTIS (a lagoa): III.7.4.
MERCÚRIO: I.20.8 (Pelo neto gentil do velho Atlante), 40.5; II.61,1, 64.1; IX.91.5; X. 89.7.
MÉROE: X.95.7.
MESTRE DE CALATRAVA – Vide *Calatrava.*
MESTRE DE SANTIAGO – Vide *Santiago.*
MILCÍADES († 489 a. C.): V.93.5; X.21.1 (Aquele que nos Campos Maratónios).
MÍNCIO (o pátrio) (rio da Itália, que passa pela cidade de Mântua; afluente do Pó): V. 87.7.
MINERVA – Vide também *Palas:* III.97.2; VI.13.8; VIII.5.2 (À Deusa).
MINHO (rio): VII.30.6 (ignoto Minho).
MÍNIAS (Argonautas): IV.83.5; VI.31.1.
MININO – Vide *Cupido:* II.36.6; IX.35.8 (É mais culpa a da mãe que a do minino).
MIR HOCÉM (mir = emir): X.36.1.
MIRALMOMINI (por «amir Almuminim»): III.78.2, 82.3.
[MIRRA] – Vide *Cinireia:* IV.63.6 (Que a mãe do belo Adónis).
MÓBILE PRIMEIRO: X.85.8.
MOÇAMBIQUE: I.54.8, 77.7, 99.7; II.17.8; V.84.5.
MOÇANDÃO (cabo): X.102.2
MOGOR (grão-mogol, soberano de um vasto império situado ao norte da Índia): X.64.3.
MOLOSO (por «molosso»): III.47.2.
MOMBAÇA: I.54.4, 103.8; II.56.5, 59.1; V.45.8, 84.8; X.27.1.
MONÇAIDE – Vide *Mahometa (um), Mouro* e *Mauritano:* VII.26.2, 28.2-8, 29.8 (o Mouro), 42.1

(Mouro), 46.3, 67.3, 68.5, 73.2 (o Mouro), 77.2 (Mauritano); VIII.1.8 (O Mauritano sábio); IX.5.6, 6.1 (Este), 15.2 (Monçaide fiel), 15.5 (Ditoso Africano).
MONDEGO: III.80.4, 97.4, 120.5 (Nos saudosos campos do Mondego).
MONDEGO (filhas do): III.135.1; VII-78.3 (ninfas).
MONIZ (Egas) – Vide *Egas:* III.36.7; VIII.13.7, 15.7 (Estoutro).
MONIZ (Mem) – Vide *Mem Moniz:* VIII.20.5.
MONTE (santo) (paraíso terreal): III.72.8.
MORFEU (deus dos sonhos): IV.68.8.
MOSCOS: III.11.2.
MOSCÓVIA: VI.95.8 (Animais de Moscóvia zibelinos).
MOURA (vila alentejana): III.62.7.
MOURO – Vide *Mauritano, Mauro* e *Sarraceno:* I.16.1, 25.3, 56.1, 61.2-7, 62.5, 69.1, 70.5, 72.2-8, 73.4, 77.7, 82.2, 83.2, 90.5, 91.1, 96.6, 97.1, 99.1, 101.1, 102.5, 104.8; II. 49.5, 50.7, 54.3, 71.8, 101.6 (*Mouro* por *rei de Melinde*), 106.2 (*Mouro* por *rei de Melinde*), 107.2 (*Mouro* por *rei de Melinde*), 108.1 (*Mouro* por *rei de Melinde*); III.42.3, 50.1, 62.5, 76.7, 79.2, 112.1, 115.5; IV.55.3; VII.26.2 (Mouro e Monçaide), 29.8, 42.1, 73.2; VIII.11.6, 23.6, 26.1, 48.5, IX.6.2 (Por ser Mouro=Monçaide).
MOURO (alto) – Vide *Rei de Badajoz:* III.66.1.
MOUROS – Vide *Infiéis:* I.86.1, 87.2, 89.5, 101.8; II. 7.6, 9.5, 14.1, 16.2, 28.1, 29.2, 66.2, 70.3, 71.1, 74.7, 100.3, 100.8, 106.8; III.19.4 (gente Mahometa), 43.4, 45.7 (Infiéis), 48.3 (O bárbaro comete), 75.8 (Co sangue Mauro ...), 76.4 (No bárbaro ...), 81.4, 86.4 (o bárbaro lavrava), 87.7, 89.1 (Mahometa), 90.5, 90.7, 95.4 (*Mouro* por *Mouros*), 99.5 (gentes Mauritanas); IV.8.8, 49.6 (e o torpe Mahometa); V.9.4; VIII.9.5, 11.2, 16.6, 17.7, 20.2, 22.3, 56.6, 58.8, 80.7, 81.5, 84.6 (bárbaros); IX.4.1, 6.1; X.14.8, 28.8, 43.4, 108.3 (reino Mahometa), 147.6.
MULUCA (rio do Norte de África, que separava a Mauritânia da Numídia, hoje Moluia): III.105.2.
MOUSÉS (Moisés): X.98.6 (o grão Mousés).
MUSA: I.3.7 («Musa» por «poesia»: Musa antiga); X.145.1 (Nô mais, Musa), 156.5 (A minha já estimada e leda Musa).
MUSAS – Vide também *Camenas:* I.11.4; III.97.3; V.99.1; VII.87.5; X.22.5-6 (que no coro / das Musas), 155.2.

MUSAS (ó grão rainha / das) – Vide *Calíope:* X.9.7-8.

N

NABATEIOS (Montes) (região a noroeste da Arábia): I.84.2; IV.63.3 (serras Nabateias).
NÁIADES (ninfas dos rios, fontes e lagos): III.56.5.
NAIRA (geração): VII.73.6.
NAIRE: X.14.5 (Fará que todo o Naire, enfim, se mova).
NAIRES (nobres, casta guerreira indiana): VII.37.6, 38.5, 39.5, 44.3; VIII.44.6; X.13.5.
NÁPOLES – Vide *Parténope:* IV.61.5.
NARSINGA (O Reino de): VII, 21.3; X.14.3 (Das serras de Narsinga), 108.5 (Olha que de Narsinga o senhorio), 120.5 (Corre Narsinga).
NAU (constelação): X.88.8.
NAU (fatídica) (nau Argo): IV.83.7.
NAVARRA: VI.56.5.
NAVARRO (navarrês): III.19.3.
NEMEIO (animal) (Leão, signo do Zodíaco): V.2.2.
NÉMESIS: III.71.3.
NEPTUNO: I.3.6, 72.6; II.2.4, 47.3; III.51.4; IV.21.5, 84.4; V.11.6, 15.8, 51.8; VI.7.8 (Daquele a quem o mar caiu em sorte), 8.5, 13.6, 14.3, 15.1, 16.1, 16.5-6 (que de ser filho se gloria do Rei), 19.7 (Do Deus que fez os muros de Dardânia), 21.2, 22.3-4 (que aos amores do Rei), 25.5 (do Padre), 27.1 (Príncipe), 35.6, 36.8, 76.2; VIII.32.7; IX.42.1 (reino Neptunino), 49.4 (Que vêm por cima da água Neptunina).
NEREIDAS: I.96.3 (as filhas de Nereu); II.19.1 (as alvas filhas de Nereu), 20.8; V.52,5 (as filhas de Nereu); VI.8.6; IX.40.2 (As filhas de Nereu), 50.2.
NEREU: I.96.3; II.19.1, 112.8; V.52.5; VI.20.3; IX.40.2.
NEREU (as filhas de) – Vide *Nereidas.*
NERINE: II.20.5.
NERO: III.92.2.
NHAIA (Pêro da) (natural de Castela): X.94.8.
NICOLAU (S. Nicolau, patrono dos navegantes): V.74.2.
NILO: II.53.6; IV.62.6 (Das enchentes Nilóticas undosas); VII.7.3, 41.8, 61.4; X.33.7, 93.8, 95.1, 127.5.
NILÓTICAS (referente ao rio Nilo) – Vide *Nilo:* IV.62.6.
NINFA (em sentido geral): V.53.8; IX.48.6.
NINFA – Vide *Calíope:* III. 2.1.
NINFA (Efire) – Vide *Efire:* IX.77.1, 82.1.

NINFA – Vide *[Íris]:* II.99.8.
NINFA – Vide *Pirene.*
NINFA – Vide *Sirena.*
NINFA – Vide *Tétis.*
NINFAS: II.23.7, 33.3; VI.14.6, 20.4, 86.7, 87.7; VII. 81.1, 82.1, 84.1; IX.32.5, 41.6, 47.5, 48.6, 70.5, 84.2, 85.2 (Todo o coro das Ninfas), 89.1; X.2.1, 73.7, 143.7.
NINFAS DO MONDEGO: VII.78.3.
NINFAS DO OCEANO: IX.89.1.
NINFAS DO TEJO: VII.78.3.
NINO (a mãe de) (Semíramis, rainha fabulosa da Assíria): III.126.7.
NISA: I.31.8; VII.52.5.
NISE: II.20.5.
NOBÁ: X.95.8.
NOÉ: VI.81.8 (... Povoador do alagado e vácuo mundo); VII.75.6.
NORONHA (Dom Garcia de): X.62.1-5.
NORTE: V.7.2 (..., que para o Norte os carros guia); VII.17.4.
NORTE (Mar do): VI.57.4.
NORUEGA: III.10.2.
NOTO: I.27.4; V.67.5, 73.5; VI.76.5, 90.2 (fero Noto).
NUNO – Vide *Pereira (D. Nuno Álvares).*

O

OBI: X.96.8.
ÓBIDOS: III.61.6.
OCEANO: I.19.1; II.54.8,61.6; III.6.7, 18.6, 20.4; IV.48.4, 64.7; V.9.7, 18.8, 51.6, 54.1, 57.1; VI.20.1 (o padre Oceano), 27.5 (padre Oceano); IX.3,7 (Índico Oceano), 40.7; X.10,4 (Oceano Índico), 12.6.
OCIDENTAIS (nos fins): X.1.4; VIII.53.6 (mares).
OCIDENTAL (praia)=Portugal: I.1.2.
OCIDENTE (região): I.7.3, 50.7; II.48.4; III.6.6.
OCTAVIANO (César O. Augusto) († 14 p. C.): IV.59.5.
OCTÁVIO: V.95.5
OFIR: X.124.8.
OGÍGIA (ilha): II.45.2.
OJA (cidade africana ao norte de Melinde): X.39.4.
OLHO (do céu): X.89.5 (o claro Olho do céu).
OLÍMPICA MORADA (céu): I.17.1.
OLIMPO: I.20.1, 35.8, 42.2; II.79.1, 112.2; IV.85.8; VI. 7.5, 34.1; IX.90.3 (estelante Olimpo).
ÔNFALE: III.141.4.
ORFEIO – Vide *Orfeu:* III.2.8.
ORFEU: III.1.6, 2.8 (Orfeio); VII-29.6-7 (o amante da donzela / Eurídice).
ORIÁS: VII.20.5.
ORIENTAIS (fins) (região): X.13.1.
ORIENTAL (parte) – Vide

Índia: V.69.8; VII.52.2 (A terra Oriental); IX.16.6.
ORIENTE: I.15.8, 20.4, 30.7, 42.4, 50.8, 76.4; II.44.8, 51.3, 54.7, 79.6; V.10.2, 24.8, 68,2; VI.6.1, 6.3 (Os tálamos do Sol), 32.7 (As terras Indianas do Oriente); VIII.57.8 (Descobridor das terras do Oriente); X.13.7, 44.3 (Lá no grémio da Aurora), 132.1, 138.1 (Eis aqui as novas partes do Oriente).
ORIONTE: VI.85.6 (o ensífero Orionte); X.88.6.
ORITIA: VI.88.8.
ORIXÁ (reino da Índia, no golfo de Bengala): X.120.6.
ORLANDO: I.11.8.
ORMUZ: II.49.3; X.40.3 (De Ormuz os Pársеos), 53.3 (Castigará de Ormuz soberba o erro), 101.5 (Começa o reino Ormuz), 103.7 (Que da cidade Armuza).
[ORMUZ] (Estreito de): X.105.1.
OTOMANO: III.12.6; VII.4.7.
OURIQUE: III.42.5 (já no campo de Ourique ...).

P

PACHECO – Vide *Pereira (Duarte Pacheco).*
PACTOLO (rio da Ásia Menor): VII.11.3.
PADO: I.46.8.
PADRE ETERNO – Vide *Júpiter.*
PADRE – Vide *Júpiter:* I.22,1 (Padre=Júpiter), 38.1 (ó Padre=Júpiter), 40.1 (E tu, Padre ... =Júpiter), 41.1 (o Padre poderoso=Júpiter), 74.5 (Padre sublimado=Júpiter); II.35.1-2 (soberano Padre=Júpiter), 38.8 (ao Padre fala=Júpiter), 39.1 (ó Padre poderoso=Júpiter); III.106.7 (o clemente Padre=Júpiter) .
PADRE OMNIPOTENTE=Deus: IV.47.5.
PÁFIA (deusa) – Vide *Vénus:* IX.60.8.
PAFOS (cidade): V.5.8.
PAGÃO BENIGNO (o rei de Melinde): VI.3.7.
PALAS – Vide *Minerva:* II.78.7; VIII.4.8; IX.91.7.
PALMAS (Cabo das) (na Guiné, África Ocidental, nas costas da Libéria): V.12.4.
PALMELA: III.65.1.
PAM (povoação da costa oriental da península de Malaca): X.125.5.
PANANE (cidade do reino de Calecute): X.55.2.
PANCAIA: II.12.6.
PANÓNIOS: III.11.6.
PANOPEIA (uma das Nereidas): VI.23.8.
PANTEIA: X.48.6.
PARAÍSO: IX.5.8., 57.8.
PARCAS: I.34.2; IX.38.3.
PARES (doze): I.12.5.
[PÁRIS]: II.35.3 (Troiano).

PARNASO: I.32.4.
PÁRSEOS – Vide *Persas:* X.40.3, 104.4.
PASTOR=David: III.111.3.
PASTOR – Vide *Viriato:* III.22.1.
PARTÉNOPE – Vide *Nápoles:* III.19.2 (cidade); IV.61.4 (pers. mitol.).
PATANE (povoação da costa oriental da península de Malaca): X.125.5.
PATANES (habitantes de Patna): VII.20.3.
PAULO – Vide *Gama.*
PAULO (S. Paulo): VI.81.5.
PEDRO (S. Pedro): IV.13.8; VII.4.3 (sucessor de Pedro=o Papa).
PEDRO I (D.) (rei de Portugal) († 1367): III.121.1 (Do teu Príncipe), 132.4 (Aquele...), 133.7, 136.2, 137.1 (Este...), 138.1; IV.2.7; VI.43.2.
PEDRO I (D. Pedro, o Cruel, de Castela) († 1369): III.136.5.
PEDRO (infante D. Pedro, filho de D. João I): VIII.37.1.
PEDRO (Conde D.) – Vide *Meneses.*
[PEDRO (D.)] (irmão de D. Nuno Álvares Pereira) – Vide *[Diogo (D.)]:* IV.32.1 (Eis ali seus irmãos contra ele vão), 40.7 (os Pereiras).
PEGU (assento de) (capital do reino de Pegu): X.122.2.
PENO – Vide *Aníbal:* III.116.5, 141.7.
PELEU (alta esposa de) – Vide *Tétis:* V.52.1.
[PENTESILEIA] – Vide *Dama.*
PEREIRA (Duarte Pacheco) – Vide *Aquiles Lusitano:* I.14.5; X.12.4 (O grão Pacheco), 15.2 (o grão Pacheco ousado), 16.6, 17.6, 25.2 (Um tal vassalo).
PEREIRA (D. Nuno Álvares): I.12.1; IV.14.2, 21.1, 24.1, 30.5 (o grande Pereira), 31.8 (fero Nuno), 34.3 (Nuno), 36.2 (Nuno), 45.5 (Nuno); VIII.30.3 (Capitão devoto), 32.3 (Português Cipião), 32.4.
PEREIRA (Rui): VIII.34.7.
PEREIRAS – Vide *[D. Diogo]* e [*D. Pedro].*
PERILO: III.39.8 (do touro de ...).
PERIMAL (Saramá) (último soberano da Índia unificada, segundo a tradição) – Vide *Saramá:* VII.32.7, 32.7-8 (... derradeiro / Rei), 33.6; VIII.82.4.
PERIMAL (nobre sucessor de) – Vide *Samorim:* VIII.82.4.
PERINEU: IV.57.7 (alto Perineu); VI.56.6.
PERÍSTERA: IX.24.4.
PERITO (Pirithoo): II.112.3.
PERSA (o) – Vide *Zópiro.*
PERSA=Ciro: X.49.1.
PERSAS: I.24.8; X.40.3 (Párseos), 68.1 (Persas feroces), 104.4 (Os muitos Párseos vencerá de Lara).

PÉRSIA: IV.101.8; IX.58.7 (da pátria Pérsia); X.100.6, 102.4 (Pérsias terras abundantes), 103.1 (Olha da grande Pérsia o império nobre).
PÉRSICO (Estreito) – Vide *Estreito:* IV.64.1.
[PÉRSICO (golfo)]: X,102.3 (Por aqui entra o lago que é fechado).
PÉTREA (uma das três divisões da Arábia): IV.63.8.
PIMENTA (Ilha da): VII.35.2.
PINDO: III.2.5.
PIRENE (Pirenéus): III.16.6 (Pers. mitol.); VII.71.4 (=Pirenéus).
[PIRENÉUS] – Vide *Pireneu.*
PÍROIS (nome de um dos cavalos do carro de Apolo) – Vide *Flégon:* V.61.1.
[PIRRA] (esposa de Deucalião): VI.78.8 (Os dous que em gente as pedras converteram).
PIRRO: *a*) III.131.4 (filho de Aquiles); *b*) VIII.6.8 (rei do Epiro) († 272 a. C.).
[PITÁGORAS]: VII.40.4 (Dum que Primeiro pôs nome à ciência).
PLANETA – Vide *Lũa:* V.24.1 (o planeta que no Céu primeiro / habita).
PLANETA VÉNUS – Vide *(a amorosa) Estrela:* VI.85.1.
PLÍNIO (Caio P. Secundo) († 79 p. C.): V.50.4.
PLUTÃO (o Reino de): II.112.4.
PODER (Sumo) – Vide *Deus:* IV.86.5.
POLIÁS (casta inferior, indiana, que se não podia misturar com a dos Naires): VII.37.7.
POLIDORO (filho de Príamo, rei de Tróia): VIII.97.1.
POLIFEMO (bruto): V.28.4, 88.3 (Polifemos).
PÓLO: II.105.5; III.8.1; V.15.4, 19.5 (Pólo sumo=Firmamento); VI.27.2 (Dum Pólo ao outro Pólo), 76.8 (o Pólo todo ardia=o Firmamento); X.139.2 (ao seu contrário Pólo = Pólo Sul).
PÓLO (Estelífero): I.24.2 (Estelífero Pólo = céu).
PÓLO (fixo) (céu do Pólo Sul): V.14.7.
PÓLO ANTÁRTICO (Pólo Sul): V.50.7.
POLÓNIOS: III.11.4.
POLICENA=Polyxena, fflha de Príamo, Rei de Tróia e de Hécuba: III.131.1.
POMBINHA (cândida): II.11.3.
POMONA: IX.58.1, 62.6.
POMPEIO († 48 a. C.): III.71.1.
POMPÍLIO (Numa Pompílio, segundo rei de Roma): VIII.31.1.
POMPÓNIO MELA: V.50.3.
PONDÁ (cidade a nordeste de Goa, no interior): X.72.8.

PONENTE: III.115.3 (ocaso); X.138.5.
PORO (rei índio do Pendjab, vencido por Alexandre Magno em 327 a. C.: VII.21.2 (Rei potente).
[PORTO (cidade)]: VI.52.1 (Lá na leal cidade ...).
PORTUGAL – Vide também *Casa Lusitana:* III.25.3, 46.8, 78.2; IV.3.7 («Portugal, Portugal»), 50.3; VI.51.1, 52.3; VII.14.4 (pequena casa Lusitana); VIII.11.2, 22.4, 82.6 (A fazenda trazer de Portugal?).
PORTUGUÊS: I.32.8 (Portugueses), 50.7 (Portugueses), 74.3 (Portugueses), 82.7, 87.4 (Portugueses), 90.1 (gente Portuguesa), 92.7; II.14.5, 23.8 (gente portuguesa), 66.6 (Portugueses), 75.2 (Portugueses), 85.6 (Portugueses), 111.4 (obras Portuguesas); III.41.1 (grão fidelidade portuguesa), 46.2, 50.5, 57.6, 70.4 (Portugueses), 81.3, 112.7 (o Português=D. Afonso IV); IV.15.1 e 7, 33.7 (Portugueses), 38.4 (Portugueses), 46.8, 56.3 e 8; V.72.7, 97.4; VI.47.2 (Portugueses), 58.6 (Portugueses), 60.8 (Portugueses); VII.3.1 (Portugueses), 23.2, 28.1, 43.3 (Portugueses), 45.3 (Portugueses), 55.1 (Portugueses), 66.2 (Portugueses); VIII.22.7, 25.2, 32.3, 56.4; X.60.5, 67.6, 68.7, 104.3 (Portugueses), 132.6, 140.8, 142.1 (Portugueses), 152.4 (Portugueses).
PORTUGUÊS (um) – Vide *Lopes (Martim):* VIII.22.7.
PORTUGUÊS (Um e O): VII. 23.2, 28.1 (O Português).
[POSTÚMIO (Espúrio)] (Cônsul romano) – Vide *Forcas Caudinas:* VIII.15.1 (Cônsul), 15.5 (Este).
PRASSO, promontório: I.43.5, 77.4.
PRINCESAS (ínclitas) (D. Filipa de Lencastre e D. Catarina, irmã daquela, ambas filhas de João Gaunt, duque de Lencastre): IV.47.8.
PRINCESA DAS ÁGUAS (... das águas a Princesa) – Vide *Tétis:* V.52.4.
PRÍNCIPE – Vide *Pedro I (D.):* III.121.1.
PRÍNCIPE AFONSO – Vide *Henriques (D. Afonso):* III.30.1, 42.1.
PRÍNCIPE (ditoso) (D. Sancho I) – Vide *Sancho I (D.):* III.76.5.
PRÍNCIPE (indinado) (D. Afonso VII): III.40.5.
PROFETA – Vide *Mafamede:* VII.34.4; VIII.47.5 (Profeta falso).
PROFUNDO=Inferno (pagão): IV.41.2, 44.6, 102.3; VI.76.4.
PROGENITOR (dos reis de

Portugal) – Vide *Anrique:* VIII.9.2.
PROMETEU: IV.103.1 (o filho de Jápeto), 103.5; VI.11.4.
PROGNE=Procne (filha de Pandião, rei de Atenas): III. 32.1.
PROMONTÓRIO – Vide *Cabo Tormentório:* V.50.6.
PRÓTEU (deus marinho, guardador do gado de Neptuno ou Posídon): I.19.8; VI.20.5, 36.1; VII.85.4 (Se muda em mais figuras que Proteio); X. 7.3.
PROVIDÊNCIA (Divina): II.31.1; X.82.1 (Santa).
PTOLOMEU: V.50.3 (Cláudio Ptolomeu, século II a. C.); IX.2.2 (Pt. Filadelfo † 247 a. C.).

Q

QUEDÁ (cidade entre Tavai e Malaca): X.123.3.
QUEM – Vide *Deus:* III.82.5 (A Quem lhe esta vitória permitiu); IV.45.4 (a Quem lhe deu vitória).
QUEM – Vide *Jesus:* III.45.5. 54.4 (Daquele de Quem foi favorecido); IV.50.6 (Quem o levou=Deus), 99.8 (... temeu tanto perdê-la Quem a dá).
QUEM (curral de) (no mundo Cristão): VII.2.4.
QUERSONESO (Áurea) – Vide *Áurea Quersoneso.*
QUILMANCE: X.96.8.
QUÍLOA: I.54.4, 99.8; V.45.8; X.26.6 (A Quíloa fértil).
QUIMERA (monstro formado, segundo a fábula, de partes de leão, cabra e dragão): VII. 47.6.
QUINTO FÁBIO (cônsul romano, cognominado «Cunctator»): X.21.7.
QUIRINO (Rómulo): IX.91.6.

R

RAINHA (do Pegu): X.122.7.
RAINHA – Vide *Teles (Lianor):* IV.4.6.
RAINHA – Vide *Castro (Inês de):* III.118.8.
RAMNÚSIA (Némesis, uma das Fúrias): V.80.4.
RAPTO (Rhapto) (rio da África Oriental, que desagua não longe de Melinde): X.96.7.
REGEDOR (Catual): VII.44.1 (um regedor do Reino); VIII. 79.2, 84.6, 96.4.
REGEDOR (Moçambique): I.59.8, 94.2.
REGENTE (Moçambique): I.55.6.
RÉGULO (Atílio) (cônsul romano): IV.53.3.
REI – Vide *Afonso II (D.):*

III.90.4.
REI – Vide *Manuel I (D.)*.
REI (de Calecute), VII.16.8.
REI (de Mombaça): I.104.6; II.2.5, 5.2, 8.1, 9.1, 14.2, 15.5, 61.3.
REI (de pouco nado) – Vide Jesus: V.68.3-4.
REI (Sublime) (D. Sebastião): I.15.2.
REI CRISTÃO (Do) – Vide Manuel I (D.).
REI DE ANDALUZIA (Ismaelita): III.85.6.
REI DE BADAJOZ – Vide Mouro (alto): III.66.1.
REI DE COCHIM: X.11.1-2, 13.3.
REI DE CÓRDOVA: VIII.24.1.
REI DE MARROCOS: III.103.3, 112.6.
REI DE MELINDE: II.94.3; IV.87.5; V.69.5, 86.1, 90.5, 91.8.
REI DE PORTUGAL (alto) – Vide Henriques (D. Afonso): III.46.8.
REI DE SEVILHA: VIII.24.1.
REI GENTIO (de Calecute) – Vide Samorim: VII.64.2.
REI INGLÊS [Ricardo II (?)] 1377-1399): VI.58,3 (Rei), 60.2, 62.5 (Rei).
REI JUDAICO – Vide [Ezequias]: VII.80.8.
REI NOVO – Vide João I (D.).
REI PAGÃO (rei de Melinde): VI.1.2, 2.5, 3.7.
REI SAUL (primeiro rei dos Israelitas. Nasceu em 1115 a. C.): III.111.2.
REINO (de Calecute): VIII.63.3, 68.4.
REINO (de Castela): III.104.6, 104.8; IV.57.4.
REINO (escuro) de Cocito (um dos rios dos Infernos): III. 117.2.
REINO (lusitano ou de Portugal): I.12.2, 13.5, 15.3; II. 109.6; III.20.2, 22.8, 26.8, 68.3, 84.7, 91.5, 93.5, 94.1, 94.6, 96.5, 98.3, 101.8, 136.3, 138.4, 138.7; IV.1.7, 4.1, 7.2, 12.4, 15.8, 51.7, 54.1, 60.3, 66.6 e 7, 101.3; VI.43.1; VII. 24.6, 61.8, 62.7; VIII.11.7, 68.6.
REINO (Novo) (império português na Ásia): I.1.8.
REINO (reino da Mauritânia): III.77.8.
REINO (um regedor do) – Vide Regedor (Catual).
REINO «LUSITÂNIA»: VIII.2.8.
REINO DAS TERRAS IBERINAS (Castela): VI.48.5.
REINO DE CRISTAL (Oceano): IX.19.8.
REINO DE GRANADA:III.112.8.
REINO DE PLUTÃO: II.112.4.
REINO DE TOLEDO: IV.10.1.
REINO FUNDO (fundo do mar): X.7.6.
REINO MELINDE: II.73.2, 94.4.

REINO NEPTUNINO (o mar): III.15.1.
REINO PODEROSO (Malabar): VII.34.5.
REINO PROFUNDO (Inferno pagão): X.5.6.
REINO SOBERANO (o Paraíso): IV.98.3.
REINOS (de Portugal): IV.58.1, 97.2; IX.62.1.
REINOS (do rei D. Manuel I): VIII.62.1; IX.94.5.
REINOS (do rei de Calecute): VII.62.7.
REINOS DA AURORA (o Oriente): I.14.2.
REINOS GANGÉTICOS (Índia): VIII.78.2.
REINOS TÃO REMOTOS E APARTADOS (orientais): VII.30.8.
REIS (em geral): IV.78.2; VII.50.7; VIII.9.2 e 8, 41.3, 62.6, 82.7, 99.4; X.10.5 (os Gentios Reis), 23.7, 24.1, 91.7.
REIS (três Reis da parte do Oriente) – Vide [Reis Magos].
REIS DA ÍNDIA: II.46.5; VII.32.5.
REIS DE BIPUR E DE TANOR: X.14.2.
[REIS MAGOS]: V.68.2.
REIS MOUROS (Cinco): III. 44.1, 53.8.
REIS MOUROS (Treze): III.78.3.
RELIGIOSO (o bom): X.150.7.
RELIGIOSOS: X.150.3.
RENO: III.11.7, 16.4, 58.1.
REPELIM (cidade na costa do Malabar, nas proximidades de Cochim): X.65.1.
RIBEIRO (Gonçalo Rodrigues) – Vide *Eanes* e *Martins de Santarém:* VIII.26.5 (os três), 27.6 (o principal dos três), 27.7.
RIFEIOS (Montes): III.7.3.
RIO (do santo) (o Ganges) – Vide *Ganges:* I.8.8.
RIOS (dous) – Vide *Tigre* e *Eufrates:* III.72.7.
ROÇALGATE (Ras-al-Hadd, cabo à entrada do golfo de Oman): X.101.4.
RODAMONTE: I.11.7.
RÓDANO: III.16.3.
RODES: IV.62.2; V.40.2-3 (o segundo / de Rodes), 87.3.
RÓDOPE: III.12.5; VII.29.5.
RODRIGO (Cid Campeador): IV.8.3.
RODRIGUES (Pêro): VIII.33.2, 33.8.
ROMA: III.22.4, 116.7, 126.8; IV.6.2; VI.7.2, 30.6; VIII.6.5, 11.4; X.19.8, 68.2.
ROMANA (Glória): V.94.8.
ROMANA (Guerra) (guerras de Viriato): I.26.4.
ROMANAS (Armas): IV.20.6-7.
ROMANO (antigo): X.26.4.
ROMANO INJUSTO – Vide *António (Marco):* II.53.4.
ROMANO (Trajano): I.75.7.
ROMANOS: I.24.8; II.44.6; III.116.6 (Romano poder); VI.30.6; VIII.36.2; IX.38.6.
RÓMULO: I.26.2.

ROUPINHO (Dom Fuas): I. 12,3; VIII.16.1 (Vês este ...), 17.1.
ROXO: (Mar): II.49.1; IX.3.2; X.62.8, 97.4; Roxo Estreito=estreito de Babel Mândebe: X.137.1.
RUGEIRO: I.11.7.
RUMES: X.62.2, 68.1.
RUTENOS: III.11.2.

S

SABÁ: X.52.4.
SABEIAS (costas odoríferas): IV.63.5.
SACRO PROMONTÓRIO (cabo de S. Vicente): III.74.7.
SALÁCIA (mãe de Tritão): VI.16.6.
SALADINO (sultão da Síria e do Egipto): III.87.6.
SALAMINA (cidade grega): V.87.4.
SAMARIA (gente de): VII.39.2.
SAMATRA (ilha): X.124.3, 135.1 (Vê naquela que o tempo tornou Ilha).
SAMNÍTICO (jugo): VIII.15.4.
SAMORIM (imperador, príncipe do Malabar. Título antigo do rei de Calecute): VII.16.8, 22.8, 23.3 (o Rei gentio), 26.6, 36.6 (Samori), 42.4 e 7, 43.1, 45.2, 49.4, 58.7,59.3 (Samori), 59.7 (Na opinião do Rei), 64.2 (Rei gentio), 66.6, 68.3; VIII.58.1 (Falar ao Rei gentio determina), 58.5, 64-4, 74.1, 75.1, 76.1, 79.7, 81.4, 82.4 (sucessor de Perimal), 91.3, 91.6; IX.8.4, 11.3, 11.7, 12.5, 13.2 (Rei gentio), 14.2; X. 11.7 (Samorim potente), 14.1, 16.3, 17.1, 28.1 (Samorim potente), 59.6, 65.5.
SAMPAIO (Lopo Vaz de): X.59.1, 61.1.
SANAGÁ (Senegal): V.7.6. (Do negro Sanagá).
SANCHO I (D.) († 1154): III.75.2 (forte filho) e 5, 76.5 (O Príncipe ditoso), 78.7 (Dom Sancho), 79.5 (o filho de Afonso), 85.1, 86.1 (Rei alevantado), 88.3, 89.8; VIII. 20.1.
SANCHO II (D.) († 1248): III. 91.2, 92.1, 93.7 (Rei), 94.4.
SANSÃO HEBREU: IV.12.2.
SANTARÉM: III.55.7 (Scabelicastro), 74.3, 78.7, 80.6; VIII.19.6.
SANTA CRUZ (Brasil) – Vide *Brasil:* X.140.3.
[SANTELMO (fogo de)] – Vide *Santo (lume).*
SANTIAGO (Mestre de): IV. 40.3.
SANTIAGO «O MAIOR»: III.113.4.
SANTIAGO «O MENOR» (ilha): V.9.2.
SANTO (lume) (fogo de Santelmo): V.18.1-2.

SANTO ESPÍRITO: II.11.2.
[SARA] – Vide *Sarra.*
SARAMÁ PERIMAL – Vide *Perimal.*
SARDANAPALO (Rei): III.92.8.
SÁRMATAS: III.11.3.
SARMÁTICO OCEANO – Vide *Mar:* III.10.7.
SARRA: III.140.8.
SARRACENO – Vide *Mouro:* III.42.7, 58.3, 100.6, 110.6; IV.25.4.
SARRACENOS – Vide *Mouros:* III.23.2, 74.4; IX.6.8 (gente Sarracena), 94.4.
SATURNO: III.22.5 (o Velho que os filhos próprios come); X.82.2, 89.2 (O Céu de Saturno).
SAÚL (1.º rei dos Israelitas) – Vide *Rei.*
SAXONES: III.11.6.
SCABELICASTRO=Santaré m – Vide *Santarém.*
SCITAS – Vide *Citas.*
SEITA – Vide *Maumetanos:* I.57.7 (errada); VIII.51.7 (torpe), 65.7 (torpe).
SÉMELE (filha de Cadmo, mãe de Baco): VII.52.7.
SEMÍCRAPO PEXE (Trópico de Capricórnio): V.27.2.
SEMIDEUSES: V.88.2; IX.92.3.
SEMÍRAMIS: III.100.1.
SENHOR – Vide *Jesus.*
SEPULTURA (a divina) (Santo Sepulcro): VII.9.5.
[SEPÚLVEDA (Manuel de Sousa de)]: V.46.1 (Outro também virá).
SÉQUANA: III.16.3.
SEQUEIRA (Diogo Lopes): X.52.1.
SERPA: III.62.7.
SERRA (Cáspia) – Vide *Cáspia Serra:* III.23.6.
SERTÓRIO: III.63.2; IV.33.1; VIII.7.5 (Outro está aqui), 8.8.
SESIMBRA – Vide *Cizimbra.*
SETE FLAMAS (Ursa Maior): VIII.72.6.
SETE IRMÃOS (montes) (No Norte de África, perto de Ceuta): IV.37.2.
SEVILHA – Vide *Rei:* III.75 7; IV.46.5.
SIÃO: X.123.2, 125.6.
SICÍLIA: III.93.2.
SÍCULO (referente à Sicília): IV.62.1 (Polo mar alto Síciulo navegam).
SIENE: III.71.5.
SILA: IV.6.4.
SILVEIRA (António da): X,62.4.
SILVEIRA (P.e D. Gonçalo da): X.93.3.
SILVEIRA (Heitor da): X.60.4.
SILVES (cidade de): III.86.3, 88.7; VIII.26.2.
SINAI (o monte): X.99.l.
SINGAPURA: X.125.1.
SÍNIS (Scinis): III.39.8.
SÍNON: I.98.2.
SINTRA: III.56,4, 56.5; V.3.4.
SIQUÉM: III.140.8.
SIRACUSA: IV.72.7.
SIRENA (ninfa): X.5.8, 6.1,

7.8, 8.2, 22.1, 39.2, 45.l, 50.1, 74.1.
SIRENAS (sereias): V.88.4.
SIRTES: VI.81.6 (Das Sirtes arenosas), 82.3.
SMIRNA: V.87.3.
SOARES DE ALBERGARIA (Lopo): X.50.2.
SOCOTORÁ (ilha do oceano Índico, à entrada do mar Vermelho): X.137.2.
[SOEIRO VIEGAS (D.)] (Soeiro, e não Mateus, era o nome do bispo de Lisboa – Vide *Mateus (D.):* VIII,23.3 (um Eclesiástico guerreiro).
SOFALA: 1.54.4; V.73.8; X.94.7.
SOFENOS (moles) (habitantes da Sofena, na Arménia): III.72.5.
SÓIS (cinco) (cinco dias): V.37.1.
SOL: I.8.2, 21.8, 28.4, 42.6; II.5.3, 13.6, 63.3, 68.1, 72.6, 98.2, 100.6, 105.6, 110.7 (novo Sol), 111.6; III.6.2, 107.3, 115.1, 133.1; IV.1.5, 27.7; V.2.1 (Entrava neste tempo o eterno lume), 2.6 (Cursos do Sol catorze vezes cento ...), 7.2, 26.7, 68.1 (Trazia o Sol o dia celebrado=dia de Reis, 6 de Janeiro), 77.5 e 7; VI. 22.6, 60.5, 61.3, 85.2; VII. 61.6, 68.8; VIII.32.6, 44.2 (a alâmpada grande), 50.3, 51.5; X.1.5, 86.3, 143.8.
SOLAR: II.96.3; VII.60.3; VIII.87.3.
SOLDÃO=Sultão: IX.3.4.
SOUSA (Dom Pedro de) (capitão de Ormuz): X.104.6.
SOUSA (Martim Afonso de): X.63.2 (um), 67.1 (Martinho), 67.8 (Que um ergue Dio).
SUAQUÉM (cidade do mar Vermelho, na costa da África Oriental): X.97.8.
SUÉCIO: III.10.8.
SUEZ: IX.2.4; X.98.1.
SUL: V.77.6 e 7; VI.97.6; X.39.8, 107.2, 134.4 (Sul dificultoso).
SUMANO (reino escuro de)=(Plutão: Inferno pagão): IV.33.5.
SUNDA (Sonda: parte oriental da ilha de Java): X.134.3.

T

TÁGIDES (filhas do Tejo): I.4.1; V.99.7 (filhas do Tejo), 100.4 (Tágides gentis).
TÁNAIS: III.11.1
TÂNGERE (Tânger): IV.55.8 (Tângere populoso).
TANOR (reino da costa do Malabar): X.14.2.
TAPROBANA – Vide *Ceilão:* I.1.4; X.51.1 (ilha de Taprobana), 107.3.
TARIFA (cidade da Espanha Meridional): III.109.2.
TARPEIA: VIII.97.5.
TARQUINO (Tarquínio): III.140.4.

TARRAGONÊS (O): III.19.1.
TARTESO (rio de Espanha, hoje Guadalquivir): VIII.29.8.
TARTÉSIOS (campos): III.100.8.
TAUMANTE (filha de) – Vide *[Íris]:* II.99.8
TAURO: III.73.2.
TAVAI (na Birmânia): X.123.1.
TAVILA (Tavira): VIII.25.7.
TEBANO – Vide *Baco.*
TEBANO – Vide *Hércules:* III.18.4.
TEBANOS: IX.91.6 (os dous).
TEBAS (antiga capital da Beócia, na Grécia) – Vide *Anfiónias:* IX.19.4.
TEJO: I.14.6, 25.4; III.2.3, 42.4, 55.8, 58.5, 60.6; IV. 10-3, 23.4, 28.6, 84.4; V.3.3; VI.54.3, 60.5; VII.30.6, 61.4, 70.3, 79.2, 82.2; VIII.4.5; X. 10.2, 37.2, 144.5.
TELES (Leonor) – Vide *Lianor Teles* e *Lianor.*
TEMISTITÃO (Tenochtitlan): X.1.4.
TEMÍSTOCLES: V.93.6.
TENASSARI(M): X.123.3.
TEOTÓNIO (Prior): VIII.19.1 (Um Sacerdote), 19.5.
TERCEIRA MONARQUIA (império grego-macedónio): VII.54.3.
TERESA (D.) (mulher do conde D. Henrique) († 1130): III.25.7, 32.4, 34.2.
TERMODONTE: III.44.8.
TERMÓPILAS: X.21.4.
TERNATE: (ilha do arquipélago das Molucas): X.132.3.
TESEU (rei de Atenas, vencedor do Minotauro): II.112.3; III.137.8.
TESIFÓNIO – Vide *[Ctesifónio]:* II.113.2.
TÉTIOS (braços) (o oceano): V.91.7.
TÉTIS (Thetis): V.52.1 (esposa de Peleu), 52.4 (Princesa), 55.4, 57.1 (Ó Ninfa), 59.8.
TÉTIS (Tethys): I.16.5, III.115.2; IV.49.2; VI.21.1-2 (esposa de Neptuno), 22.7-8 (Ambas), 36.7; VIII.74.7; IX. 48.3, 85.1 (Ũa delas), 89.2; X.2.5 (da Rainha), 3.4 (a bela Deusa), 75.5.
TIBRE: V.87.8.
TIDORE (ilha do arquipélago das Molucas): X.132.3.
TIESTES: III.133.3.
TIFEIAS (armas) (os raios): IX.37.6.
TIFEU: I.42.7; VI.13.3.
TIGRE (rio): III.72.7 (As águas dos dous rios), IV.64.3; X. 102.8 (Tigris).
TIMAVO: II.45.4.
TIMOR: X.134.1.
TINGE (Tânger): III.77.4.
TINGITANA (terra): I.33.6.
TINGITÂNIA (Marrocos): III.18.1.
TIONEU – Vide *Baco.*
TIRÍNTIO – Vide *Hércules:* IV.55.2.

TÍRIOS: IV.9.6.
TITÃO: II.13.8.
TÍRIA COR: II.95.2.
TÍTIRO: V.63.8.
TITO († 81 p. C.): III.117.6.
TOBIAS (Guiador de) (S. Rafael, Arcanjo): V.78.8.
TOLEDO: IV.10.1.
TOMÉ (S.) (Apóstolo): X.108.7, 109.7, 111.3 (Mas o núncio de Cristo verdadeiro), 113.4, 114.2, 114.5, (O Santo ...), 115.7, 116.4, 117.6 (... No Santo dá), 118.1, 119.2.
[TOMÉ (ilha de S.)]: V.12.7 (o nome de um ...).
TONANTE – Vide *Júpiter:* I.20.7; II.41.8 (o grão Tonante); VI.78.5 (o grão Tonante).
TORCATO (Torquato): VI.68.8.
TORMENTÓRIO (Cabo) (cabo das Tormentas ou da Boa Esperança): V.50.1-2, 59.6 (Neste remoto Cabo), 65.7 (Tormentório Cabo); X.37.5, 92.5 (Co Cabo que até 'qui se vos negara).
TORO (cidade da península do Sinai): X.99.3.
TORRE DE BABEL – Vide *Babel:* VI.74.4; VII.45.8.
TORRES VEDRAS: III.61.8.
TRACES: III.12.3; VII.13.1.
TRAJANO († 117 p. C.): I.3.3; IV.64.8.
TRANCOSO: III.64.2.
TRANSTAGANAS (terras): III.62.1; IV.28.5 (terra Transtagana), 45.8.
TRÊS (OS) – Vide *Eanes, Martins de Santarém* e *Ribeiro.*
TREÍCIO (Rei) (de Trácia): VIII.97.1.
TRITÃO: II.21.1; VI.16.3 e 5.
TRÓIA: III.7.7, 57.4 (Dardânia); VI.19.7 (Dardânia), VIII-5.3.
TROIANO: I.3.1 (Eneias); II.35.3 (Páris); III.44.7 (Troianos); X.60.8 (Heitor).
TRÓPICO (ardente) (Trópico de Câncer): X.129.8.
[TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO] – Vide *Semícrapo Pexe.*
TRÓPICOS: VIII.72.8.
TRUDANTE (Tarudant, em Marrocos): X.156.4.
TUSCO (poder) (Etrusco): X.21.6.
TUI (Tuy): III.89.6.
TURCO (Turcos): I.8.7; II. 46.3; V.45.5; VII.12.7, 13.2 (o povo bruto); X.96.2, 101.7.
TURQUIA: I.62.8, 64.6; VII.12.4.
TUTUÃO (Tetuão): IV.34.6.

U

ULCINDE: X.106.1.
ULISSEIA – Vide *Lisboa:* III.74.8; IV.84.1 (ínclita Ulisseia).
ULISSEUS (muros): III.58.8.
ULISSES: I.3.1 (Grego); II, 45.1, 82.4 (Ítaco); III.57.3

(Que edificada foste do facundo); V.86.4; VIII.4.5 (Vês outro, que do Tejo a terra pisa), 5.1; X.24.4.
URSA MAIOR – Vide *Sete Flamas:* X.88.3 (Carreta).
URSA MENOR: X.88.3, 125.3 (... a costa à Cinosura).
URSAS: V.15.7.

V

VANDÁLIA: III.60.8; VIII.20.2.
VÂNDALOS=Andaluzes: IV.9.1, 46.3 (a terra dos Vândalos).
VASCO DA GAMA († 1524) – Vide *Gama.*
VASCONCELOS (Mem Rodrigues de): IV.24.8.
VASQUES DE ALMADA (Antão): IV.25.2.
[VAZ DE ALMADA (D. Álvaro)]: VI.69.1 (Outro ...).
VELO DE OURO – Vide *Véu.*
VELOSO (Fernão): V.30.7, 31.1, 32.6, 34.1, 35.1 e 3; VI, 41.1, 42.2, 69.5; IX.69.1
VENEZA: II.97.7; III.14.3.
VÉNUS – Vide *Ilha de Vénus:* I.33.1, 34.1 (Citereia), 100.2 (Deusa em Citera), 102.7 (Deusa guardadora); II.18.5 (Ericina), 21.2 (Dione), 22.1 (Deusa), 33.2 (Dione), 38.7 (Deusa), 44.1 (Fermosa filha minha=de Júpiter); III.106.2; V.5.6; VI.85.5 (A Deusa), 91.3 (à linda Vénus); VII.15.3 (a branda Vénus); VIII.64.7 (Vénus Acidália); IX.18.1 (Deusa Cípria), 24.5 (Em derredor da Deusa, já partida), 35.8 (É mais culpa a da mãe), 36.3 (Dione), 36.8 (à Deusa dos amores), 43.1, 43.5 (a Cípria), 49.2 e 8, 50.4, 50.5 (Ali a fermosa Deusa), 52.2, 52.8 (Acidália), 53.8 (Citereia), 57.5 (Mirtos de Citereia), 60.8 (Deusa Páfia), 66.8 (Ericina), 83.6, 95.8; X.89.6.
VÉNUS (ilha de): IX.51.6 (Ilha namorada), 52.1 (De longe a Ilha viram, fresca e bela), 54.4 (Na fermosa Ilha), 89.2 (Ilha angélica pintada), 89.8 (Estes são os deleites desta Ilha), 95.8; X.143.4 (Fazem da Ilha alegre e namorada).
VERDE (Cabo) – *Vide Arsinário* e *Hespéridas:* V.7 e 8, 8.4 (?).
VÉSPERO: III.115.3.
VESTA: VI.21.2; IX.85.3.
VÉU (dourado) (por Velo): III.72.3; IV.83.6.
VIA LÁCTEA – Vide *Lácteo:* I.20.6.
VICENTE (mártire): III.74.5.
VIRGEM PURA – Vide *Fénix:* II.11.4.
[VIRGÍLIO]: V.94.7 (A lira Mantuana).
VIRGÍLIOS: V.98.2.
VIRIATO: I.26.3; III.22.1

(Pastor); VIII.6.3, 36.4.
VITÓRIA: X.42.2.
VULCÂNEAS (redes): IX.35.4.
VULCANO: I.22.2, 68.3; II.37.8, 69.4, 106.5; V.51.4; VI.78.3 (o grão ferreiro sórdido); IX.7.6; X.35.6.

X

XEQUE: I.77.8.
XEREZ: VIII.34.5.
XERXES: IV.23.8.

Z

ZAIRE (rio): V.13.3.
ZÉFIRO: IX.40.8, 61.5.
ZEILA (empório) (Zeila: cidade africana situada no golfo de Adém): X.50.8.
ZÓPIRO: III.41.3 (o Persa), 41.7.

ÍNDICE GERAL

Prefácio: Pág.
I. A elaboração do Poema.....I
II. A edição *princeps*.....XVI
III. O nosso texto XXV
Legenda de André de Resende.....XXXIII
Alvará do Rei XXXIV
Censura da Inquisição.....XXXV

Os Lusíadas:
Canto I 1
Canto II 51
Canto III 99
Canto IV 167
Canto V 213
Canto VI 258
Canto VII 300
Canto VIII 341
Canto IX 387
Canto X 440

Interpretação das siglas adoptadas 530
Índice de nomes próprios ao texto de Os *Lusíadas* .....536.